Organización del conocimiento, información y sociedad: estudios hispano-brasileños

Organização do conhecimento, informação e sociedade: estudos hispano-brasileiros

Pablo Parra Valero
Elmira Simeão
Márcio Bezerra da Silva
(Coord.)

Pablo Parra Valero
Elmira Simeão
Márcio Bezerra da Silva

Organización del conocimiento, información y sociedad: estudios hispano-brasileños

Organização do conhecimento, informação e sociedade: estudos hispano-brasileiros

UNIVERSIDAD
COMPLUTENSE
MADRID

Facultad de Ciencias de la Documentación
2026

© Los autores
© De esta edición: Universidad Complutense de Madrid Facultad de Ciencias de la Documentación, Departamento de Biblioteconomía y Documentación.

ISBN 978-84-09-90277-4

El texto y las imágenes publicadas en este número están —salvo que se indique lo contrario— sujetos a una licencia Creative Commons de Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual (CC BY-NC-SA). Permita que otros remezclen, adapten y construyan a partir de su trabajo para fines no comerciales, siempre que le den crédito y licencien sus nuevas creaciones en los mismos términos. (https://br.creativecommons.net/licencas/)

Comité científico

Dr. Andrés Fernández-Ramos, Universidad de León
Dra. Angélica Marques, Universidade de Brasilia
Dr. Antonio Carpallo, Universidad Complutense de Madrid
Dr. Antonio Miranda, Universidades de Brasilia
Dra. Aurora Cuevas-Cerveró, Universidad Complutense de Madrid
Dra. Brasilina Passarelli, Universidade de São Paulo USP
Dra. Cecilia Leite, IBICT
Dra. Concepción Mendo, Universidad Complutense de Madrid
Dra. Cynthia Roncaglio, Universidade de Brasília
Dra. Eliane Braga - Universidade de Brasilia
Dra. Elmira Simeão, Universidade de Brasilia
Dr. Emir Suaiden, Universidade de Brasilia
Dra. Fabiana França, Universidad Complutense de Madrid
Dr. Fernando Ramos Simón, Universidad Complutense de Madrid
Dr. Francisco Carlos Paletta, Universidade de São Paulo
Dra.Georgete Rodrigues, Universidade de Brasilia
Dra. Gladys Ceretta, Universidad de la República de Uruguay
Dr. Henry Poncio, Universidad Federal de Paraiba
Dra. Isa Freire, Universidad Federal de Paraiba
Dra. Izabel França de Lima, Universidad Federal de Paraiba
Dr. Jorge Morato, Universidad Carlos III de Madrid
Dr. José Antonio Frías, Universidad de Salamanca
Dr. José Luis Gonzalo Sánchez-Molero, Universidad Complutense de Madrid
Dr. José-Antonio Gómez-Hernández, Universidad de Murcia
Dra. Lillian Alvares Rezende, Universidade de Brasilia
Dr. Márcio Bezerra da Silva, Universidade de Brasilia
Dra. María Jesús Colmenero, Universidad Complutense de Madrid
Dra. María Teresa Fernández Bajón, Universidad Complutense de Madrid
Dra. Marta Valentim, UNESP Marilia
Dra. Michela Montesi, Universidad Complutense de Madrid
Dr. Murilo Cunha, Universidade de Brasilia
Dra. Patricia Hernández Salazar, Universidad Nacional Autónoma de México
Dr. Pablo Parra Valero, Universidad Complutense de Madrid
Dra. Regina Belluzzo, UNESP Marilia
Dra. Renata Braz, Universidade Federal do Rio Grande
Dr. Ricardo Crisafulli Rodrigues, IBICT
Dr. Rodrigo Botelho-Francisco, Universidade Federal do Paraná
Dr. Ronaldo Linhares, Universidade Tiradentes
Dra. Sonia Sánchez-Cuadrado, Universidad Complutense de Madrid

Diseño de portada: Pablo Parra Valero, Universidad Complutense de Madrid

Organización del conocimiento, información y sociedad: estudios hispano-brasileños = Organização do conhecimento, informação e sociedade: estudos hispano-brasileiros / Pablo Parra Valero, Elmira Simeão, Márcio Bezerra da Silva (Coordinadores)

Madrid: Universidad Complutense, Facultad de Ciencias de la Documentación, 2026.

356 p.

ISBN 978-84-09-90277-4

008:004
316.7

1. Organización del conocimiento 2. Gestión de la información. 3. Memoria. 4. Preservación I. Parra Valero, Pablo, coord. II. Simeão, Elmira coord. III. Bezerra da Silva, Márcio.

ÍNDICE

INTRODUCCIÓN 11

ESTUDIO DE LAS ENCUADERNACIONES DE DURAND, ARANDA Y HUGUET QUE TRABAJARON PARA LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA ENTRE 1866 Y 1877 13
Alba Muñoz Rodríguez y Antonio Carpallo Bautista

ADOÇÃO DO SOFTWARE LIVRE KOHA POR UM CORPUS DE BIBLIOTECAS DO DISTRITO FEDERAL - BRASIL: PERCEPÇÕES BIBLIOTECÁRIAS 28
Amanda Nunes Soares y Márcio Bezerra da Silva

ELEMENTOS DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA NA PRODUÇÃO DA FOTOGRAFIA INSTITUCIONAL 44
Bruno Henrique Machado, Telma Campanha de Carvalho Madio y Vinicius Gustavo Franco

A QUESTAO DA INFORMAÇAO NO USO DOS SISTEMAS DE RECOMENDAÇAO NA ÁREA DA SAUDE: A VISAO DA CIENCIA DA INFORMAÇAO PARA ESTE ADVENTO 58
Carlos Alberto Ferreira y Dayanne da Silva Prudencio

PERCURSO DE ELABORAÇÃO DO ÍNDICE DE ASSUNTOS DO PERIÓDICO “CARTA MENSAL” DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO 68
Danyelle Pereira Sant’ Anna y Tatiana de Almeida

GESTÃO DA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA NO BRASIL: AVANÇOS E ESTADO DA ARTE 80
Edgard Costa Oliveira, Lillian Maria Araujo Rezende Alvares, Washington Luís Ribeiro de Carvalho Segundo y Marcel Garcia de Souza

UM NOVO OLHAR PARA GERENCIAR EXPERIÊNCIAS NOS SERVIÇOS À LUZ DA GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CLIENTE: PROPOSIÇÃO DE UM FRAMEWORK 92
Emerson Cleister Lima Muniz, Edilson dos Santos Silva, Alessandro Costa Ribeiro y Gertrudes Aparecida Dandolini

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: CONTEXTUALIZANDO O RACISMO RELIGIOSO 108
Eliane Silva de Sousa y Ana Paula Meneses Alves

GESTÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE OLIMPÍADAS CIENTÍFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL 120
Cecília Leite, Emir Suaiden y Elmira Simeão

REPRESENTAÇÕES DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PERFIL REDE KALUNGA COMUNICAÇÕES NO INSTAGRAM 132
Flávia Helena do Espírito Santo y Cynthia Roncaglio

INTER-RELAÇÃO ENTRE COMPETÊNCIA, COMPORTAMENTO E PRÁTICAS INFORMACIONAIS NA COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA 146
Gabriela Belmont de Farias, Jefferson Veras Nunes, Daniele Belmont de Farias Cavalcanti, Diana Ferreira Teles, Victória Kessia Pinheiro Freire, Izaias Marinho Freires, Flávio Sousa de Andrade Junior, Gislene Rodrigues da Silva y Célia da Consolação Dias

USO DE MODELOS DE MATURIDADE PARA A INTEGRAÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS ORGANIZAÇÕES 172
Isaías Braga

REVISÃO SISTEMÁTICA DOS MODELOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA LLM 186
Isaías Braga

PRÁCTICAS INFORMACIONALES EN LA CURADURÍA DE LA ASOCIACIÓN MUSEO HILDA MARÍA 196
Ivette Kafure Muñoz, Patricia Kafure Muñoz y Claudia Kafure Muñoz

O PAPEL SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: DIÁLOGOS SOBRE A DEFINIÇÃO DE PONTOS DE ACESSO AOS DOCUMENTOS DA DITADURA MILITAR NO BRASIL 210
Jacyara Kalina Themistocles da Silva, Dalgiza Andrade Oliveira y Célia da Consolação Dias

EL FORTALECIMIENTO DE LA IDENTIDAD NACIONAL EN LA ESCUELA PRIMARIA MEXICANA Y LA ALFABETIZACION INFORMACIONAL 220
Judith Licea de Arenas y Javier Valles

ESTRATÉGIAS DE MARKETING DIGITAL PARA EVENTOS CIENTÍFICOS: PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL DO SEMINÁRIO HISPANO-BRASILEIRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO DOCUMENTAÇÃO E SOCIEDADE 231
Aglaia Oliveira Bastos, Laís Ribeiro Oliveira Normando y Mylena Xavier Butrago

O LEGADO DA ENCYCLOPÉDIE NA DEMOCRATIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TÉCNICO E TECNOLÓGICO 247
Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares y Giulia Crippa

TESOUROS HISTÓRICOS DE ITAPEMIRIM: A VISITA DE D. PEDRO II AO ESPÍRITO SANTO E A IMPORTÂNCIA DO BIBLIOTECÁRIO NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO 268
Lucineide Maria Costa, João Vitor Ambrosio Pereira, Morgana Andrade Carneiro y Gleice Pereira

LAS ENCUADERNACIONES DE TOMÁS GARCÍA PERADES, REALIZADAS PARA ANTONIO RODRÍGUEZ-MOÑINO Y DEPOSITADAS EN LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1948-1954) 278
Malena Ramírez Mulas y Antonio Carpallo Bautista

RESULTADO FINAL DEL ESTUDIO DE LAS COLECCIONES BIBLIOGRÁFICAS DEL DUQUE DE BAILÉN Y DEL MARQUÉS DE RISCAL. UNA BIBLIOTECA CONJUNTA 291
Pilar del Campo Puerta

PESQUISA DE PÚBLICOS DOS MUSEUS DA SECEC-DF: DELINEANDO OS PERFIS SOCIODEMOGRÁFICOS E DINÂMICAS INTERPESSOAIS DOS PÚBLICOS DE MUSEUS DE BRASÍLIA (BRASIL) 302
Rose Moreira de Miranda, Ana Lúcia de Abreu Gomes y Maria Paz Josetti Fuenzalida

ESTUDO DE CASO SOBRE O TRATAMENTO DOCUMENTAL DAS FOTOGRAFIAS DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA DA UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO 315
Telma Campanha de Carvalho Madio, José Carlos Abbud Grácio y Juan Bernardo Montoya-Mogollón

CENTENÁRIO DE BERTA RIBEIRO: SEU LEGADO DIFUNDIDO POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UnB 330
Thiara de Almeida Costa, Cynthia Roncaglio y Shirley Carvalhêdo Franco

ETNOGRAFIA DOCUMENTAL NA PESQUISA ARQUIVÍSTICA: DISCUSSÃO E APLICAÇÃO NOS ARQUIVOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES NO ESTADO DE SÃO PAULO 344
Wilson Roberto Veronez Júnior, Sônia Maria Troitiño-Rodriguez y Daniel Martinez-Ávila

INTRODUCCIÓN

Esta obra se inscribe en un campo de reflexión interdisciplinar que, en las últimas décadas, ha cobrado una relevancia estratégica para comprender las transformaciones contemporáneas: la Ciencia de la Documentación y sus múltiples diálogos con la sociedad, la tecnología, la cultura y la memoria. Este volumen reúne un conjunto diverso de investigaciones que, desde perspectivas teóricas, metodológicas y aplicadas, ofrecen una mirada amplia y enriquecedora sobre los modos en que el conocimiento se produce, organiza, representa, preserva y utiliza en distintos contextos sociales e institucionales.

Los capítulos aquí compilados evidencian la riqueza del diálogo académico entre España y Brasil, así como la pluralidad de enfoques que caracterizan al campo. Desde estudios históricos y patrimoniales —como los análisis de encuadernaciones artísticas y colecciones bibliográficas— hasta investigaciones centradas en tecnologías emergentes, como la inteligencia artificial, los sistemas de recomendación o los modelos de lenguaje, el libro traza un recorrido que conecta tradición e innovación en la gestión del conocimiento.

Una de las principales contribuciones de esta obra radica en su capacidad para articular diferentes dimensiones de la información. Por un lado, se abordan cuestiones vinculadas a la organización documental, la normalización terminológica y el uso de vocabularios controlados, elementos esenciales para garantizar la recuperación eficaz de la información. Por otro, se exploran los desafíos derivados de la digitalización, la automatización de servicios bibliotecarios y la implementación de plataformas tecnológicas que transforman los entornos informacionales contemporáneos.

Asimismo, el volumen pone de relieve el papel social de la información. Diversos capítulos analizan cómo las prácticas informacionales inciden en procesos de inclusión, alfabetización digital, construcción de memoria colectiva, identidad cultural y justicia social. En este sentido, destacan investigaciones sobre comunidades tradicionalmente invisibilizadas, la preservación de patrimonios culturales y documentales, y el uso de tecnologías digitales para la auto-representación y la participación social.

Otro eje transversal es la reflexión sobre la comunicación y divulgación del conocimiento científico, entendidas como procesos fundamentales para la democratización del saber. La obra subraya la importancia de las competencias informacionales, las estrategias de comunicación y el uso de herramientas digitales para ampliar el acceso a la información y fortalecer el vínculo entre ciencia y sociedad.

Igualmente, se presentan propuestas innovadoras en el ámbito organizacional y empresarial, como modelos de gestión del conocimiento del cliente, marcos de madurez para la adopción de inteligencia artificial y análisis de la experiencia del usuario en diferentes contextos. Estas contribuciones evidencian cómo la información se convierte en un recurso estratégico para la toma de decisiones, la innovación y la competitividad.

Finalmente, este libro también invita a reflexionar sobre la dimensión ética y política de la información. La gestión de documentos históricos, los archivos de la memoria y el acceso a la información en contextos de vulneración de derechos humanos plantean interrogantes

fundamentales sobre el papel de los profesionales de la información y su responsabilidad social.

En conjunto, *Organización del conocimiento, información y sociedad: estudios hispano-brasileños* ofrece una panorámica amplia, crítica y actualizada del campo, destacando su carácter dinámico y su capacidad de adaptación ante los cambios tecnológicos y sociales. La diversidad temática y metodológica de los trabajos reunidos no solo refleja la vitalidad de la investigación en este ámbito, sino que también contribuye a fortalecer los lazos académicos entre comunidades científicas iberoamericanas.

ESTUDIO DE LAS ENCUADERNACIONES DE DURAND, ARANDA Y HUGUET QUE TRABAJARON PARA LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA ENTRE 1866 Y 1877

Alba Muñoz Rodríguez
Universidad Complutense de Madrid

Antonio Carpallo Bautista
Universidad Complutense de Madrid

Resumen: Este trabajo tiene como principal objetivo el análisis documental de las encuadernaciones de tres artistas poco conocidos o inéditos, como Adriano Durand (f. 1873-1877), Manuel Aranda Llamas (f. 1866) y Rufino Huguet de Esteve (f. 1873-1874), que trabajaron para la Real Academia Española. Para llevar a cabo esta investigación, se ha seguido una metodología detallada: se examinó la documentación del archivo de la Real Academia Española, en especial las facturas de mediados del siglo XIX, donde se documentaron los pagos realizados a los encuadernadores por los trabajos encargados para la academia; tras reunir las facturas y analizar su información, se procedió a identificar los ejemplares que cada encuadernador había encuadernado para la institución, los cuales se rastrearon en el catálogo de la biblioteca de la academia; seguidamente se acudió al Archivo de Villa de Madrid, donde se obtuvieron datos biográficos de Adriano Durand (n. 1825), Manuel Aranda (n. 1826) y Rufino Huguet (n. 1833), cuyas trayectorias eran gran parte desconocidas hasta ahora; a continuación, se localizaron físicamente los ejemplares en el depósito de la biblioteca y se llevó a cabo un análisis documental detallado de sus encuadernaciones conforme a un modelo de ficha, donde se incluían los materiales empleados, las técnicas de construcción utilizadas, así como la estructura decorativa, las técnicas de ornamentación y los utensilios aplicados en las diversas encuadernaciones, incluyendo el estado de conservación. Como parte del proceso, se realizaron digitalizaciones de las tapas, guardas y elementos decorativos de las encuadernaciones. Gracias a la recopilación de datos realizada durante la investigación in situ en la academia y la consulta de diversas fuentes bibliográficas que abordan la encuadernación del siglo XIX y los encuadernadores de las Reales Academias, se han podido obtener diversas conclusiones como que todos los encuadernadores comparten una serie de elementos comunes en la mayoría de sus trabajos: la técnica constructiva del encartonado de las tapas, el lomo suele embellecerse a través de elementos decorativos como paletas y hierros junto a las técnicas del dorado y gofrado, las guardas están confeccionadas en papel mediante la técnica al baño y los cortes de las encuadernaciones se observan salpicados con gotas en varios colores.

Palabras clave: Encuadernaciones; Análisis documental; Adriano Durand; Manuel Aranda; Rufino Huguet

INTRODUCIÓN

El siglo XIX fue una época turbulenta y llena de cambios significativos en los ámbitos político, económico y social marcados por importantes conflictos como la Guerra de la Independencia y las guerras carlistas. Estas transformaciones también se manifestaron en el panorama cultural y artístico, influenciado por las pautas marcadas por las Reales Academias y las instituciones recién creadas, como el Museo del Prado, el cual abrió sus puertas al público en 1819 con el nombre de Museo Real y desempeñó un papel destacado en el desarrollo y promoción del arte en esa época.

A lo largo del siglo, se observaron cambios en los estilos, técnicas y materiales utilizados en las encuadernaciones, adaptándose a las nuevas tendencias, así como a los

encuadernadores que se encargaban de los trabajos. Durante este período, existieron muchos talleres destacados con una larga tradición en este arte. Al repasar brevemente la historia de la encuadernación en el siglo XIX, es importante destacar que, a pesar de la situación de guerra que afectaba a España, la producción de encuadernaciones no se detuvo, conduciendo a una gran variedad y riqueza en esta disciplina. Sin embargo, se mantuvo una continuidad en cuanto a las técnicas y materiales empleados en siglos anteriores, utilizando encuadernaciones hechas a mano, con lomos lisos y cosidos a la greca[1]. Las encuadernaciones de lujo solían estar cubiertas con tafilete[2], principalmente de colores rojo, azul y verde, decoradas con motivos dorados y con guardas de moaré. Además, empleaban la pasta española[3] y valenciana. También se conservan numerosos talleres de encuadernación que ya estaban activos en el siglo XVIII. En relación con los estilos decorativos, se pueden identificar dos períodos: el primero abarca los reinados de Fernando VIII (1814-1833) e Isabel II (1833-1868), durante los cuales se desarrollaron estilos decorativos como el imperio, cortina y romántico. Por otro lado, la segunda etapa corresponde al resto del siglo XIX, en el que se encuentran la encuadernación de bibliófilo, la retrospectiva y la encuadernación industrial y modernista[4].

En el contexto de la encuadernación española del siglo XIX, se hallan los tipos y estilos mencionados anteriormente, incluyendo aquellos realizados por las Reales Academias, donde se encargaron a talleres y encuadernadores la tarea de encuadernar numerosas obras, las cuales presentaban diferentes niveles de lujo y estilos decorativos, en función del destinatario, el servicio, el taller encargado de su elaboración y las tendencias de la época. Este mismo fenómeno ocurrió en el caso de la Real Academia Española durante el período mencionado, aproximadamente el último tercio del siglo. Durante este tiempo, varios talleres se encargaron de la encuadernación de las obras de la institución, realizando algunas de ellas muy lujosas, mientras que la mayoría eran más sencillas y económicas.

OBJETIVOS Y METODOLOGÍA

Este trabajo forma parte del proyecto de investigación I+D titulado "La Encuadernación Española en las Reales Academias: encuadernadores, talleres y tipologías ligatorias (s. XVIII-XX)" (HAR2017-83387-P), el cual tiene como principal objetivo identificar a los encuadernadores que colaboraron con las Reales Academias en Madrid y analizar sus obras de encuadernación. Si bien algunos encuadernadores de Cámara fueron responsables de elaborar encuadernaciones lujosas y elaboradas para las Academias, la mayoría de las piezas encuadernadas eran de carácter más sencillo y modesto, siendo encargadas a encuadernadores menos conocidos, cuyos nombres y contribuciones históricas a menudo han quedado en el anonimato.

Dicho proyecto busca arrojar luz sobre estos encuadernadores desconocidos y su contribución al patrimonio bibliográfico de las Reales Academias. Además, a través de un análisis exhaustivo de las encuadernaciones, se pretende comprender mejor la relación

---

[1] Consistente en encajar los cordeles en surcos o serraduras practicados en el lomo del libro. Definición extraída de la obra *Enciclopedia de la Encuadernación*, de José Bonifacio Bermejo Martín, p. 85.

[2] Piel muy fina, lisa y flexible. Definición extraída de la obra *Enciclopedia de la Encuadernación*, de José Bonifacio Bermejo Martín, p. 230.

[3] Tipo de encuadernación en piel entera. La decoración que se realiza sobre ella es mediante jaspeado. Definición extraída de la obra *Enciclopedia de la Encuadernación*, de José Bonifacio Bermejo Martín, p. 224.

[4] Carpallo Bautista, Antonio. *Esbozos de la encuadernación artística española*. Madrid: CSIC, 2017, pp., 95-96.

histórica entre estos profesionales y las instituciones culturales más destacadas de España. Para ello, el trabajo se enfoca en resaltar la importancia de los encuadernadores que trabajaron para las Reales Academias y poner en valor su legado artístico y técnico en el contexto histórico y cultural donde desarrollaron su trabajo (siglo XIX). En ese marco, destacan las figuras de Miguel Ginesta de Haro, Adriano Durand, Manuel Aranda Llamas y Rufino Huguet de Esteve, cuyas vidas y trabajos, exceptuando al primero, han recibido escasa atención hasta ahora, a pesar de su notable contribución al patrimonio bibliográfico de la Real Academia Española.

Con el propósito de avanzar en este proyecto de investigación, se seguirá la trayectoria de trabajos previos enfocados en las Reales Academias, centrados en la Real Academia Española, abordando el estudio de encuadernadores y sus creaciones en la segunda mitad del siglo XIX, cuyo fin es exponer las vidas y obras de los encuadernadores mencionados previamente, para enriquecer y ampliar el conocimiento existente sobre esta época y el arte de la encuadernación. A tal efecto, se examinarán minuciosamente las tipologías de encuadernaciones que realizaron, los materiales y técnicas que emplearon en sus construcciones y decoraciones, así como el estado actual de conservación de estas obras. También se indagará sobre el tipo de libros que solían encuadernar, la cantidad de encargos que recibían y los precios que se manejaban en aquel entonces, con el objetivo final de obtener una visión más completa de la historia de los talleres de encuadernación en Madrid. Esto permitirá conocer mejor la historia de la RAE y el tipo de obras que formaron parte de su colección en aquel tiempo.

Para llevar a cabo esta investigación, se ha seguido una metodología detallada. Primeramente, se examinó metódicamente la documentación del Archivo de la Real Academia Española, en especial las facturas de mediados del siglo XIX, donde se documentaron los pagos realizados a los encuadernadores por los trabajos encargados para la Academia, en estos se hallaron varios recibos correspondientes a Miguel Ginesta de Haro, Adriano Durand, Manuel Aranda Llamas y Rufino Huguet de Esteve, ejes centrales del estudio. Tras reunir las facturas y analizar su información, se procedió a identificar los ejemplares que cada encuadernador había encuadernado para la institución, los cuales se rastrearon en el Catálogo de la Biblioteca de la RAE. Después, se acudió al Archivo de Villa de Madrid, donde se consultaron los padrones conservados en microfilm, y se obtuvieron datos biográficos de Durand, Aranda y Huguet, cuyas trayectorias eran gran parte desconocidas hasta ahora. A continuación, se localizaron físicamente los ejemplares en el depósito de la biblioteca y se llevó a cabo una catalogación detallada de sus encuadernaciones conforme a un modelo de ficha56. Dicha catalogación implicó un análisis exhaustivo de los materiales empleados por cada encuadernador, las técnicas de construcción utilizadas, así como la decoración y los utensilios aplicados en las diversas encuadernaciones, incluyendo el estado de conservación. Como parte del proceso, se realizaron digitalizaciones de las tapas, guardas y elementos decorativos de las encuadernaciones.

Gracias a la recopilación de datos realizada durante la investigación in situ en la Academia y la consulta de diversas fuentes bibliográficas que abordan la encuadernación del siglo XIX y los encuadernadores de las Reales Academias, se han podido obtener valiosas conclusiones que se exponen en este estudio.

ENCUADERNADORES

Adriano Durand

Notas biográficas

Se dispone de pocos datos sobre este encuadernador; no obstante, gracias a la documentación conservada en el Archivo de Villa, se ha tenido conocimiento que Adriano Durand nació en Burdeos (Francia) el 30 de mayo de 1825, trasladándose a Madrid en el año 1833. Se casó con Paulina Choquet de Boyet, nacida el 22 de junio de 1827 en Madrid y bautizada en San Sebastián. Es sabido que adoptaron a Inés Somoza, quien nació en Madrid el 28 de enero de 1863. Hay constancia de que vivían en un bajo/tienda de la calle de la Greda n.º 3 y 5 (barrio Las Cortes, distrito Congreso).

Referencias de las encuadernaciones documentadas para la Real Academia

En el Archivo de la Real Academia Española hay constancia de que Durand trabajó para dicha institución en dos ocasiones, una en 1873, con fecha de 1 de junio, por la que recibió 356 reales, y otra en 1877, con fecha de 22 de noviembre, por el cual recibió 608 reales. De esta forma, se sabe que éste realizó unas cuarenta y cuatro encuadernaciones para esta entidad, de las cuales varias están custodiadas en la biblioteca de la RAE. En las facturas conservadas aparecen su firma autógrafa y el sitio donde se encontraba su taller, calle de la Greda n.º 3 y 5 (Madrid), lugar en el que también vivía junto a su familia, tal como se ha mencionado anteriormente (Figuras 1).

Figura 1. Membrete de Adriano Durand, 1873

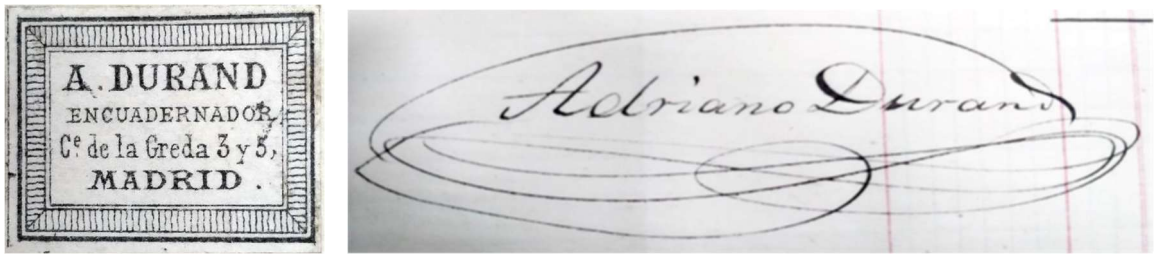


Figura 2. Etiqueta del taller de Durand de 1877 y firma autógrafa de Adriano Durand

Gracias a la obra de Vicente Castañeda y Alcover, titulada *Ensayo de un diccionario biográfico de encuadernadores españoles*[5], se ha podido saber que Adriano Durand no solo trabajó para la RAE, sino que también para la Casa Real. Reflejo de esto es el libro *Lecciones*

[5] Castañeda y Alcover, Vicente. *Ensayo de un diccionario biográfico de encuadernadores españoles*. Madrid: Maestre, 1958, p. 84.

sobre el material de Artillería, el cual tiene la firma de Durand en el lomo y se conserva en la Biblioteca Real.

Trabajos para la Real Academia

En cuanto a los elementos utilizados por Durand en sus encuadernaciones todas las encuadernaciones están conformadas con tapas de cartón recubiertas de diferentes materiales. Por una parte, las encuadernaciones que se han identificado de este artesano tienen tanto las tapas como el lomo completamente revestidos de *pasta española* de color marrón, contando los lomos con tejuelados en piel de diferente color. Por otro lado, el resto de las piezas poseen una holandesa sencilla con la lomera revestida de piel y los planos de las tapas con papel, ambos materiales existen en multitud de colores. En cuanto a las guardas, en todos los ejemplares se ha utilizado papel decorado con varias técnicas. Además, los cortes de una parte del grupo presentan salpicaduras de color azul y azul con amarillo.

Figura 3. Ejemplos de encuadernación de pasta española (Sign. RAE Sala exposición) y del tipo holandesa sencilla (Sign. RAE Sala exposición / RAE Sala exposición)

Respecto a las técnicas de construcción, se ha hallado un solo método de encartonado de las tapas. Las encuadernaciones emplean un esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura, pudiendo ser a punto seguido o salteado y a la greca. Las guardas muestran varios diseños decorativos marmoleados como *scroetel* u *ojo de perdiz*, *shell* y *stormont* o *imperio*, las cuales se han realizado mediante la técnica al baño, cuyo procedimiento consiste en sumergir el papel en un líquido mucilaginoso dentro de una cubeta de madera o metal.

La estructura decorativa se extiende por las tapas, lomos y otros componentes de las encuadernaciones, incluyendo las guardas y los cortes. En relación con las tapas, se aprecian dos modalidades de ornamentación en el conjunto de obras de Adriano Durand, siendo éstas la *pasta española* en marrón y la *holandesa sencilla* en varios colores.

En referencia al lomo, en determinadas ocasiones se embellece a través de tejuelos de piel en colores distintos al resto de la encuadernación. No obstante, otra forma de ornamentar la encuadernación es utilizar elementos decorativos como paletas y hierros junto a las técnicas del dorado y gofrado, con los que detallar la denominación de la obra, el autor o el volumen correspondiente.

En lo concerniente a la decoración de las guardas, que están confeccionadas en papel, se puede discernir varias tipologías. Específicamente, se diferencian los diseños *scroetel* u

ojo de perdiz en colores verde, naranja y amarillo; *shell* en color marrón y sepia; y *stormont* o *imperio* en colores rojo, marrón y negro o rojo y azul.

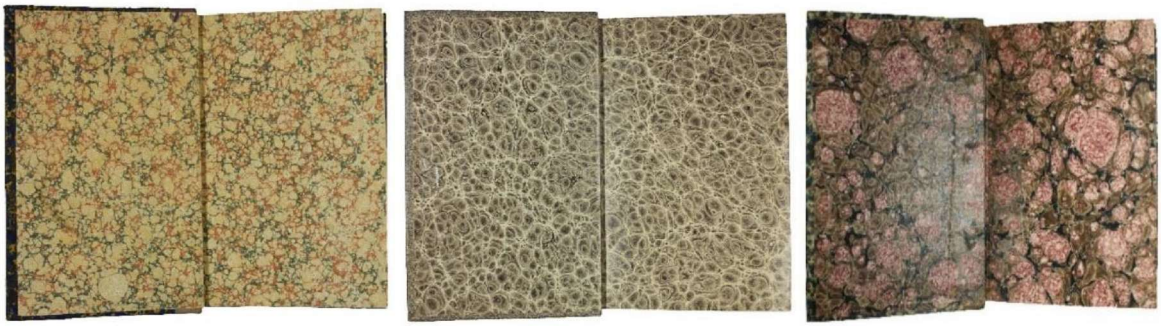


Figura 4. Ejemplos de guardas con los tipos *scroetel* (Sign. RAE 35-III-1), shell (Sign. RAE Sala exposición) y *Stormont* o *imperio* (Sign. RAE Sala exposición)

Para concluir, es importante señalar que los cortes de las encuadernaciones se encuentran salpicados con gotas de colores azul y azul con amarillo, aunque varios libros no poseen esta decoración.

Manuel Aranda Llamas

Notas biográficas

La información sobre este encuadernador es escasa; sin embargo, se ha podido determinar, a través de los documentos custodiados en el Archivo de Villa, que Manuel Aranda Llamas era natural de Madrid. Nació el 21 de enero de 1826 y fue bautizado en la parroquia de San Martín. Se sabe que su madre era Andrea Llamas, nacida en Madrid el 20 de septiembre de 1794 y bautizada en la parroquia de San Andrés. Manuel se casó con Tomasa Sánchez, quien nació el 7 de marzo de 1829 en las Ventas de Retamosa (Toledo) y fue bautizada en la parroquia de San Pedro Advíncula, ésta se trasladó a Madrid en el año 1847. Junto a ella, tuvo seis hijos: Paz Aranda Sánchez, nacida en Madrid el 21 de enero de 1851; Concha Aranda Sánchez, nació el 23 de mayo de 1855 en Madrid; José María Aranda Sánchez, nacido en Madrid el 9 de abril de 1857; Claudia Aranda Sánchez, nació en Madrid el 28 de febrero de 1863; Carmen Aranda Sánchez, nacida el 5 de febrero de 1865 en Madrid y Pablo María Aranda Sánchez, nació en Madrid el 23 de febrero de 1867. Todos los hijos fueron bautizados en la misma parroquia que su padre, a excepción de Claudia Aranda Sánchez, bautizada en la parroquia de la Encarnación.

En los padrones aparece que Manuel y su familia vivieron en el bajo/tienda de la calle Jacometrezo n.º 65 (barrio Jacometrezo, distrito Centro) aproximadamente desde el año 1865, primer año en el figuran registrados. Ya que en el censo del año 1856 aparece que habitaba en el mismo lugar otro encuadernador, José Cebrián y Escobar, junto a su mujer Catalina Risueño, su criada doméstica Bárbara Francisco Calleja, y su criado-ayudante encuadernador Celestino Morel. En el año 1861, José y Catalina cambian de criados, siendo Juana Zorrilla e Hilario Rosillo. Asimismo, sucede en la documentación del año siguiente, pues en ese momento la criada doméstica es Jorja Ramos y el criado-ayudante encuadernador es Luis Gómez.

Como se ha señalado anteriormente, en 1865 Manuel reside en el bajo/tienda con su madre, su esposa y sus cuatro primeros hijos. En el padrón del año siguiente, desaparece su hija Claudia y se refleja su recién nacida hija Carmen. El registro de 1867 no posee cambio alguno, al contrario que en el año sucesivo, pues muestra que Manuel y Tomasa tuvieron a su último hijo, Pablo María. Más tarde, en el año 1871, Andrea Llamas ya no aparece. Ocho años después, se empadronan como encuadernadores Manuel, Tomasa, José M.ª y Carmen,

Pablo es estudiante, mientras que Paz y Concha no están en el documento. Asimismo, vive con ellos su criada, Paz García Sánchez. En el año 1880, continúan los mismos miembros de la familia, salvo que cambian de criada, en ese momento pasa a serlo Águeda Prieto Hernández. Al año siguiente vuelve a ocurrir lo mismo, siendo Juana Prieto Hernández su nueva empleada. En cambio, en 1882 regresa Águeda Prieto Hernández a ser la criada y José M.ª no está registrado. El último padrón que se observó en el Archivo de Villa fue el de 1895 en el que no aparece Manuel ni ningún otro miembro de su familia.

Referencias de las encuadernaciones documentadas para la Real Academia

Se sabe que este encuadernador trabajó para la Real Academia Española, gracias a que en el Archivo de la RAE se conserva la única factura de los trabajos que realizó para la institución, donde se reflejan cuarenta y cuatro ejemplares. En ella, aparece la firma autógrafa de Aranda y el lugar donde se encontraba su taller, calle Jacometrezo n.º 65 (Madrid), en el que también vivía con su familia, como se ha comentado unas líneas más arriba.

Figura 5. Membrete de Manuel Aranda de 1866

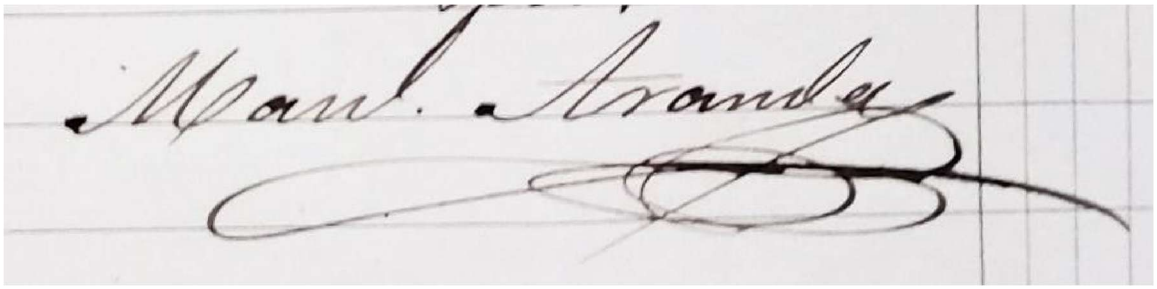


Figura 6. Firma autógrafa de Manuel Aranda

Gracias a la obra de Vicente Castañeda y Alcover, titulada *Ensayo de un diccionario biográfico de encuadernadores españoles*, se ha podido saber que Manuel Aranda Llamas no solo trabajó para la RAE, sino que también para la Academia de la Historia. Reflejo de esto es el comprobante de gastos de 1886 que se conserva, y en cuyo documento existe una cuenta por un total de 126 pesetas por varias encuadernaciones efectuadas.

La factura que se conserva de Manuel Aranda en el Archivo de la RAE es del 17 de marzo de 1866. En ella, se puede ver que recibió 460 reales por la encuadernación de cuarenta ejemplares del *Elogio Del Duque de Rivas*, en cuarta media, holandesa y con papel granulado, a 7 reales cada uno, y cuatro ejemplares de la misma obra, pero en chagrín de color magenta con escudos, filetes y cortes dorados, para Su Majestad y Emperadores, a 45 reales cada uno.

Trabajos para la Real Academia

A continuación, se procede a examinar los elementos constructivos y técnicas utilizados por Manuel Aranda Llamas en la única encuadernación que se ha localizado en la

Biblioteca de la Real Academia Española. Del mismo modo, se abordará la estructura ornamental y otros detalles decorativos que han sido objeto de estudio en su creación.

Figura 7. Ejemplo de encuadernación de tipo holandesa sencilla y portada (Sign. RAE 39-X-43)

Dicha obra está realizada en holandesa sencilla, la cual posee una encuadernación conformada con tapas de cartón recubiertas de piel color verde en la lomera y en los planos presenta papel granulado de color granate. En cuanto a las guardas, se ha utilizado en este ejemplar la técnica de *gotas* o *piedras* de colores verde y rojo. Además, los cortes tienen salpicaduras de color marrón.

Respecto a la técnica de construcción, se ha podido observar que dicha encuadernación emplea el esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura a punto seguido y a la greca. Las guardas muestran el diseño decorativo de *gotas* o *piedras*, que se describirá en detalle posteriormente. Este modelo se ha realizado mediante la técnica al baño, cuyo procedimiento consiste en sumergir el papel en un líquido mucilaginoso dentro de una cubeta de madera o metal.

La estructura decorativa se extiende por las tapas, lomos y otros componentes de las encuadernaciones, incluyendo las guardas y los cortes. En relación con las tapas, se aprecia el modelo de holandesa sencilla de piel color verde en la lomera y en los planos presenta papel granulado de color granate.

En referencia al lomo, se embellece a través de ornamentar la encuadernación utilizando elementos decorativos como paletas y hierros junto a las técnicas del dorado y gofrado, con los que detallar la denominación de la obra, el autor o el volumen correspondiente.

En lo concerniente a la decoración de las guardas, que están confeccionadas en papel, se puede discernir el diseño *gotas* o *piedras* en colores verde y rojo.

Rufino Huguet de Esteve

Notas biográficas

La documentación disponible sobre este encuadernador es limitada, pero se ha logrado establecer, a partir de los registros guardados en el Archivo de Villa, que Rufino Huguet de Esteve era originario de Madrid, con fecha de nacimiento el 10 de julio de 1833. Contrajo matrimonio el 2 de febrero de 1861 en San Sebastián con Paz Fernández y Muñoz, nacida en Madrid el 24 de enero de 1839 y bautizada en San Lorenzo. Ambos tuvieron a: Feliciana Huguet Fernández, nació el 29 de enero de 1867; Celestina Huguet Fernández, nacida el 29 de abril de 1870; Luisa Huguet Fernández, nació el 24 de noviembre de 1871;

Antonia Huguet Fernández, nacida el 24 de febrero de 1874; Carmen Huguet Fernández, nació el 31 de julio de 1877, y Josefa Huguet Fernández, nació el 12 de mayo de 1879.

El primer censo que se examinó fue el correspondiente al año 1866, aunque no se encontró constancia de ninguna persona, se piensa que la llegada de Rufino junto a su familia debió de ser entre este año y el siguiente, pues en el registro de 1867 aparecen Rufino, y su mujer en el bajo de la calle del Ave María n.º 18 (barrio Ave María, distrito Hospital). A los dos años, la documentación revela la presencia de Rufino, con su mujer y su primera hija. En 1873, aparecen la pareja junto a sus tres hijas y, en los seis años contiguos, se muestran otras tres hijas más, Antonia, Carmen y Josefa. El próximo padrón que aporta información es el de 1890, donde no están ni Feliciana ni Josefa. Tiempo después, Celestina también desaparece del registro del año 1895, quedando cinco años después únicamente Rufino, Paz y Antonia, de igual forma comunican que se trasladarán a la calle Huertas n.º 48 (barrio Ministriles, distrito Hospital). Para finalizar, se puede encontrar a la familia en la dirección que habían proporcionado, aunque es el último censo158 en el que aparecen.

Referencias de las encuadernaciones documentadas para la Real Academia

Los registros custodiados en el Archivo de la RAE revelan que Rufino Huguet de Esteve trabajó para esta institución en seis ocasiones, donde aparecen tres mil ochenta y un tomos que encuadernó entre los años 1873 y 1874. En las facturas aparece la firma autógrafa de Huguet y el lugar en que se encontraba su taller, calle del Ave María n.º 18 (Madrid), donde además vivía junto a su familia, como se ha indicado anteriormente.

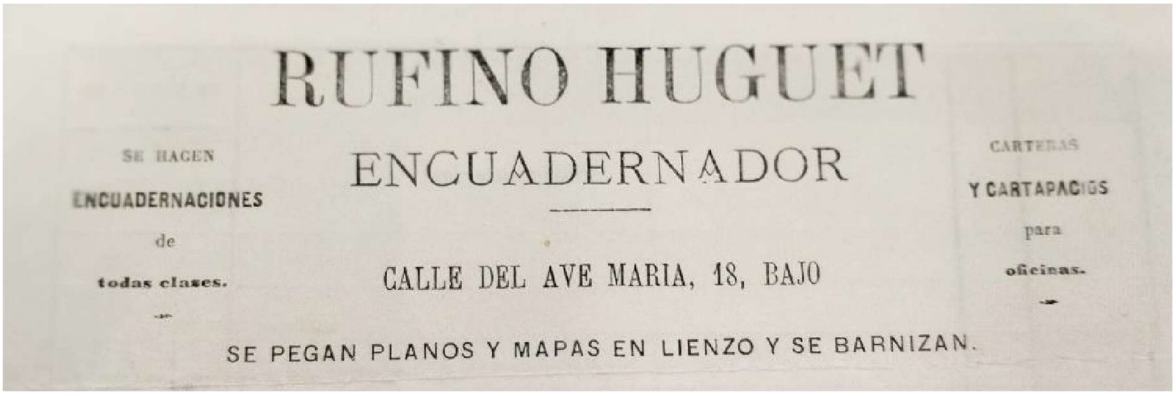


Figura 8. Membrete de Rufino Huguet de Esteve en 1873

Figura 9. Firma autógrafa de Rufino Huguet de Esteve

Cinco de los seis recibos que existen en la RAE de Rufino son meros apuntes en los que hizo constar los encargos que recibió. Éstos no dan detalles de las obras que debía encuadernar, sino que poseen únicamente la fecha y la cuantía total de dicho trabajo.

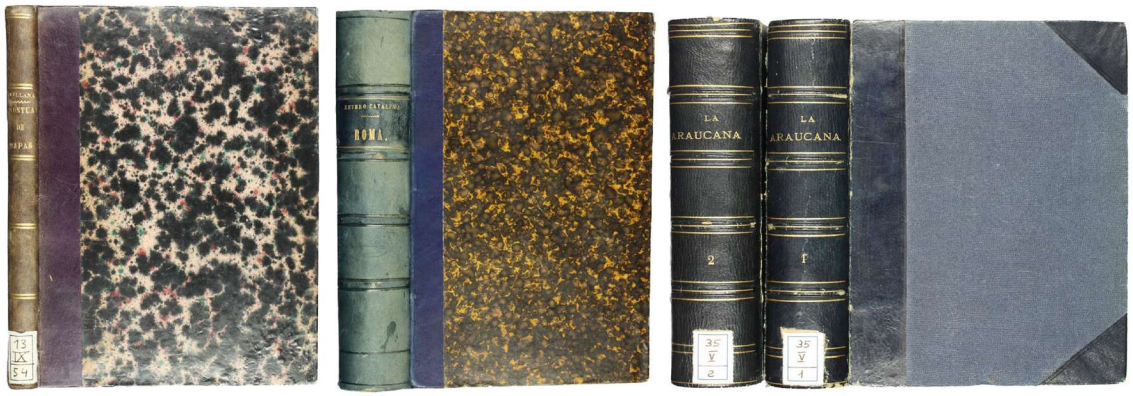


Figura 10. Lomo y tapa anterior (Sign. RAE 13-IX-54 / RAE Sala exposición / RAE 35-V-1 y 2)

No obstante, se conserva una extensa factura del 23 de octubre de 1873, por la que recibió 5978 reales al hacer las siguientes encuadernaciones: diez ejemplares en tamaño folio del *Fuero Juzgo* en pasta, a 12 reales cada uno; cincuenta ejemplares en octava del *Teatro Escogido de Calderón* en pasta, a 4 reales cada uno; cincuenta ejemplares en octava de los *Apellidos de Godoy* en pasta, a 4 reales cada uno; cincuenta ejemplares en octava de los *Apellidos de Ríos* en pasta, a 4 reales cada uno; treinta ejemplares a cuarta de la *Gramática* en pasta, a 4,5 reales cada uno; veinticinco ejemplares en cuarta del *Fuero de Avilés* en pasta, a 8 reales cada uno; diez ejemplares en cuarta de las *Obras de Velasco* en pasta, a 8 reales cada uno; diez ejemplares en cuarta de las *Obras de Gallego* en pasta, a 4,5 reales cada uno; treinta ejemplares en cuarta de la *Sesión Imperial* en pasta, a 6 reales cada uno; veinticinco ejemplares en octava de *Farsas y Églogas* en pasta, a 4 reales cada uno; treinta ejemplares en cuarta de *Catalina de Roma* en pasta, a 6 reales cada uno; cincuenta ejemplares en octava de *La Araucana* en pasta, a 4 reales cada uno; setenta y cinco ejemplares en octava de las *Comedias de Alarcón* en pasta, a 4 reales cada uno; setenta y cinco ejemplares en cuarta de las *Memorias de la Academia* en pasta, a 6 reales cada uno; veinticinco ejemplares en octava del *Siglo de Oro* en pasta, a 4 reales cada uno; quinientos ejemplares en octava de los *Compendios* en holandesa, a 2 reales cada uno; mil ejemplares en octava del *Epítome* en holandesa, a 1 real cada uno; mil ejemplares en octava del *Prontuario* en holandesa, a 1 real cada uno; y treinta y seis ejemplares en cuarta de los *Discursos de la Academia* en pasta, a 8 reales cada uno.

Trabajos para la Real Academia

A continuación, se procede a examinar los elementos constructivos y técnicas utilizados por Rufino Huguet de Esteve en sus encuadernaciones, del mismo modo que se abordará la estructura ornamental y otros detalles decorativos que han sido objeto de estudio en sus creaciones.

Mediante un exhaustivo análisis de las encuadernaciones elaboradas en el taller de Rufino Huguet de Esteve para la RAE, se ha podido ver que este hábil encuadernador aplicaba una variada gama de materiales y empleaba diversas técnicas constructivas, según el tipo de encuadernación, su decoración, la calidad y dimensiones de la pieza.

En lo referente a los materiales utilizados, todas las encuadernaciones están conformadas con tapas de cartón recubiertas de diferentes materiales. Las encuadernaciones identificadas se pueden dividir en dos grupos, holandesa sencilla u holandesa con esquinas. La primera posee recubiertas de piel las lomeras, y los planos con papel, ambas partes se observan de una variada gama de colores, como por ejemplo la lomera de piel marrón y los planos de papel verde de base con gotas negras o lomera de piel violeta con planos de papel rosado y gotas negras, verdes y rojas. En tanto que la holandesa con esquinas se caracteriza

por tener recubierta la lomera y las esquinas de piel de color verde o azul oscuro, mientras que los planos de las tapas se cubren de tela granulada y del mismo color que la lomera y esquinas. En cuanto a las guardas, en todos los ejemplares se ha utilizado papel decorado, pero según el modelo de encuadernación se ajusta una técnica u otra de decoración. Además, los cortes tienen salpicaduras de color marrón, azul, amarillo o azul con amarillo.

Respecto a las técnicas de construcción, se han hallado dos métodos de encartonado de las tapas, algunas de las encuadernaciones emplean un esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura, pudiendo ser a punto seguido o salteado y a la greca, mientras que otras tienen dos nervios y cinco estaciones de costura a punto seguido y a la greca. Las guardas muestran varios diseños decorativos, que se describirán en detalle posteriormente. Estos modelos son: *gotas* o *piedras* e *italiano* o *veta de cabello italiano*, las cuales se han realizado mediante la técnica al baño, cuyo procedimiento consiste en sumergir el papel en un líquido mucilaginoso dentro de una cubeta de madera o metal.

La estructura decorativa se extiende por las tapas, lomos y otros componentes de las encuadernaciones, incluyendo las guardas y los cortes. En relación con las tapas, se aprecian dos modalidades de ornamentación en el conjunto de obras de Rufino Huguet de Esteve, siendo éstas la holandesa sencilla y la holandesa con esquinas en varios colores.

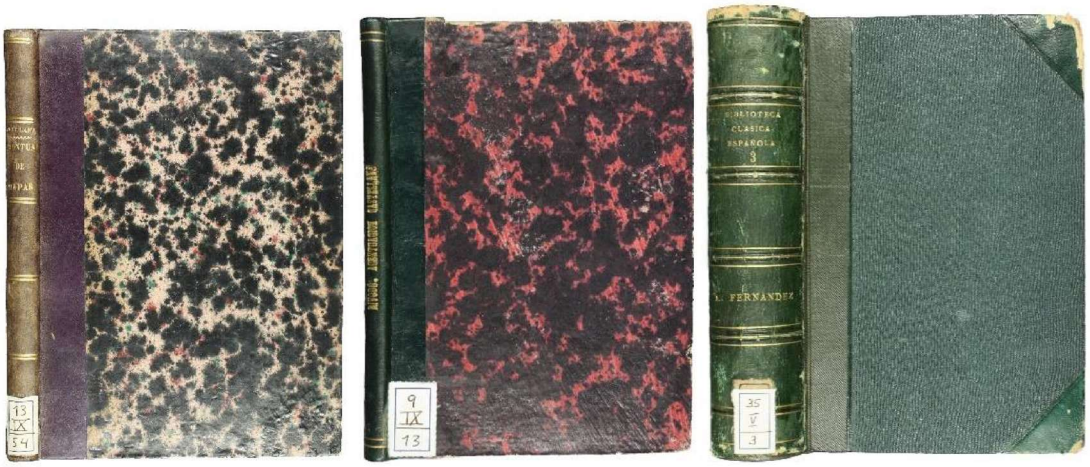


Figura 11. Ejemplos de encuadernación de los tipos holandesa sencilla (Sign. RAE 13-X-54 / RAE 9-IX-13) y holandesa con esquinas (Sign. RAE 35-V-3)

En referencia al lomo, en determinadas ocasiones se embellece mediante el empleo de elementos decorativos como paletas y hierros junto a las técnicas del dorado y gofrado, con los que detallar la denominación de la obra, el autor o el volumen correspondiente.

En lo concerniente a la decoración de las guardas, que están confeccionadas en papel, se puede discernir varias tipologías. Específicamente, se diferencian los diseños *gotas* o *piedras* en colores verde y naranja o rojo y marrón; e *italiano* o *veta de cabello italiano* en colores rojo y azul.

Figura 12. Ejemplos de guardas con los tipos *gotas* (Sign. RAE 14-X-1 / RAE 9-IX-14) e *italiano* (Sign. RAE S. Coms. 27-A-51 a 52)

CONCLUSIONES

Para concluir, es fundamental destacar una serie de aspectos importantes, los cuales se han observado en el curso del estudio y elaboración de la presente investigación. En primer lugar, se ha podido corroborar la significativa aportación de las Reales Academias, en particular la Real Academia Española, al panorama de la encuadernación artística en el siglo XIX en España. Esta institución desempeñó un rol de mecenazgo al encargar la encuadernación de numerosas obras, tanto las de producción interna como las adquiridas a través de compras, donaciones y obsequios, a multitud de encuadernadores, más o menos conocidos.

Dentro del marco del proyecto de investigación referido, este trabajo no solo ha analizado al conocido encuadernador Miguel Ginesta de Haro en un período concreto de su amplia trayectoria y producción, sino que también ha logrado sacar a la luz las figuras de Adriano Durand, Manuel Aranda Llamas y Rufino Huguet de Esteve, encuadernadores de los que, a pesar de su anonimato, ejercieron su labor para la Real Academia Española, contribuyendo con numerosas encuadernaciones de uso cotidiano, pero de gran relevancia. Es esencial destacar que, la identificación y análisis de los registros de sus encuadernaciones y de los ejemplares encuadernados que residen en el Archivo y la Biblioteca de la RAE, han sido fundamentales para delinear algunos aspectos biográficos de los encuadernadores estudiados. Esto incluye detalles como la ubicación de sus talleres en diferentes lugares de Madrid, el momento en el que se instalaron en ellos, las instituciones para las cuales trabajaron, etc. Estos hallazgos resaltan la importancia de la documentación de archivo y los ejemplares encuadernados como valiosas fuentes primarias de información.

Todos los encuadernadores comparten una serie de elementos comunes en la mayoría de sus trabajos: la técnica constructiva del encartonado de las tapas, el lomo suele embellecerse a través de elementos decorativos como paletas y hierros junto a las técnicas del dorado y gofrado, las guardas están confeccionadas en papel mediante la técnica al baño y los cortes de las encuadernaciones se observan salpicados con gotas en varios colores. Otro elemento que destacar es la diversidad de técnicas constructivas y decorativas aplicadas por los encuadernadores examinados en este trabajo.

Adriano Durand empleó dos tipos de encuadernación en su conjunto de obras: la holandesa sencilla con la lomera revestida de piel y los planos de las tapas de papel, ambos materiales existen en multitud de colores, las guardas pueden ser de estilo *scroetel* o *imperio,* y la encuadernación de pasta española de color marrón con guardas en el modelo *shell.* Las encuadernaciones emplean un esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura, pudiendo ser a punto seguido o salteado y a la greca.

Por otro lado, únicamente se logró hallar una obra encuadernada por Manuel Aranda Llamas, la cual posee la encuadernación de holandesa sencilla de piel color verde en la lomera y en los planos presenta papel granulado de color granate, cuyas guardas tienen el estilo *gotas* o *piedras* en colores verde y rojo*.* Respecto a la técnica de construcción, se ha podido observar que dicha encuadernación emplea el esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura a punto seguido y a la greca.

En cuanto a Rufino Huguet de Esteve, utilizó dos variantes de la encuadernación en holandesa: holandesa sencilla que posee recubiertas de piel las lomeras, y los planos con papel, ambas partes se observan de una variada gama de colores, las guardas son de modelo *gotas;* y holandesa con esquinas que se caracteriza por tener recubierta la lomera y las esquinas de piel de color verde o azul oscuro, mientras que los planos de las tapas se cubren de tela granulada y del mismo color que la lomera y esquinas y cuyas guardas poseen patrón *italiano.* Respecto a las técnicas de construcción, se han hallado dos métodos de encartonado de las tapas, algunas de las encuadernaciones emplean un esquema de tres nervios y cinco estaciones de costura, pudiendo ser a punto seguido o salteado y a la greca, mientras que otras tienen dos nervios y cinco estaciones de costura a punto seguido y a la greca.

Pese a la limitada cantidad de estudios dedicados a las biografías de la mayoría de los encuadernadores abordados en este trabajo, los resultados obtenidos reafirman la idea de que el estudio de las encuadernaciones y los encuadernadores es un campo rico y aún por explorar en su totalidad.

REFERENCIAS

ALAMILLA OROZCO, Elba del Carmen. *La Real Academia Española y las encuadernaciones de Antonio Ménard en 1900*. [Trabajo Fin de Máster, Universidad Complutense de Madrid, 2022].

CARPALLO BAUTISTA, Antonio. *Encuadernaciones del XIX en la Biblioteca Histórica de Madrid.* Madrid: Ollero y Ramos, 2015.

CARPALLO BAUTISTA, Antonio. *Análisis documental de la encuadernación española*. [Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2001].

CARPALLO BAUTISTA, Antonio; TREJO OSTOS, Soham. Los encuadernadores y su documentación de archivo en la Real Academia Española (1850-1866). *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informaçao*, v. 14, n.1, 2021.

CASTAÑEDA Y ALCOVER, Vicente. *Ensayo de un diccionario biográfico de encuadernadores españoles.* Madrid: Maestre, 1958.

MASSÓ VALDÉS, Juan Bautista. *Análisis documental de las encuadernaciones artísticas del siglo XIX de la biblioteca de la Real Academia de la Historia*. [Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2015].

QUINEY URBIETA, Carlos Aitor. *La encuadernación artística catalana (1840-1929)*. [Trabajo Fin de Grado, Universitat Oberta de Catalunya, 2010].

RUBIO ORTEGA, Pablo. *Los encuadernadores y su documentación de archivo en la Real Academia de Ciencias Exactas (1889-1909).* [Trabajo Fin de Máster, Universidad Complutense de Madrid, 2021].

TORRIJOS MANZANARES, Elisa. *Los encuadernadores de la Real Academia Española en la primera mitad del siglo XIX*. [Trabajo Fin de Máster, Universidad Complutense de Madrid, 2020].

TREJO OSTOS, Soham. *Los encuadernadores y su documentación de archivo en la Real Academia Española (1850-1866).* [Trabajo Fin de Máster, Universidad Complutense de Madrid, 2020].

VÉLEZ CELEMÍN, Antonio. *El marmoleado: del papel de guardas a la obra de arte*. Madrid: Ollero y Ramos, 2012.

ADOÇÃO DO SOFTWARE LIVRE KOHA POR UM CORPUS DE BIBLIOTECAS DO DISTRITO FEDERAL - BRASIL: PERCEPÇÕES BIBLIOTECÁRIAS

Amanda Nunes Soares
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Márcio Bezerra da Silva
Universidade de Brasília

Resumo: Pesquisa que analisa a adoção do software livre Koha na viabilização de processos e serviços realizados em um corpus de bibliotecas de organismos públicos do Distrito Federal (Brasil) a partir das opiniões dos profissionais de biblioteca. Fundamenta-se em bibliografia sobre software, com ênfase no paradigma livre, sobre automação, considerando sistemas de bibliotecas e padronizações técnicas, e sobre o Koha, um programa open source voltado para gestão de acervos de bibliotecas, observando aspectos como seleção, processamento técnico, circulação, relatórios etc. Qualifica-se como uma pesquisa dedutiva, descritiva, bibliográfica, documental e de levantamento, com abordagem quantitativa e qualitativa de coleta de dados. Evidencia-se, entre os resultados, que há uma satisfação unânime em relação a adoção do Koha nas bibliotecas pesquisadas em detrimento de como atividades bibliotecárias ocorriam a partir de sistemas anteriores, além de uma satisfação geral em relação aos módulos e suas funções, correspondendo aos serviços e atividades institucionais. Percebe-se também certas semelhanças nos apontamentos dos pesquisados sobre os pontos positivos do software, porém opiniões mais individuais e diversas, em relação a pontos negativos, foram percebidas, o que também resultou em diferentes sugestões para o aprimoramento na utilização do Koha, algumas mais particulares sobre certas atividades e outras mais gerais. Conclui-se que o Koha é um software que viabiliza a execução de processos e serviços nas bibliotecas investigadas, com destaque para gestão do acervo, configurações de funcionalidades nos serviços de rotina, atendimento à pessoa usuária e processamento técnico, enquanto o processo de empréstimos/devoluções, a geração de diagnósticos via relatórios e manutenção do sistema sejam os pontos de maior dificuldade, tendo customizações no software, treinamentos, produção de documentação voltada aos profissionais de biblioteca e suporte técnico como possíveis soluções.

Palavras-Chave: Paradigma de software; Software livre; Sistema de automação de biblioteca; Koha.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, revoluções se fizeram presentes, em diferentes cenários. Mesmo com as devidas peculiaridades, as consequências dessas revoluções caminharam para a formação da sociedade informática, passando a influenciar, por meios tecnológicos, significativamente, as esferas econômica, social, política e cultural da humanidade. Com o tempo a expressão “Sociedade da Informação” passou a ser mais amplamente utilizada, no sentido de representar a nova civilização de características globalizadas, pois o contato com outras culturas, mesmo que virtual, tornou-se recorrente, o que tanto eliminou diversas barreiras culturais quanto permitiu a transmissão de informação marcada por ideais universais, apelativas ao consumo de bens (Schaff, 1995).

As atividades econômicas passaram a não se restringem mais a uma localidade, tendo alcance internacional, lideradas principalmente pelas multinacionais e realizadas a partir da comunicação homem-máquina. As funções que máquinas, como os computadores, permitem são possíveis graças ao desenvolvimento dos *softwares*, que são uma reunião de orientações planejadas gradualmente com o objetivo de transformar dados em informação. Esse tipo de

recurso serve para resolver problemas, realizar tarefas específicas. Entre as variações de *software* destacam-se os proprietários e os livres (Capron; Johnson, 2004; Schaff, 1995), ou seja, conforme o seu paradigma de uso (pagamento de licença ou liberdade).

Economias nacionais passaram a se basear cada vez mais em bens intangíveis, como os *softwares*, levando a uma corrida para o conhecimento de técnicas e tecnologias de armazenamento, processamento e compartilhamento de informações. Inclusive, possuir expertise na produção de *softwares* foi apontado como fundamental para a sobrevivência dos países, indicados como instrumentos de forte valor agregado (Silveira, 2004).

O Brasil tem implementado iniciativas para tornar informações e serviços disponíveis virtualmente, trata-se de um cenário que partiu dos organismos públicos que utilizavam pacotes de programas proprietários, diante da crescente tendência e incentivo à criação e utilização de *softwares open source*. Os fatores determinantes que incentivaram a produção e uso de programas do tipo centram-se na exposição do código-fonte, ao permitir sua distribuição e modificação, além de arrecadar diversos apoiadores, aliados ao aumento do foco na qualidade dos serviços prestados ao cidadão e ao movimento social e político para uso de *softwares* livres, observado no final do século XX para o século XXI a partir do portal do *Software* Público Brasileiro (SPB), do Governo Federal. Os objetivos para desenvolver projetos de implementação de *softwares* livres foram desde motivos econômicos, como a redução de custos, até políticos, de forma que essas plataformas ofertassem integração entre órgãos do governo e da própria população com esses órgãos, possibilitando a formação de espaços de troca de conhecimento e tecnologia (Freitas, 2012).

O processo de automação alcançou as bibliotecas a partir do uso dos chamados Sistemas de Automação de Bibliotecas (SABs). Variando entre proprietário e livre, os SABs auxiliam nos mais diversos serviços e processos da biblioteca, como, por exemplo, no registro de encomendas e aquisições, na catalogação, classificação e indexação de documentos, no cadastro de pessoas usuárias, no empréstimo, na pesquisa, na referência etc. A automação deve ser pensada de forma ampla, alcançando todos os setores da biblioteca por meio de tecnologias, para execução de seus serviços (Silva; Dias, 2010; Viana, 2016).

Como exemplo de SAB livre, cita-se o *Koha*[6] (*Koha Integrated Library Management System*), *software* disponibilizado no Brasil com auxílio do Instituto Brasileiro de Ciência, Tecnologia e Informação (IBICT) (Viana, 2016). No ano de 2021, o *Koha* foi aderido como mais um dos instrumentos fomentados pelo IBICT no país, integrado ao VISÃO[7] para coletar e mapear as bibliotecas no Brasil que o utilizam. O VISÃO é um observatório para visualização de informações, disponível *online* e de acesso gratuito, dispondo, inclusive, a localização dessas bibliotecas.

Dentre as bibliotecas no Distrito Federal (DF), região da capital do Brasil, que utilizam *softwares* livres, verificou-se três instituições que adotam o *Koha*, identificadas a partir da plataforma VISÃO: Biblioteca Agamenon Magalhães do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE)[8]; Biblioteca Eloy Chaves do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)[9]; e Biblioteca Graciliano Ramos da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP)[10]. Diante

---

[6] Acesso: https://www.keep.pt/produtos/koha-software-de-gestao-integrada-de-bibliotecas/.

[7] Acesso: https://visao.ibict.br/#/visao?chart=1&grupCategory=112&l=84.

[8] Acesso: https://biblioteca.cade.gov.br.

[9] Acesso: http://escola.previdencia.gov.br/biblioteca.html.

[10] Acesso: https://biblioteca.enap.gov.br.

desse corpus de bibliotecas especializadas, especulou-se sobre a adoção e uso de *softwares* livres por esses espaços, culminando nos questionamentos que fundamentaram o presente estudo: *quais são as opiniões dos profissionais de biblioteca sobre a adoção do Koha como SAB? Em que medida, o software Koha auxiliou e/ou trouxe dificuldades para execução de processos e serviços nessas bibliotecas?*

Para responder as problematizações do estudo, o objetivo geral foi analisar a adoção do *software* livre *Koha* na viabilização de processos e serviços realizados pelas bibliotecas a partir das opiniões dos profissionais de biblioteca. De forma específica, objetivou-se: a) elencar as funções realizadas pelos profissionais de biblioteca a partir do *software* que automatiza suas bibliotecas; b) verificar o nível de satisfação dos profissionais de biblioteca sobre o *Koha* em relação a possíveis *softwares* de automação anteriores; c) identificar pontos positivos sobre o *Koha* nos processos e serviços promovidos pelas bibliotecas; d) apontar dificuldades quanto ao *Koha* nos processos e serviços prestados ao longo da rotina bibliotecária; e) apresentar as sugestões dos profissionais de biblioteca no aprimoramento de suas experiências de utilização do *software Koha*.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a pesquisa se qualificou como dedutiva, básica, descritiva, bibliográfica (livros e artigos científicos), documental (*sites* especializados e vídeo) e de levantamento (profissionais de biblioteca das instituições estudadas). As consultas bibliográfica e documental ocorreram em bases de dados, repositorios digitáis, periódicos científicos, buscadores (*Google* e *Google* Acadêmico), *wikis* e *blogs*, fazendo uso de um conjunto de expressões de busca, como: "*software* para bibliotecas"; "*software* livre"; "*software open source*"; "*software* livre para bibliotecas"; "*software open source* para bibliotecas"; "sistema de automação de bibliotecas"; "SAB livre para bibliotecas", "*software Koha*"; "*Koha* IBICT", "biblioteca especializada"; "licenças de uso"; e "licenças abertas".

Em relação a abordagem de coleta de dados, caracterizou-se como quanti-qualitativa. Os dados foram coletados por um questionário semiestruturado (35 questões) no período de 22/10/2021 até 08/11/2021, o qual foi elaborado na plataforma *Google Forms*, escolhido por ser gratuita, não possuir limitação de questões e de respostas, subdividir as questões por seções, ser difundido, ser de fácil uso e possibilitar o *download* dos dados no formato de planilha eletrônica.

Para identificar a difusão do *Koha* em bibliotecas do DF, como mencionando anteriormente, adotou-se a plataforma VISÃO do IBICT. Também foram selecionados 10 grupos de Biblioteconomia na rede social *Facebook*, com base na popularidade (quantidade de participantes) e no foco em Biblioteconomia/biblioteca/leitura, todavia não houve resposta nesses grupos, pois, embora alguns participantes utilizem o *Koha* em suas bibliotecas, ao serem contatadas, informaram não ser do DF. Portanto, o *corpus* da pesquisa foi constutuído pelas bibliotecas identificadas no VISÃO, respondendo o questionário encaminhado por *e-mail*.

SOFTWARE DE PARADIGMA LIVRE

Software é um conjunto de informações digitais escrito digitalmente em uma linguagem específica de programação. A peça central de um *software* é o seu código-fonte, que é a sua essência, onde são armazenadas as instruções que serão traduzidas para a linguagem de computador e executadas em forma de tarefas (Silveira, 2004).

Existem tipos de *software*, sendo: proprietários; *freewares*; *sharewares*; *softwares* de domínio público; *open source*; e livre. Embora livre e *open source* signifiquem o mesmo tipo de *software*, conforme Stallman, cada expressão possui um propósito. Ser livre está mais relacionado a um movimento social de garantia das liberdades da pessoa usuária, enquanto *open source* refere-se ao desenvolvimento de uma metodologia para desenvolver *softwares* da melhor maneira possível, tornando-os mais poderosos e confiáveis. O foco de um (livre) é a liberdade da pessoa usuária e do outro (*open source*) é a melhoria do programa. Ainda, é comum que defensores e defensoras do movimento *open source* se utilizem de programas do tipo proprietários e *freewares*, o que é malvisto pelas pessoas defensoras do movimento livre, que acreditam que somente *softwares* livres são capazes de garantir às liberdades das pessoas usuárias, portanto só eles deveriam ser utilizados (Free Software Foundation - FSF, 2021a; Stallman, 2009).

As maiores diferenças entre os paradigmas de *software* não estão ligadas ao pagamento de licenças de uso, pois os proprietários podem ser distribuídos gratuitamente, como é o caso dos *freewares*, e os livres podem ser distribuídos de maneira comercial. Enquanto os proprietários não concedem acesso ao código-fonte de seu programa, não permitindo à pessoa usuária que o conheça ou o altere, os *softwares* livres são amparados pelo conceito das Quatro Liberdades Essenciais[11]:

> A liberdade de executar o programa como você desejar, para qualquer propósito (liberdade 0).
>
> A liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo às suas necessidades (liberdade 1). Para tanto, acesso ao código-fonte é um pré-requisito.
>
> A liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar outros (liberdade 2).
>
> A liberdade de distribuir cópias de suas versões modificadas a outros (liberdade 3). Desta forma, você pode dar a toda comunidade a chance de beneficiar de suas mudanças. Para tanto, acesso ao código-fonte é um pré-requisito.” (FSF, 2021b).

Outra diferença entre *softwares* proprietários e livres está nos próprios desenvolvedores. As empresas de *softwares* proprietários permitem que apenas seus programadores trabalhem no desenvolvimento de suas aplicações. Todavia, as empresas de *softwares* livre permitem que não apenas seus programadores, mas qualquer interessado e voluntário do mundo colabore, por meio de comunidades e *sites* na Internet. O modelo de trabalho dos *softwares* proprietários pode ser chamado de “catedral”, pela sua essencialidade hierarquizada e não-colaborativa, enquanto o modelo aberto pode ser chamado de “bazar”, pela sua adesão ao formato horizontal e de livre distribuição (Silveira, 2004), sendo esta liberdade a bandeira defendida no movimento de *software* livre capitaneado por Stallman em 1983, e que mais tarde atingiria áreas como a Biblioteconomia, pela adoção de SABs de caráter livre.

SISTEMA DE AUTOMAÇÃO DE BIBLIOTECA (SAB)

Automatizar significa ocupar uma ação humana, ou seja, é uma ou mais atividades realizadas de forma automática, programada por uma máquina, mecânica ou eletrônica, para controlar processos, aparelhos ou sistemas sem uma função humana. Contudo, deve-se

[11] Considerados os fundamentos dos *softwares* livres. Até a década de 1990 eram apenas três liberdades, numeradas 1, 2 e 3, mas viu-se a necessidade de explicitar uma quarta liberdade (a de executar o programa como desejar), e que ela se sobressaia às outras. Por isso, ao invés de colocá-la em primeiro e reordenar as demais, ela foi colocada como liberdade 0 (FSF, 2021b).

salientar que a substituição das atividades manuais por processos digitais gera adequações tanto das bibliotecas em si quanto dos profissionais de biblioteca (Ribeiro; Silva, 2019).

Alguns exemplos de automação de bibliotecas são a utilização de equipamentos de autoatendimento (tanto para empréstimo de obras - mais comum - como também para devolução, pela própria pessoa usuária sem intermediação de profissionais de biblioteca), a tecnologia de identificação por radiofrequência (*Radio Frequency Identification* – RFID) e os *softwares* de gerenciamento, chamados na biblioteconomia de SAB.

O termo “sistema” pode ser compreendido como um mecanismo de ações coordenadas com intuito de reunir, rastrear, relacionar ou ordenar informações em complexos de dados aglomerados. A partir da expressão “automação de biblioteca”, enquanto ações programadas e automáticas, SAB pode ter os seguintes conceitos: *softwares* para bibliotecas que objetivam armazenar, organizar, tratar, localizar e compartilhar informações, além de auxiliar nos processos e serviços de gestão, controle e manutenção da biblioteca.

Os SABs também podem ser conceituados como sistemas de base de dados criados com o objetivo de auxiliar na execução de atividades essenciais da biblioteca. Outra definição é de ser um processo designado ao uso harmônico das tecnologias de *hardware*, *softwares* e seus periféricos na realização de atividades rotineiras, antes realizadas manualmente, profissionais de biblioteca (Ribeiro; Silva, 2019).

A automação de uma biblioteca, ou a substituição de sistemas, requer planejamentos e uma série de considerações antes da escolha de um SAB. É necessário verificar primeiro o que informam as políticas da instituição (e na sua inexistência, a criação destas) e a possibilidade ou necessidade de sua atualização para a realidade. Também é necessário conhecer o contexto organizacional, a capacidade técnica das pessoas, os recursos financeiros disponíveis e os tipos de materiais acessados local e/ou remotamente. Esse panorama permite delimitar o valor das despesas, observar a demanda por capacitação de pessoal e as condições técnicas e operacionais necessárias para aplicação dos recursos tecnológicos. Após a análise do cenário da instituição, avalia-se propriamente os paradigmas e os SAB disponíveis no mercado. Na avaliação é importante observar os SABs que se utilizam de determinados padrões para permitir uma melhor eficiência e dinamismo das equipes e de suas funções, além de interoperabilidade entre as tecnologias durante a importação e exportação de registros (Blattmann, 2010).

Desenvolvimento e assistência de SABs demandam domínios e conhecimentos técnicos singulares, os quais cabem citar: noções aprofundadas do funcionamento de máquinas e dispositivos eletrônicos; perícia em linguagens de programação; e reconhecimento do uso de formatos, padrões e protocolos internacionais. Na Biblioteconomia alguns padrões são essenciais no desenvolvimento e adoção de um SAB, sendo eles: Norma ISO 2709, que especifica os requisitos para o intercâmbio de registros bibliográficos; o formato *Machine Readable Cataloging* (MARC), que é um formato baseado na *Anglo-American Cataloguing Rules* (AACR) e elaborado pela *Library of Congress* (LC), profissionais de biblioteca e analistas de sistema para criar um repertório bibliográfico que permitisse intercâmbio de metadados entre instituições e catalogação de documentos em meio eletrônico; e o protocolo Z39.50, que é um conjunto de regulamentos e padrões de comunicação objetivado em permitir a intercomunicação entre computadores e um intercâmbio de informações com o menor risco de falhas ou perdas de dados. Também são considerados a *web* linguagem *eXtensible Markup Language* (XML) e os protocolos de comunicação e interoperabilidade *Hypertext Transfer Protocol* (HTTP) e *Open Archives*

Initiative Protocol for Metadata Harvesting (OAI-PMH) (Blattmann, 2010; Ramos-e-Côrte et al., 2002, p. 36; Ribeiro; Silva, 2019).

SAB LIVRE *KOHA*

No cenário das bibliotecas, um dos *softwares* livres que vem ganhando destaque nos últimos anos é o *Koha*. O seu lançamento data de janeiro de 2000, na Nova Zeilândia, pela empresa *Katipo Communications Ltd*. Primeiramente, o *Koha* foi planejado para a *Horowhenua Library Trust*, uma biblioteca escolar na Nova Zeilândia. Contudo, sua adoção foi expandida para outros países, em várias bibliotecas e centros de documentação no mundo, como é o caso das Filipinas e da Turquia, que adotaram o *software* em todas as suas bibliotecas públicas, além de estudos que mostraram resultados satisfatórios na adoção do sistema na Nigéria. O *Koha* atualmente atende todos os tipos de biblioteca, tendo sido procurado ao longo dos anos por empresas interessadas em modificar seu código-fonte para servir a seus propósitos internos. No Brasil, há relatos de adoção do *Koha* em bibliotecas públicas, universitárias, escolares (Schiessl et al., 2017; Schiessl; Shintaku, 2020) e, mais recentemente, em bibliotecas especializadas, segundo o observatório VISÃO do IBICT.

O *Koha* é um completo sistema de gestão de bibliotecas de paradigma livre (*open source*), operado totalmente pela Internet, ou seja, sem instalação nos computadores de uso, estando apenas em um servidor que possibilitará o acesso em rede por todos as demais estações. Sua licença de uso é o GPL2, que garante a sua livre distribuição e modificação. Periodicamente, atualizações são lançadas pelo *Koha Community*[12], "[...] um grupo de entusiastas formado por desenvolvedores, profissionais de biblioteca e por todas as pessoas interessadas no uso de sistemas de informação em bibliotecas e centros de documentação" (Schiessl et al., 2017, p. 20). São ofertadas novas funcionalidades e ferramentas, além do concerto de erros e *bugs* de forma gratuita.

Deve-se mencionar que o *Koha* é padronizado pela Norma ISO 2709 e pelo protocolo Z39.50, além de ser compatível com os formatos UNIMARC e MARC21, permitindo a migração da base de dados de outros sistemas que possuam algum desses formatos para o *Koha*. Para sistemas com formatos diferentes do MARC, o *Koha* também permite exportação e importação de dados a partir do uso de conversores. Para dúvidas e resoluções de problemas, o *Koha* conta com um ambiente *Wiki*[13] internacional, sendo a língua comum o inglês, e uma *Wiki*[14] e um fórum nacional (ambos do IBICT), que atendem todo Brasil e alguns países de língua portuguesa. O IBICT ainda oferta o *Guia do Usuário do Koha*[15], que apresenta diversas soluções para aspectos técnicos sobre o *software* (IBICT, 2021; Schiessl et al., 2017). O *Koha* conta com módulos para catalogação, aquisição, circulação de documentos, periódicos e controle pessoas usuárias (Quadro 1).

Quadro 1. Breve descrição dos módulos do *Koha*.

MÓDULO	DESCRIÇÃO
Usuários	Administra, cadastra, pesquisa, edita e exclui dados referentes às pessoas usuárias: preenchimento de cadastro e alteração de permissões das pessoas usuárias.

[12] Acesso: https://koha-community.org.

[13] Acesso: https://wiki.koha-community.org/wiki/Main_Page.

[14] Acesso: http://wiki.ibict.br/index.php/Página_principal.

[15] Acesso: https://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1064.

Aquisição	Gerencia os processos de seleção, avaliação, compra, doação e chegada de publicações: realiza encomendas de materiais; inclui novos registros para pedidos ou também realiza pedidos de itens em registros já existentes; permite o registro de pedidos por meio de sugestões; e efetua o recebimento de publicações e a geração de faturas pelo sistema.
Catalogação	Encarregado por todo o processo de descrição bibliográfica, correspondente ao processamento técnico: insere, consulta, edita e exclui registros bibliográficos e exemplares; permite combinação de registros; e realiza importação/exportação de registros de outras bibliotecas por meio do protocolo Z39.50.
Periódicos	Administra a chegada de assinaturas de publicações seriadas: realiza o cadastro dos fornecedores; efetua novas assinaturas; supervisiona a chegada de materiais e gerencia o recebimento de fascículos; encaminha automaticamente alertas de atraso na entrega aos fornecedores; etc.
Autoridades	Gere a entrada de termos controlados da catalogação, como autores, assuntos, remissivas entre outros: inserção automática (gerada pelo sistema ao realizar algum registro durante a catalogação) ou manual (gerada pelo catalogador dentro do módulo de autoridades); edita, unifica registros de autoridade duplicados e importa registros de autoridades por meio do protocolo Z39.50; e localiza termos já registrados.
Relatórios	Cria diversos tipos de relatórios com flexibilidade na escolha de campos e dados. Relatórios de: dados estatísticos; serviços às pessoas usuárias; dados sobre o catálogo; atividades de circulação de materiais; dados sobre acervo de periódicos; taxas sobre reservas de materiais; e elaboração de relatórios personalizados.
Ferramentas	Auxilia no gerenciamento de rotinas da biblioteca: circulação de materiais (empréstimos, devoluções, reservas etc.); gera listas de pessoas usuárias; configurações e elaboração de mensagens automáticas; agendamento de avisos e atrasos; criação de etiquetas (*tags*); elaboração e impressão de carteirinhas de pessoas usuárias; importação e exportação de registros bibliográficos, autoridades e exemplares; geração de lista de inventários; configurações de *templates* para o MARC; estabelecimento de dias de funcionamento da biblioteca, além de feriados, para contagem na devolução de itens; etc.
Administração	Responsável pelas configurações gerais do sistema e pela escolha de funcionalidades (que podem ser ativadas ou desabilitadas). Módulo de acesso e uso restrito às pessoas usuárias “superbibliotecárias” (*superlibrarian*). Principais funções de configuração e definição no sistema: prazos para devolução; funcionalidades disponíveis via Internet; multas por atraso; números de empréstimos simultâneos permitidos; telas que ficarão visíveis ás pessoas usuárias; criação ou execução de *plug-ins*; inclusão, edição ou exclusão de bibliotecas em redes; etc.
Circulação	Gerencia os serviços de atendimento ao público: efetua empréstimos, reservas, renovações e devoluções de exemplares; e permite a transferência de itens entre bibliotecas de uma rede (com alteração do *status* do material), funcionando de maneira conjunta com os módulos Usuários e Catalogação.

Fonte: Adaptado de Schiessl et al. (2017).

De forma geral, enxerga-se o *Koha* como sendo um sistema adaptável às necessidades e características de diferentes bibliotecas e instituições, sendo um sistema altamente flexível, “[...] capaz de adaptar-se e ajustar-se a uma variedade infinita de funcionalidades, tornando-se eficaz em modelar-se às mais variadas características encontradas em cada tipo de biblioteca” (Schiessl et al., 2017, p. 24). O Quadro 1 elenca, sucintamente, as principais funções dos nove módulos listados no *Guia do Usuário do Koha*, contudo sete módulos são apontados como básicos, sendo: Usuários; Aquisição; Catalogação; Relatórios; Ferramentas; Administração; e Circulação. No caso, “Autoridades” e “Periódicos” são encarados como módulos anexos aos módulos básicos “Catalogação” e “Aquisição”, tendo em vista que as funções dos primeiros podem ser atendidas por estes últimos.

Os benefícios proporcionados pelas SABs livres, como a possibilidade de isenção de custos com licenças de uso, fazem deste paradigma ser difundido em órgãos públicos, que fomentam esse uso. E com todas as funcionalidades que o *software* livre *Koha* fornece em

seus módulos para a gestão de bibliotecas, incluindo o seu funcionamento via Internet, padrões internacionais, atualizações periódicas, descrição bibliográfica, relatórios etc., o *software* se mostra convidativo às bibliotecas, especialmente de instituições públicas.

RESULTADOS

Contemplando o corpus da pesquisa, quatro profissionais de biblioteca, de três instituições distintas, responderam ao questionário. Não havendo qualquer restrição sobre a quantidade de profissionais de biblioteca por instituição que poderiam participar da pesquisa, na biblioteca do CADE, dois profissionais de biblioteca responderam ao instrumento de coleta de dados, enquanto as bibliotecas do INSS e da ENAP tiveram um respondente cada. O questionário constitui-se de 35 sentenças, organizadas em quatro seções: 1) perfil das pessoas pesquisadas; 2) adoção do *Koha* como SAB; 3) uso do *Koha*; e 4) opiniões/sugestões sobre o SAB estudado.

Sobre o perfil das pessoas pesquisadas, os quatro respondentes (100%) possuem **Graduação em Biblioteconomia**, sendo que três têm o **cargo** de profissionais de biblioteca e uma atua como auxiliar de biblioteca. A maioria pessoas pesquisadas (75%) atua em mais de um **setor**, enquanto apenas uma pessoa profissional de biblioteca assinalou uma única opção, respondendo trabalhar no setor de “Processos Técnicos”, ambiente assinalado por todas as participantes (Tabela 1). Em complemento, nenhum das pessoas profissionais de biblioteca acrescentou fazer parte de outro setor além dos mencionados na questão.

Tabela 1. Setor de trabalho na biblioteca.

SETOR	PORCENTAGEM
Processos técnicos	100%
Administração	50%
Circulação	50%
Desenvolvimento de coleções	50%
Gestão de biblioteca digital	50%
Conservação e restauração	00%

Fonte: Da pesquisa (2022).

Questionados se **usam *software* livre**, inclusive fora da biblioteca, três pesquisados (75%) responderam que “Sim”, enquanto um assinalou a opção “Não sei”. Porém, dos três que responderam “Sim”, ao serem solicitados que informassem qual *software* utilizam, todos citaram o “*Koha*”, sendo que um deles apontou outros mais: *DSpace*; *Omeka*; *Tematres*; *Open Journal Systems* (OJS); e *VuFind*.

Referente a **finalidade de adoção de *softwares* livres**, três informaram que utilizam o *Koha* (75%), sendo que dois alegaram que o *software* é usado para a gestão do acervo da biblioteca. Para a única pessoa da área de biblioteca que elencou plataformas além do *Koha*, as finalidades são as seguintes: o *DSpace* é utilizado para a Biblioteca Digital da Administração Pública da ENAP; o *Omeka* é utilizado para a Curadoria ENAP (exposições virtuais); o *Tematres* é usado como gerenciador de vocabulário controlado; o OJS gerencia a Revista do Serviço Público; e o VuFind é adotado como um sistema de interoperabilidade de bases de dados para busca e recuperação de documentos em diversos acervos.

A segunda seção contemplou perguntas relacionadas ao processo de adoção do *Koha* na biblioteca. Todos responderam que a **biblioteca utiliza *software* livre**. Ao serem solicitados que citassem quais são esses *softwares* e a finalidade de cada um, as respostas foram as mesmas anteriormente elencadas, ou seja, três (75%) profissionais de biblioteca mencionaram o *Koha*, sendo que um deles apresentou a lista maior. Quanto a finalidade, dois

pessoas profissionais de biblioteca citaram o *Koha*, utilizado para atividades de circulação de materiais e processamento técnico.

Sobre a **gestão da biblioteca antes do *Koha* ser implementado**, dois pesquisados (50%) informaram que o processamento de informações era feito manualmente por meio de fichas. Ambos também expuseram que, por um período, utilizaram planilhas no *Microsoft Excel* para registro de empréstimos. Outra pessoa profissional de biblioteca informou que antes era utilizado um programa elaborado pelo próprio setor de Tecnologia Informação (TI) do órgão, mas devido à falta de manutenção, acabou sendo desativado. No caso, essa biblioteca ficou sem um *software* por um longo tempo. Por fim, outro pesquisado relatou que a biblioteca utilizava o *software* PHL.

Referente a **escolha pelo *Koha* como SAB**, uma das duas pessoas pesquisadas da mesma instituição respondeu que a definição se deu por causa da sua experiência anterior com o software em outro órgão, enquanto o segundo não respondeu. Outra pessoa profissional de biblioteca relatou que a escolha ocorreu pelo acordo firmado entre IBICT e sua instituição, mas não mencionou detalhes. E a quarta pessoa profissional de biblioteca explicou que a escolha do *Koha* levou em consideração as diretrizes do Governo Federal sobre a preferência por *softwares open source*, por ser um SAB de grande interação com outros *softwares* e por trabalhar em rede com outras bibliotecas.

Sobre possíveis **dificuldades na instalação do *Koha* ou na adaptação dos funcionários ao novo sistema**, dois pesquisados (50%) responderam que não tiveram quaisquer dificuldades. Um dos que respondeu “Sim” alegou que a sua principal dificuldade se destina a manutenção do sistema. Ainda sobre dificuldades, examinando a ocorrência de **treinamento dos funcionários para a utilização do *Koha***, três pesquisados (75%) responderam que “Sim”, enquanto outro respondeu “Não sei”, considerando o seu tempo na instituição.

Em complemento ao fato de os profissionais de biblioteca terem, ou não, recebido treinamento, estimulou-se o interesse pela **suficiência** (qualidade da ação). Para dois pesquisados (50%), o treinamento “foi suficiente”. Por outro lado, outro pesquisado qualificou como “insuficiente” o treinamento fornecido pelo IBICT, como relatado no Quadro 2.

Quadro 2. Suficiência do treinamento para utilizar o *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA	JUSTIFICATIVA
1	Suficiente	Treinamento satisfatório. Foi ministrado pelo próprio profissional de biblioteca da instituição, que possui experiência anterior com o software em outro órgão.
2	Não sei	Não sabe. Não estava presente no órgão no período.
3	Insuficiente	Insatisfatório. Realizado antes da instalação do software (e esqueci muito do conteúdo que foi apresentado). Manual não intuitivo para profissional de biblioteca. Treinamento ministrado pelo IBICT.
4	Suficiente	Satisfatório tanto para a equipe da biblioteca quanto pela equipe de TI do órgão. Foi ministrado pelo IBICT.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Destinado a presença de uma **equipe técnica disponível para manutenções e customizações do *Koha*** (Quadro 3), dois (50%) pesquisados responderam que “Sim”, enquanto a outra metade assinalou “Não” possuir equipes do tipo. Em complemento, foi solicitado que as pessoas profissionais de biblioteca informassem por **quais profissionais essa equipe técnica é formada** (Quadro 3).

Quadro 3. Presença e composição de equipe técnica do *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA	PROFISSIONAIS DA EQUIPE
1	Possui	Equipe de TI e suporte.
2	Possui	Bibliotecários/as e técnicos/as em informática.
3	Não possui	Sem resposta.
4	Não possui	Na biblioteca não tem uma equipe específica para realizar manutenção ou customização. Algumas questões são resolvidas pelas próprias bibliotecárias. As demandas mais complexas de customização são enviadas para a TI [...].

Fonte: Da pesquisa (2022).

Conforme o Quadro 3, três bibliotecas participantes da pesquisa (75%) possuem uma equipe técnica que assiste o *Koha*, identificando os profissionais da TI como integrantes, porém observou-se que apenas o “respondente-2” apontou a presença de profissionais de biblioteca neste corpo técnico, em contraste a visão do “pesquisado-4” que não identificou uma equipe técnica específica na biblioteca, mas mencionou que são os profissionais de biblioteca os responsáveis pelo atendimento da maioria das demandas rotineiras, inferindo-se que sejam ações de processamento técnico, por exemplo. Também se ressalta que o “respondente-3”, que assinalou não possuir equipe de suporte (Quadro 3), é o mesmo que alegou ter dificuldades na manutenção do *software* e que o treinamento oferecido não foi suficiente (Quadro 2), respostas que, possivelmente, evidenciam a ausência de uma equipe de suporte em TI, fato que dificultou o trabalho dos profissionais de biblioteca da instituição no uso do *Koha* naquele momento.

A quarta seção intencionou conhecer o uso do *Koha* pelos profissionais de biblioteca. Referente a **versão do *Koha*** utilizada pelos profissionais de biblioteca, quatro foram citadas, sendo a variação 19.2 a mais nova entre as respostas: Não informou; versão 17.05.04.000; versão 19.05.04.000; e versão 19.2. Observando a data de realização da pesquisa, na época, a Comunidade *Koha* já havia atualizado o *software* para a versão 20.0555, o que mostra que metade das bibliotecas estava relativamente atualizada.

O pesquisado que não soube responder qual é a versão utilizada é o mesmo que informou (Quadro 3) não existir uma equipe de suporte em sua instituição, o que reforça a necessidade do apoio de profissionais de TI aos profissionais de biblioteca em atribuições consideradas técnicas, como atualização e manutenção do *software*.

Quanto ao **nível de satisfação** (Muito insatisfeito, Insatisfeito, Satisfeito, Muito satisfeito ou Não sei) alcançado pela troca do SAB anterior pelo *Koha*, a resposta foi unânime, ou seja, assinalaram a opção “Muito satisfeito”. As respostas apresentadas reforçam que, independentemente do meio anteriormente utilizado, como planilhas ou outros *softwares*, a mudança para o *Koha* foi considerada positiva. As justificativas sintetizam que o SAB em questão é de fácil uso, composto por uma variedade de recursos (Quadro 4).

Quadro 4. Nível de satisfação pela troca do SAB anterior pelo *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA	JUSTIFICATIVA

1	Muito satisfeito	Possui muitas funções e módulos, como etiquetagem e circulação, além de ser customizável.
2	Muito satisfeito	É mais intuitivo, de fácil adaptação e simples de usar, além de otimizar os serviços de sua biblioteca, o que gerou satisfação tanto pela equipe quanto pelas pessoas usuárias.
3	Muito satisfeito	A partir da experiência com outros softwares pagos, o Koha é um sistema bom e tão satisfatório quanto os anteriores.
4	Muito satisfeito	De fácil manutenção, fácil de usar e com muitos recursos.

Fonte: Da pesquisa (2022).

No quesito sobre as **funções desempenhadas na biblioteca a partir do *Koha*** (Tabela 2) foi possível observar que, em comparação com os dados da Tabela 1, mesmo alguns pesquisados pertencerem a determinado setor de atuação, eles não, necessariamente, operam funções correspondentes a este espaço. Na Tabela 1, dois profissionais de biblioteca informaram que atuam no setor de administração (recursos humanos, finanças, planejamento etc.), mas apenas um assinalou que exerce a função de administrador na Tabela 2. Ainda na Tabela 1, dois profissionais de biblioteca assinalaram que fazem parte do setor de desenvolvimento de coleções (seleção/aquisição), porém apenas um assinalou que realiza a função de aquisição de materiais (compra, permuta ou doação) na Tabela 2. Outro caso refere-se às duas pessoas pesquisadas que sinalizaram atuar no setor de circulação (referência/balcão de informações) conforme a Tabela 1, mas todos assinalaram que desempenham as funções de serviços de atendimento às pessoas usuárias (administração, cadastro, pesquisa, edição de dados das pessoas usuárias etc.) e empréstimo de documentos (reservas, renovações, devoluções etc.) segundo a Tabela 2. Todos os pesquisados assinalaram que pertencem ao setor de processamento técnico (catalogação/classificação/indexação) na Tabela 1, e informaram que desempenham esta função na Tabela 2, sendo, portanto, o único setor/espaço que representa compatibilidade integral entre as duas tabelas comparadas. Em suma, conforme a Tabela 2, todas as funções sugeridas são realizadas no *Koha*, sendo que “Atendimento ao usuário”, “Empréstimo de documentos”, “Geração de relatórios” e “Processamento Técnico” são contempladas por todos os pesquisados no uso do *Koha*.

Tabela 2. Funções da biblioteca realizadas pelo *Koha*.

FUNÇÃO	BIBLIOTECÁRIO/A				PORCENTAGEM
	1	2	3	4	
Atendimento ao usuário	SIM	SIM	SIM	SIM	100%
Empréstimo de documentos	SIM	SIM	SIM	SIM	100%
Geração de relatórios	SIM	SIM	SIM	SIM	100%
Processamento técnico	SIM	SIM	SIM	SIM	100%
Atendimento *online*	NÃO	NÃO	SIM	SIM	50%
Administração	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	25%
Aquisição de materiais	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	25%

Fonte: Da pesquisa (2022).

Quanto aos **níveis de satisfação com relação aos sete módulos do *Koha*** (Quadro 5), “Catalogação”, “Usuários”, “Ferramentas” e “Circulação” foram avaliados por todos os pesquisados. Enquanto três módulos receberam a classificação máxima (muito satisfatório), nenhum recebeu a menor (muito insatisfeito). Os maiores valores se concentram na classificação “Satisfeito”, sendo o módulo “Ferramentas” citado por todos. Embora os módulos “Circulação” e “Relatórios” estejam entre os classificados como “Satisfeito”, ambos receberam a menor classificação entre as três opções, ou seja, “Insatisfeito”.

Quadro 5. Nível de satisfação com os módulos do Koha[16].

MÓDULO	NÍVEL DE SATISFAÇÃO			
	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
Catalogação	00%	00%	75%	25%
Usuários	00%	00%	75%	25%
Administração	00%	00%	67%	33%
Ferramentas	00%	00%	100%	00%
Aquisição	00%	00%	100%	00%
Circulação	00%	25%	75%	00%
Relatórios	00%	33%	67%	00%

Fonte: Da pesquisa (2022).

Referente ao **nível de satisfação em relação às atualizações e meios de encontrar suporte e/ou solução de dúvidas fornecidos pelo IBICT e pelo *Koha***, dois (50%) profissionais de biblioteca assinalaram a opção “Satisfeito”, enquanto um marcou a opção “Muito satisfeito” e outro escolheu “Insatisfeito”. Justificando sua satisfação com as atualizações e suporte (Quadro 6), com exceção de um(a) profissional de biblioteca, os demais (75%) alegaram que a satisfação se deve a atuação nacional do IBICT e a comunidade internacional do próprio *Koha*, sendo uma característica de comunidades do tipo a atualização de *softwares* de maneira colaborativa.

Quadro 6. Nível de satisfação com atualizações e suporte pelo IBICT e pelo *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA	JUSTIFICATIVA
1	Insatisfeito	Sem resposta.
2	Muito satisfeito	Facilidade em se encontrar suporte para a utilização do Koha.
3	Satisfeito	Disponibilidade do IBICT em atender as nossas demandas.
4	Satisfeito	Solicitude do IBICT quando acionado e auxílio do Wiki do Koha, do manual online e da comunidade Koha.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Na quinta e última seção do questionário, sobre os pontos positivos e/ou negativos do *software* (Quadro 7), a partir de perguntas abertas (respostas subjetivas), observou-se que a incidência dos seguintes aspectos se deu no âmbito dos **pontos positivos**: intuitividade da plataforma; facilidade de navegação no *software*; e funcionalidades ofertadas pelo sistema.

Quadro 7. Pontos positivos do *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA
1	Customização de rotinas e fácil curva de aprendizado.
2	Plataforma intuitiva, funcionalidades que suprem as necessidades da biblioteca, como, envio de respostas automáticas, gerar relatórios personalizados, criar listas, receber sugestões de aquisições das pessoas usuárias entre outras.
3	Gosto pela apresentação, das funcionalidades que, em geral, são intuitivas, sendo possível ser manuseada por pessoas não profissionais de biblioteca.
4	Interoperabilidade com outros sistemas de informação, variedade de relatórios, fácil navegação, muitos recursos nos módulos e envio de mensagens automáticas para às pessoas usuárias.

[16] Os módulos Administração, Aquisição e Relatórios foram avaliados por três pesquisados, ou seja, não receberam respostas de todos os participantes.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Diferentemente das respostas da questão anterior (Quadro 7), os **pontos negativos** (Quadro 8) não possuem semelhanças entre si. Com exceção do "profissional de biblioteca-3", sugere-se que as dificuldades enfrentadas sejam pelas pessoas usuárias e não fatos provocados pelo *software*. Além da quantidade menor de negativas, ressalta-se a presença de uma resposta que não constata pontos desfavoráveis, apresentada pelo mesmo bibliotecário/a (4) que informou sua satisfação com a troca do SAB anterior pelo *Koha* (Quadro 4), com as atualizações e suporte ofertadas pelo IBICT (Quadro 6) e com os pontos positivos mencionados (Quadro 7).

Quadro 8. Pontos negativos do *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA
1	Arquitetura da Informação (AI) precária.
2	Ocorrência de instabilidades do sistema ocasionalmente, não recuperando o catálogo completo.
3	Partes do software não traduzidas, falta de treinamento sazonais, eventos nacionais etc.
4	Não identifico ponto negativo que valha a pena ser relatado.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Entre os pontos positivos e negativos, tendo características semelhanças no primeiro e individualidades no segundo, infere-se que um aspecto negativo, vivenciado por uma biblioteca, pode ter sido superado em outras, como é o caso da negativa "precariedade da AI", em contrapartida a afirmação "boa apresentação das interfaces". Constata-se também na insatisfação apresentada ao módulo "Relatórios" (Quadro 5) por um pesquisado e a declaração "variedade de relatórios" como ponto positivo por outro bibliotecário/a.

A última pergunta solicitou que os profissionais de biblioteca apresentassem **opiniões e/ou sugestões de melhorias para o uso do *software*** (Quadro 9). Mais uma vez, assim como ocorreu na questão anterior, as respostas foram diversas, além de estarem alinhadas às assertivas elencadas no Quadro 8.

Quadro 9. Sugestões de melhorias para o *Koha*.

BIBLIOTECÁRIO/A	RESPOSTA
1	Otimização da Arquitetura da Informação (AI).
2	Satisfação com o software, porém a opção de editar as mensagens automáticas poderia ser mais simples de utilizar.
3	Mais manuais voltados para o público da área de biblioteca, mais eventos como seminários sobre as atualizações, tradução de todos os módulos.
4	Estímulo a curiosidade profissionais de bibliotecapara explorar todo o software, pois só com a prática diária para conhecer todo o potencial do sistema.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Duas pessoas pesquisadas (2 e 4) expressaram satisfação com o *software*, enquanto três, incluindo o "profissional de biblioteca-2", sugeriram melhorias. As sugestões (Quadro 9), basicamente, respondem o Quadro 8, focando em: otimizar a AI; elaborar manuais do sistema voltados aos profissionais de biblioteca; e realizar mais eventos sobre atualizações do *Koha*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os dados coletados, todas as funções elencadas são realizadas nas bibliotecas via uso do *Koha* ao menos por um dos profissionais de biblioteca, sendo que uma pessoa participante informou que realiza todas as ações. As funções “Atendimento às pessoas usuárias”, “Empréstimo de documentos”, “Geração de relatórios” e “Processamento Técnico” são contempladas por todas as pessoas pesquisadas, enquanto “Administração” e “Aquisição de materiais” são as menos usadas, o que demostra um uso concentrado na organização dos acervos e no atendimento ao público.

No contexto das motivações que levaram à troca de *software* pelo *Koha*, destaca-se a diretriz do Governo Federal em priorizar programas *open source*, indicativo importante na escolha de um SAB em órgãos públicos, mesmo que, em alguns casos, não é um aspecto observado. Também se destaca que as justificativas se validam pela interação do *Koha* com outros *softwares* e pelo seu funcionamento em rede com outras bibliotecas, posto que os serviços oferecidos pelas unidades de informação, em contextos globalizados, necessitam de um SAB embasado em padrões que permitem comunicação e interoperabilidade. O apoio do IBICT e das comunidades *Koha* também devem ser mencionadas, uma contribuindo com treinamentos, enquanto as outras com atualizações técnicas e lançamentos. A importância dos treinamentos foi registrada pela maioria, que considerou as capacitações para usar o *Koha* suficientes, independentemente de quem as ministrou, mesmo diante da ausência de uma equipe de TI na biblioteca que dê suporte a dificuldades técnicas, ficando à cargo dos profissionais de biblioteca a alimentação e a organização do acervo.

Os resultados das questões sobre os módulos confirmam a aceitação positiva do *Koha*, pois a maioria dos profissionais de biblioteca está satisfeita com os módulos disponíveis, enquanto os módulos “Circulação” e “Relatórios” foram classificados como insatisfatórios ao menos por um profissional de biblioteca, o que pode relatar alguma carência no processo de empréstimos/devoluções e geração de diagnósticos. Essa carência ainda pode se relacionar a precariedade da AI dos módulos, sendo um ponto negativo e sugestivo mencionado pelo respondente que classificou os dois módulos anteriormente mencionados como insatisfatórios. Ainda, uma das pessoas pesquisadas apontou como sugestão simplificar a edição de mensagens automáticas, função correspondente ao módulo “Ferramentas”, o que pode justificar esse módulo não ter recebido, ao menos, uma classificação de “muito satisfeito”, como aconteceu com os módulos “Catalogação”, “Usuários” e “Administração”.

Com relação aos pontos positivos e negativos, identifica-se mais qualidades do que dificuldades. Enquanto as qualidades se aproximam nas respostas entre si, as dificuldades se mostraram únicas. Ao serem comparadas, especula-se que alguns problemas, apontados por um, seja mencionado como qualidade por outros, o que permite inferir sobre uma possível superação de adversidade a partir de customizações realizadas no *Koha*. São justamente esses problemas que fomentaram as sugestões apresentadas quanto ao aprimoramento das experiências de utilização do *software* pelas pessoas pesquisadas, concentradas na falta de treinamentos mais recorrentes e necessidade de mais eventos que demonstrem atualizações e modificações liberadas.

De acordo com as opiniões dos profissionais de biblioteca, conclui-se que o *Koha* é um software livre que viabiliza a execução de processos e serviços nas bibliotecas investigadas, com destaque para gestão do acervo, configurações de funcionalidades nos serviços de rotina, atendimento às pessoas usuárias e processamento técnico, fato que pode ser encarado como um incentivo para que as pessoas pesquisadas classifiquem a substituição dos sistemas antigos pelo *Koha* como muito satisfatória, enquanto o processo de empréstimos/devoluções, a geração de diagnósticos via relatórios e a manutenção do sistema

sejam os pontos de maior dificuldade, tendo customizações no *software*, treinamentos, produção de documentação voltada aos profissionais de biblioteca e suporte técnico como possíveis soluções.

É importante ressaltar a dificuldade de localizar bibliotecas no DF que utilizam o *Koha*, sendo três bibliotecas reveladas pelo Observatório VISÃO, o que influenciou diretamente no baixo quantitativo do *corpus* da pesquisa. Esta pesquisa não buscou esgotar o assunto, mas espera que incentive a realização de outros estudos, aprofundando o debate sobre a adoção de SABs em bibliotecas, especialmente do paradigma livre. Um passo futuro seria estudar as pessoas usuárias das bibliotecas quanto aos recursos e funções do *Koha*, e como melhorá-los. Outro anseio pessoal é ampliar esta investigação em nível nacional, considerando peculiaridades regionais que podem se apresentar, entre financeiros, tecnológicos e humanos.

REFERÊNCIAS

Blattmann, Ursula. (2010). *Informatização de bibliotecas*. CIN/CED/UFSC.

Capron, Harriet-Lois; Johnson, Jim. (2004). *Introdução à informática*. Pearson Prentice Hall.

Free Software Foundation (2021a). *Software livre é ainda mais importante agora. Tradução de Rafael Beraldo*. FSF, Massachusetts.

Free Software Foundation (2021b). *O que é o software livre?* Tradução de Rafael Beraldo. FSF, Massachusetts.

Freitas, Christiana-Soares-de. (2012). O software público brasileiro: novos modelos de cooperação econômica entre Estado e Sociedade Civil. *Informação & Sociedade: Estudos, 22(*2), pp. 99-113.

Ibict. (2021). Liveibict com Milton Shintaku, Ingrid Schiessl, Ítalo Barbosa Brasileiro e Tiago Marçal Murakami. Youtube, Brasília, 1 vídeo (110 min).

Ramos-e-Côrte, Adelaide; Muniz-de-Almeida, lèda; Gomes-Rocha, Eulina; Garrido-do-Lago, Wilma. (2022). *Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos: uma visão do cenário nacional*. Polis.

Ribeiro, Mariana-Ambrósio; Silva, Márcio-Bezerra-da. (2019). Sistemas de automação de bibliotecas: um estudo investigativo-literário*. Convergências em Ciência da Informação (ConCI)*, *2*(1), pp. 42-65.

Schaff, Adam. (1995). *A sociedade informática: as consequências sociais da segunda revolução industrial*. Editora Brasiliense.

Schiessl, Ingrid-Torres; Jesus, Jaqueline-Rodrigues-de; Macêdo, Diego-José; Shintaku, Milton; Santos, Priscila-Rodrigues-Dos; Murakami, Tiago-Rodrigo-Marçal. (2017). *Guia do usuário do Koha: libray system*.

Schiessl, Ingrid-Torres; SHINTAKU, Milton. (2020). O conhecimento sobre o software koha no Brasil pelos professores de biblioteconomia de cursos presenciais. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, *18*.

Silva, Márcio-Bezerra-da; Dias, Guilherme-Ataíde. (2010). O Sistema de Automação em Bibliotecas *OpenBIBLIO* aplicado à disciplina Automação em Bibliotecas. *Biblionline, 6,* pp. 53-71. 2010.

Silveira, Sergio-Amadeu-da. (2004). Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento. Fundação Perseu Abramo.

Stallman, Richard. (2009). Why “Open Source” misses the point of free software. *Communications of the ACM*, *52*(6), pp. 31-33.

Viana, Michelângelo-Mazzardo-Marques. (2016). Uma breve história da automação de bibliotecas universitárias no Brasil e algumas perspectivas futuras. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, *9*(1), pp. 43-86.

ELEMENTOS DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA NA PRODUÇÃO DA FOTOGRAFIA INSTITUCIONAL

Bruno Henrique Machado
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Telma Campanha de Carvalho Madio
Universidade Estadual Paulista

Vinicius Gustavo Franco
Universidade Estadual Paulista

Resumo: A gestão de documentos íntegra planejamento e gerenciamento da criação, racionalização, controle, avaliação, seleção, destinação e eliminação dos documentos de arquivo, dessa maneira, aborda todas as fases dos documentos para que exista um efetivo controle da produção documental. Isto posto, a geração do documento de arquivo é dividida em duas etapas: nasce de uma iniciativa, depois de uma deliberação (momento da ação) e, dessa deliberação o documento é produzido, implicando na escolha do tipo documental adequado. O objetivo deste trabalho é centrado no estudo e reconhecimento da linguagem fotográfica, destacando suas características intrínsecas e essenciais que poderão contribuir para o entendimento e assimilação da produção da fotografia Institucional nos procedimentos básicos da gestão de documentos. Para isso, adotamos a metodologia de análise teórica e elaboração conceitual que permita compreender a forma relacional com que a linguagem fotográfica, com seus elementos constitutivos, vincula-se à produção da fotografia institucional e pode oportunizar a definição de tipos documentais específicos para fotografia. Essas breves considerações a respeito da linguagem fotográfica na concepção da produção documental, tornou-se premente, pois as fotografias diferentemente dos demais documentos de arquivo que possuem uma forma discricionária para o tipo documental, a fotografia só será compreendida com a identificação do contexto de produção/geração no qual esse tipo documental fotográfico estará sendo produzido/gerado, pois fora deste contexto, volta-se a abordagem de nomeação dos elementos que constituem a imagem fotográfica em si. Ou seja, para que exista o tipo documental fotográfico é necessário ter um estatuto jurídico/administrativo, a compreensão da linguagem fotográfica, responsável pela técnica de registro e a nomeação do produtor. Ao apresentar alguns elementos da linguagem fotográfica, relevantes para a produção documental, dessa maneira foi elaborado um quadro que buscou demonstrar um modelo de como pode-se compreender a linguagem fotográfica, dessa maneira, foram definidas as fases: De pré-criação, que contém aspectos culturais e sociais; Elementos técnicos e Equipamentos; A criação, que envolve os elementos da composição, como por exemplo, Luz intensa, Sombras, cortes, contraste e desfoque; Consciência ao clicar do fotógrafo. E por fim, Edição, Ampliação e Interpretação de diferentes tamanhos e suportes; Manutenção do enquadramento; Maturação da edição; Diagramação; Acabamento especial e objetivos e resultados esperados. Acredita-se que com esses elementos foi demonstrado teoricamente a ação da linguagem fotográfica na produção deste documento. Para continuidade dessas reflexões, torna-se oportuno colocar o modelo proposto pensando e apresentando em uma realidade efetiva.

Palavras-Chave: Arquivologia; Gestão de documentos; Documento de arquivo; Fotografia

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho está centrado no estudo e reconhecimento da linguagem fotográfica, destacando suas características essenciais que poderão contribuir para o

entendimento e assimilação da produção da fotografia Institucional nos procedimentos básicos da gestão de documentos, em específico na produção documental.

No contexto histórico Schellenberg (2006) apontou que a produção de documentos de arquivos nos órgãos públicos ocorria de maneira exacerbada e propôs análises que os arquivistas deveriam antever para melhor eficiência e eficácia da gestão de documentos. A primeira questão apresentada pelo autor diz respeito à simplificação do funcionamento da instituição, otimização dos processos; a segunda é analisar toda as fases de uma determinada operação a fim de simplificar os métodos de trabalho, e por fim, com maior importância para o tratamento documental, analisar a rotina de documentação, que segundo o autor "[...] são passíveis de padronização, tanto no estilo quanto no conteúdo. Devido ao volume, o controle de tais papéis constitui um importante aspecto da administração de documentos correntes [...]". (Schellenberg, 2006, p. 78).

Rousseau e Couture (1998), afirmam que a produção de documentos dá origem aos arquivos das instituições, assim, o arquivista deve se atentar ao controle de criação dos documentos e preocupar-se também com a padronização das formas dos documentos. Além de, consequentemente, evitar a geração de documentos "inúteis", supérfluos e cópias. Percebe-se que a produção documental é o resultado das atividades institucionais que refletem as funções de modo que a instituição possa atingir sua missão.

Para compreender o contexto de produção de um documento "[...] exige conhecer a história do organismo produtor, abordando, principalmente, na perspectiva das funções e atividades por ele desenvolvidas na perspectiva da estrutura e funcionamento do organismo produtor." (Gonçalves, 1998, p. 20). Nesse sentido, os arquivos devem ser reveladores das atividades que efetivamente foram geridas e desenvolvidas pelas/nas instituições (Lopez, 1998). Pois "[...] nenhum documento de arquivo pode ser plenamente compreendido isoladamente e fora dos quadros gerais de sua produção ou, expresso de outra forma, sem o estabelecimento de seus vínculos orgânicos" (Gonçalves, 1998, p. 13).

A respeito, é necessário identificar durante do estudo da produção documental os vínculos arquivísticos de cada documento, o qual só passa a existir quando é criado ou quando é recebido e inserido em um fundo (seja pessoal ou institucional) que produziu ou recebeu o documento. Assim, um documento somente adquire o vínculo arquivístico pela qualificação determinada pela função (Duranti, 1997). Nas palavras de Lopes (1998), a estrutura administrativa é um reflexo das funções desenvolvidas pela entidade, então:

> [...] devemos entender a estrutura administrativa como efêmera, em contraposição à durabilidade e permanência das funções de cada entidade. Ainda é necessário atentar para o fato de que sempre existirão atividades informais, não contempladas na estrutura administrativa, sendo exercidas continuamente [...] (Lopes, 1998, p. 6).

A função se caracteriza pela totalidade de atividades que incide em um objetivo abstrato "generalizado"; já a competência está associada à autoridade e à capacidade de realizar uma determinada atividade diante de uma função (Duranti, 1990). O levantamento lógico das funções e atividades das instituições permitirá a classificação arquivística, e posteriormente, a elaboração do plano de classificação. Assim, conforme Sousa (2003) ressalta a importância da classificação do documento de arquivo como uma das primeiras atividades a ser realizada quando da produção de documentos. Atualmente, com a produção de documentos em Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos Digitais, (SIGAD) ou Sistema de negócios, o documento na sua produção já deve estar identificado e classificado, pois

> A classificação é uma função importante para a transparência e o compartilhamento de informações, que são caminhos seguros para a tomada de decisão, para a

> preservação da memória técnica e administrativa das organizações contemporâneas e para o pleno exercício da cidadania. Ela é uma atividade reconhecida, pela maior parte dos autores que tratam da questão, como matricial. Ela precede todas as outras atividades (Sousa, 2003, p. 240).

Assim, independente das atividades-meio ou fim, a classificação arquivística deve procurar sempre ser eficiente para garantir que a recuperação seja eficaz. Tendo em vista esta proposição, os estudos de produção de documentos relacionados aos estudos do tipo documental, conforme afirma Lopes (1998, p. 6) é “[...] capaz de assegurar, livre de ambiguidades e com um mínimo de subjetividade, a contextualização dos documentos de arquivo [...]” (Lopez, 1998, p. 6). Conforme Bellotto (2002, p. 19) o estudo da “[...] tipologia documental é a ampliação da Diplomática em direção à gênese documental, perseguindo a contextualização nas atribuições, competências.” Desse modo, a tipologia documental estudará os tipos documentais derivados da gênese documental.

O tipo documental é uma representação das características gerais do documento que é produzido no cumprimento de uma atividade. Nele são reunidos os aspectos externos de uma "formalidade" que é necessária para a consolidação de um ato, ou seja, administrativa ou jurídica, assim, o tipo documental se materializa na formalização do *conscriptio* (Vitoriano, 2012). Ainda conforme Vitoriano (2012), o tipo documental é um elemento essencial para a organização dos arquivos, pois é “[...] um modelo que permite reconhecer outros documentos de iguais características que são testemunho de uma ação ou ato determinado [...]” (Heredia Herrera, 2007, p. 45).

Dessa maneira, Lopez (1999, p. 72) afirma que “[....] o arranjo funcional seja pautado somentente pelas funções dos documentos, mas também pelas espécies documentais, isto é, um arranjo tipológico, requer o estabelecimento prévio de tipologias documentais específicas a cada modalidade de acervo, de acordo com sua própria natureza”.

Porém, esta padronização defendida pela espécie (a ideia do formulário a ser preenchido pela atividade) tem por base a Diplomática sob os aspectos da validação jurídica. Entretanto, quando relacionada a fotografia como documento de arquivo neste caso “[...] não se estabelecem padrões preestabelecidos [...]”, como os documentos de linguagem textual. (Lacerda, 2008). A autora faz alusão aos padrões jurídicos e legais, “[...] como não pertencem à categoria de documentos criados para representar ações com valor jurídico ou legal, não apresentam em suas formas externas e internas traços que as classificam de acordo com a natureza oficial compartilhada [...]” (Bellotto, 2002, p. 13-45)). Concordase com a afirmação de Lopez (2011) que colocar a fotografia como técnica de registro, desqualifica-a como espécie. Dessa maneira, o autor define “documento fotográfico” como espécie documental que, segunda ele, se nomeia pelo uso da técnica fotográfica associada ao gênero da imagem fotográfica.

> Nesta proposta, a organização arquivística dos documentos fotográficos procura estabelecer séries tipológicas, associando as diferentes funções de cada um dos titulares ao "documento fotográfico", considerando-o uma espécie documental, e identificando devidamente as diferentes formas de acontecer, ao longo da produção dos titulares (Lopez, 2011, p. 13 tradução nossa.)

Contudo, temos que ampliar essa questão, para além dos elementos formais de validação, pensando na gênese documental, com a contextualização das competências, funções e atividades da instituição, pois somente assim, poderemos compreender os documentos de arquivo como conjuntos orgânicos, para além dessa validação. Ou seja, “[...]

a produção de efeito está indissoluvelmente ligada à estrutura administrativa/jurídica, à autoridade do agente que executa a ação e a função que ele cumpre" (Vitoriano, 2012, p.112).

Por isso, não há como estudar a produção de documentos com metodologias estáticas, pois, até mesmo os tipos documentais não são estáticos, podem incorrer em mudanças significativas ao longo da existência da instituição, por isso, é imprescindível que o trabalho do arquivista estabeleça critérios para a organização. A dificuldade da nomeação na produção documental é a principal característica dos 'novos documentos' conforme menciona Delmas (2015) que inclui a fotografia, assim,

> Nesses casos, é necessário precisar a técnica pela função: a foto de identidade, foto antropométrica, tomemos o caso do telegrama. Ele é definido pela técnica que garante sua função de informação rápida e tem uma estrutura que lhe foi imposta pela técnica do momento de sua aparição, definida pelo nome de estilo telegráfico. Mas vemos bem que, ao fazê-lo, não fomos até o fim da definição diplomática, pois apenas indicamos o modo de transmissão. Deveríamos especificar, por exemplo, telegrama informativo, [...] Assim, para ser científica, a definição diplomática de um documento contemporâneo não pode ser, na maior parte dos casos, limitar-se a uma única palavra. Ela precisará ser uma expressão que concilie o estatuto jurídico, a função e a ação - e muitas vezes a natureza do suporte (Delmas, 2015. p. 45).

Ao analisarmos a produção fotográfica institucional, pessoas, setores e departamentos compartilham desta ação/situação, embora, a criatividade do registro esteja estreitamente relacionada ao fotógrafo. Ocorre um engendramento que "[...] vai desde a tomada de decisão da necessidade de documentar um fato, passando pelas discussões sobre como deverão ser produzidas, até o ponto em que são trabalhadas tendo em vista o produto final [...]" (Lacerda, 2008, p. 122).

A legal manifestação da vontade dos autores competentes é denominada de "complexidade de forças" por Schwartz (1995), cuja atividade gera o documento fotográfico. Além disso, amplia-se o propósito de transmissão, pois,

> [...] as fotografias são documentos, feitos por um testamento para um propósito, para transmitir uma mensagem para um público. Para entendê-las como produto de ações e transações, sejam burocráticas ou sócio-culturais, devemos devolvê-las à ação em que participaram. É o seu contexto funcional que transforma a imagem fotográfica em documentos de arquivo (Schwartz, 1995, p. 42 tradução nossa).

Este contexto possibilita à fotografia a chancela de documento de arquivo, já que não estamos analisando qualquer tipo de fotografia, mas sim, de "[...] uma imagem produzida de acordo com determinadas normas formais e procedimentos técnicos de caráter institucionalizado [...]" (Guerra, 2013, p. 154).

Para tanto, no contexto atual, ao identificar os autores que contribuíram para a elaboração desses documentos, devemos ter como preceito dois conceitos básicos: a responsabilidade, que diz respeito à capacidade de responder por um ato e a competência que é a faculdade de cumprir este ato. Isto inclui a relação com o sistema jurídico, sistema administrativo e processual da época onde se está inserido (Duranti, 1996).

Ainda assim, Duranti (1996) explica que as pessoas responsáveis pela produção documental, podem ser pessoas jurídicas e instituições, definidas por ela como o autor, pessoa competente para a criação do documento que é emitido sob sua ordem ou em seu nome (Duranti, 1996, p. 69). Além dele, há o destinatário "[...] pessoa ou pessoas para quem o documento está dirigido [...]" (Duranti, 1996, p. 70)." E o escritor, pessoa responsável pelo

teor da articulação do escrito, podendo coincidir com o autor. Tem que possuir *autoria delegada* para escrever o documento" (DurantiI, 1996, p. 70). Nestes termos, podemos relacionar o escritor ao fotógrafo, pois, possui cabedal sobre a "escrita" do documento visual, ou melhor, possui conhecimento sobre a linguagem fotográfica. Conforme Heredia Herrera (2013, p. 30 tradução nossa)

> Os produtores de documentos podem ser reconhecidos por um ou mais autores. mas não percamos de vista uma certa nuance: o autor de um documento não é igual ao autor de um romance, certamente aquele é responsável por um conteúdo que já está determinado, o que não é o caso deste último, que tem absoluta liberdade para criar o conteúdo.

Lacerda (2008, p. 126) argumenta que ele [fotógrafo] possui a autoridade para escrever o documento por deter o conhecimento técnico desse tipo de imagem, conhece as formas de composição e, por isso, possui função única no processo. O fotógrafo é normalmente indicado como o autor, e único responsável pela tomada de decisão para a criação da fotografia. Ademais, quando se trata de fotografia institucional sua atividade deve ser verificada em vista do que foi apresentado por Duranti (1996) ao elencar os fundamentos da Diplomática. Sendo assim,

> Do ponto de vista da Diplomática a autoria da fotografia seja do órgão ou entidade, e que juridicamente este/a detenha o direito patrimonial sobre a fotografia, o fotógrafo é considerado autor do ponto de vista da obra artística e detém o direito moral sobre esta. (Resolução, 2020. ….).

Ao depender do ambiente institucional, podemos encontrar estruturas com mais complexidade, ou até mais simplista, porém, o intuito é investigar as diferentes pessoas responsáveis pela geração do documento, pois, somente dessa maneira será possível identificar e distingui-las no processo de produção documental.

Em nossa análise estamos a pensar no estudo da produção da fotografia, ou seja, na sua gênese orgânica, já "[...] os arquivos [documentos] devem ser reveladores das atividades efetivamente desenvolvidas pelas instituições (ou pessoas) ao longo da sua existência [...]" desse modo, os elementos informais (ao lado dos normativos) como único meio de inserir corretamente os documentos em seu contexto de produção (Lopez, 1999, p. 78).

Mas como já mencionado, as particularidades da fotografia envolve muitas nuances dentre algumas delas, talvez a mais significativa, seja a questão do índice, pelo qual cultua-se o objeto referente, ao invés do conhecimento difuso que são os elementos formadores e materializados no documento, porém, a fotografia é consubstanciada pelos elementos da linguagem fotográfica, muitas vezes desconhecidos e ignorados, prevalecendo o efeito de "verdade" Pensando no ambiente institucional, esta relação é complementar ao processo documental, pois, consideramos que "[...] a evidenciação contextualizada da fotografia junto à gama de funções e atividades da instituição produtora/acumuladora, e que compreende a imagem registrada em si, como indício que agrega e complementa esse processo documental [...]" (Machado, Semidão, Madio, 2021, p. 562). Em suma, o processo de evidenciação retornará a atividade que deu início a criação da fotografia com a constituição dos elementos vinculados à imagem. Portanto, é inerente pensar a missão do fotógrafo como agente que cria a fotografia institucional como documento.

LINGUAGEM FOTOGRÁFICA: UMA INTRODUÇÃO

Ao iniciar mencionamos que o campo do conhecimento que tem por estudo a linguagem visual, linguagem e fotografia estão associadas a grande área da comunicação, semiótica, design e informação. A esse respeito, procuramos apresentar como a linguagem fotográfica é constituída e o seu objetivo na construção desse documento - a fotografia.

Além disso, “a fotografia supera a simples visão histórica de um invento que registra a luz, para se tornar uma aparelho social de produção e reprodução de linguagens” (Shimoda, 2009, p. 12). Sob a mesma problematização, Bauret (2006, p.10) conclui que a fotografia não é uma mera produção de imagens ingênuas, mecânica ou casual, mas sim, uma “linguagem relativamente estruturada nas suas formas e significados" e pela sua trajetória histórica foi progressivamente enriquecida. Nesse sentido, é impossível não relacionar esse processo histórico a reprodutibilidade técnica, massificação dos produtos culturais que inclui a fotografia, embora, no cerne de qualquer mediação esteja a linguagem, pois mesmo que ela se apresente de maneira mental, ela estará sempre materializada. (Santaella, 2005). Nesse sentido, a fotografia é uma tecnologia que deve ser compreendida como resultado do desenvolvimento do conhecimento científico, pois foi criada e produzida pela imaginação e pela tecnologia. (Shimoda, 2009).

A fotografia nos apresenta um código visual ‘novo’ “as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar.” Além disso, constituem uma gramática, e mais importante ainda, uma ética do ver. (Sontag, 2004, p. 13). Além disso, com a fotografia, criar não é mais fabricar, mas escolher, ou melhor, enquadrar. Ai, dessa maneira, as modalidades da escolha estética estão redefinidas” (Rouille, 2008, p. 296). Pois, como linguagem, “a fotografia deve ser apreendida como comunicação que utiliza superfícies codificadas para transmitir discursos que visam o convencimento social, como base em um ponto de vista.” (Shimoda, 2009, p. 14).

Nesse sentido, "A reflexão sobre o fazer fotográfico, porém, é mais rara, porque depende de matéria-prima advinda da experiência do fotógrafo, que, por natureza, é geralmente pouco propenso ao discurso escrito.” (Guran, 2002, p. 9). O ato fotográfico admite que o fotógrafo precisa definir parâmetros mínimos pensando nesta cisão do tempo e espaço que é resumida naquele instante pela exposição fotosensível ou do sensor que gerará o produto fotográfico, com a estética, ideologia, suporte e informação. Lembrando Dubois (2012, p. 40) “A caixa preta fotográfica não é um agente reprodutor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados. Ao mesmo modo que a língua, é um problema de convenção e um instrumento de análise e interpretação do real.” Contudo, Sontag (2004) critica a ausência de pesquisa em torno do tema, ao afirmar que

> A linguagem em que, em geral, se avaliam fotos é extremamente pobre. Às vezes, é parasitária em relação ao vocabulário da pintura: composição, luz etc. Mais frequentemente, consiste nos tipos mais vagos de julgamento, como quando se elogiam fotos por serem sutis, interessantes, fortes, complexas, simples ou – uma das favoritas – enganosamente simples. O motivo por que a linguagem é pobre não é acidental: trata-se da ausência de uma rica tradição de crítica fotográfica. Isso é algo inerente à fotografia, sempre que é vista como arte. A fotografia propõe um processo de imaginação e um apelo ao gosto totalmente distintos daqueles que a pintura propõe (ao menos como é concebida tradicionalmente). (Sontag, 2004, p. 154)

No argumento da autora, observa-se que as discussões sobre uma linguagem fotográfica e a crítica da produção fotográfica são incipientes, levando em consideração a produção cinematográfica, que foi criada posteriormente à fotografia. O livro de Sontag foi publicado na década 1970, porém, a crítica ainda é latente. Ainda mais com o advento da fotografia digital que estabeleceu um método baseado na unidade de *pixel*, para o

processamento desta mensagem fotográfica. Que a *grosso modo*, permitiu alterar a dinâmica do processo de produção, distribuição e consumo de imagem fotográfica." (Shimoda, 2009). Ou seja, abre-se uma nova perspectiva de produção, transmissão e consumo da imagem fotográfica. Embora, suas bases de construção estejam ainda na constituição da linguagem fotográfica. Para fundamentar a próxima seção temos por base as obras teorias de Lima (1988); Guran (2002) Sousa (2002) e Präkel (2012). Nestas obras os autores mencionados compreendem a linguagem fotográfica como ferramenta de comunicação, (emissor, canal - mensagem- receptor) ou seja, estarão sempre a disposição de um determinado objetivo. Nesse sentido, estabelecemos esta predisposição para uma atividade administrativa institucionalizada.

Elementos da linguagem fotográfica

Como já mencionado, as pesquisas desenvolvidas sobre o tema são pontuais, não sendo em linhas gerais um *mainstream* da pesquisa sobre fotografia. Analogamente a isso, a fotografia "como qualquer outra atividade criadora, tem que responder a duas questões básicas que definem o conteúdo e a forma de sua produção: o que fazer e como fazer." (Guran, 2002, p. 10). Por sua vez, Lima (1988) alude sobre a ausência de pesquisas sobre o tema, e deixando claro que "alguns profissionais que trabalham com comunicação em nosso país detêm conhecimento limitado sobre as características e sobre a linguagem dos meios visuais" (Lima, 1988, p. 13). Além disso, em sua obra procura aprofundar a relação entre linguagem fotográfica e raciocínio sobre a sua recepção. Nestes termos, afirma que "O emissor se utiliza de uma linguagem fotográfica para se exprimir e o receptor faz uma leitura e uma interpretação da imagem produzida pela fotografia." Para o autor, a leitura realizada da imagem fotográfica é 'apreendida' e interpretada por uma pessoa que depende do saber cultural para poder interpretá-la, por isso, a importância da "ênfase da leitura de fotografias, deixando outros indicativos da interpretação insinuados e ressaltados."

Lima (1988, p. 21) recorre à psicologia *Gestalt* para descrever os aspectos visuais implícitos e explícitos na composição fotográfica, nesta perspectiva, é apresentado as estruturas da imagem fotográfica, pela geometria (estática e simétrica) e pela perceptual (dinâmica, particularizada e orgânica). Não apenas, o autor também se refere à relação de forma e conteúdo de maneira a organizar seu raciocínio metodológico. Destaca os elementos da composição: a simetria, equilíbrios visuais, centralização e descentralização, propõe uma hierarquia entre esses elementos visuais (vivos, móveis e fixos); além da divisão áurea (proporções harmônicas), formato e os elementos básicos: ponto, linhas, planos e contraste. Na sua obra é explicitado que esses elementos estão inseridos na prática fotográfica. Tais elementos fazem referência à pintura, a linguagem visual.

Guran (2002) apresenta a linguagem fotográfica sob os alhures da *práxis*. Elenca que trata-se de um olhar da criação da fotografia pelo seu agente criador, que é constituída por elementos técnicos tais como: fotografia preto e branco e colorida; composição; enquadramento; luz; foco, diafragma e velocidade; objetivas, filme (lembrando que a publicação de 2002 do autor é derivada da dissertação de 1991, por isso, a menção a filme fotográfico); revelação e reprodução (cópia) e por elemento não técnico - o momento, o instante. (Guran, 2002).

Ainda na afirmação de Guran (1992, p. 19) sobre a composição, o mesmo afirma que "é resultado da harmonização de diversos fatores de ordem técnica e de conteúdo, constituindo, na essência, o pleno exercício da linguagem fotográfica" com o objetivo de

“destacar o essencial”. Igualmente apresenta o processo de ampliação como integrante da linguagem fotográfica, lembrando que atualmente podemos incluir nesta discussão as edições realizadas por s*oftwares* em fotografia digitais.

> É evidente que se trata de uma linguagem e de um processo de criação extremamente complexos, razão pela qual é enorme a distância que separa o ato de operar um equipamento fotográfico – sobretudo quando se trata das modernas câmeras automatizadas, de operação muito fácil – da utilização maximizada desta técnica por quem domine a linguagem fotográfica. Pelo menos tão grande quanto a distância existente entre a expressão de um sentimento por quem saiba apenas falar e esse mesmo sentimento expresso por um poeta (Guran, 2002, p. 16)

Assim, existiriam etapas posteriores ao registro do fotógrafo que também interferem no conteúdo da imagem fotográfica além das etapas mencionadas anteriormente. Propõe um “inventário dos instrumentos de construção da linguagem” e detalha cada elemento identificado a partir de explicações técnicas sobre seus respectivos usos, eventualmente comentando resultados visuais referentes às escolhas do fotógrafo. (Juchem, 2018, p. 63).

Ainda na seara do fotojornalismo, Souza (2002) apresenta a trajetória da prática profissional ao abordar esse gênero como suas práticas profissionais. Não foge dos autores já citados, mas inicia a discussão sobre os tipos de câmera fotográficas, lentes as objetivas, ajustes técnicos e acessórios específicos da atuação do fotojornalismo. A respeito da linguagem fotográfica, exemplifica alguns detalhes para “dar sentido” à mensagem fotojornalística que são nomeados pelo autor como específicos da linguagem fotográfica. Segundo Sousa,

> Antes de vermos, em pormenor, alguns elementos que contribuem para dar sentido à mensagem fotojornalística, é relevante enfatizar a ideia de que toda a regra de expressão no jornalismo fotográfico pode ser violada quando a intenção é clarificar a mensagem. Mas antes de se violarem as regras é preciso conhecê-las. (Sousa, 2002, p. 65)

Dessa maneira apresenta os elementos específicos da linguagem fotográfica, Sousa (2002, p. 65-88):

> Texto que segundo o autor não existe fotojornalismo sem texto (chamar a atenção);
> Enquadramento que “corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia;
> Os Planos, ou seja “a fotografia é uma unidade de significação precisamente porque se consubstancia num plano” entre os mencionados estão os: Planos gerais; Planos de conjunto: Plano médio; Grande plano; Plano normal; Plano picado; Plano contrapicado;
> Composição que consiste "transmissão de uma ideia ou de uma sensação” além de ser “a forma mais comum de compor uma fotografia é colocar o motivo no centro” o foco da atenção da imagem; relações figura-fundo; equilíbrio e desequilíbrio; “De alguma forma, a composição é instintiva.”
> Elementos morfológicos (grão, massa ou mancha, pontos, linhas, textura, padrão, cor e configuração);
> Profundidade de campo, movimento, iluminação;
> Lei do agrupamento inclui *Gestalt*;
> Semelhança e contraste de conteúdos;
> Relação espaço-tempo;
> Processos de conotação fotográfica barthesianos que o autor inclui: Truncagem consiste na introdução, modificação ou supressão de elementos numa fotografia; Pose, elementos passíveis de outorga determinados sentidos à imagem fotográfica, pois favorecem a construção e a reformulação de ideias sobre as pessoas fotograficamente representadas; Objetos, Fotogenia a própria fotografia pode ser “embelezada” pelas técnicas de impressão e de processamento; Esteticismo, processo de conotação que consiste na exploração estética da fotografia ao ponto de

> ela se assemelha à pintura. Sintaxe, isto é, à disposição orientada e significante das fotografias.
> Distância e sinalização

Ainda apresenta um ponto de vista estrutural, mecânico por essência, além de apresentar as relações de causa e efeito de todo o processo. Além disso, detalha a linguagem fotográfica sob a potencialidade de estruturar a imagem fotográfica. Contudo, evidencia-se que imagem fotográfica não pode ser suficientemente 'só' ademais, apresenta aspectos limitadores que estão inseridos em elementos básicos constitutivos. A eademais, apresental (2010) afirma que para compreender o fenômeno - fotográfico é fundamental, compreender os elementos da composição, segundo o autor:

> [...] o que é fotografia? O melhor caminho para compreender a fotografia é entendê-la como uma linguagem com vocabulário e gramática próprios.[...] O modo como as "palavras" funcionam juntas para proporcionar descrições compreensíveis e significativas pertence ao âmbito da composição. Para que não seja mera combinação de palavras, a linguagem deve dizer respeito a alguma coisa. Você pode escrever uma frase gramaticalmente correta, mas que não tenha sentido: "As alcachofras evitam cães cáusticos". Da mesma maneira, é possível compor imagens que não signifiquem nada. O que dá sentido à fotografia e a provê de mensagem é a intenção do fotógrafo. (Präkel, 2010, p. 31, tradução nossa).

Os elementos apresentados pelo autor são: o enquadramento, do tridimensional para duas dimensões; do dinâmico para estático; o foco; profundidade de campo; abertura da lente; e por fim, cores ou preto e branco Präkel (2010). O autor utiliza-se da estratégia de exemplificação da linguagem verbal para justificar sua estrutura basilar de raciocínio.

Esta abordagem se aproxima da já apresentada de Guran (1992, 2002). Porém, a composição não é só conteúdo geométrico, uma imagem fotográfica deve incluir o conteúdo dentro do enquadramento, ali se encontra o sentido, a mensagem, o vocabulário, a gramática. Um exemplo apresentado em sua obra, surge de maneira de pergunta: quando você apresenta uma fotografia para seus amigos, eles entendem a mensagem? Pense todas as vezes que esse seu amigo apresentou fotografias, ele teve que explicar? (Präkel, 2010).

Se você, tiver respostas positivas sobre estas perguntas, a composição não funcionou, por via de dúvidas, é sabido que essa afirmação pode ser confrontada com outras abordagens como: receptor da imagem (aspectos culturais e sociais) local, contexto, etc., porém, para a linguagem fotográfica, é um incremento *sui generis*. Isso significa que para criar imagens você precisa ser capaz de lê-las. Segundo o argumento do autor.

> Composição significa o modo como colocamos tudo junto. Quando a referência é um texto, fala-se naturalmente em composição. Ao falar de composição fotográfica, as pessoas naturalmente mencionam a disposição geométrica precisa dos elementos dentro do enquadramento, e poucas vezes se referem ao conteúdo da imagem. É como falar de uma história e discutir sua gramática e vocabulário, mas sem mencionar a trama nem os personagens. Você tem que olhar para trás, onde a fotografia começa. Tudo começa com a intenção do fotógrafo. Uma forte fotografia começa com uma seleção de assunto para uma razão. Em seguida, vem o ponto de vista e técnico considerações fotográficas, seguidas das considerações 'linguísticas' da imagem, que transmitem seu significado em uma linguagem clara e precisa para o visualizador. Composição é o processo que coloca todos esses juntos para criar um todo visual coerente. (Präkel, 2010, p. 33 tradução nossa)

A tese defendida por Präkel (2010) é de que é preciso ter uma alfabetização visual com fluência na linguagem da imagem fotográfica é semelhante à fluência em qualquer língua

falada, você tem que usar o idioma regularmente para se tornar competente e confiante na sua utilização. Argumento pelo qual concordamos, não adianta querer um olhar crítico sobre uma produção fotográfica, se não tivermos o mínimo de conhecimento sobre como esta fotografia se constitui. A esse respeito o autor apresenta os elementos que constituem a linguagem técnica Präkel (2010, p.56).

> *Blur* (Desfoque) movimento resulta no movimento da câmera ou do assunto;
> *Colour cas*t (Elenco de cor) mudanças das cores;
> *Contrast/gamma* (Contraste);
> *Depth of field* (Profundidade de campo) Profundidade das mudanças no campo com abertura de lente, formato e distância de foco;
> *Exposure* (Exposição) quantidade total de luz permitido cair no filme ou no sensor na câmera; o ato de tomar uma fotografia;
> *Focus (Foco);*
> *Format/aspect rati*o (Formato/proporção) fotografia: formato médio (MF), grande formato (LF) e miniatura formato;
> HDR (High Dynamic Range imagery) uma técnica usada para superar a dinâmica limitada gama de sistemas de câmeras para criar imagens que correspondem mais de perto percepção humana das sombras e destaques;
> *Lenses* (Lentes) as lentes são comumente descritas por seu ângulo de visão, que se relaciona com seu comprimento focal.
> *Negative/positive* (Negativo / positivo)
> *Perspective and viewpoint* O ponto de vista é o único ponto tridimensional espaço onde a câmera é colocada, o que determina essa perspectiva.
> *Plane of focu*s Plano de foco - plano imaginário que corta o assunto onde a lente está focada
> *Sharpness (*Nitidez) - termo subjetivo combinando as idéias de resolução e acutância. Resolução é como muitos detalhes ou informações lá está em uma imagem enquanto a acutância é como corretamente as bordas são manuseadas
> *Speed* (Velocidade)
> *Stops* (Parar) uma redução para metade ou o dobro de luz que pode estar relacionada à abertura, velocidade do obturador, luminância (luz de uma lâmpada de estúdio) ou mesmo sensibilidade. ``Parar'' é a linguagem da fotografia.
> *Tonality* (Tonalidade) - qualidade tonal, relativos à gama de tons usado em uma imagem.
> *View camera* (‘olhar’ a câmera)
> *Warm/cool* (Quente / frio) - mudanças na cor temperatura longe do neutro branco luz do dia.

Deixa exposto suas convicções ao enfatizar que não existe linguagem fotográfica sem os elementos formais da composição, sendo eles tonalidade, qualidade da luz, espaço, textura, cor, ponto de vista e perspectiva, seleção e composição, controles da câmera (obturador e diafragma) e iluminação (Präkel, 2010).

Condiz com Guran (1992, 2002) ao afirmar que a composição é um elemento de linguagem fotográfica que inclui os respectivos elementos: enquadramento, luz, foco, lentes objetivas, momento do *click*, filmes e cor ou PB.

Outra obra que aborda o tema em específico é intitulada “*Los lenguajes de la Fotografía*” de Mario Spallanzani (2010), nele o autor defende que a linguagem fotográfica está no campo das artes plásticas. Além disso, procurou apresentar as especificidades e possibilidades da linguagem fotográfica ao propor uma abordagem sistêmica. Embora, percebe-se que sua analise recai sobre as abordagens apresentadas por Lima (1988) sobre a teoria *Gestalt,* dessa maneira utiliza-se da linguagem da forma e de Guran (1992, 2002) sobre os aparatos técnicos da produção da prática fotográfica. Ademais esclarece a diferença entre a linguagem fotográfica e a linguagens pictóricas, para o autor

> A forma de captar a imagem é decisiva nas diferenças da linguagem fotográfica em relação às linguagens pictóricas. Aderindo, por um lado, ao que podemos considerar restrições: condiciona o grau de liberdade com que podem agir fotógrafos na estruturação formal de seus trabalhos. Refine as configurações de repertórios icônicos, concentrando-se em imagens especificamente análogas a seus referentes naturais e suas manipulações de acordo com distorções topológicas limitadas. E minimiza os sinais dos gestos envolvidos na formação do local de construção. (Spallanzani, 2010, p.86-87 tradução nossa)

A relação apresentada por Spallanzani relaciona-se com o conceito de reprodutibilidade técnica apresentado por Benjamin (1996) e também o conceito de linguagem de Santaella (1996) ao afirmar que a fotografia fez por ampliar a linguagem; E claro, aponta uma tendência restritiva da linguagem fotográfica ao afirmar que os fotógrafos estão condicionados a graus de liberdade, aqui infere-se sob o objeto em análise deste trabalho que fotografia em ambiente institucional está condicionada pelo discurso institucional, conforme afirma Tagg (2005).

Spallanzani (2010), apresenta três aspectos que devem ser relacionados à geração da fotografia, nomeada pelo autor como obra, sendo eles a captura quase instantânea da imagem; o controle de todos os parâmetros de ajuste visual e cromático, destaca que eles tornaram possíveis os programas de processamento de imagem digital; e por fim, a interferência quase nula do fotógrafo na definição do suporte final que materializa suas obras. Isto posto, o autor apresenta o elementos da linguagem fotográfica, apresentando aspectos técnicos e de composição da informação fotográfica (Spallanzani, 2010, p. 39-47).

> Simplicidad y complejidad (simplicidade e complexidade): Diferentes graus de complexidade implicam diferentes modalidades de orden; As ideias de simplicidade e complexidade carregam um componente estético e filosófico, referem-se a ideais estéticos ou concepções de mundo;
> Ejes (eixos) para visualização da câmera fotográfica; Viradas para cima do ponto de vista; O icônico centro de interesse da obra, que geralmente coincide com o centro formal da composição
> Simetría (Simetria) A simetria pode ser geometricamente estrita ou, mais do que de acordo com as ideias vitruvianas, ponderadas, com base na ideia Saldo.
> Ritmo (Ritmo) Atividades produtivas em escala industrial implicitamente seus próprios esquemas organizacionais de racionalidade que são incorporados em distribuições seriais no espaço, em sequências rítmicas.
> Relaciones Proporcionales (Relações Proporcionais); A busca de um nível de coerência na percepção da obra, estabelecendo uma ordem abstrata nas relações de dimensão entre suas partes ou elementos levou à formulação de diferentes teorias de proporção.
> Luz e Cor;

O autor também inclui uma abordagem que vincula a mensagem com o que se deseja transmitir, desse modo:

> (Descripciones y Metáforas) Descrições e Metáforas: Na descrição a congruência analógica estende-se às relações de contiguidade espacial ou sucessão temporal entre as imagens de uma obra.
> Geometría Y Naturaleza (Geometria e Natureza) Na fotografia, dado o modo de geração de suas imagens, a referência à geometria de seus signos icônicos só pode ocorrer em segundo plano. O olhar da câmera pode se concentrar em mostrar o suporte geométrico subjacente no assunto.
> Específico Y Genérico (Específicos e Genéricos) As câmeras fotográficas são projetadas de forma que na sua forma usual de utilização alcancem imagens com muito boa definição, condição que torna sua capacidade potencial de gerar configurações icônicas que tendem a ser específicas.

> Estilización Y Expresión (Estilização e Expressão) A polaridade estilização / expressão está associada à valorização estética da imagem, atende à forma como os signos icônicos são representados, às distorções que os padrões de formalização e expressão induzem a partir das ideias de formação artística.
> La Belleza Del Motivo (A Beleza do Motivo) Um tema antigo nas discussões da estética das artes representativas, principalmente quando estas se propõem a reproduzir fiel à natureza, vale como proposta transferência artística das qualidades do motivo como qualidades do trabalho.
> Espacio (Espaço) A ótica da câmera é projetada para capturar imagens em uma projeção em perspectiva cujo ângulo de visão pode ser ajustado para enfatizar ou atenuar a sensação de profundidade.
> Tempo e Movimento.

Ao término de seu livro, Spallanzani (2010) apresenta uma constatação, estamos ainda envolvidos por um analfabetismo visual, em particular da imagem fotográfica. Além disso, argumenta que é um processo lento. Nesse sentido,

> A linguagem fotográfica tornou-se universal para atingir uma gama semelhante à de linguagem literária e como nesta, todos manejam seus códigos, muito menos a eles fazem com solvência e muito poucos com criatividade. Mas enquanto a expansão escrever leva um processo de séculos de penetração nas sociedades, sustentada por anos de aprendizado de sua gestão na educação formal, a disseminação a fotografia de massa está acontecendo em alguns anos e em um contexto analfabetismo generalizado no uso de linguagens de imagem em geral e particularmente da imagem fotográfica. (Spallanzani, 2010, p. 90 tradução nossa).

A linguagem fotográfica é constituída de elementos relacionados à tecnologia e elementos de composição da imagem e este processo é definido na materialidade do registro, seja ele no filme ou *chip* que é executado pelo autor, o fotógrafo.

Assim, a linguagem fotográfica apresenta níveis morfológicos, abordagem da fisicalidade, nível sintático de organização dos elementos visuais, além do tempo e espaço e o nível da semântica, ou seja do sentido (Juchem, 2018). Cabendo um destaque para este agente produtor da fotografia, o fotógrafo. Entretanto, não estaremos discutindo a recepção da mensagem fotográfica nem a subjetividade do fotógrafo, mas sim, seu papel em uma situação que seu registro está associado a uma atividade estritamente pessoal ou institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levantou-se diversas questões teóricas, tanto na definição do documento de arquivo como no fazer fotográfico. Contudo, acreditamos e defendemos a articulação interdisciplinar entre a linguagem fotográfica e a produção documental. Dito isto, ao iniciar essas breves considerações a respeito da pertnência da linguagem fotográfica na concepção do documento, é fundamental ter em mente dois aspectos sobre a fotografia, sendo eles: forma e conteúdo, a forma aqui não está associada a tradição documental, mas sim, as suas aparências externas onde são priorizadas as questões concretas e físicas; além do momento da sintaxe, que associados a esses dois aspectos, darão o sentido semântico à fotografia, porém, como já apresentado anteriormente, a fotografia é uma mensagem de código aberto, ou seja, infinitas possibilidades e metodologias de decodificação de acordo com o observador.

Assim, no sentido semântico, a linguagem fotográfica está associada a diversos elementos que são utilizados pelos fotógrafos com intencionalidade, em outras palavras, a fotografia assume seu papel ideológico. Contudo, a fotografia institucional é um documento de arquivo e não é produzida por qualquer motivo aparente, mas sim, pelo exercício e cumprimento de uma atividade ou ação administrativa, não é qualquer fotografia, mas aquela que é probatória de execução de um ato. Não se pode esquecer que essa fotografia é uma criação sofisticada, composta por diversos elementos que compõem a linguagem fotográfica.

Ademais, temos que entender que essa alfabetização visual é uma consequência contemporânea e que os arquivistas devem levar em consideração, não apenas no quesito de difusão, mas também de acessibilidade, entre outros. É necessário atacar esse problema na sua origem - na produção documental.

Importa entender que para elaborar a captura, ele contou com um repertório cultural, político e social, porém, tudo isso torna-se secundário, mas não menos importante, pois, estamos pensando em uma fotografia institucional e o importante é que esse fotógrafo tenha autoridade, domine e saiba explorar o vasto vocabulário da linguagem fotográfica, já que este documento tem que imprimir sua intencionalidade e a concretização da realização de uma atividade administrativa, dentro de um contexto jurídico/administrativo de produção, de finalidade e uso. De certa maneira, poderíamos nos apropriar do conceito da fotografia eficiente de Guran (2002) onde são necessários três elementos para que esta fotografia ocorra: a câmara fotográfica (dispositivo tecnológico), uma presença (a do fotógrafo), na condição de um sujeito com o conhecimento orientado, devido ao conhecimento metodológico da linguagem fotográfica, e o produto (a fotografia que permite documentar o fenômeno). Dessa forma, a linguagem fotográfica pode ser compreendida desde as primeiras escolhas do fotógrafo, equipamentos, até o pós-tratamento que constitui a fotografia. Assim, iremos elencar alguns elementos da linguagem fotográfica, as quais acredita-se serem referenciais na produção.

Segundo Lima (2008), os elementos precisos para a recepção da fotografia estão instaurados pela estrutura da composição, simetria, equilíbrio, centralização, contraste, linhas, pontos e planos. Já Guran (2002), apresenta elementos técnicos da linguagem: luz, pb/cor, objetiva (foco, diafragma, velocidade), composição, enquadramento, filme (sensibilidade, acutância, contraste e granulação); inclui o ‘momento’ como elemento não técnico. Sousa (2002) apresenta elementos para a criação da fotografia, sendo eles: o texto, enquadramento, planos e composição; o foco; relações figura fundo; equilíbrio e desequilíbrio; elementos morfológicos; profundidade de campo; movimento; iluminação; lei do agrupamento; semelhança e contraste de conteúdos; relação espaço-tempo; processos de conotação fotográfica barthesianos; distância; e por fim, sinalização.

Präkel (2012) também pensando pela ótica da criação apresenta os elementos de enquadramento, perspectiva, movimento, foco, profundidade de campo, cor/pb, além de incluir uma gramática (sintaxe), sendo validado pelo uso do vocabulário através da composição que atribui sentido, ou seja, seu significado. Assim, todos esses elementos mencionados estão envoltos na fotografia, e esses elementos não podem ser desconsiderados na produção, pois, “A produção não é a criação, não é invenção, portanto, não é arbitrária, não é discricionária, ela é determinada pelas funções atribuídas do produtor pelos procedimentos que as regulamentaram [...]” (Heredia Herrera, 2013, p. 65 tradução nossa) Ao pensarmos na fotografia de modo lato, apresentaremos um esquema que procurou

justificar o entendimento de alguns elementos da linguagem fotográfica na criação da fotografia institucional.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL) *Recomendações nº 5.* Para o tratamento de fotografias digitais no contexto da gestão de documentos. 2020.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica do documento de arquivo*. São Paulo: ARQ-SP, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* (Trad. Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo, Brasiliense, 1996.

BAURET, Gabriel. *A Fotografia: história, estilos, tendências, aplicações*; tradução J. Espadeiro Martins. Lisboa, Portugal: edições, v. 70, 2006.

DELMAS, Bruno*. Arquivos para quê?* São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC), 2010.

DUBOIS*, P. O ato fotográfico*. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

DURANTI, Luciana. *Diplomática: usos nuevos para una antigua ciencia.* Trad., Manuel Vasquez. Carmona: S&C. (Biblioteca Archivística, 5). 1996.

DURANTI, Luciana. The archival bond. Archives and Museum Informatics, v. 11, n. 3, p. 213-218, 1997.

DURANTI, Luciana., *Diplomatics*: New Uses for an Old Science, Part III, Archivaria 30: Religious Archives, 1990.

GONÇALVES, Janice. Como classificar e ordenar documentos de arquivo. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. (Projeto Como Fazer, 2).

GURAN. Milton*. Linguagem Fotográfica e Informação.* Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação.* 3. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002

GUERRA, Claudia Bucceroni. *Flutuações conceituais, percepções visuais e suas repercussões na representação informacional e documental da fotografia para formulação do conceito de informação fotográfica digital*. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)- PPGCI, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HEREDIA HERRERA, Antonia. *Manual de archivística básica*: gestión y sistemas. México: Benemé-rita Universidad Autónoma de Puebla, 2013. (Formación Archivística)

JUCHEM, Marcelo. *O processo de criação e a linguagem fotográfica de Tiago Santana em o Chão de Graciliano.* 2018. Tese (Doutorado em Linguística, Letras e Artes) Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LACERDA, Aline Lopes de. *A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil.* 2008, 258 f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Espaço e Tempo, 1988.

LOPES, Luís Carlos. A imagem e a sombra da Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

LOPEZ, André Porto Ancona. Tipologia documental para arquivos de partidos e associações políticas no Brasil contemporâneo. *In*: *CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA*, 12., 1998, João Pessoa (PB). Anais... Paraíba: [s.n.], 1998.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Tipologia documental de partidos e associações políticas brasileiras*. São Paulo: Loyola, 1999.

LOPEZ, André Porto Ancona. Contextualización archivística de documentos fotográficos. *Alexandría*: Revista de Ciencias de la Información, v. 5, n. 8, p. 3-16, 9 mar. 2011

MACHADO, Bruno Henrique; SEMIDÃO, Rafael; Telma Campanha de Carvalho, MADIO. Cunho evidencial e indicial da fotografia na organização do conhecimento arquivístico. *In*: *Actas* ISKO-Portugal, Coimbra, 2021, p. 562-569.

PRÄKEL, David. *The fundamentals of creative photography.* AVA Publishing SA, 2012.

ROUILLÉ, André. *Fotografia:* entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Ed. Senac, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento*: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

SEKULA, Allan. The body and the archive. October, Cambridge: *MIT Press*. v. 39, p. 3-64, Winter, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo Uma introdução à história*, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 2002.

SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. *In*: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. Organização e representação do conhecimento. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 240-269.

SCHELLENBERG, Teodore. R. *Arquivos modernos*: princípios e técnicas. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SHIMODA, Flavio. *A imagem fotográfica*. Campinas: Editora Alínea, 2009.

SPALLANZANI, Mario. *Los lenguajes de lá Fotografía*. Montevideo: CMDF, 2010.

SCHWARTZ, Joan M. We make our tolls and our tools make us. Lessons from photography for the practice, politics and poetics of diplomatics. Archivaria: the journal of the Association of Canadian Archivists, *Ottawa,* n. 40, p. 40-74, 1995.

TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2005.

VITORIANO, Marcia Cristina de Carvalho Pazin. *Obrigação, controle e memória. Aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas.* 2011. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

A QUESTAO DA INFORMAÇAO NO USO DOS SISTEMAS DE RECOMENDAÇAO NA ÁREA DA SAUDE: A VISAO DA CIENCIA DA INFORMAÇAO PARA ESTE ADVENTO

Carlos Alberto Ferreira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Dayanne da Silva Prudencio
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Resumo: Discute o uso da Inteligência Artificial (IA) em processos da encontrabilidade da informação, a partir de sistemas de recomendação (SR) inseridos nos ambientes informacionais do campo da Saúde. O objetivo geral do estudo é compreender como dispositivos apoiados em IA podem facilitar ou não o funcionamento da encontrabilidade da informação na área da saúde. Em desdobramento, apresenta como esse processo pode apoiar o profissional da saúde, dos mais diversos perfis, no diagnóstico por evidências na tomada de decisão. Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, de natureza básica, com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica. Para tanto, utiliza o aporte teórico do campo da Ciência da Informação, em seus subdomínios gestão de dados, arquitetura da informação e uso/apropriação social da informação. Como pressuposto de pesquisa, há a constatação do aumento de produção científica, sobre o uso dos SR em variados ambientes informacionais e consequentemente o uso de algoritmos de recomendação, em soluções de produtos digitais consumidos, inclusive pela comunidade clínica e/ou de pesquisa de Saúde. Esclarecemos que o uso crescente dos SR valora a concepção e uso dos dados de saúde, gerados a partir de múltiplos atores e Sistemas de Informação (SI) e engendram uma articulada e significativa rede entorno do regime informacional envolvido no domínio Informação e Saúde. Neste sentido, não é possível avançar sem discutir a ideia de Sistema de Recuperação da Informação, estes ordenados por componentes a fim de facilitar o acesso ao conteúdo armazenado. Portanto, os processos de tratamento dos dados e informação são essenciais para permitir seu uso em variados SI, e principalmente, para permitir que um SR colete ou não os dados, possibilitando posteriormente, seu acesso e uso. Apresenta como resultados parciais, que a adequada estruturação dos ambientes de informação, somada ao uso de ferramentas apoiadas em IA podem operar como elementos facilitadores para o usuário encontrar a informação certa no menor tempo possível e, consequentemente, saber dar o devido uso dos SR em saúde para o apoio na construção de diagnósticos por evidência pelo profissional de saúde. Outrossim, os resultados já desenvolvidos permitiram uma modelagem conceitual para a elaboração de algoritmo que será usado na construção do sistema de recomendação, no qual procurar-se-á dar apoio ao processo decisório no qual o mesmo será usado. Por fim, aponta-se para a relevância do potencial dos Sistemas de Recomendação no campo da saúde.

Palavras-Chave: Inteligência Artificial; Encontrabilidade da informação; Dados de Saúde; Informação em Saúde; Sistemas de Recomendação.

INTRODUÇÃO

Informação. Assim começa esse item, pois por mais que tenham habitado o imaginário das pessoas a Inteligência Artificial perpassa o principal conceito que vamos abordar que é a geração, tratamento e uso da informação para ambientes da saúde, mas tendo a Ciência da Informação como pano de fundo.

Discutiremos os processos que estão ligados ao uso da Inteligência Artificial no contexto da encontrabildiade da informação, conceito esse considerado incipiente por alguns mas que faz toda a diferença quando se trata de uso da informação armazenada.

O campo da Saúde aparece como um potencial usuário de informação por conta da quantidade e diversidade de informações geradas, mas também pelo grande diferencial que tais informações podem trazer para os usuários que estão envolvidos neste processo.

O uso da informação está cada vez mais amplo, rápido e voraz, não somente pelas organizações, mas também pela comunidade como um todo e, em todos os segmentos da sociedade.

Atualmente, no mundo cada vez mais globalizado e interconectado, há uma demanda cada vez maior por informação atualizada. O nível de conhecimento é o diferencial para uma disputa, tratando-se de competitividade. Por este motivo, também há uma necessidade cada vez mais latente de estocar informações para uma futura utilização.

Existem muitas formas para a obtenção da informação. Entretanto, faz-se necessária uma sistematização para a sua organização, para que desta forma possamos utilizá-la em uma determinada situação, seja ela política, social, econômica ou em questões de saúde.

Portanto, no contexto global, onde o número de produtores de informação cresce a cada dia, devemos selecionar e organizar a oferta para garantir que o processo de aquisição de informação seja assimilado de maneira adequada, gerando conhecimento, e assim, promovendo transformação e desenvolvimento ao seu utilizador.

Desta forma acredita-se que o uso de sistemas de recomendação, funcionando juntamente com um algoritmo estruturado na área da saúde, pode possibilitar um acesso mais rápido e amplo gerando assim um diferencial competitivo sustentável para os usuários deste tipo de plataforma.

Iremos dar breves demonstrações de como um sistema de recomendação pode auxiliar em sistemas de informação em saúde e como a questão da informação pode influenciar nesse processo.

O Método usado para o presente estudo foi análise bibliográfica nos campos da Ciência da Informação, Ciência da Computação quando foi levantado a aplicabilidade da Inteligência Artificial e os Sistemas de Recomendação e a Área da Saúde quando foi analisado conceitos de diagnóstico e medicina de precisão.

A QUESTÃO DA INFORMAÇÃO: UM GRANDE ADVENTO NA ÁREA DA CIENCIA DA INFORMAÇÃO

Ao tratar do conceito de informação, assim como os conceitos que permeiam o ambiente e abrangência da ciência da informação, temos em primeira instancia a análise do que Cianconi (1999) afirma que informação é “aquilo que reduz incertezas, desencadeada por algum agente perturbador – como um dado codificado, uma mensagem – possibilitando uma transformação na estrutura do receptor, porém dependendo de estruturas internas ao sujeito receptor, não como algo absoluto, independente”. Neste contexto de abordagem, pode-se observar que a informação pode agregar valor aos sistemas de recomendação aplicados a portais e assim trazer um diferencial não somente participativo, mas também como um verdadeiro agente de mudanças aos usuários deste canal.

Os caminhos traçados pela Ciência da Informação podem ser evidenciados quando

analisamos a afirmação de Fosket (1980) que mostra a interdisciplinaridade da área quando apresenta que a Ciência da Informação como a disciplina que surge da fertilização cruzada de ideias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas formas modernas, tem a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do conhecimento registrado.

O conceito e relevância dos dados, para a ciência da informação, é notório desde a primeira metade da década de 90 do século passado, quando Aldo Barreto publicou o texto Ä Questão da Informação". Barreto nesta produção, mostrou que deveria ser necessário ir além das principais questões da informação. Este autor dedicou-se à evolução do conceito de dados e pretendeu mostrar como o seu entendimento influencia muito a estrutura do receptor.

O uso da informação que a Arquitetura e os sistemas de recomendação tanto precisam é apontado por Le Coadic (2004) mostrando que o objeto da Ciência da Informação seria o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso.

Frente aos objetivos do presente projeto, consideramos importante refletir sobre o conceito de Ciência da Informação apresentado por Borko (1968) que afirma que esta é uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com a matemática, com a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia do computador, a pesquisa operacional, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a administração e assuntos similares.

Por fim, temos Wersig *Apud* Pinheiro (1995) mostrando que um dos principais problemas no estudo da Ciência da informação seu fracionamento em inúmeras disciplinas, obrigando o cientista a lidar com dados fragmentados de natureza empírica e teórica. Prossegue ainda, afirmando que se a Ciência da Informação existe, qualquer que seja a denominação dada a esse campo, ele possuirá uma teoria, mas uma estrutura proveniente de um amplo conceito científico ou modelos e conceitos reformulados. Desta forma temos amostragem de como a ciência da informação, se relaciona com outras áreas desde a sua formação até a sua aplicação atual.

Baldi (2014), afirma que o ciberespaço permite a todos introduzir documentos na rede, porém, nem sempre é possível recuperá-los. Tal posicionamento corrobora com um dos questionamentos da Ciência da Informação: a produção de dados de forma cada vez mais exponencial não permite com facilidade a devida recuperação, com isso faz-se necessário cada vez mais os estudos e análises sobre representação para posterior recuperação da informação.

E a relação do Boom informacional X Boom Documental X Boom de Dados Relacionais? Esta pergunta está baseada no fato pelo qual a sociedade atual tem uma produção vertiginosa de informação e consequentemente de conhecimento documentado. A cada momento se agiganta mais a produção de dados e em consequência a dificuldade que é de trazer o armazenamento e recuperação desta informação que se apresenta a cada instante de forma mais anárquica e com uma dificuldade de processamento e uso nunca visto antes.

Desta forma temos as interligações como em Sistemas de recomendação que trata de assuntos de organização e uso da informação em ambientes digitais.

DESMISTIFICANDO OS SISTEMAS DE RECOMENDAÇÃO: MUITO MAIS QUE UMA APLICAÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ao tratar de Sistemas de recomendação, é necessário entender como são constituídos tais sistemas e a sua aplicabilidade funcional. Falar de Inteligência Artificial nos dias atuais acaba sendo até efêmero, muito pelo fato de tal tecnologia estar presente em vários momentos e nas mais diversas formas de apoio aos usuários, sejam eles com ou sem experiência.

O uso de soluções de Inteligência Artificial em especial de Sistemas de Recomendação já é bastante difundida em inúmeras áreas como a Gestão e os processos de Marketing, mas o mesmo ainda na área da Saúde ainda é bastante incipiente. Esse início de uso muito está ligado pelo desconhecimento que tal ferramenta pode trazer para o campo, mas em especial pela dificuldade de entendimento do quão tais soluções podem agregar valor aos processos executados pelos profissionais da área.

As soluções como Machine Learning e algoritmos de recomendação estão os itens com maior potencial de uso e também possuem o maior desafio de desenvolvimento por parte das equipes multidisciplinares que estão envolvidas na construção e testes de tais ferramentais.

A cada momento o conjunto de dados que os algoritmos preditivos que compõe os sistemas de recomendação crescem e desta forma necessitam sempre um olhar mais delicado e atento do profissional que está ali empenhado na resolução do desafio de construção de diagnósticos com uso de ferramentas tecnológicas em apoio ao profissional humano.

Então, sabendo que a Inteligência Artificial é um campo oriundo da Ciência da Computação, necessitamos cada vez mais entendimento de como funciona os modelos sistêmicos utilizados por esses dispositivos e assim auxiliar no processo de desenvolvimento dos Sistemas de Recomendação.

Sistemas de recomendação são denominados desta forma, por estar constituído por filtros de informação com o intuito de apresentar dados ou objetos. Shaffer (2001) afirma que os filtros de informação podem se relacionar a páginas na web, filmes, musicas, livros entre outros. O mesmo autor afirma que os sistemas de recomendação estão baseados na relevância de um usuário para outro como o que está sendo relevante para uma pessoa pode ser em algum momento relevante para outras pessoas com interesse similar.

O aumento exponencial da disponibilidade da informação na Internet acaba gerando não somente um grande acumulo de informação, mas principalmente obriga os usuários a se depararem com cada vez mais uma diversidade abrupta de informação disponível. As escolhas dos usuários, muita das vezes fica dificultada devido a pouca ou nenhuma experiência de uso da ferramenta que está sendo disponibilizada.

Um sistema de recomendação ou como na literatura é apresentada também, mecanismo de recomendação, são ferramentas que utilizam uma série de algoritmos, análise de dados e até mesmo a Inteligência Artificial (IA), para realizar recomendações on-line. Essas recomendações podem ser personalizadas para cada indivíduo/usuário ou não, dependendo do objetivo de cada plataforma e da quantidade de dados obtidos e até mesmo do tipo de tecnologia que está sendo usada para a construção do sistema de recomendação.

De acordo com Resnick e Varian (1997, *apud* REATEGUI & CAZELLA, 2005), os sistemas de recomendação auxiliam no aumento da capacidade e eficácia deste processo de indicação já bastante conhecido na relação social entre seres humanos. Muito comum em sites de e-commerce os sistemas de recomendação tratam de forma única clientes e produtos, procurando alinhar os interesses de um com as ofertas de outros.

O termo Sistema de Recomendação, há algum tempo é trabalhado na ciência da informação. Tal termo/conceito possui a característica principal fornecer recomendação de algo para alguém. Este algo pode ser um produto, um serviço ou uma informação. Mas tal sistema trabalha de forma personalizada de modo a facilitar e reduzir o tempo de pesquisa dos usuários.

É inegável que os Sistemas de Recomendação são importantes diante a enorme e crescente demanda por conteúdo personalizável dos usuários modernos.

Resnick e Varian (1997) definem Sistemas de Recomendação como sistemas que utilizam as opiniões de uma comunidade de usuários para auxiliar indivíduos desta mesma comunidade a identificarem conteúdos de interesse em um conjunto de opções que poderiam caracterizar uma sobrecarga.

Dentre as principais formas ou seriam padrões de sistemas de recomendação temos as filtragens de informações, a filtragem baseada em conteúdos, a filtragem colaborativa, a filtragem hibrida e a descoberta de conhecimento em base de dados. Todos esses padrões e foras são usadas pelas ferramentas de buscas procurando atrelar o resultado com o interesse que a organização que está trabalhando tais sistemas possui.

O entendimento das ferramentas de buscas passa não somente pelos algoritmos que irão ser usados, mas principalmente pelas escolhas definidas por quem está estruturando a ferramenta, assim como a lógica booleana que irá alimentar o sistema de busca, procurando entender se este irá atender aos sistemas de recomendação, ou simplesmente irá efetuar a busca atendendo aos requisitos que o usuário definiu.

Os sistemas de recomendação fornecem sugestões personalizadas aos usuários a partir da coleta dos dados que são registrados em uma base de dados, porém, é importante considerar a segurança dos dados fornecidos pelos usuários. Lima (2016, p.14) traz o panorama que:

> “O processo de identificação do usuário, quando necessário, é a primeira etapa a ser feita. Logo após, os dados do usuário são coletados e armazenados em uma base de dados, para posteriormente serem utilizados na recomendação/personalização. De posse dos dados dos usuários são criadas as recomendações, através de uma estratégia de recomendação definida pelo projetista do sistema, com base no perfil do usuário”

Portanto, ao se construir um sistema de recomendação é necessário o domínio sobre a manipulação de dados pessoais, estando de acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados. Outrossim, é importante manter a transparência durante o processo de coleta dos dados, informando sobre a utilização dos dados, de modo que os usuários tenham o poder de decisão sobre quais dados serão fornecidos.

Ranganathan teórico da Área da Biblioteconomia levantou fatores de representação da informação, no qual acredita-se que possa ser utilizada na construção de indicadores que podem auxiliar na arquitetura dos algoritmos de recomendação, principalmente quando se trata do PMEST postulado por tal autor. Outro autor que traz um cabedal teórico metodológico relevante para a construção de requisitos junto aos Sistemas de Recomendação é Saracevic quando este apresentou e trabalhou de forma sistematizada o conceito de relevância e como este pode trazer benefícios para qualquer Sistema de Informação.

A ENCONTRABILIDADE EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO EM SAÚDE: DEBATES E EMBATES

Para abordar a temática de Sistemas de Informação em Saúde, precisa-se entender o que seria conceitualmente um sistema de informação de uma forma generalista para que assim possa ser abordado o cerne do presente projeto.

Turban apresenta que Sistema de Informação é a expressão usada para descrever um sistema informacional, seja ele computadorizado ou não que aborda a coleta, o tratamento, o processamento, e a disponibilização da informação com o intuito na transformação de conhecimento.

A Inteligência Artificial está de certa forma impulsionando a inovação de dados e diagnósticos para melhorar os resultados dos pacientes, e é neste contexto que os sistemas de informação em saúde são abordados, primeiramente quando se trata os tipos de sistemas e em sua aplicação.

Sistemas de Informação em Saúde é tratado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) como um conjunto de componentes que atuam de forma integrada, através de mecanismos de coleta, processamento, análise e transmissão da informação necessária e oportuna para implementar processos de decisões no Sistema de Saúde. Seu propósito é selecionar dados pertinentes e transformá-los em informações para aqueles que planejam, financiam, proveem e avaliam os serviços de saúde.

Um ponto que precisa de consenso ainda sobre a funcionalidade dos sistemas de informação em saúde, trata-se da geração dos dados e consequentemente o seu armazenamento para posterior uso, pois tais dados podem ser gerados em sistemas de informações ambulatoriais, ou em sistemas de informações hospitalares ou ainda em sistemas de informações sobre mortalidade.

Tal dicotomia será analisada no presente projeto quando for estudada ações e iniciativas na construção de Big Data no âmbito da saúde com o intuito de sistematização de dados para tomada de decisões no contexto de ambientes de saúde nas mais diversas frentes.

Quando fala-se de Encontrabilidade é passível o entendimento de forma que a informação é encontrada e apresentada ao seu usuário. Desta forma será abordada e utilizada a definição cunhada por Morville em 2005 que trata a encontrabilidade como a qualidade da informação ser localizável ou navegável, mas também aborda como o grau no qual o objeto é facilmente descoberto ou localizado, em outra abordagem é apresentado como o grau no qual um sistema ou ambiente suporta a navegação e recuperação da informação.

Logicamente o processo da encontrabilidade da informação está ligada a necessidade informacional do indivíduo direta ou indiretamente com foco no atendimento a respostas ou no auxilio para a tomada de decisões.

Vechiato (2013) afirma que encontrabilidade da informação é um elemento que se situa entre as funcionalidades de um ambiente informacional tradicional, digital ou hibrido e as características dos sujeitos, estando relacionada a processos que compõe o fluxo informacional e que possibilitam o encontro da informação adequada às necessidades dos usuários em diferentes situações de busca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DE OBERVAÇÕES PARCIAIS

Um ponto que devemos levantar está no fato da relevância do estudo dos Sistemas de Recomendação, pois desta forma podemos verificar a adequação do uso de tais soluções nos mais diversos tipos de Sistemas de Informação em Saúde.

À medida em que nos movimentamos no dia a dia, deixamos pegadas e rastros digitais. Se esses dados forem computados para o controle da saúde e do bem-estar dos indivíduos, a sociedade avança para a chegada de um estágio de maior controle das doenças. Para isso, politicas publicas que pensam em usar tecnologias modernas a favor das pessoas são bem vindas.

Os rastros digitais que os usuários vão deixando ao longo do uso de seus dispositivos, são alimentos para que os sistemas de recomendação tenham mais dados e assim aprendam com o estilo de vida e possam efetuar predições com os padrões já conhecidos de doenças e anomalias.

O uso de algoritmos intitulados clínicos estão em plena expansão mas ainda sofrem com o preconceito de sua assertividade e também da segurança de tratamento de dados que estão sendo analisados.

Sabe-se que diante dos inúmeros desafios que estão ligados ao uso de dados no campo da saúde o que tange os big datas são se não o maior mas o mais delicado dentre eles e ai que se encontra um do que podemos chamar fio de Ariadne para melhoria do processo de recuperação e uso de informação em saúde.

Schestatsky (2020) afirma que o tempo gasto para atender um paciente influencia, e muito a recuperação dele. Cada minuto extra de consulta, ocorre uma redução de 16% da chance de readmissão hospitalar. Nesta afirmação podemos ver que se o profissional médico possuir um apoio maior de soluções que auxiliem no tratamento de diagnóstico por evidencias o mesmo pode trazer essa redução de tempo analisando possíveis tratamentos para uma atenção maior ao paciente e assim aumentar substancialmente a possibilidade de melhoria no tratamento proposto.

Na área da Saúde, a Medicina está de uma forma cada vez maior se baseando em evidencias cientificas solidas. Desta forma os algoritmos de recomendação para decisões clinicas podem efetivamente auxiliar no processo de tomada de decisão médica.

Os dados clínicos da população que crescem de forma exponencial necessitam a cada momento de formas e ferramentas para filtragem e redução de dados que não são influenciadores para a formação do diagnostico por evidencias.

A criação de novos paradigmas na área da saúde são evidentes a cada momento como o uso dos Big Data e a Inteligência Artificial (IA), o uso cada vez maior da Internet das Coisas (IoT), a implementação do prontuário eletrônico de saúde e a implementação da telemedicina.

A implementação do prontuário eletrônico da saúde esbarra na necessidade de centralização dos dados e na disponibilização de um único Big Data na área da saúde. Sabemos que esse é um dos grandes paradigmas pois nesta área a sensibilidade dos dados é algo notório e que a cada momento necessita um maior cuidado por parte dos gestores de banco de dados.

A quantidade de dados produzidos pela humanidade é cada vez mais relevante considerada a quantidade extremamente elevada e que irá necessitar cada vez mais de ferramentas auxiliadoras para armazenamento e recuperação da informação de forma rápida eficiente e personalizada fazendo assim que o tomador de decisão do sistema de informação em saúde tenha a “melhor” gama de dados para auxilio de sua tarefa diária.

É inegável que a cada momento o profissional de saúde tem mais dificuldade em selecionar os dados que mais podem trazer auxilio para a sua prática profissional, não por falta de conhecimento, mas muito pela ampla gama de oferta de informação oferecida a cada momento e que assim ao invés de facilitar o seu dia a dia acaba trazendo uma das barreiras mais complexas da área de informação que é o letramento informacional por conta de não ter tempo hábil de processar a imensa oferta de possibilidades que se apresentam a cada segundo.

Espera-se que o que chamamos de nova explosão documental e informacional possa ser trabalhado com o aparato tecnológico ofertado pela Inteligência Artificial via Sistemas de Recomendação e assim melhorar o processo de tratamento e busca da informação pelos mais diversos usuários.

Desta forma, acreditamos que os Sistemas de Recomendação para área da Saúde seja uma lanterna em um labirinto chamado rede de dados, e que a luz chamada Ciência da informação possa auxiliar o usuário encontrar a saída com o objeto mais desejado no momento que é a informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mauricio B.; FELIPE, Eduardo R.; BARCELOS, Renata. Toward a document centered ontological theory for information architecture in corporations. *JASIST*. v. 71. 2020.

ALVAREZ, Edgar Bisset; SIRIANI, Allan Lincoln Rodrigues; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio; CARVALHO, Angela Maria Grossi de. Os Sistemas de recomendação, arquitetura da informação e a encontrabiliadade da informação. *Transinformação*, Campinas. v. 28, n.3, 2016.

ALVAREZ, Edgar Bisset; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio; SANCHEZ, Juan Antonio Pastor. Modelo para avaliar a encontrabiliadade da informação em ambientes informacionais que usam sistemas de recomendação. *Informação & Tecnologia (ITEC)*. Marilia. v. 5, n. 2, jul./dez. 2018.

BATES, Jo; KENNEDY, Helen; PAREA, Itzelle Medina; OMAN, Suzan; PINNEY, Lulu. Socially meaningful transparency in data based systems: reflections and proposals from practice. *Journal of Documentation*. v. 80, n.1, 2021.

BEDENKOV, Alexander; MORENO, Carmen; AGUSTIN, Lyra; JAIN, Nioun; NEWMAN, Amy; FENG, Lana; KOSTELLO, Greg. Customer Centricity in medical affairs needs human-centric artificial intelligence. *Pharmaceutical Medicine*. v. 35. 2021.

BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968.

CIANCONI, Regina. *Gestão da informação na sociedade do conhecimento*. Brasília: SENAI. 1999.

ESTEVAO, Janete Saldanha Bach; ARNS, Elaine Mandelli; STRAUHS, Faimara do Rocio. Gestão de dados de pesquisa: uma prática para abrir a caixa preta da pesquisa científica. *RDGCI – Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Campinas. V. 17. 2019.

FINN, Ed. *What algotithms want: Imagination in the age of computing*. Massachusetts: MIT Press. 2017.

FOSKETT, D. J. Informática. *In*: GOMES, Hagar Espanha, *org*. *Ciência da Informação ou*

Informática. Rio de Janeiro, Calunga, 1980, p. 9-51. O artigo original foi publicado em 1970.

GARCIA, Cassio; FROZZA, Rejane. Estudo Comparativo de aplicações em mineração de dados aplicada a sistemas de recomendação. *XIX Simposio de engenharia de produção: Sustentabilidade na cadeia de suprimentos*. Bauru. 2012.

GARRET, Jessé James. *The elements of user experience: User-centers design for the web.* 2ª ed. Indianápolis (Indiana). 2003.

JYLHA, Ville; HIRVONEN, Noora; HAIDER, Jutta. Algorithmic recommendations enabling and constraining information practices among young people. *Journal of Documentation*. v. 80. N. 7. 2021.

LE CODIAC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MATHEW, Praveena; KURIAKOSE, Biney; HEGDE, Vinayak. *Book Recommendation System Through Content based and collaborative filtering method*. International Conference on Data Mining and Advanced Computing. 2016.

MORELLE, Alessandra Menezes; Et All. *O Novo Mind 7 Médico: Empreendedorismo e transformação digital na Saúde*. Porto Alegre: Artmed. 2022.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*. v. 24, n.1. 1995.

REATEGUI, E. B.; CAZELLA, S. C. Sistemas de Recomendação. *XXV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2005.

SCHESTATSKY, Pedro. *Medicina do Amanhã: como a genética, o estilo de vida e a tecnologia juntos podem auxiliar na sua qualidade de vida*. 3ª. Ed. São Paulo: Gente. 2020.

SEMELER, Alexandre Ribas; PINTO, Adilson Luiz. Os diferentes conceitos de dados de pesquisa na abordagem da biblioteconomia de dados. *Ciência da Informação*. Brasilia. v. 48, n. 1, jan./abr. 2019.

SOUTO JUNIOR, Marcos Antonio Almeida; BEZERRA, Byron Leite Dantas. Uma investigação sobre o efeito da combinação de algoritmos em sistemas de recomendação. *Revista de Engenharia e pesquisa aplicada*. Abril 2020.

PERCURSO DE ELABORAÇÃO DO ÍNDICE DE ASSUNTOS DO PERIÓDICO "CARTA MENSAL" DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO

Danyelle Pereira Sant' Anna
Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

Tatiana de Almeida
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: A pesquisa trata da importância do vocabulário controlado como uma linguagem artificial, organizada de modo sistemático, através de relações associativas, semânticas e lógicas entre os termos. Aponta a necessidade de revisão do instrumento terminológico existente na Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, a fim de atualizar a padronização da linguagem institucional, o controle e a consistência na representação, viabilizando maior precisão no momento da recuperação da informação. Evidencia a indispensabilidade de uma estrutura relacional de representação temática do conhecimento e da informação, por meio de descritores controlados de forma hierárquica e alfabética. Apresenta a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, uma entidade com acervo histórico e atual e que é o maior órgão representante do comércio no país, sendo referência em pesquisa e inovação de todo Sistema Comércio. O material de pesquisa e trabalho foi a "Carta Mensal", uma publicação de periodicidade irregular produzida em média de quatro a cinco números por ano, tendo iniciado as publicações em abril de 1955 permanecendo até os dias atuais. O estudo tem como objetivo principal relatar o processo técnico e metodológico de desenvolvimento do índice de assuntos da publicação em questão, a "Carta Mensal". O desenvolvimento deste índice visou oferecer aos usuários um meio mais assertivo de recuperação da informação. A metodologia utilizada abrange a pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso. A partir da análise e da aplicabilidade dos métodos, observou-se que os resultados permitiram disponibilizar um índice atualizado e fundamentado na teoria e metodologia adotada. O índice anterior foi publicado em 1977, sendo este novo índice modificado a fim de atender ao cenário de pesquisa atual e fundamentado nos instrumentos utilizados, em relação ao vocabulário controlado vigente, que também se encontra em atualização. A título de exemplificação podemos citar a padronização da pluralização dos termos e do uso de siglas e acrônimos; as modificações de cabeçalhos de assuntos para descritores e os acréscimos de remissivas em ordem direta nas entradas de autor-assunto. De acordo com a literatura em Gestão da Informação e Organização do Conhecimento, o estudo atestou a importância da atualização periódica do vocabulário, a fim de que a informação e o conhecimento sejam utilizados de forma estratégica. O produto, resultado deste trabalho, forneceu subsídios para que a Confederação continue o processo de tratamento das terminologias temáticas utilizadas nos processos e pesquisas os quais a entidade atende.

Palavras-Chave: Índice de assunto; Vocabulário controlado; Confederação Nacional do Comércio; Carta Mensal.

INTRODUÇÃO

O aumento do fluxo informacional, que circula diariamente na sociedade e dentro das organizações, originou uma série de questões e desafios sobre como essas informações devem ser tratadas e armazenadas. A necessidade da diminuição do tempo de recuperabilidade, em organizações que utilizam a informação de forma estratégica, corrobora cada vez mais a premissa de que a informação e o conhecimento organizado são fundamentais para subsidiar os momentos de tomadas de decisão. O aprimoramento dos instrumentos de busca, utilizados no auxílio à recuperação da informação, é necessário a fim de acompanhar as rápidas evoluções e crescimento do volume informacional e documental.

No contexto da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), entidade sindical de grau máximo do setor terciário que defende e representa o comércio brasileiro, é de extrema importância ter ferramentas que viabilizem a padronização da linguagem documentária e promovam agilidade e precisão na recuperação da informação. Para que a Confederação atenda às necessidades informacionais dos Sindicatos e Federações os quais atende, seja em qualquer âmbito de conhecimento, a entidade precisa de uma infraestrutura informacional que propicie aos seus colaboradores tomarem deliberações mais assertivas.

Sendo assim, os vocabulários controlados, instrumentos utilizados pelo indexador no momento da definição dos descritores que serão utilizados para a recuperação, são cada vez mais necessários. Esses instrumentos possibilitam manter maior controle das terminologias e, para que atendam tanto o profissional da informação, quanto às necessidades dos usuários, é necessário que sejam estabelecidas relações entre os descritores, com uma estrutura pré-definida, padronizada e atualizada aos objetivos das entidades a qual pertence.

Neste artigo, trataremos sobre o percurso de elaboração - desde a necessidade de revisão do vocabulário controlado até as etapas do desenvolvimento - do índice de assuntos do periódico, Carta Mensal, publicado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. A publicação, que teve seu lançamento em abril de 1955, reúne uma série de artigos de autoria dos membros do Conselho de Notáveis, antigo Conselho Técnico. Mantido pela CNC, o Conselho é composto por economistas, sociólogos, juristas, empresários, técnicos e professores que são expoentes na área. Dada a relevância dos estudos, a quantidade de artigos publicados e a fim de facilitar a pesquisa e a recuperação da informação, foram desenvolvidos os índices de assuntos, títulos e autores e, em seguida, a sua publicação. Porém, o foco do presente artigo será a descrição do desenvolvimento do índice de assuntos, sendo que os outros índices citados serão apresentados em um outro momento.

Posto isto, cabe ressaltar que para tanto, será necessário relatar a análise do vocabulário controlado da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, a atualização realizada de acordo com o cenário atual da instituição e a descrição do percurso até a elaboração do índice de assunto do periódico Carta Mensal.

Tendo a descrição dessas ações como os objetivos desta pesquisa, definiu-se a metodologia a ser utilizada. Foi necessária a utilização dos métodos de pesquisa bibliográfica, documental e o estudo de caso. A pesquisa bibliográfica fundamentou todo o processo, a partir da abordagem de teóricos da literatura sobre vocabulário controlado, recuperação de informação e índices. A segunda etapa foi uma análise e atualização do vocabulário existente na entidade. A etapa final consistiu no desenvolvimento do índice de assuntos do periódico “Carta Mensal”, que será relatado a partir de cada uma de suas etapas de elaboração.

ARCABOUÇO TEÓRICO DA PESQUISA: OS PILARES PARA O DESENVOLVIMENTO, PADRONIZAÇÃO E USO DO INSTRUMENTO

O conhecimento pode se materializar em produtos e aprimorar serviços gerando valor às organizações. Para que isto ocorra, a informação deve estar devidamente organizada a fim de que a sua recuperação seja eficiente, pois é através do acesso às informações que o conhecimento é gerado e assim poderá ser utilizado de forma estratégica. De acordo com Souza (2007), as atividades de organização do conhecimento e representação da informação, são realizadas a fim que se obtenha o acesso aos documentos e a recuperação do seu conteúdo intelectual pelos catálogos através do índice de assuntos. Com o aumento do fluxo informacional, a organização passa a necessitar cada vez mais de uma representação temática lógica dos assuntos dos documentos.

A linguagem documentária é um instrumento característico para ser utilizado no momento da representação temática. Contudo, a partir do momento em que ela não é fidedigna ao conteúdo do documento e às necessidades de representação informacional, não atenderá as solicitações dos usuários, o que compromete os processos e os serviços prestados relacionados às pesquisas e a recuperação. É considerada um instrumento de apoio ao processo de indexação e é utilizada em sistemas de representação da informação durante os processos de armazenamento e recuperação dos conteúdos. Segundo Boccato (2009, p. 119)

> "As linguagens documentárias são linguagens estruturadas e controladas, construídas a partir de princípios e de significados advindos de termos constituintes da linguagem de especialidade e da linguagem natural [...], com a proposta de representar para recuperar a informação documentária."

As LDs utilizadas na recuperação da informação, partem da estruturação de um vocabulário construído e pensado na relação com usuário, ou seja, a partir da linguagem natural. Porém, o controle terminológico se faz essencial, a fim de mitigar a ocorrência de ambiguidade, polissemia e sinonímia. Ele permite uma representação mais consistente, através das relações lógicas e semânticas e visam a padronização dos descritores, a fim de obter uma maior confiabilidade no processo de recuperação da informação. Os sistemas de recuperação da informação estão atendendo cada vez mais um público específico, sendo assim, o processo de indexação passou a exigir um cuidado maior e a falta de controle dos termos se tornou um grande problema para o profissional indexador. A LD tem uma grande importância no processo de indexação e recuperação, pois é através delas que os documentos podem ser representados e recuperados com agilidade e precisão. Segundo Lara (1999, p. 60) as linguagens documentárias têm como principal objetivo "[...] promover a circulação de informações, o que remete à necessidade de que as representações possam ser reconhecidas a partir de hipóteses de organização de informações."

É imprescindível relacionar a linguagem de indexação com a do usuário para que a recuperação seja cada vez mais precisa. Os instrumentos de controle de termos, utilizados no momento do processo de indexação, são essenciais pois atuam como facilitadores para o acesso e recuperação da informação, a fim de que se obtenha resultados mais precisos e consistentes.

A indexação é um processo com algumas etapas e exige uma análise de conteúdo, a fim de representar os temas tratados de forma adequada. De acordo com a NBR 12676 (1992,

p. 2), a indexação corresponde ao “ato de identificar e descrever o conteúdo de um documento com termos representativos dos seus assuntos e que constituem uma linguagem de indexação.” Para Mai (2005, p. 599) o objetivo do processo é “determinar o assunto dos documentos e expressar o assunto em termos de índice (por exemplo, descritores, títulos de assunto, números de chamada, códigos de classificação ou termos de índice) para tornar possível a recuperação do assunto.” Para Lancaster (2004, p. 21) a indexação é “o processo que consiste em decidir do que trata um documento e atribuir-lhe um rótulo [..] seja extraído de um esquema de classificação, de um tesauro ou de uma lista de cabeçalhos de assunto [...]”.

Tesauros e lista de cabeçalhos de assunto, são exemplos de vocabulários controlados que visam uniformizar os termos para que, no momento da indexação, exista uma padronização para facilitar a entrada e saída de dados no momento da recuperação da informação, fazendo que não haja ruídos durante o processo. Eles funcionam como um mediador para a tradução da linguagem natural, que encontramos durante a leitura dos documentos, para uma linguagem artificial que será imputada a um sistema de recuperação. Segundo Lancaster (2004, p. 19) “um vocabulário controlado é essencialmente uma lista de termos autorizados. Em geral, o indexador somente pode atribuir a um documento termos que constem na lista adotada pela instituição na qual trabalha. [...]”. Porém, para a uniformização desses termos, deverão ser previamente definidas regras que direcionarão a construção do vocabulário, tanto em questão de estrutura quanto de sintaxe, para que proporcione uma maior consistência dos descritores que representarão o conteúdo dos documentos. Lancaster (2004, p. 256), enfatiza também que

> “O vocabulário controlado reduz a diversidade da terminologia. Além disso, ao ligar semanticamente termos que tenham relação entre si, ajuda o usuário a identificar todos os termos que seriam necessários para realizar uma busca completa.”

Os vocabulários controlados são instrumentos construídos com o propósito de serem utilizados durante o processo de indexação e padronização dos conceitos, a fim de se obter consistência e coerência no momento de representação da informação. Para estruturar um índice de assuntos de uma publicação, há a necessidade de ter um vocabulário estruturado para que o índice seja fidedigno aos assuntos tratados nos documentos e a recuperação seja assertiva, ou seja, vocabulários controlados são considerados instrumentos de auxílio tanto para o momento de indexação das publicações quanto para a recuperação de informações. Mendonça (1991), afirma que o índice de assuntos “é um vocabulário alfabético, controlado e dinâmico, contendo todos os descritores identificados na análise dos documentos indexados, remetendo aos números de classificação correspondentes". Do ponto de vista da NBR 12676 (1992, p. 2), índice de assuntos é uma “listagem alfabética ou sistemática de assuntos que indica a posição de cada assunto no documento ou em uma coleção de documentos”.

Segundo Silva e Fujita (2004, p. 136-137), “o conceito de indexação surgiu a partir da elaboração de índices e atualmente está mais vinculada ao conceito de análise de assunto”. A elaboração de índices passou a ser priorizada com o objetivo de aprimorar o processo de recuperação da informação. As autoras ressaltam ainda que a noção de índice sempre esteve muito ligada ao processo de indexação e que este passou a ser realizado de forma mais efetiva com o aumento de publicações periódicas.

A partir das definições acima citadas sobre vocabulários controlados, indexação e o desenvolvimento de índices de assuntos pode-se dizer que todos são processos interligados, pois existe uma relação de dependência entre eles para que a recuperação da informação

seja completa, coerente e assertiva. Para realizar o processo de indexação de obras, artigos ou documentos deve-se existir um vocabulário controlado, ou seja, uma sistematização que subsidie a atribuição de descritores no momento da indexação. Desta forma, a construção do índice de assuntos de uma publicação específica depende da estruturação do vocabulário e do processo de indexação.

CARTA MENSAL E ÍNDICE DE ASSUNTOS

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, fundada em 30 de novembro de 1945, é responsável pela administração de duas grandes entidades que compõem o Sistema S, o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e coordena o Sistema Confederativo da Representação Sindical do Comércio que é formado pelas federações patronais e sindicatos que representam o segmento comercial do país. De acordo com o Portal CNC, o Sistema Confederativo é formado por 34 federações patronais (27 estaduais e 7 nacionais). A missão da CNC é “atuar em defesa dos interesses do comércio de bens, serviços e turismo, promovendo um ambiente favorável ao seu crescimento, fortalecimento e competitividade, em harmonia com o desenvolvimento sustentável da sociedade.” A entidade é considerada de grau máximo do setor terciário brasileiro. O Sistema de Representação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (Sistema CNC) atua em todo o País representando as empresas e promovendo educação profissional e qualidade de vida para os trabalhadores do setor e para a sociedade por meio das entidades.

No âmbito de contribuição científica e pesquisa, a CNC tem em seu corpo técnico o Conselho de Notáveis, que foi fundado em 1953 e é composto por intelectuais como o Dr. Bernardo Cabral, Dr. Arno Wehling, Dr. Arnaldo Niskier, Dra. Aspásia Camargo, Dra. Mary Del Priore e outros. Os conselheiros se reúnem, semanalmente, a fim de estudar e debater problemas sociais, políticos e econômicos, a nível mundial, mas que refletem no Brasil. A partir desses encontros, são produzidos os artigos que resultam nas publicações do periódico “Carta Mensal”. O primeiro número do periódico foi publicado em 1955. A obra contribui consideravelmente para o comércio e cultura do Brasil, sendo um meio de disseminação e democratização do conhecimento. Atualmente, a publicação conta com 799 números produzidos ao longo de 69 anos, sendo este índice o número 800 do periódico. Cada número possui em média de 05 (cinco) a 10 (dez) artigos totalizando, até o momento, 3.057 artigos. Durante todo o período de existência do periódico, 183 autores contribuíram com suas produções.

O primeiro índice da publicação começou a ser desenvolvido em 1975, sendo publicado em 1977. A primeira edição cobriu o período de publicações de abril de 1955 a março de 1975. Esta segunda edição cobre todo o período de existência do periódico, de abril de 1955 a maio de 2024. No percurso de elaboração da segunda edição do índice, tentamos manter a mesma estrutura, porém foi necessário o aprimoramento do vocabulário controlado institucional a fim de aumentar a eficácia do atendimento ao público real, potencial e ao cenário de pesquisa atual. Devido ao aumento considerável da quantidade de artigos, houve a necessidade de desmembrar a publicação em 3 volumes. Abaixo seguem as imagens da primeira e segunda edição dos índices:

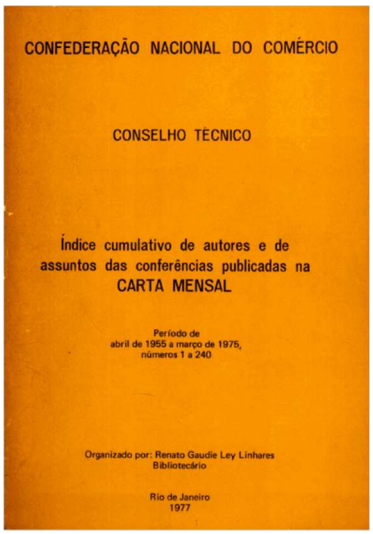


Figura 1. Capa da 1ª edição do índice de autores, títulos e assuntos, 1977. Fonte: Biblioteca digital da CNC

Figura 2. Capas da 2ª edição dos índices de autores, títulos e assuntos, 2024. Fonte: Biblioteca digital da CNC

Tivemos como base para essa nova edição do índice a ABNT NBR 6034, elaborada no Comitê Brasileiro de Informação e Documentação, pela Comissão de Estudo de Documentação, que é baseada na ISO 999 – Informação e Documentação: diretrizes para conteúdo, organização e apresentação de índices. O aprimoramento do vocabulário controlado da entidade foi realizado com base na ISO 25964-1 Informação e documentação – Tesauros e interoperabilidade com outros vocabulários (Parte 1) – Dicionário de sinônimos para recuperação da informação. As normas selecionadas serviram como base de apoio metodológico e procedimental para o desenvolvimento da atualização do índice da revista Carta Mensal. Tais normas sugerem tanto os processos fundamentais quanto a forma de se proceder em cada uma das etapas que devem ser realizadas.

DESCRIÇÃO DA ELABORAÇÃO DO ÍNDICE DE ASSUNTOS DO PERIÓDICO “CARTA MENSAL”

A seguir demonstraremos cada uma das etapas percorridas na elaboração do índice, assim como as informações dispostas nas normas utilizadas. Cabe aqui destacar que alguns

dos procedimentos encontrados nas normas tiveram que ser adaptados para o propósito da atividade, conforme as necessidades institucionais e de seus usuários.

Outra questão importante a ser observada, é que para a elaboração do índice foi necessário levantar diversas questões acerca do vocabulário, hoje utilizado na instituição. Desta forma, as atividades de elaboração do índice e revisão do vocabulário muitas vezes se sobrepuseram, o que ficará evidente no decorrer da descrição das etapas.

A ABNT NBR 6034 (2004, p. 1) indica como referências normativas a ABNT NBR 6033:1989 – Ordem alfabética – Procedimento e o Código de Catalogação Anglo-Americano. 2. ed. São Paulo: FEBAB, 1983-1985. Porém, adverte que

> "As normas relacionadas contêm disposições que, ao serem citadas neste texto, constituem prescrições para esta norma. As edições indicadas estavam em vigor no momento desta publicação. Como toda norma está sujeita à revisão, recomenda-se àqueles que realizam acordos com base nesta que verifiquem a conveniência de se usarem as edições mais recentes das normas citadas a seguir. A ABNT possui a informação das normas em vigor em um dado momento."

Quanto ao enfoque, a ABNT NBR 6034 (2004, p. 2) indica que os índices podem ser organizados por autores; assuntos; títulos; pessoas e/ou entidades; nomes geográficos; citações; anunciantes e matérias publicitárias. Porém, optamos por desenvolver índices de autores, assuntos e títulos e nesta produção estamos focando apenas no de assuntos.

Sobre as regras gerais de apresentação, de acordo com ABNT NBR 6034 (2004, p. 2) subseção 6.1, "O índice deve abranger as informações extraídas do documento, inclusive material expressivo contido nas notas explicativas, apêndice(s) e anexo(s), entre outros." e de acordo com a subseção 6.6 da ABNT NBR 6034 (2004, p. 3) "No índice geral, as entradas de cada categoria devem ser diferenciadas graficamente e ordenadas conforme a ABNT NBR 6033." Ambas as orientações foram seguidas na estruturação do índice.

Sendo assim, foi possível elencar e descrever os processos - baseados na metodologia adotada - da seguinte forma:

a) Revisão e atualização dos descritores com a inserção de novos termos e eliminação de termos inadequados:

   Para o procedimento de revisão a ISO 25964-1 (2011, p. 95, tradução nossa), subseção 13.6.3 - sugere o seguinte:

   > "Em intervalos regulares, o editor do tesauro deverá revisar todas as sugestões recebidas e os termos candidatos propostos. Além disso, o editor deve monitorar a frequência de utilização dos termos preferenciais na(s) base(s) de dados atendida(s). Qualquer um que seja usado com muita frequência ou pouco é candidato à exclusão ou alteração."

   Sendo assim, foi realizada uma análise do vocabulário utilizado na instituição com o propósito de verificar se os termos preferidos se encontram atuais, utilizando para isso a garantia literária e a garantia de uso. Ou seja, se nos documentos atuais do acervo o termo mais utilizado permanece o mesmo e, também, se eles seguem sendo pesquisados pelos usuários desta forma.

Posto isto, alguns termos candidatos tiveram que ser realocados como termo preferido para atender as demandas atuais. Como por exemplo:

Condições econômicas ver CONJUNTURA ECONÔMICA

b) Padronização da flexão singular e plural dos termos:

Para a padronização da flexão singular e plural dos termos, de acordo com a ISO 25964-1 (2011, p. 89, tradução nossa), subseção 13.1.2 - Determinando recursos do dicionário de sinônimos - “A um nível mais detalhado, devem ser tomadas decisões sobre as convenções a utilizar para singular/plural, ortografia e letras maiúsculas”.
Assim sendo, optamos pela pluralização dos termos em alguns casos, quando por exemplo “Substantivos contáveis são nomes de entidades contáveis sujeitas à pergunta "Quantos?" mas não "Quanto?” (ISO 25964-1:2011, p. 28, tradução nossa).
No vocabulário, pluralizamos o termo de forma direta:

“Movimento republicano” modificamos o termo para: MOVIMENTOS REPUBLICANOS

c) Alteração dos termos para letra maiúscula:

Apesar da ISO 25964-1 (2011, p. 26, tradução nossa), subseção 6.4 - Letras maiúsculas, pontuação e caracteres especiais - Informar que “[...] deve -se usar letras minúsculas, exceto quando letras maiúsculas são exigidas em nomes próprios”, optamos por utilizar os descritores em letra maiúscula, a fim de facilitar a leitura e identificação do termo.

Exemplo:

Paternidade - PATERNIDADE

d) Definição de qualificadores para termos homógrafos:

Para a solução de problemas causados por quase sinônimos ou homógrafos, optamos por utilizar qualificadores. De acordo com a ISO 25964-1 (2011, p. 52, tradução nossa), subseção 9.3.2 - Problemas causados por quase-sinônimos ou homógrafos

> “Se o problema for causado por homografia, ele poderá ser resolvido conforme recomendado em 6.2.2, adicionando qualificadores quando apropriado [...]. A mesma solução também pode ser aplicada mesmo quando os termos do problema têm significados muito mais próximos, na medida em que podem ser tratados como quase-sinônimos. [...].”

Exemplo: Dependência (economia)

Dependência (ideologia)

e) Estabelecimento da ordem direta dos termos em detrimento à ordem invertida usada anteriormente:

Referente aos termos em que no AACR2 a orientação é inserir com ordem invertida, como nomes geográficos e de autores. Porém, ao atualizar o vocabulário passamos para a linguagem natural através de remissivas, conforme orientação da ISO 25964-1 (2011, p. 44, tradução nossa), subseção 7.6 - Consistência no tratamento de conceitos complexos:

> "Termos preferenciais que sejam sintagmas nominais adjetivos ou preposicionais devem ser inseridos no tesauro em ordem de linguagem natural, e não como termos invertidos. No entanto, a forma invertida de uma frase preposicional pode ser inserida como um termo não preferencial. Isto é especialmente útil se o tesauro for usado em formato impresso; pode não ser necessário um dicionário de sinônimos eletrônico que possa ser pesquisado por qualquer palavra incorporada em um termo."

Aqui observamos que a ordem direta dos termos facilita o entendimento e as buscas realizadas pelos usuários e profissionais indexadores.

Exemplo: São Francisco, rio ver RIO SÃO FRANCISCO
Cabral, Bernardo ver BERNARDO CABRAL

f) Padronização das siglas e acrônimos:

De acordo com a NBR ISO 25964-1 (2011, p. 34, tradução nossa), subseção 6.6.8 - Abreviaturas e siglas - "Abreviaturas e siglas são muitas vezes ambíguas, porque podem referir-se a mais de um conceito. Portanto, a forma completa do nome deverá normalmente funcionar como o termo preferido, com uma referência recíproca da forma abreviada." Sendo assim, padronizamos todas as siglas e acrônimos.

Exemplo: SFN ver SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL
Sudene ver SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

g) Modificação de cabeçalhos de assuntos para descritores:

Na primeira edição do índice, de 1977, ainda encontramos alguns cabeçalhos de assunto, como por exemplo:

BRASIL - CONSTITUIÇÃO - REFORMAS

Nestes casos, modificamos o cabeçalho para descritores. Sendo assim, o cabeçalho acima passou para o descritor "REFORMA CONSTITUCIONAL"

A precisão dos descritores definidos no momento da análise documentária é um fator essencial para obtenção de resultados assertivos no momento da recuperação da informação. No processo de definição, deve-se levar em consideração os objetivos da instituição, qual tipo de usuário irá procurar pela informação, a especificidade do assunto e a sua cobertura. De acordo com Evangelista (2015)

> "A indexação, um dos processos da representação temática, é realizada com o propósito de atender às necessidades de informação de um determinado grupo de usuários. Isso implica dizer que é preciso relacionar a análise do documento em si,

> isso é a identificação e a representação de seu conteúdo, com os interesses do grupo a que se destina. A atribuição de termos que sejam representativos dos conteúdos dos documentos e que sejam, ao mesmo tempo, igualmente representativos nas linguagens de especialidade dos grupos de usuários, é uma decisão terminológica."

Ao retirar o primeiro relatório referente aos assuntos dos artigos, identificamos que a indexação estava provocando uma alta revocação no momento da recuperação da informação. Identificamos também que os artigos por vezes estavam indexados em sua exaustão e por outras vezes não. Havia artigos com até 15 descritores, o que provocava uma grande exaustividade no momento da recuperação. Os termos usados na indexação dos documentos estavam, na grande maioria, em uma estrutura de linguagem natural, porém necessitavam de controle. Então, para que o trabalho ao seu final fosse exitoso, tivemos que, no momento do planejamento do projeto, definir que nível de indexação atribuiríamos aos textos, atualizar o vocabulário controlado e em seguida revisar a indexação de todos os 3.057 artigos.

Mediante a análise, decidimos atribuir 02 (dois) descritores por artigo e, somente no caso de nomes geográficos, adicionar mais 01 (um) descritor. O objetivo foi obter uma maior especificidade no momento da indexação, o que resulta em uma maior representatividade dos conceitos aumentando o nível de precisão na recuperação. O público da CNC procura por maior objetividade no momento da recuperação da informação, para isso a busca deve retornar o menor número de documentos irrelevantes possíveis. A redução dos descritores permitiu então uma recuperação mais precisa. A definição dos descritores foi baseada nos termos mais procurados nos últimos anos.

De acordo com a abordagem teórico metodológica adotada, os resultados foram satisfatórios e pode-se dizer que conseguimos alcançar o objetivo. Outro apontamento é que a partir do momento que a 1ª edição do índice foi publicada, em 1977, não houve nenhuma revisão ou atualização. O índice permanecia com as normas vigentes da época. Sendo assim, esta nova edição foi publicada baseada em normas atualizadas e vigentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do índice de assuntos para a "Carta Mensal", periódico da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), representa um avanço significativo na gestão e disseminação do conhecimento dentro da entidade. Este artigo proporcionou uma visão detalhada do percurso desde a revisão do vocabulário controlado até as etapas de desenvolvimento do índice, destacando a importância dos vocabulários controlados como ferramentas essenciais para a organização e recuperação eficiente da informação.

A necessidade de uma infraestrutura informacional bem estruturada na CNC é crucial para apoiar decisões assertivas por parte dos colaboradores, atendendo às demandas informacionais dos Sindicatos e Federações que a entidade representa. Os vocabulários controlados desempenham um papel fundamental ao proporcionar um ambiente de terminologias padronizadas e atualizadas, facilitando não apenas o trabalho dos profissionais da informação, mas também a acessibilidade e utilidade das informações para os usuários finais.

A metodologia adotada neste estudo, composta por pesquisa bibliográfica, análise documental e estudo de caso, demonstrou ser eficaz para o desenvolvimento de um índice

de assuntos que atenda aos padrões de qualidade exigidos pela CNC. A análise crítica do vocabulário existente na instituição, aliada à sua atualização conforme o cenário atual, foi essencial para garantir a relevância e precisão do índice elaborado. Além disso, em breve o índice da Carta Mensal será disponibilizado online, o que reflete o compromisso da CNC em promover transparência e acesso democrático ao conhecimento produzido pelo Conselho de Notáveis. A contínua evolução e aprimoramento desses recursos são fundamentais para acompanhar as mudanças no contexto informativo e garantir que a CNC continue a desempenhar seu papel como líder do setor de comércio no Brasil.

Portanto, conclui-se que o desenvolvimento do índice de assuntos da Carta Mensal não apenas fortalece a capacidade da CNC de servir seus públicos internos e externos com eficiência, mas também contribui significativamente para a valorização e disseminação do conhecimento gerado pela instituição ao longo de décadas de atividade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 12676:* Métodos para análise de documentos - Determinação de seus assuntos e determinação de termos de indexação. Rio de Janeiro: ABNT, 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *ABNT NBR 6034:* Informação e documentação - Índice - apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 25964:* thesauri and interoperability with other vocabularies. Part 1: Thesauri for information retrieval. Geneve: International Standard Organization, 2011.

BOCCATO, Vera Regina Casari. *A linguagem documentária vista pelo conteúdo, forma e uso na perspectiva de catalogadores e usuários***.** In: FUJITA, Mariângela Spoti Lopes, org., et al. A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 149 p.

EVANGELISTA, Isadora; MOREIRA, Walter; MORAES, João Batista Ernesto de. *Terminologia, exaustividade e especificidade: uma relação conceitual.* In: Organização do conhecimento e diversidade cultural. ISKO-Brasil; Marília: 2015.

LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos: teoria e prática*. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004. Disponível em: Biblioteca Digital e Sonora: Indexação e resumos: teoria e prática (unb.br).

LARA, Marilda Lopes Ginez. *Representação e linguagens documentárias: base teórico-metodológicos*. São Paulo: ECA/USP (Tese - Doutorado), 1999. Disponível em: Representação e Linguagens Documentárias: Bases Teórico-Metodológicas (usp.br).

MAI, Jens Erik. *Analysis in indexing: document and domain centered approaches*. Information Processing & Management, Elmsford, v. 41, n. 3, p. 599-611, 2005. Disponível em: Analysis in indexing: document and domain centered approaches: Information Processing and Management: an International Journal: Vol 41, No 3 (acm.org).

MENDONÇA, Ana Maria de; PONI, Mariângela Macedo Cunha. *Índice de assuntos: a experiência do Centro de Informações Técnicas da Usiminas na implantação do sistema em*

microcomputador. In: Ciência da Informação., Brasília, 20(2): 238-240, jul./dez. 1991. Disponível em: Vista do Índice de assuntos: a experiência do Centro de Informações Técnicas da Usiminas na implantação do sistema em microcomputador (ibict.br).

SILVA, Maria dos Remédios da; FUJITA, Mariângela Spoti Lopes. *A prática da indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas*. Transinformação, Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, maio/ago. 2004. Disponível em: SciELO - Brasil - A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas.

SOUZA, Rosali Fernandez de. *Organização do conhecimento*. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). Para entender a Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: Para entender a ciência (ufba.br).

GESTÃO DA INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA NO BRASIL: AVANÇOS E ESTADO DA ARTE

Edgard Costa Oliveira
Universidade de Brasilia

Lillian Maria Araujo Rezende Alvares
Universidade de Brasilia

Washington Luís Ribeiro de Carvalho Segundo
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Marcel Garcia de Souza
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Resumo: O avanço e a consolidação dos esforços em informação tecnológica são essenciais para o pleno florescimento econômico de um país, impulsionando um futuro de inovações e conquistas. Atualmente, o cenário da gestão da informação tecnológica no Brasil envolve diversas iniciativas e instituições que trabalham na coleta, armazenamento, análise e disseminação de conhecimento tecnológico. No entanto, há um problema significativo de falta de coordenação e articulação estratégica entre essas iniciativas, o que impede o pleno aproveitamento dos recursos de informação e conhecimento tecnológicos disponíveis. A justificativa para este estudo reside na necessidade de apoiar um ecossistema de inovação mais robusto e eficiente, que se beneficie dos esforços de diferentes atores e promova a utilização otimizada da informação tecnológica. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) desempenha um papel crucial nesse contexto, atuando como um catalisador para a integração e cooperação entre diversas instituições e setores. O objetivo deste estudo é mapear as principais iniciativas de informação tecnológica no Brasil, identificar as oportunidades e desafios existentes e propor ações concretas para fortalecer a infraestrutura de informação tecnológica no país. A metodologia utilizada incluiu uma pesquisa exploratória de cunho quantitativo e qualitativo, envolvendo a análise de dados secundários e a realização de entrevistas com especialistas do setor. Os resultados mostraram a importância dos observatórios, dos radares tecnológicos e dos repositórios de conhecimento como ferramentas essenciais para a disseminação da informação e do conhecimento tecnológico, já que favorecem o monitoramento de tendências, a identificação de oportunidades e a formulação de políticas públicas eficazes. A pesquisa revelou que a continuidade e o aprimoramento dessas iniciativas são fundamentais para posicionar o Brasil na vanguarda da inovação tecnológica. A conclusão deste estudo destaca a necessidade de capacitação de profissionais, de gestão eficiente da informação, de apoio à política tecnológica e industrial, de proteção da propriedade intelectual e de normalização. A implementação das ações propostas contribuirá para criar um ambiente mais favorável à inovação e ao desenvolvimento econômico.

Palavras-Chave: informação tecnológica, inovação, desenvolvimento econômico e industrial, IBICT.

INTRODUÇÃO

O avanço e a consolidação dos esforços em informação tecnológica no Brasil são prioridades estratégicas para impulsionar a inovação no setor produtivo. Para alcançar essa visão é essencial implementar ações coordenadas que vão desde a disseminação da informação e do conhecimento tecnológico até a articulação estratégica com parceiros nacionais e internacionais. Neste contexto, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

Tecnologia (IBICT), unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), desempenha um papel central no fortalecimento desse ecossistema, cumprindo sua missão de gestão da informação em ciência e tecnologia por meio da capacitação, do desenvolvimento de recursos e da infraestrutura de informação necessária para estimular a inovação, disseminar o conhecimento, fomentar o desenvolvimento econômico e promover a sustentabilidade e o desenvolvimento social.

Com apoio do MCTI e parcerias com outras instituições, o IBICT trabalha em sete eixos principais: informação científica, informação tecnológica, informação para o governo, popularização da ciência, ensino e pesquisa em ciência da informação, inovação e aprimoramento em tecnologias de informação e edição de publicações, atuando no desenvolvimento de pesquisas, produtos e serviços de informação essenciais para o avanço da sociedade e promoção da ciência e tecnologia. Devido à natureza transversal da informação, o público do IBICT é bastante diversificado, sendo composto por pesquisadores, professores, estudantes de diferentes níveis, agentes da indústria, agentes públicos, instituições governamentais e a sociedade em geral. Para atender essa diversidade de públicos, o IBICT desenvolve soluções customizadas e programas específicos que buscam facilitar o acesso, a disseminação e a utilização da informação científica e tecnológica, promovendo a inclusão e o avanço do conhecimento em todos os setores.

Essa pesquisa está voltada ao campo da informação tecnológica, prioritário para promoção e impulso do crescimento e desenvolvimento econômico. Para aprofundar o seu entendimento, vale trazer o conceito de informação tecnológica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (2001):

> todo tipo de conhecimento relacionado com o modo de fazer um produto ou prestar um serviço para colocá-lo no mercado, conhecimento este que pode ser de natureza científica, empírica ou intuitiva. Na prática, abrange a informação para a indústria e a informação sobre a indústria. A partir do processo de inserção competitiva da economia brasileira na economia mundial, com a abertura de novos mercados, a Informação Tecnológica Industrial passa a ser elemento vital para a competitividade (BRASIL, 2001, p.68)

Alvares e Damian (2022) trazem uma síntese dos principais conceitos de informação tecnológica, já que sua abrangência inclui diversas terminologias como informação para a indústria, informação industrial e informação tecnológica industrial, entre outras. Segundo Klintoe (1981) e Matourt (1983), embora cada termo tenha suas especificidades, apenas a expressão "informação tecnológica" abrange todas as singularidades da informação técnica, tecnológica, econômica, organizacional ou de engenharia. De acordo com o Comitê de Estudo Informação para Indústria da Federação Internacional de Informação e Documentação (FID/II), a informação tecnológica é definida como "todo conhecimento de natureza técnica, econômica, mercadológica, gerencial, social, etc. que, por sua aplicação, favoreça o progresso na forma de aperfeiçoamento e inovação" (FID, 1961, apud ARAÚJO, 1993, p.228). Kariem (1990) acrescenta que a informação tecnológica é essencial para a criação de novos conhecimentos e para a infraestrutura necessária à inovação.

A percepção pioneira da FID na criação de um fórum internacional para o intercâmbio de ideias e experiências sobre informação tecnológica industrial é destacada por Alvarez-Ossorio (1986) e sua extinção em 2002 deixou um vazio nas estratégias de informação tecnológica nacionais. A Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO) define informação industrial como uma variedade de áreas de informação técnica, tecnológica, econômica, comercial, estatística e de marketing relevantes para atividades industriais, promovendo a criação de uma rede cooperativa para maximizar a utilização

desses recursos (Vince, 1971). Klintoe (1981) enfatiza que a informação para a indústria deve ser um esforço intelectual para melhorar operações e estimular a inovação nas empresas, ressaltando que "informação só tem valor quando aplicada". Mautort (1980) complementa que a informação tecnológica deve estar acompanhada de outras informações, como científica e de engenharia, para ser efetivamente útil.

No Brasil, a definição de Aguiar (1991) identifica a informação tecnológica como "todo tipo de conhecimento relacionado com o modo de fazer um produto ou prestar um serviço, para colocá-lo no mercado" e descreve várias funções, incluindo o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas e a gestão tecnológica. Montalli e Campello (1997) apresentam a informação tecnológica como necessária para aquisição, inovação, transferência de tecnologia e outros processos industriais. Elas também introduzem o termo "informação para negócios", que subsidia o processo decisório das empresas. Alvares (1997) propõe que a informação tecnológica abrange conhecimentos sobre tecnologias de fabricação, projeto e gestão que favorecem a melhoria contínua da qualidade e a inovação no setor produtivo.

Uma das perspectivas possíveis na decomposição do campo é organizá-lo em seis linhas temáticas. A primeira, **gestão da informação tecnológica**, envolve a coleta, armazenamento, análise e disseminação de informações relacionadas à tecnologia para apoiar a tomada de decisões estratégicas. Esse segmento é crucial para organizar e utilizar dados de maneira eficaz, permitindo que as empresas e instituições façam escolhas informadas e planejem suas ações com base em informações precisas e atualizadas.

A segunda, **prospecção tecnológica**, consiste na identificação de novas tecnologias emergentes que podem impactar o setor produtivo, auxiliando na antecipação de tendências e oportunidades. Este processo é fundamental para manter a competitividade, permitindo que as organizações estejam sempre à frente das mudanças e inovações que surgem no mercado.

A terceira, **transferência de tecnologia**, o processo de transferir conhecimento e inovações tecnológicas de uma organização para outra, facilitando a comercialização e aplicação prática. Isso permite que avanços científicos e tecnológicos sejam rapidamente adotados e utilizados por outras entidades, aumentando a eficiência e promovendo o crescimento econômico.

A **apoio à inovação tecnológica**, o quarto segmento, concentra-se na criação de novas soluções e produtos por meio da aplicação de avanços científicos e tecnológicos. Este segmento é essencial para o desenvolvimento contínuo e a melhoria de produtos e serviços, impulsionando o progresso e a competitividade no mercado global.

A **inteligência competitiva** envolve o uso de informações tecnológicas para monitorar o ambiente competitivo e orientar estratégias empresariais. Ao analisar dados sobre concorrentes e tendências de mercado, as organizações podem desenvolver estratégias mais eficazes e adaptativas, garantindo seu sucesso e sustentabilidade a longo prazo. É a quinta linha temática.

Por fim, **propriedade industrial**, sexta linha temática, envolve a proteção de inovações tecnológicas por meio de patentes, marcas, desenhos industriais, indicações geográficas e topografias de circuitos integrados. Este segmento é vital para assegurar que os inventores e empresas possam usufruir dos benefícios de suas criações, incentivando a inovação contínua e a criatividade dentro de um ambiente seguro e regulamentado.

Nesse cenário, as iniciativas do IBICT podem ser vistas na seguinte perspectiva: (i) mapeamento conceitual e relações semânticas do ecossistema de informação de pesquisa e desenvolvimento, (ii) memória da informação tecnológica no Brasil, (iii) sistema de informação sobre a pesquisa científica e tecnológica corrente, (iv) soluções técnicas e tecnológicas para o setor produtivo e (v) articulação estratégica.

O mapeamento conceitual e relações semânticas do ecossistema de informação de pesquisa e desenvolvimento refere-se aos estudos quantitativos e qualitativos para o mapeamento de termos e conceitos que envolvem o ecossistema de informação em P&D. Foram utilizadas ferramentas da linguística de corpus para seleção de termos do campo semântico dos temas informação tecnológica e informação para inovação, a partir dos quais foram construídos mapas conceituais, compostos pelos termos e suas relações. Também foram elaboradas definições para os principais conceitos abordados no projeto, por meio da leitura de textos selecionados e da extração de contextos definitórios no corpus textual. Esta frente de pesquisa tem como objetivo promover percepções sobre a produção científica e tecnológica acerca do tema, oferecer recursos para a representação do conhecimento destes domínios e, assim, colaborar para a sistematização, organização, divulgação e uso da informação para os públicos interno e externo ao IBICT.

??A??memória??da??informação??tecnológica??tem??como??objetivo??garantir??a??pre
servação??da??memória??da??Informação??Tecnológica??no??Brasil??por??meio??do??resgate??dos?

O sistema de informação sobre a pesquisa científica e tecnológica corrente, tem como objetivo mapear processos de inovação tecnológica e identificar os principais agentes e dados neles envolvidos de modo a gerar o modelo de informações para o BrCris T, extensão do BrCris para dados do universo de inovação e tecnologia. O objetivo do projeto é estender o modelo semântico do BrCris, composto por uma ontologia, para contemplar estes dados, além de mapear potenciais fontes de dados e especificar mecanismos de coletas para cada uma delas.

As soluções técnicas e tecnológicas para o setor produtivo, tem sido cada vez mais valorizada no setor produtivo. Esta iniciativa tem atuado na análise e reorganização da base de dados do Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas (SBRT) levando à valorização da informação tecnológica e dando apoio ao desenvolvimento de novas ferramentas e serviços, como a proposição de uma integração entre a base de dados SBRT e a base de dados TRIZ, mantida pela Oxford Creativity.

A articulação estratégica, tem como objetivo principal coordenar e promover a articulação de instituições estratégicas para promoção da informação tecnológica, atuando na identificação e análise das tendências tecnológicas relevantes, avaliando como as tecnologias emergentes podem impactar o setor produtivo, desenvolvendo estratégias para adoção e implementação das tecnologias industriais básicas, estabelecendo parcerias e colaborações com outras organizações, instituições de pesquisa ou empresas de base tecnológica para impulsionar a troca de conhecimento e experiências, elaborando políticas e diretrizes para favorecer o desenvolvimento tecnológico e promovendo a cultura da inovação.

A análise das iniciativas e perspectivas do IBICT no contexto da nova informação tecnológica, é convergente e complementar às linhas de ação propostas na literatura, onde cada uma aborda aspectos críticos para a gestão e aplicação da informação tecnológica, sublinhando a necessidade de um sistema bem estruturado para facilitar o desenvolvimento tecnológico e a consolidação de um ecossistema robusto de inovação.

MAPEAMENTO DE INICIATIVAS DE INFORMAÇÃO TECNOLÓGICA NO BRASIL

Dado o papel estratégico da informação tecnológica para a inovação e o desenvolvimento econômico no Brasil, cabe mapear as iniciativas existentes para compreender o ecossistema de informação tecnológica no país. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho quantitativo e qualitativo, envolvendo a análise de dados secundários e a realização de entrevistas com especialistas do setor, que visa identificar os principais parceiros potenciais para o IBICT e mapear as ações de informação tecnológica no Brasil.

Os resultados aqui apresentados, referem-se à linha de ação articulação estratégica, que busca a identificação de alguns atores e iniciativas do cenário da informação tecnológica, sobretudo no setor público, a fim de conhecer parte do ecossistema de informação tecnológica, que podem ser potenciais colaboradoras para o fortalecimento desse ecossistema.

ALGUMAS INICIATIVAS IDENTIFICADAS NA ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO TECNOLÓGICO

A organização e gestão da informação e do conhecimento tecnológico importam para o desenvolvimento econômico e impulso à inovação no Brasil. Diversas iniciativas têm sido implementadas por instituições públicas e privadas com o objetivo de sistematizar, disseminar e aplicar o conhecimento tecnológico de forma eficaz. Este segmento apresenta algumas dessas iniciativas, destacando plataformas que monitoram avanços, identificam tendências e promovem a inovação em diferentes setores. Essas ações são fundamentais para integrar o conhecimento tecnológico às estratégias de desenvolvimento econômico e social do país, garantindo que as informações relevantes estejam acessíveis a todos os stakeholders envolvidos.

OBSERVATÓRIOS E RADARES TECNOLÓGICO

Os observatórios e radares tecnológicos desempenham um papel importante na identificação e análise de tendências emergentes, avanços científicos e inovações tecnológicas. Esses instrumentos de monitoramento permitem que instituições e empresas se mantenham atualizadas sobre as mudanças no ambiente tecnológico e competitivo, fornecendo percepções valiosas para a tomada de decisões estratégicas. No Brasil, diversos observatórios e radares tecnológicos têm sido implementados, cada um com focos específicos, mas todos com o objetivo comum de promover a inovação e o desenvolvimento sustentável. Este segmento apresenta uma visão geral das principais iniciativas, destacando suas contribuições para a gestão e disseminação do conhecimento tecnológico no país.

Observatório de Bioeconomia (OBIO): coordenado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), o OBIO acompanha tendências e inovações no campo da bioeconomia, integrando informações sobre biotecnologia, sustentabilidade e agronegócio.

Observatório de Ciência, Tecnologia e Inovação (OCTI): coordenado também pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), o OCTI monitora indicadores de ciência, tecnologia e inovação no Brasil, oferecendo dados e análises que subsidiam a formulação de políticas públicas.

Observatório de Inovação e Competitividade (OIC): localizado na Universidade de São Paulo (USP), o OIC é uma iniciativa do Instituto de Estudos Avançados (IEA) que

promove estudos e análises sobre inovação, competitividade e desenvolvimento tecnológico.

Observatório de Tecnologias Educacionais (OTEC): iniciativa do BNDES Educação Conectada, o OTEC foca na análise e disseminação de informações sobre tecnologias aplicadas à educação, visando melhorar a qualidade do ensino no Brasil.

Observatório FIESC: divulgação da Federação das Indústrias de Santa Catarina de conteúdos especiais, divulgados quinzenalmente, com objetivo de monitorar avanços tecnológicos e inovações nas áreas de inteligência artificial (IA), sustentabilidade, descarbonização, energias renováveis, robótica, saúde e outras.

Observatório Nacional da Indústria: mantido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), realiza estudos e análises sobre a inovação na indústria brasileira, identificando oportunidades e desafios para o setor. É o lócus central de uma grande rede de inteligência coletiva, capaz de acessar e analisar dados, identificar e construir cenários de futuro.

Radar CPQD Conecte-se ao Novo: registro abrangente das opiniões de executivos, acadêmicos e especialistas brasileiros do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações sobre a percepção de maturidade, a expectativa de impacto nos negócios e a perspectiva de prazo para adoção de tecnologias selecionadas como relevantes nos cenários atual e futuro do país. É um relatório que consolida uma visão sobre o cenário das tecnologias emergentes que impactarão as empresas brasileiras nos próximos anos, como forma de responder o desafio de acompanhar e avaliar as tendências tecnológicas que irão impactar os ambientes e modelos de negócios

Radar Tecnológico ANPD: publicações técnicas sobre temas emergentes da Autoridade Nacional de Proteção de Dados. A edição de lançamento trata das cidades inteligentes (*smart cities*), espaços urbanos caracterizados pelo uso extensivo de tecnologia e de dados para a melhoria da qualidade de vida, eficiência e sustentabilidade urbanas.

Radar Tecnológico IBP: o Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás divulga estudos sobre novas tecnologias e inovações, seus maiores obstáculos hoje no Brasil e quais são os desafios à implantação de novas tecnologias. Também classifica tecnologias potencialmente revolucionárias, no que diz respeito ao impacto a curto e longo prazos que elas terão no setor.

Radar Tecnológico INPI: analisa a informação tecnológica contida em documentos de patentes do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, tendo como foco a análise de tecnologias e setores elencados como prioritários pelo Governo brasileiro ou instituições parceiras. Tem como escopo apresentar o desenvolvimento tecnológico no Brasil e no mundo por meio da análise dos documentos de patente do setor tecnológico.

RTTBB (Radar de Tendências Tecnológicas do Banco do Brasil): mapeia as tecnologias que irão impactar os negócios nos próximos anos, com cenários de curto, médio e longo prazo.

REPOSITÓRIOS DE CONHECIMENTO TECNOLÓGICO

Os repositórios de conhecimento tecnológico armazenam documentos, publicações, relatórios e outras formas de conhecimento produzido por instituições de pesquisa, universidades e empresas. Este segmento apresenta uma visão geral dos principais

repositórios de conhecimento tecnológico no país, destacando suas funções, o tipo de informação que armazenam e sua importância para o avanço da ciência e tecnologia no Brasil.

Estudos Setoriais do INPI: elaborados pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial com objetivo de gerar informação estratégica sobre setores específicos com as finalidades de subsidiar a elaboração de novos marcos regulatórios, auxiliar na avaliação setorial dos resultados da política industrial e permitir melhor utilização dos recursos de fomento à pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica. Esses estudos, que podem ser desenvolvidos em parceria com outras instituições do governo ou entidades de classe, têm como principal fonte de informação o documento de patente.

Informações Tecnológicas da Embrapa: informações de diferentes áreas de conhecimento, disponíveis em diversos formatos. Incluem publicações técnicas, como manuais, livros, cartilhas, boletins, periódicos e outros materiais impressos ou digitais que abordam temas específicos relacionados à produção agropecuária, tecnologias, manejo de culturas, criação de animais, conservação do solo, entre outros. A Embrapa atua como um centro de referência em informação agropecuária, coletando, organizando, armazenando e disponibilizando diversos tipos de dados e conhecimentos técnicos relevantes para o desenvolvimento sustentável do agronegócio brasileiro.

Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT): fornecimento de informação tecnológica em quatro grandes áreas: pesquisa, desenvolvimento & inovação; serviços tecnológicos; serviços metrológicos; e educação em tecnologia, sobre ensaios, análises, calibrações e certificações; monitoramento, inspeção e consultoria para resolução de problemas; e desenvolvimento de produtos e processos.

Instituto Nacional de Tecnologia (INT): fornecimento de informação tecnológica, obtida por meio de consulta a bases de dados e fontes bibliográficas integrantes do acervo especializado em realização de análises, determinações e ensaios físicos, químicos, físico-químicos, bem como avaliações visando a classificação aduaneira de mercadorias, a depreciação de bens e a usabilidade de produtos e demais serviços tecnológicos.

Plataforma Oasisbr (Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto): coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), agrega conteúdos de diversas bibliotecas digitais brasileiras, oferecendo acesso aberto a artigos, teses, dissertações e outras publicações científicas e tecnológicas. A plataforma unifica a busca e recuperação de informações científicas, facilitando a descoberta de conhecimento e evitando a fragmentação. Com uma ampla variedade de materiais e ferramentas de busca avançada, o Oasisbr atende às necessidades de pesquisadores, estudantes e profissionais. Esta iniciativa reforça o compromisso com a democratização do conhecimento, promovendo a inclusão e o avanço da pesquisa e inovação no Brasil.

Previsões Meteorológicas do Inmet: modelos meteorológicos e dados coletados por estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia, distribuídas pelo país para realizar previsões do tempo em diferentes escalas, desde previsões de curto prazo (horas ou dias) até previsões sazonais. Essas previsões são fundamentais para

a tomada de decisões no setor agropecuário, permitindo o planejamento de atividades como plantio, colheita, irrigação e manejo de insetos.

Repositório de Conhecimento da Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI): abrange inovações tecnológicas e projetos de desenvolvimento em áreas como eletrônica, automação, tecnologias da informação e comunicação. Este repositório é uma ferramenta importante para a disseminação de práticas inovadoras e o fortalecimento da competitividade das empresas brasileiras.

Repositório de Conhecimento da Rede Brasileira de Laboratórios de Ensaio (RBLE): reúne informações sobre ensaios e certificações realizadas por laboratórios credenciados. Este repositório facilita a troca de conhecimento técnico e garante a conformidade com padrões de qualidade e segurança, apoiando setores industriais e comerciais na implementação de melhores práticas e inovação tecnológica.

Repositório de Conhecimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): armazena documentos, estudos e pesquisas sobre economia aplicada, políticas públicas e desenvolvimento social. Este repositório serve como um recurso valioso para pesquisadores, formuladores de políticas e o público em geral, oferecendo acesso a análises e dados fundamentais para o planejamento e avaliação de políticas públicas no Brasil.

Repositório de Conhecimento do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO): inclui normas técnicas, regulamentos, estudos e pesquisas sobre metrologia, qualidade e avaliação da conformidade. Este repositório apoia a indústria e os consumidores ao garantir que produtos e serviços atendam aos padrões de qualidade e segurança, promovendo a inovação e a confiança no mercado.

Repositório de Conhecimento do Instituto Nacional de Pesos e Medidas (IPEM): concentra informações sobre metrologia legal, incluindo regulamentações, procedimentos de calibração e verificação de instrumentos de medição. Este repositório é essencial para assegurar a precisão e confiabilidade das medições em diversas áreas, promovendo a justiça nas transações comerciais e a segurança dos consumidores.

PROPOSIÇÃO DE NOVAS AÇÕES

Após o mapeamento das iniciativas existentes na organização e gestão do conhecimento tecnológico no Brasil, é fundamental avançar para a proposição de novas ações que possam preencher lacunas e fortalecer ainda mais o ecossistema de informação tecnológica. O planejamento de novas ações requer uma análise cuidadosa das necessidades atuais e futuras, além de uma articulação estratégica com parceiros nacionais e internacionais. Este segmento propõe uma série de iniciativas que visam aprimorar a capacitação, gestão da informação, apoio à política tecnológica, industrial e de comércio exterior, propriedade industrial, normalização e apoio aos arranjos produtivos locais de inovação. Essas ações têm como objetivo criar um ambiente propício para a inovação e o desenvolvimento tecnológico, garantindo que o Brasil se mantenha competitivo no cenário global.

Como sugestão para o início da concepção da ação estratégica do IBICT, algumas iniciativas são propostas. No **domínio da capacitação**, sugere-se a organização de um curso de especialização em informação tecnológica, incluindo conteúdos como ecossistema de inovação, políticas de desenvolvimento industrial com foco na reindustrialização, propriedade industrial, barreiras técnicas ao comércio exterior, normalização e design industrial.

Na **gestão da informação e do conhecimento tecnológico**, propõe-se o apoio ao desenvolvimento do conhecimento crítico em tecnologia industrial, a partir da identificação e disseminação de informações sobre inovações realizadas nos institutos de pesquisa do MCTI, políticas de desenvolvimento tecnológico, reindustrialização e inovação em curso no Brasil, além dos aspectos da tecnologia contida na Estratégia Nacional de Ciência e Tecnologia (ENCT). Também é importante a organização e disseminação do conhecimento sobre tecnologias industriais desenvolvidas em instituições de ensino, especialmente a pesquisa aplicada em programas de pós-graduação em engenharia e incubadoras de empresas de base tecnológica. A ampla divulgação das barreiras técnicas aos produtos manufaturados nacionais selecionados com base na Estratégia Nacional de Suporte à Produção e o levantamento de iniciativas governamentais, identificando projetos, programas e grupos de trabalho que envolvam desenvolvimento tecnológico industrial, são ações complementares.

Em **apoio à política tecnológica, industrial e de comércio exterior**, é importante realizar análises de dados e tendências de desenvolvimento tecnológico industrial em nível nacional e global, permitindo que os formuladores de políticas identifiquem áreas de oportunidade e necessidade de intervenção. O monitoramento contínuo das atividades e políticas tecnológicas e industriais de outros países é crucial para desenvolver estratégias eficazes de comércio exterior e inteligência econômica. Além disso, a identificação de oportunidades de cooperação internacional pode resultar em iniciativas de pesquisa conjunta, intercâmbio de melhores práticas e desenvolvimento de padrões internacionais, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico e o crescimento da indústria e do comércio exterior. Facilitar a transferência de tecnologia entre setores industriais e entre países, identificando oportunidades de colaboração, apoiando a proteção da propriedade intelectual e fornecendo assistência na implementação de acordos de transferência de tecnologia, é outra ação fundamental.

Na área de **propriedade industrial**, propõe-se a prospecção de patentes internacionais não depositadas no Brasil para análise e divulgação de oportunidades. A análise de trajetórias de tecnologias selecionadas e sua ampla divulgação no setor produtivo por meio de *roadmaps* tecnológicos são ações complementares. Facilitar o acesso à informação sobre propriedade industrial, desenvolvendo ferramentas para empresas e pesquisadores realizarem pesquisas de anterioridade e monitorarem o estado da arte em suas áreas de interesse, e fomentar a colaboração e transferência de tecnologia são iniciativas que podem incentivar a transferência de tecnologia e o desenvolvimento de parcerias estratégicas.

Para **normalização**, é importante identificar e divulgar normas relevantes para diferentes setores e segmentos da indústria, incluindo a coleta de informações sobre normas nacionais e internacionais e sua disseminação. O monitoramento de tendências e atualizações normativas garante que as organizações estejam cientes das mudanças em seu ambiente regulatório, permitindo uma resposta proativa às novas exigências e oportunidades de mercado. A integração de dados e informações com outros sistemas de informação facilita o acesso e a utilização eficaz dessas informações no desenvolvimento de produtos, processos e serviços.

No **apoio aos Arranjos Produtivos Locais**, sugere-se o apoio à explicitação do conhecimento tácito em APL selecionados, característica principal dessas aglomerações produtivas. O apoio à internacionalização, fornecendo informações sobre regulamentações, normas técnicas, tendências de mercado e oportunidades de colaboração em outros países, é crucial. O monitoramento e avaliação de desempenho em termos de inovação e

competitividade, incluindo a coleta e análise de indicadores-chave de desempenho e benchmarking com outros clusters e referências do setor, são ações complementares.

Enfim, o fortalecimento da infraestrutura da informação tecnológica no Brasil é uma tarefa complexa e multifacetada, que requer a implementação de ações coordenadas e estratégicas. Este planejamento detalhado visa promover avanços significativos no campo da ciência e tecnologia, incentivando a inovação e o desenvolvimento do setor produtivo. Por meio da validação de conceitos, recuperação de memórias, estudo do estado atual da informação tecnológica, soluções técnicas para o setor produtivo, capacitação e articulação estratégica, o Brasil estará melhor preparado para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades na era da informação tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da informação tecnológica no Brasil é essencial para o progresso econômico e a competitividade internacional do país. Este estudo mapeou as principais iniciativas e instituições que trabalham com a gestão e disseminação da informação tecnológica, identificando oportunidades e desafios. A implementação de uma estratégia coordenada, que envolva todas as partes interessadas, é fundamental para criar um ecossistema robusto de inovação e desenvolvimento tecnológico.

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) desempenha papel crítico nesse cenário, promovendo a integração e cooperação entre diversas instituições. As ações propostas, desde a capacitação até a articulação estratégica, visam fortalecer a infraestrutura de informação tecnológica e garantir que o conhecimento gerado seja amplamente acessível e utilizado.

A pesquisa revelou a importância dos observatórios, radares tecnológicos e repositórios de conhecimento tecnológico como ferramentas essenciais para a gestão e disseminação da informação. Essas plataformas permitem o monitoramento de tendências, a identificação de oportunidades e a formulação de políticas públicas eficazes. A continuidade e o aprimoramento dessas iniciativas são fundamentais para promoção e sustentação da inovação.

Além disso, a proposição de novas ações destaca a necessidade de um planejamento estratégico contínuo e adaptativo. A capacitação de profissionais, a gestão eficiente da informação, o apoio à política tecnológica e industrial, a proteção da propriedade intelectual e a normalização são áreas que demandam atenção constante. A implementação dessas ações contribuirá para um ambiente mais favorável à inovação e ao desenvolvimento sustentável.

Por fim, é imprescindível que o Brasil continue a investir em ciência, tecnologia e inovação como pilares do desenvolvimento econômico e social. O fortalecimento da infraestrutura de informação tecnológica, aliado a políticas públicas bem delineadas e à cooperação entre os diversos setores da sociedade, permitirá que o país enfrente os desafios futuros e aproveite as oportunidades emergentes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A.C. Informação e atividades de desenvolvimento científico, tecnológico e industrial: tipologia proposta com base em análise funcional. *Ciência da Informação*, Brasília, v.20, n.1, p.7-15, jan./ jun. 1991.

ALVARES, L. M. A. de R. *Estudo preliminar da oferta e demanda de informação tecnológica no Brasil para a projeção de política para o setor*. 1997. 224 f. Dissertação (Mestrado em

Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

ALVARES, Lillian M.A. de Rezende; DAMIAN, Ieda Pelógia Martins. Cenários da informação tecnológica no Brasil a partir da análise da divulgação científica. *In*: ALVARES, Lillian M.A. de Rezende; ITABORAHY, Anderson Luis Cambraia (Org). *Os múltiplos cenários da informação tecnológica no Brasil do século XXI*. Rio de Janeiro, IBICT, 2022.

ALVAREZ-OSSORIO, J.R.P. FID/II: Comite de Información para la Industria. *Revista Española de Documentación Científica*, v. 9, n. 3, 1986.

ARAÚJO, V.M.R.H. Conceitos básicos da informação tecnológica. *In:* Seminário Integração das agências de fomento para informação tecnológica. Brasília. *Anais [...]***.** Brasília: IBICT, 1993.

AUTORIDADE Nacional de Proteção de Dados (ANPD). *Radar tecnológico ANPD*. Brasília: ANPD, 2004.

BANCO do Brasil. RTTBB: *Radar de Tendências Tecnológicas do Banco do Brasil*. Brasília: BB, 2004.

BANCO Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). *Observatório de tecnologias educacionais (OTEC).* Brasília: FGV, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. COORDENAÇÃO DE POLÍTICA TECNOLÓGICA INDUSTRIAL. O Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT): Programa tecnologia industrial básica e serviços tecnológicos para a inovação e competitividade. Brasília: MCT, 2001.

CENTRO de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). *Observatório de bioeconomia (OBIO).* Brasília: CGEE, 2021.

CENTRO de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). *Observatório de ciência, tecnologia e inovação (OCTI)*. Brasília: CGEE, 2020.

CENTRO de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPQD). *Radar CPQD Conecte-se ao Novo*. Campinas: CPQD, 2004.

CONFEDERAÇÃO Nacional da Indústria (CNI). Observatório nacional da indústria**.** Brasília: CNI, 2004.

EMBRAPA. *Informações Tecnológicas***.** Brasília: Embrapa, 2004.

FEDERAÇÃO das Indústrias de Santa Catarina (FIESC). *Observatório FIESC***.** Florianópolis: FIESC, 2004.

FUNDAÇÃO Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (CERTI). *Repositório de Conhecimento***.** Florianópolis: CERTI, 2004.

INSTITUTO Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). *Plataforma Oasisbr*: Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto. Brasília: IBICT, 2004.

INSTITUTO Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP). *Radar Tecnológico IBP*. Brasília: IBP, 2004.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Repositório de Conhecimento***.** Brasília: IPEA, 2004.

INSTITUTO de Pesquisas Tecnológicas (IPT). *Repositório de Conhecimento*. São Paulo: IPT, 2004.

INSTITUTO Nacional da Propriedade Industrial (INPI). Estudos Setoriais. Rio de Janeiro: INPI, 2004.

INSTITUTO Nacional da Propriedade Industrial (INPI). *Radar Tecnológico INPI.* Rio de Janeiro: INPI, 2004.

INSTITUTO Nacional de Meteorologia (Inmet). *Previsões Meteorológicas*. Brasília: Inmet, 2004.

INSTITUTO Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO). *Repositório de Conhecimento***.** Rio de Janeiro: INMETRO, 2004.

INSTITUTO Nacional de Pesos e Medidas (IPEM). *Repositório de Conhecimento***.** Rio de Janeiro: IPEM, 2004.

Instituto Nacional de Tecnologia (INT). *Repositório de Conhecimento***.** Rio de Janeiro: INT, 2004.

KARIEM, A. FID *Federation Internationale de information et de Documentation projects, programmes and problems*: a select annotated bibliography. 1990. 279 f. Dissertação (Master of Library Science), Aligarh Muslim University, Aligarh (Índia), 1990.

KLINTOE, K. The small and medium industrial enterprises and technological information services: concepts, insights and experiences. Seminar on Small and Medium (Buenos Aires, Information for Industrial Enterprises, 1981. *In:* UNITED NATIONS INDUSTRIAL DEVELOPMENT ORGANIZATION (UNIDO). 50th anniversary of the UNIDO. *Proceedings […].* Viena: UNIDO, 2016.

MATOURT, R. T. de. Ambivalence of Technological Information. *International Forum on Information and Documentation*, Hague, Holanda, v. 8, n.1, p. 33-35, 1983.

MONTALLI, K. M. L.; CAMPELLO, B. dos S. Fontes de informação sobre companhias e produtos industriais: uma revisão de literatura. *Ciência da Informação*, v. 26, n.3, p. 321-326, set./dez. 1997.

REDE Brasileira de Laboratórios de Ensaio (RBLE). *Repositório de Conhecimento***.** Rio de Janeiro: INMETRO, 2004.

UNIVERSIDADE de São Paulo. Instituto Estudos Avançados. Núcleo de Apoio à Pesquisa Observatório da Inovação e Competitividade. *Observatório de inovação e competitividade* (OIC). São Paulo: USP, 2004.

VINCE, V. United Nations Industrial Development Organization (UNIDO). *In:* ISLIC INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION SCIENCE, 1971, Tel Aviv. *Proceedings […]***.** Tel Aviv: International Federation for Documentation Study Committee Information for Industry (FID/II); Israel Society of Special Libraries and Information Centres, 1972.

UM NOVO OLHAR PARA GERENCIAR EXPERIÊNCIAS NOS SERVIÇOS À LUZ DA GESTÃO DO CONHECIMENTO DO CLIENTE: PROPOSIÇÃO DE UM FRAMEWORK

Emerson Cleister Lima Muniz
Universidade Federal de Sergipe

Edilson dos Santos Silva
Universidade Federal de Sergipe

Alessandro Costa Ribeiro
Universidade Estadual do Mato Grosso

Gertrudes Aparecida Dandolini
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Experiência do cliente é valioso ativo na vantagem competitiva das empresas e diferencial competitivo que impacta na fidelidade dos clientes, reputação da marca e rentabilidade dos negócios. Argumentos que dão a Gestão da Experiência do Cliente cada vez mais destaque no mercado volátil e altamente competitivo que empresas operam, enfrentando diversos desafios para entregar valor e inovação aos clientes. Assim, esta pesquisa constrói o framework SMARCEX – Smart Management Customer Experience, que combina princípios e elementos da Gestão do Conhecimento do Cliente - CKM com a Gestão da Experiência do Cliente – CXM trazendo novo modo para permitir uma melhor gestão das experiências. Metodologicamente, ele foi construído da síntese de revisões sistemáticas integrativas, que analisaram conjuntamente elementos, diretrizes, características e processos dos constructos teóricos. A conclusão delas demonstrou lacuna de pesquisa entre os dois constructos e constata que o SMARCEX é algo até então não visto na literatura. Especialmente por usar experiência do cliente como elo conectivo entre constructos analisados, trazendo insights importantes para os dois campos de pesquisa e considerando a experiencia como um rico conhecimento do cliente que demanda mais pesquisas e exploração. Como principal resultado, o framework sustenta-se em um conjunto de processos da CKM que auxiliam na gestão dos conhecimentos dos clientes aqui considerados experiências. Para cada processo identificou-se ferramentas que auxiliam sua execução. Por fim, a ideia principal da construção do SMARCEX é fazer com que ele seja um guia norteador para gestores de empresas de serviços consigam visualizar a experiência de um modo distinto do que é abordado na literatura da Customer Experience – CX expondo assim um novo olhar para esta gestão.

Palavras-Chave: Conhecimento do cliente; Gestão do conhecimento do cliente; Experiência do cliente; Gestão da experiência do cliente; Framework.

INTRODUÇÃO

A célebre frase *"The traveler sees what he sees. The tourist sees what he has come to see"* do escritor e poeta britânico do século XX Gilbert K. Chesterton sustenta o desenvolvimento desta pesquisa. Pois, assim como turistas, atualmente os clientes querem obter das empresas elementos que lhe proporcione benefícios, ou seja, a oferta e entrega de valor alinhados as suas demandas e contextos. Entretanto, para conseguir isto, empresas devem conhecer profundamente seus clientes, entregando-lhes um pacote de valor

customizado e capaz de atender suas demandas, o qual é fruto da combinação da entrega de produtos, serviços e experiências.

Esta última, a Experiência do Cliente – CX, vem sendo uma das grandes preocupações das empresas (Jeloudarlou, Aali, Faryabi, & Bafandeh Zendeh, 2022) é considerada uma fonte sustentável de diferenciação competitiva ao longo dos últimos anos (Holmlund et al., 2020). Empresas inteligentes e alinhadas ao novo mercado experiencial, hiperconectado e altamente competitivo devem adequar-se ao fato de não ser mais suficiente entregar apenas produtos/serviços de qualidade e sim experiências satisfatórias. Fazendo com que estudos e pesquisas voltadas à gestão delas, por meio da *Customer Experience Management* – CXM (em português, Gestão da Experiência do Cliente), venham se tornando cada vez mais atraentes para a academia e mercado.

Experiências estas que podem ser vistas como conhecimentos que são de posse dos clientes, cabendo a ela encontrar e aplicar meios para que estes conhecimentos (experiências) sejam coletados, tratados, analisados e permita que as empresas inteligentes extraiam deles insights para gerar inovação e melhorar a entrega de valor por meio de novas experiências. Contudo, Bagheri, Kusters e Trienekens (2019) salientam que coletar Conhecimentos dos Clientes - CK é tarefa árdua para as empresas por diversos pontos, citando-se aqui, principalmente, o fato dos clientes estarem dispostos a compartilhá-los, por exemplo. Assim, é valido buscar ferramentas, diretrizes e processos de outros campos da gestão que possam auxiliar estas empresas nesta jornada de conhecimentos.

Dentre estes outros campos, em 2003, Gebert, Geib, Kolbe e Brenner (2003) apresentam a *Customer Knowelegde Management* – CKM (em português, Gestão do Conhecimento do Cliente). Uma ramificação da Gestão do Conhecimento estruturada na combinação de elementos dela com a *Customer Relationship Management* – CRM (em português, Gestão do Relacionamento do Cliente). A CKM é dotada de processos voltados a fins diversos, dentre os principais tem-se aqueles direcionados à coleta, criação, armazenamento, tratamento, compartilhamento e uso dos Conhecimentos dos Clientes (*Customer Knowledge* - CKs) pelas empresas e seus colaboradores. Estes conhecimentos são enquadrados em 03 principais categorias, sendo elas o Conhecimento *from* cliente, Conhecimento *about* cliente e o Conhecimento *for* clientes (Muniz, Dandolini, Biz, & Ribeiro, 2021). O uso de todos eles tem por missão entregar valor ao cliente de modo cada vez mais alinhado às suas necessidades, desejos, anseios e expectativas, tornando assim a empresa mais competitiva no mercado.

No alinhamento entre a CKM e a CXM, Helmy, Abdelgaber, Fahmy e Montasser (2020) reiteram a importância da CKM na CXM, principalmente por auxiliar empresas na criação e manutenção de uma visão empresarial totalmente centrada no cliente. Entretanto, a análise da literatura sobre *Customer Experience Management* – CXM e *Customer Knowlegde Management* – CKM, considerando a experiência como elo conectivo entre estes constructos é raro, demonstrando aqui uma lacuna de pesquisa a ser explorada. Especialmente quando se soma a esta análise o setor de serviços, em que experiências são afetadas por diversos pontos de contato recheados de interações clientes/empresa, constatação que faz este trabalho debruçar seus esforços neste setor.

Frente todos estes argumentos, esta pesquisa busca responder “como empresas inseridas no atual mercado volátil, competitivo e experiencial podem gerir experiências dos clientes para entregar valor e inovação a eles?”. Para tal, teve por objetivo a construção de um framework conceitual denominado *SMARCEX – Smart Management Customer Experience* (em português, Gestão Inteligente da Experiência do Cliente). Uma estrutura que

prioriza auxiliar gestores de empresas de serviços na melhor gestão das experiências de seus clientes, criada através da união de elementos provenientes tanto da *Customer Knowledge Management* - CKM quanto da *Customer Experience Management* – CXM. Em que a Experiência do Cliente, aqui considerada um Conhecimento do Cliente é a intersecção entre eles, pois para CKM ela é um valioso conhecimento a ser explorado e um elemento base de gestão da CXM.

Para alcançar este objetivo, a pesquisa realizou 03 Revisões Sistemáticas Integrativas da Literatura – RSL conjuntamente para obter respostas que suportem a pergunta de pesquisa aqui apresentada. Assim, a primeira RSL feita priorizou constatar na literatura se a experiência do cliente é sim considerada nos estudos como um Conhecimento do Cliente, dando assim suporte ao elo conectivo que une os constructos estudados.

A segunda RSL debruçou-se mais sobre a *Customer Knowledge Management* - CKM priorizando identificar quais são seus principais processos aplicados em estudos que lidam com a gestão das experiências dos clientes no setor de serviços. Identificando aqui a convergência de processos entre estes dois constructos analisados. Por fim, a terceira e última RSL dedicou-se ao contexto da *Customer Experience Management* – CXM buscando identificar quais as ferramentas e técnicas são usadas por estudos para realizar esta gestão em empresas do setor de serviços.

Assim, este documento é dividido em cinco seções, sendo esta a primeira. A segunda traz a síntese obtida com cada uma das revisões sistemáticas integrativas realizadas, demonstrando a conexão entre os constructos e suportando a criação do framework. A terceira apresenta os procedimentos metodológicos que suportaram o desenvolvimento desta pesquisa. A Quarta traz uma visão geral do SMARCEX, seus processos e respectivos objetivos, bem como as principais entradas e saídas de cada um deles. Por fim, a última seção apresenta as conclusões obtidas com a pesquisa, contribuições teóricas e práticas e limitações identificadas.

EXPERIÊNCIA COMO UM CONHECIMENTO DO CLIENTE NA CKM

Customer Experience – CX (em português, Experiência do Cliente) é um construto multidimensional embasado nas respostas cognitivas, emocionais, comportamentais, sensoriais, físicas e sociais que os clientes têm ao longo de todos os pontos de contato de suas jornadas com as empresas (Gentile, Spiller, & Noci, 2007; Schmitt, Brakus, & Zarantonello, 2015; Lemon & Verhoef, 2016; Weber & Hofsink, 2018). Enquanto o *Customer Knowledge* – CK (em português, Conhecimento do Cliente) é considerado por Xiaofan e Saeheaw (2020) como um valioso ativo para diferenciação no mercado competitivo.

Já a conexão entre estes dois constructos (CX e CK), ou seja, em que a CX é vista e usada como um conhecimento do cliente é algo pouco explorado na literatura e corroborado por Jeloudarlou et al. (2022). Dos estudos que fazem esta conexão cita-se Hart, Mwendia e Singh (2009), Bouagina e Triki (2013); Sugiarto, Mardianto, Dewayana, e Khadafi (2017); Bagheri et al. (2019); Jaziri (2019); Xiaofan e Saeheaw (2020); Letto, Pascucci, e Gregori (2021); Khelladi, Castellano, Hobeika, Perano, e Rutambuka (2022); Charoensap e Saeheaw (2022); Zeng, Harncharnchai e Saeheaw (2021); Muniz et al. (2021); Lu, Harncharnchai, e Saeheaw (2021).

Os estudos supracitados analisam a experiência como conhecimentos do cliente explícito e/ou tácito, contudo, independentemente de ser tácito/explícito, todos priorizam

explicitar a experiência de algum modo para facilitar sua gestão. Podendo assim fazer coleta, tratamento, análise e uso delas para gerar valor e inovação. Para coleta, eles usam diversas fontes de experiências, como reclamações e feedbacks que clientes fornecem espontaneamente às empresas em plataformas digitais como Airbnb, Uber dentre outras. Já Muniz et al. (2021) extraem e analisam experiências vividas por turistas em destinos turísticos e compartilhadas nas mídias sociais, neste caso no *TripAdvisor*. Enquanto Charoensap e Saeheaw (2022) coletam experiências que agricultores clientes de uma empresa de marketing de conteúdo publicam em sua página.

Tendo um contato mais direto com os clientes, alguns estudos aplicam questionários, entrevistas e grupo focal como meios de coleta de experiências (Bagheri et al., 2019; Sugiarto et al., 2017; Xiaofan & Saeheaw, 2020; Zeng et al., 2021; Jeloudarlou et al., 2022). Deles, os estudos extraem experiências de clientes de uma rede de valor vivenciam, feedbacks que desejam compartilhar sobre experiências etc., gerando diversos insights. A citar a criação de requisitos técnicos para melhorar produtos/serviços entregues, dentre outros.

Como principais contribuições para esta seção, tem-se os estudos de Bouagina e Triki (2013) e Jaziri (2019). Os quais discutem o conceito da *Customer Experiential Knowledge Management* – CEKM (em português, Gestão do Conhecimento Experencial do Cliente) unindo a *Customer Knwoeldge Management* - CKM à experiência do cliente. Sendo este conhecimento embasado nas experiências vividas pelos clientes. Assim como a pesquisa de Letto et al. (2021) ao introduzirem o conceito do *Customer Experiential Knowledge* – CEK (em português, Conhecimento Experiencial do Cliente) como um conhecimento tácito advindo das experiências vividas pelos clientes. Em cima dele, as autoras apresentam 06 tipos distintos de CEK, que podem ser impactados por fatores internos do próprio cliente e externos a ele (seu entorno).

Das discussões, estes estudos confirmam a multidimensionalidade da experiência do cliente, alinhado seus resultados ao já obtidos pelos trabalhos seminais da *Customer Experience* – CX de Gentile et al. (2007), Schmitt et al. (2015), Lemon e Verhoef (2016) e Weber e Hofsink (2018). Assim como fato dela ser realmente um conhecimento do cliente de valor para as empresas. Considerando a riqueza de detalhes exposta por Letto et al. (2021) acerca da experiência ser um conhecimento, este trabalho o conceito da CEK das autoras como elemento a ser analisado no SMARCEX.

Ao se constatar que a CX é um Conhecimento do Cliente usados por alguns estudos, a pesquisa buscou então identificar quais processos da *Customer Knowlegde Management* - CKM são usados para suportar a gestão das experiências. Antes disto, destaca-se que a CKM pode ser vista como um processo de reciclagem dinâmico que usa elementos da Gestão do Conhecimento para suportar os fluxos de conhecimentos dos clientes nas empresas (Lu et al., 2021; Xiaofan & Saeheaw, 2020). Estes fluxos permeiam as 03 principais categorias de Conhecimento do Cliente (CK): Conhecimento *from*, *for* e *about* clientes. Estando a experiência do cliente dentro da categoria *from,* sendo estes os conhecimentos mais difíceis de coletar por estarem na mente dos clientes e conter informações sobre suas experiências, bem como aquilo que eles pensam, sentem e sabem das empresas e para com elas (Lu et al., 2021; Sugiarto et al., 2017).

Já Conhecimento *about,* são os mais fáceis de serem extraídos dos clientes, podendo isto ser feito nas interações deles com a empresa. A citar momentos em que fazem cadastro para uma compra ou uso de serviço, por exemplo, contemplando então seus nomes, endereços, gêneros, idades, histórico de compras/uso etc. (Charoensap & Saeheaw, 2022; Khelladi et al., 2022). Enquanto Conhecimento *for* representam aquilo que as empresas

compartilham com seus clientes sobre ela, seus produtos, mercado etc. de modo a satisfazer as necessidades deles (Lu et al., 2021). Diferente dos dois primeiros, este conhecimento não vem do cliente para a empresa e sim dela para eles, sendo ele fruto das análises dos outros dois.

Com relação aos processos da CKM usados pelos estudos para gerenciar experiências, a pesquisa apresenta a Tabela 1. O qual expõe os principais e mais citados processos identificados com a revisão sistemática.

Tabela 1. Processos da CKM identificados na gestão das experiências

PROCESSOS CKM	REFERÊNCIAS
Identificar CK	Sugiarto et al. (2017); Xiaofan e Saeheaw (2020); Muniz et al. (2021); Letto et al. (2021); Lu et al. (2021)
Planejar Coleta CK	Muniz et al. (2021)
Coletar/Adquirir CK	Bouagina e Triki (2013); Sugiarto et al. (2017); Jaziri (2019); Xiaofan e Saeheaw (2020); Zeng et al. (2021); Muniz et al. (2021); Letto et al. (2021); Lu et al. (2021); Charoensap e Saeheaw (2022)
Codificar/Tratar CK	Bouagina e Triki (2013); Sugiarto et al. (2017); Jaziri (2019); Muniz et al. (2021); Letto et al. (2021)
Criar/Gerar CK	Bouagina e Triki (2013); Zeng et al. (2021); Muniz et al. (2021)
Analisar CK	Bouagina e Triki (2013); Sugiarto et al. (2017); Xiaofan e Saeheaw (2020); Zeng et al. (2021); Muniz et al. (2021); Lu et al. (2021); Charoensap e Saeheaw (2022)
Aplicar/Usar CK	Jaziri (2019); Xiaofan e Saeheaw (2020); Zeng et al. (2021); Muniz et al. (2021); Lu et al. (2021)
Armazenar CK	Sugiarto et al. (2017); Muniz et al. (2021)
Compartilhar CK	Sugiarto et al. (2017); Zeng et al. (2021); Muniz et al. (2021); Lu et al. (2021)
Atualizar CK	Muniz et al. (2021)

Da análise constata-se que processos voltados à coleta/aquisição de conhecimentos dos clientes são os mais utilizados pelos estudos analisados. Sendo seguidos daqueles voltados à análise dos conhecimentos dos clientes, em que a geração de valor é foco a ser alcançado. Ademais, o uso ou aplicação dos conhecimentos é também um processo enfatizado pelos estudos e corroborando com o anterior (análise). De modo geral, foram identificados 10 processos principais da CKM usados pelos estudos para gerir experiências. Estes por sua vez possuem nomenclaturas diversas, sendo eles agrupados com base em seus objetivos e os nomes expostos no Tabela 1 buscaram resumir estas ideias.

Nota-se ainda que apenas Muniz et al. (2021) traz discussões acerca de processos voltados ao planejamento dos conhecimentos que serão coletados junto aos clientes. Assim como o processo voltado a atualização contínua destes conhecimentos pela empresa como forma de mantê-la competitiva e totalmente focada nas mudanças de comportamento de seus clientes.

Enquanto Letto et al. (2021) discutem muito bem e com riqueza de detalhes o processo voltado à conversão de conhecimentos dos clientes tácitos para explícitos. Ponto de discussão também visto no trabalho de Bouagina e Triki (2013) quando concentram esforços

para explicitar experiências dos clientes a serem usadas pela empresa para geração de valor e inovação, assim como melhorar as competências desta neste ponto.

Por fim, e ao constatar que os processos da CKM são usados para gerir experiências e que estas são conhecimentos dos clientes explorados na literatura. A próxima traz um compêndio das principais ferramentas que os estudos envolvendo *Customer Experience Management* – CXM no setor de serviços usam para gerir as experiências, assim como as fontes onde elas podem ser coletadas. Ferramentas estas que podem suportar os processos da CKM identificados e contribuir na construção do SMARCEX.

FERRAMENTAS E FONTES DE EXPERIÊNCIAS DA CXM

As principais ferramentas identificadas nos estudos e que contemplam a terceira revisão sistemática foram: Análise de Cenários, Análise Estatística Descritiva, Análise Estatística Inferencial*, Big Data Analytics, Customer Relationship Management* – CRM, Entrevistas, Inteligência Artificial e Mapa da Jornada do Cliente.

A análise revelou que, no cenário da *Customer Experience* – CX, Entrevistas e Questionários foram as ferramentas mais adotadas nos estudos. Sendo elas utilizadas para diversos fins, tendo maior notoriedade o foco em compreender o cliente de um modo geral. Ou seja, identificar suas necessidades e criar perfis em cima destas, conhecer as etapas da jornada que o cliente passa na jornada com a empresa identificando elementos que possam prejudicar a experiência de algum modo. Outros estudos investigam a relação entre o que eles buscam (expectativas) frente o que recebem das empresas (percepções), analisando aqui a qualidade da experiência e a satisfação envolvida.

Adentrando na análise de sentimentos e emoções dos clientes frente experiências vividas, alguns estudos partem para uma análise mais analítica. Aplicando ferramentas mais alinhadas a este tipo de análise como técnicas de Mineração de Dados e de Texto, uso de métodos estatísticos tanto inferenciais quanto descritivos e modelagem matemática. A ideia destas ferramentas é dar à gestão maiores conhecimentos para tomada de decisão, por exemplo. Assim como identificar e quando possível eliminar características presentes nas jornadas que estejam prejudicando de algum modo a experiência e melhorias possam ser implementadas.

Outro ponto curioso a destacar quanto ao uso das ferramentas até então mencionadas é a busca de elementos que gerem esforço para os clientes em suas experiências. Ou seja, tanto por entrevista ou questionário, e às vezes, estas duas casadas com as ferramentas mais analíticas, os estudos buscam identificar emoções associadas aos diversos pontos de contato da jornada e o nível de esforço que isso traz para o cliente.

Ainda quanto a ferramentas mais analíticas, os estudos usam o CRM e *Big Data Analytics*, muitas vezes conjuntamente com modelagem matemática e estatística para analisar grande volume de experiências extraídas. Principalmente em banco de dados da empresa, ou por meio de pesquisas de mercado, mídias sociais, *google review* e páginas próprias das empresas (Nicolás, Gil-Lafuente, Sepúlveda, & Fernández, 2018; Baskaran, 2019).

Para modelar melhorias propostas mediante análise da jornada, por exemplo, notou-se o uso da Análise de Cenários em alguns estudos (Benzarti, Mili, & De Carvalho, 2021). Além deste objetivo, ela é usada para detalhar cada uma das fases da experiência, projetar

estratégias de CX e analisar respostas emocionais/comportamentais dos clientes. No mais, nota-se que as pesquisas em CX preocupam-se em adquirir experiências dos clientes e que isto ocorra de modo mais rápido possível e sem causar tanto atrito na jornada do cliente.

Analisando agora os locais onde experiências dos clientes são coletadas, constatou-se que a principal fonte é o próprio cliente, casando-se com o uso das entrevistas e questionários. Outras fontes são usadas como as mídias sociais diversas, desde às voltadas ao turismo como *TripAdvisor,* por exemplo, e aquelas de uso pessoal como o "X" (antigo *Twitter*), *Facebook, YouTube* etc*.* Da internet tem-se ainda o uso de *Big Data*, extraindo-se, por exemplo, relatos de experiências compartilhadas no *Google reviews* sobre a empresa e na própria página dela.

As bases de dados da empresa também são usadas, citando-se o CRM que traz uma base de conhecimentos dos clientes mais estruturadas, principalmente conhecimento *about* quando comparado com o *from* onde as experiências se inserem. Contudo, a análise de conhecimento *about* demonstrou-se essencial para complementar o que se sabe das experiências. Do mercado, os estudos listam pesquisas de mercado realizadas com empresas que são especializadas neste tipo de serviço para se conhecer melhor os clientes. Citam ainda o uso de opiniões de analistas e especialistas de marketing.

Com um olhar para dentro da empresa e seu ambiente interno, alguns estudos apontam a importância de coletar relatos sobre as experiências dos clientes com aqueles que fazem parte da empresa, ou seja, os próprios gestores e principalmente seus colaboradores. Estes últimos por serem as pessoas que têm efetivamente maior contato e interação com os clientes, que estão na linha de frente das empresas atendendo diariamente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa enquadra-se e aplicou Revisão Sistemática Integrativa da Literatura – RSL. Para isto, adotou as etapas descritas em Muniz et al. (2021) e expostas na Tabela 2.

Tabela 2. Etapas realizadas

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Etapa 1 – Definir questões da revisão	Criar questões de pesquisa que nortearam as revisões
Etapa 2 – Busca de estudos	Selecionar estudos em bases de dados
Etapa 3 – Seleção de estudos	Definir e aplicar critérios de inclusão/exclusão alinhado às questões norteadoras
Etapa 4 – Síntese dos estudos	Criar conhecimento da análise dos estudos
Etapa 5 – Divulgação	Compartilhar resultados com a sociedade

Fonte: Adaptado de Muniz et al. (2021).

Dito isto, foram feitas 03 revisões sistemáticas seguindo estas etapas, destacando que a Etapa 4 de todas elas sustentou a construção do SMARCEX e permitiu escrita de todas as seções anteriores. Já a Etapa 5 resume-se à entrega deste artigo à comunidade científica. Para cada uma das revisões foi criado um Protocolo de Pesquisa que detalha os elementos

de cada uma delas. Assim, a Tabela 3 traz o protocolo da primeira revisão, que se concentrou em comprovar que a Experiência é um Conhecimento do Cliente.

Tabela 3. Delineamento da 1° RSL

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Etapa 1 – Definir questões da revisão	*Quais as correlações entre CX e CK?*
Etapa 2 – Busca de estudos	Bases de dados: *Scopus®, Web of Science®, Science Direct® e Scielo* Período de coleta: julho/2023 a fevereiro/2024 Comando lógico: [“*Customer Experience* AND *Customer Knowledge*”] em *“Article Title, Abstract* e *Keywords”* dos últimos 05 anos sem usar os termos abreviados “CX” e “CK” por trazerem estudos de outros campos de pesquiso, como Química, Matemática e Engenharias ***Portfolio inicial: 42 estudos*** - *Web of Science* (17)*; Scopus* (22)*; Science Direct* (03); *Scielo* (00) Eliminados por duplicação (-10) ***Portfolio parcial: 32 estudos***
Etapa 3 – Seleção de estudos	Critérios de Exclusão - C.E.1 - escrita diferente do inglês, espanhol ou português (00) - C.E.2 - disponíveis para leitura integral (-06) - C.E.3 - menção do termo de busca no título/resumo (-02) - C.E.4 – não apresentam discussões envolvendo CX e CK (-09) ***Portfólio final: 13 estudos***

Já a tabela 4 traz o protocolo da segunda revisão feita, que se concentrou na identificação dos principais processos da *Customer Experience Management* - CKM usados nos estudos para auxiliar, de algum modo a gestão das experiências.

Tabela 4. Delineamento da 2° RSL

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Etapa 1 – Definir questões da revisão	*Quais processos da CKM são usados na CXM?*
Etapa 2 – Busca de estudos	Bases de dados: *Scopus®, Web of Science®, Science Direct® e Scielo* Período de coleta: julho/2023 a fevereiro/2024 Comando lógico: [“*Customer Experience Management* AND *Customer Knowledge Management*”] em *“Article Title, Abstract* e *Keywords”* dos últimos 05 anos sem usar os termos abreviados “CXM” e “CKM” por trazerem estudos de outros campos de pesquiso, como Química, Matemática e Engenharias ***Portfolio inicial: 26 estudos*** - *Web of Science* (07)*; Scopus* (12)*; Science Direct* (07); *Scielo* (00) Eliminados por duplicação (-12)

Etapa 3 – Seleção de estudos	***Portfolio parcial: 14 estudos*** Critérios de Exclusão - C.E.1 - escrita diferente do inglês, espanhol ou português (00) - C.E.2 - disponíveis para leitura integral (00) - C.E.3 - menção do termo de busca no título/resumo (-01) - C.E.4 – não apresentam discussões envolvendo CKM e CXM (-03) ***Portfólio final: 10 estudos***

Por fim, a Tabela 5 expõe o protocolo da última revisão, que se concentrou na identificação das ferramentas mais utilizadas pela *Customer Experience Management* - CXM em empresas de serviços, bem como as principais fontes onde as experiências foram coletadas.

Tabela 5. Delineamento da 3° RSL

ETAPAS	DESCRIÇÃO
Etapa 1 – Definir questões da revisão	*Quais principais ferramentas usadas na CXM?* *Quais principais fontes de conhecimentos de experiências?*
Etapa 2 – Busca de estudos	Bases de dados: *Scopus®, Web of Science®, Science Direct® e Scielo* Período de coleta: julho/2023 a fevereiro/2024 Comando lógico: ["*Customer Experience Management*"] em *"Article Title, Abstract* e *Keywords"* dos últimos 05 anos ***Portfolio inicial: 313 estudos*** - *Web of Science* (101)*; Scopus* (186)*; Science Direct* (24); *Scielo* (02) Eliminados por duplicação (-109) ***Portfolio parcial: 204 estudos***
Etapa 3 – Seleção de estudos	Critérios de Exclusão - C.E.1 - escrita diferente do inglês, espanhol ou português (00) - C.E.2 - disponíveis para leitura integral (-23) - C.E.3 - menção do termo de busca no título/resumo (-78) - C.E.4 – não apresentam discussões envolvendo CKM e CXM (-39) ***Portfólio final: 64 estudos***

Destaca-se que o método de Análise Temática de Braun e Clarke (2006) foi usado principalmente na última revisão (sobre ferramentas usadas na CXM e fontes de experiências). Os seis passos próprios do método auxiliaram os autores na emersão das categorias de ferramentas e fontes, criando assim códigos para guiar estas análises. Ademais, os portfólios e análises integrais dos estudos foram feitas com suporte do software de gestão acadêmica *Mendeley*® em conjunto com Planilha Excel da *Microsoft Corporation*. Por meio deles foi possível analisar todos os estudos e gerar as sínteses que sustentam este documento e a construção do SMARCEX.

O FRAMEWORK SMARCEX E SEUS ELEMENTOS

O SMARCEX foca na criação de "*Smart Customer Experiences* – SCX", em português "Experiências Inteligentes dos Clientes", tendo este nome por ser fruto da profunda análise de conhecimentos *from* e *about* clientes. Pela gestão das experiências ser um processo cíclico demandando contínua atenção das empresas, sua estrutura foi criada em *loop*. Os

Conhecimentos dos Clientes (*from, for* e *about*) são as principais entradas, junto com conhecimentos de outras fontes (colaboradores e própria empresa). Ele possui 05 fases sequenciais conectadas pela "Memória de Conhecimentos". Ela auxilia a execução dos processos de armazenamento e compartilhamento de conhecimentos da CKM, justificando sua conexão com os 05 processos.

Na memória são armazenados relatórios, projetos, lições aprendidas, conhecimentos e *insights* obtidos na aplicação das fases. Ela é a ponte de conexão entre as fases, permitindo que a empresa possa retornar a qualquer processo já executado ou fazer ajustes em seus resultados. Isto dá ao SMARCEX a ciclicidade que a gestão das experiências demanda, visando alinhamento contínuo às mudanças de comportamentos dos clientes.

Sua estrutura é apresentada na Figura 1, sendo ele iniciado pela primeira fase **"Identificar Lacunas de Conhecimentos"** objetiva conhecer a realidade da empresa buscando conhecer aquilo que ela sabe sobre seus clientes e identificar lacunas de conhecimentos (*about, from* e *for*) para melhoria nas fases seguintes. Para isto faz uma coleta inicial para extrair conhecimentos dos clientes - CK que estão explícitos na empresa analisando suas bases de dados, CRM e relatórios. Coleta-se aqui CK explícitos também nas mídias sociais, site da empresa e *Google reviews*. Deve-se consultar também o modelo de negócios e seus elementos, mercado em que empresa está inserida e seus concorrentes.

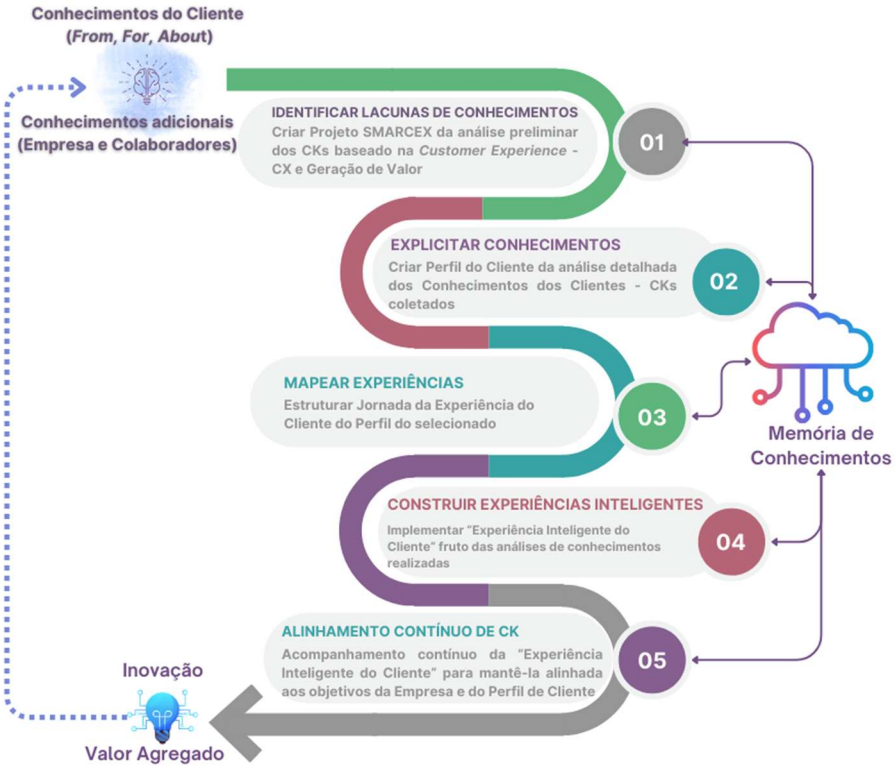


Figura 1. Framework SMARCEX

Esta varredura inicial dará suporte para identificar as lacunas de conhecimento da empresa, discutir com elas estes gaps e realizar treinamentos com colaboradores sobre CX e sua gestão, assim como sobre entrega de valor para os clientes. Dentre as principais ferramentas usadas lista-se a análise documental, reuniões e brainstormings com colaboradores e gestores para discussões dos conhecimentos em análise. Quanto a análise deles, projeta-se uso de técnicas da Mineração de Texto, especialmente para classificar as experiências (conhecimentos) extraídos e análises.

Como saída da fase estrutura-se o “Projeto SMARCEX”, um documento que detalhará resultados obtidos, lacunas de conhecimentos e plano de ação para execução da próxima fase. Neste momento, é importante definir responsável(s) na empresa pela implementação da *Customer Experience Management* – CXM. Para que ela seja realmente incorporada dentro da empresa e possa iniciar o processo de influência e mudança de cultura organizacional centrada no cliente. Conclui-se esta fase com a comunicação oficial do Projeto a toda a empresa, formalizando sua execução.

A segunda fase **“Explicitar Conhecimentos”** segue uma linha de execução muito próxima à primeira, contudo, aqui os clientes são realmente consultados sobre suas experiências, coletando-se conhecimento *from* deles. Assim, a ferramenta mais aplicada nesta fase são os questionários, por serem de fácil aplicação e não gerarem grandes esforços nos clientes. O objetivo desta fase é a criação de perfis dos clientes, os quais serão pautados pelos objetivos que eles têm para interagirem, comprarem ou usarem produtos e serviços da empresa. Este perfil reunirá elementos tanto da Persona, quanto do Público-alvo, assim como abordará elementos da *Value Proposition Canvas* – VPC de Kalbach (2022). Conhecendo assim dores/necessidades, ganhos e tarefas/ações que clientes possuem com a empresa para que seus objetivos sejam alcançados.

A construção dos perfis por objetivo dos clientes alinha-se com discussões de Bagheri et al. (2019) quando afirmam que empresas devem priorizar entrega de experiências associadas aos benefícios que clientes percebem à medida que seus problemas são resolvidos e objetivos alcançados. Elementos que trazem diferenciação de mercado para as empresas. Além dos elementos citados, o questionário pode analisar ainda indicadores clássicos da CXM para mensurar como está a experiência dos clientes antes de qualquer melhoria ser implementada. Assim, *Net Promoter Score – NPS, Customer Satisfaction Score – CSAT, Customer Effort Score – CES, Churn,* Custo de Aquisição de Clientes – CAC e *Lifetime value – LTV* são bons exemplos para mensuração.

A construção dos perfis pode ser suportada por técnicas da Mineração de Dados e principalmente de Texto combinadas com análises estatísticas descritivas e inferenciais quando necessário. A ideia aqui é explicitar ao máximo aquilo que for relatado pelos clientes (respostas subjetivas) sobre suas experiências. Se a empresa operar no *e-commerce* propõe-se aplicação de Netnografia para coleta de experiências também, além dos questionários. O perfil ou perfis de clientes serão construídos por estas análises, junto com reuniões guiadas por sessões de brainstorming junto aos colaboradores, para que todos possam visualizar a importância da CX, os feedbacks dos clientes e percebam suas importâncias na criação de experiências para eles.

Pode-se criar também uma Matriz SWOT para analisar concorrência e criar a *Proto Persona* (persona da empresa) para verificar alinhamento de perfis (clientes/empresa), por exemplo. Assim como conhecer a realidade das experiências entregues pelos concorrentes. Após armazenamento dos novos conhecimentos na memória, deve-se atualizar o “Projeto SMARCEX” com lições aprendidas, resultados obtidos etc.; e ao final, selecionar um dos perfis criados para iniciar a próxima fase do framework.

Com a seleção de um perfil de cliente para explorar, inicia-se a terceira fase do SMARCEX, “**Mapear Experiências**”, que tem por objetivo principal criar jornadas dos clientes com a empresa. Tendo como principais ferramentas de uso os Mapas da Experiência propostos por Kalbach (2022) como Mapa da Jornada do Cliente, da Experiência e do Ciclo de Vida. Nessa etapa os colaboradores devem receber capacitação sobre construção de

mapas via Workshops e participar ativamente deste desenvolvimento, criando assim os mapas necessários ao perfil em análise.

Para criar a "*Smart Customer Experiences* – SCX" (Experiências Inteligentes dos Clientes), o SMARCEX sustenta-se no conceito do "*Custommer Experience Knowledge* – CEK" de Letto et al. (2021). Um conhecimento tácito dos clientes construído da análise das experiências vividas pelos clientes com empresas e influenciados por fatores externos e internos a eles, criando 06 tipos de CEK. Ao explorar estes 06 CEKs, pode-se projetar jornadas mais alinhadas àquilo que clientes buscam em cada um dos pontos de contato de suas jornadas. Externamente, as autoras listam 03 CEKs (Normativo, Subcultural e Simbólico) que são influenciados pelo entorno do cliente com a experiência, sofrendo assim influências de padrões sociais e hábitos de consumo da sociedade a qual pertence (Normativo). Do conjunto de valores, crenças e normas compartilhados por um grupo menor pertencente à sociedade supracitada (Subcultural) que moldam estilos de vida e senso de pertencimento. E do significado que eles dão às experiências que vivem (Simbólico).

Já os 03 CEKs impactados por fatores internos (Instintivos, Epicuristas e Transcendentais) sofrem influências dass emoções, sentidos e instintos dos clientes. Sendo o Instintivo influenciado pelas soluções criativas e únicas que empresas dão aos problemas dos clientes, gerando neles emoções positivas. O CEK Epicurista relaciona-se ao prazer/desprazer que experiências proporcionam, mexendo com os cinco sentidos dos seres humanos, por exemplo. Por fim, o CEK Transcedental analisa aquilo que clientes buscam obter quanto a autorrealização pessoal, aspirações, ideais e valores morais deles. Logo empresas devem conhecer estes elementos e alinhar suas imagens e ações a estes valores buscados pelos clientes.

Assim, além de capacitação sobre Mapas de Experiências a empresa deve instruir colaboradores sobre CEK e após isto, iniciar realmente a coleta de conhecimentos tácitos aplicando, por exemplo, Entrevistas e Grupos Focais com amostras de clientes do perfil selecionado. A análise destes conhecimentos pode também ser feito por técnicas de Mineração de Texto para emersão de significados e insights que serão concretizados por reuniões com colaboradores para validação.

A fase é concluída com a construção das jornadas, sua validação na empresa e compartilhamento com todos os colaboradores via palestras, por exemplo. As lições aprendidas e insights obtidos são armazenados e o "Projeto SMARCEX" é atualizado.

A quarta fase, "**Construir Experiências Inteligentes**" foca mais nos Conhecimentos *for* clientes e objetiva construir e implementar a "*Smart Customer Experiences* – SCX" (Experiências Inteligentes dos Clientes) para entregar valor aos clientes fazendo-os perceber benefícios que ela os proporciona.

Inicia-se a fase com capacitação dos colaboradores em ferramentas de Design de Serviços, como *Design Thinking*, *Storytelling, Storyboarding*, Prototipação com *Service Blueprint* etc. Deve-se então construir um conceito chave da SCX expondo a quem ela se destina (Perfil de Cliente), seu(s) objetivo(s), pontos de contato, ações da empresa e colaboradores para sua execução, tecnologias implementadas nos pontos de contato etc. Deve-se analisar concorrentes e aquilo que entregam de valor aos clientes, especialmente aqueles que tem o mesmo perfil de cliente como foco de seus serviços. Assim, o uso de ferramentas como Cliente Oculto e Observações é válido, condensando tudo isto em uma Matriz SWOT, por exemplo. Com estas análises, inicia-se a construção da SCX projetando-a minuciosamente por meio do *Service Blueprint* para identificar atividades que colaboradores farão nos pontos de contato, bem como suas respectivas responsabilidades.

Para iniciar implementação da SCX, propõe-se selecionar uma amostra de clientes do perfil e testá-la usando Análise de Cenários, *Storytelling* e *Storyboarding,* por exemplo. Para permitir que eles conheçam a SCX e possam propor melhorias nela. Após validação da SCX, cria-se um plano de ação para sua implementação na empresa, armazena-se na memória todos os conhecimentos, lições aprendidas e insights obtidos, atualiza-se "Projeto SMARCEX".

A última fase, "**Alinhamento Contínuo dos Conhecimentos**", prioriza analisar a maturação da SCX implementada, monitorando-a continuamente. Assim, no primeiro mês de sua implementação propõe-se capacitar colaboradores sobre métricas de CX para criar *Key Performance Indicator - KPIs* alinhados à SCX criada. Assim como implementá-los para coleta contínua de feedbacks dos clientes ao longo da maturação da SCX. Estas coletas permitirão alinhamento contínuo da SCX às mudanças de comportamento e demandas do Perfil dela, permitindo ajustes em sua estrutura quando necessário.

Os KPIs serão criados com base na realidade de cada empresa que aplicar o SMARCEX, podendo usar não somente os alinhados apenas à CX, mas sim, que for conveniente e lógico para as empresas. Estas métricas devem ser formalizadas na empresa e compartilhado com todos. Assim como pontos de coleta na SCX devem ser criados ao longo da jornada deles. Destaca-se que não há um intervalo temporal exato para coletar feedbacks dos clientes enquanto a SCX está sendo maturada, porém, recomenda-se análise trimestral para não criar esforço e atrito desnecessários na experiência.

Por fim, SMARCEX propõe atualização final das estratégias em CX e Valor da empresa frente todo o conjunto de novos conhecimentos que se tem agora, quando comparado com o início da aplicação dele. Assim, para conclusão, deve-se armazenar tudo que foi aprendido e gerado e atualizar "Projeto SMARCEX". Esta atualização não representa o fim do projeto, mas sim, o final de um primeiro ciclo de melhoria das experiências entregues, devendo a empresa manter esta análise contínua e iniciar a Fase 3 - Mapear Experiências para um novo perfil de cliente.

CONCLUSÕES

A estruturação do framework atesta o alcance do objetivo do trabalho e resposta de sua pergunta da pesquisa. Sendo o SMARCEX construído de uma robusta análise da literatura pela junção de dois constructos distintos, *Customer Experience Management* e *Customer Knowledge Management*, bem como o *Know-How* dos autores do documento obtidos com suas experiências de exploração e aplicação da CX.

Como contribuições teóricas, a pesquisa traz uma análise relacional da constructos de campos de pesquisa distintos, expõe lacunas para novos estudos, assim como discute a experiência do cliente como um rico conhecimento do cliente e ainda pouco explorado na literatura sob esta lente. Quanto às contribuições para a gestão apresenta uma primeira versão do SMARCEX para auxiliar gestores de empresas de serviços a criar uma centralidade no cliente ao mudar a cultura organizacional tornando a gestão das experiências algo comum dentro das empresas.

Ademais, o SMARCEX traz um foco mais centrado na compreensão dos clientes, por meio de seus conhecimentos, dando a empresa uma base robusta de conhecimentos a explorar. Esta visão que prioriza mais a compreensão dos clientes foi propositalmente implantada no framework por seus autores, por constatarem que tanto a literatura quanto à

prática da CX nas empresas, estão mais alinhadas à aplicação de ferramentas diversas para melhoria das experiências.

Contudo, explorar ferramentas ou tecnologias, sem efetivamente conhecer seus clientes ou saber, minimamente, aquilo que eles querem e buscam com as empresas, é um caminho que tende ao fracasso. Por isto, conhecer bem quem ele é o que procura, dará a empresa base para criar algo totalmente alinhado a ele, gerando assim valor para todos. Pois à medida que clientes percebem valor naquilo que adquirem, cria-se maior satisfação nas interações, aumento da fidelidade e lealdades deles para com ela. Isto, por sua vez, contribui para no marketing boca-a-boca que clientes podem fazer, trazendo novos consumidores à empresa a custo zero.

Já que, é na entrega de valor (benefício percebido pelo cliente) que as trocas financeiras acontecem, logo, tem-se a monetização. Clientes dispostos a pagar por produtos/serviços e experiências e empresas aptas a entregarem aquilo que ele busca para solucionar seus problemas ou alcançar determinados objetivos. Por isto, a compreensão é vista com tamanha importância por este estudo, pois entrega-se valor apenas quando se sabe o que o cliente quer obter. Para trabalhos futuros, projeta-se aplicação do framework para verificar inconsistências em sua estrutura e propor melhorias.

AGRADECIMENTOS

Autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro e à Universidade Federal de Sergipe (UFS) pela estrutura para sua construção.

REFERÊNCIAS

Bagheri, S., Kusters, R. J., & Trienekens, J. J. (2019). Customer knowledge transfer challenges in a co-creation value network: Toward a reference model. *International Journal of Information Management*, 47, 198-214.

Baskaran, K. (2019). The impact of digital transformation in Singapore e-tail market. International *Journal of Innovative Technology and Exploring Engineering (IJITEE)*, 8(11), 2320-2324.

Benzarti, I., Mili, H., & De Carvalho, R. M. (2021). Modeling and personalising the customer journey: The case for case management. In *2021 IEEE 25th International Enterprise Distributed Object Computing Conference (EDOC)* (pp. 82-91). IEEE.

Bouagina, D. J., & Triki, A. (2013). Customer experiential knowledge management (CEKM)-concept proposition and research framework development. In *European Conference on Knowledge Management* (p. 307). Academic Conferences International Limited.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.

Charoensap, K., & Saeheaw, T. (2022). Customer Experiences Identification Process using Bloom Taxonomy and Customer Knowledge Management. In *2022 Joint International Conference on Digital Arts, Media and Technology with ECTI Northern Section Conference on*

Electrical, Electronics, Computer and Telecommunications Engineering (ECTI DAMT & NCON) (pp. 122-127). IEEE.

Gebert, H., Geib, M., Kolbe, L., and Brenner, W. (2003). Knowledge-enabled customer relationship management: integrating customer relationship management and knowledge management concepts [1]. *Journal of knowledge management*.

Gentile, C., Spiller, N., & Noci, G. (2007). How to sustain the customer experience:: An overview of experience components that co-create value with the customer. *European management journal*, *25*(5), 395-410.

Hart, M., Mwendia, K., & Singh, I. (2009). Managing knowledge about customers in inbound contact centres. In *Proceedings of the European Conference on Knowledge Management. ECKM*.

Helmy, Y. M., Abdelgaber, S., Fahmy, H., & Montasser, H. S. (2020). A conceptual ontological framework for managing the social business process to enhance customer experience. *Knowledge and Process Management*, *27*(4), 262-271.

Holmlund, M., Van Vaerenbergh, Y., Ciuchita, R., Ravald, A., Sarantopoulos, P., Ordenes, F. V., & Zaki, M. (2020). Customer experience management in the age of big data analytics: A strategic framework. Journal of Business Research, 116, 356-365.

Jaziri, D. (2019), "The advent of customer experiential knowledge management approach (CEKM): the integration of offline and online experiential knowledge", Journal of Business Research, Vol. 94, pp. 241-256.

Jeloudarlou, S. N., Aali, S., Faryabi, M., & Bafandeh Zendeh, A. (2022). The effect of servicescape on customer engagement: The mediating role of customer experience. *Journal of Quality Assurance in Hospitality & Tourism*, *23*(2), 318-344.

Kalbach, J. (2022). *Mapeamento de experiências: um guia para criar valor por meio de jornadas, blueprints e diagramas*. Alta Books.

Khelladi, I., Castellano, S., Hobeika, J., Perano, M., & Rutambuka, D. (2022). Customer knowledge hiding behavior in service multi-sided platforms. *Journal of Business Research*, *140*, 482-490.

Lemon, K. N., & Verhoef, P. C. (2016). Understanding customer experience throughout the customer journey. *Journal of marketing*, *80*(6), 69-96.

Letto, B., Pascucci, F., & Gregori, G. L. (2021). Defining customer experiential knowledge and its dimensions: a conceptualization starting from a netnographic study of specialty coffee blogs. *Journal of Knowledge Management*, *25*(11), 149-174.

Lu, W., Harncharnchai, A., & Saeheaw, T. (2021). Social media strategy for Batik SMEs using customer knowledge management. In *2021 Joint International Conference on Digital Arts, Media and Technology with ECTI Northern Section Conference on Electrical, Electronics, Computer and Telecommunication Engineering* (pp. 53-58). IEEE.

Muniz, E. C. L., Dandolini, G. A., Biz, A. A., & Ribeiro, A. C. (2021). Customer knowledge management and smart tourism destinations: a framework for the smart management of the tourist experience–SMARTUR. Journal of Knowledge Management, 25(5), 1336-1361.

Nicolás, C., Gil-Lafuente, J., Sepúlveda, A. U., & Fernández, L. V. (2018). Fuzzy logic approach applied into balanced scorecard. In Applied Mathematics and Computational Intelligence 24 (pp. 140-151). Springer International Publishing.

Schmitt, B., Brakus, J. and Zarantonello, L. (2015), “From experiential psychology to consumer experience”, Journal of Consumer Psychology, Vol. 25 No. 1, pp. 166-171.

Sugiarto, D., Mardianto, I., Dewayana, T. S., & Khadafi, M. (2017). Design of customer knowledge management system for Aglaonema Nursery in South Tangerang, Indonesia. In *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering* (Vol. 277, No. 1, p. 012031). IOP Publishing.

Weber, M., & Hofsink, A. (2018). Design and development of the CEM-dashboard: a diagnostic tool to determine your current position and improvement directions in customer experience management. In Customization 4.0: Proceedings of the 9th World Mass Customization & Personalization Conference (MCPC 2017), Aachen, Germany, November 20th-21st, 2017 (pp. 405-421). Springer International Publishing.

Xiaofan, Z., & Saeheaw, T. (2020). Exploring Chinese Customers Experiences with Chiang Mai Guesthouse through Analytical Customer Knowledge Management. In *2020 Joint International Conference on Digital Arts, Media and Technology with ECTI Northern Section Conference on Electrical, Electronics, Computer and Telecommunications Engineering (ECTI DAMT & NCON)* (pp. 265-269). IEEE.

Zeng, I., Harncharnchai, A, Saeheaw, T. (2021). Customer Knowledge Management Framework For SME Herbal Cosmetics Using Social Media Strategy. *The 6th International Conference on Digital Arts, Media and Technology (DAMT) and 4th ECTI Northern Section Conference on Electrical, Electronics, Computer and Telecommunications Engineering (NCON).* (pp. 79-84).

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA: CONTEXTUALIZANDO O RACISMO RELIGIOSO

Eliane Silva de Sousa
Universidade Federal de Minas Gerais

Ana Paula Meneses Alves
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: A intolerância religiosa está presente na realidade brasileira e o número de casos de agressões contra adeptos e templos de religiões de matriz africana têm se tornado cada vez mais recorrentes. Desde o período da colonização, várias formas de apagamento da cultura e religiões de matriz africana foram instituídas, entre elas, a imposição da religião do colonizador com sua perspectiva eurocêntrica que ecoa até os dias atuais. Após a abolição da escravatura em 1888, o Primeiro Código Penal da República, datado de 1890, trazia os artigos 157 e 158 que criminalizavam a prática do espiritismo, da magia, o uso de talismãs e a prática de todo ritual que despertasse a crença na cura de doenças. As religiões de matriz africana que já eram alvo de intolerância e perseguição desde a colonização, foram diretamente implicadas a partir da publicação desses artigos, que enquadrava suas ritualísticas como práticas ilegais, o que forçava seus adeptos a se ocultarem sob a designação de outras religiões ou praticarem seus rituais ocultamente. Considerando as violências e perseguições perpetradas às religiões de matriz africana, a Competência em Informação pode contribuir para contextualizar, instrumentalizar e estimular o pensamento crítico das pessoas leitoras para o uso eficaz e ético das informações acerca da história de perseguição e intolerância das religiões de matriz africana. Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo investigar de que maneira a Competência em Informação e a Religious Literacy podem contribuir para elucidar o processo de perseguição às religiões de matriz africana e analisar criticamente o atual cenário de intolerância religiosa. Este estudo é de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo e quantos aos procedimentos molda-se a uma pesquisa bibliográfica que, se embasou em produções científicas já realizadas sobre Competência em Informação, Religious Literacy, Intolerância Religiosa, Religiões de Matriz Africana. Como resultado foi possível traçar um histórico de perseguição e intolerância pautados no racismo estrutural desde a colonização até a publicação do Primeiro Código Penal da República Brasileira e seus desdobramentos, proporcionando a instrumentalização acerca da busca, identificação e usos da informação acerca dos processos de perseguição às religiões de matriz africana, proporcionando mais possibilidades às pessoas leitoras a aprender ao longo da vida., estimulando o pensamento crítico, contextualizado e decolonial.

Palavras-Chave: Intolerância religiosa; Religiões de matriz africana; Competência em informação; Religious literacy.

INTRODUÇÃO

A diversidade e o sincretismo, características tão marcantes no campo religioso brasileiro, não têm sido fator de impedimento para a ocorrência de episódios de intolerância que vêm se tornando cada vez mais recorrentes. O relatório apresentado pelo Ministério de Direitos Humanos da Cidadania (MDHC) e as denúncias registradas no Disque 100 apontam que os principais alvos de violência são religiões de matriz africana, respectivamente, a Umbanda e o Candomblé (Brasil, 2024).

Ao abordar as violências sofridas pelos adeptos de religiões de matriz africana, é necessário correlacioná-las com a noção de raça/racismo, pois, conforme Bittencourt Filho

(2003) e outros teóricos, tanto a imposição do Catolicismo quanto outras formas de apagamento e extermínio das religiões dos povos africanos estão ligados ao processo de dominação/subordinação ocorrido no período da colonização.

O período colonial foi travessado por estratégias de apagamento das religiões dos povos escravizados oriundos do continente africano. Tanto a imposição do Cristianismo, quanto as formas de sincretismo adotados perante o cenário de violência e tentativas de preservação das raízes das religiões africanas, foram formas utilizadas tanto pelo colonizador como pelos escravizados que, por vezes, evitavam o confronto direto.

A data de 13 de maio de 1888 é celebrada pela abolição da escravatura no Brasil, mas o ano de 1888 e os anos seguintes foram permeados por violências e perseguições que afetavam a vida da população negra em sua dimensão social, política, econômica, cultural e religiosa. Após a abolição da escravatura, com a publicação do Código Penal da República, datado de 1890, os artigos 157 e 158 que criminalizavam a prática do espiritismo, da magia, o uso de talismãs e a prática de todo ritual que despertasse a crença na cura de doenças faziam com que os adeptos das religiões de matriz africana. Vítimas constantes da intolerância e do apagamento desde a colonização, as religiões de matriz africana e seus adeptos foram diretamente implicados a partir da publicação dos artigos supracitados, que enquadrava suas ritualísticas como práticas ilegais. Diante disso, a perseguição estava autorizada por lei e para se protegerem, viam-se forçados a permanecer se identificando sob a designação de outras religiões ou a praticarem seus cultos e ritualísticas ocultamente.

O acesso a essas informações pode contribuir para novos olhares e reflexões sobre a origem e a motivação de variadas formas de violência direcionadas às religiões de matriz africana. Nesse sentido, a Competência em Informação, descrita como processo que possibilita que o indivíduo acesse, analise e use a informação de maneira eficaz (Ottonicar; Belluzzo, 2018), e a *Religious Literacy*, conceituada por Moore (2007) como “a capacidade de discernir e analisar as interseções fundamentais da religião e da vida social/política/cultural através de múltiplas lentes”, são importantes ferramentas na contribuição para busca, avaliação crítica e compartilhamento da informação de forma ética, bem como para o entendimento e a interpretação dos episódios religiosos, onde quer que ocorram.

Com base no exposto, a questão que norteia esse estudo é: De que maneira Competência em Informação e a *Religious Literacy* podem contribuir para elucidar sobre o processo de perseguição às religiões de matriz africana e analisar criticamente o atual cenário de intolerância religiosa? Com o objetivo de responder a essa questão, foi realizado um estudo de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo e quantos aos procedimentos molda-se a uma pesquisa bibliográfica que, se embasou em produções científicas já realizadas sobre Competência em Informação, Religious Literacy, Intolerância Religiosa, Religiões de Matriz Africana. Para alcançar tal objetivo, este estudo está estruturado em uma seção sobre o processo de Intolerância e Racismo Religioso promovendo perseguição e apagamento das religiões de matriz africana desde o período colonial, a sessão seguinte abordando as possíveis contribuições da Competência em Informação e da *Religious Literacy*, na sequência o Percurso metodológico encerrando com a sessão Considerações finais.

DA INTOLERÂNCIA AO RACISMO RELIGIOSO: RECORTES (DE)COLONIAIS

Retomar a perspectiva histórica é relevante para uma compreensão do processo de intolerância religiosa, posto que o processo de colonização está no cerne dos episódios de intolerância direcionados às religiões de matriz africana.

A colonização teve como um dos instrumentos principais de dominação, a implantação da hegemonia cristã através da imposição do catolicismo. A colonização portuguesa adotou um modelo de colonização que impunha a aculturação dos povos dominados que adotava como regra a imposição da língua portuguesa e o abandono de crenças não católicas. Assim como a adequação à cultura do branco europeu, a imposição do catolicismo ocorria ainda no continente africano, antes do embarque dos escravizados para o novo mundo (Velasco, 2019).

Em virtude das condições em que os africanos foram trazidos e espalhados por várias partes do território brasileiro, ocorreu um complexo processo sincrético: fizeram adaptações buscando contornar as diferenças entre as religiões ancestrais que eles traziam; certamente acolheram conteúdos semelhantes das religiões indígenas e, de modo a evitar confrontos diretos com os senhores que proibiam práticas que não fossem o catolicismo, camuflaram suas crenças através da justaposição dos orixás com os santos católicos (Bittencourt Filho, 2003).

Entremeadas às estratégias de apagamento impostas pelos conquistadores para dominação, estavam as formas de resistência e sobrevivência encontradas pelos escravizados conforme exposto anteriormente, mas, a prática do catolicismo também foi considerada uma forma de ascensão/sobrevivência, fazendo com que os nascidos no Brasil colônia convertessem-se à religião dos colonizadores, colocando em segundo plano ou abandonando os cultos de origem. Além de todos os castigos corporais impostos aos escravizados, as táticas de assimilação e cooptação ideológica (concessão de pequenos benefícios, oportunidades de ascensão social para os miscigenados), os cultos religiosos também eram usados como instrumentos para acentuar as divisões entre os escravizados

> “Permitia-se que negros formassem irmandades; mas a irmandade de Nossa Senhora da Glória só para os angolas, a irmandade de Nosso Senhor dos Passos só para os nagôs, outra irmandade para os jeje [...] Permitia-se até o candomblé, porque fazendo o candomblé, os nagôs opõem, à princípio, os seus orixás aos inquices dos angolas, e aos vodum do ewe. Permitia-se batuque e outras coisas, para acirrar as oposições. Foi assim.” (Serra, 199-)

Assertivamente, Nascimento (2016), analisa o sincretismo e reflete sobre os impactos que os processos de dominação implícitos e explícitos nos relacionamentos entre o negro escravizado e o branco colonizador se estruturaram por meio do poder e da força, considerando ainda um movimento que se mantém vivo até os dias de hoje:

> “Para manter uma completa submissão do africano, o sistema escravista necessitava acorrentar não apenas o corpo físico do escravo, mas também seu espírito. Para atingir este objetivo se batizava compulsoriamente o africano escravizado, e a Igreja Católica exercia sua catequese e proselitismo à sombra do poder armado. Mudam-se os tempos, mas não o tratamento dispensado ao negro pela sociedade brasileira: hoje, em vez do batismo compulsório, temos a “democracia racial" compulsória, cujos mandamentos são impostos pela ameaça policial, pela Lei de Segurança Nacional, e todo um cortejo de instrumentos legais e ilegais para amedrontar e dissuadir aqueles que não querem rezar pelo catecismo oficial...” (2016, p. 134)

Assim, as religiões de matriz africana seguiam constantemente e de diversas formas sendo perseguidas e apagadas, por meio do abandono ou de processos sincréticos, em que a religião do colonizador ocupava cada vez mais espaço na vida dos escravizados.

Além de não terem acesso à educação e sujeitos à escravidão, os negros continuavam sem professar a própria fé abertamente. Desde 1805, o Brasil já classificava rituais religiosos diferentes do catolicismo como feitiçaria e os criminalizava e assim, o Brasil permaneceu construindo e aplicando leis que limitavam ao máximo a vida de negros e ignorava apelos internacionais para reduzir o trabalho forçado.

A Lei Áurea, assinada em maio de 1888, garantiu liberdade a uma população de escravizados, mas não impediu o surgimento de legislações discriminatórias.

O período pós abolição da escravatura desencadeou um processo de migração em massa dos negros para a cidade, onde passaram a habitar em periferias, em morros ou em partes
decadentes da cidade, vivendo isolados, assim, foram gradualmente expulsos com o desenvolvimento urbano, baseado em projetos arquitetônicos que objetivavam expulsá-los dos espaços centrais.

Com sua cultura e religiosidade consideradas exóticas, os negros permaneceram alvo da discriminação e intolerância por não se encaixarem no padrão europeu, que se fazia mais presente no imaginário das classes dominantes. Assim, o Estado foi articulando formas de reprimir e banir a religiosidade de matriz africana através de perseguições que duraram aproximadamente um século, em que a religião exerceu relevante papel de resistência cultural.

A partir de 1890, com o primeiro Código Penal da República, as religiões de matriz africana passaram a ser enquadradas nos artigos 157 (espiritismo, magia e outros sortilégios) e 158 (curandeirismo) do Código Penal que garantiam uma efetiva repressão do Estado aos cultos de matriz africana.

> Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjulgar a credulidade pública:
> Penas: de prisão celular por um a seis meses e multa de 100$ a 500$000.
> §1º Se por influencia ou em consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporária ou permanente das faculdades psíquicas:
> Penas: prisão celular por um a seis meses e multa de 200$ a 500$000.
> §2º Em igual pena, e mais privação do exercício da profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que diretamente praticar qualquer dos atos acima referidos ou assumir a responsabilidade deles.
> Art. 158. Ministrar ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim o ofício do denominado curandeiro:
> Penas: de prisão celular por um a seis meses e multa de 100$ a 500$000.
> Parágrafo único: Se o emprego de qualquer substancia resultar à pessoa privação ou alteração temporária ou permanente de suas faculdades psíquicas ou funções fisiológicas, deformidades ou inhabilitação do exercício do aparelho orgânico, ou em suma alguma enfermidade:
> Penas: de prisão celular por um a seis anos e multa de 200$ a 500$000.
> Se resultar a morte:
> Pena: de prisão celular por seis a vinte e quatro anos. (Brasil,1890).

Essas proibições caracterizaram o contexto político e social que não acolhia o negro nem as religiões de matriz africana. Dessa forma, encontrando respaldo legal, a população

afeita aos padrões do período colonial sentia-se para perseguir e denunciar qualquer manifestação dos cultos religiosos de raízes africanas, conforme Figura 1.

Uma "macumba" interrompida

Vinte e cinco presos

O petrechos que serviram no «candomblé» e os presos pela policia do 20º districto

Figura 1. Candomblé de "Mariquinha Chocalheira". Fonte: Gazeta, 1918 apud Velasco, 2019

A partir desse horizonte ideológico e sob os amparos da lei, instalou-se uma sistemática perseguição do Estado aos afro-religiosos, caracterizada pelas blitzes policiais aos terreiros.

É nesse contexto que devem ser observadas as perseguições pelas quais passaram as manifestações religiosas de matrizes africanas no Brasil e somente em 1942, uma reforma acabou com a criminalização oficial da umbanda e do candomblé no Brasil, mas, uma série de preconceitos e discriminações ainda fazem parte da realidade brasileira.

Dos resquícios da colonialidade ao enfrentamento da intolerância

Em esforço de síntese e fazendo um grande avanço cronológico chegamos ao final de 1980 com a promulgação da Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 2016) que a assegura que os indivíduos podem escolher ou se abster do pertencimento a uma religião, mas, no cenário nacional, apesar da pluralidade de expressões religiosas e da garantia constitucional de liberdade religiosa, as religiões alvo dos episódios de racismo religioso permanecem as mesmas: religiões de matriz africana.

Dados apresentados no levantamento realizado pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos do Ministério de Direitos Humanos e da Cidadania (ONDH/MDHC) (Brasil, 2024), indicam crescimento no número de denúncias e violações por intolerância religiosa 1:

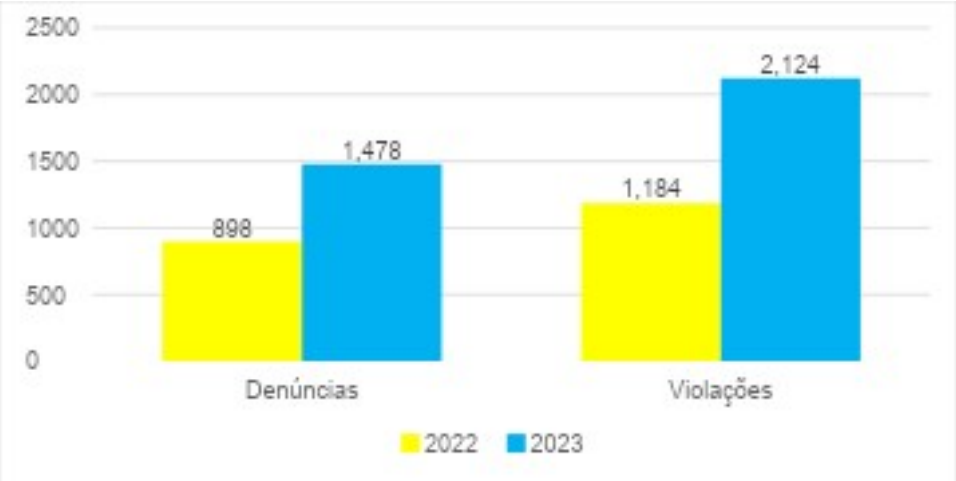


Gráfico 1. Dados Disque 100: número de denúncias e violações por intolerância religiosa em 2022 e 2023. Fonte: Elaborado pelas autoras, 2024.

De acordo com o Gráfico 1, é possível constatar que houve um crescimento de 64,59% e 79,39%, respectivamente, nos casos de denúncias e de violações de direitos humanos por intolerância religiosa nos anos de 2022 e 2023 registrados por meio do Disque 100. Esse levantamento também indica que as pessoas que sofrem violências com maior frequência são pertencentes, nessa ordem, às religiões Umbanda, Candomblé, outras denominações de religiões de matriz africana seguida de evangélicos e católicos (Brasil, 2024).

A compreensão de todo esse cenário de perseguição perpassa o entendimento da prática do racismo religioso como sendo mais uma faceta do racismo estrutural que predomina no cotidiano dos brasileiros até os dias de hoje. Desse modo, toda perseguição, agressão, destruição de espaços religiosos, violência contra crianças e jovens de terreiro em escolas são práticas de um racismo religioso, não apenas uma intolerância, pois se observa que as ações contra os religiosos de matriz africana expressam um sentimento de ódio, que pode ser explicado exatamente pelo fato de serem atacados não apenas os adeptos dessas religiões, mas também pessoas afrodescendentes, que são maioria nesses espaços.

Academicamente o termo foi cunhado pela primeira vez por Lima (2012) e que o descreve como:

> O racismo pode ser definido como crenças na existência de raças superiores e inferiores. Dessa forma é passada a ideia de que por questões de pele e outros traços físicos, um grupo humano é considerado superior ao outro. Ao direcionar os argumentos racistas para as religiões, tem-se o racismo religioso, através do qual se discrimina uma religião (Lima, 2012).

Na percepção de Santos (2022) racismo religioso é um conceito que deriva da discussão sobre o racismo estrutural, pois, a crítica que militantes do movimento negro tecem acerca do debate da “intolerância religiosa” versa sobre a invisibilidade da questão racial que envolve a perseguição e violência em torno das religiões de matriz africana. Na percepção da pesquisadora, a expressão racismo religioso, é importada dos movimentos sociais e, por esforços de antropólogos e de seus interlocutores, passa a fazer parte do aporte teórico das ciências sociais e das religiões.

Velasco (2019) alega que vivemos em uma sociedade em que não podemos justificar o racismo pela falta de informação, nesse sentido, a acesso à informação e seu uso de forma crítica e ética, o conhecimento da história das religiões, a análise crítica considerando o

cenário religioso em interseção com a dimensão sociopolítica e cultural da sociedade e as motivações dos adeptos aliadas à prática da alteridade são fatores essenciais para entender as motivações da intolerância e enfrentá-la.

Empenhados no enfretamento ao racismo religioso, órgãos públicos, associações religiosas e diversas entidades e personalidades têm se empenhado no enfrentamento à intolerância religiosa. No Brasil, em dezembro de 2007, foi sancionada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a Lei n. 11.635, que instituiu o dia 21 de janeiro como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. A escolha da data é em homenagem à Iyalorixá Gildásia dos Santos e Santos (Mãe Gilda), fundadora do terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, em Salvador-BA, também foi ativista social, destacando-se por sua forte personalidade e pelo grande envolvimento em ações para a melhoria do bairro de Nova Brasília de Itapuã. A líder religiosa foi vítima de diversos episódios de difamação e intolerância, tendo sua casa e terreiro invadidos por um grupo de outra denominação religiosa, faleceu em 21 de janeiro de 2000 devido a um infarto fulminante (Brasil, 2007; 2024).

Em 2010, foi publicado o Estatuto da Igualdade Racial por meio da Lei 12.288 de 20 de julho de 2010, cujo objetivo é garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica (Brasil, 2010)

Em consonância com as leis 11.635/2007 e 12.288/2010, em 2023 foi sancionada a Lei n. 14.519/23, que institui o dia 21 de março como o Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé.

Conforme o histórico apresentado no decorrer desse estudo, um passado de perseguição e apagamento marca a existência das religiões de matriz africana no Brasil e, o conjunto de leis exposto anteriormente, não têm sido suficientes para suprimir a herança colonial ainda atuante nos episódios de racismo religioso.

Nesse sentido, o acesso à informação e sua análise crítica pode ser um dos fatores que contribuam para amenizar os episódios de racismo religioso. Conhecer a origem e as nuances do histórico de perseguição às religiões de matriz africana e seus desdobramentos é parte essencial no processo de enfrentamento à intolerância e ao racismo religioso.

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E RELIGIOUS LITERACY: ANALISANDO O CENÁRIO DE RACISMO RELIGIOSO

A Competência em Informação através do processo de busca, localização, avaliação e compartilhamento ético da informação, possibilita a libertação da consciência crítica em face à realidade social, explorando questões críticas. Nesse sentido, para Fazzioni e Vitorino (2022), a Competência em Informação se consolida em habilidades, atributos e confiança necessários para o melhor uso da informação, incorporando o pensamento crítico e ético.

Um conceito mais abrangente e atual de Competência em Informação, que recupera as questões de habilidades, conhecimentos, atitudes, mudanças de comportamentos, interesses e vontades, mas que vem acrescido de um olhar ainda mais social foi apresentado por Alves (2023):

> A Competência em Informação é desenvolvida como resultado da educação em informação, que se fundamenta em um processo de ensino aprendizagem, na perspectiva de ensinar a utilizar e compreender a informação, ou seja, a entender a sua própria necessidade, localizar e selecionar corretamente, avaliar criticamente,

> recuperar, organizar, produzir e compartilhar com efetividade, gerando novos conhecimentos e novas necessidades informacionais. O processo de desenvolvimento da Competência em Informação envolve outras competências [...]. Como um processo que impacta no indivíduo e no todo a sua volta, também está ligada a justiça social, a equidade em informação e aos direitos humanos, com foco no desenvolvimento do pensamento crítico, no aprendizado ao longo da vida, na independência, no papel cidadão e na emancipação social a partir do uso ético e responsável da informação. [...] Neste sentido, também podemos evocá-la como um ativo que colabora na promoção do desenvolvimento humano, contribuindo para que as pessoas tenham capacidades e oportunidades de ser o que desejam ser e utilizem a informação como um fator diferencial para sua emancipação social e no enfrentamento as desigualdades (Alves, 2023).

A promoção da Competência em Informação, voltada ao cenário religioso pode contribuir para analisar crítica e eticamente os episódios envolvendo religiões, cultivar o discernimento, a compreensão e o respeito à medida que se compreende a religião com uma importante dimensão da vida humana.

A complexidade e abrangência conceito elaborado por Alves (2023) remete à necessidade de uma vertente da Competência em Informação voltada para o cenário religioso, pois, as religiões ocupam um relevante espaço no seio da sociedade e os episódios de intolerância e racismo religioso frequentemente decorrem de informações deturpadas, que estigmatizam e estereotipam segmentos religiosos e seus adeptos, como exemplo, as divindades e entidades de religiões de matriz africana frequentemente demonizadas.

Nesse sentido, a *Religious Literacy* definida por Moore (2007) como:

> [...] a capacidade de discernir e analisar as intersecções fundamentais da religião e da vida social/política/cultural através de múltiplas lentes. Especificamente, uma pessoa com Religious Literacy possuirá 1) uma compreensão básica da história, dos textos centrais (quando aplicável), das crenças, das práticas e das manifestações contemporâneas de diversas tradições religiosas do mundo, à medida que surgiram e continuam a ser moldadas por elas. Contextos sociais, históricos e culturais específicos; e 2) a capacidade de discernir e explorar as dimensões religiosas das expressões políticas, sociais e culturais ao longo do tempo e do espaço (Moore, 2007, tradução nossa).

A autora, atuando em associação com a *American Academy of Religion* (AAR)[17] publicou o *Guidelines for teaching about religion in K-12*, documento possibilitou o estabelecimento e divulgação de princípios que envolvem o estudo da religião. Especificamente, a AAR, então, recomenda que três princípios para estudar e analisar religiões:

1. **As religiões são internamente diversas**: além das diferenças formais presentes dentro das tradições representadas por diferentes religiões ou expressões (por exemplo, catolicismo romano e catolicismo ortodoxo), existem diferenças dentro de religiões ou expressões porque as comunidades religiosas funcionam em diferentes ambientes sociais e contextos políticos (Moore, 2007; 2014).

2. **As religiões são dinâmicas e mutáveis**: Quando as práticas ou textos religiosos são ensinados sem contexto histórico, os rituais ou histórias sagradas são observados como tendo um significado que persiste em todos os tempos e lugares. As religiões existem no tempo e no espaço e são constantemente interpretadas e reinterpretadas pelos seus adeptos. Alguns

[17] A American Academy of Religion (AAR) é maior sociedade acadêmica do mundo dedicada ao estudo acadêmico da religião e, através de um comitê presidido por Diane L. Moore, a AAR publicou o *Guidelines for teaching about religion in K-12*.

exemplos a serem considerados podem ser, o papel das mulheres na sociedade e na família e a prática da escravatura, ora justificada ora difamada pelas tradições religiosas em diferentes contextos sociais e históricos. Por exemplo, a prática da escravatura tem sido ora justificada ora questionada em diferentes contextos sociais e históricos. Os padrões mudam com o tempo e sinalizam o que a comunidade pode esperar de uma religião atualmente (Moore, 2007; 2014).

3. **As religiões estão incorporadas nas culturas**: religiões são coleções de ideias, práticas, valores e histórias que estão todas incorporadas nas culturas e não separáveis delas. Tal como a religião não pode ser compreendida isoladamente dos seus contextos culturais (incluindo políticos), é impossível compreender a cultura sem considerar as suas dimensões religiosas. Da mesma forma que a raça, a etnia, o género, a sexualidade e a classe socioeconómica são sempre fatores de interpretação e compreensão cultural, o mesmo acontece com a religião. Quer sejam explícitas ou implícitas, as influências religiosas podem virtualmente sempre ser encontradas quando se coloca "a questão da religião" sobre qualquer experiência social ou histórica (Moore, 2007; 2014).

Os princípios adotados pela *Religious Literacy* contribuem eficazmente para a contextualização, análise multidimensional e compreensão de todo o histórico de perseguição, exclusão e violências impetrados às religiões de matriz africana, uma vez que no período colonial e pós-abolição, essas religiões não se adequavam ao padrão europeu ao qual o Brasil procurava se adaptar

No princípio *As religiões são internamente diversas* é possível compreender que o processo de sincretismo não ocorreu de forma harmônica, que a diversidade existente entre as religiões de matriz africana é fruto de estratégias de aculturação, adaptações, desmantelamentos de famílias e reinados trazidos da África e espalhados por todo território brasileiro enfim, apagamentos de tudo o que se referia às culturas africanas.

Já em *As religiões são dinâmicas e mutáveis* é perceptível a atuação do Cristianismo justificando a sua imposição e a escravização dos povos africanos, perseguição e demonização de religiões de matriz africana bem como mais adiante, questionando contextos sociais e históricos.

E no princípio *As religiões estão incorporadas na cultura*, no decorrer de todo processo de perseguição, nota-se o estranhamento e tentativas de aniquilamento das religiões de matriz africana porque elas não estavam incorporadas nem adequadas à cultura do dominador. À medida que os tempos mudam, as culturas e as religiões também mudam, assim como as perspectivas sociais sobre elas.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo apresentado consiste em uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa, exploratória e descritiva que objetiva investigar como a Competência em Informação e a *Religious Literacy* podem contribuir para elucidar o processo de perseguição às religiões de matriz africana e analisar criticamente o atual cenário de intolerância religiosa. Quanto aos procedimentos adotados, trata-se de uma pesquisa bibliográfica.

Pesquisa de natureza básica é considerada por Silva e Menezes (2005) como aquela cujo objetivo é gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. Nesse sentido, este estudo é de natureza básica, com o objetivo de trazer contribuições para a Ciência da Informação, mais especificamente no cenário religioso.

Quanto à abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois se pretende oferecer compreensão mais detalhada dos temas envolvidos na investigação, visando descobrir conceitos e relações entre os temas e organizá-los em um esquema explicativo.

Do ponto de vista dos objetivos, é uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. Exploratório porque possibilitará maior familiarização e melhor compreensão do problema, recorrendo à pesquisa envolvendo as temáticas Competência em Informação, *Religious Literacy*, Intolerância religiosa e Religiões de matriz africana (Gil, 2017).

Naquilo que tange os procedimentos técnicos adotados, trata-se de pesquisa bibliográfica. Justifica-se como pesquisa bibliográfica, pois a elaboração se deu a partir de material já publicado sobre Competência em Informação, *Religious Literacy*, Intolerância religiosa e Religiões de matriz africana, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e trabalhos acadêmicos (Silva; Menezes, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os episódios de intolerância religiosa que tem se tornado cada vez mais recorrentes no cenário brasileiro, quando direcionados à religiões de matriz africana necessitam de uma leitura racializada o que implica na compreensão do racismo estrutural como base para todas as violências direcionadas às religiões de matriz africana e seus adeptos, sendo assim, intolerância religiosa já não é mais o termo que comporte as violências aliadas ao racismo estrutural, então, racismo religioso é o termo que comporta e identifica todas essas violências analisando-as pelo viés do racismo estrutural.

Considerando todo o contexto histórico de perseguição e apagamento das religiões de matriz africana desde o período colonial, percorrendo pelo início do Brasil República em que a perseguição se dá de forma legal através dos artigos 157 e 158 do Código Penal, no cenário atual, existem leis de amparo e proteção às religiões de matriz africana, em contrapartida ao período de repressão legal que durou até início de 1940.

Mesmo com todo arcabouço legal de amparo às religiões de matriz africana, ainda existem resquícios da mentalidade colonial, promovendo episódios de racismo religioso, porém, novas possibilidades surgem para auxiliar no enfrentamento ao racismo religioso e na formação de uma sociedade mais justa, crítica e igualitária.

A Competência em Informação e a *Religious Literacy* trazem suas contribuições por alicerçarem uma análise crítica dos episódios de racismo envolvendo as religiões de matriz africana, bem como da informação religiosa que pode ser utilizada como instrumento de propagação e perpetuação do racismo religioso.

O acesso à informação segura, sua análise crítica e seu compartilhamento ético, aliados ao conhecimento dos três princípios de Moore e AAR (2007) para estudar e analisar as intersecções das religiões na sociedade, podem contribuir para uma sociedade mais justa e com menos episódios de intolerância e racismo religioso.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais - PPGCI/UFMG.

À Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF – que me concedeu licença qualificação contribuindo para a minha dedicação à pesquisa.

Em especial aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis Informacionais – NERSI – sempre estimulando e contribuindo para o aprimoramento da pesquisa em Competência em Informação

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Paula Meneses. *Competência em Informação*. Belo Horizonte: UFMG, 2023. Material da disciplina Tópicos Especiais em Ciência da Informação IV: Estudos Avançados em Competência em informação, ministrada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG em 2023.

AMERICAN ACADEMY OF RELIGION. *The American Academy of Religion guidelines for teaching about religion in K–12 public schools in the United States*. Atlanta: AAR, 2010.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira:* religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.

BRASIL. Lei nº 11.635, de 27 de dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 2, 28 dez. 2007.

BRASIL. Lei n. 14.519, de 05 de janeiro de 2023. Institui o dia 21 de março como o Dia Nacional das Tradições de Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 161, n. 5, p. 01, 06 jan. 2023.

BRASIL. Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 147, n. 138, p. 01, 21 jul. 2010.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Relatório sobre intolerância religiosa*. Brasília: MDHC, 2024.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; SILVA, Ozaiais. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afrobrasileiras. *Revista OQ*: Dossiê Racismo Religioso, Cuidado e Comunidades Negras Tradicionais. ano 5, n. 6, p. 6-30, 2022.

DINHAM, A.; CRISP, B. Do the regulatory standards require Religious literacy of U.K. health and social care professionals? *Soc Policy Admin*. [S. l.], v. 53, p. 1081–1094, 2019.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Claudiene dos Santos. *O racismo religioso na Paraíba*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

MOORE, Daiane L**.** *Overcoming religious illiteracy.* New York: Palgrave, 2007.

MOORE, Daiane L. Diminishing Religious Literacy: methodological assumptions and analytical frameworks for promoting the public understanding of religion. In: DINHAM, Adam (ed.); FRANCISCO, Mateus (ed.). *Religious Literacy in Policy and Practice*. London: Policy Press, 2015.

MOORE, Diane L. Overcoming Religious Illiteracy: Expanding the Boundaries of Religious Education, *Religious Education,* [S. l.], v. 109, n. 4, p. 379-389, 2014.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro:* o processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OTTONICAR, Selma Leticia Capinzaiki; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. *Inf. Prof.,* Londrina, v. 7, n. 2, p. 45–64, jul./dez. 2018. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/infoprof/. Acesso em: 11 ago. 2022.

SANTOS, Lidia Ribeiro Bradimyr dos. *Da guerra santa ao racismo religioso*: desdobramentos teóricos do conflito religioso em Salvador. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2022.

SERRA, Ordep. *Teologia e cultura negra*. Rio de Janeiro: Koinonia, 199-.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.* 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

VELASCO, Valquíria Cristina Rodrigues. *A geografia da repressão*: o processo civilizador e a experiência do resistir de religiosos na Primeira República do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

VERGARA, Sylvia C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

GESTÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE OLIMPÍADAS CIENTÍFICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL

Cecília Leite
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Emir Suainden
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Elmira Simeão
Universidade de Brasilia

Resumo: O trabalho descreve ações de um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), para estruturar o ambiente das Olimpíadas Científicas no Brasil, "a Plataforma Brasileira de Olimpíadas Científicas", de forma a ampliar seu potencial como instrumento de desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Essa estrutura tem como objetivo estimular o movimento como um todo, possibilitando uma evolução global de qualidade no fluxo de informações, a partir da utilização de ferramentas e soluções tecnológicas. Cabe destacar a existência de mais de 50 Olimpíadas consolidadas no Brasil, nas mais diversas áreas do conhecimento. Algumas dessas Olimpíadas são apoiadas por instituições públicas, contando com financiamento do governo federal. Outras, entretanto, organizam-se e financiam-se por diversos outros meios. As Olimpíadas Científicas no Brasil encontram-se em níveis de evolução distintos, mas se torna necessário o desenvolvimento de um sistema de gestão de dados, numa plataforma a partir da qual as Olimpíadas possam ser desenhadas, realizadas e acompanhadas, com uma condição equivalente básica a todas as Olimpíadas. Uma plataforma integradora que estimule o uso de ferramentas tecnológicas incentivando estudos da ciência e tecnologia, com uma maior participação de candidatos nas Olimpíadas. O desenvolvimento de um modelo de infraestrutura pode contribuir para outros interessados em aplicá-lo. O objetivo é ampliar o atendimento, uma alternativa eficaz para que um maior número de participantes tenha acesso às olimpíadas científicas, consolidando o movimento na educação brasileira, e ampliando a visibilidade das premiações no âmbito nacional e internacional. Portanto, a Plataforma Brasileira de Olimpíadas Científicas configura-se como uma ação estratégica para o Brasil também em olimpíadas internacionais. A estruturação informacional desse ambiente permite a articulação entre organizadores, participantes e o Estado. A pesquisa também fornece dados importantes para a elaboração de políticas públicas que estimulem o envolvimento da população na ciência, na tecnologia e na inovação como elemento de promoção do desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Palavras-Chave: Olimpíadas científicas; Gestão do conhecimento; Plataformas informacionais.

INTRODUÇÃO

A transferência de tecnologias da informação é uma das ações que consolidaram o IBICT como referência na área no Brasil e no exterior. O seu corpo técnico realiza a absorção e personalização de novas tecnologias, disponibilizando-as em formato aberto e as repassando a outras entidades interessadas no ciclo do fazer científico. Durante anos tem defendido uma postura colaborativa na construção de projetos de pesquisa junto a entidades

públicas e privadas, fomentando a disseminação da ciência a fim de que ela possa se fazer presente na resolução dos problemas da sociedade. Dentre as iniciativas do IBICT, destacam-se os serviços de informação científica, tais como a maior biblioteca mundial de teses e dissertações voltadas para um único país, o apoio à construção de infraestruturas para revistas científicas; os serviços de informação tecnológica, como bancos de dados especializados em informação para sustentabilidade, bem como para o desenvolvimento de micro e pequenas empresas; o ensino e pesquisa por meio de cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado; e a inovação tecnológica com a criação de metodologias, tecnologias e padrões voltados para a preservação digital, visualização de dados, dentre outros.

Várias iniciativas de implementação de instrumentos para tal fim vêm sendo conduzidas recentemente e o desejo do MCTI de construir um sistema para gestão das Olimpíadas Científicas no Brasil é um deles.Pretende-se com essa pesquisa compreender e estruturar o ambiente das Olimpíadas Científicas no Brasil de forma a ampliar seu potencial como instrumento de desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. A desigualdade social é uma característica histórica brasileira. Todavia, os estados do Norte, Nordeste e, em alguma medida, do Centro-Oeste, por terem passado por um processo de desenvolvimento tardio e sem qualquer critério ou planejamento, possuem problemas sociais e ambientais majorados se comparados à Região geoeconômica Centro-Sul. Corroborando com esse cenário, a falta de qualidade no ensino em geral, especialmente na educação básica, pode ser considerada como a principal responsável por mazelas como o alto índice de violência e o baixo indicador de desenvolvimento humano (IDH) dessas regiões. Percebe-se a grave situação educacional em que se encontra o Brasil ao estudar os resultados do PISA (2015, 2023). O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) tem o objetivo de gerar indicadores que possam contribuir para a discussão da qualidade educacional nos países participantes.

DADOS PRELIMINARES

A porcentagem de estudantes brasileiros que estão abaixo do nível básico de proficiência nas três áreas avaliadas (ciências: 56,6%; leitura: 50,99%; e matemática: 70,25%) indica que os brasileiros estão muito longe de adquirirem um nível adequado de letramento científico. Além disso, 4,38% dos alunos brasileiros estão abaixo do nível mínimo que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estabelece como necessário para que o estudante possa exercer plenamente a cidadania. Oportunidades de aprendizado conectando diversas áreas oferecem um rico contexto para integrar ciência, tecnologia, matemática e conceitos de linguagem e habilidades. O estudo dos diversos métodos científicos usados nas diferentes áreas de conhecimento humano ajuda a desenvolver habilidades técnicas, numéricas, habilidades para ordenar, classificar, estimar, medir, coletar dados e analisá-los, ou seja, investigações científicas oferecem oportunidades autênticas e relevantes para aprender e usar habilidades numéricas e habilidades de inquisição, que têm uso prático em diversos aspectos da vida cotidiana. A demanda reprimida de concursos científicos no Brasil é consideravelmente maior do que os recursos investidos pelo Governo Federal. Portanto, é necessário iniciar um movimento de captação de recursos de outras fontes. Fundos setoriais e transversais, recursos municipais e estaduais, iniciativa privada, organismos internacionais, entre outros, são alternativas que devem ser seriamente avaliadas, para que o sistema nacional de concursos científicos, que cresce a cada ano, possa se sustentar, aumentando a abrangência e atingindo a cada ano mais alunos e professores. Estimular a utilização de ferramentas e soluções tecnológicas para ampliar o atendimento a

um maior número de alunos, pode ser uma alternativa eficaz para que um maior número de participantes tenha acesso às olimpíadas científicas. Portanto, a iniciativa do Poder Público em criar a Plataforma Brasileira de Olimpíadas Científicas configura-se como uma ação estratégica para o aumento de participantes, podendo inclusive, estes participantes representarem o Brasil em olimpíadas internacionais.

A estruturação desse ambiente incluiria a articulação entre organizadores, participantes e o Estado por meio de uma plataforma informacional. Em última instância, a pesquisa suportaria a elaboração de políticas públicas que estimulem o envolvimento da população na ciência, na tecnologia e na inovação como elemento de promoção do desenvolvimento econômico e social do Brasil. Percebe-se um problema muito grande no Brasil ao se analisar os resultados do PISA 2015, o país ficou nas últimas colocações em Ciências, Matemática e leitura ficando ainda pior colocado em comparação ao PISA 2012. A desigualdade social existente na maioria do país contribui ainda mais para que esse problema se agrave, além de privar a informação de muitas pessoas que não possuem acesso aos meios. Uma plataforma integradora que estimule o uso de ferramentas tecnológicas pode incentivar os estudos da ciência e aumentar a participação de candidatos nas Olimpíadas. O desenvolvimento de um modelo de infraestrutura pode contribuir para outros interessados em aplicá-lo e aumentar o interesse em demais Olimpíadas e práticas educacionais do tipo. A pesquisa em curso tem esse objetivo.

JUSTIFICATIVA

A proposta de pesquisa desenvolve instrumentos que permitem a articulação das Olimpíadas Científicas como um meio de fortalecimento da educação científica, estimulando o envolvimento da população na pesquisa básica e aplicada, como forma de alavancar o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil. A infraestrutura informacional a ser construída a partir dos resultados da pesquisa e do produto permitirá a articulação entre todos os atores envolvidos com as Olimpíadas e fornecerá ao Estado um importante instrumento para coordenar e estimular esse ambiente e, desta forma, o caráter seu caráter transversal permitirá o diálogo permanente com a sociedade, por meio de diversas áreas, seja da educação básica, ou ambientes não-formais até especialistas e pesquisadores em áreas da pós-graduação.

Dentre os temas estratégicos descritos na Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação - ENCTI 2016-2022, as Ciências Humanas e Sociais têm por objetivo “desenvolver e difundir conhecimento e soluções criativas para a inclusão produtiva e social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania”. Neste viés, a terceira estratégia do objetivo ligado às Ciências Humanas e Sociais consiste em “promover a melhoria da educação científica, a popularização da C&T e a apropriação social do conhecimento”, estimulando o desenvolvimento de recursos humanos para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. O Planejamento Estratégico e o Plano de Ação em CT & I para Popularização e Divulgação da Ciência e Tecnologia, preveem a realização de uma plataforma de experiência digital que reúna suas principais ações de fomento, popularização e divulgação da Ciência. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações - MCTI tem a intenção de instituir um programa nacional de olimpíadas científicas, do qual a Plataforma será elemento essencial, com o objetivo de subsidiar a política pública de popularização. Com a plataforma será possível ter uma visão melhor de como os estudantes são beneficiados e como as olimpíadas contribuem

para que eles sigam carreiras científicas. Isso, por sua vez, contribui para a formação de recursos humanos de C&T, uma das prioridades da ENCTI.

Cabe destacar a existência hoje no Brasil de mais de 50 Olimpíadas consolidadas, nas mais diversas áreas. Algumas dessas Olimpíadas são apoiadas por instituições públicas, contando com financiamento do MCTI por meio de Edital. Outras, entretanto, organizam-se e financiam-se por diversos outros meios. As Olimpíadas Científicas, como conceito geral, são um sucesso inegável desde sua criação anos atrás, mas encontram-se em níveis de evolução distintos quando comparadas, por exemplo, à Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas - OBMEP, a que oferece hoje melhor organização.

Ao oferecer uma Plataforma a partir da qual as Olimpíadas pudessem ser desenhadas, realizadas e acompanhadas, o MCTI estaria proporcionando uma condição equivalente básica a todas as Olimpíadas. Essa estrutura, a Plataforma, equivaleria a um apoio público a todas as Olimpíadas, estimulando o movimento como um todo e possibilitando uma evolução global de qualidade, que se aproxima daquelas mais avançadas, como o exemplo citado da OBMEP.

Além disso, uma Plataforma que permita integrar as diversas Olimpíadas, possibilitaria ao Poder Público uma visão abrangente e um conhecimento fundamentado em informações consistentes para a elaboração de políticas públicas. Essas informações, hoje, estão restritas às Olimpíadas apoiadas diretamente pelo MCTI e, mesmo assim, de forma heterogênea dadas as diferenças estruturais entre elas. A Plataforma proposta no presente Projeto é um elemento importante para a realização da ENCTI no que se refere ao uso das Olimpíadas como instrumento do desenvolvimento da Educação Básica e do estímulo à CT & I no Brasil.

Temas englobados:

1. Aeroespacial e defesa;
2. Água;
3. Biomas e Bioeconomia;
4. Ciências e tecnologias Sociais;
5. Clima;
6. Economia e Sociedade Digital;
7. Energia;
8. Saúde;
9. Tecnologias convergentes e habilitadoras.

O documento Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação para Popularização e Divulgação da Ciência e Tecnologia (MCTI, 2018) define as olimpíadas científicas como espaços de competições científicas, individuais ou em equipe, adaptáveis a quaisquer áreas do conhecimento e que estimulam a resolução de problemas teóricos e práticos, realização de experimentos e promoção de debates relevantes à sociedade. Têm como principal objetivo promover a melhoria da qualidade da educação básica, servindo como instrumento de letramento científico. Esses espaços, independentemente da área de conhecimento, são marcados por uma competitividade considerada saudável. Assim, as olimpíadas científicas incentivam ações voltadas ao trabalho criativo e dedicado, objetivando a obtenção de destaque em certames nacionais e internacionais. Dessa maneira, o estudo pode se tornar prazeroso, além de uma forma de obter reconhecimento e de buscar um futuro melhor, com a possibilidade, inclusive, de receber incentivos financeiros futuros como bolsas de estudos.

A realização de concursos científicos é apenas um dos primeiros passos na busca por uma educação científica de qualidade nas escolas brasileiras. É uma ação que precisa ser incrementada e contar com investimentos de grande vulto, se o objetivo é alcançar todo o segmento escolar da sociedade brasileira. Mesmo considerando que já existem mais de 50 Olimpíadas das mais diversas áreas consolidadas no Brasil, englobando no total mais de 18 milhões de alunos anualmente (a esmagadora maioria, estudantes de Ensinos Fundamental II e Médio), dada a comparação com a maior e mais antiga das olimpíadas (a de Matemática) há muito espaço ainda a ser ocupado. Neste sentido, compete ao Poder Público o estímulo para que alunos da educação básica tenham interesse pelas carreiras científicas desde cedo, e o estímulo das Olimpíadas Científicas tem se mostrado como um grande fator para que este despertar possa ocorrer na educação básica. As Olimpíadas Científicas se consolidaram como uma das mais importantes ferramentas do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI voltadas à divulgação e à popularização da ciência no País. A iniciativa propõe estimular que os conhecimentos científicos e tecnológicos permaneçam acessíveis à sociedade, bem como promove a percepção do papel da ciência, da tecnologia e das inovações no dia a dia de cidadãs e cidadãos brasileiros.

Para contribuir no desenvolvimento humano e sustentável do País, é importante que os mais diversos segmentos da sociedade brasileira tenham acesso permanente a conhecimentos sobre a ciência e seus processos de pesquisa e transferência de tecnologia, bem como sejam estimulados a compartilhar seus próprios saberes e tradições, que igualmente contribuíram e contribuem para o desenvolvimento das ciências, em seus mais diversos campos. Entende-se que a percepção transversal do que é ciência, tecnologia e inovação - CT&I pode estimular a compreensão abrangente de realidades regionais, nacionais e planetárias, de modo a favorecer soluções criativas e ampliar oportunidades à sociedade de atuar politicamente, com conhecimento de causa. Nesse sentido, os concursos científicos representam uma das principais de linhas de atuação do Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação para Popularização e Divulgação da Ciência e Tecnologia, coordenado pelo MCTI, em articulação com a Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação - ENCTI 2016-2022. Como as demais ações de divulgação e popularização da ciência, os concursos científicos se inserem no tema estratégico “Ciências e Tecnologias Sociais”, com o objetivo de “Desenvolver e difundir conhecimento e soluções criativas para a inclusão produtiva e social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania”, e com a estratégia de “Promover a melhoria da educação científica, a popularização da C&T e a apropriação social do conhecimento”.

Para além de seus objetivos mais abrangentes, as Olimpíadas Científicas têm como principal desafio contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil. Contribuem também para a aplicação do conhecimento adquirido pelos estudantes às questões do dia a dia. Ao incentivar a competição solidária, os estudantes são estimulados por meio de metodologia que visa a reflexão sobre a solução de um problema comum, a consecução de um produto, ou e envolvimento em um processo crítico e consciente de levantamento de informações. Essas ações e reflexões devem ser sempre discutidas e compartilhadas com e por esse público escolar, despertando novos interesses e habilidades, e favorecendo o exercício da cidadania coletiva.

Após anos de investimentos continuados na realização de concursos científicos no Brasil, pode-se afirmar que o papel desempenhado pelo governo nessa área é fundamental para a melhoria da Educação Básica, e para a consolidação da cultura do questionamento científico e da resolução de problemas, por meio de um processo de aprendizagem teórica e

prática. Outra característica marcante dos concursos científicos é a formação continuada de professores do ensino básico. Muitas dessas iniciativas oferecem ferramentas para a complementação da formação de professores. Essas ferramentas estimulam, incentivam, premiam e oferecem métodos alternativos para se trabalhar o conhecimento científico em sala de aula, de forma conectada às realidades dos alunos. No processo de realização de Olimpíadas Científicas, a preparação é um processo que ocorre ao longo do ano, tanto para professores quanto para alunos. As provas aplicadas em anos anteriores e suas resoluções tornam-se material didático para utilização em sala de aula e podem ser obtidas nas páginas eletrônicas de cada olimpíada.

OLIMPÍADAS CIENTIFICAS NO BRASIL

Como ação estratégica para a promoção da divulgação e popularização da ciência no Brasil, desde 2006 o MCTI e seus parceiros apoiam a realização de Olimpíadas Científicas. Nessa ação, por intermédio de chamadas públicas, vêm sendo apoiados projetos para a realização de competições ou olimpíadas em diversos ramos das ciências e do conhecimento. Anualmente, as olimpíadas de ciências contam com a participação de milhões de estudantes, oriundos de todos os estados brasileiros. Ao longo dos anos, já foram apoiadas cerca de 200 olimpíadas no Brasil, nas mais diversas áreas como Física, Química, Astronomia, Biologia, História do Brasil, Língua Portuguesa, Robótica, Cartografia, Meio Ambiente, Agropecuária, entre outras.

Independentemente da área de conhecimento, as Olimpíadas Científicas são marcadas por uma competitividade considerada saudável, já que incentivam a reflexão e as ações voltadas ao trabalho criativo e dedicado. Sob a forma de concursos, também permitem e estimulam aos estudantes a possibilidade de participação em certames nacionais e internacionais. Dessa maneira, o estudo e a socialização do conhecimento é incentivado, e se percebe como uma forma de obter reconhecimento individual e coletivo, e de buscar um futuro melhor para a humanidade, pautado pela noção maior de desenvolvimento sustentável. Mesmo que muitos alunos não sigam em carreiras científicas entende-se que a oportunidade de vivenciar as Olimpíadas pode ser um fator que irá colaborar na formação de cidadãos críticos e conscientes acerca do papel da Ciência para o progresso do Brasil. Portanto, acredita- se que o apoio à realização de Olimpíadas Científicas no Brasil deva ser algo cada vez mais ampliado e fortalecido.

Em que pese o sucesso da realização das olimpíadas científicas no Brasil, ainda não existe uma plataforma que concentre as informações destes eventos, bem como não há disponibilização de ferramentas digitais que unifiquem os ricos dados de sua série histórica para promover análises prospectivas e extração de impactos. Neste sentido, faz-se necessária a criação da Plataforma Brasileira de Olimpíadas com vistas a permitir que coordenadores de projetos tenham um suporte tecnológico para a realização dos seus eventos, bem como o público participante ter acesso a dados, calendários, pesquisas e informações sobre as olimpíadas científicas no Brasil. Permitirá ainda ao Poder Público o acesso a dados que auxiliarão na formulação de políticas públicas no tema em questão. Até o advento da pandemia de COVID-19 a maioria das Olimpíadas se realiza presencialmente, com envio de provas às escolas e/ou deslocamento dos participantes nas etapas mais avançadas. Com a pandemia, observou-se a criação de diversas soluções, tanto a nível nacional como internacional, para realização das Olimpíadas. Os comitês organizadores das Olimpíadas internacionais oferecem soluções do tipo, mas, até onde se pôde investigar nas fases prévias ao projeto, todas elas têm por objetivo a organização de uma Olimpíada específica, suportando o seu próprio processo. Não foi identificada nenhuma plataforma que,

como a que se busca no projeto proposto, oferecesse recursos abrangentes para a realização de diferentes Olimpíadas, com diversos processos e dinâmicas, de forma integrada.

Essa percepção foi uma dos fatores que sugeriu a necessidade do Projeto e se reflete nos Objetivos Específicos propostos, o primeiro dos quais trata, justamente, de “Mapear o ambiente de Olimpíadas Científicas no Brasil e no Mundo” (item 6.a). A partir do conhecimento mais aprofundado desse ambiente, será possível refinar o desenho da Plataforma e, inclusive, as alternativas para que se chegue àquela que melhor apoie a ENCTI.

Justamente por se tratar de uma questão cujo entendimento e solução ainda demandam investigação especializada para criação de soluções inovadoras, no “estado da arte”, é que a proposta se configura como um Projeto de Pesquisa e não como uma contratação pura e simples.

O MCTI, por meio da CGPC/SEAPC promove via CNPQ uma chamada pública que neste ano contemplou 17 Olimpíadas:

- ONC - Olimpíada Nacional de Ciências.

- OBF - Olimpíada Brasileira de Física.

- OBR - Olimpíada Brasileira de Robótica.

- OBA - Olimpíada Brasileira de Astronomia.

- OBRAC - Olimpíada Brasileira de Cartografia.

- OBA - Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica.

- OBSMA - Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz - OBMEP - Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. - OBI - Olimpíada Brasileira de Informática.

- OBN - Olimpíada Brasileira de Neurociências.

- OBB - Olimpíada Brasileira de Biologia.

- OBM - Olimpíada Brasileira de Matemática.

- OBQ - Programa Nacional Olimpíadas de Química.

- ONA - Olimpíada Nacional de Aplicativos.

- ONHB - Olimpíada Nacional em História do Brasil.

- OBAP - Olimpíada Brasileira de Agropecuária.

- OBG - Olimpíada Brasileira de Geografia.

Esse grupo está em constante contato por diversos canais e, por meio dessa interlocução, o MCTI acompanha e apoia a realização das Olimpíadas e identifica as necessidades de seus organizadores. O Fórum será, certamente, um ator fundamental no desenvolvimento da Plataforma, sendo o representante de seu usuário final e trazendo à equipe do Projeto as necessidades gerais e específicas de cada Olimpíada. Além disso, ainda que de forma menos estruturada, o MCTI mantém contato com diversas outras Olimpíadas que acontecem pelo país e tem a capacidade de articular e mobilizar seus representantes para colaboração no projeto que, em última instância, é do interesse da comunidade.

Em alinhamento com a estratégia do MCTI, no que abrange áreas de tecnologia (Art 2°) o projeto se enquadra em promoção, popularização e divulgação da ciência e tecnologia e

também como pesquisa básica, ciências humanas e ciências sociais aplicadas. No Artigo 8° adequa-se a ensino de ciências, educação empreendedora e comunicação social. Dos pilares fundamentais da Estratégia Nacional do CTI, três se fazem presentes no projeto desejado. São eles a promoção da pesquisa científica básica e tecnológica, a modernização e ampliação da infraestrutura de CT&I e formação, atração e e fixação de recursos humanos. Vários pontos dos ODS (objetivos do desenvolvimento sustentável) conseguem ser atingidos através das Olimpíadas. A erradicação da pobreza, saúde e bem estar, educação de qualidade, trabalho decente e crescimento econômico, redução das desigualdades, paz, justiça e instituições eficazes, além de parcerias e meios de implementação.

A proposta de construção da infraestrutura informacional proposta supõe um amplo esforço de pesquisa, identificação de elementos informacionais, processos e tecnologias adequadas ao objetivo. O ambiente das Olimpíadas é amplo e heterogêneo, apresentando-se em níveis de organização e estruturação bastante distintos. O projeto deverá contemplar essa investigação para, a partir dela, elaborar as melhores alternativas de solução. Considerando a especificidade dos serviços a serem executados, uma vez que a construção da Plataforma demandará competências de pesquisa científica e tecnológica em diversos campos do conhecimento, inclusive pesquisa social e tecnologias de ponta, julga-se que a modalidade de encomenda, no caso em comento, seja a mais eficiente e efetiva. Trata-se de execução de política pública específica voltada para a promoção e popularização da ciência cuja finalidade é identificar, acompanhar e preparar a geração presente para se tornar a geração futura de cientistas, mantendo e ampliando a capacidade nacional de produção de conhecimento científico, tecnológico e de inovação.

O tema específico da presente carta-proposta possui singularidades e elementos críticos que necessitam dos conhecimentos específicos da entidade escolhida que detém a capacidade necessária para desenvolver o projeto dentro das necessidades técnico-científicas demandadas. Esta será a primeira inter-relação de políticas públicas de promoção e popularização da ciência com a capacidade de gerar dados suficientes para o planejamento e a manutenção do desenvolvimento científico em todo o país. A necessidade de obtenção desses dados de forma efetiva e confiável é urgente para a melhoria da qualidade das ações presentes e futuras.

OBJETIVO GERAL

Pesquisar e desenvolver uma infraestrutura informacional que articule todos os atores envolvidos no ambiente das Olimpíadas Científicas, facilitando a comunicação e troca de conhecimentos, a organização dos eventos, o monitoramento de seus resultados e de seus impactos, e suportando a elaboração de políticas públicas que, por meio das Olimpíadas, estimulam o desenvolvimento científico e tecnológico da educação no Brasil.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos específicos:

1. Mapear o ambiente de Olimpíadas Científicas no Brasil e no Mundo

2. Identificar e sistematizar arcabouço legal, normativo, tecnológico, processual e de comunicação que viabilizem o funcionamento das Olimpíadas Científicas

3. Compreender e sistematizar os mecanismos e facilitadores estruturantes e informacionais das Olimpíadas Científicas

4. Propor um modelo de infraestrutura informacional e computacional capaz de sistematizar as demandas das Olimpíadas Científicas Brasileiras

5. Provar modelo proposto por meio de sua aplicação em uma plataforma computacional e móvel

6. Disseminar avanços científicos, tecnológicos e informacionais obtidos durante a execução do projeto.

MATERIAL E MÉTODOS

Pretende-se conduzir projeto de pesquisa para compreender e estruturar o ambiente das Olimpíadas Científicas no Brasil de forma a ampliar seu potencial como instrumento de desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação. Cada uma dessas etapas previstas no instrumento (Preparação; Realização e Impacto) indica procedimentos diferenciados de uma ação comunicativa permanente, reforçada pelo monitoramento das atividades por parte dos gestores e integrantes de cada olimpíada. Durante o trabalho de elaboração do instrumento, foram realizadas várias reuniões para acertos e calibragem de cada questão, buscando melhores procedimentos para coleta das informações referentes às etapas de Preparação; Realização e Impacto. Na proposta o conjunto das questões segue as três vertentes já previstas inicialmente no projeto: Comunicação, Organização e Impactos.

As Questões de Comunicação: tem como objetivo a coleta de dados sobre o processo de conhecimento e motivação das olimpíadas e sua preparação, a fase inicial de inscrição e o envolvimento dos atores (Diretores, Professores e Alunos) na organização e planejamento da atividade; As Questões de organização: tem como objetivo a coleta de dados sobre as etapas de estruturação e execução da olimpíada, a gestão operacional do processo e a identificação dos pontos mais vulneráveis da atividade; As Questões de Impacto: tem como objetivo a coleta de dados sobre os impactos positivos e os desafios encontrados na realização de uma olimpíada e também os aspectos relacionados às formas de divulgação desses resultados.

Destaca-se que a divulgação (atividade necessária e que deverá ser uma das funcionalidades da plataforma) é uma ação de comunicação prevista tanto no início do planejamento e motivação de uma olimpíada, quanto no final, depois de seu encerramento.

Na fase final, é quando os organizadores mais precisam de suporte por parte do Ministério. Nessa etapa deve-se esperar que os premiados sejam reconhecidos e que seus feitos sejam divulgados o mais amplamente possível, tornando válido todo o esforço na realização da atividade. Essa etapa é a mais vulnerável atualmente, o que reforça a necessidade do esforço de orientação para um plano de marketing mais amplo.

Em cada etapa de exploração e análise de dados coletados pelos instrumento, pretende-se observar uma sequencia de diferentes atividades empreendidas pelos organizadores do evento em suas diferentes vertentes e conteúdos temáticos. Mesmo com o sucesso da realização das olimpíadas científicas no Brasil, ainda não existe uma plataforma que concentre as informações destes eventos, e também não há disponibilização de ferramentas digitais que unifiquem os ricos dados de sua série histórica para promover análises prospectivas e extração de impactos. Neste sentido, faz-se necessária a criação da Plataforma Brasileira de Olimpíadas com vistas a permitir que coordenadores de projetos tenham um suporte tecnológico para a realização dos seus eventos, bem como o público participante ter acesso a dados, calendários, pesquisas e informações sobre as olimpíadas científicas no Brasil. Esse importante trabalho de investigação permitirá o acesso a dados que auxiliarão na formulação de políticas públicas no tema em questão, e a aplicação poderá

alcançar pelo menos os envolvidos nos recentes editais promovidos pelo MCTI, contemplando 17 Olimpíadas:

- ONC - Olimpíada Nacional de Ciências.
- OBF - Olimpíada Brasileira de Física.
- OBR - Olimpíada Brasileira de Robótica.
- OBA - Olimpíada Brasileira de Astronomia.
- OBRAC - Olimpíada Brasileira de Cartografia.
- OBA - Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica.
- OBSMA - Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz
- OBMEP - Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.
- OBI - Olimpíada Brasileira de Informática.
- OBN - Olimpíada Brasileira de Neurociências.
- OBB - Olimpíada Brasileira de Biologia.
- OBM - Olimpíada Brasileira de Matemática.
- OBQ - Programa Nacional Olimpíadas de Química.
- ONA - Olimpíada Nacional de Aplicativos.
- ONHB - Olimpíada Nacional em História do Brasil.
- OBAP - Olimpíada Brasileira de Agropecuária.
- OBG - Olimpíada Brasileira de Geografia.

Esse grupo está em constante contato por diversos canais e, por meio dessa interlocução, o MCTI acompanha e apoia a realização das Olimpíadas e identifica as necessidades de seus organizadores. É importante salientar que em várias escolas públicas, onde foram feitas as entrevistas de sondagem para definir uma abordagem para o instrumento, se verificou que apenas o coordenador pedagógico ou algum professor de área afim, eram responsáveis por organizar o evento. Algumas das questões sugeridas possibilitam aos respondentes a oportunidade de colocar seus pontos de vista sobre os processos de comunicação, organização e impactos que venham favorecer futuramente uma melhor adequação das Olimpíadas Estudantis no ambiente escolar e sua dinâmica.

Exemplos de Questões de Preparação e Comunicação

ETAPA 01

Questões de Preparação e Comunicação: têm como objetivo a coleta de dados sobre o processo de preparação das olimpíadas e sua divulgação, a fase inicial de inscrição e o envolvimento/motivação dos atores (Diretores, Professores e Alunos) na organização e planejamento da atividade;

1. Poderia relatar a experiência que você tem na preparação da olimpíada?
2. Qual a sua percepção sobre o processo de inscrição das provas? Sugestões.

3. De que maneira poderíamos estimular as famílias no intuito de mostrar a importância das olimpíadas para a vida estudantil e curricular de seus filhos?

4. Como estimular as famílias para que incentivem seus filhos a participarem das olimpíadas?

5. Qual o envolvimento dos Diretores e Professores na organização e planejamento das olimpíadas?

6. Como sua olimpíada contribui na preparação dos alunos participantes? Dê alguns exemplos.

7. Sua olimpíada conta com polos ou coordenações locais/regionais? Se sim, descreva como funciona.

8. Como sua olimpíada se comunica com as escolas?

9. Quais recursos computacionais são utilizados para essa etapa da olimpíada?

Exemplos de Questões de Realização e Comunicação

Etapa 02:

Questões sobre a realização: têm como objetivo a coleta de dados sobre as etapas de execução da olimpíada, a gestão operacional do processo e a identificação dos pontos mais vulneráveis da atividade;

1. Quais as etapas de realização da sua olimpíada científica?

2. Quais dificuldades operacionais e de realização?

3. Quais as dificuldades na aplicação das provas? Explique.

4. Há quanto tempo você participa como coordenador de uma olimpíada, e qual a sua opinião a respeito da realização da olimpíada da sua área?

5. Qual o suporte dado pela organização das olimpíadas em relação à capacitação de professores? Dê alguns exemplos.

6. Quais recursos computacionais são utilizados para essa etapa da olimpíada?

Exemplos de Questões de Preparação e Comunicação

ETAPA 03

Questões de Impacto: têm como objetivo a coleta de dados sobre os impactos positivos e os desafios encontrados na realização de uma olimpíada, e também os aspectos relacionados às formas de divulgação desses resultados.

1. Quais os desafios e os impactos positivos encontrados na realização de uma olimpíada?

2. Como é feita a divulgação dos resultados e premiações?

3. O que o motiva a participar como coordenador?

4. O que falta para as olimpíadas científicas terem maior aceitação dentro das escolas? Pode enumerar por ordem de importância?

5. Quais benefícios sua olimpíada oferece para os mais bem colocados?

6. Como esses benefícios contribuem no impacto das Olimpíadas?
7. Quais resultados podem estimular a realização de uma nova edição da olimpíada?

O instrumento será aplicado apenas aos coordenadores das 17 olimpíadas, o que permite a visão de uma liderança que coordena aspectos estruturantes das atividades de gerencia de cada evento. Aos dados coletados no instrumento serão acresceidas as informações de uma coleta documental em relatórios de eventos anteriores.

RESULTADOS

Na conclusão dessa etapa intermediária, foi possivel a finalização da etapa de elaboração do instrumento para a investigação em curso, qual seja, desenvolver o modelo e a plataforma virtual para a integração das Olimpíadas Científicas do Brasil. Na proposta de análise documental, os dados serão analisados a partir do mesmo conjunto das questões seguindo as três vertentes sugeridas no questionário e previstas inicialmente no projeto: Preparação, Realização e Impactos. A análise documental deverá considerar os relatórios entregues pelos organizadores ao final dos trabalhos e verificados pelos pesquisadores. O ambiente das Olimpíadas é amplo e heterogêneo, apresentando-se em níveis de organização e estruturação bastante distintos. Considerando a especificidade dos serviços a serem executados, uma vez que a construção da Plataforma demandará competências de pesquisa científica e tecnológica em diversos campos do conhecimento, inclusive pesquisa social e tecnologias de ponta, julga-se que as etapas seguintes complementam os dados coletados com a aplicação do instrumento, consolidada pelas análises documentais, buscando identificar, acompanhar e preparar o material levantado sobre o tema específico da presente proposta, suas características, singularidades e elementos críticos que necessitam dos conhecimentos específicos da entidade escolhida que detém a capacidade necessária para desenvolver o projeto dentro das necessidades técnico-científicas demandadas.

REFERÊNCIAS

MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. L. M. S. (Org.). *Alfabetização digital e acesso ao conhecimento*. Série Comunicação da Informação Digital, vol. 4. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. ISBN 978 8588130068.

MIRANDA, A.; SIMEÃO, E. L. M. S. *Comunicação Extensiva e Animaverbivocovisualidade AV3*. Brasília: Amazon, 2018. v. 01. ISBN 9781982917272

SIMEÃO, E. L. M. S. *Comunicação Extensiva e Informação em Rede*. Série Comunicação da Informação Digital, vol. 2. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. ISBN 9788588130041

SIMEÃO, E. L. M. S. MIRANDA, A. *Portal do CID e a tecnologia evm.net*. Série Comunicação da Informação Digital, vol. 3. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. ISBN 978858813005X

REPRESENTAÇÕES DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO DO PERFIL REDE KALUNGA COMUNICAÇÕES NO INSTAGRAM

Flávia Helena do Espírito Santo
Universidade de Brasilia

Cynthia Roncaglio
Universidade de Brasilia

Resumo: Em 2022, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu no Censo Demográfico, pela primeira vez, a identificação de mais de 30 mil quilombolas no estado de Goiás, localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, dos quais grande parte compõe o território Kalunga, abrangendo os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Os modos de vida dos Kalunga são caracterizados pelo compartilhamento de crenças, territorialidades e ancestralidades, formando uma complexa rede de relações. O objetivo da pesquisa em curso é compreender como as redes sociais digitais têm sido utilizadas na comunicação e articulação dessas comunidades, a fim de se apropriarem e se auto representarem nesses espaços de comunicação. A análise é feita a partir do perfil do Instagram Rede Kalunga Comunicações (RKC), criado pelas próprias comunidades. Os objetivos específicos consistem em verificar as motivações que justificam as postagens no perfil; identificar os temas mais abordados e principais objetivos comunicacionais; observar e participar das discussões provocadas pelas postagens. Os procedimentos metodológicos incluem uma revisão bibliográfica e documental sobre as culturas quilombolas no Brasil e o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelas comunidades do Centro Oeste, além da adoção da Netnografia para análise das postagens disponíveis no perfil do Instagram da RKC. Parte-se do pressuposto que a apropriação das mídias sociais digitais pelas comunidades quilombolas pode promover a igualdade de oportunidades, valorizar e difundir sua cultura. Observa-se ainda uma lacuna significativa no campo da Ciência da Informação quanto ao número de estudos focados nessa temática, o que reforça a necessidade de uma investigação mais aprofundada. Embora haja um crescente interesse em políticas de reparação voltadas à população negra, ainda existe um déficit na integração dessas questões nas pesquisas científicas.

Palavras-Chave: Kalunga; Quilombolas; Redes Sociais Digitais, Rede Kalunga Comunicações, Netnografia.

INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas que compõem o território Kalunga estão localizadas predominantemente no estado de Goiás, região Centro-Oeste do Brasil. Vivem distribuídas em áreas rurais, caracterizadas por paisagens cercadas por morros, vales e cerrado nativo. Integram parte do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) e abrangem os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, representando o maior quilombo do país. Em 2021, o território foi oficialmente declarado um TICCA (Territórios Indígenas e Áreas Conservadas por Comunidades Locais) pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A valorização dos povos tradicionais como parte integrante da identidade cultural brasileira foi um processo gradual, impulsionado principalmente pela promulgação da

Constituição Federal de 1988 e pela intensificação das lutas dos movimentos sociais contra o racismo e a discriminação. No entanto, outro marco significativo nesse reconhecimento ocorreu apenas em 2022, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), por meio do censo demográfico, incluiu pela primeira vez as populações quilombolas na Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Continua (PNAD). Essa inclusão possibilitou a obtenção de dados mais precisos e abrangentes sobre as comunidades, revelando, somente no estado de Goiás, a existência de mais de 30 mil quilombolas.

Questões relacionadas aos marcadores de desigualdades sociais, como gênero, raça, classe e orientação sexual têm sido objeto de estudo em diversos campos de pesquisas acadêmicas. No campo da Ciência da Informação (CI), observa-se um entusiasmo crescente pelos debates sobre informações étnico-raciais (Silva e Valério, 2022). Um exemplo disso foi a criação, em 2022, do GT12 - Informação, Estudos Étnicos Raciais, Gênero e Diversidades, no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisas em Ciência da Informação (ENANCIB), um dos principais eventos da área.

Outro exemplo é a atuação do selo editorial Nyota[18], responsável por "disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidas por mulheres, negros/as, indígenas e população LGBTQIA+ que possuam como interesse principal divulgar suas pesquisas, descobertas científicas e experiências profissionais"[19]. Essas iniciativas têm ampliado a oportunidade de promover tais estudos, configurando-se "como um recurso potencializador da luta neste campo" (Silva et al. 2022, p. 117).

A facilitação do acesso e uso da informação pela população é essencial para garantir a comunicação efetiva entre diferentes grupos. Segundo Gomes (2020), no contexto da mediação da informação, esse processo de transmissão permite o compartilhamento de ideias que transcendem a barreira do espaço e do tempo. Isso significa que a comunicação não se limita apenas aos indivíduos diretamente envolvidos na troca de informações, mas também viabiliza a aproximação entre povos, culturas e conhecimentos distintos. Gomes (2020) destaca ainda que é na interseção entre a informação e a comunicação entre sujeitos que ocorre o verdadeiro compartilhamento de ideias.

Em complementação a essas ideias, Silva e Nunes (2019), consideram que

> Atualmente, as mídias sociais têm-se constituído como espaços de extensão para as relações sociais que podem ser medidas não apenas presencialmente, mas também *on-line*. O receptor não é um mero espectador da notícia, ele é, também, produtor de conteúdo e compartilhador da informação. São sujeitos que adquirem uma nova forma de transmissão das demandas e fortalecimento da resistência para a produção de discursos referentes às questões sociais, raciais, culturais e econômicas (Silva e Nunes, 2019, p. 106).

Assim, as mídias sociais constituem uma ferramenta importante de acesso e difusão do conhecimento. A utilização dessas ferramentas por diferentes sujeitos amplia as possibilidades de visibilidade através do compartilhamento e do registro de suas atividades. Nesse sentido, no contexto dos povos tradicionais, o ambiente digital tem se apresentado como um facilitador dessas interações.

---

[18] O selo Nyota viabiliza a publicação de livros e possui uma equipe de bibliotecários/as e licenciados/as em Biblioteconomia responsáveis por realizar todo o processo editorial, revisão ortográfica, avaliação do livro por comissão científica com profissionais reconhecidos/as da área, hospedagem e divulgação do livro no *site* e nas mídias sociais.

[19] Disponível em: https://www.nyota.com.br/.

Em uma pesquisa realizada com a juventude indígena das comunidades do Xingu, localizadas no Estado do Mato Grosso, parte sul da Amazônia brasileira, Leite (2018) destaca que “a chegada dos *smartphones* marca um avanço simbólico nas tecnologias de informação e comunicação. Os espaços de convivência foram potencialmente ampliados a partir da disseminação desses aparelhos” (Leite, 2018, p.16). A aproximação viabilizada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) possibilita a construção de novas dinâmicas de relações e “todas essas dinâmicas incluem um novo espaço-tempo” (Leite, 2018, p.85). Segundo Leite,

> A dinâmica de cutucar, curtir, compartilhar, postar, demonstrar raiva, amor, carinho é uma dinâmica específica. A dinâmica do conversar, do falar na língua - ou não - postar na língua ou em português. A dinâmica de conversar no privado e no público e no privado. Eu uso a palavra identidade, ao dizer que uma nova relação espaço-tempo pode exigir uma nova postura, portanto uma nova perspectiva. O espaço-tempo na internet implica uma dinâmica tão específica que exige uma perspectiva diferente. Uma perspectiva que sempre se soma a seguinte, sem nunca se fundir. (Leite, 2018, p. 85).

Sob esta ótica, as redes sociais digitais abrangem diversas perspectivas de comunicação e troca de informações, sendo importante observar como grupos específicos se comunicam e se auto representam nesse cenário. Quando se fala em povos tradicionais, amplia-se o espaço para que outras visões de mundo, modos de vida, tipos de linguagem, relações de trabalho, crenças e ancestralidades estejam presentes nos diálogos. Dessa forma, este estudo pretende explorar as interações e narrativas apresentadas pelos comunicadores Kalunga através de seus perfis do Instagram[20].

Parte-se do pressuposto que as TIC têm se apresentado como um instrumento importante de comunicação e resistência dos povos tradicionais, permitindo que mais pessoas compartilhem suas histórias com o mundo através de suas postagens. Isso amplia a noção de sujeito não somente como usuário da informação, mas como articulador e propulsor de conhecimento, criando espaços de diálogo e colaboração entre as comunidades, seus pesquisadores, comunicadores e outros atores sociais.

Diante do exposto, a pergunta que norteia este trabalho preocupa-se em responder, com foco no perfil “Rede Kalunga Comunicações” do Instagram, como os Kalunga se apropriam dos espaços de comunicação e constroem representações sobre si, a fim de compreender os sentidos que mobilizam os comunicadores quilombolas nas redes sociais digitais.

Para responder à pergunta central, o objetivo da pesquisa em curso é compreender como as redes sociais digitais têm sido utilizadas na comunicação e articulação dessas comunidades, a fim de se apropriar desses espaços de comunicação e se auto representar. O objeto de análise específico é o perfil do Instagram Rede Kalunga Comunicações (RKC), criado por estudantes descendentes do povo Kalunga. Os objetivos específicos consistem em verificar as motivações que justificam as postagens no perfil; identificar os temas mais abordados e principais objetivos comunicacionais; observar e participar das discussões provocadas pelas postagens.

Os procedimentos metodológicos incluem uma revisão bibliográfica e documental sobre a cultura dos quilombos no Brasil, seguida pela análise da trajetória política dos

[20] Rede social *on-line* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, lançado em outubro de 2010.

quilombolas Kalunga, suas lutas e tradições. Em seguida, discute-se sobre o uso das TIC pelas comunidades. E, por fim, apresentamos a Rede Kalunga Comunicações (RKC) e propomos a adoção da Netnografia como método para analisar as interações e postagens disponíveis no perfil do Instagram da RKC.

A seguir faremos um breve apanhado histórico sobre a cultura dos quilombos no Brasil e apresentação do povo Kalunga e dos seus principais marcadores históricos relacionados à trajetória de luta por seus direitos.

A cultura dos quilombos no Brasil

Durante o período colonial (1500-1822), o Brasil, dentre os países das Américas, desembarcou a maior percentagem de africanos escravizados. A população escravizada foi distribuída por todo o país e a sociedade escravista perdurou por quase 400 anos. Durante esse período, o trabalho escravo delineou as relações estruturantes da sociedade brasileira e direcionou o desenvolvimento das instituições, grupos e classes sociais mesmo após a abolição, em maio de 1888. Como aponta Moura,

> Daí (escravização) surgiram duas classes fundamentais – senhores e escravos. Em outras palavras, a classe dos escravos (oprimida) e a dos senhores de escravos (opressora/ dominante) produziam a contradição fundamental. Dessa forma, os escravos negros, para resistirem à situação de oprimidos em que se encontravam, criaram diversas formas de resistência, a fim de se salvaguardarem social e mesmo biologicamente, do regime que os oprimia. (Moura, 2022, p.19)

Dentre as formas de resistir às repressões desumanas, destaca-se a criação de quilombos[21], ocupados por queles que não suportavam a violência imposta pelas classes opressoras. Os quilombos se tornaram refúgios para muitos fugitivos. “Na colômbia, Cuba, Haiti, Jamaica, Peru, guianas, finalmente onde quer que a escravidão existisse, o negro *marron*[22], o quilombola[23], portanto, aparecia como sinal de rebeldia permanente contra o sistema que o escravizava (Moura, 2022, p.21). Em resposta à essa resistência, os senhores de escravos consolidaram uma estratégia de dominação baseada no racismo, justificando a escravização pela suposta inferioridade racial dos negros, assim como na escravidão clássica se justificava a escravização chamando os escravizados de *bárbaros* (Moura, 2022).

Nascimento (2022), salienta que o suposto fim da escravatura, sancionado pela Lei Áurea em 1888, não solucionou os problemas enfrentados pela população brasileira, principalmente pelos afrodescendentes. A abolição foi apenas uma norma estatal, sem criar efetivamente oportunidades de liberdade e cidadania para a população negra. Nesse contexto, o contrabando de negros escravizados continuou acontecendo após a abolição e os quilombos continuaram a integrar a experiência da coletividade negra, possibilitando a vivência da liberdade.

---

[21] Quilombo: ajuntamento de negros em região não habitada. O mesmo que mocambo. Esse tipo de organização existiu durante toda a escravidão no Brasil, tendo sido Palmares o maior núcleo (Moura, 2022, p. 132).

[22] *Marron* (negro)*:* era o escravo fugido em Cuba e na Colômbia. Palavra de origem incerta, há quem atribua o termo *cimarron*, designando, originariamente, aqueles animais, como o porco, que de domésticos voltaram a ser selvagens (Moura, 2022, p. 132,)

[23] Quilombola: morador de quilombos no Brasil. Muitos deles não eram obrigatoriamente negros, pois haviam índios e brancos foragidos entre os seus habitantes (Moura, 2022, p. 132).

Cem anos após a assinatura da Lei Áurea, a Constituição Federal de 1988 marcou um momento histórico na inclusão dos povos e comunidades tradicionais no cenário jurídico e político brasileiro. Através dos princípios constituintes de igualdade e dignidade, esses grupos passaram a ser reconhecidos por sua contribuição histórica e cultural na formação identitária do país. Conforme o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos." (Brasil, 1988). Esta foi a primeira vez que o léxico quilombola foi utilizado em prol do exercício aos direitos dessas populações.

Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) "as comunidades quilombolas são grupos étnicos, predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias" (INCRA, 2024). Tais maneiras de existir passaram a ser consideradas um fator importante na formação da identidade nacional, mas o reconhecimento tardio de suas necessidades ressalta a negligência sofrida por essas populações.

Assim como no período pós abolicionista, "a causa da liberdade de 1888 é tão ou mais urgente em 1998, na medida em que antes como agora, os fatos não se resumem a criar uma "figura jurídica" para solucioná-la. Também não está em "abolir", mas sim em "fazer" condições para que haja liberdade e cidadania" (Nascimento, 2022, p. 79). É necessário criar oportunidades que de fato recaiam sobre a vida dessas populações a partir de suas próprias demandas, pois os quilombos ainda permanecem vivos, representando a resistência de negros e brancos oprimidos. Esses espaços se manifestam nas favelas, nos subúrbios, nas zonas rurais, nos movimentos sociais e na cultura tradicional (Nascimento, 2022).

Entre os principais costumes das comunidades quilombolas rurais, destacam-se a agricultura de subsistência e a preservação de práticas religiosas e festivas, como o catolicismo popular e as celebrações de santos e padroeiros. A organização social é comunitária, valorizando a transmissão oral de saberes tradicionais. Santos (2023) conta que "no quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos" (Santos, 2023, p. 25), evidenciando a valorização das tradições orais como principal forma de comunicação. "Somos da oralidade, compomos o nosso saber nos bares de ponta de rua" (Bispo, 2023, p. 69).

Uma característica marcante das comunidades quilombolas é a relação respeitosa com a natureza, onde a preservação do meio ambiente e dos recursos naturais, descrita como *biointeração*[24]*,* é essencial para a longevidade de seus modos de vida. Na perspectiva de Nascimento (2022) "os quilombos surgiram não só como resultado de uma situação negativa de fuga da escravidão, mas como uma ação positiva de recriar a ligação primordial do homem com a terra. A terra não como propriedade, mas como elemento indispensável ao conjunto da vida humana, em seu significado espiritual" (Nascimento, 2022, p.145).

O vocabulário falado pelos quilombolas carrega referências ao grupo linguístico *banto*, vindo de diversas línguas africanas com características comuns. Brincar com as palavras é um ato político e de resistência. "É preciso vê-la (linguagem) não somente como uma tradição

[24] Palavra usada por Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo, para denominar o "desenvolvimento sustentável". (Santos, 2023)

a ser preservada ou resgatada, mas também como uma variante do processo de dominação que marca a desigualdade racial e social" (Nascimento, 2022, p. 115).

Santos (2023), por sua vez, observa o uso dos espaços, indagando,

> Qual é a parte mais necessária de uma casa no quilombo? É o quintal. Na verdade, são várias; a cozinha é necessária também, todo mundo chega pela cozinha. Mas o quintal é essencial porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde guardamos espaço para construir a casa de quem vai nascer, a casa das próximas gerações. Na casa da minha filha, por exemplo, há espaço para fazer a casa do filho dela. Nossas casas são pensadas com espaço para fazer outras casas (Santos, 2023, p.59).

Na cultura quilombola, a valorização do saber ancestral se dá por meio do elo entre as gerações e do contato entre as famílias. A troca de conhecimentos tradicionais e o aprendizado dos saberes ancestrais torna esse contato uma grande rede de relações, vivenciadas através de seus corpos, suas casas e seus trabalhos. Ainda sobre a cozinha como espaço de socialização, Santos explica:

> Na arquitetura quilombola, a cozinha é o espaço mais amplo. É um espaço de recepção. Quem chega vai para a cozinha. Nos quilombos, apesar de não parecer, quanto mais as mulheres estão na cozinha, mais elas têm poder. Quando estão cozinhando, elas não estão sozinhas: quem chega à cozinha ajuda a cozinhar. Elas coordenam aquele espaço. Pegam uma abóbora e alguém diz: "Deixa que eu corto a abóbora!". Elas pegam um cheiro-verde e alguém fala: "Deixa que eu faço a salada!". Elas não dizem pra ninguém fazer nada, vão iniciando a feitura e as pessoas vão tomando conta, vão jogando conversa fora. Os homens vão chegando e mostrando suas oficinas, seus trabalhos, sua roça... O grande momento da festa é a comida: ela é que agrega todo mundo. E é quem cozinhou que coordena aquele grande momento. Ao contrário do que se pensa, não se trata de uma atividade cansativa, cozinhar só é cansativo quando alguém cozinha sozinho para servir a todos. Num clima de festa, cozinhar não é cansativo" (Santos, 2023, p. 63).

Os quilombos Kalunga

Os quilombos Kalunga de Goiás (GO), surgiram como resultado da busca por liberdade, refúgio e perpetuação da vida durante o período colonial. Situados em uma região de difícil acesso, os Kalunga se estabeleceram em áreas remotas, onde puderam preservar suas tradições culturais, modos de vida e ligação com a natureza. Os povoados se desenvolveram ao longo dos séculos, mantendo viva a memória de resistência contra a opressão e construindo uma identidade coletiva forte.

Entre os povoados Kalunga, o Engenho 2, localizado próximo à cidade de Cavalcante, dispõe atualmente de maior infraestrutura em comparação com outras comunidades Kalunga, incluindo escola, posto de saúde e estradas de acesso. Essas facilidades foram desenvolvidas ao longo do tempo através de recursos governamentais e não governamentais, além do esforço contínuo da comunidade e das políticas públicas voltadas para a promoção dos direitos de qualidade de vida dos quilombolas.

Figura1. Comunidade do Engenho 2. Foto: Jornal UFG

Em 1975 os Kalunga fizeram a primeira solicitação de reconhecimento da propriedade de suas terras. Este pedido foi um passo fundamental para garantir a segurança do território, o qual até os dias de hoje é ameaçado por grileiros e grandes proprietários de terras.[25] O Projeto Kalunga Povo da Terra, lançado em 1983, foi essencial para fortalecer a identidade e organização comunitária, mobilizando a comunidade a buscar apoio de diversas organizações para o reconhecimento de seus direitos territoriais. A primeira titulação e registro das terras Kalunga em 1985, representaram um avanço significativo na luta pela regularização fundiária, proporcionando segurança jurídica às comunidades.

A promulgação da Constituição Federal do Brasil, em 1988, que reconheceu oficialmente os quilombolas, foi um marco fundamental na formalização dos direitos culturais e territoriais desses povos. O reconhecimento do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, em 1991, ajudou a proteger e valorizar o patrimônio cultural e histórico da comunidade. A criação da Associação do Quilombo Kalunga (AQK) em 1999 foi um passo na defesa dos direitos e interesses das comunidades Kalunga. O reconhecimento oficial do território Kalunga pela Fundação Cultural Palmares em 2000 e a concessão de 30 mil hectares pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2014 reforçaram ainda mais os direitos territoriais dos Kalunga.

Finalmente, a inclusão da população quilombola no censo demográfico do IBGE, em 2022, representou um reconhecimento formal e importante da existência e relevância dos quilombolas na demografia nacional, refletindo a continuidade e a importância das lutas pela valorização e proteção das comunidades quilombolas no Brasil.

Por meio dos dados do censo demográfico do IBGE, constatou-se que no município de Cavalcante, 57,08% da população se autodeclara quilombola. No município de Terezina de Goiás, esse percentual é de 42, 47%, seguido de 21, 79% no município de Monte Alegre.

[25] Disponível em: https://www.metropoles.com/distrito-federal/entorno/territorio-kalunga-na-chapada-e-o-quilombo-mais-ameacado-por-mineracao.

Entre essa população, a média de idade é de 25 anos, indicando a predominância de uma população jovem na região. Os dados quantitativos representam um passo importante para o fortalecimento dos direitos das populações quilombolas ao reconhecer sua presença no âmbito das políticas públicas e de ações afirmativas.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pelas comunidades Kalunga

Em 2002, o Governo Federal implementou o programa Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC) com o objetivo de promover a inclusão digital em comunidades rurais no Brasil. Essa iniciativa disponibiliza acesso à internet em áreas remotas e de difícil acesso, onde a infraestrutura de telecomunicação é limitada ou inexistente. Por meio de parcerias com empresas de telecomunicações e organizações da sociedade civil, o programa oferece acesso à internet em escolas, postos de saúde, telecentros comunitários e associações de moradores, possibilitando o acesso à informação, comunicação e serviços *on-line.*

Os fatores determinantes para a inclusão digital, informacional e social estão em constante transformação. Aspectos como o nível de escolaridade, a renda, a região geográfica e a posse de telefone celular e computadores nas escolas e nas residências são exemplos desses fatores (Medeiros, 2016). A partir de uma pesquisa feita com mais de 9 mil usuários considerados incluídos digitalmente em uma amostra de 742 pontos do GESAC, constatou-se uma importante presença feminina nos processos de inclusão digital e social. Segundo Medeiros (2016), os usuários que se autodeclararam incluídos digitalmente foram aqueles que percebem a internet como uma ferramenta transformadora e as utilizam no seu cotidiano para acessar as redes sociais e ler notícias *on-line.*

A possibilidade de conexão global, redução das distâncias físicas e relativização do tempo e do espaço são vantagens apontadas por Colaço e Sparemberg (2010) no contexto de inclusão das tecnologias digitais em territórios geograficamente isolados e áreas remotas. As autoras discutem o aumento da segurança em situações de perigo, crimes ou epidemias, devido à capacidade de contato com o mundo exterior proporcionada por essas tecnologias. De acordo com as autoras,

> Todas as sociedades têm o direito de usufruir dos benefícios da tecnologia da sociedade contemporânea. A inclusão tecnológica não será um novo elemento que porá em risco a identidade cultural das comunidades tradicionais; bem ao contrário, será um instrumento de animação cultural. (Colaço e Sparemberg, 2010, p.227)

Tal perspectiva contribui para o entendimento de que a inclusão tecnológica pode servir como um instrumento de fortalecimento da identidade cultural. A afirmação das minorias no ambiente digital é também a reafirmação de suas histórias, tradições, modos de vida, práticas religiosas e crenças compartilhadas dentro do grupo.

Castells (1999) já ressaltava, na década de 1990, que através das novas possibilidades de disseminação do conhecimento nas redes digitais, surge a possibilidade de integrar grupos marginalizados. Entretanto, essas mesmas redes digitais colocam em evidência as desigualdades e desafios relacionados ao momento de introdução dessas tecnologias em determinadas comunidades. Nesse sentido, a implementação de um sistema de inclusão digital pode ser considerada apenas uma parte do que as populações tradicionais consideram primordial, ao passo que abre espaço para que os sujeitos expressem suas necessidades, ultrapassando as barreiras físicas de acesso e disseminação da informação.

Silva e Nunes (2017), ao pesquisar sobre mídias negras[26] e o processo de produção sociopolítico do ativismo digital compreendem a necessidade de ocupar os espaços digitais por meio da militância, através do uso das TIC como ferramenta de articulação e mobilização destes grupos.

> A informação na palma da mão pode ser uma das formas de superar barreiras e criar um diálogo para o fortalecimento das mídias negras. Com isso, é preciso refletir sobre a participação da juventude negra no processo de visibilidade e de luta pelo fortalecimento das pautas, no que se refere à luta por direitos, como o direito à comunicação, possibilitando o diálogo e a produção de conteúdo (Silva e Nunes, 2017. p. 83).

Capurro (2008) aponta para novas oportunidades e problemas criados a partir das tecnologias digitais ressaltando que, apesar de proporcionarem uma melhoria na qualidade de vida, essas novas redes de possibilidades também aumentam os problemas de justiça informacional. Este debate afeta diretamente as comunidades quilombolas, onde o acesso a direitos básicos é limitado. O autor também destaca a importância da troca autônoma de conhecimento, sem a necessidade de um órgão intermediador, criando uma cultura digital que reflete as atividades coletivas e individuais da população, por meio da chamada “identidade comunitária informacional”.

Rede Kalunga Comunicações (RKC)

A Rede Kalunga Comunicações (RKC) é a primeira mídia independente de comunicação quilombola Kalunga do Brasil. É um projeto pioneiro de articulação e difusão de informações quilombolas. Sediada em Cavalcante, município ao norte da Chapada do Veadeiros, no Estado de Goiás, seu perfil do Instagram possui mais de 20 mil seguidores e conta com mais de 1150 publicações desde a sua criação em 2021. A RKC foi idealizada por jovens quilombolas e conta com a participação de uma equipe de comunicadores, professores, fotógrafos, publicitários, cientistas ambientais, entre outros. Através de suas postagens, o perfil busca fortalecer a identidade cultural dos Kalunga, bem como informar e engajar tanto a comunidade local quanto o público mais amplo sobre questões relevantes que afetam os quilombolas.

A RKC compartilha uma variedade de conteúdos, incluindo fotos e vídeos dos territórios da Chapada dos Veadeiros, eventos culturais, relatos históricos, iniciativas de preservação ambiental e diversas informações sobre direitos e conquistas das comunidades quilombolas. Além disso, o perfil destaca a importância da educação dentro do território Kalunga.

O perfil serve como uma ferramenta de comunicação essencial para a população quilombola, facilitando a conexão com apoiadores, pesquisadores e outros quilombos, além de promover a visibilidade das lutas e conquistas das comunidades. Através dessa plataforma, os Kalunga podem narrar suas próprias histórias, celebrar suas tradições e aumentar a conscientização sobre os desafios que enfrentam, contribuindo para a preservação e valorização de sua herança cultural.

[26] Mídias negras são pequenas organizações criadas por pessoas com trajetórias vinculadas ao movimento social negro.

Figura 2. Perfil do Instagram da Rede Kalunga Comunicações

Figura 3: Perfil do Instagram da Rede Kalunga Comunicações

Procedimentos metodológicos preliminares

A partir das leituras sobre etnografia popular, e em especial da abordagem da antropóloga Antonádia Borges (2009), foi feita a escolha da etnografia como procedimento metodológico deste trabalho. Segundo Borges, o termo “popular” remete ao ato de “fazer pesquisa junto/com as pessoas que nos recebem em campo, as quais compartilham conosco seu cotidiano de investigação constante” (Borges, 2009, p. 24). Essa visão dá lugar à valorização do conhecimento cotidiano transmitido pelos sujeitos e os definindo como “companheiros intelectuais” (Borges, 2009, p. 36). A autora ressalta que “o trabalho de campo deve ser entendido como um trabalho em equipe, no qual o acadêmico é apenas um, e talvez

sequer seja o mais interessado, em compreender o que se passa à sua volta" (Borges, 2009, p. 40).

A etnografia de modo geral se baseia na observação participante de um grupo ou comunidade específica, com a intenção de analisar seus traços culturais (Corrêa e Rozados, 2017). Como o campo desta pesquisa em curso abrange o ambiente digital e as trocas empreendidas pelas comunidades quilombolas Kalunga nas redes sociais digitais, foi preciso adequar esse método.

Tendo essas premissas norteadoras para desenvolver a pesquisa e o desejo de compreender e dialogar com as visões dos sujeitos Kalunga e suas interações nas redes sociais, o desafio reside em captar na pesquisa, as intenções presentes no ambiente digital. O trabalho de Leite (2018) contribui ao demonstrar que a etnografia virtual possibilita a análise junto aos próprios sujeitos, permitindo acesso a um material diversificado produzido em seu cotidiano. Além disso, amplia as formas de análise dos materiais coletados, permitindo a identificação de temáticas mais discutidas por eles na *internet*.

Considerando que as comunidades virtuais formadas no ambiente digital criam formas de agrupamentos sociais, exigindo adaptações tanto dos indivíduos quanto do método de pesquisa relacionado a esses grupos (Corrêa e Rozados, 2017), optamos por utilizar a netnografia. Esse método é baseado na observação participante e no estudo de campo *on-line*. É uma adaptação da etnografia para contemplar as formas específicas desenvolvidas no ambiente digital (Corrêa e Rozados, p.3, 2017).

> Uma das principais diferenças do método tradicional da etnografia e da netnografia é a capacidade de arquivamento dos dados de coleta. Na primeira, o pesquisador precisa estar presente no campo de estudo e atento para coletar os dados e posteriormente, arquivá-los através de gravações, anotações e transcrições dos dados, porém, nada disso é feito de forma instantânea. Na netnografia, os agrupamentos nas redes sociais digitais, utilizando as ferramentas tecnológicas, podem ser feitos e desfeitos instantaneamente, porém, o arquivamento das informações geradas pelo objeto estudado, fica disponível através dos registros de interações, podendo ser acessados quantas vezes for preciso. (Corrêa e Rozados, 2017, p.5).

A partir da análise dessas interações o pesquisador pode coletar mais do que as palavras utilizadas, como características de linguagem, significados e motivações que levaram às postagens. Esses recursos "ajudam o pesquisador a obter insights acerca dos fenômenos estudados, sejam eles culturais, sociais, informacionais ou outros" (Corrêa e Rozados, 2017, p. 5).

Diante do exposto, a utilização do método netnográfico para a análise das publicações disponíveis no perfil da rede social da RKC facilitará a identificação dos perfis dos comunicadores, permitindo a participação ativa desses sujeitos, e contará com a identificação de tendências e intenções que levam os Kalunga a utilizar as redes sociais.

Considerações preliminares

Este estudo teve como objetivo explorar a maneira como os povos quilombolas, especificamente os Kalunga, utilizam as plataformas digitais para promover e preservar sua identidade cultural, histórias e lutas sociais. A análise do perfil "@kalungacomunicacoes" do Instagram se apresenta como um estudo de caso relevante, considerando que o perfil atua

como uma importante ferramenta de comunicação e visibilidade para a comunidade Kalunga, a maior comunidade quilombola do Brasil.

Através do uso da netnografia, esta pesquisa busca compreender como os Kalunga se auto representam e interagem com seus seguidores, além de identificar as principais narrativas e temáticas abordadas em suas postagens. A importância deste estudo reside na necessidade de dar voz às comunidades quilombolas, destacando suas estratégias de resistência e afirmação cultural em um espaço digital cada vez mais relevante para a formação de opiniões e mobilização social. Dessa forma, este artigo pode contribuir para a compreensão das dinâmicas de comunicação das comunidades quilombolas nas redes sociais, bem como para o reconhecimento de suas demandas e conquistas no cenário contemporâneo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao presidente da Associação do Quilombo Kalunga, Carlos Pereira, por toda atenção e ajuda disponibilizada para a execução da pesquisa. Agradeço também a todos os componentes da Rede Kalunga Comunicações pelo exímio trabalho realizado em prol da comunidade Kalunga e da comunicação.

Expresso minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) por viabilizar esta pesquisa e proporcionar o contato com profissionais que contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Em especial, agradeço à minha orientadora Cynthia Roncaglio, por ser uma grande referência como intelectual, mulher e amiga; ao professor Clóvis Carvalho Britto e à professora Cristiane de Assis Portela, por suas leituras atentas e sugestões pertinentes na qualificação do trabalho; à professora Marijara Queiroz por proporcionar um contato mais aprofundado com as comunidades Kalunga; e à professora Ivette Kafure Muñoz por todo acolhimento e doçura nas aulas ministradas e por me encorajar a persistir na temática desta pesquisa.

Agradeço também à CAPES por viabilizar o financiamento desta pesquisa através da bolsa de Mestrado, permitindo a apresentação deste artigo no Seminário Hispano-Brasileiro em Ciência da Informação, realizado na Espanha em setembro de 2024.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 1988.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Brasília, DF. Ministério do Desenvolvimento Agrário.

BORGES, Antonádia. Explorando a noção de etnografia popular: comparações e transformações a partir dos casos das cidades-satélites brasileiras e das townships sul-africanas. *Cadernos de Antropologia Social*, nº 29, FFyL, UBA, 2009.

CAPURRO, Rafael. Ética intercultural de la infomación. *In:* GOMES, H. F.; BOTTENTUIT, A. M.; OLIVEIRA, M. O. E. (Org.). *A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional:* o olhar da Filosofia, da Sociologia, da Ciência da Informação e da formação e do exercício profissional do bibliotecário no Brasil. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.

CASTELLS, Manuel. A revolução da tecnologia da informação. *In:* CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLAÇO, Thaís Luzia; SPAREMBERG, Raquel Fabiana Lopes. Sociedade da informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica. *Revista de Direito Econômico e Socioambiental*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 207-230, 2010.

CORRÊA, Maurício de Vargas.; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. *In: Encontros Bibli***:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 22, n.49, p. 1-18, maio/ago., 2017. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n49p1.

CUNHA, Adão Fernandes da; SANTOS, Renaldete Pereira dos; SOUSA, Rosineide Magalhães. Variação linguística na comunidade quilombola Vão do Moleque: uma análise qualitativa. JNT - Facit Business and Technology Journal. ed. 47, vol. 03, 2023.

DI FELICE, Massimo. Net – ativismo: da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. *Inf. & Soc*.:Est., João Pessoa, v.30, n.4, p. 1-23, out./dez. 2020

LEITE, Leticia Maria de Freitas. Juventude indígena conectada: narrativas da nova geração do território indígena do Xingu (TIX). Brasília, DF, 2017.

MEDEIROS NETO, Benedito. Avaliação dos impactos dos processos de inclusão digital e informacional nos usuários de programas e projetos no brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 9 No 1, n. 1, 2016.

MOURA, Clóvis. *Quilombos***:** resistência ao escravismo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Considerações Não Sistematizadas Sobre Arte, Religião e Cultura Afro-Brasileiras. *In:* MUNANGA, K.; NASCIMENTO, E. L.; NASCIMENTO, V. *O Quilombismo***:** Documentos de uma Militância Pan-Africanista. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Karla Teixeira de Aguiar. *Quilombolizar Kalunga*: de pesquisados a pesquisadores. Goiás, GO, 2023.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. Piseagrama. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Franciéle Garcês Carneiro da; GARCÊZ, Dirnéle Carneiro; SILVA, Rubens Alves. Práticas informacionais e relações étnico-raciais: um olhar sobre o selo Nyota. *Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. 2022.

SILVA, Ilaydiany Cristina Oliveira da; VALÉRIO, Erinaldo Dias. Mapeamento das produções científicas étnico-raciais indexadas na BRAPCI. *Informação e Informação*, Londrina, v.27, n.3, p. 203-222, 2022.

SILVA, Luzinete Vicente; NUNES, Márcia Vidal. Mídias negras: um espaço de produção do ativismo da juventude negra Kalunga através do uso das novas tecnologias. *Revista Internacional de Folkcomunicação,* vol. 15, núm. 35, 2017.

INTER-RELAÇÃO ENTRE COMPETÊNCIA, COMPORTAMENTO E PRÁTICAS INFORMACIONAIS NA COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA

Gabriela Belmont de Farias
Universidade Federal do Ceará

Jefferson Veras Nunes
Universidade Federal do Ceará

Daniele Belmont de Farias Cavalcanti
Universidade Federal do Ceará

Diana Ferreira Teles
Universidade Federal do Ceará

Victória Kessia Pinheiro Freire
Universidade Federal do Ceará

Izaias Marinho Freires
Universidade Federal do Ceará

Flávio Sousa de Andrade Junior
Universidade Federal do Ceará

Resumo: A produção de conhecimento é uma das funções básicas das instituições de ensino e pesquisa. O processo de criação é oriundo, principalmente, por meio da investigação científica, que avança e renova o saber existente, do qual participam os membros dos grupos de pesquisa de diversas comunidades científicas. A comunicação e divulgação da ciência é vital para que haja retroalimentação dos conhecimentos especializados, bem como para que a própria ciência e a sociedade evoluam e se desenvolvam. O acesso às informações científicas e tecnológicas também se direciona para a democratização do saber a partir da disponibilização dos discursos científicos e das ferramentas interpretativas necessárias à compreensão do que está posto para as diversas camadas sociais. Nesse contexto, a divulgação e a comunicação da ciência são aliadas às práticas de visibilidade e de intercâmbio sociocultural mediante ações e iniciativas de natureza diversa. Esta temática constitui um bom campo para o estudo, pois além de um grande número de pesquisadores envolvidos em atividades de pesquisa, há uma razoável parcela de verbas públicas e institucionais destinadas às práticas de investigação. Isto posto, o artigo visa apresentar as inter-relações entre os conceitos de competência, comportamento e práticas informacionais como também as habilidades infocomunicacionais no processo de divulgação e comunicação científica e tecnológica. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratório-descritivo e bibliográfica, com abordagem qualitativa, e utiliza o levantamento bibliográfico em bases de dados especializadas para compor o arcabouço teórico. A análise foi distribuída em categorias fazendo uma descrição dos resultados da categorização, somada a realização das inferências e interpretação dos dados obtidos com auxílio da fundamentação teórica adotada. Os resultados analisados proporcionam encaminhamentos e melhorias no processo de comunicação e divulgação da ciência para a sociedade.

Palavras-Chave: Competência em Informação; Comportamento Informacional; Comunicação Científica; Divulgação Científica; Práticas Informacionais.

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento científico e tecnológico se dá pela interação entre pesquisadores tendo por objetivo a socialização das informações com o intuito de auxiliar o desenvolvimento da ciência e da tecnologia visando o desenvolvimento social. Para tanto é necessário efetivar o ciclo da pesquisa científica (uso, construção e comunicação), o uso de informações produzidas por pesquisadores que detém o domínio de uma determinada área do conhecimento, a construção de conhecimento ocorre por intermédio desses pares, e a comunicação por meio de divulgação da pesquisa resultante junto à comunidade acadêmica e a sociedade. (GARVEY, 1979).

O estudo da comunicação e divulgação da ciência envolve diferentes campos do conhecimento, oferecem um campo de trabalho fértil para estudiosos de diversas áreas do conhecimento como a Ciência da Informação, Comunicação entre outras. Segundo Muller e Passos (2000), o estudo da comunicação científica não pode estar dissociado do processo de fazer ciência e dos conceitos de “verdade” na ciência, conhecimento científico e comunidade científica. Além de evidenciarem que o esforço científico é corporativo e coletivo. O estudo do processo de comunicação e divulgação científica por sua complexidade envolve inúmeras questões, que inclui tanto o processo em seu todo, como uma de suas funções em particular. Compreende, ainda, o estudo de seus diferentes atores, de comunidades científicas como principal lócus em que as interações entre pares ocorrem, a infraestrutura de informação, a comunicação dos achados, os meios e formatos de transmissão da informação científica etc. (COSTA, 2000).

O termo comunicação científica como objeto de pesquisa na área da Ciência da informação é presente antes da década de 1950, entretanto é na década 1963 que há um impulso no interesse pelo tema, principalmente focado nos estudos bibliométricos. O fluxo da comunicação científica forma o pano de fundo para as pesquisas desenvolvidas na área além de constituir tópico importante como, o estudo de diferentes comunidades científicas e do processo de comunicação dentro das diversas divisões do conhecimento vem contribuindo para a formação e o enriquecimento tanto do corpo de conhecimento como da definição de paradigmas da área. Destarte, a dinâmica do processo de comunicação científica como um sistema complexo de interdependência constitui uma boa arena para o estudo de comunidades.

Considerando que é por meio das **interações** dos grupos de pesquisa com suas comunidades que ocorre a produção de conhecimento científico, verificamos que as interações sociais desempenham um papel importante para o desenvolvimento e fortalecimento da ciência e tecnologia na sociedade. Para Costa (2000) a interação se entende nas relações de pesquisadores tanto com seus pares como os recursos de informação. Já o termo **comunidades científica** podem ser definidas como "agrupamento de pares que compartilham um problema comum, um tópico de estudo, desenvolvem pesquisas e dominam um campo de conhecimento específico, em nível internacional." (COSTA, 2000, p.88).

O estudo de comunidades científicas é um tema de crescente importância para a pesquisa sobre comunicação e divulgação científica em todas as áreas que se interessam pelo assunto. Assim sendo, propõem-se investigar as inter-relações entre competências, comportamentos e práticas informacionais dos grupos de pesquisas no compartilhamento dos achados científicos à sociedade.

Nesta perspectiva, a ideia central deste artigo se concentra em verificar se, ao inter-relacionar as teorias em torno das temáticas competências, comportamentos e práticas informacionais, é possível compreender o fenômeno da comunicação, divulgação científica e

evidenciar as habilidades infocomunicacionais no processo de comunicação e divulgação da ciência dos grupos de pesquisa.

Tendo como objetivo investigar a inter-relação competências, comportamentos e práticas informacionais como também as habilidades infocomunicacionais no processo de divulgação e comunicação científica e tecnológica dos grupos de pesquisa.

METODOLOGIA

Para a consecução do que propõe neste artigo, utilizamos a seguinte pragmática metodológica. Adentrando-se na caracterização da pesquisa, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e exploratório-descritivo. O uso da pesquisa exploratória se justifica por ela possuir como objetivo proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato, desenvolvendo, esclarecendo e modificando conceitos e ideias. Habitualmente, ela envolve levantamentos bibliográficos e documentais, entrevistas e estudos de caso (delineamento proposto para o estudo que será abordado adiante). Já a pesquisa descritiva objetiva a descrição de características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2008), de modo que pode ser aplicado ao que foi proposto por trabalhar com os sujeitos vinculados à área da Comunicação e Informação.

O delineamento da pesquisa terá como base a pesquisa bibliográfica, exigida para a construção primordial de qualquer estudo especializado, haja vista que ela se vale de materiais já produzidos e publicados anteriormente na literatura especializada. Sua escolha se consolidou pois, de acordo com Sousa, Oliveira e Alves (2021), é por meio dela que o pesquisador começa a conhecer o assunto a ser desenvolvido, assim, "[…] as considerações não podem ser apenas um resumo" (FONSECA, 2002, p. 32), mas refletir criticamente as informações postas, reinterpretando-as sob novos olhares e sob o crivo do fenômeno central do estudo, além de ser essencial para embasar as análises dos dados coletados.

Dessarte, para a construção do arcabouço teórico da pesquisa, será utilizado o levantamento bibliográfico, construindo uma revisão narrativa de literatura, voltada para o estudo da comunicação e divulgação. O levantamento bibliográfico é realizado a partir da pesquisa de materiais pertencentes ou correlatos à área de interesse da investigação, aqui definidos pela divulgação e popularização da ciência. Quanto a revisão narrativa de literatura, ela é tida como o ponto de partida de qualquer pesquisa, destacando conceitos, discussões, conclusões, entre outros, que serão relevantes ao estudo, servindo para evidenciar o campo e conhecimento estabelecido na área abordada, mas que pode e deve receber novas pesquisas, além de "[…] emprestar ao texto uma voz de autoridade intelectual" (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 81). Dessa forma, é condição *sine qua non* para a solidificação de qualquer investigação de caráter científico e dar continuidades a elas.

COMPETÊNCIA, COMPORTAMENTO E PRÁTICA INFORMACIONAL

Ao analisar a literatura da área da Ciência da Informação sobre o contexto da desinformação, observa-se uma perspectiva no enfoque dos estudos de usuários, competência, comportamento e prática informacional partindo do ponto de vista mais restrita para uma mais abrangente, entretanto há poucos estudos que interrelacionam os elementos (competências, comportamentos e práticas informacionais) visando às ações de comunicação e divulgação da ciência.

Nesse contexto, a ciência, enquanto parte dos espaços socioculturais, pressupõe a comunicação de resultados que originam os chamados conhecimentos científicos, basilares na continuidade e desenvolvimento da sociedade, que se utilizam dos seus produtos, mesmo que de forma inconsciente. O que se observa é que há uma lacuna de comunicação dos grupos de pesquisa com a sociedade. Assim, Farias e Lima (2020) compreende a necessidade de criar ações visando à apropriação do conhecimento científico-tecnológico para a população em geral, proporcionando empoderamento e participação cidadã. Ainda nessa perspectiva, Farias, Almeida e Vasconcelos (2020) compreendem que as comunidades científicas devem propiciar o desenvolvimento de ações, que impulsionam a visibilidade da ciência.

A necessidade da comunicação e divulgação da ciência sempre foi uma constante quando se trata da prestação de contas da produção de conhecimento advinda das pesquisas da comunidade científica, tendo em vista a possibilidade de apropriação, internalização e uso dos conhecimentos em Ciência, Tecnologia & Inovação de forma individual e coletiva pelos indivíduos tanto internos quanto externos às diversas culturas acadêmicas.

Dito isso, não é raro se deparar com situações nas quais os grupos de pesquisas são alheios de estratégias assertivas de comunicação e divulgação da ciência, de modo que as questões básicas da competência, do comportamento e da prática informacional se tornam elementos basilares para a divulgação e comunicação dos achados científicos e tecnológicos.

A competência é a conjunção do conhecimento adquirido, das habilidades desenvolvidas por meio do conhecimento e das experiências somadas às atitudes, ou seja, as ações efetivadas para tomada de decisão ao decorrer da vida ou execução de alguma atividade dentro de determinado contexto. Bloom (2014) caracteriza a competência em três dimensões, sendo elas: **dimensão cognitiva** que está atrelada ao desenvolvimento de competências intelectuais de avaliação, análise, síntese entre outras; **dimensão afetiva** que envolve questões emocionais, valores, atitudes, motivação, opiniões entre outras; e **dimensão psicomotora** movimento físico, percepção, precisão entre outros. Essas dimensões são à base do aprendizado, que nos permite adquirir conhecimentos e habilidades de forma crítica e eficaz, aplicando-as no dia a dia e colaborando para a aquisição de novos saberes e competências. Nessa perspectiva, podemos observar que ser competente é mais do que dominar uma técnica, ou o saber fazer, envolve também um agir crítico e reflexivo sobre a atividade demandada no nosso cotidiano.

De acordo com Stubbings, Franklin (2006); e Farias, Belluzzo (2017), não se pode restringir a competência em informação e midiática a ações neutras sem criticidade, composto apenas por habilidades tecnológicas, meramente funcionais e performativas. Essa visão empobrece o espectro da análise das variáveis do contexto da desordem informacional, do comportamento e práticas dos indivíduos, deixando a capacidade crítica, sociopolítica e ética de lado. Como exemplo, temos o fenômeno patológico da desinformação, o comportamento de manada que se tornou comum nas redes sociais e a própria explosão de dados e informações manipulados, fruto do compartilhamento desenfreado e sem nenhum critério de relevância. Reconhecer que a competência em informação e midiática capacita o indivíduo com habilidades técnicas e sociocognitivas para lidar com a informação, apreendendo-a de forma consciente e crítica, ela é essencial para resolver ou diminuir os efeitos dessas patologias. A *Association of College & Research Libraries* - (ACRL, 2016), no *Framework,* destaca que a competência em informação abrange a descoberta reflexiva, compreensão e uso ético de informação na criação de novos conhecimentos.

O comportamento informacional é compreendido como o estudo dos aspectos de uso, demanda e necessidades informacionais. O comportamento informacional é o estudo das ações do indivíduo nas atividades de busca, uso e transferência da informação em diferentes contextos é parte do processo de comunicação do ser humano. (WILSON, 2000; PETTIGREW, FIDEL e BRUCE, 2001).

Complementando os estudos do comportamento informacional, é necessário compreender as três dimensões destacada por Miranda (2006), são elas: **dimensão cognitiva -** é voltado para o histórico, estrutura e estilos cognitivos, analisando a forma como o usuário busca e processa a informação; **dimensão situacional -** aspectos sociológicos e contextuais onde o sujeito está inserido; e **dimensão afetiva -** diz respeito aos pensamentos, sentimentos e percepções individuais que o indivíduo pode ter durante o processo de busca e uso da informação e como esse componente pode influenciar no processo. Essas dimensões surgiram, pois observou o déficit nos estudos iniciais da área, elas são de suma importância para compreender a relação dos seres humanos com a informação, pois influenciam a maneira como os indivíduos buscam, processam, criam e compartilham a informação. Nesse sentido, tanto a cognição dos usuários, quanto seus aspectos psicológicos, o meio social, cultural e político em que eles estão inseridos impactam nas suas necessidades de conhecimento, que por sua vez ditará o comportamento informacional.

Na perspectiva de Wilson (2000) o comportamento informacional é entendido como intrínseco ao comportamento humano, os novos espaços e contextos informacionais proporcionados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) causaram e ainda causam profunda mudança no comportamento humano.

Já as práticas informacionais são “um conjunto de maneiras social e culturalmente estabelecidas para identificar, buscar, usar e compartilhar as informações disponíveis em várias fontes, como televisão, jornais e a Internet" (SAVOLAINEN, 2008, p. 2). Savolainen buscou uma compreensão mais plural dos indivíduos, identificando uma complementaridade entre as instâncias individuais e as sociais, isto é, busca ver tanto o caráter ativo dos sujeitos como também as determinações que incidem sobre eles. Ao mesmo tempo, identificando como os sujeitos atuam em face de estratégias distintas de controle da vida (relacionadas ao otimismo e ao pessimismo, ao cognitivo e ao afetivo) e “mobilizando distintos recursos de capital social e cognitivo, o autor abre caminho para uma compreensão das instâncias propriamente simbólicas que se relacionam aos fenômenos informacionais”. (ARAÚJO, 2020, p.54)

As abordagens aplicadas às práticas informacionais se situam na tensão entre o individual e o coletivo, isto é, buscam compreender as ações humanas em termos das decisões individuais e autonomia das pessoas, mas também das determinações e padrões sociais e culturais que se impõem sobre as pessoas.

Após a breve explanação conceitual, observa-se a necessidade de uma abordagem teórica e conceitual mais holística, chamando atenção para os contextos sociais, culturais, tecnológicos, econômicos e políticos e como eles moldam as formas de como os indivíduos adquirirem e usam a competência, o comportamento e prática informacionais de forma a se beneficiar ou a manipular o contexto. Dessa maneira, entender como esses termos se complementam é indispensável, visto que fazem parte de um processo complexo e interconectado.

O desafio não é mais adquirir a informação, mas sim ter competências infocomunicacionais relevantes para a comunicação e divulgação da ciência. Nesse sentido, o entendimento das interrelações sobre o comportamento e as práticas informacionais somada a competência em informação e midiática são essenciais para a comunicação e divulgação da ciência além do enfrentamento da desinformação, para que sociedade tenha a capacidade de localizar, filtrar e escolher as informações que são realmente necessárias para sua vida, levando em consideração seu contexto cognitivo, histórico, ético, social, cultural e político.

CONTRIBUIÇÃO DAS COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS PARA A COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A competência infocomunicacional (InfoCom) é uma base para aumentar o acesso à informação e ao conhecimento, intensificar a liberdade de expressão e melhorar a qualidade de comunicação e divulgação. Portanto é necessário que os grupos de pesquisa tenham habilidades e atitudes necessárias para comunicar seus achados de pesquisas nas mídias e de outros provedores de informação, incluindo aqueles na internet, bem como para encontrar, avaliar e produzir informações e conteúdos midiáticos.

O fortalecimento da competência infocomunicacional entre os grupos de pesquisa requer conhecimentos em comunicação, informação e mídias, sendo os pesquisadores responsáveis em seus papéis como defensores de uma cidadania bem informada e racional; e, em segundo lugar, estariam respondendo a mudanças em seu papel de pesquisadores, uma vez que a pesquisa desloca seu foco central para a de colaboração e compartilhamento.

Os grupos de pesquisa necessitam ser competentes no uso das mídias para se comunicar com a sociedade. Nesse sentido a competência midiática, juntamente com a competência em informação, contribui para que o pesquisador saiba lidar com as demandas e utilize as potencialidades de ambas as competências para geração de oportunidade de crescimento, desenvolvimento e criação de novos conhecimentos.

Esse conhecimento, por sua vez, permite aos grupos de pesquisa se engajar junto às mídias e aos canais de informação de uma maneira significativa. As competências adquiridas pela competência midiática e informacional podem equipar os pesquisadores com habilidades de raciocínio crítico, permitindo que eles fomentem e demandam serviços de alta qualidade das mídias e de outros provedores de informação. As informações são disseminadas por meio da mídia, ferramentas de difusão da informação para as pessoas. O pesquisador consciente sabe como usar tais ferramentas e conhece a cadeia produtiva, além disso, o próprio pesquisador pode compartilhar suas ideias e pensamentos por meio de sites, blogs, redes sociais e outras ferramentas criadas para dar visibilidade às pessoas na rede.

Neste aspecto, Belluzzo (2013), aborda que a consolidação da competência em informação, comunicação e midiática necessita de sustentação, visando atender três requisitos fundamentais: cidadania, crescimento econômico e empregabilidade. A cidadania abrange o uso crítico tanto de dados como de informação; o crescimento econômico abrange o uso de forma criativa e intensa do conhecimento combinado à eficiência dos serviços de informação; e por fim a empregabilidade que abrange o desenvolvimento contínuo dos indivíduos, que utilizam-se de estratégias necessárias para alcançar o sucesso econômico.

A Infocomunicação vai além dos conceitos terminológicos, alcançando uma noção unificada que incorpora elementos tanto da informação, comunicação e mídia. O Wilson *et al* (2013), apresenta três princípios, que aqui iremos dimensionar para a comunicação e

divulgação científica: no processo de pesquisa, os pesquisadores terão um conhecimento aprimorado em relação ao uso do meio de comunicação midiática capazes de contribuir com o empoderamento dos cidadãos, além de transmitir conhecimentos cruciais sobre as funções das mídias e dos canais de informação nas sociedades democráticas. Bem como habilidades para avaliar o desempenho das mídias e dos provedores de informação à luz das funções esperadas. E por fim promover o desenvolvimento de mídias livres, independentes e pluralistas, e de sistemas abertos de informação.

A divulgação científica deve prover conteúdos essenciais para que haja engajamento junto às mídias e aos canais de informação a fim de ter conhecimentos sobre a localização e o consumo de informações, bem como sobre a produção de informações e que essa produção de informação e conhecimento seja acessada de maneira igualitária às mulheres, homens e a grupos marginalizados, como as pessoas com deficiências, os povos indígenas ou as minorias étnicas.

É necessário alinharmos as habilidades de gestão, de produção de conteúdo, de interação e relacionamento com a estrutura do processo de comunicação e divulgação da ciência por meio das três temáticas abaixo:

- o conhecimento e a compreensão das mídias e da informação para os discursos democráticos e para a participação social. O objetivo desta área é desenvolver a compreensão crítica de como as mídias e a informação podem aprimorar a capacidade dos pesquisadores engajarem-se às mídias e usarem os recursos disponíveis nas bibliotecas, arquivos e outros provedores de informação como ferramentas para a liberdade de expressão, o pluralismo, o diálogo e a tolerância intercultural que contribuam para o debate democrático e a boa governança.

- a avaliação dos textos de mídia e das fontes de informação tem por objetivo aumentar a capacidade do pensamento crítico, dos pesquisadores para avaliar as fontes e acessar informações a partir de funções específicas. Além de propiciar o conhecimento das ações que podem ser realizadas quando esses sistemas se desviam de seus papéis esperados. Os pesquisadores devem estar em condições de analisar e entender como o conteúdo das mídias e outras informações são produzidos, como as informações apresentadas por esses sistemas podem ser avaliadas e como as mídias e a informação podem ser usadas para diferentes propósitos. Os pesquisadores devem estar em condições de explorar a questão da representação em diversos sistemas de mídia e em relação às TICs, bem como as maneiras como a diversidade e a pluralidade são abordadas tanto nas mídias locais quanto nas globais. Por fim, os pesquisadores devem desenvolver a capacidade de avaliar como os usuários interpretam as mensagens de mídia e as informações de uma série de fontes.

- a produção e o uso das mídias e da informação. Os pesquisadores devem desenvolver as competências necessárias para que eles se engajem junto às mídias e às plataformas de informação, para que possam comunicar-se de maneira significativa e alcançar a auto expressão. Isso envolve o conhecimento de ética nas mídias e da informação com base nos padrões internacionais, incluindo o campo das competências interculturais. Além disso, os discentes devem desenvolver habilidades que lhe permita auxiliar os usuários na aplicação dessas ferramentas e fontes em sua aprendizagem, especialmente em relação à busca de informação e à produção de conteúdo.

À medida que os pesquisadores desenvolvem competências e tornam-se confiantes para produzir e usar mídias e informações para práticas instrutivas, eles passam a ser líderes

na promoção da ciência. O ponto de partida deve ser a compreensão das políticas nacionais, permitindo as leis sobre liberdade de expressão e liberdade de informação, além de outros instrumentos internacionais relacionados às liberdades e suas intersecções.

CONCLUSÃO

A inter-relação entre competência, comportamento e práticas informacionais na comunicação e divulgação da ciência é uma etapa essencial no ciclo da ciência, visto que ela é alicerçada em um conhecimento falível e mutável. Tal processo é viabilizado mediante diversas interações entre os membros dos grupos de pesquisa e as diversas comunidades científicas e suas redes de interações, em que as trocas de informações geram investigações cada vez mais especializadas e aprofundadas.

Assim, o intuito deste artigo foi apresentar as inter-relação entre competência, comportamento e práticas informacionais na comunicação e divulgação da ciência por meio da revisão de literatura científica, bem como a contribuição da competência infocomunicacional utilizados pelos inter-relação entre competência, comportamento e práticas informacionais na comunicação e divulgação da ciência para divulgar os resultados das pesquisas.

Nesse contexto, os processos de comunicação e divulgação da ciência que perpassam pela produção e disseminação do conhecimento e se consolidam a partir do compartilhamento de informações são impulsionados quando se há vontade de desenvolver determinado campo do conhecimento. Assim, não tencionamos exaurir todas as questões relacionadas à produção dentro do âmbito aqui proposto, mas integrar aos pesquisadores da CI diferentes visões acerca do mesmo objeto de estudo, contribuindo, assim, para que a supramencionada área se faça presente nestes contextos.

Ademais, acreditamos que o resultado desta pesquisa contribuiu para novos encaminhamentos para o processo de comunicação e divulgação da ciência; como também a competência, o comportamento e as práticas informacionais da comunidade científica.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, C. A. Á. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da ciência da informação. In.: ALVES, E. C. et al. [organizadores]. Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p.18-76.

ASSOCIATION OF COLLEGE & RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Framework for Information Literacy for Higher Education. Chicago: ACRL, 2016.

BELLUZZO, R. C. B. Competência em Informação: vivências e aprendizado. In: Regina Celia Baptista Belluzzo; Glória Georges Feres. (Org.). *Competência em Informação*: das reflexões às lições aprendidas. São Paulo: FEBAB, 2013.

COSTA, Sely M. S. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. *Comunicação científica:* estudos avançados em ciência da informação -V1. Brasília: Ed. UnB. 2000. p. 85-105.

FARIAS, G. B; BELLUZZO, R. C. B. Competência em Informação: perspectiva didática pedagógica. o, v. 22, n. 3, 2017, p. 112.

FARIAS, Gabriela Belmont de; ALMEIDA, Larisse Macedo de; VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento. Efetividade da competência em informação no compartilhamento e visibilidade da ciência. *In*: FARIAS, Maria Giovanna Guedes; PINTO, Virgínia Bentes (org.). *Ciência da informação em contextos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. 252 p. p. 77-95. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/54841. Acesso em: 22 fev. 2022.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; LIMA, Juliana Soares. Iniciativas nacionais e internacionais para a popularização da ciência. *In*: FARIAS, Maria Giovanna Guedes; PINTO, Virgínia Bentes (org.). *Ciência da Informação em contextos*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2020. 252 p. p. 17-45. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/54841. Acesso em: 22 fev. 2022.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.

GARVEY, William D. *Communication***:** the essence of science. Oxford: Pergamon Press, 1979.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 12. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2011. 107 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MIRANDA, S. V. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Ciência da Informação*, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Literatura científica, comunicação científica e Ciência da Informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. Org. *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2007. P.125-144.

MUELLER, Suzana Pinheiro; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. Introdução: as questões da comunicação científica e a ciência da informação. In: _____. *Comunicação científica*: estudos avançados em ciência da informação -V1. Brasília: Ed. UnB. 2000. p.13-22

PETTIGREW, K. E.; FIDEL, R.; BRUCE H. Conceptual frameworks in information behavior. Annual Review of information Science and Tecbnology, v.35, p.43-78, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico*: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 304 p. Disponível em: https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao. Acesso em: 09 jan. 2022.

SAVOLAINEN, R. Everyday information practices: a social phenomenological perspective. Lanham: Scarecrow Press, 2008.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, [*s.l.*] v. 20, n. 43, p.64-83, 2021.

STUBBINGS, R.; FRANKLIN G. „Does advocacy help to embed information literacy into the curriculum? A case study‟ *Italics*, n. 5, v.1, 2006.

STUBBINGS, R.; FRANKLIN G. „Does advocacy help to embed information literacy into the curriculum? A case study‟ *Italics*, n. 5, v.1, 2006.

WILSON, C. et al. *Alfabetização midiática e informacional*: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

WILSON, T. D. Human information behavior. Informing Science, v. 3, n. 2, p. 49-53, 2000.

USO DOS RECURSOS INFORMACIONAIS VISUAIS E TEXTUAIS NAS CAMPANHAS DE MARKETING DAS BOLSAS DE LUXO: ESTUDO DE CASO DAS MARCAS TISSA FONTANEDA, LOEWE E BALENCIAGA

Gislene Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Célia da Consolação Dias
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Com a evolução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) observou-se que as marcas de luxo estão cada vez mais presentes no ambiente online, o que contradiz com o posicionamento nesse mercado que visa promover a exclusividade, a raridade e garantir o pouco acesso. Diante desse contexto, o objetivo desta pesquisa é identificar como as marcas espanholas de bolsas de luxo Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga utilizam os recursos informacionais, como imagens e textos em suas campanhas de marketing no ambiente eletrônico. Esta pesquisa é um recorte de uma pesquisa de pós-doutoramento que está sendo desenvolvida e caracteriza-se como qualitativa e aplicada e para alcançar o objetivo, foi utilizada como metodologia a análise de conteúdo com o objetivo de identificar as palavras e tags mais frequentemente empregadas na comunicação com os consumidores, dessa forma, este estudo visa compreender a estratégia de comunicação das marcas nos sites de comércio eletrônico e nas redes sociais. Além disso, busca-se analisar o valor percebido pelos consumidores da marca e examinar a terminologia utilizada para a comunicação. Também será utilizada a semiótica estruturada que busca compreender como os elementos visuais e textuais são apresentados. Para isso, serão identificados os signos visuais presentes nos sites e redes sociais das marcas selecionadas. Como resultado, identificou-se que as marcas Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga apresentam em suas respectivas páginas recursos visuais e textuais que demostram a alta qualidade, materiais diferenciados e técnicas de fabricação de luxo em suas bolsas.

Palavras-Chave: Recursos informacionais; Moda; Mercado de luxo; Bolsas de luxo.

INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento e ampliação das tecnologias de comunicação e informação (TCIs) diversos setores foram obrigados a estar no meio digital, essa realidade não foi diferente no mercado de luxo, no qual as marcas tiveram a necessidade a estabelecer a presença no comércio eletrônico e principalmente nas redes sociais. Tal perspectiva confronta a imagem de raridade e exclusividade que tais marcas desejam transmitir e que o mercado consumidor exige. Além disso, as marcas de luxo também transformaram o seu modelo de negócios ao longo do tempo, que passou de pequenos empreendimentos familiares de pequena escala para corporações globais e isso trouxe como problema o aumento do nível de competitividade entre elas, resultando na expansão de seus mercados (Martins, 2009).

Diante desse cenário, no ambiente eletrônico as marcas para realizarem a comunicação com os consumidores necessitam utilizar de diversos recursos, como textos e imagens. Sendo assim, esta pesquisa irá apresentar como as marcas espanholas de bolsas

de luxo Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga utilizam os recursos informacionais, como imagens e textos em suas campanhas de marketing no ambiente eletrônico.

REVISÃO DE LITERATURA: MERCADO DE LUXO NA INTERNET E RECURSOS INFORMACIONAIS

As marcas de luxo utilizando os meios de comunicação da Internet pode parecer contraditório devido à imagem que elas desejam repassar de escassez e exclusividade, elitismo, sendo que a a Internet é definida como um meio de comunicação de massa e por não ser seletiva. Apesar dessa perspectiva, ao longo dos anos as marcas de luxo começaram a criar os seus próprios sites e até mesmo loja online. Mesmo assim, pode-se afirmar que a internet não é incompatível com o luxo, pois pode fortalecer os valores fundamentais das marcas graças a tecnologias originais e interativas (Geerts, Veg-Sala, 2011). Embora as marcas de luxo estejam presentes na internet, o e-commerce nesse ramo do mercado ainda é um fenômeno relativamente novo e ainda não se sabe muito sobre o resultado do valor percebido para o mercado consumidor se isso pode afetar o seu valor associado à raridade, à exclusividade e à preciosidade (Teixeira; Machado, 2018).

No ambiente eletrônico, o mercado de luxo para a implementação do marketing com o objetivo de apresentar e divulgar os produtos de moda é necessário realizar estratégias de comunicação que destaquem o posicionamento no mercado, combinando apelo emocional com a excelência do produto. Com isso, tem-se a distribuição restrita, preços premium e destaque para o prestígio da marca, dessa forma, no ambiente digital, grande parte das estratégias de comunicação é direcionada para as mídias sociais (Pereira, Schneider, 2017).

Mesmo na internet, a partir do marketing e seu mix, pode-se afirmar que a moda de luxo apresenta alta qualidade de um produto que está relacionado a uma marca forte e destaque, preço premium, comunicação seletiva que destaca a imagem e distribuição seletiva ou com exclusividade. Ademais, nesse mercado é necessário as marcas apresentarem um estilo único para que o consumidor possa reconhecê-lo, ter uma produção limitada e a comunicação deve destacar o seu posicionamento, combinando com o apelo emocional e também com a excelência do produto (Pereira, Schneider, 2017). Além disso, as marcas têm de considerar a internet como uma ferramenta de comunicação fundamental que permite a oportunidade de expressar todos os valores da sua identidade e manter a consistência de suas narrativas. Isso possibilitará que os consumidores compreendam melhor os seus valores e pode descobri-los por meio da interação realizada diretamente com os consumidores. O sucesso de tal estratégia dependerá da forma como o marketing é implementado, dessa forma as marcas devem manter a sua imagem seletiva no *E-shopping* utilizando códigos de luxo em termos de conteúdo, layout do site. As marcas precisam usar uma plataforma de mercado de massa e transformá-la em um mundo de luxo. Além disso, devido ao volume de negócios gerados pelo E-shopping constitui uma oportunidade de mercado para as marcas, já que muitos consumidores consideram realizar a compra no meio eletrônico (Geerts, Veg-Sala, 2011).

O marketing das marcas de luxo deve estar diretamente relacionado ao marketing sensorial. Nos diversos sites presentes na internet desse ramo do mercado apresenta-se diversas formas de reconhecimento do cliente, o que possibilita uma comunicação bidirecional e integração com as redes sociais, com diferentes níveis de personalização do produto e serviço. Mas constata-se que nesse ambiente é necessário replicar a teatralidade dos

espaços físicos da marca. A moda de luxo é inseparável do marketing sensorial e dessa forma o ambiente eletrônico da marca deve refletir os atributos das marcas de moda de luxo. Sendo assim, a maioria das marcas de moda de luxo ainda não adotou plenamente todas as potencialidades da Web 2.0 em seu modelo de negócio (Teixeira; Machado, 2018).

Na publicidade na internet, de forma geral, seja em mercado de luxo ou até mesmo no mercado mais popular, utiliza-se de recursos informacionais como textos e imagens (fotos, vídeos, ilustrações) para as marcas apresentarem os seus produtos aos consumidores, essas imagens e textos foram uma mensagem persuasiva, de forma a convencer as pessoas a ação desejada. Dessa forma, a fotografia ainda é a principal tipologia de imagem utilizada nesse meio, mas também se faz uso de outras categorias, como artes gráficas e ilustrações. Em conjunto com o texto, essas imagens transmitem a mensagem desejada e funcionam como um referente para o produto. A fotografia publicitária se destaca por sua ampla gama de técnicas e pela criatividade desenvolvida, combinando elementos da fotografia documental e artística (Agustín Lacruz; Stumpf, 2011).

A partir disso, Santos (2016) apresenta uma lista de características que uma marca deve ter para ser considerada de luxo, conforme o Quadro 1:

CARACTERÍSTICA	**SIGNIFICADO**
QUALIDADE	Os materiais utilizados são duradouros e a maneira como são feitos faz com que o produto tenha uma durabilidade maior.
TRADIÇÃO	A marca tem uma maneira de produzir e de ser gerenciada que é mantida, além de ter uma imagem já estabelecida no mercado que foi cultivada através dos anos.
HISTÓRIA	Fator que dá um ar romântico à marca, a maneira como foi criada e a história do seu criador.
DESIGN	A forma como projetam seus produtos leva em conta os princípios do Design, assim como a projeção da marca no mercado.
AUTENTICIDADE	São produtos que são realmente criados e pensados para uma marca em específico, não se baseiam em criações de fora da própria marca, não fazem cópias.
CÓDIGO	Tem um símbolo que representa a marca que é facilmente reconhecido.
EXCLUSIVIDADE	Possuem a opção de personalização dos produtos, cliente pode escolher alguns detalhes que a deixam mais próxima do produto.
PREÇO ELEVADO	Todas as características funcionais e materiais fazem o preço desses produtos serem muito maior que os outros.
PRODUÇÃO ARTESANAL	A confecção dos produtos é feita em maior parte por artesãos, não usam máquinas para quase nada. Isso permite uma fiscalização maior que evita possíveis defeitos.
PRESTÍGIO	A imagem que a marca criou com os consumidores e no mercado é de uma marca com valores.

Quadro 1. Características de Produtos de Luxo. Fonte: Santos, 2016 (p.19).

Baseando-se nessas características as marcas de luxo apresentam seus produtos, e os seus valores para os consumidores no ambiente eletrônico, destacando tais atributos por meio de texto e também por meio das imagens.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa e aplicada, utiliza-se da análise de conteúdo e semiótica estrutural como instrumentos de coleta de dados. A metodologia proposta inclui as quatro etapas descritas abaixo:

- Etapa 1: Seleção da amostra: Como amostra da pesquisa foram selecionadas as bolsas da coleção 2024 das marcas Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga.
- Etapa 2: Análise de conteúdo: foram analisados o branding de cada marca selecionada para identificar os seus valores. Também foram analisados os sites oficiais das marcas e a rede social Instagram para identificar as imagens e textos publicados sobre as bolsas.
- Etapa 3: Semiótica estrutural: análise das características das marcas e produtos apresentados por Santos (2016) a partir de textos e imagens apresentados por cada marca selecionada sobre as bolsas selecionadas. Foram selecionadas as primeiras cinco bolsas da coleção do ano de 2024 de cada marca.
- Etapa 4: Apresentação das características dos produtos: com base nas características de produtos de luxo apresentadas por Santos (2016) nesta etapa tem o objetivo de identificar as palavras utilizadas pelas marcas selecionadas para apresentar as bolsas da amostra.

RESULTADO

A partir da metodologia elaborada, será apresentado nesta seção o resultado da pesquisa aplicada.

Etapa 1: Seleção da amostra: Como apresentado na seção anterior, a amostra selecionada para a pesquisa foram as bolsas da coleção 2024 das marcas Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga.

Etapa 2: Análise de conteúdo: o branding de uma marca refere-se ao seu posicionamento e atributos de como ela se apresenta no mercado e como é percebida pelos consumidores e são consistentemente associados à identidade da marca. Representa os fundamentos e características que demonstram a personalidade da marca no mercado. Dessa forma, nesta etapa foram analisados o *branding* de cada marca selecionada para identificar o seu posicionamento, tal aspecto foi apresentado no quadro 2.

MARCA	***BRANDING***
Tissa Fontaneda	As bolsas e acessórios são produzidas na Espanha pelos maiores artesãos do mundo, utilizando a melhor napa espanhola aveludada e macia. A marca faz parte do movimento "slow fashion" e não participa de práticas consumistas abusivas, valoriza a produção e consumo ético dos produtos, criando bolsas e acessórios atemporais caracterizados por qualidade e longevidade impecáveis. A marca também reutiliza os materiais de coleções passadas que não foram vendidas (Tissa Fontaneda, 2024). A marca espanhola de bolsas e acessórios de slow fashion Tissa Fontaneda possui o mesmo nome da diretora criativa,

	caracteriza-se por suas cores e suavidade únicas, elementos que têm definido a marca desde sua fundação em 2010. A assinatura exclusiva da marca, o "bubble nappa leather", aliada à sua qualidade impecável e atenção aos detalhes em suas coleções de bolsas, colares, pulseiras e outros modelos, as tornam peças incomparáveis. A Tissa Fontaneda é direcionada a uma mulher elegante, reconhecida por seu estilo individual e discreto (Artisancy, 2024). A marca Tissa Fontaneda apresenta-se como clássica com um toque contemporâneo, destacando-se pela qualidade excepcional, a produção ocorre de forma artesanal com atenção aos detalhes. Sua coleção é distinta por seu alto nível de excelência. A marca é sinônimo de estilo clássico e atemporal, representando um símbolo de luxo puro (The luxomist, 2024).
Loewe	A marca mudou o seu branding e está se reinventando desde 2013 devido à chegada de Jonathan Anderson como novo diretor criativo, a empresa espanhola iniciou uma nova fase, marcada por um processo de renovação de sua imagem. O objetivo dessa mudança, conforme explicado pela Loewe em um comunicado, era revitalizar a marca, dando-lhe uma "injeção de modernidade e consciência cultural". Nesse sentido, o desejo do novo diretor criativo de recuperar os clássicos e pretende valorizar a tradição da casa e a modernidade que ela caracterizou nas últimas décadas. A marca, desde o início da sua história, tem apostado fortemente numa imagem diferenciada, com uma simplicidade pensada mas contundente, tendo como base o artesanato como linguagem universal (Villanueva; Josa Martinez, 2016). Loewe é uma marca de luxo “Made in Spain”, que se destaca pelos seus produtos confeccionados em couro. Nos últimos anos, a marca conseguiu adaptar-se às novas necessidades dos consumidores e redirecionou a marca para um público muito mais jovem e conseguiu alcançá-los com muito sucesso através do online. A marca melhorou o seu posicionamento, tanto nas redes sociais como nos motores de busca da internet. Mudou sua estética nas redes sociais, tornando as imagens publicadas muito mais visuais e capazes de transmitir a essência da marca. Nas redes sociais a marca possui os destaques classificados por coleções (Viso, 2024). A marca LOEWE é conhecida por suas criações ousadas e provocativas, principalmente após a nova direção de Jonathan Anderson. Apesar disso, a marca possui uma tradição, principalmente devido o seu compromisso com o artesanal. A marca destaca por transitar entre a modernidade das criações contemporâneas e a herança histórica da marca (Weber, 2023).
Balenciaga	Demna, o diretor criativo, está revitalizando a marca, adotando uma abordagem única se comparar com os diretores criativos de marcas de luxo tradicionais. A inspiração vem do comum e do feio, elementos que ele está utilizando para renovar a marca. Esse processo tem sido marcado por uma redefinição do conceito

	de luxo, gerando controvérsias e conquistando admiradores globalmente (Nepomuceno, 2019). Conforme o The Lyst Index, a Balenciaga ocupou o primeiro lugar como a marca mais desejada no mercado da moda bilionário. Essa conquista pode ser atribuída à identidade distinta e ao posicionamento forte da marca. Em suas campanhas a marca destaca as características distintas do produto em comparação com os concorrentes. A marca utiliza-se da "economia da atenção", que considera a atenção do público como um recurso valioso. A estratégia de marketing digital utilizada pela Balenciaga busca principalmente a atenção e do engajamento do público-alvo. O objetivo é reafirmar sua posição como uma marca líder e manter sua relevância no mercado (Romani, 2022). A estratégia de marketing digital da Balenciaga é caracterizada por sua criatividade e audácia, a marca busca estar sempre em evidência nos debates sobre moda e marketing. O diretor criativo da Balenciaga, Demna Gvasalia, que assumiu o cargo em 2015, afirmou em uma entrevista que a controvérsia faz parte de sua abordagem para conduzir a grife (Jornal de Brasília, 2024).

Quadro 2. Branding das marcas selecionadas como amostra. Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Etapa 3: Semiótica estrutural: primeiramente selecionou-se cinco bolsas de cada marca da coleção de 2024 e identificou-se quais os recursos informacionais foram utilizados para apresentar cada uma delas no site e no Instagram. Esses recursos foram divididos em: imagens, coleção, descrição e *tags*, conforme o quadro 3.

TISSA FONTANEDA				
Amostra	Imagem	Coleção	Descrição	*Tags*
Anais 1875€		2024	Anais é uma bolsa de ombro feminina e despojada com silhueta suave e arredondada, fecho de botão de chifre e alças de pele de cordeiro com nó duplo. É a bolsa de escritório perfeita para a noite, pois é espaçosa o suficiente para acomodar todos os seus itens essenciais durante o dia e depois do trabalho. Feito à mão por artesãos europeus qualificados, usando a melhor pele de cordeiro napa aveludada e macia.	*#tissafontanedda #nappabubblesbag #ss24collection*

Melodie 1625€		2024	Clássica e atemporal. Melodie personifica a elegância da velha escola. Possui formato estruturado, fecho de aba com botão de chifre genuíno e confortável, alça de ombro com nó de pele de cordeiro. Feito à mão por artesãos europeus qualificados, usando a melhor pele de cordeiro napa aveludada e macia.	*#tissafontanedda #nappabubblesbag #ss24collection*
Surprise Shopper 1730€		2024	Nossa icônica Surprise Shopper se reinventa mais uma vez, agora disponível em uma versão mini. É companheira perfeita de escritório, pois cabe os seus itens essenciais do dia a dia, além de um laptop, também ficará ótima para colocar bebidas depois do trabalho. Feita à mão por artesãos europeus qualificados, usando a melhor pele de cordeiro de napa aveludada e macia.	*#tissafontanedda #nappabubblesbag #ss24collection*
New Provence 995€		2024	New Provence é uma bolsa de formato distinto que combina requintadamente com as bolhas de napa, possui fecho de botão de chifre e alças superiores em pele de cordeiro macia e aveludada. Pode ser usada como uma bolsa para a noite ou com a alça transversal com alça removível e marcante para o dia a dia. Feita à mão por artesãos europeus qualificados, usando a melhor pele de cordeiro de napa aveludada e macia.	*#tissafontanedda #nappabubblesbag #ss24collection*

Carmen 1385€		2024	Com fecho de aba e glamorosa alça confortável, a nova Carmen é uma bolsa com atitude. A versatilidade da Carmen faz com que ela possa ser facilmente usada com vestido e salto ou jeans e tênis. Feito à mão por artesãos europeus qualificados usando a melhor pele de cordeiro napa aveludada e macia.	*#tissafontanedda #nappabubblesbag #ss24collection*
LOEWE				
Anagram Basket $1.300		Paula's Ibiza	A Anagram Basket é uma bolsa tradicional com corpo clássico, tecida à mão, alças tubulares de couro de bezerro e alças superiores, além de um anagrama de couro de bezerro bordado. Esta versão grande apresenta detalhes geométricos de ajouré e é feita na Espanha com folhas de palmeira iraca que foram cultivadas, colhidas, secas ao sol e tecidas à mão por artesãos na Colômbia.	*#LOEWE #LOEWEpaulas*
LOEWE Font Tote $1.250		Paula's Ibiza	A LOEWE Font Tote é uma bolsa cubóide adornada com uma assinatura LOEWE contrastante. Esta versão pequena é feita na Espanha com folhas de ráfia cultivadas, colhidas, secas ao sol e tecidas à mão por artesãos de Madagascar. Carregar na mão ou no ombro Alça removível e ajustável Sem forro.	*#LOEWE #LOEWEpaulas*
Bird bag in iraca palm and calfskin		Paula's Ibiza	A bolsa Bird é uma nova iteração dos designs em formato de animal característicos da LOEWE, aqui com efeito degradé e detalhes que incluem penas de couro, bico de madeira entalhada e olhos em madrepérola. Esta versão é feita na Espanha com folhas de palmeira iraca cultivadas,	*#LOEWE #LOEWEpaulas*

			colhidas, secas ao sol e tecidas à mão por artesãos na Colômbia.	
Anagram Basket bag in iraca palm and calfskin $1350		Paula's Ibiza	A Anagram Basket é uma bolsa tradicional com corpo clássico tecida à mão, alças tubulares de couro de bezerro e alças superiores, além de um anagrama de couro de bezerro bordado. Esta versão média apresenta um padrão xadrez em dois tons e é feita na Espanha com folhas de palmeira iraca que foram cultivadas, colhidas, secas ao sol e tecidas à mão por artesãos na Colômbia.	*#LOEWE #LOEWEpaulas*
Mini Hammock Hobo in raffia and calfskin $1.750		Paula's Ibiza	A Hammock Hobo desconstrói o design de mudança de forma da icônica família de bolsas para criar uma bolsa Hobo versátil e ergonômica com um formato distinto de tipoia. Esta versão mini é confeccionada em ráfia e couro de bezerro tecidos à mão com uma pulseira de couro de bezerro com nós para permitir a personalização.	*#LOEWE #LOEWEpaulas*
BALANCIAGA				
Le city small bag in black Não possui o preço		2024	Le City Small Bag em pele de cordeiro Arena preta, detalhes prateados brilhantes. Estamos comprometidos com a gestão sustentável e ética de nossas operações. O objetivo de reduzir o nosso impacto ambiental influencia as nossas decisões. A todos os níveis e em todos os locais – seja nos escritórios e lojas ou ao longo da cadeia de	*Não possui.*

			abastecimento – respeitamos elevados padrões de responsabilidade social e ecológica. Balenciaga também não contém peles e couro exótico.	
Women's monaco large chain bag plus in black Não possui o preço		2024	Monaco Large Chain Bag Plus em couro de bezerro Arena preto e náilon com detalhes prateados envelhecidos é do look 37 da coleção outono 24 da Balenciaga. Estamos comprometidos com a gestão sustentável e ética de nossas operações. O objetivo de reduzir o nosso impacto ambiental influencia as nossas decisões. A todos os níveis e em todos os locais – seja nos escritórios e lojas ou ao longo da cadeia de abastecimento – respeitamos elevados padrões de responsabilidade social e ecológica. Balenciaga também não contém peles e couro exótico.	*Não possui.*
Women's 24/7 large tote bag in pink/black Não possui o preço		2024	Sacola grande 24 horas por dia, 7 dias por semana, em nylon reciclado rosa e preto e rede arrastão, detalhes em prata envelhecida. Estamos comprometidos com a gestão sustentável e ética de nossas operações. O objetivo de reduzir o nosso impacto ambiental influencia as nossas decisões. A todos os níveis e em todos os locais – seja nos escritórios e lojas ou ao longo da cadeia de abastecimento – respeitamos elevados padrões de responsabilidade social e ecológica. Balenciaga também não contém peles e couro exótico.	*Não possui.*

Women's monaco large sling bag in black Não possui o preço		2024	A Monaco Large Sling Bag em couro de bezerro preto macio com detalhes em ouro envelhecido é do look 28 da coleção outono 24 da Balenciaga. Estamos comprometidos com a gestão sustentável e ética de nossas operações. O objetivo de reduzir o nosso impacto ambiental influencia as nossas decisões. A todos os níveis e em todos os locais – seja nos escritórios e lojas ou ao longo da cadeia de abastecimento – respeitamos elevados padrões de responsabilidade social e ecológica. Balenciaga também não contém peles e couro exótico.	*Não possui.*
Women's rodeo large handbag in black Não possui o preço		2024	Bolsa grande Rodeo em couro de bezerro liso preto, detalhes em ouro envelhecido. Estamos comprometidos com a gestão sustentável e ética de nossas operações. O objetivo de reduzir o nosso impacto ambiental influencia as nossas decisões. A todos os níveis e em todos os locais – seja nos escritórios e lojas ou ao longo da cadeia de abastecimento – respeitamos elevados padrões de responsabilidade social e ecológica. Balenciaga também não contém peles e couro exótico	*Não possui.*

Quadro 3. Descrição das bolsas selecionadas na amostra. Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Etapa 4: Apresentação das características dos produtos: com base nas características dos produtos de luxo sugeridas por Santos (2016) identificou-se as palavras utilizadas pelas marcas selecionadas, para apresentar as bolsas da amostra, conforme o quadro 4. O quadro apresenta na primeira coluna a característica dos produtos de luxo, na segunda coluna cada uma das características apresentadas pela marca Tissa Fontaneda, na terceira coluna a marca Loewe e na quarta coluna a marca Balenciaga.

CARACTERÍSTICA	TISSA FONTANEDA	LOEWE	BALANCIAGA
QUALIDADE	- Feita à mão - Artesãos europeus qualificados - Melhor pele de cordeiro - Napa aveludada e macia.	- Tecida à mão - Alças tubulares de couro de bezerro - Anagrama de couro de bezerro bordado - Detalhes geométricos de ajouré - Produzidas por artesãos na Colômbia - Feita com palmeira iraca - Feitas com folhas de ráfia - Produzidas por artesãos em Madagascar - Detalhes em penas de couro - Bico de madeira entalhada - Olhos em madrepérola - Versátil - Ergonômica	- Em couro de bezerro Arena preto - Pele de cordeiro Arena preta - Detalhes prateados brilhantes - Detalhes prateados envelhecidos - Em nylon reciclado rosa e preto - Rede arrastão - Detalhes em prata envelhecida - Couro de bezerro preto macio - Detalhes em ouro envelhecido - Pele de cordeiro Arena preta
TRADIÇÃO	- Clássica - Atemporal - Personificação da elegância da velha escola - Icônica - Reinvenção	- Bolsa tradicional - Corpo clássico	Não apresentou a tradição nas descrições das bolsas selecionadas.
HISTÓRIA	Não apresentou a história nas descrições das bolsas selecionadas.	Não apresentou a história nas descrições das bolsas selecionadas.	Não apresentou a história nas descrições das bolsas selecionadas.
DESIGN	- Feminina - Despojada - Silhueta suave e arredondada - Formato estruturado - Fecho de aba com botão de chifre - Genuína - Confortável - Formato distinto - Bolhas de napa - Glamorosa - Alça confortável	- Detalhes geométricos de ajouré - Alças tubulares de couro de bezerro - Detalhes geométricos de ajouré - Bolsa cuboide - Adornada com uma assinatura LOEWE - Design em formato de animal - Efeito degradé - Detalhes em penas de couro - Bico de madeira entalhada	Não apresentou o design nas descrições das bolsas selecionadas.

		- Olhos em madrepérola - Anagrama de couro de bezerro bordado - Padrão xadrez em dois tons - Design de mudança de forma - Formato distinto de tipoia - Versão mini - Pulseira de couro de bezerro	
AUTENTICIDADE	- Genuína	- Formato distinto	Não apresentou a autenticidade nas descrições das bolsas selecionadas.
CÓDIGO	Não apresentou o código nas descrições das bolsas selecionadas.	- Adornada com uma assinatura LOEWE	Não apresentou o código nas descrições das bolsas selecionadas.
EXCLUSIVIDADE	- Icônica	- Desconstrói o design - Formato distinto - Permite a personalização	Não apresentou exclusividade nas descrições das bolsas selecionadas.
PREÇO ELEVADO	O preço das bolsas selecionadas são elevados.	- O preço das bolsas selecionadas são elevados.	- O preço das bolsas selecionadas são elevados.
PRODUÇÃO ARTESANAL	- Feitas à mão - Artesãos europeus qualificados	- Feita com palmeira iraca - Feitas com folhas de ráfia - Produzidas por artesãos em Madagascar - Produzidas por artesãos na Colômbia - Tecida à mão - Folhas de palmeira iraca cultivadas, colhidas, secas ao sol	Não apresentou produção artesanal nas descrições das bolsas selecionadas.
PRESTÍGIO	- Glamorosa - Icônica - Elegância da velha escola	- Bolsa tradicional com corpo clássico - Adornada com uma assinatura LOEWE contrastante - Formato de animal característicos da LOEWE	Não apresentou prestígio nas descrições das bolsas selecionadas.

Quadro 4. Características de Produtos de Luxo aplicados à amostra. Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

A partir das características apresentadas pelas três marcas para descrever as bolsas, observou-se que elas utilizaram as fotografias para dar destaque a cada uma das bolsas, transmitindo a ideia de luxo e glamour, que é algo característico das marcas de luxo. Analisando os sites e as redes sociais das marcas selecionadas, evidenciou-se que a fotografia ainda é a principal tipologia de imagem utilizada nesse meio, mesmo que atualmente a utilização de video seja cada vez maior, e tal perspectiva está de acordo com a afirmação de Agustín Lacruz; Stumpf (2011).

Os textos utilizados na descrição das bolsas destacaram o posicionamento de cada marca no mercado, apresentando principalmente a excelência do produto, conforme apontado por Pereira e Schneider (2017). A marca Tissa Fontaneda na descrição das bolsas destacou principalmente o uso da matéria prima napa e outras matérias primas da natureza e a marca destaca isso para mostrar a durabilidade dos produtos. Ressaltou que as bolsas são elaboradas por artesãos e também mostrou a diversidade de uso dos produtos, enfatizando a versatilidade para a mulher moderna, que tem necessidade de estar em vários locais ao mesmo tempo, o que demonstra que a descrição está de acordo com o seu posicionamento no mercado que são bolsas atemporais caracterizadas por qualidade e longevidade.

A marca LOEWE ao longo das descrições de suas bolsas destacou a sua produção artesanal por meio de artesãos da Colômbia e de Madagascar, destacou também a matéria prima utilizada que é o couro. A marca também apresentou a reinvenção e recriação de bolsas clássicas, o que está de acordo com o posicionamento da marca que é de transitar entre a modernidade das criações e tradição da marca por meio do novo diretor criativo.

Já a marca Balenciaga não apresenta uma descrição detalhada de suas bolsas, um dos motivos para esse não detalhamento, pode ser por ela ser uma das marcas mais desejadas no mercado do luxo, conforme apontado por Romani (2022) e os consumidores já desejarem os produtos por si só. Além disso, ela é uma marca polêmica e criativa, principalmente em suas campanhas de marketing e publicidade, mas não apresenta a mesma característica na descrição das bolsas selecionadas na amostra. Observou-se que a marca faz questão de destacar a sustentabilidade no processo de elaboração de seus produtos durante a descrição das bolsas, isso vai ao encontro a uma das características que as marcas atualmente têm o posicionamento de serem sustentáveis ambientalmente e socialmente.

A partir das descrições realizadas pelas marcas, esta pesquisa aponta a necessidade de inserir mais duas características para as marcas de luxo no quadro proposto por Santos (2016), essas duas características são a “sustentabilidade” e o “uso”. A “sustentabilidade” que atualmente é um fator importante para as marcas em geral e principalmente para as de luxo, pois os consumidores estão cada vez mais exigentes em relação à responsabilidade ambiental e social das empresas. Essas características. Já o “uso” refere-se como utilizar as bolsas e foi destacada nas descrições das bolsas pelas marcas Tissa Fontaneda e Loewe. que sugere-se nesta pesquisa como complementação e apontadas por cada marca pode ser identificada no quadro 5.

CARACTERÍSTICA	TISSA FONTANEDA	LOEWE	BALANCIAGA
SUSTENTABILIDADE	Não apresentou sustentabilidade nas descrições das bolsas selecionadas.	Não apresentou sustentabilidade nas	´- Comprometida com a gestão sustentável e ética - Redução o nosso impacto ambiental influencia

		descrições das bolsas selecionadas.	- Respeita elevados padrões de responsabilidade social e ecológica - Não contém peles e couro exótico
USO	- Bolsa de escritório - Perfeita para a noite - Espaçosa - Companheira perfeita de escritório - Cabe os seus itens essenciais - Bolsa para a noite - Alça transversal com alça removível e marcante para o dia a dia - facilmente usada com vestido e salto ou jeans e tênis	- Carregar na mão ou no ombro - Alça removível e ajustável	Não apresentou uso nas descrições das bolsas selecionadas.

Quadro 5: Características de Produtos de Luxo acrescentadas à proposta de Santos (2016). Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das características dos produtos de luxo apresentadas pelas marcas Tissa Fontaneda, Loewe e Balenciaga, esta pesquisa demonstrou importantes contribuições acerca dos recursos informacionais, que são imagens e textos, utilizados para a comunicação e o posicionamento no mercado. Observou-se que a utilização de fotografias permanece predominante nos sites e redes sociais das marcas, o que ressalta a importância da comunicação visual na transmissão dos valores do luxo, como escassez e exclusividade.

Os textos descritivos das bolsas evidenciaram o posicionamento de cada marca, dando destaque para a excelência de seus produtos. A Tissa Fontaneda destacou o uso de matérias-primas naturais e a durabilidade, reforçando a qualidade e longevidade de suas bolsas. A Loewe ressaltou a produção artesanal e a reinvenção de clássicos, demonstrando o alinhamento entre a modernidade e a tradição. Por último, a Balenciaga, realizou as descrições com menos detalhamento, o que demonstra a confiança em sua reputação e no desejo do consumidor, além disso, o seu foco foi ressaltar a sustentabilidade.

A partir disso, esta pesquisa sugere a inclusão de duas novas características no quadro proposto por Santos (2016): "sustentabilidade" e "uso". A sustentabilidade apresenta como uma preocupação das marcas, devido a crescente exigência dos consumidores por responsabilidade ambiental e social. O uso, por sua vez, destaca a versatilidade e aplicabilidade prática das bolsas, conforme demonstrado pelas descrições das marcas Tissa Fontaneda e Loewe.

Esta pesquisa contribui para a compreensão das características dos produtos de luxo, e também das narrativas utilizadas pelas marcas. Além disso, a partir das palavras utilizadas para descrever cada característica das bolsas neste recorte de pesquisa, será utilizado para elaborar um vocabulário controlado sobre bolsas de luxo, considerando as três marcas selecionadas na amostra.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN LACRUZ , M. C.; STUMPF, K.. Imagem fotográfica: processo de leitura e análise documental. In: BONI, Paulo Cesar (Org.). *Fotografia:* múltiplos olhares. – Londrina: Midiograf, 2011. p. 309-330.

ARTISANCY. *Entrevista sobre Tissa Fontaneda [2024].* Disponível em: https://theluxonomist.es/famosos/entrevistas/tissa-fontaneda-el-ultralujo-sin-logo.

BALENCIAGA. *Discover the Balenciaga US official online boutique [2024].* Disponível em: https://www.balenciaga.com/en-en.

ESPMJR. *Balenciaga: recursos e estratégias utilizados para definir seu posicionamento no mercado [2022]*. Disponível em: https://espmjr.com.br/2022/05/30/balenciaga-recursos-e-estrategias-utilizados-para-definir-seu-posicionamento-no-mercado//.

GEERTS, A.; VEG-SALA, N.. Evidence on Internet Communication Management Strategies for Luxury Brands. *Global Journal of Business Research,* v. 5, n.5, 2011.

LOEWE. *New Season Loewe [2024].* Disponível em: https://www.loewe.com/usa/en/home.

MARTINS, Andrezza Mastiguim de Paula. *Identidade e imagem das marcas de moda de luxo:* um estudo sobre a Louis Vuitton. 2009. 214 p. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2009.

NEPOMUCENO, M. D. *Construção da marca balenciaga nas das redes sociais: um estudo no instagram*. 2019. 57P. Monografia (Especialização em Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2019.

PEREIRA, L. P.; SCHNEIDER, T. A influência da comunicação das marcas de moda de luxo nas redes sociais no valor percebido pelo consumidor. *Obra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], v. 10, n. 22, p. 94–113, 2017

SANTOS, M. O. Bolsa feminina: análise comparativa de quatro bolsas de luxo. *Revista Contemporânea,* v. 1, n. 1, 2016.

TEIXEIRA, S. F.; MACHADO, P. L. Venda Online de Marcas de Moda de Luxo: Contradição de conceitos ou desenvolvimento natural do negócio da moda de luxo? *International Journal of Marketing***,** n. 4, 2018.

USO DE MODELOS DE MATURIDADE PARA A INTEGRAÇÃO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS ORGANIZAÇÕES

Isaías Braga
IBICT-Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Os modelos de maturidade desempenham um papel crucial na avaliação e no aprimoramento da eficiência organizacional, permitindo uma abordagem sistemática para a melhoria contínua. Com a rápida ascensão das ferramentas de inteligência artificial generativa no mercado, surge a necessidade de adaptar e integrar essas tecnologias de forma eficaz nas práticas organizacionais. Este estudo visa preencher essa lacuna ao propor um modelo de maturidade específico para a implementação e utilização de ferramentas de inteligência artificial generativa (IA Generativa) em organizações. A metodologia adotada consistiu em pesquisa exploratória qualitativa, fundamentada em uma revisão abrangente da literatura científica pelos pares de termos a) "modelo de maturidade" e "Inteligência Artificial generativa" e b) "maturity model" e "generative artificial intelligence", abrangendo a fonte acadêmica Google Scholar. Os resultados da pesquisa destacam a ausência de trabalhos, em língua portuguesa, direcionados especificamente para a adoção de tecnologias de inteligência artificial generativa. Em língua inglesa, também há carência de trabalhos com a identificação da proposição de apenas um artigo (working paper), direcionado apenas para instituições de ensino, que leve em conta a utilização da IA Generativa para a construção de um modelo de maturidade. O trabalho contribui para a construção de um framework que guia o processo de integração dessas ferramentas no ambiente organizacional, inspirado pelos cinco níveis propostos pelo CMM, o framework sugere duas dimensões e seis subcategorias às quais as organizações podem direcionar sua atenção e esforços para uma melhor utilização desse conjunto de tecnologias. Ao propor esse framework, este estudo não apenas preenche uma lacuna na literatura, mas também oferece uma abordagem prática e orientada para a implementação bem-sucedida de ferramentas de inteligência artificial generativa em organizações, promovendo assim a inovação e a eficiência.

Palavras-Chave: Modelos de maturidade; Inteligência artificial generativa; IA Generativa; Inteligência artificial; IA

INTRODUÇÃO

O conceito de inteligência artificial não é novo, bem como não são novos a expectativa que seu uso traga extraordinários resultados para as pessoas, organizações e a sociedade (Wooldridge, 2021). Porém, foi a partir do lançamento de ferramentas de inteligência artificial generativa que o público geral passou a ter acesso e a utilizar sistemas computacionais onde o conceito de inteligência artificial (IA) era responsável pela parte central de sua funcionalidade. Um dos primeiros sistemas de inteligência artificial generativa (IA Generativa) lançado ao público foi o sistema ChatGPT, de propriedade da empresa OpenAI, ele foi lançado no final de 2022, ficando amplamente conhecido, o que alavancou sua utilização, em 2023. Segundo um relatório da companhia QuantumBlack e McKinsey (2024) a adoção da IA Generativa atingiu 65% das organizações pesquisadas, antes apenas 33% em 2023, “se 2023 foi o ano que o mundo descobriu a IA generativa (IA gen), 2024 é o ano que as organizações verdadeiramente começaram a usar e entregar valor de negócio dessa nova tecnologia” (QuantumBlack; McKinsey, 2024, p. 1). Um aumento como esse demonstra um claro interesse dos respondentes, o que é acompanhando pelo número de usuários ativos nos sistemas que prestam serviços de IA Generativa.

Embora o entusiasmo seja evidente, uma tecnologia lançada a tão pouco tempo apresenta diversas dificuldades e questionamentos na implementação por organizações. Dentre as várias barreiras possíveis, podemos destacar questões éticas, de privacidade de dados, mitigação de vieses, transparência do algoritmo, segurança dos dados, especialmente os dados sensíveis, questões técnicas como escalabilidade e consistência do sistema, e questões pessoais e sociais, como treinamento, colaboração e arcabouço legal (Dine; Horrocks, 2024). Roman Reznikov (2024) adiciona também outras barreiras, como as relacionadas a adoção pela força de trabalho e o impacto na exclusão e inclusão de novas funções, interoperabilidade com os sistemas atuais utilizados pelas organizações, percepções e resistência na adoção pelos funcionários, além de questões relacionados ao impacto na dinâmica e modelos de negócios de cada organização, essas questões englobam aspectos técnicos, preocupações legais e éticas, e a gestão da mudança.

Dificuldades e questionamentos são comuns em qualquer introdução de mudanças, ainda mais quando se trata de uma nova tecnologia com tantos possíveis impactos. Em um contexto tão incerto, é interessante que as organizações tenham ferramentas administrativas para lidar com a situação a fim de tornar mais ordenado e intencional o processo de implantação de ferramentas de IA Generativa. Os modelos de maturidade são ótimas ferramentas para auxiliar nesse processo, pois podem oferecer suporte à sucessivos melhoramentos no processo aumentando a eficácia da implantação. Conquanto aja críticas a utilidade de modelos de maturidade (Mullaly, 2014), sua relevância pode ser destacada inclusive para um direção intencional de busca de objetivos e atividades a serem alcançados.

Para entender os caminhos que uma organização possa seguir na implantação de ferramentas de IA Generativa, chegou-se ao problema de pesquisa desse trabalho. Qual modelo de maturidade é adequado para utilizar na implantação e utilização de ferramentas de inteligência artificial generativa nas organizações? Como base nessa pergunta, o autor realizou uma revisão sistemática da literatura no buscador Google Acadêmico, sem filtro temporal, e agregou a literatura disponível sobre o modelo de maturidade CMM para propor um modelo de maturidade para ser usado na implantação de ferramentas de inteligência artificial generativa nas organizações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento deste trabalhou envolveu um conhecimento aprofundado em dois conceitos principais que serviram de fundamentação teórica. O primeiro deles é o conceito de modelo de maturidade, especialmente o originado com o CMM – Capability Maturity Model, que atua como um modelo descritivo de estágios que as organizações podem ter como referência para aprimorar seus processos. O outro conceito, também muito estimado por esse trabalho, é o da própria inteligência artificial generativa, uma vertente do campo de inteligência artificial, e que ganhou grande notoriedade a partir do início dessa década de 2020.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

A trajetória da inteligência artificial (IA) não pode ser atribuída a um único ponto de partida. Ao invés disso, ela resulta da integração de múltiplas disciplinas, além das contribuições de filósofos e cientistas ao longo da história, incluindo influências de autores de ficção. Bruce Buchanan (2005) menciona que o sonho de criar uma inteligência artificial pode ser encontrado no trabalho 'Ilíada', de Homero, assim como nas obras ficcionais de diversos autores ao longo dos séculos. A fusão desse conceito entre ficção e ciência atribuiu uma

dimensão quase mítica à inteligência artificial. Nesse contexto, Michael Wooldridge (2021, p. 8) afirma que “o sonho de longo prazo da IA é construir máquinas que possuam a capacidade completa para ação inteligente que pessoas possuem – construir máquinas que sejam auto conscientes, conscientes e autônomas do mesmo jeito que pessoas como você e eu somos”. Embora esse sonho ficcional possa nunca se concretizar, ele tem inspirado inúmeros cientistas e pesquisadores ao longo dos séculos.

Bruce MacLennan (2009) explora a história do pensamento matemático e lógico que culminou na criação dos computadores como o marco inicial na busca pela criação da inteligência artificial. Embora os autores mencionados em seu trabalho não se refiram explicitamente à inteligência artificial, termo que se tornou conhecido e amplamente utilizado a partir do início do século XX. No contexto matemático e lógico, a questão se centrava na possibilidade de utilizar o cálculo para computar e racionalizar, possibilidade considerada possível já desde os tempos de Pitágoras e Aristóteles (MacLennan, 2009).

Entretanto, foram os avanços de Gottfried Leibniz e George Boole que demonstraram a capacidade da matemática e da lógica para a racionalização numérica (MacLennan, 2009). O desenvolvimento da matemática binária e da lógica booleana, que constituem a base da teoria da informação de Claude Shannon (1948) e de toda a computação moderna, representam pontos fundamentais no desenvolvimento da racionalização através de cálculos metodicamente executados.

Subsequentemente, Alan Turing estabeleceu a base teórica para a construção de uma máquina computacional. Por mais que ele não tenha construído a máquina propriamente dita, seu trabalho na década de 1930 forneceu os fundamentos para o desenvolvimento dos computadores. Conhecidos atualmente como Máquina de Turing e Máquina Universal de Turing, esses sistemas foram concebidos para seguir precisamente procedimentos matemáticos a fim de resolver problemas de decisão (Wooldridge, 2021), sendo essencialmente versões iniciais do que se tornaria o computador moderno.

O trabalho interdisciplinar e colaborativo entre diversos autores, permitiu a aproximar do grande sonho da inteligência artificial. Claude Shannon (1948) estabeleceu as bases da teoria da informação, revolucionando a comunicação em sistemas mecânicos, e seu trabalho deu início a uma infinidade de avanços. A partir dele, passou a ser viável a transmissão de informação por meio de sinais, também o seu armazenamento e a recuperação. Os alicerces construídos por Claude Shannon e a ideia de retorno e aprendizado da teoria cibernética de Norbert Wiener (1968) trouxeram novas possibilidades à inteligência artificial. Enquanto o trabalho de Alan Turing focava na possibilidade de programar um algoritmo capaz de seguir metodicamente os procedimentos pré-estabelecidos, a abordagem cibernética tendia para o importante papel de retorno (*feedback*) e aprendizagem em máquinas e algoritmos.

Nesse momento já iniciavam estudos sobre redes neurais e aprendizado de máquinas. Criar uma inteligência artificial não envolvia apenas a racionalização por meio de uma linguagem computável por máquinas, mas também na atualização dos próprios algoritmos utilizados. A capacidade dos algoritmos em reter o histórico de informações e se ajustarem para produzir resultados mais relevantes se tornou um grande objetivo dos pesquisadores. De modo resumido, esses passos foram ocorrendo por avanços das redes neurais (*neural network*), depois da aprendizagem de máquina (*machine learning*) e da aprendizagem profunda (*deep learning*).

O aumento geométrico do poder de computação dos computadores em um ritmo acelerado e os avanços em algoritmos permitiram que no início do século XXI a inteligência artificial se tornasse um dos termos mais utilizados. Evidentemente uma crítica se torna necessária, já que por questões mercadológicas, a muitos sistemas comuns são atribuídos o termo de inteligência artificial, sem que esse seja de fato o caso, como bem exposto por Piero Scaruffi (2018), “se chamamos tudo de IA, então sim, IA será pervasiva” na sociedade. O autor tem dificuldade para adotar uma única definição para o conceito de inteligência artificial, afirmando apenas que “AI é apenas a matemática computacional aplicada à automação” (Scaruffi, 2018, p. 14). Já Michael Wooldridge possui uma definição um pouco mais detalhada, para o autor “o principal da pesquisa sobre IA hoje está focada em fazer as máquinas executarem tarefas específicas que atualmente necessitam de cérebros humanos (e também, potencialmente, corpos humanos) e para as quais as técnicas convencionais de computação não fornecem soluções” (Wooldridge, 2021, p. 9).

É nesse contexto, de máquinas executarem tarefas que necessitavam de cérebros humanos para ocorrer que surge a inteligência artificial generativa (IA Generativa). Alicerçada nos diversos conceitos expostos anteriormente e em outros vários avanços interdisciplinares, a IA Generativa surpreendeu a sociedade em geral ao criar documentos indistinguíveis de documentos que humanos criariam. Textos, imagens, sons e filmes, em diversos formatos e estilos, são atualmente produzidos pelos muitos sistemas de IA Generativa, que são treinados e alimentados com grandes massas de informação e desenvolvem grandes modelos de linguagem (*large language model* - LLM) para gerar resultados antes inimagináveis, tanto pela verossimilhança com documentos criados por humanos quanto pela qualidade do resultado produzido.

Dois tipos principais de algoritmos estão presentes nos grandes avanços da IA Generativa atualmente, algoritmos do tipo GAN – *Generative Adversarial Networks* e GPT – *Generative Pre-trained Transformers*. O detalhamento aprofundado de ambos ultrapassa o escopo desse trabalho, mas pode-se dizer que algoritmos GAN possuem uma habilidade notável para gerar imagens e vídeos realistas, enquanto os algoritmos GPT se destacam pela aptidão em compreender e gerar textos em linguagem natural, produzindo conteúdos coerentes e contextualmente relevantes (Reznikov, 2024). São esses os algoritmos atuantes nas ferramentas de IA Generativa mais utilizadas das empresas OpenAI, Google, Microsoft, Anthropic, Meta e xAI.

A adoção de ferramentas de IA Generativa pode ocorrer em muitos cenários diferentes. Dentro das organizações corporativas, a implementação tem sido maior nas funções de marketing e vendas, seguida das funções de produtos e serviços (QuantumBlack; McKinsey, 2024). Em organizações de ensino, o uso educacional das ferramentas de IA Generativa tem sido prevalente (Chukhlomin, 2024; Dine; Horrocks, 2024). Por seu caráter inovador, as ferramentas de IA Generativa também podem ser utilizadas em funções artísticas e de design, e como assistes para tomadas de decisão.

CMM - CAPABILITY MATURITY MODEL

Modelos de maturidade e modelos de maturidade de capacidade fazem parte do arcabouço intelectual há anos. Mark Paulk (2009), um dos mais respeitados pesquisadores nesse campo, afirma que os princípios de modelos de maturidade em estágios são baseados nos princípios da Gestão da Qualidade Total (TQM) e que estes são conhecidos há quase um século, citando os trabalhos de Frederick Taylor, Frank Gilbreth e Walter Shewhart como os

precursores nesse campo. Para o autor, também é fundamental as contribuições de W. Edwards Deming e Joseph M. Juran.

Embora os trabalhos citados sejam muito importantes, foi na década de 1980 que realmente os trabalhos para a construção de modelos de maturidade ganharam forma. Iniciando com Philip Crosby e, principalmente, com Watts Humphrey (1987) começaram a se desenhar os primórdios do que viria a ser o CMM, Capability Maturity Model, (Paulk, 2009). Esse conhecido modelo de maturidade, capitaneado pelo Software Engineering Institute – SEI, dos EUA, se inspirou nos trabalhos desses vários autores e foi complementado pelo trabalho de vários outros pesquisadores, tendo publicado diversas versões do modelo, sendo a versão 1.1 do modelo (Paulk *e.t al.*, 1993), publicada em 1993, uma das mais consultadas e referenciadas, tendo inclusive Mark Paulk como o primeiro autor

Voltado para o processo de desenvolvimento de software, o CMM possuía consolidou diversos princípios que são aplicados a outros processos. Fato que acabou ocorrendo com modelos concorrentes, porém inspirados nele, sendo desenvolvidos para outras áreas e funções organizacionais. Com o tempo, o próprio grupo de trabalho do SEI ampliou o escopo do CMM, integrando outros processos ao modelo e o rebatizando de CMMI, ou Capability Muturity Modelo Integration (Paulk, 2009). Atualmente o CMMI faz parte de uma organização privada e possui seus materiais acessíveis por meio de pagamento, porém pode-se defender que o coração do modelo ainda é o mesmo do CMM, publicado no início da década de 1990.

No modelo CMM o termo Capability está relacionado ao resultado esperado do processo. Diferentemente do desempenho, que se preocupa com o resultado em si do processo, a capacidade está ligada a expectativa desse resultado. Assim, uma alta capacidade permite que se tenha mais previsibilidade do resultado do processo, atribuindo uma variação possível e esperada (Paulk *et al.*, 1993). Esse aspecto é muito interessante, pois reconhece a variedade inerente de alguns processos de trabalho, permitindo que as variações ocorram dentro de um contexto de previsibilidade e segurança.

Refere-se à maturidade do processo, pois entende-se que um processo maduro, dentro da organização, tenha algumas características específicas. Dentre os atributos distintivos de um processo maduro, se destacam à sua definição explicita, gerenciamento, mensuração, controle e efetividade (Paulk *et al.*, 1993). Uma característica marcante do CMM e apreciada por uns (Pöppelbuß; Röglinger, 2011) e descreditada por outros (Mullaly, 2014) é a utilização de níveis de maturidade. Como reforçado por Jens Pöppelbuß e Maximilian Röglinger (2011), a proposta básica de um modelo baseado em níveis consiste em descrever estágios e caminhos de maturação para serem seguidos.

Há quatro tipos principais de modelos de maturidade, descritivos, prescritivos, comparativos e normativos, podendo haver modelos que possuam características de mais de um tipo ao mesmo tempo. Modelos descritivos atuam descrevendo as características, tidas como ideais, necessárias e ou desejáveis, que uma organização deveria possuir, geralmente em uma sequência linear e evolutiva, são ideais para o diagnóstico e avaliação de em qual ponto da evolução um processo organizacional está. Modelos prescritivos direcionam seus esforços em detalhar à organização como ela deve atuar para que evolua para um ponto de maior maturidade, fornecendo guias e mensurações para facilitar essa evolução. Modelos comparativos tem habilidade de conseguir comparar (*benchmarking*) processos, seja internamente ou externamente (Pöppelbuß; Röglinger, 2011), sendo esse uma característica

resultante para praticamente qualquer modelo de maturidade. Modelos normativos atuam ditando normas a serem seguidas para que a classificação em um determinado nível de evolução ocorra.

O CMM atua como um modelo descritivo, normativo e comparativo. No sentido descritivo, ele fornece descrições de atributos essenciais para que uma organização seja classificada em um estágio de maturidade. No sentido normativo, embora não tenham uma autoridade para tornar-se obrigatório, o CMM estabelece ações e comportamentos esperados de uma organização, no caso, realizando projetos de grande escala em contextos governamental. No sentido comparativo, à medida que foi sendo utilizado por várias organizações, as mensurações de uma e sua operacionalização passaram a servir de comparação para as outras organizações. Por mais que apresente características de mais de um tipo de modelo de maturidade, o CMM não pode ser considerado prescritivo, pois não tem dentro do conteúdo de seus materiais informações de como a organização deva atuar para aprimorar seu processo (Paulk *et al.*, 1993).

O modelo de maturidade do CMM segue uma lógica de cinco níveis, com evolução linear. Por ser um modelo baseado em níveis, o CMM descreve cinco estágios para a maturidade dos processos. Os cinco estágios são: 1) Inicial: processos são pontuais, caracterizados como ocasionais e até mesmo caóticos, geralmente, seu sucesso depende de esforços individuais; 2) Repetível: o gerenciamento básico de custos, tempo e funcionalidade existe, baseando-se em processos anteriores bem sucedidos; 3) Definido: os processos gerenciais e operacionais estão definidos, padronizados e integrados à rotina organizacional; 4) Gerenciado: dados quantitativos são coletados e analisados servindo de insumo básico para a gestão dos processos; e 5) Otimizando: a melhoria contínua dos processos e a inovação consciente e comparada é realizada com o entendimento de toda a organização (Paulk *et al.*, 1993, p. 8–9).

Os cinco estágios são uma característica marcante do CMM, mas sua operacionalizado necessita de uma estrutura com mais alguns elementos. Os níveis de maturidade indicam a capacidade do processo organizacional e cada um deles contém diversas KPA – *Key Process Areas* (Áreas de Processos Chave) com seus objetivos. Cada uma dessas KPA é organizada em cinco seções, chamadas também de características comuns, que contém os KP – Key Practices (Práticas Chave). Quando todas essas KP são alcançadas se atinge os objetivos da KPA e quando todos os KPA tem seus objetivos alcançados se avança um nível (Paulk *et al.*, 1993, p. 27). A figura exibida no próprio material do CMM auxilia a entender essa estrutura.

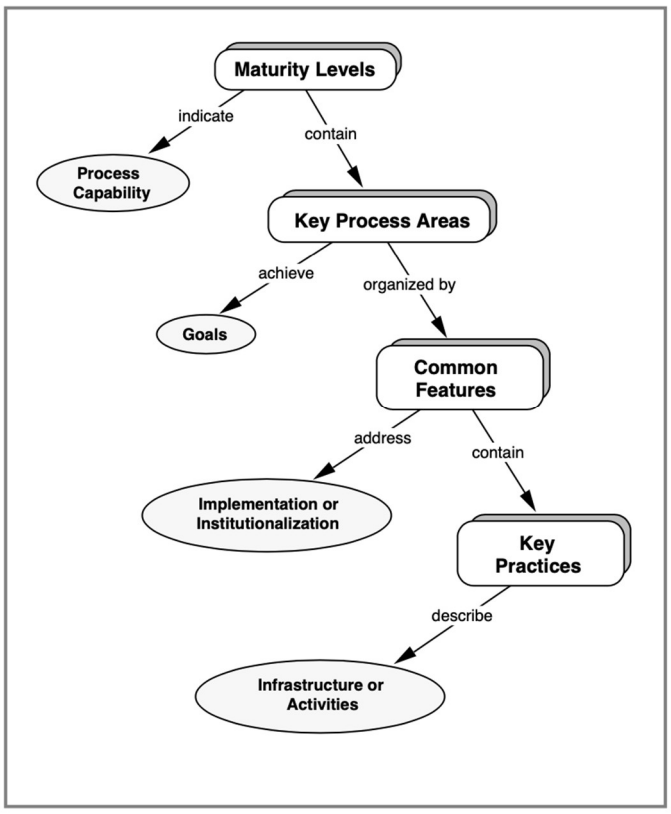


Figura 1. Estrutura do CMM

Com a implantação e utilização do CMM e a contribuição de numerosos autores, novos conhecimentos foram adicionados à essa área, especialmente os relacionados aos fatores críticos de sucesso. Objetivando evitar fracassos na implantação de mudanças de processos e auxiliar com que a organização altere sua forma de trabalho e avance nos níveis do modelo de maturidade, diversos pesquisadores dedicaram a identificar os fatores críticos de sucesso para a implantação desse tipo de iniciativa. Usando tanto abordagens qualitativas (Ngai; Law; Wat, 2008; Ravesteyn; Batenburg, 2010; Rosemann; Brocke, 2010; Terziovski; Fitzpatrick; O'Neill, 2003; Trkman, 2010; Zabjek; Kovacic; Stemberger, 2009) quanto quantitativas (Bai; Sarkis, 2013; Ngai; Law; Wat, 2008), os autores apontaram diversos fatores críticos de sucesso.

Estudos mais recentes apontam especificamente alguns fatores críticos de sucesso para a inteligência artificial generativa (IA Generativa). No trabalho de Simone Malacaria *et al* (2023), os autores se baseiam no modelo CBDAS – *Consensual Big Data Assessment System* (Sistema de Avaliação Big Data Consensual) como uma tentativa de equipa organizações com os instrumentos necessários para a implantação de ferramentas de IA Generativa. Dentro desse contexto, apresentam os seguintes fatores críticos de sucesso: estratégia de dados, arquitetura integrada, infraestrutura de TI, interface de dados humana, força de trabalho analítica, organização integrada, cultura organizacional amigável para dados (Malacaria *et al.*, 2023, p. 5–6).

Compreendidos os modelos de maturidade, o CMM (*Capability Maturity Model*) e os fatores críticos de sucesso presentes na literatura, é igualmente essencial compreender a inteligência artificial generativa, outro conceito fundamental deste estudo. Entender a IA

Generativa envolve explorar seus princípios fundamentais, capacidades e aplicações. Essa assimilação é crucial para o desenvolvimento de estratégias que possam maximizar os benefícios dessa tecnologia no contexto organizacional

MODELOS DE MATURIDADE PARA IA GENERATIVA

Talvez pelo curto prazo desde o lançamento de ferramentas de IA Generativa acessíveis ao público, há uma escassez de trabalhos que abordem modelos de maturidade para esse tipo de ferramenta. Com o lançamento do ChatGPT no final de 2022, e com a popularização da ferramenta apenas em 2023, pouco tempo se passou para uma assimilação mais elaborada dos impactos que as ferramentas de IA Generativa podem causar e os processos mais adequados para assegurar uma implementação com um caminho claro a ser seguido. O rápido aumento no número de usuários dessas ferramentas, que demonstra o grande interesse nesses sistemas, o pouco tempo que as ferramentas de IA Generativa estão disponíveis e a escassez de trabalhos publicados justifica a busca de trabalhos ainda em estágio de pré-publicação para dar contornos à essa área.

Ainda em estágio de pré-publicação, e sendo uma extensão do modelo EMERALD, o modelo EMERALD-RING consciente em um modelo de maturidade para implementação de ferramentas de IA Generativa em instituições online de ensino para adultos. Inspirado no CMM, o modelo EMERALD possui cinco estágios, são eles: 1) Pré IA Generativa: a organização apresenta as competências digitais e de infra estrutura básicas para integrar as ferramentas de IA Generativa; 2) Fundacional: a organização desenvolve um entendimento básico sobre a IA Generativa e suas potenciais aplicações; 3) Intermediário: a organização passa a possuir um entendimento com sutileza sobre a IA Generativa e suas integração generalizada no ambiente de trabalho; 4) Avançado: a organização demonstra um profundo entendimento das transformações propiciadas pela IA Generativa; e 5) Especialista: a organização entende de forma abrangente o papel transformador da IA Generativa e apresenta proficiência em aplicações avançadas de IA Generativa (Chukhlomin, 2024, p. 3–4).

O nome do modelo utiliza recursos mnemônicos que indicam as KPA (Áreas de Processos Chaves). As KPAs definidas por Chukhlomin (2024) e que formam o acrônimo EMERALD-RING são: 1) E: External (workplace) environments and Expectations for graduate capabilities (expectativa e ambiente externo da força de trabalho); 2) M: Technological Means, tools, and platforms (meios tecnológicos, ferramentas e plataforma); 3) E: Essential tasks and use cases (tarefas e casos de uso essenciais); 4) RA: Required Abilities, skills, and competencies (habilidades e competências necessárias); 5) LD: Learning Designs and strategies (planejamento e estratégias de aprendizado); 6) R: external Regulations (regulações externas); 7) I: Internal policies (políticas internas); 8) N: Nurturing organizational culture (cultura organizacional estimulante); e 9) G: Governance (governança).

Interessantemente, por mais que considere essenciais todas as KPA apresentadas no modelo, o autor aparenta indicar um papel ainda mais relevante da KPA relacionada à cultura organizacional. Como afirmado por ele próprio “À medida que as instituições navegam pelas complexidades de integrar as ferramentas de IA Generativa, é essencial reconhecer e aproveitar sua cultura organizacional distinta para garantir uma transição suave e efetiva” (Chukhlomin, 2024). O autor também parece indicar que esse ainda é um trabalho em desenvolvimento sugerindo novos possíveis KPAs que poderiam ser adicionados ao modelo, especialmente a partir dos níveis 3, 4 e 5.

METODOLOGIA

Um bom trabalho científico é feito sendo fundamentando em uma metodologia rigorosa e transparente e que sirva de base para melhor compreender e responder uma questão de pesquisa. O detalhamento da metodologia busca demonstrar com minúcia os passos e procedimentos utilizados para permitir a replicabilidade do estudo e aumentar sua confiabilidade. Nesse trabalho, adotou-se uma pesquisa qualitativa documental como ponto de partida para a compreensão do tema, o que envolveu uma busca sistemática por textos publicados em periódicos, revistas, conferencias e livros. A pesquisa documental consistiu-se de uma revisão da literatura disponível, buscando revelar fontes relevantes sobre o problema de pesquisa, o que contribui para o rigor e relevância desse trabalho.

Como ferramenta de busca, adotou-se o meta buscador da Google, Google Acadêmico, um popular meta buscador, que possui amplo alcance e capilaridade na indexação de publicações cientificas, tanto as de acesso aberto, quanto as protegidas por direitos autorais. A opção dessa escolha se deve à facilidade de uso da ferramenta, sua ampla gama de publicações, abertas ou protegidas, indexadas, o acesso livre para a realização da busca e a credibilidade que a empresa possuir no segmento de buscas. As buscas realizadas na ferramenta ocorreram entre os dias 01/05/2024 e 23/06/2024 e foram realizadas pelo campo de busca principal, sem a necessidade de aplicação de filtros de pesquisa para refinar os resultados.

Foram escolhidos dois termos chaves para a busca, em conjunto, eles representam os conceitos essenciais buscados para a pesquisa. O par de termos utilizados foi "modelo de maturidade" e "Inteligência Artificial generativa", utilizando as aspas, como descrito aqui, para que apenas trabalhos com os termos exatos fossem localizados. Ambos os conceitos possuem muitos trabalhos produzidos em outros idiomas e foi empregado a busca pelo mesmo par de termos no idioma inglês: "maturity model" e "generative artificial intelligence". Assim foram executadas duas buscas separadas, uma com os termos em português e outra com os termos em inglês.

Em relação à um corte temporal, inicialmente foi pensado uma limitação para trabalhos publicados nos últimos 5 anos, mas esse horizonte foi ampliado deixando a pesquisa sem contenção de tempo. A restrição do período da publicação foi removida devido ao baixo número de publicações retornadas pelo meta buscador. Os resultados das pesquisas destacam a ausência de trabalhos, em língua portuguesa, contendo no título, palavras chave ou resumo os termos pesquisados. Também em língua inglesa há carência de trabalhos com a presença dos vocábulos buscados nos principais campos de indexação de trabalhos científicos, foi identificado apenas um artigo (ainda em estágio de *working paper*), que possui o modelo de maturidade de ferramentas de inteligência artificial generativa direcionado para instituições de ensino.

Devido os resultados, o autor buscou outra estratégia de busca para entender melhor a situação. Para conseguir um retorno com mais resultados, utilizou-se a busca com os termos levemente modificados, retirando a palavra “generativa” do conceito. Assim, o par de buscas foi a) "modelo de maturidade" e "Inteligência Artificial" e b) "maturity model" e "artificial intelligence". Com esses termos houve abundância de trabalhos retornados. Ao analisar os resultados, optou-se por manter os termos originais e não retirar o termo “generativa” do par de termos, pois o conceito de “inteligência artificial” sozinho retornava trabalhos que não

estavam no escopo do trabalho, uma vez que é um conceito amplo e envolve diversos tipos de ferramentas que não englobam o propósito desse estudo.

Além da realização da busca sistemática mencionada, a metodologia do trabalho também envolveu uma pesquisa documental que serviram de base para a fundamentação teórica do estudo. Os trabalhos para o embasamento dessa pesquisa vieram da pesquisa de autores que o autor já conhecia, bem como trabalhos originados de buscas também realizadas no Google Acadêmico, especialmente de trabalhos com uma análise crítica em relação a modelos de maturidade. A escassez de trabalhos específicos de modelos de maturidade para a integração de ferramentas de inteligência artificial generativa serviu de motivação, para juntamente com a análise efetuada nos demais trabalhos consultados, formular uma proposição de um modelo de maturidade adequado ao tema.

DISCUSSÃO

O pouco tempo de disponibilização de ferramentas de IA Generativa tornam de difícil compreensão um caminho mais adequado a ser seguido. Como apontado por diversos autores (Chukhlomin, 2024; Dine; Horrocks, 2024; QuantumBlack; McKinsey, 2024; Reznikov, 2024) há importantes barreiras a serem compreendidas e enfrentadas para que as ferramentas de IA Generativa possam ser efetivamente implementadas nas organizações. Além disso, também não está claro a quais as funções organizacionais podem se beneficiar dessa nova tecnologia e nem a extensão desse benefício. Desse modo um modelo de maturidade deve levar em consideração a variedade de resultados possíveis que a IA Generativa pode tomar.

O modelo CMM serve de base para diversos modelos de maturidade (Alvares; Itaborahy; Machado, 2020; Chukhlomin, 2024; Gomes *et al.*, 2023; Itaborahy; Machado; Alvares, 2021; Machado; Itaborahy; Alvares, 2021) e tem sua estrutura base bem sedimentada. Por mais que hajam críticas à própria ideia de modelos de maturidade (Mullaly, 2014; Pöppelbuß; Röglinger, 2011) seu amplo uso e aceitação os tornam importantes ferramentas gerenciais e informacionais. Desse modo, utilizar o CMM como inspiração para a criação de um modelo de maturidade específico para a IA Generativa parece ser um caminho seguro para a produção de modelos de maturidade úteis para as organizações, assim como foi feito no modelo ainda não publicado EMERALD-RING, de Chukhlomin (2024).

Embora seja um trabalho notável, do modo como está, o modelo EMERALD-RING se coloca em uma posição pouco confortável para sua evolução enquanto ferramenta gerencial útil. Um primeiro ponto a se destacar é a própria nomeação do modelo, feita com base nos nomes das KPAs utilizadas para descrever os estágios. Essa estratégia limita a adição, alteração e subtração das KPA dentro dos estágios, como demonstrado inclusive pelo próprio modelo, que se chamava EMERALD-GenAI-CMM-OAL, depois foi rebatizado para EMERALD e por fim, com a expansão, passou a ser chamado de EMERALD-RING. Como afirmado nos materiais do CMM, a melhora de um processo ocorre dentro de um contexto organizacional amplo, envolvendo a estratégia e estrutura organizacional, os objetivos do negócio, as tecnologia em uso, a cultura social e o sistema de gestão (Paulk *et al.*, 1993, p. 15), e o modelo EMERALD-RING faz o uso de elementos desse contexto como KPAs dentro do próprio modelo, o que não é adequado do ponto de vista hierárquico, além de serem aspectos de difícil controle e mensuração.

Nesse trabalho, é sugerido que o modelo de maturidade para IA Generativa adote estratégias complementares para a adoção da tecnologia. Estratégias incrementais,

colaborativas e transformacionais podem trabalhar em conjunto para aumentar a eficácia da adoção, uma vez que a implementação de ferramentas de IA Generativa podem valer-se de diferentes métodos, como pagamento por uso, integração nos sistemas próprios, enriquecidas com dados próprios, treinadas com dados próprios (Reznikov, 2024).

Outro ponto fundamental para o modelo de maturidade sugerido tem relação com a previsibilidade dos resultados. Como declarado por Paulk et al (1993), atingir um maior grau de maturidade serve para diminuir a diferença entre o resultado esperado e o alcançado, diminuir a variabilidade dos resultados alcançados ao redor dos resultados esperados e melhorar os resultados esperados. Assim o modelo de maturidade de IA Generativa deve auxiliar a avaliar a previsibilidade dos resultados alcançados com a implementação dessas ferramentas.

Considerando esses apontamentos, indica-se que o modelo de maturidade adote os mesmos cinco níveis propostos pelo CMM. Os níveis propostos são:

1) Inicial: utilização de ferramentas de IA Generativa são pontuais, caracterizados como ocasionais e até mesmo caóticos, geralmente, seu sucesso depende de esforços individuais.

2) Repetível: a implantação de ferramentas de IA Generativa ocorre baseando-se em processos anteriores bem sucedidos.

3) Definido: a implantação de ferramentas de IA Generativa é definida, padronizadas e integradas à rotina organizacional.

4) Gerenciado: dados quantitativos são coletados e analisados servindo de insumo básico para o uso e implantação de ferramentas de IA Generativa.

5) Otimizando: a melhoria contínua dos processos e a inovação consciente e comparada é realizada com o entendimento de toda a organização.

Seguindo a estrutura do modelo CMM, cada nível possuí diversas KPA e KP que devem ser especificadas. Dentro do modelo sugerido, recomenda-se que as KPA sejam divididas em duas dimensões e seis categorias para facilitar sua classificação, dimensão tecnológica e dimensão organizacional. Por sua vez, dentro dimensão tecnológica se encontram as categorias de infraestrutura de hardware e infraestrutura de ferramentas. No interior da dimensão organizacional estão localizadas as categorias de treinamento, governança, integração ao processo de trabalho, ajuste a regulações e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho se fez uma revisão sistemática de literatura envolvendo modelos de maturidade para implantação de IA Generativa. Por a IA Generativa se tratar de um campo recente, há uma escassez de trabalhos na área envolvendo modelos de maturidade. Na revisão de literatura foi encontrado apenas um modelo, ainda em estágio de pré-publicação, e que após uma análise crítica, considerando os fundamentos do modelo de maturidade CMM, foi considerado ainda inadequado.

Considerando que a implantação da IA Generativa pode envolver estratégias incrementais, colaborativas e transformacionais, sugeriu-se a estrutura de um novo modelo de maturidade, mais próximo aos princípios do CMM e levando em consideração as barreiras apontadas na literatura para a implantação da IA Generativa nas organizações. O modelo proposto envolve a utilização de cinco níveis de maturidade, onde as KPA e as KP estejam agrupadas em seis subcategorias abrangidas por duas dimensões, que auxiliam a classificação das KPA e suas KP e podem facilitar o entendimento e utilização do modelo pelas organizações, bem como é flexível o suficiente para que outros pesquisadores e profissionais da área contribuam para a construção de um modelo útil e efetivo.

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

O curto tempo de disponibilização de ferramentas de IA Generativa é um importante fator para considerar as limitações desse trabalho. Com pouco tempo de mercado, a IA Generativa não teve tempo de ser empregada e avaliada de forma adequado, com os impactos de seu uso ainda muito pouco compreendidos.

Outra limitação diz respeito à literatura disponível para o tema desse trabalho. Com a carência de materiais específicos ao objeto de estudo, teve de se valer de documentos que ainda não passaram pelo processo de revisão por pares, por mais que se mostrem promissores, e que ainda podem ser modificados, o que limita a uma análise abrangem da contribuição do autor.

Como sugestão, acredita-se que pela revisão realizada nesse trabalho, por sua flexibilidade e embasamento em princípios sólidos, outros autores possam contribuir na construção de um modelo de maturidade para a IA Generativa útil e flexível e que auxilie as organizações a alcançarem estágios de maior maturidade e previsibilidade no uso da IA Generativa.

REFERÊNCIAS

ALVARES, L. M. A. de R.; ITABORAHY, A. L. C.; MACHADO, R. P. M. Modelo de Maturidade em Inteligência Organizacional: uma visão integrada à gestão da informação, gestão do conhecimento e inteligência competitiva. *Informação & Sociedade*, [*s. l.*], v. 30, n. 4, p. 1–21, 2020.

BAI, C.; SARKIS, J. A grey-based DEMATEL model for evaluating business process management critical success factors. *International Journal of Production Economics,* [*s. l.*], v. 146, n. 1, p. 281–292, 2013.

BUCHANAN, B. G. A (Very) Brief History of Artificial Intelligence. *AI Magazine*, [*s. l.*], v. 26, n. 4, p. 53–53, 2005.

CHUKHLOMIN, V. *Tailoring Generative AI Integration to Institutional Specifics: Introducing the EMERALD-RING Framework*. Rochester, NY: [*s. n.*], 2024. SSRN Scholarly Paper.

DINE, F.; HORROCKS, I. *Future Learning Landscapes: Overcoming Challenges with Generative AI Integration*. [*S. l.*]: Unpublished, 2024.

GOMES, C. *et al.* Modelo de maturidade em gestão arquivística de documentos: uma visão diacrônica. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação,* [*s. l.*], v. 16, n. 3, p. 666–687, 2023.

HUMPHREY, W. S. *Characterizing the software process: a maturity framework.* Pennsylvania: SEI, 1987.

ITABORAHY, A. L. C.; MACHADO, R. P. M.; ALVARES, L. M. A. D. R. Modelo de maturidade em gestão do conhecimento: uma visão diacrônica. *Em Questão*, [*s. l.*], p. 350–374, 2021.

MACHADO, R. P. M.; ITABORAHY, A. L. C.; ALVARES, L. M. A. de R. Modelo de maturidade em gestão da informação: uma visão diacrônica. *Informação & Informação*, [*s. l.*], v. 26, n. 2, p. 407–432, 2021.

MACLENNAN, B. History of Artificial Intelligence Before Computers:. *In*: KHOSROW-POUR, D.B.A., M. (org.). *Encyclopedia of Information Science and Technolog*y, Second Edition. [*S. l.*]: IGI Global, 2009. p. 1763–1768.

MALACARIA, S. *et al.* Business Talk: Harnessing Generative AI with Data Analytics Maturity. **I***nternational Journal on Cybernetics & Informatics*, [*s. l.*], v. 12, n. 7, p. 01–10, 2023.

MULLALY, M. If maturity is the answer, then exactly what was the question?. *International Journal of Managing Projects in Business,* [*s. l.*], v. 7, n. 2, p. 169–185, 2014.

NGAI, E. W. T.; LAW, C. C. H.; WAT, F. K. T. Examining the critical success factors in the adoption of enterprise resource planning. *Computers in Industry,* [*s. l.*], v. 59, n. 6, p. 548–564, 2008.

PAULK, M. A History of the Capability Maturity Model for Software. *Institute for Software Research*, [*s. l.*], 2009.

PAULK, M. C. *et al. Capability maturity model for Software, version 1.1*. Pittsburgh, Pennsylvania: Carnegie Mellon University, 1993.

PÖPPELBUSS, J.; RÖGLINGER, M. What makes a useful maturity model? A framework of general design principles for maturity models and its demonstration in business process management. *ECIS 2011 Proceedings*, [*s. l.*], 2011.

QUANTUMBLACK; MCKINSEY. *The state of AI in early 2024: Gen AI adoption spikes and starts to generate value.* [*S. l.*]: McKinsey Global Publishing, 2024.

RAVESTEYN, P.; BATENBURG, R. Cultural Differences in Implementing Business Process Management Systems. *AMCIS 2010 Proceedings*, [*s. l.*], 2010.

REZNIKOV, R. Leveraging generative ai: strategic adoption patterns for enterprises. *Modeling the development of the economic systems*, [*s. l.*], n. 1, p. 201–207, 2024.

ROSEMANN, M.; BROCKE, J. vom. The Six Core Elements of Business Process Management. *In*: BROCKE, P. D. J. vom; ROSEMANN, P. D. M. (org.). *Handbook on Business Process Management 1*. [*S. l.*]: Springer Berlin Heidelberg, 2010. (International Handbooks on

Information Systems). p. 107–122. Disponível em: http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-00416-2_5. Acesso em: 11 dez. 2014.

SCARUFFI, P. *Intelligence is not Artificial - Expanded Edition: A History of Artificial Intelligence and Why the Singularity is not Coming any Time Soon*. Expanded editioned. [*S. l.*]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2018.

SHANNON, C. E. A mathematical theory of communication. *The Bell System Technical Journal,* [*s. l.*], v. 27, n. 3, p. 379–423, 1948.

TERZIOVSKI, M.; FITZPATRICK, P.; O'NEILL, P. Successful predictors of business process reengineering (BPR) in financial services. *International Journal of Production Economics*, [*s. l.*], v. 84, n. 1, p. 35–50, 2003.

TRKMAN, P. The critical success factors of business process management. *International Journal of Information Management*, [*s. l.*], v. 30, n. 2, p. 125–134, 2010.

WIENER, N. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

WOOLDRIDGE, M. *A Brief History of Artificial Intelligence: What It Is, Where We Are, and Where We Are Going*. New York: Flatiron Books, 2021.

ZABJEK, D.; KOVACIC, A.; STEMBERGER, M. I. The influence of business process management and some other CSFs on successful ERP implementation. *Business Process Management Journal*, [*s. l.*], v. 15, n. 4, p. 588–608, 2009.

REVISÃO SISTEMÁTICA DOS MODELOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA LLM

Isaías Braga
IBICT-Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Os grandes modelos de linguagem (Large Language Model - LLM) estão na base da revolução proporcionada com a inteligência artificial generativa. Dezenas de organizações privadas, governamentais ou de caráter não lucrativo pesquisam e desenvolvem essas tecnologias para avançar suas ofertas de produtos e serviços. Apesar de sua importância econômica e potencial impacto social, há uma lacuna significativa de estudos acadêmicos em Ciência da Informação sobre tais modelos. Esse estudo realizou uma revisão sistemática sobre os LLMs, explorando suas características e distinções à luz da Ciência da Informação com o objetivo de auxiliar os pesquisadores dessa e de outras áreas sociais aplicadas a desenvolverem pesquisas que explorem o potencial dessa tecnologia. O trabalho buscou pelos termos "LLM" ou "large language model" nas publicações disponibilizadas na base Google Acadêmico, publicadas nos últimos 10 anos (2014 a 2024) e concluiu com a disponibilização de uma ampla revisão, com mais de 10 modelos LLM encontrados, demonstrando o aumento de tais modelos nos últimos anos e a sua distribuição entre as diversas nacionalidades. Essa revisão oferece um ponto de partida valioso para o conhecimento do tema e para a realização de pesquisas futuras.

Palavras-Chave: *Inteligência Artificial Generativa; IA; Large Language Model – LL; Ciência da Informação*

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios de sua fundação, muita discussão é realizada no campo da Ciência da Informação sobre seu objeto de estudo. No trabalho clássico de Harold Borko (1968, p. 3, tradução nossa), o autor aponta que ela “se preocupa com o corpo de conhecimento relacionado a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão e utilização da informação”. É um conceito amplo e abrangente e, como tal, possível de ser utilizado em diferentes contextos, especialmente acompanhando a evolução tecnológica presente por todo o século XX e também no século XXI. Sendo assim, é natural que teóricos da Ciência da Informação se interessem pelo desenvolvimento de tecnologias relacionadas à Inteligência Artificial (IA) já que é uma tecnologia que em sua base funciona com base na coleção, organização, interpretação e utilização da informação.

Além de sua evidente relação com a Ciência da Computação, também há um vínculo fundamental entre a Inteligência Artificial e a Ciência da Informação. Com origens que remontam ao trabalho de Alan Turing (Woodsmall; Woodsmall, 2008; Zhang *et al.*, 2023), a Inteligência Artificial pôde se desenvolver à medida do aumento das capacidades computacionais e da disponibilidade de dados em larga escala para o treinamento dos algoritmos de IA (Naveed *et al.*, 2024). A coleção, organização e recuperação de dados sempre foram pontos focais da Ciência da Informação, tendo no trabalho de Paul Otlet (2018) e Suzanne Briet (2006) bases sólidas para seu desenvolvimento. Com a ajuda dos fundamentos desses autores, grandes coleções de dados começaram a serem identificadas e organizadas de modo a facilitar sua recuperação, bem como deu evidência aos diferentes tipos de documentos que também deveriam ser catalogados e identificados, como imagens, filmes, etc.

Após a contribuição de Claude Shannon (1948) com a teoria matemática da comunicação, que possibilitou a digitalização das informações contidas nos documentos físicos e a criação de documentos inteiramente digitais, uma revolução iniciou-se, com alguns chamando esse novo momento de sociedade da informação (Castells, 2013). Atuante durante todo esse período, a Ciência da Informação se dedicou também ao auxílio da construção de tecnologias da informação para identificar e mensurar a importância dos textos de modo que o usuário encontrasse a informação que necessitava.

Desde a introdução do conceito de aprendizagem de máquina abordado por Alan Turing (1950) e Nobert Wiener (1968), a presença de bancos de dados com informações relevantes se mostrou importante para a Inteligência Artificial. Segundo Emma Zhang et al (2023, p. 6, tradução nossa), a essência da Inteligência Artificial está na "busca para criar máquinas que consigam imitar, replicar ou até superar as habilidades cognitivas humanas". De modo similar, este conceito se aproxima do de Michael Wooldridge (2021, p. 9, tradução nossa) que diz que "o principal da pesquisa sobre IA hoje está focado em fazer as máquinas executarem tarefas específicas que atualmente necessitam de cérebros humanos (e também, potencialmente, corpos humanos) e para as quais as técnicas convencionais de computação não fornecem soluções".

Para imitar, replicar e superar as capacidades cognitivas humanas, a Inteligência Artificial tem construído algoritmos avançados que se baseiam na disponibilidade massiva de dados para seu aprendizado. Nessa busca, os algoritmos de Inteligência Artificial Generativa (IA Generativa), um subgrupo de algoritmos de Inteligência Artificial, tem se destacado por produzirem resultados expressivos utilizando base de dados cada vez maiores. Uma série de algoritmos desse tipo, batizada de GPT, teve seu lançamento em 2018, com o treinamento de sua rede neural realizado com os ajustes de 117 milhões de parâmetros. Sua segunda versão, lançado já em 2019, contava com ajustes em 1,5 bilhão de parâmetros, sua terceira versão, lançada em 2021, contava com um treinamento para ajuste de 175 bilhões de parâmetros e sua quarta versão, lançada em 2024, já ajustava 1,76 trilhão de parâmetros para a produção do modelo de IA (Zhang *et al.*, 2023).

Há várias fontes para a construção das bases de dados de treinamento para os algoritmos de Inteligência Artificial. O treinamento de algoritmos como os GPT baseia-se na utilização de grande volume de texto não classificado para que o código encontre padrões e relações e produza os grandes modelos de linguagem (Large Language Model - LLM). O tipo de fonte utilizado para esse treinamento é fundamental para o aprendizado do algoritmo, pois é a qualidade dessas informações que impactará no desempenho do modelo representacional de Inteligência Artificial (Gao *et al.*, 2023). Diversas fontes de informação são utilizadas no treinamento dos algoritmos de Inteligência Artificial e construção do LLM, sendo essas fontes de informação públicas ou privadas, alguns exemplos são a Wikipédia, livros, artigos acadêmicos, notícias, posts de mídia social etc.

Entender os principais conceitos da Inteligência Artificial, especialmente os relacionados aos LLM e como utilizam as informações disponíveis é um trabalho essencial para que a Ciência da Informação se aprimore e também contribua com esse campo do conhecimento que possui um potencial transformador para a nossa sociedade. Assim, esse trabalho pesquisou a literatura disponível para entender as definições e os principais conceitos dessa área, bem como relacioná-los à Ciência da Informação, chegando à pergunta de pesquisa "Qual é a relação da Ciência da Informação com os modelos LLMs?"

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento deste trabalho envolveu o aprofundamento do conhecimento em duas áreas principais que serviram de fundamentação teórica. A primeira delas é a área de Inteligência Artificial, que atua como campo maior envolvendo a capacidade de máquinas imitarem e produzirem informações que seriam esperadas apenas de humanos. A outra área é a Inteligência Artificial Generativa, especialmente os modelos grandes de linguagem (LLM), que são fundamentais para a revolução que a Inteligência Artificia tem provocado no início dessa década de 2020.

Inteligência Artificial

Há múltiplas versões que dão conta da origem da Inteligência Artificial (IA), dependendo do recorte que o pesquisador deseje dar. Alguns, como Bruce Buchanan (2005) afirmam que o sonho da IA já estava presente no texto 'Ilíada', de Homero, com a menção dos tripods robôs da história. Já Bruce Maclennan (2009), explora a história da IA a partir das contribuições matemáticas e lógicas que embasaram toda a teoria matemática da comunicação e a própria computação, citando os avanços perpetrados por Gottfried Leibniz e George Boole. Para o autor, foi a demonstração da capacidade da matemática e da lógica para a racionalização numérica por meio de procedimentos metodicamente determinados o passo essencial para o desenvolvimento de toda a área computacional, sendo o campo da IA uma subárea de toda essa disciplina teórica. Os produtos dos trabalhos de Leibniz e Boole, o desenvolvimento da matemática binária e da lógica booleana, são fundamentais para a teoria matemática da comunicação de Claude Shannon (1948) e de toda a computação moderna.

Embora estivessem distantes da criação de softwares capazes de serem considerados como pertencentes à classe de softwares de Inteligência Artificial, o imaginário sobre o tema teve um papel relevante para seu avanço. Michael Wooldridge (2021, p. 8) menciona que "o sonho de longo prazo da IA é construir máquinas que possuam a capacidade completa para ação inteligente que pessoas possuem – construir máquinas que sejam auto conscientes, conscientes e autônomas do mesmo jeito que pessoas como você e eu somos". Embora esse sonho ficcional possa nunca se concretizar, ele serve de inspiração para cientistas e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, distribuídos ao longo dos séculos.

De forma factual, é com Alan Turing que se estabelece a base teórica para a construção de uma máquina computacional. Por mais que ele não tenha construído nenhum computador propriamente dito, seu trabalho, da década de 1930 até a década de 1950, forneceu os fundamentos para o desenvolvimento dos computadores e também da Inteligência Artificial. Conhecidos atualmente como Máquina de Turing e Máquina Universal de Turing, esses sistemas foram concebidos para seguir precisamente procedimentos matemáticos a fim de resolver problemas de decisão (Wooldridge, 2021), sendo essencialmente versões iniciais do que se tornaria o computador moderno. É de Turing a proposição de um teste que avaliaria se uma máquina é inteligente ou não, hoje conhecido como Teste de Turing, o teste tem o objetivo de estabelecer que uma máquina (o conceito é expandido para software também) é inteligente quando, em uma conversa por meio eletrônico e com perguntas não estruturadas, um juiz humano não consegue distinguir se quem está dando as respostas consiste de um humano ou de uma máquina. Esse teste propõe a essência da IA, "criar máquinas que consigam imitar, replicar ou até superar as habilidades cognitivas humanas" (Zhang *et al.*, 2023, p. 6, tradução nossa).

A colaboração e o trabalho interdisciplinar entre diversos pesquisadores, permitiu que o sonho da Inteligência Artificial fosse paulatinamente ficando cada vez mais próximo. O trabalho de Claude Shannon (1948) que estabeleceu as bases da teoria matemática da comunicação, também conhecida como teoria da informação, revolucionou a comunicação em sistemas mecânicos e eletrônicos, e sua teoria abriu caminho para uma infinidade de outros avanços. Foi com os resultados do seu trabalho que a transmissão de informação por meio de sinais, seu armazenamento e recuperação, foram viabilizados. Os alicerces construídos por Shannon (1948) e os trabalhos primorosos de Turing (1950) e Wiener (1968) em relação ao aprendizado de máquina trouxeram novas possibilidades à Inteligência Artificial.

Rapidamente entendeu-se que o desenvolvimento da Inteligência Artificial não envolvia apenas a racionalização por meio de uma linguagem computável por máquinas, mas também que os próprios algoritmos utilizados se aperfeiçoassem por meio de aprendizados baseados em informações. A capacidade dos algoritmos em reter o histórico de informações e se ajustarem para produzir resultados mais relevantes se tornou um grande objetivo dos pesquisadores. De modo resumido, esses passos foram ocorrendo por avanços em algoritmos de redes neurais (neural network), depois de aprendizagem de máquina (machine learning) e de aprendizagem profunda (deep learning). Mas, para alcançar os resultados expressivos que a Inteligência Artificial atingiu, também foi preciso fundamentalmente do aumento geométrico do poder de processamento dos computadores.

Inteligência Artificial Generativa

A Inteligência Artificial Generativa (IA Generativa), subárea da Inteligência Artificial, surge nesse contexto, de máquinas executarem tarefas que necessitavam de cérebros humanos para ocorrer. Os conceitos expostos anteriormente, aliados aos diversos avanços em campos distintos, permitiram que a IA Generativa surpreendesse a sociedade em geral ao demonstrar capacidade de produzir documentos indistinguíveis de documentos que humanos criariam. Atualmente, há diversos sistemas de IA Generativa, treinados e alimentados com grandes massas de informação e fundamentados em grandes modelos de linguagem (large language model - LLM) que geram documentos de textos, imagens, sons e vídeos, em diversos formatos e estilos, produzindo resultados antes inimagináveis, tanto pela qualidade dos documentos quanto pela verossimilhança com documentos criados por humanos.

Dois tipos principais de algoritmos estão presentes nos grandes avanços da IA Generativa atualmente, algoritmos do tipo GAN – Generative Adversarial Networks e GPT – Generative Pre-trained Transformers. Enquanto os algoritmos GAN possuem uma habilidade notável para gerar imagens e vídeos realistas, os algoritmos GPT se destacam pela aptidão em compreender e gerar textos em linguagem natural, produzindo conteúdos coerentes e contextualmente relevantes (Reznikov, 2024). São esses os algoritmos atuantes nas ferramentas de IA Generativa mais utilizadas atualmente, fornecidas pelas empresas OpenAI, Google, Microsoft, Anthropic, Meta e xAI.

A adoção de ferramentas de IA Generativa pode ocorrer em muitos cenários diferentes. Dentro das organizações corporativas, a implementação tem sido maior nas funções de marketing e vendas, seguida das funções de produtos e serviços (QuantumBlack; McKinsey, 2024). Em organizações de ensino, o uso educacional das ferramentas de IA Generativa tem sido prevalente (Chukhlomin, 2024; Dine; Horrocks, 2024). Por seu caráter

inovador, as ferramentas de IA Generativa também podem ser utilizadas em funções artísticas e de design, e como assistentes para tomadas de decisão.

Como mencionado anteriormente, o essencial para os resultados expressivos dos sistemas de IA Generativa são sua base de dados e a produção de grandes modelos de linguagem (LLM) a partir dessas bases. Manjunatha Malode (2024) reconhece que as informações são o componente essencial do aprendizado de máquinas e dos algoritmos de IA Generativa, atuando de modo crucial no desenvolvimento dos LLM.

Os grandes modelos de linguagem (Large Language Model – LLM) são a evolução de outros modelos criados para compreender a linguagem humana natural. Naveed et al (2024) afirma que os LLMs são uma evolução dos modelos de linguagem pré-treinados, que por sua vez evoluíram dos modelos neurais de linguagem e dos modelos estatísticos. De forma resumida os LLMs são algoritmos especializados em compreender grandes quantidades de textos, entendendo a relação e importância dos conceitos presentes nos documentos. São pré-treinados analisando bases de dados gigantescas e, atualmente, envolve o ajuste de trilhões de parâmetros, com o objetivo de compreender entradas, em linguagem natural, feita pelos usuários e produzir resultados que replicam os padrões aprendidos por meio da base de dados inicialmente utilizadas para o treinamento.

METODOLOGIA

Esse trabalho consistiu de uma pesquisa documental para o entendimento de quais conceitos dos grandes modelos de linguagem – LLMs são mais relacionados à Ciência da Informação. A realização desse estudo envolveu vários passos, inicialmente foi utilizado uma abordagem de uma revisão sistemática de literatura consoante com a abordagem PRISMA (Moher et al., 2015).Para tanto, foi realizado uma busca pelos termos "LLM" ou "large language model" nas publicações disponibilizadas na base de pesquisa do Google Acadêmico. Devido ao grande número de resultados, a busca foi refinada para o período dos últimos dez anos (de 2014 até 2024). Ainda havendo uma quantidade de trabalhos enorme utilizou-se a seguinte sequência para refinamento dos termos de buscas, sempre dando preferência a termos em inglês por considerar que o estado da arte dos trabalhos nessa área está nesse idioma:

1. "LLM" OR "large language model"
2. "LLM" AND "large language model"
3. ("LLM" AND "large language model") pretrained
4. ("LLM" AND "large language model") pretrained “generative artificial intelligence”
5. ("LLM" AND "large language model") pretrained (“generative artificial intelligence” OR “Generative AI”)
6. ("LLM" AND "large language model") (“generative artificial intelligence” OR “Generative AI”)
7. ("LLM" AND "large language model") “information science”
8. ("LLM" AND "large language model") library
9. ("LLM" AND "large language model") “library and information science”

Utilizando os termos em inglês como descrito acima, foi possível diminuir a quantidade de resultados da casa de dezenas de milhares para algumas centenas de trabalhos

publicados. Em seguida, foi empregada uma avaliação que incluiu os critérios de inclusão e exclusão descritos abaixo.

Critérios de inclusão

- Área de publicação: publicados com foco no público de ciências sociais ou ciências sociais aplicadas;
- Período de publicação: entre 2014 e 2024;
- Tipos de documentos: artigos publicados em periódicos, anais, preprints e capítulos de livros;
- Idioma da publicação: português ou inglês;
- Foco: apresentem modelos LLMs únicos.

Critérios de exclusão

- Área de publicação: publicados com foco em áreas de computação, ou exemplos de utilização de ferramentas;
- Período de publicação: 2013 ou anterior;
- Originalidade de publicações: repetidas;
- Originalidade de LLMs; repetidos;
- Idioma: diferentes do português ou inglês;
- Abordagem: não respondem ao problema de pesquisa.

Considerando tais critérios, foi constatado que os trabalhos publicados eram em sua maioria destinados à área de computação, envolvendo o jargão próprio da área e tratando de aspectos técnicos de programação. Outros trabalhos, não destinados a área da computação, foram encontrados, mas abordavam questões fora do escopo desse trabalho.

Por fim, buscou-se avaliar a disponibilidade de trabalhos que envolviam o campo de conhecimento da CI, porém em português.

10. ("LLM" AND "large language model") “ciência da informação”

Como retorno do uso do termo de busca acima, o Google Acadêmico devolveu zero resultados.

Após a frustração com a metodologia adotada, e entendendo a relevância dos conceitos de IA Generativa para a área da Ciência da Informação, adotou-se outra estratégia para alcançar os objetivos desse trabalho. Foi realizada uma pesquisa documental livre e abrangente, especialmente voltada para revisões bibliográficas ou históricas, mesmo as destinadas à área de computação, para compreender melhor o conceito de LLM, levantar os atributos mais relevantes para a Ciência da Informação e referenciar os modelos LLM mais atuais e que podem ser objetos de estudo para os pesquisadores da Ciência da Informação.

CONSIDERAÇÕES

A real compreensão da Inteligência Artificial e da IA Generativa por pesquisadores de fora da área da computação ainda é desafiadora. Envolvido em jargões técnicos e repletos de referências a conhecimentos matemáticos, estatísticos e de programação, os trabalhos de IA e IA Generativa apresentam uma barreira ao entendimento aprofundado de seus conceitos fundamentais. Além de ser uma área que abrange uma história antiga, também está passando por transformações aceleradas, especialmente nos últimos dez anos. Essa efervescência de desenvolvimento produz trabalhos que rapidamente ficam obsoletos ao mesmo tempo em que há uma profusão de publicações onde os autores experimentam diferentes abordagens para

aperfeiçoar seus códigos. Embora seja uma área com diversas barreiras para sua compreensão, sua relevância a torna um objeto de estudo desejável e que deve ser apreendido pelos pesquisadores da Ciência da Informação.

Dentro do amplo conceito de LLM, fundamental para a IA Generativa, a contribuição da Ciência da Informação pode ser decisiva para que melhores resultados sejam alcançados com essa tecnologia. Conjuntamente com a colaboração que a Ciência da Informação pode fornecer aos resultados técnicos dos LLMs, também está dentro do domínio da Ciência da Informação abordar aspectos sociais e políticos que não estão presentes nos trabalhos científicos destinados à área de computação.

O entendimento dos LLMs envolve a compreensão de diversos conceitos. Dentre os principais conceitos para a correta compreensão dos LLMs e que possuem uma relação direta com a Ciência da Informação, estão o conceito de Pré-treinamento, Tokenização e Atenção. Esses conceitos são relevantes pois são os que mais próximos trabalham com o conceito de informação, tanto o entendido por Shannon (1948), conhecimento comunicado, quanto se aproximam do objetivo de entendimento de semântico defendido por vários autores da CI (Capurro; Hjørland, 2007). Eles estão perfeitamente alinhados ao campo de estudo da Ciência da Informação, pois lidam com a organização dos dados, sua indexação, e atribuição de significados.

O desenvolvimento dos grandes modelos de linguagem - LLM se intensificam a cada dia, e cada vez mais se aperfeiçoam com o uso de bases de dados maiores para seu treinamento. Como resultado dessa pesquisa, foi levantado mais de dez modelos LLM, muitos deles publicados há pouquíssimo tempo, tanto privados, quanto de código aberto que podem ser analisados individualmente ou em conjunto por pesquisadores da Ciência da Informação.

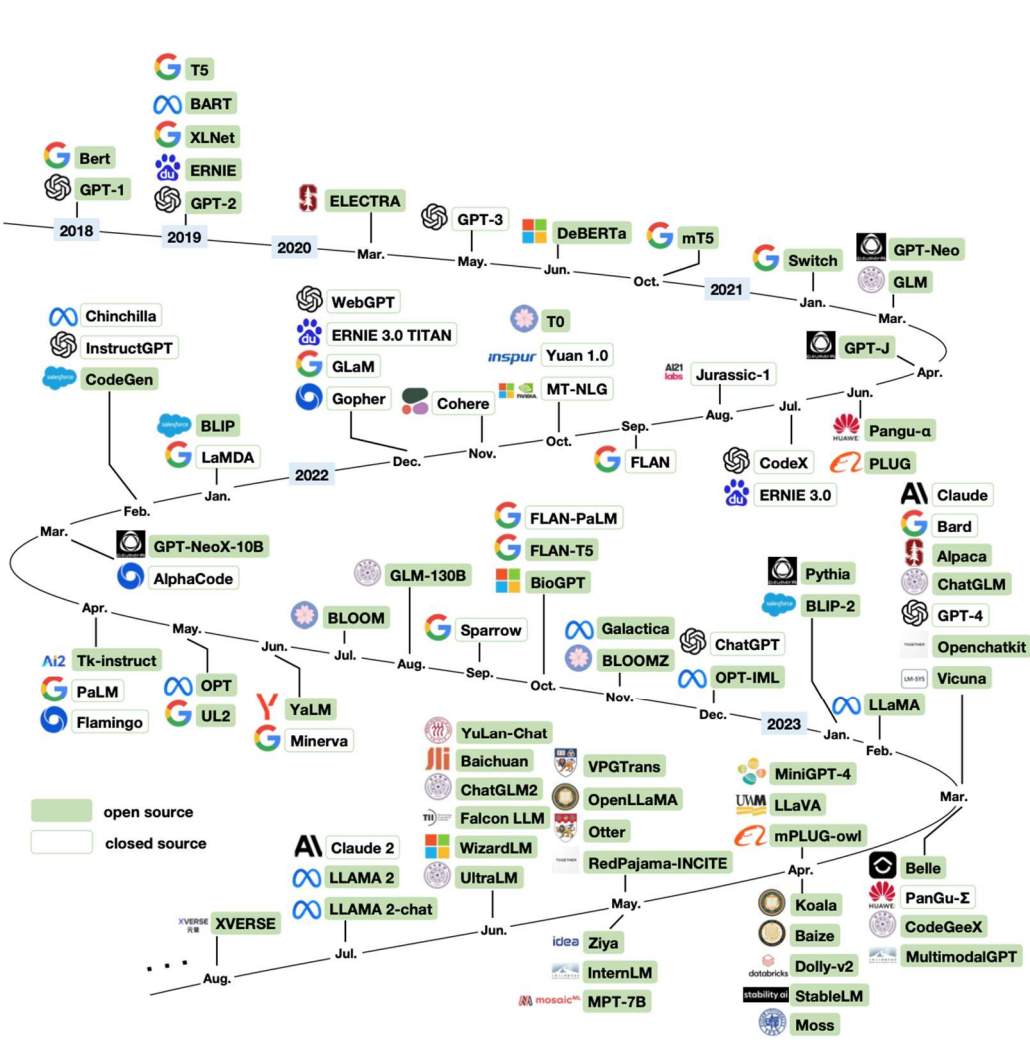


Figura 1. Ordem cronológica de modelos LLM (Gao *et al.*, 2023)

LIMITAÇÕES, CONTRIBUIÇÕES E SUGESTÕES

O presente trabalho apresenta algumas limitações, especialmente pelo modo de seleção da metodologia adotada para a pesquisa. Também exibe lacunas em relação à necessidade de domínio de conhecimentos externos ao campo da Ciência da Informação para a melhor compreensão da área estudada.

Considerando tais limitações, o trabalho também traz contribuições importantes. Ele representa um passo inicial na introdução de conceitos científicos da IA Generativa ao público de fora da área de programação, especialmente para a área de Ciência da Informação, trazendo a relação com os conceitos que os pesquisadores do campo conhecem e dominam. Também é uma importante contribuição em relação a trabalhos no idioma português, fato revelado pela ausência de trabalhos publicados com os termos pesquisados.

Esse estudo pode ser continuado e ampliado de diversas formas. Dentro os possíveis caminhos que se pode avançar, está o relacionamento dos conceitos com outras áreas da Ciência da Informação. Também pode se aprofundar nos conceitos abordados e evidenciar discussões técnicas, sociais e políticas fundamentais à Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

BORKO, H. Information science: What is it?. *American Documentation*, [*s. l.*], v. 19, n. 1, p. 3–5, 1968.

BUCHANAN, B. G. A (Very) Brief History of Artificial Intelligence. *AI Magazine,* [*s. l.*], v. 26, n. 4, p. 53–53, 2005.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [*s. l.*], v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360. Acesso em: 5 abr. 2024.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venancio Majer. 24ª ediçãoed. [*S. l.*]: Paz & Terra, 2013.

CHUKHLOMIN, V. *Tailoring Generative AI Integration to Institutional Specifics: Introducing the EMERALD-RING Framework*. Rochester, NY: [*s. n.*], 2024. SSRN Scholarly Paper. Disponível em: https://papers.ssrn.com/abstract=4784660. Acesso em: 22 jun. 2024.

DAY, R. E. Prefácio. *In*: BRIET, S. *What is Documentation?* Tradução: Laurent Martinet; Hermina G. B. Anghelescu. Lanham, Maryland, Toronto, Oxford: Scarecrow Press, 2006.

DINE, F.; HORROCKS, I. *Future Learning Landscapes: Overcoming Challenges with Generative AI Integration.* [*S. l.*]: Unpublished, 2024. Disponível em: https://rgdoi.net/10.13140/RG.2.2.18535.25764. Acesso em: 23 jun. 2024.

GAO, K. *et al. Examining User-Friendly and Open-Sourced Large GPT Models: A Survey on Language, Multimodal, and Scientific GPT Models*. [*S. l.*]: arXiv, 2023. Disponível em: http://arxiv.org/abs/2308.14149. Acesso em: 28 jun. 2024.

MACLENNAN, B. History of Artificial Intelligence Before Computers:. *In*: KHOSROW-POUR, D.B.A., M. (org.). *Encyclopedia of Information Science and Technology, Second Edition*. [*S. l.*]: IGI Global, 2009. p. 1763–1768. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2024.

MALODE, V. M. *Benchmarking public large language model*. 2024. PhD Thesis - Technische Hochschule Ingolstadt, [*s. l.*], 2024.

MOHER, D. *et al.* Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, [*s. l.*], v. 24, n. 2, p. 335–342, 2015.

NAVEED, H. *et al. A Comprehensive Overview of Large Language Models*. [*S. l.*]: arXiv, 2024. Disponível em: http://arxiv.org/abs/2307.06435. Acesso em: 26 jun. 2024.

OTLET, P. *Tratado de documentação: o livro sobre o livro : teoria e prática.* Tradução: Taiguara Villela Aldabalde *et al.* [*S. l.: s. n.*], 2018. Disponível em: Acesso em: 27 abr. 2024.

QUANTUMBLACK; MCKINSEY. *The state of AI in early 2024: Gen AI adoption spikes and starts to generate value*. [*S. l.*]: McKinsey Global Publishing, 2024. Disponível em: Acesso em: 22 jun. 2024.

REZNIKOV, R. Leveraging generative ai: strategic adoption patterns for enterprises. *MODELING THE DEVELOPMENT OF THE ECONOMIC SYSTEMS*, [*s. l.*], n. 1, p. 201–207, 2024.

SHANNON, C. E. A mathematical theory of communication. *The Bell System Technical Journal*, [*s. l.*], v. 27, n. 3, p. 379–423, 1948.

TURING, A. M. Computing Machinery and Intelligence. *Mind,* [*s. l.*], v. 59, n. 236, p. 433–460, 1950.

WIENER, N. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. Tradução: José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

WOODSMALL, M.; WOODSMALL, W. L. *The future of learning: the Michel Thomas method: freeing minds one person at a time*. Great Falls, Va.: Next Step Press, 2008.

WOOLDRIDGE, M. *A Brief History of Artificial Intelligence: What It Is, Where We Are, and Where We Are Going*. New York: Flatiron Books, 2021.

ZHANG, E. Y. *et al.* From Turing to Transformers: A Comprehensive Review and Tutorial on the Evolution and Applications of Generative Transformer Models. *Sci,* [*s. l.*], v. 5, n. 4, p. 46, 2023.

PRÁCTICAS INFORMACIONALES EN LA CURADURÍA DE LA ASOCIACIÓN MUSEO HILDA MARÍA

Ivette Kafure Muñoz
Universidade de Brasília

Patricia Kafure Muñoz
Consultoria Metas, Limitada, Mozambique

Claudia Kafure Muñoz
Fundación Alzheimer, Colombia

Resumen: Este artículo trata de la pintora, escultora, curadora y gestora cultural Hilda María, quien hizo de su casa un museo, un lugar de memoria y prácticas informacionales que abren espacio a la interlocución e intercambio de saberes entre el público, su obra y su arte al narrar sobre las costumbres de la comunidad de Yumbo, La Cumbre y el Centro Poblado de La Ventura del Departamento del Valle del Cauca, en Colombia. Su fallecimiento y la necesidad de continuar con la curaduría de su legado conllevaron a la creación de un grupo de guardianes de su obra, que se autodenomina Asociación Casa Museo Hilda María, como también a una investigación de abordaje cualitativo, descriptivo, exploratorio y participativo; con técnicas de colecta como la observación, entrevistas semi estructuradas y abiertas tanto en las exposiciones, como en otros momentos, considerando la participación y representación de la comunidad. El museo de la artista, como lo plantean los resultados, relaciona temáticas inspiradas en la colectividad y al mismo tiempo su obra ha servido de referente para la comunidad, al existir una un intercambio de saberes, de prácticas informacionales y culturales entre la gestora cultural y la comunidad, en aspectos tan relevantes como el sentido de pertenencia, el arraigo a las costumbres lugareñas, la sensibilidad hacia la naturaleza y el fortalecimiento de los valores espirituales. Lo que ha conllevado a una curaduría colaborativa que promueve la reflexión sobre narrativas, la comunicación múltiple, el intercambio de saberes y la democratización del saber construido a partir de experiencias, procesos y exposiciones colectivas, para la constitución de un acervo incluyente (accesible) y diverso con la representación de la cultura y la identidad, además de contemplar la diversidad de géneros artísticos, literarios y temáticas de interés para la comunidad.

Palabras clave*: Casa museo; Prácticas informacionales; Curaduría colaborativa; Comunidad; Obra artística.*

INTRODUCIÓN

La maestra Hilda María Muñoz Ramírez (Artesana, Escultura, Pintora y Poeta) nació en la vereda la Ventura, del Municipio de La Cumbre, Valle del Cauca en Colombia (Figura 1). Falleció el día 07 de febrero de 2022, dejando un extenso legado artístico, tantos recuerdos y mucho amor con su hijo e hijas, nietos(as), bisnietos(as) y amigos(as).

Figura 1. Hilda María en la Casa Museo en Yumbo, Colombia. Fuente: Asociación Casa Museo Hilda María (CaMuHiMa)

A lo largo de su vida, la gestora cultural y artista plástica Hilda María hizo de su casa un Museo, donde tenía sus obras expuestas permanentemente y acostumbraba a recibir visitas para dialogar, narrar y explicar el significado de estas (Figura 2).

Figura 2. La artista y curadora Hilda María Fuente: Autoría propia (2021)

Esta artista plástica fue ante todo una mujer mística, practicaba yoga, meditación, le gustaba la alimentación natural y la medicina alternativa. Fue una mujer luchadora, que trabajó incansablemente en la producción artística, inclusive se caracterizó por su amor a la naturaleza, el arraigo a su tierra y su gran fe católica, reflejada en sus imágenes religiosas. El estilo de sus obras es de tipo costumbrista y ellas cuentan sobre recuerdos de su infancia en la Cumbre, autorretratos, festejos familiares, paisajes, ángeles y eventos religiosos (Figura 3).

Figura 3: El Resucitado en la procesión en la Semana Santa.
Fuente: Autora: Hilda María Muñoz Ramírez. La obra original está en el Museo Belalcázar de Yumbo. Técnica de la obra: acuarela. Medida: 93 x 65

Durante su trayectoria artística participó de varias exposiciones en el municipio de Yumbo, siendo reconocida localmente como “Gestora Cultural del Municipio de Yumbo” y como pintora de los ángeles, como lo informa el catálogo de la exposición individual “Toda una vida artística en Yumbo” organizada por el Instituto Municipal de Cultura de Yumbo[27] (IMCY, 2008) en la Semana Santa de 2008 (Figura 4) y por la Resolución No. 144 de mayo 13 de 2008 y por el Consejo Municipal de Yumbo a través de la Resolución No. 100 del 02 de marzo de 2022.

Figura 4: Toda una vida artística en Yumbo. Fuente: Instituto Municipal de la Cultura de Yumbo y la obra de Hilda María (2008)

Es de reconocer el trabajo con la comunidad que tenía la maestra Hilda María en el que dedicaba días a enseñar el arte de pintar a niños(as), a donde fuera invitada, su amor por Yumbo, su legado artístico y todo el cariño que tuvo por su gente. Algunas obras de Hilda María pueden ser apreciadas en el Instagram del Instituto Municipal de Cultura de Yumbo (IMCY, 2022).

Después del fallecimiento de la maestra Hilda María se reunió un grupo de por familiares, amigos(as), admiradores y conocedores de su obra artística, tales como (en orden alfabética), Alan, Alba, Claudia, Claudia Patricia, Diego, Ivette, James, Jorge, Jorge Eduardo, Julio, Lucy, Martha, Óscar, Patricia, Piedad, Ruth, Rosita, siendo oficializada posteriormente la Asociación Casa Museo Hilda María (CaMuHiMa), con algunos de ellos, el 3 mayo de 2022, por la Cámara de Comercio de Cali (Cámara de Comercio de Cali, 2022; Casa Museo Hilda

[27] El Instituto Municipal de Cultura de Yumbo es un Instituto Descentralizado, del orden municipal mediante Decreto 003 de diciembre 30 de 1998, creado en sus inicios como Casa Cultural de Yumbo en el año 1985 (IMCY, 1985).

María, 2022), constituyéndose también en vigías del patrimonio de la obra artística de Hilda María.

La maestra Hilda María, dentro de sus actividades como curadora, expuso sus obras en diferentes espacios, como en el IMCY. En esa misma línea, en CaMuHiMa se tomó la decisión de continuar con la curaduría de la maestra y fueron organizadas exposiciones itinerantes con la invitación y el soporte del IMCY, en la sala de exposiciones del IMCY, en memoria de la pintora Hilda María; en El Parque Lineal; en La Feria de Patrimonio de Yumbo y en el Museo San Sebastián de Yumbo, lo cual permitió que la comunidad, especialmente las(os) estudiantes, tuvieran acceso fácilmente a sus obras; además de promover en cada participante la sensibilidad frente a la riqueza cultural de la región.

PRÁCTICAS INFORMACIONALES EN LA CURADURÍA DE LA OBRA ARTÍSTICA

Teniendo en cuenta la necesidad de proseguir con la curaduría de la maestra, han sido realizadas varias prácticas informacionales, como la de divulgar la casa museo, entre otras, en el espacio virtual llamado #JuevesDePatrimonio del IMCY (IMCY, 1985), que es una iniciativa que busca recordar la historia, dirigido por el Lic. Jorge Libreros Caicedo y que el 17 de marzo de 2022, tuvo lugar en la Casa Museo en Yumbo, con el tema ¿Sabías qué en el municipio de Yumbo hay una casa museo? ¡Momentos de la historia para recordar!, que puede ser consultado en enlace: https://www.facebook.com/watch/?v=281982737421338. Hilda María convirtió su casa en un museo y ahora como planteado por CaMuHiMa es oportuno continuar.

Y, para continuar es necesario recordar las actividades en la curaduría de la maestra Hilda María, quién además de pintar, escribir poemas, narrativas, entre otros, organizó y realizó varias exposiciones, tales como:

1993. El arte en el Parque, Parque Bolívar. Yumbo.
1993. Exposición Colectiva, Cámara de Comercio. Yumbo.
1994. Sala de Exposiciones, Casa Cultura (Como ella llamaba el IMCY). Yumbo.
1995. Artistas de Yumbo, Cámara de Comercio. Yumbo.
1997. Salón de Artistas de Yumbo, Cámara de Comercio de Cali.
1998. Casa Cultural de Yumbo, Ecoarte Parque Uribe, Alcaldía Municipal.
1998. Salón de Artistas de Yumbo, Cámara de Comercio de Yumbo.
1999. Artistas por la municipalidad, (IMCY).
1999. Salón de Artistas de Yumbo, Cámara de Comercio de Cali.
2000. Salón de Octubre. Cámara de Comercio de Cali.
2005. Supermercado Belalcázar, “Rescatando la memoria visual de Yumbo”.
2014. IV Exposición Religiosa “Tradición, Memoria y Fe”. El viacrucis de Jesús.

También rememorar el primer lugar de la maestra Hilda María con el cuadro “La llegada del tren a Yumbo” en el concurso promovido por el Supermercado Belalcázar, “Rescatando la memoria visual de Yumbo” (Figura 4). Como también los homenajes:

2014. IMCY. Reconocimiento por representar el Patrimonio Cultural Inmaterial Religioso de la comunidad Yumbeña en la IV Exposición Religiosa “Tradición, Memoria y Fe”.
2020. Homenaje de “La Casa de la Cultura” en la celebración del día del artista (la maestra Hilda María llamaba el IMCY de “casa de la cultura” debido al nombre inicial de esta institución[2], lo que indica un nexo con el IMCY desde los años 80).
2022. IMCY. Exposición en memoria de la maestra Hilda María la pintora de los Ángeles.

Figura 4. La llegada del tren a Yumbo. Fuente: Autora Hilda María Muñoz Ramirez. Gano el 1er lugar con el cuadro “La llegada del tren a Yumbo” en el concurso promovido por el Supermercado Belalcázar, “Rescatando la memoria visual de Yumbo”. Técnica de la obra: óleo. Medida: 87 x 69. Año: 1987

Las prácticas informacionales de la curaduría de CaMuHiMa se han direccionado al fortalecimiento, la preservación y la divulgación del legado de la artista, conservar su casa, sus obras y sus cuadros, junto a la comunidad y a un público más amplio. Considerando que las temáticas de la artista son un referente de la comunidad, en aspectos tan relevantes como el sentido de pertenencia, el arraigo a las costumbres lugareñas, la sensibilidad hacia la naturaleza y el fortalecimiento de los valores espirituales entre otros que se plantean en su trabajo.

Continuando con la curaduría de la maestra Hilda María, la asociación CaMuHiMa realizó las siguientes actividades durante el año de 2022:

- Restauración de algunos cuadros con el Señor James Dimate Angel, con quien la maestra Hilda María restauraba sus cuadros, como ilustrado en el enlace: https://drive.google.com/file/d/1Wgqhj1Qk71dWU4InCxCw7-TcGGC_58wp/view?usp=sharing. Obras que fueron expuestas en la “Exposición en memoria de la maestra Hilda María la pintora de los Ángeles”. El maestro hace un recorrido por algunas de sus obras, disponible en: https://drive.google.com/file/d/151cZbUzljDUJLmOfppSf8uyj4qz9bQQ4/view?usp=drive_link

- La primera exposición póstuma de sus obras con el apoyo del IMCY, realizada del 25 de julio al 13 de agosto de 2022. Tuvo la colaboración de todos los miembros de CaMuHiMa de una u otra manera. A partir del catálogo elaborado por la maestra Hilda María, fueron descritas varias de las obras, en acuarela, cerámica, técnicas mixtas, como puede ser ilustrado en el enlace: https://drive.google.com/file/d/18p0X1D1ErVfK3lwiBJPJRwCb20OCQd0J/view?usp=sharing y la divulgación del evento con el comunicador Marco Fidel Suárez Arciniegas en el enlace: https://drive.google.com/file/d/1EPO33FCrNCF8866EKXEMCYW-5bsseJ3A/view?usp=sharing

- VI Feria del Patrimonio de Yumbo el 21 de octubre de 2022. Se participó con un stand, como puede ser iustrado en: https://drive.google.com/file/d/17YoE-N4ewYa7K0Od-PSs_Tub9L25DeZe/view?usp=sharing. Se recogieron firmas para solicitar el reconocimiento de la obra de la maestra Hilda María como patrimonio cultural de Yumbo. CaMuHiMa recibió un reconocimiento especial por la asistencia y participación por parte del IMCY.

- Carnaval y noche de los Andes el 1 de diciembre de 2022 en el Museo San Sebastián. Se continúo con la petición de firmas. Se llevó la reproducción de algunas láminas de los

cuadros de la maestra Hilda María. Se le explicó a toda la gente que no conocía CaMuHiMa y se describió sobre el Museo.

- Postulación en el Sistema de Información de Museos Colombianos – SIMCO de la Casa Museo Hilda María para ser reconocida como una Entidad Museal.

- CaMuHiMa participó de 3 exposiciones realizadas en la ciudad de Yumbo con el apoyo del IMCY, entre mayo de 2023 y mayo de 2024. Dos de las exposiciones se realizaron en espacios abiertos, la exposición de la Semana de la Municipalidad en Yumbo, en el Parque Lineal de Yumbo, el 11 de mayo de 2023; en el Parque Belalcázar, donde se llevó a cabo la VII Feria del Patrimonio de Yumbo, el 16 noviembre de 2023; y, La tercera exposición se realizó dentro de la institución educativa Héctor Alfonso Saavedra el 10 de mayo de 2024, como lo ilustra: https://drive.google.com/drive/folders/1cK4nmrbz2OLUwFK2M7Jbq1jRq_XR6xGe

Estas actividades han sido muy importantes para el reconocimiento póstumo de la maestra y gestora Hilda María en la creación y desarrollo del museo y sus obras. Pretendiendo fortalecer la Casa Museo Hilda María, aunando la asociación como vigías del patrimonio cultural de CaMuHiMa.

HILDA MARÍA, EL ESPACIO FÍSICO DE LA OBRA ARTÍSTICA Y EL PÚBLICO

La Asociación Casa Museo Hilda María continua con el mismo direccionamiento de la maestra Hilda María, como es atender las necesidades informacionales de su público, que incluye tanto de los vigías del patrimonio de CaMuHiMa (público interno), como La Comunidad de Yumbo, La Cumbre, La Ventura, entre otros (público externo), en un curaduría participativa.

Entre las prácticas informacionales vinculadas a los vigías del patrimonio en la curaduría de la obra de Hilda María, se encuentra el cuidado del espacio físico de la casa museo que alberga la creación artística de maestra. De esta manera para preservar, los cuadros, las poesías, los escritos, las fotos, la producción artesanal, la cerámica, y demás tipos de su producción, ha sido necesario, entre otros, la rehabilitación de la casa, la construcción de una pared divisoria, para separar la casa museo, de la casa vecina que en años anteriores constituían una sola casa, desmontar y montar el techo nuevamente, repellar, estucar, pintar las paredes, reformar el baño. Lo que ha demandado tiempo y recursos desde el año 2022 hasta este año 2024.

Las diferentes exposiciones descritas en los ítems anteriores han sido relevantes para establecer una aproximación y un mejor conocimiento del público, siendo aplicada la metodología de abordaje cualitativa, descriptiva, exploratoria y participativa; con las técnicas de colecta como la observación, entrevistas semi estructuradas y abiertas tanto en las exposiciones, como en otros momentos, considerando la participación y representación de la comunidad.

Con relación a la participación del público, la información sobre la asistencia numérica a las exposiciones fue proporcionada por el IMCY. Así, fue informado que en las exposiciones en las que CaMuHima participó se contó con la asistencia de cerca de 1.500 personas en su mayoría habitantes de la ciudad de Yumbo, de ambos sexos, entre los 7 y los 75 años, de las cuales alrededor de 1.350 eran estudiantes de primaria y bachillerato pertenecientes a varias instituciones educativas públicas locales, y aproximadamente 250 eran personas que se encontraban transitando alrededor de los lugares de las exposiciones y se interesaron en recorrerlas. En la exposición realizada en la institución educativa Héctor Alfonso Saavedra,

participaron alrededor de 50 alumnos de primaria y unos 10 profesores del plantel, habitantes de la ciudad de Yumbo, de ambos sexos, en edades comprendidas entre los 5 y los 50 años.

La experiencia de las prácticas informacionales en la curaduría colaborativa en las diferentes exposiciones y actividades ha permitido a los miembros de la Asociación de CaMuHima constatar que los cientos de personas que pudieron acompañar la maestra Hilda María y su obra la siguen recordando, a ella y a su obra, y también demuestran interés por el destino y continuación de su legado artístico ahora que ella no está.

El foco en esta investigación son las personas, su percepción, los aspectos emocionales, cognitivos, culturales en la interacción con la obra de la maestra Hilda María y sus significados en una curadoría colaborativa. Las experiencias crean valor agregado al envolver y establecer una relación con el público de una manera personal (comprendiendo este emocionalmente). Involucrando la atención e interés personalizados para el público (Fitzsimmons y Fitzsimmons, 2005; Bateson y Hoffman, 2001; Kafure; Pereira, 2018). La subjetividad "no ambiciona encuadrar al sujeto en una categoría teórica explicativa, sino aprender de su singularidad" (Tacca; Rey, 2008).

En esta investigación, como parte del desarrollo de la curaduría colaborativa de la obra de la maestra, el público ha tenido la palabra. Es así como también, fue aplicado un instrumento de coleta con cinco preguntas[28], vía virtual, que ilustra, como los asociados (público interno), personas que conocían sobre Hilda María y su obra, que realizaban y realizan prácticas informacionales en la curaduría participativa de su obra. Los asociados, fueron manifestándose sobre las preguntas, como en un cuaderno que la maestra Hilda María ofrecía para quién llegaba en su casa, para escribir y dejarle sus mensajes. A seguir, son ilustradas las respuestas a la primera pregunta sobre quién era y lo que significaba para cada uno La maestra Hilda María:

> Cuando la conocí digo que era como una Mujer mágica desde el momento que la vi así lo sentí, luego, me contaba de cada una de sus obras exhibidas en el corredor y cada una tenía una historia bien interesante, o bien inspirada por la virgen Santísima o por su familia. Siempre me decía hermosa como si intuyera que dentro de mí faltara algo. Y creo que eso significa para mí HM magia, empatía, sensibilidad y razón
>
> La maestra Hilda para mí una mujer encantadora llena de talento y virtudes
>
> Una gran maestra, que dejo muchas enseñanzas en el arte, el respeto, la dedicación de salir adelante día a día y no limitarse para crear y difundir nuestras virtudes.
>
> La maestra Hilda María es inspiración, admiración total, mujer dedicada al arte lo plasmo en diversas formas: escritos, poesía pintura -acuarelas óleos dibujos - esculturas, su gran conocimiento dan como resultado una amplia colección de obras diversas.
>
> Hilda María es un ser muy especial que aún después de su partida, nos sigue enseñando y dando valiosas lecciones de vida. Desde su silencioso y continuo hacer, como una hormiguita, trabajó incansablemente tanto en el arte como en el servicio y apoyo espiritual a las personas que encontraba en su camino. En su obra se refleja su gran sensibilidad y entrega hacia los demás, su increíble capacidad de ver los más pequeños detalles y entrar en el mundo interior de las otras personas, atravesando todo con su mirada amorosa para transformarlo en algo bello y lleno de significado.

[28] Las cinco preguntas del instrumento de colecta fueron: 1. ¿Quién era o que significa para Usted la maestra Hilda María?; 2. ¿Qué es lo más le gusta y/o le llama atención de sus obras?; 3. ¿Que representa la obra de la maestra Hilda María para la comunidad y para el arte en Yumbo y la región?; 4. ¿Qué significa para Usted ser un vigía del Patrimonio del acervo cultural de Hilda María?; 5. ¿Cuál ha sido su experiencia personal de colaborar y/o participar, de una u otra forma, en las exposiciones de la obra de la maestra Hilda María?

> Hilda María fue una gran maestra que, sin la pretensión de serlo, y dando rienda suelta a su gran amor por el arte, fue construyendo un relato que nos invita a volver la mirada hacia nosotros mismos, hacia lo que somos, el territorio que habitamos y esas singulares costumbres que nos conectan con una historia que nos hace únicos.
>
> La maestra Hilda María fue una mujer consagrada al arte con una capacidad amplísima que le permitió expresar el arte desde diversas formas escritora poeta escultora y pintora.
>
> Era la representación de la sencillez, expresada en su sonrisa, en el agradable tono de su risa, en su trato abierto y desprevenido con los demás y quien al final se revistió con un gran manto de espiritualidad reflejado en su gran amor a Dios, a la Virgen y a sus ángeles y su dedicación a la oración. Por tal razón, ha sido llamada “La Pintora de Los Ángeles”, pues su obra en gran parte fue dedicada a ellos.
>
> Ella fue una mujer muy especial, sensible y espiritual que dedico su vida al arte especialmente la pintura, la cerámica y las artesanías, adoraba la música clásica. Ya adulta se dedicó con mucha persistencia a estudiar pintura y escultura. Ella fue una mujer luchadora, su vida fue marcada por varios momentos de dolor y sufrimiento especialmente después de la pérdida de su hijo y de una prolongada enfermedad de la cual falleció en febrero de 2022.
>
> Hilda María fue una mujer iluminada, nunca desfalleció ante los obstáculos, vivió, entrego y se transformó en cada instante de su camino. Su contribución de vida se fundamenta en el arte y en la profundidad de su alma y pensamientos.
>
> Doña Hilda fue una mujer muy especial, bondadosa, dotada de razón y poseedora de una identidad propia, sociable y muy simpática a la hora de tratarla.
>
> Significó para mí un ser de luz llevando consigo un mensaje lleno de espiritualidad y mucho amor.
>
> La señora Hilda María para mí era la señora de Los Ángeles, la que transmitía una energía positiva para las personas que ella les hablaba de estos hermosos seres espirituales.
>
> A Hilda María la conocí desde niño. Más de 60 años. Siempre la vi como una señora amante de la naturaleza y de mucha fe y conectada con las cosas espirituales.

La segunda pregunta del instrumento de colecta fue realizada para saber sobre lo que más le gustaba a los asociados y a los asociados honorarios de las obras de Hilda María y/o les llamaba la atención, a lo que fueron respondiendo:

> Bueno cuando observo sus obras es como si contara un recuerdo, una experiencia, una emoción una vivencia de su infancia, del día a día y de lo que significaron sus hijos.
>
> Lo que me llama más la atención de sus obras la llegada tren porque a yumbo porque ella siempre pensaba el medio de trasporte para su pueblo.
>
> Su variedad de técnicas y la forma en que las combina en sus obras.
>
> Lo que más me gusta y admiro de la obra de Hilda María es la diversidad, esa capacidad tan grande que tenía para expresar, registrar y plasmar en tan diferentes formas, el arte y la cultura, el amor infinito en cada una de sus obras, amor a la familia, sus hijos, sus familiares, sus amigos, amor a la naturaleza, amor a su tierra, respeto a sus antepasados, a su historia.
>
> De su obra me gusta ese estilo tan particular de percibir la realidad, llena de detalles y coloridos donde lo que importa no es la perfección de los trazos, sino lo que quiere representar, es una obra que siempre trae un significado y una historia que se está contando. Me gusta mucho los colores que usa y también la manera en que plasma los más mínimos detalles a los que ella da mucha importancia y los cuales denotan mucha profundidad en su ser interior.

Dentro de sus obras lo que más me llama la atención era con la facilidad con la que ella lograba escribir poemas homenajes, frases exaltando a las personas, para cada una tenía esa nota especial en sus fechas.

Su autenticidad, tanto en sus pinturas como en sus escritos y poesías, reflejaba su sensibilidad, la expresión de su ser espiritual del cual venia su inspiración. Por eso encontramos esa gran variedad en su arte, las personas, un niño, un animal, la naturaleza, el campo, el espacio que nos rodea, las costumbres de la gente en nuestra región. En fin, todo era motivo para darle espacio en su inspiración.

Sus obras son muy originales pues ella creo su propio estilo una mezcla de bucólico, costumbrista e impresionista, también escribió algunos cuentos y varios poemas. Algunas de sus obras son verdaderas obras de arte como la Llegada del tren a Yumbo, el trapiche, el mercado, aparición de las Vírgenes y otros. Algunos de sus cuadros representan poemas escritos por su hija Patricia,

Su creatividad, su entrega en el arte, su sentir en el arte, bella Doña Hilda.

Su forma de manifestar y de transmitir de la manera más natural recogiendo una serie de recuerdos y de experiencias e historias propias y ajenas evocando en ellas un recuerdo de su pasado para darlo a conocer en el presente.

La línea de tiempo que realizó con la historia de nuestro municipio de Yumbo.

Sus obras narran momentos de su historia personal y retrata pasajes de su infancia y recuerdos familiares o tradiciones de los lugares donde vivió.

En la tercera pregunta fue consultado sobre lo que representaba la obra de la maestra Hilda María para la comunidad y para el arte en Yumbo y la región, a lo que dijeron:

Pienso que debería significar historia porque a través de sus pinturas cuenta precisamente momentos de cada tiempo o época del municipio y estos dos elementos arte e historia son un inmenso patrimonio en Yumbo. Dado que el relevo generacional cada vez toma auge y sobre todo las costumbres se van modificando a la modernidad que trae consigo también la ciudad que quede a unos pasos del municipio, si ocurriera que aquí siempre hablara de arte o de museos la adolescencia y la juventud que son tan agobiadas por los círculos vicioso de la vida ocio, la perspectiva de su Territorio sería diferente.

La obra de la maestra Hilda representa arte cultura las cosas maravillosas que pasan en abundancia en nuestro pueblo.

Representa la historia de momentos únicos, lugares representativos, tradiciones religiosas y culturales, que se dan a conocer a las personas que visitan a yumbo.

La obra de la maestra Hilda María dentro de la comunidad de Yumbo, La Cumbre y la región genera admiración y respeto por su legado extenso y diverso; recordada como la Pintora de Ángeles , por su extensa colección de obras de contenido religioso - Ángeles, vírgenes, Procesiones de Semana Santa, momentos que reflejan la vida de Jesucristo: Natividad , crucifixión- todas hermosas. Obras que reflejan momentos significativos en la historia de los municipios de Yumbo y la Cumbre La majestuosa obra de la llegada del tren a Yumbo, la estación y el mercado alrededor del tren, y la muy emotiva obra El Trapiche, Reunión y jolgorio familiar - su familia de músicos, trovadores - en el patio de la casa de la Ventura, zona rural del municipio de la Cumbre. Entre muchísimas más obras.

La obra de Hilda María es una oportunidad para que la comunidad de Yumbo reconozca su riqueza cultural, su historia, las costumbres ancestrales de sus antepasados y se apropien de ella. En esa medida también pueden convertirse en un referente del arte a nivel regional.

Ella representa para mí y para la comunidad un bonito recuerdo, es en su arte religioso donde mucha gente la recuerda con las pinturas de Los Ángeles en cuadros que luego las convirtió en pequeñas tarjetas con las oraciones y solía ofrecerlas en la comunidad, muchas personas las conservan con cariño expresado, llamada Pintora

> de Ángeles era lo que ella más promovió. Su típico color naranja en su cabellera y la señora que los niños la recuerdan como la señora del cabello "Zapote" (anaranjado).
>
> Un legado artístico de gran valor que debe ser reconocido y valorado por nuestra comunidad y nuestros gobernantes, dándole una posición importante dentro de las diversas manifestaciones artísticas.
>
> Algunas de sus obras son de carácter costumbrista y representan algunas escenas tradiciones de Yumbo y de La Cumbre donde ella nació, paisajes de la región y otras de carácter religioso, ella represento escenas de la semana Santa, de Vírgenes y especialmente de Ángeles. Durante 2 años estuvo a producir con tinta china setenta y dos dibujos de los Ángeles, fue un trabajo muy edificante, ella dice que vendió muchos que hasta perdió la cuenta, además de los milagros que sus ángeles producían en las personas que los adquirían, por este motivo la llamaban de “Hilda María, la pintora de los Ángeles”
>
> Representa la cultura, el movimiento, las reuniones, la vida en comunidad.
>
> Una muestra cultural y personal llena de enseñanzas por medio de diferentes técnicas como el óleo, la acuarela, acrílico, tiza pastel y lápiz.
>
> Es un legado que deja en la historia para los yumbeños, para la historia y para nuestro patrimonio cultural.
>
> Su obra representa las tradiciones y costumbres de antaño de Yumbo, la Cumbre y la Ventura lugar donde nació.

Es posible observar como las respuestas describen el nexo existente entre la maestra Hilda María, su obra artística, el espacio físico de la casa museo, la comunidad. Como también, la admiración, valorización y afecto que su público ha tenido por la maestra y su obra artística.

CURADURIA, VIGÍAS Y PRÁCTICAS INFORMACIONALES DEL PÚBLICO

Con relación a la curaría y a las prácticas informacionales como vigías del patrimonio se han realizado varias actividades, tales como:

- Selección y organización de algunas obras de la maestra Hilda María en las diferentes exposiciones, como también en la sala principal de la casa Museo Hilda María (CaMuHiMa), para el montaje de la exposición permanente.
- Las exposiciones indicadas que fueron organizadas por los miembros de CaMuHiMa, con el apoyo puntual del Instituto Municipal de Cultura de Yumbo (IMCY).
- Todas las obras para restauración de la estructura física de la Casa Museo junto a los miembros de CaMuHiMa, como la contratación de personas externas.
- La organización y la parte administrativa de toda la documentación necesaria ante la Cámara de Comercio, entre otros, para el funcionamiento de la Asociación CaMuHiMa.

Teniendo en cuenta que la labor y el perfil de un vigía del patrimonio están relacionados con la identificación, valoración, protección, recuperación y difusión del patrimonio cultural, para mantener vivas las raíces y permitir reconocer la propia historia, es descrito, a seguir, las respuestas de los socios y de los socios honorarios de CaMuHiMa relacionadas a la cuarta[3] pregunta del instrumento de coleta, para conocer sobre el significado existente entre los asociados y los asociados honorarios sobre lo que sería un vigía del patrimonio del acervo cultural de Hilda María:

> En ese orden de ideas, ser vigía del patrimonio es la oportunidad misma de prolongar los relatos históricos de esas épocas, sus vivencias, dificultades, ritos, entre otros, que cuenta HM en sus obras y arte.
>
> Para mí ser un vigía cuidar sus obras y dar a conocer sus obras a las personas que no conocen de ella.
>
> Poder cuidar las obras que estén en perfecto estado para su exposición y así explicar la técnica realizada, significado y valor cultural para la comunidad.
>
> Ser Vigía del Patrimonio Cultural de la maestra Hilda María es ante todo un orgullo y un gran compromiso para generar recordación entre la comunidad de esta región y expandir -aprovechando los medios tecnológicos -su obra a muchos otros lugares del mundo. Su obra debe ser preservada ante todo.
>
> Ser vigía del patrimonio del acervo cultural de Hilda María significa que hay un espacio de trabajo para contribuir con la difusión de la cultura de la región y sus costumbres con el fin de generar una mayor valoración de la propia historia.
>
> Ser vigía del patrimonio cultural en especial de la maestra Hilda María a la que tuvimos el placer el honor de conocer es un gran compromiso que nos llena de orgullo y vamos a promover y conservar de la mejor manera.
>
> Es un compromiso muy importante porque de esta forma podemos mantener vigente la memoria de la maestra y todo su legado artístico.
>
> Es muy importante valorizar el patrimonio que representa para la región las obras de la maestra Hilda María, para que esto sea posible ya realizamos algunas exposiciones y estamos tentando crear localmente un grupo de Vigías del Patrimonio de Hilda María, este es un programa del Ministerio de Cultura de Colombia, también ya fue iniciado el proceso para que la Casa Museo Hilda María sea reconocido por el Sistema Nacional de Museos de Colombia (SIMCO).
>
> Ser vigía es el compromiso de guardar la memoria de las obra de la Casa Museo para las diferentes generaciones que van haciendo parte de la sociedad.
>
> Diría que ser vigía de este patrimonio cultural es involucrarse voluntariamente para animar a los ciudadanos a conocer la historia y así mantener vivas las raíces identificando en sus obras el significado de ellas para que así tomen un valor para el visitante.
>
> Un vigía es la persona que transmite su conocimiento en este caso de la historia del municipio por su propia voluntad dejando una huella para el conocimiento y recuperación de la memoria histórica de nuestro municipio.
>
> Estoy convencido que la obra artística de Hilda María es muy valiosa y debe conservarse y divulgarse. Es un aporte maravilloso a la cultura, Valores y tradiciones de Yumbo.

Para la quinta pregunta relacionada a la experiencia personal de colaborar y/o participar, de una u otra forma, en las exposiciones de la obra de la maestra Hilda María, fueron obtenidas las respuestas:

> Ha sido en realidad algo con lo que sé que se puede impactar la comunidad, al contarles miren ella fue una escritora, artista de Yumbo, hizo la venida del tren en Yumbo, pinto estoy, esto y esto , las personas quedaban con ganas de saber más, de ir hasta el lugar y como devorar más de eso que se cuenta. Las niñas y los niños valoraban ese espacio y eso se recibió muy en el corazón.
>
> Mi experiencia de colaborar ha sido una gran experiencia porque cada día vamos aprendiendo más sobre sus obras y el poder dar a conocer sus obras a otras personas.
>
> Muy especial, porque he ido conociendo su totalidad de obras, técnicas de pintura y forma de expresar sentimientos y momentos a través de una pintura o escultura.

Dar a conocer la obra de La maestra Hilda María a través de las exposiciones que hemos realizado en diferentes espacios nos permite hacer recordación dentro de la comunidad y personalmente me llena de orgullo contribuir a que se conozca y reconozcan su obra.

El participar en las exposiciones de las obras de Hilda María ha sido una experiencia muy enriquecedora para mí. He tenido la oportunidad de colaborar en cinco exposiciones y esto me ha permitido sentir que para la comunidad es importante sentirse reflejada en una obra artística que los representa. He podido constatar que la gente recuerda mucho a Hilda María y quiere seguir apreciando su obra, además también es emocionante sentir ese reconocimiento que le hacen. También ha sido una experiencia en la que aprendo mucho sobre la logística misma de las exposiciones, y de la interacción con el público, especialmente los niños que siempre manifiestan su sentir con relación a la obra. Desarrollar una labor educativa a través de la obra de Hilda María me parece que es algo invaluable y muy gratificante.

El poder participar de las diferentes exposiciones que hemos realizado me ha permitido aprender a cuidar y promover su arte.

Ver el reconocimiento manifiesto de muchas personas sobre la calidad de ser de Hilda María, por haber sido ella una incansable difusora de su arte, sin proponérselo, pienso yo, cuando dedicaba mucho de su tiempo a ofrecer estampas, escritos, oraciones, dibujos, haciendo recorridos largos por la ciudad, ofreciendo en la calle o donde le fuera posible llegar. Ah¡ Claro que sí, la conocí, la recuerdo, dice la gente. Era una artista y lo seguirá siendo por siempre.

Después del fallecimiento de la Maestra Hilda María conseguimos juntar algunos familiares y amigos para constituir la Asociación Casa Museo Hilda María- (CaMuHiMa) con el objetivo principal de salvaguardar el acervo cultural de la Maestra Hilda María, con este grupo fue posible durante un período de 2 años organizar 1 exposición permanente MCY y 4 exposiciones itinerantes, hemos contado con el apoyo del Instituto Municipal de Cultura de Yumbo para divulgar las obras de la Maestra Hilda María para un público más amplio especialmente los estudiantes. Para c/u Ha sido todo un proceso de aprendizaje pues a través de estas prácticas tuvimos que aprender cómo recuperar los cuadros, planear, catalogar, y organizar de manera colaborativa cada exposición, inclusive ya comenzamos a organizar la exposición permanente en la CaMuHiMa.

En una mañana después de su fallecimiento surgió la idea de continuar con la curaduría de su obra, ha sido de gran responsabilidad y compromiso para todos. Al mismo tiempo nos ha permitido sentir mucho amor y fluidez al continuar con esta bella tarea que ha traído contribuciones diversas para la comunidad, como en el área educativa traer la memoria de la familia y sus costumbres; en el área espiritual la reflexión y el amor del compartir y sentir que la vida por medio de arte.

Mi experiencia fue muy agradable ya que le trabajé por más de 30 años en la embarcación de sus obras y ahora hice parte de la recuperación de ellas para lograr el objetivo de sus hijas de montar un museo en honor a su nombre casa museo Hilda María (CaMuHiMa).

En mi caso ha sido difundir valorar las obras maravillosas de la señora Hilda María haciéndolos partícipes en los eventos culturales del municipio de Yumbo, como feria del patrimonio, circulación museográfica, audiovisuales de la casa museo y la transmisión a través de la tradición oral en las instituciones educativas del municipio de Yumbo.

Cada vez que se anunciaba una exposición de las obras de Hilda María tuve la fortuna de asistir y apreciar sus obras. Destaco la colección de Ángeles. Plasmaba en sus obras su contacto permanente con el mundo espiritual. Sus sueños y visiones fueron de gran inspiración.

De esa manera, las respuestas relatan, como para los vigías del patrimonio de la Asociación Casa Muse Hilda María, es de gran importancia el cuidar de la obra artística de la maestra, para prolongar los relatos históricos a lo largo del tiempo y poder pasar las vivencias culturales de generación en generación.

REFLEXIONES FINALES

La Casa Museo Hilda María busca conservar, estar al servicio de la comunidad promoviendo la memoria colectiva de las generaciones, aportando a la cultura, como patrimonio cultural e histórico, así mismo, pretende incentivar a los niños, a las niñas, a los jóvenes y a los adultos, aumentar el interés en los temas artísticos y culturales, como ilustrado en esa curaduría colaborativa en el IMCY, dirigida en el vídeo a seguir por Piedad Montaño, La primera exposición póstuma de sus obras, realizada del 25 de julio al 13 de agosto de 2022: https://drive.google.com/file/d/1T1vgSW1xhlcPDoVyuVHe1RjSuISZDPZw/view?usp=sharing. Todos estos elementos también se unen para fortalecer el turismo cultural, artístico e idiosincrático. La asociación CaMuHiMa piensa que el museo puede aportar identidad y memoria a los habitantes de la región, lo cual contribuye a construir individuos con una mayor valoración de lo propio.

Durante este periodo de dos años la mayor parte del tiempo se ha trabajado también en la rehabilitación de la Casa Museo Hilda María, se han realizado reparaciones en el techo, en el baño y en el corredor; se han recuperado y pintado las paredes, lo que nos ha tomado mucho tiempo y recursos, para así poder continuar preparando el espacio para la exposición permanente.

En este momento la prioridad es direccionarnos hacia la curaduría colaborativa para organizar la obra artística de la maestra Hilda María junto a nuestro público, lo que puede, más adelante, abrir la posibilidad de producir, entre otros, un guion temático.

Como resultados se pretende, entre otros, que La Casa Museo Hilda María sea revitalizada y abierta al público, para que la obra de la maestra Hilda María sea reconocida como patrimonio cultural de Yumbo. Es de considerar el amor que la maestra tuvo por Yumbo, su legado artístico, todo el cariño que tuvo por su gente y lo que su obra representa para la comunidad Yumbeña:

Esta iniciativa de la Asociación CaMuHiMa en Yumbo, Colombia, además de continuar con la preservación y la difusión del legado artístico de Hilda María, pretende continuar fortaleciendo los lazos comunitarios y educativos de manera significativa. Por medio de la curaduría colaborativa y la organización de múltiples exposiciones, CaMuHiMa ha demostrado cómo las prácticas informacionales pueden democratizar el acceso al arte y fomentar el entendimiento colectivo de la cultura local. Al llevar las obras de Hilda María a espacios comunitarios y educativos, no solo se ha enriquecido la apreciación del arte entre los residentes locales y los estudiantes, sino que también se ha consolidado el reconocimiento póstumo de la artista dentro de su comunidad. Este esfuerzo continuo no solo perpetúa el legado artístico de Hilda María, sino que también promueve un diálogo intergeneracional y una conexión más profunda con las raíces culturales locales, asegurando que su contribución al patrimonio cultural de Yumbo, La Cumbre, La Ventura y la región perdure en el tiempo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos la posibilidad de continuar con CaMuHiMa a todos sus miembros y público por su participación, colaboración y presencia. Al IMCY y su representación junto al Lic. Jorge Libreros, a la Comunidad de Yumbo, La Cumbre y La ventura por hacer parte y ser protagonistas en esta historia junto a la maestra Hilda María. A las universidades, a nuestros colegas por abrir espacio de investigación, a Museos++ representados en Ada Norbertina

Echávez (Museos ++, 2024) por creer en los museos y su patrimonio, a nuestras familias y amigos por continuar juntos y creyendo en esta posibilidad de expandir la obra artística de la maestra para la educación y memoria de esta y generaciones venideras.

REFERENCIAS

BATESON, JOHN E. G., HOFFMAN, K. DOUGLAS. *Marketing de serviços*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CÁMARA DE COMERCIO DE CALI. *Registro*, Yumbo, 2022.

CASA MUSEO HILDA MARÍA. *Estatutos de la Asociación Casa Museo Hilda María*, Yumbo, 2022.

CONSEJO MUNICIPAL DE YUMBO, *Resolución No. 100 del 02 de marzo de 2022*, Yumbo, 2022.

FITZSIMMONS, James. A., FITZSIMMONS, Mona. J. *Administração de Serviços: operações, estratégia e tecnologia da informação*. 4a Ed. São Paulo: Bookman, 2005.

INSTITUTO MUNICIPAL DE LA CULTURA DE YUMBO, *Patrimonio Cultural*, Yumbo, 1985.

INSTITUTO MUNICIPAL DE LA CULTURA DE YUMBO. *Toda una vida artística en Yumbo*, Yumbo, 2008.

INSTITUTO MUNICIPAL DE LA CULTURA DE YUMBO, *Resolución No. 144 de mayo 13 de 2008*, Yumbo, 2008.

INSTITUTO MUNICIPAL DE LA CULTURA DE YUMBO, *En honor a Hilda María Muñoz Ramírez* [Pinturas]. Instagram, Yumbo, 2022. Disponible en: https://www.instagram.com/p/Ca7xEH6uajA/?utm_medium=copy_link.

KAFURE, Ivette, PEREIRA, Jorge Luis Barreto. Aspectos emocionais e cognitivos do usuário na interação com a informação: um estudo de caso no Laboratório de Inovações Tecnológicas para Ambientes de Experiência (ITAE). *Publicaciones e Investigación.* Bogotá - Colombia, Vol. 12, No. 1, p. 11-20, enero - junio 2018.

MUSEOS++, *Entrevista de Ada Norbertina Echávez*, Youtube, Cartagena, 19 de junio de 2024. Disponible en: https://www.youtube.com/live/_NRMRlkh3yo?si=vdUthuxmvQsKsUGM

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa., REY, Fernando Luis González. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 28, n. 1, 2008.

O PAPEL SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA: DIÁLOGOS SOBRE A DEFINIÇÃO DE PONTOS DE ACESSO AOS DOCUMENTOS DA DITADURA MILITAR NO BRASIL

Jacyara Kalina Themistocles da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

Dalgiza Andrade Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais

Célia da Consolação Dias
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: A Ciência da Informação pode ser caracterizada como uma ciência social, cujo objeto de estudo é o fenômeno informacional. Entre os aspectos que levaram ao seu desenvolvimento, destacam-se os problemas de gestão, tratamento, acesso e recuperação das informações registradas. E, atualmente, com o desenvolvimento da sociedade, novos desafios informacionais vêm emergindo, entre eles, a perspectiva de tratamento e acesso aos documentos das Comissões da Verdade, que comprovam as violações de direitos humanos ocorridas durante a ditadura militar no Brasil. Infere-se que, por meio do acesso às informações que compõem esses registros, é possível contribuir para a construção da memória coletiva; além de colaborar para o desenvolvimento de políticas públicas de memória e possibilitar condições de justiça e reparação às vítimas da ditadura, já que o acesso a esses documentos contribui para a comprovação das violações de direitos humanos sofridas durante o regime repressivo. Diante disso, este estudo objetiva apresentar diálogos e reflexões na Ciência da Informação para a construção da memória coletiva no Brasil. Também se busca apresentar as contribuições da Organização do Conhecimento e da Arquivologia para a definição de pontos de acesso aos documentos da ditadura e, por fim, destacar a responsabilidade social da Ciência da Informação no contexto do tratamento e recuperação dos documentos que compõem os fundos arquivísticos das Comissões da Verdade. Destarte, realizou-se um estudo com base em pesquisa bibliográfica e documental, adotando uma abordagem qualitativa e utilizando procedimentos empíricos. Ao final, foram identificadas as contribuições do diálogo entre a Ciência da Informação, a Arquivologia e a Organização do Conhecimento, resultando em subsídios teóricos para a definição de pontos de acesso que contribuem para a recuperação desses documentos. Ademais, surgiram reflexões que remetem à responsabilidade social da Ciência da Informação, na condição de ciência social, integrada e interessada em solucionar os problemas informacionais da sociedade, sem os quais perderia o seu impulso inicial de criação e desenvolvimento como área científica. Assim, conclui-se que, neste estudo, foram identificadas contribuições da Ciência da Informação para a memória social coletiva, tais como: 1) acesso, tratamento e recuperação documental, colaborando na criação de políticas de indexação para o tratamento temático desses documentos; 2) desenvolvimento de políticas de memória, que viabilizem a construção e a manutenção da memória coletiva relativa aos impactos da ditadura militar no Brasil e assim contribua na construção de uma sociedade mais justa e igualitária por meio do acesso à informação contida nos documentos.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Memória coletiva; Pontos de acesso; Documentos; Ditadura Militar; Brasil.

INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) se desenvolveu em decorrência do enfrentamento dos problemas informacionais relacionados à informação, entre os quais se destacam a organização da informação, bem como a aceleração e crescimento desordenado na produção de informações registradas decorrentes da ascensão tecnológica (Oliveira, 2005).

Diante desses desafios, conforme a autora, foi necessário buscar soluções para os problemas informacionais da sociedade para responder como agrupar, organizar e dar acesso ao conhecimento tecnológico, científico e cultural produzidos mundialmente.

Destarte, a Ciência da Informação pode ser caracterizada como uma ciência social, cujo objeto de estudo é o fenômeno informacional. Entre os aspectos que levaram ao seu desenvolvimento, destacam-se os problemas de gestão, tratamento, acesso e recuperação das informações registradas.

Nos estudos de Saracevic (1996), Oliveira, Mota e Alvarado (2004), Oliveira (2005) e Oliveira (2011), observa-se que, desde o surgimento da Ciência Informação, existe a preocupação em solucionar problemas informacionais. Logo, pode-se inferir que essa característica apresenta uma responsabilidade social que pode impactar em várias perspectivas no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Diante do estágio de desenvolvimento atual da sociedade, novos desafios informacionais vêm emergindo, entre eles, a perspectiva de tratamento e acesso aos documentos das Comissões da Verdade que comprovam as violações de direitos humanos ocorridas durante a ditadura militar no Brasil, no período compreendido entre 1964 a 1985.

Depreende-se que, por meio do acesso às informações que compõem esses arquivos, é possível contribuir para a construção da memória coletiva, colaborando para o desenvolvimento de políticas públicas de memória, além de possibilitar condições de justiça e reparação às vítimas da ditadura; uma vez que o acesso a esses documentos contribui para a comprovação das violações de direitos humanos sofridas durante o regime repressivo. Assim, este estudo objetiva apresentar diálogos e reflexões na Ciência da Informação para a construção da memória coletiva no Brasil.

Complementarmente, busca-se apresentar as contribuições da Organização do Conhecimento e da Arquivologia para a definição de pontos de acesso aos documentos da ditadura e, por fim, destacar a responsabilidade social da Ciência da Informação no contexto do tratamento e recuperação dos documentos que compõem os fundos arquivísticos das Comissões da Verdade.

Dessa forma, realizou-se um estudo com base em pesquisa bibliográfica e documental, adotando uma abordagem qualitativa e utilizando procedimentos empíricos.

OS DOCUMENTOS DA DITADURA MILITAR E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA NO BRASIL

No Brasil, a ditadura militar (1964-1985) foi um período marcado por diversas violações de direitos humanos. Essas violações envolviam desde censura, perseguições, prisões e até mesmo a morte dos considerados subversivos. Somente após 21 anos de repressão, o país voltou à democracia, entretanto deixando um legado de impunidade e injustiça com as vítimas da ditadura e seus familiares (Motta, 2014).

Destaca-se que, em países que passam por violações de direitos humanos, é necessário realizar a transição de forma a buscar por reparação, justiça e reformas institucionais. Dessa maneira, busca-se fortalecer a democracia e reparar os traumas deixados pela repressão (Tenaglia, 2019).

Nesse contexto, no Brasil, um grande passo para a transição foi a criação da Constituição brasileira de 1988, a qual institui os direitos civis, políticos e sociais, dando condições de cidadania para o povo brasileiro e contribuindo para a construção da democracia no país (Brasil, 1988).

Entretanto, somente em 2011, foram criadas leis que teriam um impacto substancial no reconhecimento das violações sofridas pelas vítimas e familiares. Essas leis são, respectivamente, a Lei 12.527/2011, conhecida como a Lei de Acesso à Informação (LAI), e a Lei 12.528/2011, que instituiu a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) (Brasil, 2011a; 2011b).

Na perspectiva de construção da memória coletiva, a LAI tem relevância por estabelecer o acesso às informações públicas como uma regra, dando acesso aos arquivos da ditadura e possibilitando que esses documentos viessem à tona. Já a CNV foi responsável por realizar um resgate histórico dando visibilidade às vítimas e enaltecendo a busca pela necessidade de reparação a elas e seus familiares. A CNV ainda conseguiu resgatar inúmeros documentos que comprovam as violações, além de contribuir para que os cidadãos possam ter acesso a esses documentos.

A Comissão Nacional definiu como objetivos primordiais: promover o esclarecimento dos casos de torturas e mortes; investigar as violações de direitos humanos cometidas durante o período da ditadura militar no Brasil; identificar e publicizar os documentos referentes ao regime autoritário; oferecer recomendações para evitar que essas violações voltem a acontecer; e contribuir para o acesso, a preservação e a manutenção da memória coletiva por meio do acesso aos documentos (Brasil, 2011b).

Em relação aos documentos coletados pela CNV, ressalta-se que eles representam uma contribuição relevante para o trabalho de resgate histórico e construção da memória coletiva no Brasil, já que os mesmos apresentam o contexto de violação sofrida durante os anos de repressão militar por meio de depoimentos e registros da época; de modo que esse trabalho de curadoria informacional contribuiu para a construção de um novo documento de valor histórico, formado pelo fundo documental da CNV, além de subsidiar a criação do Relatório Final da CNV (Almeida; Maia, 2015).

Nesse sentido, destaca-se que, mesmo diante da relevância desses documentos, ainda existem dificuldades relativas ao acesso e uso dos mesmos, tendo em vista os desafios relativos à sua organização e disponibilização no ambiente digital.

Entende-se que, por meio de estudos na área da Ciência da Informação, seria possível contribuir para melhorar as condições de acesso a esses documentos, configurando-se como uma contribuição social no que se refere às reflexões que permeiam tão relevante temática.

Assim, busca-se identificar as possibilidades de estudos com perspectivas sociais que vêm sendo impulsionadas na Ciência da Informação em relação à construção e manutenção da memória coletiva, e analisar como essas possibilidades de estudos podem impactar em relação ao desenvolvimento de novas contribuições tanto para desvendar os problemas relativos aos documentos da ditadura quanto para a manutenção e fortalecimento da democracia e cidadania no país.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo com base em pesquisa bibliográfica e documental, adotando uma abordagem qualitativa e utilizando procedimentos empíricos. Inicialmente, realizou-se a pesquisa bibliográfica objetivando apresentar o aporte teórico.

Nesse sentido, realizaram-se o levantamento bibliográfico e a consulta às leis e normas consideradas relevantes para este estudo, quais sejam: a Constituição Federal de 1988, a Lei 12.527/2011 e a Lei 12.528/2011.

Em seguida, na etapa empírica, realizou-se o mapeamento dos grupos de trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) no *site* do evento. Por meio dessa abordagem exploratória, buscou-se identificar as perspectivas de estudos que vêm sendo desenvolvidos, nessa temática de direitos humanos, em Ciência da Informação, no Brasil.

Por fim, realizou-se a identificação das contribuições da Ciência da Informação numa perspectiva social, em relação aos documentos da ditadura, de acordo com a análise dos temas de pesquisas identificados nos ENANCIB.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista que o ENANCIB é o maior evento de Ciência da Informação do Brasil, optou-se por mapear as áreas temáticas de cada um dos grupos de trabalhos do mesmo, a fim de identificar os temas de estudos que são apresentados no evento e identificar as contribuições sociais aderentes ao tema proposto neste estudo.

Inicialmente, destaca-se que, em vinte e três edições do evento, já foram abordados os seguintes temas: “Conhecimento para o Século XXI: a pesquisa na construção da Sociedade da Informação”, “Informação, conhecimento e transdisciplinaridade”, “A política científica e os desafios da sociedade da informação”, “A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação”, “Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação”, “Diversidade cultural e políticas de informação”, “A responsabilidade social da Ciência da Informação”, “Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação”, “Políticas de Informação para a Sociedade”, “A sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano”, “Informação e interação: ampliando perspectivas para o desenvolvimento humano”, “Além das ‘nuvens’: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação”, “Informação, Memória e Patrimônio: do documento às redes”, “Descobrimentos da Ciência da Informação: desafios da Multi, Inter e Transdisciplinaridade (MIT)”, “Informação, sociedade, complexidade”, “Sujeito informacional e as perspectivas atuais em Ciência da Informação”, “A Ciência da Informação na era da Ciência de Dados”, “50 anos de Ciência da Informação no Brasil: saberes, diversidade e transformação social”, “O papel da Ciência e da informação em tempos de desinformação”, e, na edição do XXII ENANCIB, o tema escolhido foi “Das mediações às práticas informacionais: contribuições da Ciência da Informação” (ANCIB, 2024a).

Além disso, entende-se que estudos apresentados nos Grupos de Trabalho (GT) do ENANCIB podem refletir as pesquisas desenvolvidas nos PPGCI no Brasil. Sendo assim, a seguir, apresentam-se as ementas dos GT do evento, a fim de conhecer as perspectivas de estudos e verificar os temas de pesquisas que integram o evento.

GRUPOS DE TRABALHO DO ENANCIB	
Grupos de trabalho (GT)	**Ementas**
GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação (escolas de pensamento, correntes teóricas, autores e obras de fundamentação, leituras teórico-metodológicas e conceituações). Constituição, desenvolvimento e inovação conceitual, teórica e metodológica do campo científico informacional. Os objetos de estudos da Ciência da Informação e suas transformações teórico-conceituais. Reflexões e discussões sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.
GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento	Estudo das teorias, metodologias, políticas, instrumentos, processos e produtos da organização e representação do conhecimento, descrição, recuperação e acesso à informação, nas suas dimensões epistemológicas, aplicadas e socioculturais, a partir das perspectivas terminológicas e tecnológicas em ambientes informacionais.
GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	Estudo dos processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da Ciência da Informação, compreendido em dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem como contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição.
GT 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, usos e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. *Marketing* da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.
GT 5 – Política e Economia da Informação	Políticas e regimes de informação. Informação, Estado e governo. Propriedade intelectual. Acesso à informação. Economia política da informação e da comunicação. Produção colaborativa. Poder, ativismo e cidadania. Conhecimento, aprendizagem e inovação. Ética da informação. Informação e ecologia.
GT 6 – Informação, Educação e Trabalho	O mundo do trabalho informacional: atores, cenários, competência em informação, dimensões e habilidades. Organização, processos de trabalho em dispositivos de informação e cultura. As relações entre informação, educação, trabalho, saúde e tecnologia. Regulamentação profissional, entidades sindicais, associações de classe e mercado de trabalho e competência profissional. Diversidade cultural, representações sociais, práticas e construção identitária dos profissionais da informação. Responsabilidade social, ética e profissional na Ciência da Informação. As bases curriculares e experiências pedagógicas: formação e perfil profissional ou docente.
GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação	Estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação. Inclui pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.

GT-8 – Informação e Tecnologia	Estudos e pesquisas teórico-práticos sobre e para o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvam os processos de geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação da informação em ambientes digitais.
GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação	Análise das relações entre o museu (fenômeno cultural), o patrimônio (valor simbólico) e a informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais.
GT 10 – Informação e Memória	Estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio 'informação e memória'. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social.
GT 11 – Informação & Saúde	Estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias e inovação em saúde. Informação nas organizações de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde.
GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades	Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Raciais, Feministas e *Queer*. Correntes teóricas, escolas de pensamento, bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero e de diversidade. Teorias, discursos, saberes, atividades científicas e profissionais em ambientes informacionais comunitários, populares e organizacionais. Relações sociais, de poder e resistências. Epistemicídio, violências e insurgências. Estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Anticoloniais. Estudos Críticos da Branquitude. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero.

Quadro 1. Grupos de Trabalho do ENANCIB. Fonte: ANCIB, 2024b.

Ao se analisar as ementas dos GT do ENANCIB, é possível verificar a adequação às perspectivas de estudos atuais na Ciência da Informação, em consonância com o contexto contemporâneo da sociedade. Compreende-se que as mudanças ocorridas na sociedade ampliaram as possibilidades de estudos na Ciência da Informação, desencadeando novos desafios nesse campo científico.

Entende-se que, historicamente, a Ciência da Informação foi concebida para buscar soluções relacionadas ao acesso, tratamento e recuperação de informações. No entanto, atualmente, devido às mudanças sociais, culturais e tecnológicas, esse campo científico está cada vez mais integrado aos problemas contemporâneos, buscando contribuir em dimensões multi, inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas distintas que vão além dos problemas de acesso, recuperação e tratamento das informações.

Diante disso, infere-se que um dos aspectos relevantes em relação à abertura temática dos estudos em Ciência da Informação que trazem uma perspectiva social e contribuem para melhorias na sociedade são os estudos sobre o resgate da memória coletiva, na perspectiva

da justiça social, reparação e fortalecimento da democracia por meio do acesso aos documentos da ditadura militar.

CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PARA A DEFINIÇÃO DE PONTOS DE ACESSO AOS DOCUMENTOS DA DITADURA MILITAR

A Ciência da Informação tem desempenhado um papel social relevante na sociedade contemporânea, por meio de pesquisas que contribuem para promover desde o acesso e recuperação da informação até os estudos que englobam questões sociais, buscando suscitar reflexões e soluções para desafios atuais que envolvem a informação numa perspectiva social voltada para a saúde, educação, segurança, sustentabilidade, inclusão e memória.

Nessa direção, busca-se, neste estudo, identificar contribuições da Ciência da Informação para a construção da memória coletiva, por meio do acesso aos documentos das Comissões da Verdade que revelam as violações ocorridas durante a ditadura militar no Brasil.

Os estudos recentes revelam possibilidades de integração entre a Organização do Conhecimento (OC) e a Arquivologia para a recuperação dos documentos das Comissões da Verdade.

Assim, a Organização do Conhecimento pode contribuir na representação conceitual dos documentos, por meio da elaboração de modelos conceituais e Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) (Brascher; Café, 2008).

Optou-se por buscar contribuições da CI nos anais do GT2 - Organização e Representação do Conhecimento do ENANCIB. Destaca-se que essa escolha se deu devido à ementa do GT 2, a qual aborda **“**estudo das teorias, metodologias, políticas, instrumentos, processos e produtos da organização e representação do conhecimento, descrição, recuperação e acesso à informação, nas suas dimensões epistemológicas [...]” (ANCIB, 2024b, p.1).

Desse modo, foram identificadas dez contribuições da Organização do Conhecimento para a Arquivologia, sendo elas relacionadas a: Análise de domínio, Análise documentária, Avaliação de documentos, Descrição, Indexação, Linguística Documentária, Organização do Conhecimento, Teoria da classificação, Teoria do conceito e Tipologia documental.

Destaca-se que as contribuições da Teoria da Classificação e da Teoria do Conceito contribuem significativamente para melhorias no processo de classificação documental, em virtude dos estudos desenvolvidos sobre os processos de Classificação e Descrição (Aguiar; Kobashi, 2013).

Já em relação à Arquivística, destaca-se que a gestão de documentos é essencial por possibilitar condições de acesso e preservação documental. A gestão documental pode ser caracteriza-se como “[...] o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente” (Brasil, 1991, p. 1).

Nesse sentido, ressalta-se a importância da Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE), já que esta estabelece diretrizes para a definição de pontos de acesso aos documentos de arquivo.

A NOBRADE adota os princípios expressos na Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística, determina as oito áreas de descrição arquivística, apresenta 28 elementos descritivos e estabelece os sete elementos descritivos obrigatórios, sendo eles: “código de referência, título, data(s), nível de descrição, dimensão e suporte, nome(s) do(s) produtor(es), condições de acesso” (Brasil, 2006).

Diante disso, indica-se que as contribuições da NOBRADE no processo de descrição arquivística são fundamentais para a definição dos pontos de acesso aos documentos das Comissões da Verdade no Brasil, e, por meio da definição dos pontos de acesso, também é possível contribuir para a recuperação desses documentos e para que seja possível colaborar para a construção da memória coletiva acerca dos impactos da ditadura.

Destarte, considera-se que as contribuições da Organização do Conhecimento e da Arquivologia destacam aspectos da função social da Ciência da Informação para a sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições dos estudos desenvolvidos na Ciência da Informação têm sido cada vez mais voltadas para perspectivas que buscam trazer contribuições tanto em aspectos científicos, quanto acadêmicos, mas também sociais.

As pesquisas que promovem contribuições para a promoção do acesso aos documentos da ditadura têm potencial de uso para o desenvolvimento de políticas de memória, políticas de indexação documental, acesso e uso de documentos de memória, além de incentivar a aderência ao tema por outros pesquisadores, contribuir para o trabalho desenvolvido pelas Comissões da Verdade no Brasil, colaborar para a educação da população em relação aos impactos da ditadura, destacando como é relevante e necessária a manutenção e o fortalecimento da democracia no Brasil.

Assim, foi possível identificar contribuições da Ciência da Informação para a construção da memória social coletiva, tais como: 1) acesso, tratamento e recuperação documental, colaborando na criação de políticas de indexação para o tratamento temático desses documentos com a utilização da NOBRADE na definição dos pontos de acesso; e 2) desenvolvimento de políticas de memória que viabilizem a construção e a manutenção da memória coletiva relativa aos impactos da ditadura militar no Brasil e assim contribuir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária por meio do acesso à informação contida nos documentos.

Ademais, destaca-se ainda que alguns exemplos de abordagens de estudos desenvolvidos na Ciência da Informação que trazem perspectivas sociais relevantes para a sociedade no contexto da memória são: acesso aos documentos de acervos históricos relevantes, desenvolvimento de políticas de memória, acesso à informação para promover sustentabilidade e justiça social, informação para a promoção dos direitos humanos, entre outros.

Por fim, espera-se, com este estudo, promover diálogos envolvendo o aspecto social da Ciência da Informação, incentivando novos estudos e discussões nesse campo científico a fim de contribuir para a construção de uma sociedade cada vez mais justa e igualitária.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Francisco Lopes de; KOBASHI, Nair Yumiko. Organização e representação do conhecimento: perspectivas de interlocução interdisciplinar entre ciência da informação e arquivologia. In: *XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB),* 2013, Florianópolis.

ALMEIDA, Juan de Assis; MAIA, Kadma Lanúbia da Silva (org.). *Verdades cruzadas: um panorama dos trabalhos da Comissão da Verdade da UFRN*. Natal: UFRN, 2015.

ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. *Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)*.2024a.

ANCIB. Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. *ENANCIB – Coordenações e emendas de GT.2024b*.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 9, 2008, São Paulo, Anais. São Paulo: ANCIB, 2008.

BRASIL. Constituição de República Federativa do Brasil de 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BRASIL. Lei 8.159/1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e dá outras providências). Brasília, DF,1991.

BRASIL. Lei 12.527/2011. Lei de Acesso à Informação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov. 2011a.

BRASIL. Lei 12.528/2011, Comissão Nacional da Verdade. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov. 2011b.

CARDOSO, Ana Maria Pereira. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 107-114, jul./dez./1994.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas. 2011. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e Evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de. (org). *Ciência da Informação: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

OLIVEIRA, Marlene de; MOTA, Francisca R. L.; ALVARADO, Ruben Urbizagastegui. Comunidade científica e cientificidade da ciência da informação. *Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*, n. 8, 2004.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

TENAGLIA, Mônica. As comissões da verdade no Brasil: contexto histórico legal e reconstrução das estratégias e ações para o acesso aos arquivos. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

EL FORTALECIMIENTO DE LA IDENTIDAD NACIONAL EN LA ESCUELA PRIMARIA MEXICANA Y LA ALFABETIZACION INFORMACIONAL

Judith Licea de Arenas
Universidad Nacional Autónoma de México

Javier Valles
Universidad Nacional Autónoma de México

Resumen: En 2020, México tenía 126, 014,024 habitantes;13,407,199 de ellos en la educación primaria. Las escuelas primarias en México están distribuidas en zonas urbanas, semiurbanas y rurales que utilizan el modelo educativo llamado Nueva Escuela Mexicana o Aprendizaje Basado en Problemas (PBL) que inició su aplicación en la séptima década del siglo anterior en la Unidad Xochimilco de la Universidad Autónoma Metropolitana, y después llevado a otras universidades públicas del país bajo el nombre de Método Arenas, el cual se orienta al aprendizaje por medio de la indagación, explicación, solución y socialización de problemas. Para ello, los niños disponen de libros de texto gratuitos y un acceso limitado a bibliotecas de aula, escolares o púbicas y donde la alfabetización informacional debe ser un ingrediente sine qua non del aprendizaje. Con la colaboración escuela-profesionales de la información, los bibliotecólogos podrían involucrarse, con sus saberes, entre otros, en la construcción y afianzamiento de la identidad nacional por medio del conocimiento y comprensión del patrimonio nacional del entorno a través de actividades educativas que permitan a los niños aprender y aprehender la lectura, la escritura, la observación, la búsqueda de información, su uso, evaluación, comunicación y socialización, es decir, el niño aprendería a identificar problemas y a buscar su solución. Algunos problemas que podrían sugerir los bibliotecólogos a las escuelas para fortalecer la identidad nacional de los niños a través del conocimiento del patrimonio nacional estarían los siguientes: conformación de museos comunitarios; historias de vida, historias de lectura, la naturaleza, los jardines etnobotánicos, la lírica popular, diarios de lectura, grupos de lectura, lectura en voz alta, la música, mitos y leyendas, ornamentos arquitectónicos, acercamiento a la arqueología. Reiteramos: la alfabetización informacional estaría imbricada en cada uno de los problemas por estudiar, lo cual aceleraría el abandono de la enseñanza tradicional centrada en la memorización, para dar lugar al aprendizaje no solo en el aula, sino fuera de ella, en el campo, las calles, los espacios públicos, etcétera. Asimismo, se olvidarían las viejas prácticas de “escoger” tareas irrelevantes, lejos de la realidad social de los niños y, por tanto, del aprendizaje. El fortalecimiento de la cultura de los niños mexicanos relacionado con el conocimiento del patrimonio nacional tangible e intangible permitiría a los bibliotecólogos comprometerse socialmente por medio de la elaboración de unidades de enseñanza-aprendizaje. De lo contrario, las bibliotecas y los bibliotecólogos siempre estarán en otro mundo, alejados de quienes los necesitan.

Palabras clave*:* Alfabetización informacional; Bibliotecólogos docentes; Educación básica; México

INTRODUCCIÓN

México, república localizada en América del Norte tiene un territorio de 1,972.544 kilómetros cuadrados con una variedad de zonas climáticas: tropical, subtropical y templada. Su población ascendía en 2020 a 126, 014,024 habitantes distribuidos en zonas urbanas, semiurbanas y rurales, caracterizadas por una gran diversidad biológica y cultural. La población de niños de 6 a 12 años de edad es de 13,407,199 y cursa la educación básica en 95,699 escuelas distribuidas en el territorio nacional (INEGI, 2024). Las escuelas primarias en México utilizan, a partir del presente año lectivo, el modelo educativo llamado Nueva Escuela

Mexicana o Aprendizaje Basado en Problemas (PBL) que inició su aplicación en la séptima década del siglo anterior en la Unidad Xochimilco de la Universidad Autónoma Metropolitana, para después llevarlo a otras universidades públicas del país y del extranjero bajo el nombre de Método Arenas, el cual se orienta al aprendizaje por medio de la indagación, explicación, solución y socialización de problemas.

Para su formación, los niños mexicanos disponen desde el año de 1960 de libros de texto gratuitos que se les entregan anualmente, utilizando para ello todos los medios de transporte disponibles. Los libros de texto gratuitos correspondientes al presente ciclo escolar son los siguientes:

Libro	1er grado	2º grado	3er grado	4º grado	5º grado	6º grado
Múltiples lenguajes						
Proyectos de aula						
Proyectos comunitarios						
Proyectos escolares						
Nuestros saberes: libro para alumnos, maestros y padres de familia						
Múltiples lenguajes. Trazos y palabras						
Cartografía de México y el mundo						
México, grandeza y diversidad						

Podemos estar de acuerdo o no con los libros vigentes, sin embargo, hay que tener presente que, si los niños no los recibieran, es posible que no tuviesen otros libros para su educación por el costo que significaría su compra para las familias de menores recursos. En los libros sobre Proyectos comunitarios, presente en los seis grados, se hace referencia a las bibliotecas. Sin embargo, solo los niños que viven en zonas urbanas y, en menor grado, en zonas semiurbanas, tienen acceso, aunque limitado a bibliotecas de aula, escolares o públicas. Los niños menos favorecidos, que en muchos casos tienen que llegar a la escuela por diferentes medios de transporte: camión, tractor, carreta, burro o a pie porque las distancias entre sus domicilios y las instituciones educativas, a veces son extenuantes, por tener que desplazarse a enormes distancias para su edad y, quizá su constitución física, únicamente tienen a su disposición el libro de texto gratuito.

¿Por qué decimos que el acceso a las bibliotecas públicas puede ser limitado? La razón es sencilla: las bibliotecas no han llegado a ser las instituciones culturales necesarias en el país, pese a los dos siglos de vida independiente del país. El número de bibliotecas públicas es de 7,476 ¿es suficiente ese número para una población de 126,014,024 habitantes? (Red Nacional de Bibliotecas Públicas, 2024).

Las dos acepciones del término biblioteca proporcionadas en el diccionario de la RAE (Diccionario de la lengua española, 2024), incluso con modificaciones temporales, ¿definirían a las bibliotecas en México?

1. Institución cuya finalidad consiste en la adquisición, conservación, estudio y exposición de libros y documentos.
2. Lugar donde se tiene considerable número de libros ordenados y para la lectura.

O bien la descripción que da del término la Ley General de Bibliotecas (2023), que entró en vigor el 26 de mayo de 2021, y que en su artículo 2 fracción V dice lo que se entiende por una biblioteca pública:

> "... presta servicios de consulta al público en general, de forma gratuita y sin discriminación y que, con base en los recursos a su disposición, desarrolla otras actividades que incluyen, préstamo a domicilio e interbibliotecario, fomento de la lectura, formación cultural, educativa y de uso de tecnologías de la información y comunicación, además de orientación e información bibliográfica y documental, que permitan a la población adquirir, transmitir, acrecentar y disfrutar de la información y el conocimiento."

¿Podemos entender, de acuerdo con lo transcrito anteriormente, que la alfabetización informacional sí está incluida en el enunciado, que con las actividades de las bibliotecas públicas los sueños de llegar a ver a la población mexicana alfabetizada informacionalmente pueden convertirse en realidad prácticamente de la noche a la mañana y que la pirámide informacional sí va a tener correspondencia con la pirámide poblacional? Somos poco optimistas al respecto puesto que la solución es compleja dado que tienen que vencerse barreras físicas, humanas, documentales y administrativas.

A lo largo de los siglos en el país se han impreso desde catecismos, confesionarios, vocabularios, gramáticas para llevar las letras, hasta textos científicos de gran envergadura. No obstante que ha habido y hay oferta de palabra escrita, esta no ha llegado, ni llega a sectores amplios de la población distribuidos en todos los rincones del territorio nacional. Reconocemos que se han dado iniciativas y esfuerzos, desafortunadamente, insuficientes y efímeros para llevar la lectura a donde no existen los medios para adquirirla. Por ejemplo, se registra que, en 1820, apareció la Sociedad Pública de Lectura (Suárez de la Torre, 2017), o sea un gabinete de lectura, equivalente a una biblioteca de suscripción, fundada por José Joaquín Fernández de Lizardi, así como la aparición de otras más, quizá ya por influencia de las novelas románticas europeas como Madame Bovary, que comienza a aparecer en 1856 (Flaubert, 2013). Cabe señalar que de dicha Sociedad Pública de Lectura se dijo, oficialmente, que fue la primera biblioteca y hemeroteca pública del país (Secretaría de Cultura de la Ciudad de México, 2024), lo cual evidencia la confusión que existe, aun hoy en día, sobre la función de las bibliotecas públicas.

Quizá, también hablando de novelas, para entender el significado de la alfabetización informacional, los estudiantes y profesionales de la bibliotecología tendrían que leer o releer *La* Náusea de Jean Paul Sartre (2002) que en no pocos pasajes evidencia el analfabetismo de uno de sus personajes. De la edición citada pueden leerse las siguientes páginas: 42-43, 117, 180, punto de partida de una o varias asignaturas de las titulaciones de bibliotecología dedicadas a los usuarios.

¿Cómo motivar a los futuros bibliotecólogos para que adviertan su relevancia en la educación de los usuarios? ¿Los estudios de la titulación en bibliotecología los forman para

participar en la alfabetización informacional de los mexicanos? Un repaso al programa de la asignatura Usuarios de la Información (64 horas distribuidas en un semestre de 16 semanas) de la licenciatura en Bibliotecología y Estudios de la Información, que se imparte en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional Autónoma de México debe permitirnos dar respuesta a la pregunta. (Proyecto de modificación del plan de estudios de la licenciatura en Bibliotecología y Estudios de la Información, 2013)

Objetivo general: Diseñar un programa de alfabetización informacional para ser aplicado en una institución o comunidad específica a partir de un estudio de usuarios.

Contenido temático:

Unidad 1. El usuario de la información (16 horas)

Unidad 2. Los estudios de usuarios (16 horas)

Unidad 3. La alfabetización informacional (16 horas)

Unidad 4. Diseño de programas de alfabetización informacional (16 horas)

1. Modalidades de enseñanza. Formal e informal, presencial o a distancia.
2. Objetivos.
3. Contenido.
4. Materiales didácticos.
5. Tiempos.
6. Aspectos didácticos.
7. Evaluación.
8. Perfil docente del bibliotecólogo

Si la alfabetización informacional es un ingrediente *sine qua non* del aprendizaje, con la colaboración escuela-profesionales de la información, los bibliotecólogos podrían involucrarse, con sus saberes, entre otros, en la construcción y afianzamiento de la identidad nacional por medio del conocimiento y comprensión del patrimonio nacional del entorno a través de actividades educativas que permitan a los niños aprender y aprehender la lectura, la escritura, la observación, la búsqueda de información, su uso, evaluación, comunicación y socialización, es decir, el niño aprendería a identificar problemas y a buscar su solución.

Durante años propusimos que los bibliotecólogos o bibliotecarios mexicanos participaran en la alfabetización informacional de los niños mexicanos. Hoy, damos marcha atrás dado que hemos advertido que ese personal nunca va a poder hacerse cargo de esa noble responsabilidad. Las razones: el insuficiente número de profesionales de la información, la deficiente formación relacionada con el compromiso social de llegar a todos los grupos de la población y no a los favorecidos económicamente, la falta de formación sobre el significado de la alfabetización informacional, así como el escaso número de bibliotecas existentes en el país. Por tal motivo, nos sorprende que en los libros de texto de la Nueva Escuela Mexicana se sugiera que los niños se apoyen en las bibliotecas. La pregunta es ¿cuáles?

De acuerdo con lo antes expuesto, los bibliotecólogos podrían sugerir a las instancias educativas una serie de problemas que llevarían a los niños de educación básica a fortalecer

su identidad nacional a través del conocimiento del patrimonio nacional, entre ellos, los siguientes: conformación de museos comunitarios; historias de vida, historias de lectura, la naturaleza, los jardines etnobotánicos, la lírica popular, diarios de lectura, grupos de lectura, lectura en voz alta, la música, mitos y leyendas, ornamentos arquitectónicos, acercamiento a la arqueología. Aunado a lo anterior, se reforzarán las alfabetizaciones básicas de la lectura por medio de la lectura en voz alta, lectura en atril y círculos de lectura.

MÉTODOS

Los siguientes Programas Nacionales Estratégicos (2024) establecidos por el Consejo Nacional de Humanidades, Ciencias y Tecnologías, sirven de guía para identificar problemas que los niños cursando la educación básica pueden incorporar a su aprendizaje: agentes tóxicos y procesos contaminantes, agua, cultura, educación, salud y sistemas socio-ecológicos, lo cual no significa que en los otros cuatro programas no puedan encontrarse problemas que contribuyan a afirmar la identidad de los niños por medio del conocimiento de su patrimonio nacional tangible e intangible.

Como ya se ha dicho, la realidad está a la vuelta de la esquina, es decir, los niños están rodeados de objetos o expresiones que pueden acercarlos a conocer su país. Por ejemplo, su diversidad biológica, arquitectónica, arqueológica.

LAS ACTIVIDADES EDUCATIVAS

Los bibliotecólogos redactarán un **CUADERNO DEL MAESTRO** en el que explicarán la forma de trabajar las actividades educativas que se sugieren que permitan a los niños aprender y aprehender a leer, a escribir, a observar, a buscar información, a usarla, a evaluarla, a comunicarla y a socializarla.

CUADERNO DEL MAESTRO

Por

ÍNDICE

1. CAMBALACHE DE LIBROS
2. ARTES PARA LOS NIÑOS: TEATRO, DANZA
3. LECTURA EN ATRIL
4. ¡A BUSCAR ORNAMENTOS ARQUITECTÓNICOS!
5. LA NATURALEZA: SEMILLAS, PLANTITAS, PLANTOTAS, BICHOS, BICHITOS Y BICHOTES
6. CÍRCULOS, CLUBES, GRUPOS DE LECTURA, PALABRAS VIAJERAS
7. HISTORIAS DE LECTURA
8. DE MITOS Y LEYENDAS
9. ALGO DE DICHOS Y REFRANES
10. DIARIOS DE LECTURA
11. ¡A VER EL MUNDO!
12. ¡CANTÉMOS Y BAILEMOS!
13. ¡ACÉRCATE A LA ARQUEOLOGÍA!

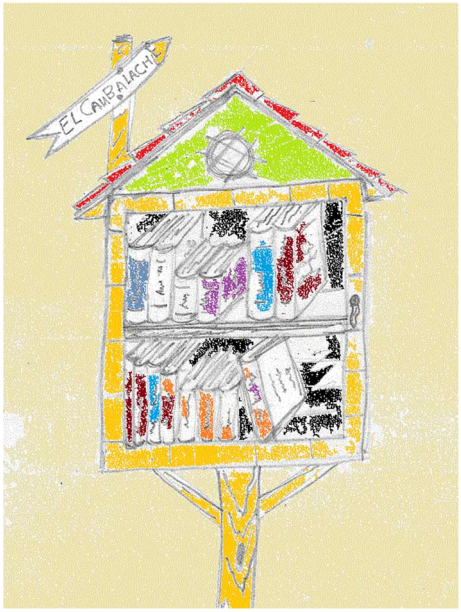
PRELIMINARES

Maestros, les entregamos este CUADERNO DE TRABAJO para que, con su experiencia, los chiquilines de México, que habitan en la sierra, los valles, cerca del mar, las ciudades, los pueblos . . . aprendan a sentirse, a entenderse como mexicanos, por medio de un acercamiento a nuestro patrimonio nacional. Hemos pensado y repensado qué deberíamos incluir en el CUADERNO puesto que estamos conscientes de las diversidades existentes en nuestro país. Por tanto, a continuación, solo les damos tres ejemplos de lo que consideramos significativo y una muestra de cómo hacer llegar la palabra escrita no solo a los niños sino también a la comunidad por medio de los cajoncitos de libros. Su cooperación será muy valiosa para complementar las actividades escolares, es decir, las oficiales, con las extraescolares puesto que ustedes conocen el entorno de los niños y sus intereses, para acrecentar las habilidades lectoras y de escritura de los niños, se aprovechen sus experiencias de la Nueva Escuela Mexicana y se oriente la educación con el Método Arenas (López-Pérez y Juárez-López, 2012) para que el niño le dé pertinencia a su aprendizaje por medio de la identificación de problemas reales y la búsqueda de soluciones, con lo cual el mencionado Método Arenas habrá cumplido con su cometido: el niño indagará, explicará, solucionará y socializará problemas.

Asimismo, les solicitamos que seleccionen otras actividades adecuadas para los niños y hacer de este CUADERNO, de unas cuantas hojas, el punto de partida de un texto voluminoso y útil.

Sabemos que en nuestro país hay escasez de bibliotecas en las escuelas, en los pueblos, en las ciudades, en las rancherías. Por eso, a ustedes, maestros, les pedimos apoyen a los niños para que aprendan a utilizar información vigente, relevante y pertinente, con el fin de alejarlos de falsedades, de mentiras, de desinformación. Si pueden hacer consultas en bibliotecas grandes o chiquitas, háganlo, o participen en la creación de bibliotecas viajeras, es decir, las que utilizan diversos medios de transporte para llevar la palabra impresa a rincones apartados o también, las que guardan temporalmente libros que pueden ser interesantes. Si a ustedes les interesa, aquí estamos, prestos para ayudar, puesto que somos lo que leemos, de acuerdo con el Método Arenas.

CAMBALACHE DE LIBROS



¿Dónde conseguir libros para cambalachear? Hay que pedir donaciones a familias, amigos, a otros niños, a los maestros, es decir, a todas aquellas personas que se conozcan para hacer un trueque de libros. Para ello, hay que hacer lo siguiente:

1. Buscar una hoja de madera nueva o usada
2. Hacer una casita de libros para cambalachear
3. Colocar en esa casita los libros que se reúnan, sin embargo, hay que revisar que no tengan insectos, que no estén maltratados y, lo más importante, que puedan ser de interés. No es necesario hacer una lista de ellos, solo hay que colocarlos en la casita e invitar a que los niños o los adultos los hojeen y se los lleven a sus casas para ojearlos.
4. Quienes se acerquen a curiosear lo que hay en la casita, tendrán que abrir las puertecitas y es posible que se encuentren muchas sorpresas. Esas sorpresas se las pueden llevar a sus casas y comprometerse a devolverlas después de leerlas completas o partes de ella.. Cuando sea posible, dejarán otros libros para que la casita siempre esté llena de más sorpresas.
5. La casita puede colocarse en un lugar visible, por ejemplo, afuera de la escuela, de la tortillería, de la panadería, cerca del mercado, en la parada de camiones.
6. Cuidar que la casita y los libros que estén dentro siempre estén limpios y bien colocados.
7. Darle a la casita un nombre:

EL AMOXCALLI DEL COYOTITO LECTOR
LA CASITA DE LIBROS DE JUANITO EL TEPORINGO
EL RINCONCITO DEL AXOLOTL SONRIENTE

¡A BUSCAR ORNAMENTOS ARQUITECTÓNICOS!

Es posible que cerca de las casas de los escolares exista una iglesia, escuela, mercado, jardín panteón, con ornamentos que llamen la atención por ser bonitos, raros, extraños, grandes, pequeños, que sean fachadas, columnas, puertas, arcos, ventanas torres, cúpulas, nichos, hornacinas, campanarios, patios, rejas, murales, escudos, nichos, capillas, placas, altares, gárgolas. La identificación y descripción de esos ornamentos, seguramente, les enseñará a estar atentos y a cuidar su entorno, del que se sentirán orgullosos. Cuando cada niño haya seleccionado el ornamento por describir, tendrá que realizar lo siguiente:

1. Buscar la definición del ornamento de interés, cómo se usa, desde cuándo, dónde, con qué materiales se elabora.

2. Describir y dibujar el ornamento en una ficha como la siguiente:

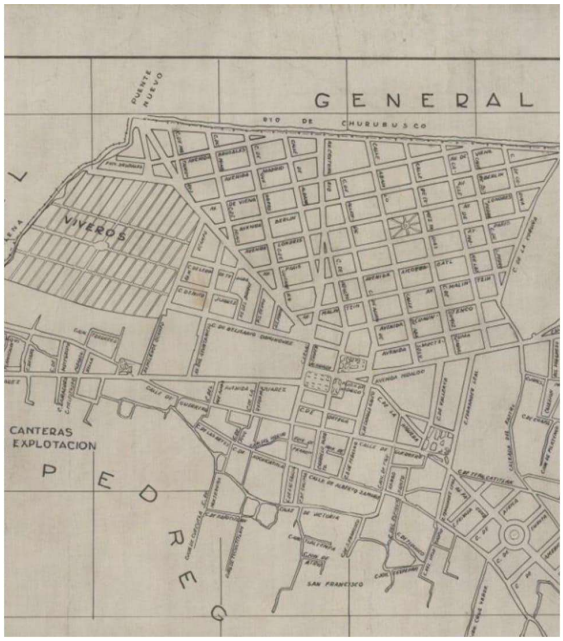
Descripción: Localización: Fecha	

3. Formar un álbum con los trabajos de los niños.

¡ACÉRCATE A LA ARQUEOLOGÍA!

Si en los alrededores de la escuela o de los domicilios de los niños se sabe o se sospecha existen vestigios arqueológicos, los niños pueden contribuir a su conocimiento y a su preservación, sin embargo, habrá que advertirles que si se acercan, se abstengan de excavar, pero si por casualidad se encuentran algún cacharro que pudiera corresponder a un objeto arqueológico, no deben quitar la tierra con aspereza o lavarlo, sino envolverlo en una tela suave y guardarlo con cuidado para después entregarlo a su maestra, junto con un mapa dónde lo encontraron, así como un dibujo y una descripción para que se informe a los expertos que lo estudiarán. El mapa y la cédula deben hacerse de la siguiente manera:

Descripción: Localización: Fecha:	



MUSEO COMUNITARIO

En la escuela puede instalarse un museo comunitario que refleje la vida del pueblo, rancho, colonia, etc., a lo largo de los años. Se necesitará lo siguiente:

1. Pedir a los padres de familia o a los vecinos colaboren en la conformación de un museo comunitario, donando uno o más de los siguientes objetos:

   Fotos
   Ropa de niño, de hombre o de mujer de uso diario o de fiesta.
   Sombreros
   Utensilios de cocina: cazuelas, ollas, sartenes, molcajetes, metates, cucharas, jarras, vasos,
   Juguetes: muñecas, coches, pelotas
   Textiles
   Jarciería
   Instrumentos de labranza
   Artículos electrodomésticos
   Libros escolares, religiosos

2. Revisar y escoger los objetos donados para viajar al pasado, es decir, no se exhibirá todo lo reunido.
3. Seleccionar los objetos de acuerdo con lo siguiente:
   Estado de conservación
   Antigüedad
   Autenticidad
   Representatividad
4. Limpiar con cuidado los objetos recibidos. La ropa sucia podría lavarse si no existe el riesgo de que se desintegre y, después, plancharse.

5. Incorporar a los niños al trabajo para separar los objetos según su función.
6. Asimismo, los niños ayudarán, si hay fotos, a agruparlas según su tema: paisajes, fotos individuales o colectivas, etc.
7. Los utensilios domésticos se dividirán entre los que se destinan a la preparación de los alimentos, a su consumo, a la limpieza, al trabajo en el campo, así como también de acuerdo con el material con el que fueron elaborados: peltre, barro, aluminio, madera, piedra.
8. Los aparatos electrodomésticos se reunirán por su función y su antigüedad.
9. A continuación se prepararán las cédulas correspondientes. Para ello, los niños averiguarán la mejor manera de describirlos, el material de que están hechos, el año aproximado en que fueron hechos o utilizados.

CONCLUSIONES

Para que la alfabetización informacional sea natural en el ejercicio profesional de la planta docente de la educación básica, esta tendría que estar imbricada en cada uno de los problemas por estudiar. Con ello, se aceleraría el abandono de la enseñanza tradicional centrada en la memorización, para dar lugar al aprendizaje no solo en el aula, sino fuera de ella, en el campo, las calles, los espacios públicos, etcétera. Asimismo, se olvidarían las viejas prácticas de "escoger" tareas irrelevantes, lejos de la realidad social de los niños y, por tanto, del aprendizaje. De esta manera, la escuela y sus maestros, en colaboración con bibliotecólogos comprometidos socialmente, participarían en el fortalecimiento de la identidad o identidades de los niños mexicanos robusteciendo el conocimiento del patrimonio nacional tangible e intangible, al mismo tiempo que se alfabetizan informacionalmente. Si los bibliotecólogos se abstraen de lo necesario, las bibliotecas y los bibliotecólogos estarán en otro mundo, distantes de quienes precisan información vigente, relevante y pertinente.

REFERENCIAS

Diccionario de la Lengua Española. (24 junio 2024). *Biblioteca*.

Flaubert, G. (2013).*Madame Bovary*. Canterbury Classics.

INEGI. (24 junio 2024.).*Maestros y escuelas por entidad federativa según nivel educativo, ciclos escolares seleccionados de 2000/2001 a 2022/2023*. Instituto Nacional de Estadística y Geografía.

Ley General de Bibliotecas, Nueva Ley publicada en el Diario Oficial de la Federación el 1 de junio de 2021 (2023) (México).

López Pérez, J., & Juárez López, S. (2012). *El Método Arenas: aplicación del PNL para la formación de científicos en países con economías en desarrollo*. Palibrio.

Programas Nacionales Estratégicos. (2024). https://conahcyt.mx/pronaces/.

Proyecto de modificación del plan de estudios de la licenciatura en Bibliotecología y Estudios de la Información. (2013, 31 de mayo). Colegio de Bibliotecología y Archivología.

Red Nacional de Bibliotecas Públicas. (2024). https://dgb.cultura.gob.mx/directorio/directorio.php

Sartre, J. P. (2002). *La náusea*. Losada.

Secretaría de Cultura de la Ciudad de México. (2024, 25, junio). *Conmemoran 200 aniversario de la Sociedad Pública de Lectura* [Comunicado de prensa]. https://cultura.cdmx.gob.mx/comunicacion/nota/0541-20

Suárez de la Torre, L. (2017). Los gabinetes de lectura en México, 1820-1869, de Lizardi a Devaux. En *Estantes para los impresos, espacios para los lectores, siglos XVIII-XIX* (pp. 249–278). Instituto de Investigaciones Dr. José María Luis Mora.

ESTRATÉGIAS DE MARKETING DIGITAL PARA EVENTOS CIENTÍFICOS: PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL DO SEMINÁRIO HISPANO-BRASILEIRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO DOCUMENTAÇÃO E SOCIEDADE

Aglaia Oliveira Bastos
Universidade de Brasília

Laís Ribeiro Oliveira Normando
Universidade de Brasília

Mylena Xavier Butrago
Universidade de Brasília

Resumo: O presente artigo apresenta uma proposta de atualização da identidade visual do Seminário Hispano-brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade, de modo a promover maior visibilidade ao evento inserindo-o em tendências atuais de Marketing Digital. Desta forma, o artigo

visa discutir a importância de investir em marketing científico para a promoção da comunicação científica, enquanto identifica pontos de fragilidade nas ferramentas de divulgação utilizadas pelo evento. São apresentados alguns conceitos do Marketing Científico no contexto de eventos científicos, seguidos de uma análise da identidade visual atual do Seminário. A metodologia aplicada a este artigo caracteriza-se como pesquisa de caráter exploratório, baseada no levantamento bibliográfico e análise de modelos de eventos similares que utilizam de ferramentas de marketing para promoção de suas atividades. Como produto derivado desta pesquisa, apresenta-se uma nova proposta de identidade a ser aplicada em instrumentos de comunicação e divulgação visuais nos anos subsequentes do evento. Por fim, conclui-se que adotar uma nova identidade visual e utilizar das estratégias de marketing propostas pelo presente artigo são essenciais para fortalecer a visibilidade, o engajamento e a relevância do evento na comunidade científica.

Palavras-chave: Marketing científico digital; Identidade visual; Eventos científicos

INTRODUÇÃO

O ato de comunicar a ciência pode se realizar por meio de diferentes canais, formais ou informais, como artigos em periódicos, livros, congressos, dentre outros. Os pesquisadores utilizam canais de comunicação científica para compartilhar suas pesquisas, resultados preliminares e trabalhar conjuntamente com outros pesquisadores para melhorar e qualificar seus trabalhos, que estão sujeitos à avaliação pela comunidade científica. As diferentes formas de comunicar a ciência, principalmente com a participação em congressos e outros eventos científicos, tornou-se melhor viabilizada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)[29] (Targino, 2000).

As TICs têm potencializado essa comunicação, tornando-a mais acessível, rápida e interativa, à medida em que não só facilitam a disseminação das descobertas científicas, como também promovem uma colaboração mais eficaz entre os pesquisadores. O progresso e popularidade da Internet trouxe uma maior gama de recursos que podem ser utilizados para divulgação científica como, por exemplo, a utilização de redes sociais e blogs para comunicar ciência. (Príncipe, 2013)

O Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB) é um evento científico proveniente de um acordo internacional entre a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidad Complutense de Madrid (UCM). Desde 2012, o evento tem reunido várias instituições brasileiras, espanholas e de outras nacionalidades. Ao longo dos anos, o evento se tornou estratégico para a comunicação científica e acadêmica oriunda de múltiplos países, focado em temáticas de documentação relacionadas às ciências humanas e sociais aplicadas.

À vista disso, o marketing científico difere-se do marketing tradicional, pois pretende divulgar a comunicação científica e atingir, como público alvo, acadêmicos, instituições de pesquisa e pesquisadores. Ao utilizar-se de ferramentas facilitadas pelas TICs como as redes

[29] No contexto dos sistemas de informação, as TIC propiciam o tratamento, organização e disseminação das informações em formato digital. Além de oferecer suporte tecnológico à informação e à produção de conhecimento, promovendo assim, novas capacidades de organização social em rede (Roza, 2020). A utilização de tecnologias traz muitos pontos positivos como, por exemplo, a possibilidade de se otimizar tempo de trabalho com a automatização de tarefas, a velocidade na obtenção de informações, não só para interesses acadêmicos, como para interesses pessoais. (Delbianco; Valentim, 2022)

sociais, páginas web, SEO[30], análise de dados, dentre outras, o marketing científico pode não só alcançar um número maior de pessoas, como também estabelecer a credibilidade de eventos e periódicos científicos dentro das comunidades científicas e público em geral. Prado (2019) afirma que o marketing pode ser aplicado a diferentes contextos e utilizações, desde que proponha trocas e estabeleça relacionamentos com indivíduos e/ou comunidades por meio de um produto ou serviço. Nesse sentido, o marketing aplicado ao contexto científico digital pode favorecer a disseminação do conhecimento e desenvolver colaborações entre pesquisadores de áreas diversas.

REVISÃO DE LITERATURA

A comunicação científica é essencial para o desenvolvimento do conhecimento humano e encontra-se em constante evolução diante do avanço das TICs, que têm propiciado uma comunicação ágil e interativa, uma vez que contribuem para compartilhar os resultados das pesquisas e melhorar a colaboração entre os pesquisadores e a sociedade.

Atualmente, grande parte das comunicações é realizada através da Internet[31], que possibilita estabelecer um contato mais rápido e objetivo na troca de informações entre as pessoas. A comunidade científica não permanece alheia às evoluções que ocorrem na forma de se comunicar, passando a utilizar ferramentas de comunicação tecnológicas para alcançar seu público alvo e estabelecer uma conexão entre as pesquisas, pesquisadores e a comunidade científica como um todo.

Os canais de comunicação atuam como formas de disseminação e compartilhamento do conhecimento. Assim como, o uso das redes sociais perpassa pela ideia de atingir, de forma mais acertada, o público interessado nos conteúdos das pesquisas. Para isso, é necessário se apropriar de ferramentas que auxiliem na comunicação dentro das redes, para obter resultados satisfatórios de divulgação para as áreas de pesquisa como, por exemplo, as publicações em repositórios e periódicos digitais (Fonseca Júnior et al., 2019), redes sociais acadêmicas (ResearchGate, Mendeley, LinkedIn), blogs (Wordpress, Blogger), redes sociais tradicionais (Twitter, Facebook, Instagram, YouTube),[32] ferramentas de multimídia (Canva, Prezi, Piktochart), ferramentas de colaboração em tempo real (Google Docs), dentre outras.

O marketing é um conjunto de processos que tem como principal finalidade identificar e alcançar a satisfação de diferentes necessidades humanas e sociais. (Kotler, Keller, 2018). Atualmente, o marketing não tem mais apenas o objetivo de venda de produtos, mas sim de troca informacional e de identificação das necessidades do público (Costa et al., 2016). Neste contexto, fica clara a necessidade da utilização dessas estratégias dentro da comunidade científica, com o objetivo de divulgar e fomentar a disseminação do conhecimento gerado pela mesma.

---

[30] O Search Engine Optimization (Otimização para Mecanismos de Buscas) é conjunto de estratégias que permitem um melhor posicionamento de um site através de resultados orgânicos de busca em páginas como o Google, Bing, Yahoo Search, entre outros, para facilitar a localização e exibição de páginas web. (Pereira; Krzyzanowski; Imperatriz, 2018)

[31] "O uso da Internet e das mídias sociais vem crescendo significativamente e, com isso, atualmente é possível se conectar com pessoas e dispositivos de várias partes do mundo, ou seja, o estabelecimento de relações sociais ocorre devido ao aumento do uso das mídias sociais." (Delbianco; Valentim, 2022)

[32] "Dentre essas tecnologias emergentes, destaca-se uma vasta relação de redes sociais e blogs - Facebook, Orkut, MySpace, Twitter, Mendeley, ResearchGate, UniPHY, LinkedIn, Friendster, fotologs e outras" (Príncipe, 2013)

Com o aumento da necessidade de posicionamento das comunicações científicas, especialmente no âmbito das redes sociais, a discussão da aplicação das estratégias de marketing dentro das ciências vem sendo debatida e difundida. Costa et al. (2016) destacam que a consolidação das redes midiáticas e sociais vem se tornando um dos grandes mecanismos de divulgação científica.

Araújo (2015) apresenta o conceito do "Marketing Digital Científico" como sendo uma sub modalidade do marketing que alavanca o crescimento do "mercado científico", possibilitando o fortalecimento e posicionamento da ciência junto aos avanços tecnológicos.

As ações de marketing mais usuais dos periódicos científicos restringem-se, geralmente, ao envio de e-mails para usuários cadastrados para receber notificações de novas edições. Em contrapartida, observa-se também um aumento na capacidade de comunicação interativa e do número de canais de informação eletrônica, assim, torna-se imperativa a reflexão sobre quais os melhores usos e aplicações de novas possibilidades de ferramentas para aumentar a produção, circulação e acesso à informação (Araújo, 2015).

O marketing digital científico também pode ser um aliado na divulgação de um evento científico por meio do compartilhamento de imagens, artigos, apresentações, divulgações e atualizações dentro da comunidade científica, promovendo uma interação mais eficiente entre os usuários/pesquisadores que possam se interessar pelas ações que acontecem no decorrer de um evento, no âmbito nacional e internacional:

> [...] pode-se dizer que o marketing digital rompe com a relação unidirecional de divulgação/disseminação do marketing convencional, uma vez que: o público alvo (usuário/cliente) também se comunica, produz conteúdo, participa – indicando um relacionamento mais estreito. (Araújo, 2015)

Os eventos científicos são ferramentas importantes para a troca da comunicação da ciência, pois são ambientes que incentivam a troca de informação e conhecimento de diferentes áreas de pesquisa, desempenhando a função de um ambiente dedicado ao aperfeiçoamento da ciência. Assim, os eventos precisam se estabelecer perante as novas formas de comunicação presentes da sociedade, aderindo aos aspectos digitais, com a intenção de se manter atualizada e pertinente para a comunicação e a comunidade científica.

Além disso, os eventos científicos possibilitam o encontro da comunidade científica, fazendo com que o estado da arte das áreas de pesquisa seja apresentado e debatido. A aplicação do marketing científico digital aos produtos da ciência (unidos à comunicação científica e a comunicação digital), pode se tornar uma ferramenta proveitosa para oferecer serviços alinhados às necessidades dos usuários e para divulgar periódicos, pesquisas e pesquisadores (Araújo, 2015).

O uso das redes sociais vem se mostrando uma estratégia valiosa para a manutenção de qualquer tipo de interação social e científica, especialmente depois da pandemia da COVID-19[33], que forçou uma mudança brusca das formas de comunicação. Além disso, a

[33] Doença respiratória causada por uma nova espécie de vírus, descoberta no final de 2019, que se alastrou mundialmente como pandemia, chamado de coronavírus ou SARS-CoV-2. (Santos; Almeida; Crepaldi, 2020)

comunicação e a divulgação científica se tornaram imprescindíveis também para combater desinformações. (Santos; Almeida; Crepaldi, 2020).

As novas possibilidades de comunicar a ciência configuram práticas importantes na disseminação do conhecimento, dentre elas estão a adaptação dos eventos científicos para formato digital e o impulsionamento das redes sociais como possibilidades mais abrangentes de comunicação para divulgar e incentivar maior participação do público, ampliando as interações sociais (Moraes; Soares, 2016). Portanto, a utilização de estratégias do marketing digital científico, como a divulgação via redes sociais no contexto dos eventos científicos, se mostra promissora enquanto impulsionadora de conexões sociais. (Acquolini; Silva; Barros, 2023)

As redes sociais são aquelas que formam conexões entre as pessoas, viabilizando o compartilhamento das informações. Delbianco e Valentim (2022). Estas, acima de tudo, são conexões “compostas por sujeitos ligados pelo compartilhamento de recursos e ideias em comum” (Tomaél, 2007).

Conforme apresentado por Moraes e Soares (2016), as redes sociais têm sido mais frequentemente utilizadas como meio de comunicação em eventos:

> Embora haja um portal para acesso às informações e adesão ao evento, uma página em rede social tem sido utilizada para divulgar e incentivar a participação das pessoas, bem como tem se tornado um espaço para interação. (Moraes; Soares, 2016)

Assim, as redes sociais constituem maneiras potentes de aumentar a interação entre pesquisadores e leitores, pois oferecem uma forma veloz de divulgação. Dessa forma, podem alcançar pessoas diversas independentemente de suas localizações geográficas, permitindo o acesso às publicações no período pós-evento, bem como o acesso facilitado à informações gerais sobre o evento, como datas, inscrições, áreas temáticas, local do evento, entre outros.

Araújo (2015) aponta três questões fundamentais para que pesquisadores, editores e instituições possam aplicar, na prática, o marketing científico digital: a) construir e manter uma presença online em diferentes plataformas (blogs, páginas oficiais, perfis em redes sociais) para atingir um maior número de público; b) oferecer um conteúdo adequado aos ambientes de atuação a partir da definição do tipo de linguagem utilizada para cada rede social e a assiduidade de publicação; e c) estabelecer uma atuação frequente e responsiva por meio de interação com o público em diferentes redes e plataformas.

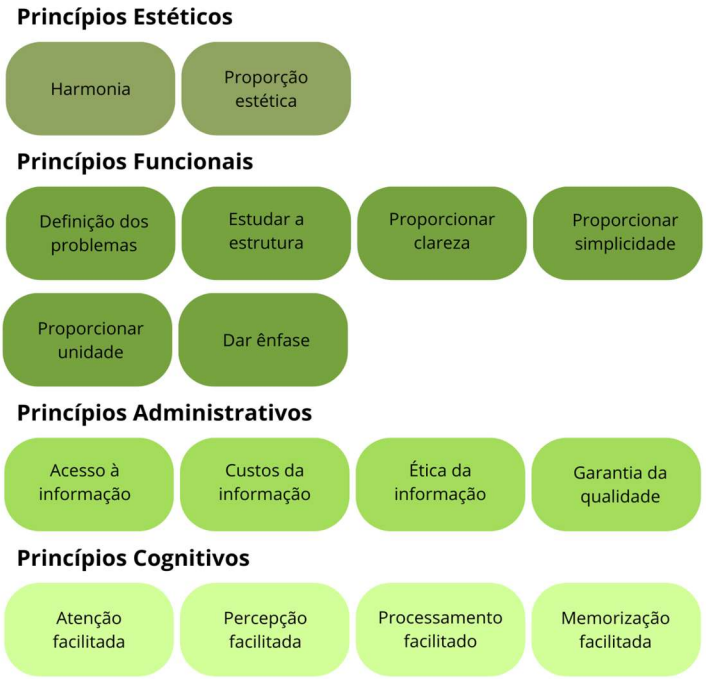
De modo a tornar a apresentação das informações clara e acessível, destaca-se o papel do Design Informacional (DI), que consiste em expor informações de forma eficiente e compreensível para o público por meio de elementos visuais, como tipografia, uso de cores, organizações visuais, gráficos, diagramas, ícones, dentre outros. Segundo Frascara (2011), o DI é necessariamente voltado para o usuário, pois preocupa-se com a facilitação de processos de percepção, leitura, compreensão, memorização e uso da informação que é apresentada. Quando o DI é falho, pode permitir a má interpretação da leitura, fazendo com que o usuário perca tempo. Assim, este conceito aplica-se a diversos materiais, como livros, formulários, documentos técnicos e páginas web difíceis de navegar.

Pettersson (2010) apresenta princípios do DI agrupados em quatro grupos diferentes: a) princípios estéticos; b) princípios funcionais; c) princípios administrativos e d) princípios cognitivos, sendo alguns utilização mais ampla e geral, enquanto outros para casos

específicos. Os princípios apresentados pelo autor correspondem a medidas que contribuem para alcançar uma leitura eficiente da informação pelo usuário.

No contexto de eventos científicos, a aplicação dos princípios do DI se torna especialmente relevante, pois enfatiza melhores formas de comunicar detalhes importantes, como programação, áreas de interesse, palestras, inscrições, dentre outros. Além disso, ao estabelecer uma unidade visual harmoniosa, pode-se obter uma divulgação maior, atraindo, assim, mais participantes e destacando a importância do evento dentro da comunidade acadêmica.

O quadro 1 apresenta os princípios e diretrizes apresentados por Pettersson (2015), que fundamentam a aplicação do DI:



Quadro 1. Princípios do Design Informacional. Elaborado pelas autoras, adaptado de Pettersson (2015).

Vale destacar que, para fins de estabelecer uma presença relevante no contexto digital, é importante a elaboração de uma identidade visual, que consiste em um conjunto de elementos que visam representar e comunicar uma marca, serviço, produto ou instituição, de modo a trazer maior visibilidade, identificação e reconhecimento. (Sequeira, 2013). A identidade visual pode ser aplicada a diferentes contextos, não necessariamente vinculada a um produto mercadológico, que propõe a criação de símbolos visuais representativos, como logotipos, paleta de cores, tipologias, elementos gráficos, dentre outros, com a finalidade de consolidar uma marca. No caso específico deste trabalho, a marca em questão é um evento científico internacional.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada a este artigo caracteriza-se como pesquisa de caráter exploratório, baseada no levantamento bibliográfico e análise de modelos de eventos similares que utilizam de ferramentas de marketing para promoção de suas atividades.

O universo da pesquisa é o SHB, ao analisar as ferramentas de comunicação digital utilizadas pelo evento, para a divulgação e disseminação das atividades desenvolvidas a cada edição. Foi analisada a presença do evento nas redes sociais, com ênfase na avaliação das redes sociais e na página oficial utilizada para a submissão e atualização das informações do SHB.

Como produto derivado desta pesquisa, apresenta-se uma nova proposta de identidade a ser aplicada em instrumentos de comunicação e divulgação visuais nos anos subsequentes do evento. A construção do produto se baseou nas pesquisas bibliográficas referentes a utilização das ferramentas de marketing digital, que possibilitam o melhor engajamento do “mercado científico” dentro da esfera digital.

Para a análise da identidade visual atual e a presença na web do seminário, foi utilizado como comparativo uma amostra de quatro eventos científicos da área de Ciência da Informação, incluindo eventos nacionais, Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e o Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (EBBC) e internacionais, Encontros Diálogos na Ciência da Informação (EDICIC) e o SHB. Com o intuito de expor quais estratégias de comunicação utilizam, no quadro abaixo estão apresentados o comparativo entre os eventos selecionados. A análise está baseada nos princípios propostos em Pettersson (2010), sobre o DI. Também foi utilizado como base o entendimento de Araújo (2015) sobre a utilização das estratégias do marketing científico digital. A análise deu-se pela determinação das seguintes variáveis:

a. Presença online dos eventos: se possuem páginas web e perfis em redes sociais;
b. Comunicação e interação com o público em diferentes plataformas: considera-se quais plataformas são utilizadas, a frequência e tipos de conteúdos que são postados;
c. Design Informacional: refere-se ao impacto estético, à coerência das escolhas de design em consonância com o que se propõe a cada evento, se possui elementos de identidade visual como, logomarca, paleta de cores, tipografia e outros elementos gráficos.

Eventos	Presença online	Comunicação com o público em diferentes plataformas	Design Informacional
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)	Possui página web atualizada com a edição recorrente, possibilidade de acessar edições anteriores, bem como, as publicações do periódico "Tendências da Pesquisa Científica em Ciência da Informação - TPBCI". Não possui um perfil centralizado no Instagram e no X, tendo múltiplos perfis para cada ano de edição.	O Instagram da edição de 2024 está ativo, com atualizações frequentes e resposta aos comentários do público. A página no X faz as comunicações e encaminha para o Instagram.	Não possuem elementos de identidade visual atualizados. Utilizam a logomarca da ANCIB. Apresenta, em geral, ambiguidade, falta de padronização, poluição informacional e não proporcionam a atenção facilitada nas postagens do Instagram.
Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria (EBBC)	Possui página web atualizada com a edição recorrente, possibilidade de acessar edições anteriores, porém, nem todos os links estão com acesso. A página web possui boa navegação e permite acessar áreas de programação do evento, submissões, inscrições, dentre outros. Possui um perfil centralizado no Instagram e no X, com postagens recorrentes em ambos.	O Instagram da edição de 2024 está ativo, com atualizações frequentes. A página no X faz postagens frequentes.	Possuem elementos de identidade visual, como logomarca, paleta de cores e informações padronizadas. Apresenta elementos que proporcionam boa proporção estética, acesso à informação e percepção facilitada.
Encontro Diálogos na Ciência da Informação (EDICIC)	Possui página web, mas não é voltada apenas para o evento. É uma página da Associação de Educação e Investigação em Ciência da Informação da Iberoamérica e Caribe (EDICIC).	As postagens sobre as edições do evento não são frequentemente atualizadas.	Não possui elementos de identidade visual, já que é um produto da Associação de Educação e Investigação em Ciência da Informação da Iberoamérica e

	Possui um perfil no Instagram e no X, mas também é uma página para a Associação de Educação e Investigação em Ciência da Informação da Iberoamérica e Caribe (EDICIC).		Caribe (EDICIC). O evento em si não possui logomarca. Por ser uma página compartilhada, não proporciona unidade, nem clareza.
Seminário Hispano-Brasileiro de Pesquisa em Informação, Documentação e Sociedade (SHB)	Possui página web para submissão e repositório com edições anteriores. Possui dois perfis do Instagram e um perfil no YouTube.	Apesar da duplicidade nos perfis do Instagram, apenas um deles é utilizado oficialmente. As postagens não são constantemente atualizadas. O YouTube também não é atualizado.	Possui elementos de identidade visual consolidados em todas as edições do evento. Porém, a página web é de difícil usabilidade e navegação. Não tem proporção estética e harmônica, não possui processamento facilitado e clareza, o que dificulta o acesso à informação.

Quadro 2. Comparativo entre eventos da área de Ciência da Informação. Elaborado pelas autoras (2024)

IDENTIDADE VISUAL

Atualmente, o SHB utiliza uma página web[34] para receber as submissões e como meio de comunicação sobre as atividades desenvolvidas em cada edição do evento, conforme apresentado a seguir, na imagem 1. O evento possui também um repositório[35] (imagem 2), lançado em 2020, onde encontram-se os arquivos com textos completos, imagens e vídeos de edições anteriores.

Desde seu surgimento, em 2012, o evento tem como cores predominantes o amarelo, o verde e o vermelho, representando as cores dos seus países sede, Brasil e Espanha. Foi desenvolvida, então, uma peça gráfica com círculos nas cores citadas, que remete ao território dos países. Os círculos podem representar a fluidez, ciclos, a união e a comunidade, onde todos participam em conjunto, sem distinção.

Hodiernamente, o evento mantém um perfil no Instagram[36], embora sua presença nas redes sociais ainda seja incipiente. Em 2020 e 2021, em virtude da pandemia de COVID-19,

[34] https://seminariohispano-brasileiro.org.es/
[35] http://hispano-brasileiro.com.br/
[36] https://www.instagram.com/seminariohispanobrasileiro/

o SHB foi realizado virtualmente, o que levou à necessidade de criação e utilização do YouTube[37] para transmissões e postagens de vídeos das apresentações de trabalho. No entanto, o emprego dessa plataforma foi breve e o perfil no Instagram ainda está em fase de consolidação. Apesar de uma utilização mais restrita das redes sociais, esses meios de comunicação desempenharam um papel importante para a manutenção da interação e divulgação durante o evento online, o que evidencia uma ferramenta potencial a ser mais ativamente explorada nas próximas edições.

Imagem 1. Captura de tela da página oficial do evento do ano de 2024.

Imagem 2. Captura de tela do repositório do SHB.

A imagem 1 apresenta a página principal do site utilizado pelo evento para as submissões e atualização das informações do evento. Contudo a usabilidade da página web se mostra difusa e confusa, dificultando o acesso às informações e compreensão pelo o usuário.

Na imagem 2 é apresentada a página do repositório do evento, que consiste na base de dados com as memórias constituídas a partir dos anos de evento. O repositório ainda está em fase de consolidação e atualização informacional. Por isso, é necessária a aplicação de estratégias de SEO para maior visibilidade pela comunidade acadêmica.

[37] https://www.youtube.com/@SeminarioHispanoBr-

Imagem 3. Capas dos livros com as publicações de trabalho do SHB.

A imagem 3 mostra exemplos de capas de livros publicados com trabalhos apresentados no SHB que utilizam do desenho elaborado para a identidade visual original do evento. À esquerda, a capa do livro com as publicações do 1º evento realizado pelo SHB, em 2012. À direita, capa do livro com as publicações da 4ª edição do evento.

A imagem 4 apresenta a proposta para nova logomarca do SHB, que foi planejada de modo a refletir a essência do evento, com foco no encontro e união de pesquisadores de diferentes países, cidades e culturas.

Imagem 4. Proposta para nova logomarca do SHB. Elaborado pelas autoras (2024).

Como mencionado anteriormente, o uso de círculos e conexões na logomarca representa a rede de contatos entre os pesquisadores, assim como a interconectividade e o compartilhamento de conhecimento entre eles. A utilização destes elementos gráficos tem como objetivo transmitir os valores que fundamentam o SHB, principalmente no que diz respeito ao trabalho cooperativo, à inovação e à interdisciplinaridade da Ciência da Informação.

Já a proposta de tipografia a ser utilizada para a identidade visual do evento é apresentada na imagem 5. A escolha da tipografia “Desolator” se justifica pela combinação de modernidade e clareza que se pretende alcançar a partir da nova identidade, que são características importantes para reforçar a seriedade e inovação relacionadas à pesquisa científica.

Imagem 5. Tipografia elaborado pelas autoras (2024)

Vale destacar também que o design desta tipografia propõe um visual que dialoga com o contemporâneo, além de evidenciar visualmente suas linhas precisas, o que facilita a assimilação das informações que serão utilizadas nas apresentações, convites, página oficial, redes sociais e outros materiais promocionais.

A imagem 6 apresenta a paleta de cores principais a serem utilizadas dentro da identidade visual do SHB, sendo elas: a) o amarelo, cor escolhida para representar a junção entre o Brasil e Espanha (#ffa540); b) o verde, cor escolhida para representar o Brasil (#668806); o vermelho, cor escolhida para representar a Espanha (#a40016) e o preto (#000000).

Imagem 6 - Paleta de cores que formam a identidade visual do SHB. Elaborado pelas autoras (2024)

As cores escolhidas ainda fazem conexão com a ideia original para identidade do SHB previamente apresentadas nas imagens 1 e 2, e remetem às bandeiras dos países que sediam o evento (Brasil e Espanha), fator de grande importância e que simboliza a diversidade e a colaboração global entre os pesquisadores.

A imagem 7 apresenta uma proposta de *layout* para o site do SHB, destacando uma estrutura limpa, moderna e organizada, mantendo-se na paleta de cores.

Imagem 7. Proposta de *layout* para o site do evento. Elaborado pelas autoras (2024).

A imagem 8 apresenta uma proposta de pôster para a divulgação do evento, que também pode ser usada como capa para livros que serão publicados.

Imagem 8. Pôster para divulgação do SHB. Elaborado pelas autoras (2024).

A imagem 9 ilustra a aplicação da nova identidade visual SHB na rede social Instagram, destacando-se por uma estética coesa e profissional. O perfil apresenta um logotipo atualizado e a paleta de cores de acordo com o evento, possibilitando criar um perfil visualmente atraente.

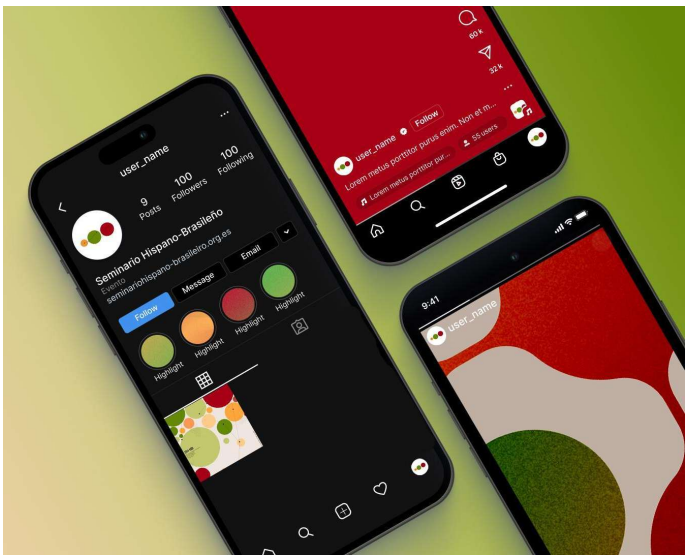


Imagem 9. Aplicação da nova identidade visual para a rede social Instagram. Elaborado pelas autoras (2024).

CONCLUSÃO

O presente artigo propõe a atualização da identidade visual do SHB, além de ressaltar a importância da aplicação de estratégias do marketing científico como uma medida eficiente para aumentar a participação e o envolvimento do público em eventos científicos. A partir de uma análise da atual identidade visual do SHB em comparação com o que se aplica atualmente em outros eventos científicos da área da Ciência da Informação, apresentaram-se oportunidades significativas de mudança, principalmente no que se relaciona à uma estética moderna e capaz de transmitir corretamente os valores do evento de forma clara e objetiva. Nesse sentido, observa-se que o SHB pode atrair um público mais amplo e estabelecer conexões com a comunidade acadêmica nacional e internacional ao adotar uma nova identidade visual baseada em melhores práticas de design, comunicação e marketing científico digital.

A revisão da literatura e a análise comparativa entre eventos reforçou a importância da utilização de técnicas estratégicas do marketing, especialmente aplicadas em eventos científicos. Assim, espera-se que o SHB aprimore a visibilidade e estimule um diálogo acadêmico mais dinâmico e colaborativo, de modo a promover o progresso contínuo da pesquisa em informação, documentação e sociedade.

Conclui-se que, ao adotar uma nova identidade visual e aplicar as estratégias do marketing científico digital, principalmente nas redes sociais e com uma página web centralizada e unificada, o SHB abre maiores possibilidades de fortalecimento da sua credibilidade e posição de destaque na comunidade científica, pois, dessa forma, poderá oferecer uma plataforma mais acessível, com melhor usabilidade e atraente ao público.

REFERÊNCIAS

ACQUOLINI, N. T.; SILVA, M. C. da; BARROS, T. H. B. XXII ENANCIB nas redes sociais: estratégias de criação de conteúdo para visibilidade institucional de eventos científicos. *In:*

Fórum de Estudos em Informação, Sociedade e Ciência, 5., 2023, Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre. UFRGS, 2023. p. 82-95.

ARAÚJO, R. F. Marketing científico digital e métricas alternativas para periódicos: da visibilidade ao engajamento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 67–84, 2015.

DELBIANCO, N. R.; VALENTIM, M. L. P. Sociedade da informação e as mídias sociais no contexto da comunicação científica. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, [S.l.], v. 11, p. 1 - 11, 2022.

DIAS, C. da C.; DIAS, R. G.; SANTA ANNA, J. Potencialidade das redes sociais e de recursos imagéticos para a divulgação científica em periódicos da área de Ciência da Informação. *BIBLOS*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 109–126, 2020. DOI: 10.14295/biblos.v34i1.11241.

FONSECA JÚNIOR, W. C. da; PENTEADO FILHO, R. de C.; AVILA, A. F. D.; CARDOSO, C. C. A avaliação bibliométrica de instituições de pesquisa para além da comunicação científica: o caso Embrapa. *BiD*, n. 43, 2019.

FRASCARA, J. ¿Qué es el diseño de información? Buenos Aires: Infinito, 2011.

KOTLER, P.; KELLER, K. L. Administração de marketing. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

MARTELETO,R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília*, v.3, n.1, p. 27-46, 2010.

MORAES. E. C. G. de; SOARES, M. C. Os eventos científicos e a mediatização: novas possibilidades de interação e a disseminação do conhecimento. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom*, 39., 2016, São Paulo. Anais [...] São Paulo.USP. 2016.

PEREIRA, F. A.; KRZYZANOWSKI, R. F.; IMPERATRIZ, I. M. M. Técnicas de Search Engine Optimization (SEO) aplicadas no site da Biblioteca Virtual da FAPESP. *Cadernos BAD* (Portugal), Braga, n. 1, p. 251-265, 2018.

PETTERSSON, R. Information Design–Principles and Guidelines. *Journal of Visual Literacy*, v. 29, n. 2, p. 167-182, 2010.

PRADO, J. M. K. do; PINTO, A. L. Marketing na Ciência da Informação brasileira: quatro décadas de produção. *Informação & Sociedade*, [S. l.], v. 28, n. 3, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/37935. Acesso em: 1 jun. 2024.

PRÍNCIPE, E. Redes sociais e a comunicação científica. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). Fronteiras da ciência da informação. Brasília: IBICT, 2013.

ROZA, R. H. O papel das tecnologias da informação e comunicação na atual sociedade. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.49, n.1, p.67-75, 2020.

SANTOS, A. C. O. dos; ALMEIDA, D. dos R. B.; CREPALDI, T. A. A. T. da S. Comunicação pública e divulgação científica em tempos de Covid-19: ações desenvolvidas na Universidade Federal de Uberlândia - Brasil. *Revista Española de Comunicación en Salud*, p. 279-292, 2020.

SEQUEIRA, Arminda. Identidade visual: o simbolismo na identidade organizacional. Porto: ISCAP, 2013.

TOMAÉL, M. I. Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. *Informação & Informação*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 63–86, 2007.

O LEGADO DA *ENCYCLOPÉDIE* NA DEMOCRATIZAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO TÉCNICO E TECNOLÓGICO

Lillian Maria Araujo de Rezende Alvares
Universidade de Brasília

Giulia Crippa
Università di Bologna

Resumo*:* Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers par une société de gens de lettres, organizada por Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert, é uma obra monumental do século XVIII, marcou profundamente a evolução do conhecimento técnico e tecnológico. Com aproximadamente 74.000 artigos, a enciclopédia documentou detalhadamente a técnica e o conhecimento científico da época, promovendo a democratização do saber e preparando o terreno para a Revolução Industrial. Os enciclopedistas valorizavam profundamente o conhecimento prático e compreenderam as dificuldades inerentes a sua representação, fazendo o possível para desenredar a relação entre homem e o seu ofício, sobretudo entre o homem e os engenhos: a técnica e a prática; as artes e o trabalho manual, enfim, para compreender a engenharia e a tecnologia do Século das Luzes. A obra não apenas compilou esse conhecimento, mas também o sistematizou, tornando-o acessível a um público maior; as artes mecânicas receberam atenção especial, com descrições minuciosas e ilustrações detalhadas. Nesse cenário, o objetivo deste texto é apresentar alguns elementos introdutórios sobre como a valorização do trabalho manual promovida por Denis Diderot durante o Iluminismo, influenciou a percepção da relação entre o homem e o conhecimento da técnica e como essa percepção continua relevante nos debates contemporâneos. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, fundamentada em uma pesquisa histórica, bibliográfica e documental, inicialmente realizada a partir de revisão narrativa de literatura, incluindo obras clássicas e contemporâneas sobre a Encyclopédie, o Iluminismo e a evolução do conhecimento técnico e tecnológico. A pesquisa também integrou uma abordagem epistemológica, considerando as concepções de conhecimento tácito, prático e explícito. Como resultado, a pesquisa pretendeu proporcionar compreensão profunda e contextualizada da influência da Encyclopédie na valorização do conhecimento técnico e na sua transição de tácito para explícito, percepção aprofundada do impacto da Encyclopédie para os ideais iluministas e análise histórica da relação entre o homem e a ciência, a técnica e a tecnologia ao longo da história. Conclui que a Encyclopédie foi fundamental para transformar o conhecimento técnico em saber acessível, destacando a importância contínua da integração entre teoria e prática no desenvolvimento da sociedade.

Palavras-Chave: Encyclopédie; Denis Diderot; Conhecimento tácito; Conhecimento técnico e tecnológico; Artes mecânicas; Iluminismo.

INTRODUÇÃO

> *Imagino o vasto recinto das ciências como um grande terreno salpicado de lugares obscuros e lugares iluminados. Nosso trabalho deve ter como objetivo ou ampliar os limites dos locais iluminados ou multiplicar os centros de luz no solo. [...] Temos três meios principais; observação da natureza, reflexão e experiência. A observação recolhe os fatos, a reflexão os combina, a experiência verifica o resultado da combinação. A observação da Natureza deve ser assídua, a reflexão deve ser profunda e a experiência deve ser exata. Raramente vemos esses meios combinados*[38]*. (*Diderot, 1753)

[38] Je me représente la vaste enceinte des sciences, comme un grand terrain parfemé de places obscures & de places éclairées. Nos travaux doivent avoir pour but, ou d'étendre les limites des places éclairées, ou de multiplier sur le terrain les centres de lumières. [...] Nous avons trois moyens principaux ; observation de la Nature, la

Denis Diderot (1713-1784) desempenhou um papel significativo no Iluminismo e se tornou um dos principais pensadores da época. Ele escreveu uma variedade de obras, sendo a mais conhecida, a *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers par une société de gens de lettres*[39]. A produção da enciclopédia foi patrocinada por André François Le Breton, Antoine Claude Briasson, Michel Antoine David e Laurent Durand e organizada por ele em parceria com Jean le Rond D'Alembert.

A maior obra do século XVIII, considerada fundamental para a propagação das ideias iluministas, foi uma realização coletiva e envolveu, diretamente, especialistas e eruditos, desafiando o padrão das enciclopédias da época, que representavam apenas uma compilação do conhecimento registrado até então. (Enccre, 2018). Dentre os colaboradores, destacaram-se notáveis figuras do Século das Luzes[40], incluindo Charles-Louis de Secondat (Montesquieu), François-Marie Arouet (Voltaire), Jean-Jacques Rousseau e Étienne Bonnot de Condillac.

Apesar de ter começado como uma tradução para o francês da *Cyclopaedia or Universal Dictionary of Arts and Sciences*, de Ephraim Chambers (1728), este propósito foi posto logo de lado. Eles efetivamente começaram um novo esforço[41], mais amplo e profundo, destinado a dar lugar ao que já se conhecia na época. Os enciclopedistas pretendiam, não apenas reunir todo o conhecimento do seu tempo, mas organizá-lo numa genealogia. Com esse objetivo, o prefácio da obra apresenta o Sistema Figurado do Conhecimento Humano, inspirada na classificação das ciências em *Advancement of Learning* de Francis Bacon, estruturado em três grandes ramos: o da memória, organizado na classe história; o da razão, organizado na classe filosofia; e o da imaginação, organizado na classe poesia.

A obra foi inovadora ao incluir um segmento completo e detalhado para as artes mecânicas, correspondente a um inventário abrangente das tecnologias disponíveis e descrevendo os instrumentos manuais tradicionais, bem como os novos dispositivos, que acabaram se tornando preparatórios para a Revolução Industrial (~1760 a ~1840). Celebrada como a *máquina de guerra*[42] do Iluminismo, a enciclopédia igualava a apresentação das atividades manuais às do trabalho intelectual, deixando clara a mensagem iluminista: a valorização de todos os trabalhos como atividade racional e produtiva, que contribuía para o

réflexion, & l'expérience. L'observation recueille les faits, la réflexion les combine, l'expérience vérifie le résultat de la combinaison. Il faut que l'observation de la Nature soit assidue, que la réflexion soit profonde, & que l'expérience soit exacte. On voit rarement ces moyens réunis.

[39] Em 1750, o título completo era "Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres, mis en ordre par M. Diderot de l'Académie des Sciences et Belles-Lettres de Prusse, et quant à la partie mathématique, par M. d'Alembert de l'Académie royale des Sciences de Paris, de celle de Prusse et de la Société royale de Londres" (Enciclopédia, ou dicionário racional das ciências, artes e profissões, por uma sociedade de pessoas de letras, organizado pelo senhor Diderot da Academia de Ciências e Belas-letras da Prússia, e quanto à parte matemática pelo senhor d'Alembert da Academia Real de Ciências de Paris, da Prússia e da Sociedade Real de Londres")

[40] Outro nome do Iluminismo, foi Era da Razão, destacando a razão como o principal meio de compreender o mundo e promover o progresso humano. O nome da obra "Crítica da Razão Pura" (1781), de Immanuel Kant (1724-1804) é uma das obras filosóficas mais influentes do Iluminismo e está intimamente ligada ao nome "Era da Razão".

[41] A Cyclopaedia tinha 2 volumes. A Encyclopédie chegou a 28 volumes no final da publicação (Enccre, 2018)

[42] Máquina de Guerra era o apelido da Encyclopédie por remeter ao seu papel combativo contra a autoridade estabelecida e a tradição, especialmente contra a Igreja e a monarquia. Também recebeu os apelidos de Arsenal do Iluminismo (pelo seu papel como repositório de conhecimento que poderia ser usado para desafiar a ignorância e a superstição); Biblioteca Universal (por refletir a ambição de compilar todo o conhecimento humano disponível na época); A Grande Enciclopédia Francesa e A Enciclopédia de Diderot e d'Alembert, entre tantos outros.

bem-estar da sociedade como um todo, organizado e melhorado pela razão e pela ciência (Sennet, 2008).

Para muitos termos, a *Encyclopédie* adotou, como método, ***a*** compreensão de como as pessoas trabalhavam, levando a produção a dificuldades consideráveis, uma vez que muito do conhecimento laboral da época era, sobretudo, tácito, isto é, as pessoas sabem como fazer algo, mas não conseguem expressar em palavras o que sabem. Diderot comentou "entre mil, um terá a sorte de encontrar uma dúzia que seja capaz de explicar as ferramentas ou máquinas que eles usam e as coisas que eles produzem com alguma clareza[43]." (Diderot, 1750).

A solução de Diderot aos limites da linguagem era tornar-se, ele próprio, um trabalhador, cujo compreensão chegaria pela prática, ou na terminologia atual, ele iria aprender, fazendo. Sob esta luz, o idealizador da Grande Enciclopédia Francesa fez o possível para compreender a relação entre o homem e o trabalho, especialmente, entre o homem e os engenhos, à técnica e à prática; que no futuro chegaria à engenharia e à tecnologia, que viriam a produzir uma economia e uma sociedade baseadas em informação e conhecimento, tendo pronunciado:

> "Mas há profissões tão singulares e manobras tão delicadas que, a menos que você trabalhe sozinho, mova uma máquina com as próprias mãos e veja o trabalho tomar forma diante dos seus próprios olhos, é difícil falar sobre isso com precisão. Foi, portanto, necessário várias vezes obter as máquinas, construí-las, pôr mãos à obra, aprender, por assim dizer, e fazer você mesmo um mau trabalho para ensinar aos outros como fazer bons[44]." (Diderot, 1750).

Nesse cenário, o objetivo deste texto é apresentar alguns *elementos introdutórios* sobre como a valorização das artes mecânicas, promovida pelo Iluminismo, influenciou a percepção do conhecimento tácito das técnica e como essa percepção continua relevante nos debates contemporâneos sobre o desenvolvimento de artefatos intensivos em ciência e tecnologia. Especificamente, como resultado esperado, pretende-se apresentar os fundamentos do conhecimento tácito, técnico e tecnológico e a presença destes na *Encyclopédie*.

METODOLOGIA

A pesquisa completa, que não será aqui apresentada, servirá apenas como contextualização para a uma reflexão histórico-filosófica sobre o conhecimento da técnica e da tecnologia, situada entre o pragmatismo e a evolução da civilização. Pretende-se compreender como o conhecimento e o desenvolvimento técnico e tecnológico têm moldado, e sido moldados, pela evolução da sociedade ao longo da história. Considera as implicações filosóficas desse processo, especialmente, em relação à abordagem pragmática adotada em diferentes épocas e culturas. Trata-se também de um estudo empírico, realizado com o objetivo de explorar os princípios do pragmatismo e sua aplicação em ambientes organizacionais contemporâneos, notadamente, naqueles que sejam intensivos em ciência e tecnologia.

---

[43] A peine entre mille en trouve-t-on une douzaine en état de s'exprimer avec quelque clarté sur les instrumens qu'ils emploient & sur les ouvrages qu'ils fabriquent.

[44] Mais il est des métiers si singuliers & des manoeuvres si déliées, qu'à moins de travailler soi-même, de mouvoir une machine de ses propres mains, & de voir l'ouvrage se former sous ses propres yeux, il est difficile d'en parler avec précision. Il a donc fallu plusieurs fois se procurer les machines, les construire, mettre la main à l'oeuvre, se rendre, pour ainsi dire, apprentif, & faire soi-même de mauvais ouvrages pour apprendre aux autres comment on en fait de bons.

Para o recorte analítico apresentado neste trabalho, quais sejam, os fundamentos do conhecimento tácito, técnico e tecnológico e a presença destes na *Encyclopédie*, a metodologia traz uma pesquisa qualitativa, histórica, bibliográfica e documental, que integra revisão de literatura, análise de conteúdo e estudo epistemológico das concepções de conhecimento técnico e prático. Está fundada na corrente filosófica do pragmatismo, que valoriza a utilidade prática das ideias, enfatizando a importância da experiência e das consequências reais para determinar sua validade e significado. Está alinhada ao método fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938), o qual reconhece que o conhecimento é limitado à interpretação dos fenômenos pela consciência humana, cujo entendimento filosófico de fenômeno é a forma como algo se manifesta para o sujeito a partir de sua realidade social, conduzindo à tese de que todo o conhecimento é também conhecimento de si e é construído a partir de inúmeras perspectivas da consciência humana.

Como resultados da pesquisa completa, espera-se uma compreensão profunda das ideias dos enciclopedistas-iluministas do século XVIII, sobretudo de Denis Diderot, além de uma análise do impacto histórico da relação entre o homem e a tecnologia, assim como as implicações filosóficas do pragmatismo em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico ao longo da história. Para o segmento aqui apresentado, pretende-se mostrar como a *Encyclopédie* representou um esforço pioneiro e monumental para democratizar o conhecimento técnico e tecnológico.

REVISÃO DE LITERATURA

AS ENCICLOPÉDIAS E OS ENCICLOPEDISTAS

A ideia de reunir e organizar o conhecimento humano de forma sistemática tem suas raízes na Roma Antiga, quando Plínio, o Velho (23–79 D.C.) escreveu *Natural History*, 37 livros, organizados em 10 volumes, reunindo o que se sabia na época sobre agricultura, antropologia, arte, biologia, geografia, medicina, mineralogia e zoologia[45] (Stadler, 2021). Uma das principais fontes de Plínio, foi o conjunto de obras sobre os seres vivos, apresentando aspectos teóricos e descritivos[46], que Aristóteles descreveu quatro séculos antes. Por exemplo, em *Historia animalium*, o filósofo grego apresentou "aproximadamente 550 espécies, incluindo vertebrados e invertebrados. Descreveu aparência externa e interna, hábitos dos animais, fez detalhadas comparação entre os animais, e tentou explicar suas principais características e diferenças" (Martins, 2006). Por muitos séculos, foi uma obra de referência na Europa. Álvarez Peláez (2000) relata que, no período dos descobrimentos, os europeus chegavam ao Novo Mundo trazendo em suas malas exemplares da magna obra, com o objetivo analisar os animais que lá existiam.

[45] O livro I traz o índice e uma bibliografia completa. Os livros II a VI tratam de astronomia e geografia; os livros VII a XI, tratam de zoologia; os livros XII a XIX, botânica e a agricultura; os livros XX a XXVII, botânica médica; os livros XXVIII a XXXII descrevem diferentes remédios e antídotos retirados de diferentes animais e do próprio homem; e os livros XXXIII a XXXVII tratam de mineralogia e metais. Essa obra, em conjunto, é considerada uma grande enciclopédia.

[46] São elas: De anima, Parva naturalia, *Historia animalium*, De partibus animalium, De motu animalium, De incessu animalium e De generatione animalium.

O termo enciclopédia, no entanto, surgiu muito antes, na Grécia Antiga, relacionada ao conceito da educação (paideia) ou ainda, de educação cíclica (egkýklios[47] paideia) referindo-se ao ciclo básico de escolaridade das crianças, que englobava o desenvolvimento intelectual, profissional, cívico e humano. O conceito de educação integral evoluiu e se adaptou ao longo do tempo, mantendo sua relevância como um modelo educacional que equilibra a instrução variada e a formação crítica do intelecto (Spinelli, 2016). De acordo com Roest (1997) e Carey (2003), o termo foi usado pela primeira vez como título, no livro *Lucubrationes vel potius absolutissima kyklopaideia*[48] (1541), de autoria de Joachimus Fortius Ringelbergius e depois, em 1559, na obra *Encyclopaedia seu orbis disciplinarum tam sacrarum quam prophanarum epistemon*[49], de Skalić, ambos publicados na cidade da Basiléia.

No oriente, a primeira enciclopédia que reuniu o conhecimento humano foi escrita no século III d.C., na China, de autoria desconhecida. Conhecida como Erya, ela não é uma enciclopédia no sentido moderno da palavra, mas sim um dicionário enciclopédico, menos profundo e menos detalhado do que a estrutura clássica da enciclopédia. A obra foi organizada em 19 capítulos, cada qual cobrindo diferentes categorias de conhecimento, como botânica, geografia, seres humanos, zoologia e outros aspectos da cultura e da sociedade chinesa.

Entretanto, a noção de enciclopédia é posterior à idéia em si. Não é preciso, nesse sentido, pensar em enciclopédia universal, mas temática. A elaboração de um inventário, um catálogo, sustentado pela ilusão de colocar todo o saber em um livro, já se encontra na Idade Média, definida como *Imago Mundi*, ou seja, representação, entendida como imagem, do mundo. A Enciclopédia se propõe como conjunto dos conhecimentos humanos, ordenados em volta de um eixo comum. Exposição, mais ou menos pormenorizada, das ciências e das artes, tanto através de um sistema lógico e orgânico (enciclopédia sistemática), quanto através de um número mais ou menos grande de verbetes ordenados alfabeticamente. Para a antiguidade, enkyklios paidéia se refere à formação propedêutica geral, delineando o método da acumulação típico da paidéia. A esse se contrapõe o princípio do método moderno, que isola e realça um objeto de interesse, em condições artificiais e em detrimento de um conjunto maior. O verbete “enciclopédia” aparece no Pantagruel (cap. XX, livro 2) de François Rabelais (1494-1553), como neologismo no âmbito da sátira contra o pedantismo e a erudição. Somente com os filósofos o termo é “positivo”. Roest (1997) e Carey (2003) também afirmam que no corpo do texto, provavelmente é nesta obra que está um dos usos mais antigos da palavra.

Na idade média, é possível destacar a *Etymologiae*, publicada no século VII, em torno do ano de 630, de Santo Isidoro de Sevilha, cujo esforço levou à compilação do conhecimento disponível à época em 448 capítulos em 20 volumes; a *Suda*, do século X, compilada em Constantinopla; do século XIII, *De Rerum proprietatibus*, de 1240, de Bartolomeu da Inglaterra, uma das mais conhecidas no período; e a *Speculum Majus*, de 1260, de Vicente de Beauvais, a mais ambiciosa enciclopédia do período tardo-medieval, com mais de 3 milhões de palavras (Collison; Coleridge, 1964)

Johann Heinrich Alstedius (1588-1638), por sua vez, foi considerado um dos enciclopedistas mais importantes de todos os tempos. Sua Enciclopédia, *Septem Tomis*

---

[47] A transliteração por enkýklios é a mais corriqueira, mas Spinelli prefere transliterar por egkýklios, a fim preservar no “g” uma explícita referência ao gama em εγκύκλιος.

[48] Iluminações ou melhor, enciclopédia absoluta

[49] Enciclopédia, ou conhecimento do mundo das disciplinas

Distincta, de 1630, considerada a mais importante da Renascença (Loveland, 2019), segue a divisão das disciplinas vigentes nas universidades europeias até o século XVIII, integradas com disciplinas que não constituíam disciplinas de ensino. Entre elas, a seção VI, dedicada às artes mecânicas, que na época eram assim classificadas: arquimagiftérica (clafmatica, hydraulica, etc), horometria (gnomônica ou ciatérica), taumatúrgico (automatopoética, pneumática, etc) e zografia (cenográfica) (Sandoz, 2018).

Os enciclopedistas continuaram a avançar no esforço para compilar e disseminar conhecimento abrangente e sistemático ao longo dos séculos, cada um deles contribuindo de maneira significativa para a tradição enciclopédica, influenciando o formato e o conteúdo das enciclopédias que viriam adiante. A *Cyclopaedia, or an Universal Dictionary of Arts and Sciences*, de 1728[50], de autoria de Ephraim Chambers foi uma das obras mais importantes desse período, modelo para muitas enciclopédias subsequentes. O desejo de traduzi-la para o francês deu início a uma aventura editorial iniciada em 1745, que se encerrou com a nomeação de Denis Diderot (filósofo e escritor) e Jean Le Rond d'Alembert (respeitado matemático) como editores, em 1747 — mas não mais para a tradução dos dois volumes da *Cyclopaedia*, mas uma nova, que chegou a 28 volumes – 17 volumes de texto, 11 volumes de placas de ilustrações – ao longo dos 25 anos de trabalho (Leca-Tsiomis, 2001).

Segundo Passeron (2015), em 1758, D'Alembert deixou o empreendimento, motivado por várias razões, incluindo a pressão constante decorrente das controvérsias e críticas que a *Encyclopédie* enfrentava, especialmente por parte das autoridades religiosas e políticas. Ele também se sentia sobrecarregado com o volume de trabalho e a responsabilidade que o projeto exigia, pois era um fecundo matemático, autor de duas obras seminais, Tratado de Dinâmica[51] (1743) e o Tratado sobre o Equilíbrio e Movimento dos Fluidos[52] (1744), que estabeleceram a base teórica para estudos subsequentes nessa área e influenciaram significativamente a ciência.

O ILUMINISMO E A ENCYCLOPÉDIE

O Iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico que marcou a Europa no século XVIII, baseando-se na razão como a principal fonte de autoridade e legitimidade. Promovia ideais de liberdade, progresso, tolerância, fraternidade, governo constitucional e a separação entre Igreja e Estado. O método científico era central no Iluminismo, e por isso, alguns historiadores situam seu início na década de 1620, com a Revolução Científica.

Durante esse período, as ideias circulavam amplamente em universidades, salões literários e cafés; também em livros e panfletos, levando a profusa difusão de conhecimento, que enfraqueceu a autoridade da monarquia e da Igreja, preparando o terreno para a Revolução Francesa em 1789. O Iluminismo teve uma vasta influência sobre a vida política e intelectual da maioria dos países ocidentais, sendo uma época marcada por transformações políticas como a expansão dos direitos civis e a redução da influência de instituições hierárquicas, como a nobreza e a Igreja.

[50] E dois volumes suplementares em 1753, após, portanto, o início da publicação da *Encyclopédie.*

[51] *Traité de dynamique*

[52] *Traité de l'équilibre et du mouvement des fluid*

A publicação mais influente do Iluminismo foi a *Encyclopédie*[53], publicada entre 1751 e 1765 (essa data final refere-se à publicação do último volume de textos; o último volume das ilustrações aconteceu em 1772, 7 anos depois), com aproximadamente 74.000 artigos, organizada por Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert (até 1758), e um grupo de aproximadamente 150 cientistas, especialistas e filósofos. Isto ajudou a propagar os ideais do Iluminismo em toda a Europa e além. Foi o maior empreendimento editorial do século XVIII, tanto em volume, como em capital investido e em força humana empregada; estima-se que foram produziram cerca de 24.000 cópias até 1789, pelo menos 11.500 delas distribuídas na França, o país onde se originou e onde sofreu mais perseguição (Darnton, 1979).

De fato, ela foi o "*noeud vital*" do século XVIII, o nó onde todos os fios foram reunidos, onde o conhecimento dos salões ia à enciclopédia e da enciclopédia para o público (Brunetière, 1931). Ela recebeu o apelido de máquina de guerra do Iluminismo, serviu para difundir seus ideais e "abrir todos os domínios da atividade humana aos seus leitores[54]" (Morrissey, 1982). Ao reunir e disseminar vastos conhecimentos científicos, técnicos e filosóficos, tornou-se uma ferramenta poderosa na luta pela mudança social e intelectual, levando a sua proibição por duas vezes (Leca-Tsiomis, 2015). A enciclopédia foi verdadeiramente uma escola, o próprio Diderot insistia neste aspecto educativo ao descrever o termo na obra.

> "Na verdade, o objetivo de uma Enciclopédia é reunir os conhecimentos espalhados pela superfície da terra; expor o seu sistema geral aos homens com quem convivemos e transmiti-lo aos homens que virão depois de nós; para que o trabalho dos séculos passados não seja um trabalho inútil nos séculos que se seguirão; que nossos sobrinhos, tornando-se mais educados, se tornem ao mesmo tempo mais virtuosos e mais felizes, e que não morramos sem ter merecido o bem da raça humana[55]." (Enccre, 2018).

Diderot não se cansou de sublinhar o aspecto universal da verdadeira formação, a de uma escola pública eficiente e aberta a todos os cidadãos. A circularidade e a horizontalidade do conhecimento fazem parte dos princípios fundamentais da escola que a *Encyclopédie* promove.

Seu legado ainda hoje é objeto de estudo profundos. Para citar alguns exemplos, cabe destacar: (i) o periódico científico dedicado ao filósofo e sua magna obra, intitulado Recherches sur Diderot et sur l'*Encyclopédie* (ISSN 1955-2416), publicado desde 1986 pela Société Diderot[56]; (ii) a edição eletrônica da *Encyclopédie*, resultado do Project for American and French Research on the Treasury of the French Language (ARTFL), fruto da colaboração entre o governo francês e a Universidade de Chicago[57]; (iii) e a Édition Numérique Collaborative et Critique de l'*Encyclopédie* (ENCCRE)[58], fruto dos esforços do Comité

---

[53] Outras publicações de referência no Iluminismo foram o Dictionnaire philosophique (1764) e Cartas Filosóficas (1733) de Voltaire; Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (1754) e Do Contrato Social (1762), de Rousseau; A Riqueza das Nações (1776), de Adam Smith; e O Espírito das Leis (1748), de Montesquieu.

[54] *to open all domains of human activity to its readers*

[55] *En effet, le but d'une Encyclopédie est de rassembler les connoissances éparses sur la surface de la terre ; d'en exposer le système général aux hommes avec qui nous vivons, & de le transmettre aux hommes qui viendront après nous ; afin que les travaux des siecles passés n'aient pas été des travaux inutiles pour les siecles qui succéderont ; que nos neveux5, devenant plus instruits, deviennent en même tems plus vertueux & plus heureux, & que nous ne mourions pas sans avoir bien mérité du genre humain.*

[56] https://journals.openedition.org/rde/

[57] https://encyclopedie.uchicago.edu/

[58] http://enccre.academie-sciences.fr/encyclopedie/

D'Alembert da Académie des Sciences et Travaille, entre outras instituições francesas. Vale trazer a homenagem da Université Paris Cité (Paris 7) que nomeou: (i) a École d'ingénieurs Denis-Diderot e (ii) concede 90 mil euros, com apoio do Ministério do Ensino Superior e Investigação, ao *Prix Diderot Innovation* para o desenvolvimento científico, tecnológico e industrial.

RESULTADOS ALCANÇADOS

CONHECIMENTO TÁCITO

A *Encyclopédie* foi uma das primeiras grandes tentativas de explicitar e documentar o conhecimento técnico e tecnológico disponível, transformando o que antes era conhecimento tácito em conhecimento explícito. Ao registrar e sistematizar o conhecimento especializado e aplicado da época, a *Encyclopédie* tornou acessível uma vasta gama de informações que anteriormente eram transmitidas de forma implícita e não formalizada, permitindo maior disseminação e uso desse conhecimento.

O termo tácito, cuja etimologia está intimamente ligada à ideia de silêncio e à ausência de comunicação verbal explícita, é utilizado para descrever situações, acordos ou entendimentos que não são explicitamente comunicados, mas que são compreendidos e aceitos implicitamente por todas as partes envolvidas. Em diversos contextos, desde normas sociais até acordos legais, o que é tácito desempenha um papel crucial, permitindo que muitas interações humanas ocorram de maneira fluida e eficiente sem a necessidade de formalizações ou explicações detalhadas.

A expressão conhecimento tácito, portanto, refere-se às habilidades não articuladas, intuições, impressões e compreensões que não são facilmente expressáveis. É o conhecimento difícil de formalizar e comunicar por meio de palavras ou escrita e que, geralmente, é adquirido pela experiência pessoal. Ele é predominante em atividades manuais, onde as habilidades e competências são frequentemente passadas de mestre a aprendiz, por meio da observação e prática. Diderot diz, no Prefácio, que a "linguagem ainda é muito imperfeita; que é pelo hábito extremo de conversar entre si que os trabalhadores se compreendem, e muito mais pelo retorno das circunstâncias do que pelo uso dos termos[59]." (Diderot, 1750).

Michael Polanyi (1891-1976), filósofo da ciência, trouxe o conhecimento tácito para o contexto moderno e o articulou de maneira detalhada e sistemática. Ele popularizou e desenvolveu, significativamente, o conceito em suas obras, sobretudo, em "*Personal Knowledge: Towards a Post-Critical Philosophy*", de 1958. Sua obra mostra como essa tipologia de conhecimento está profundamente enraizada nas experiências individuais e contextos específicos dos indivíduos, sendo moldada por suas crenças, perspectivas e valores.

A transmissão do conhecimento tácito é muitas vezes desafiadora, pois esse tipo de conhecimento é difícil expressar. A aprendizagem do conhecimento tácito ocorre por meio da imitação e da experiência compartilhada, não apenas por descrições verbais ou escritas. Ludwig Wittgenstein (1889-1951) abordou a ideia de conhecimento inefável em sua obra

[59] *Langue est encore bien imparfaite ; que c'est par l'extrême habitude de converser les uns avec les autres, que les Ouvriers s'entendent, & beaucoup plus par le retour des conjonctures que par l'usage des termes.*

"*Tractatus Logico-Philosophicus*", de 1921, ao dizer que há aspectos da realidade que estão simplesmente além das capacidades da linguagem. O conhecimento inefável, para ele, está intimamente ligado àquilo que não pode ser expresso verbalmente, mas que ainda tem uma presença significativa e é mostrado de outras maneiras.

A Fenomenologia da Percepção (1945), de Maurice Merleau-Ponty (1908- 1961), desvela que nossa capacidade de comunicar e compreender os outros é baseada em nossa experiência compartilhada de estar no mundo como corpos que agem e percebem. Ele vê o corpo como um sujeito que participa na constituição da realidade, não como um objeto entre outros objetos. Esta visão sugere que a percepção e o conhecimento são sempre mediados pela corporalidade e pela situação espacial e física do corpo. O pensamento do autor alinha-se ao saber profundo e inarticulado que molda nossas ações e compreensões, sem a necessidade e condição de ser explicitado.

Donald Schön (1930-1997), no livro "*The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action*" (1983), explora a ideia de que os profissionais muitas vezes agem em situações complexas e incertas com base em um tipo de conhecimento que não é totalmente articulado, mas sim intuitivo e experiencial. Processo onde os profissionais pensam sobre o que estão fazendo enquanto estão fazendo, adaptando-se e respondendo às situações conforme elas ocorrem. A experiência profissional está ligada diretamente à prática dos profissionais e não apenas de seu treinamento formal ou conhecimento teórico explicitamente ensinado. Esse conhecimento tácito inclui habilidades intuitivas, percepções e julgamentos que não são facilmente visíveis para os próprios praticantes ou para os outros. Essas situações requerem um tipo de pensamento e resposta que são essencialmente tácitos: reflexivos e criativos.

De fato, desde o século XVII, a ideia de método transforma radicalmente a relação entre o saber e o fazer. Nas palavras de Michel de Certeau, "impõe-se o esquema de um discurso que organiza uma maneira de pensar em maneira de fazer, em gestão racional de uma produção e em operação regulada sobre campos apropriados" (Certeau, 1996, p. 136). Essa transformação no modo de entender o conhecimento científico influenciou também a valorização do conhecimento prático, o conhecimento da experiência, obtido pela vivência direta e da experimentação pessoal, seja por observação, tentativa e erro, ou por imersão em situações específicas. Muitas vezes informal e contextual, esse tipo de conhecimento se baseia na aplicação prática e na reflexão sobre as experiências e está ligado à habilidade de realizar tarefas ou atividades, aprimorando as habilidades necessárias por meio da prática constante.

CONHECIMENTO TÉCNICO E TECNOLÓGICO

O esforço da *Encyclopédie* em conseguir externalizar e registrar o conhecimento tácito da técnica e da tecnologia disponível naquele momento da história remete aos termos *techné*, técnica e tecnologia. O primeiro, *techné*, junto com a prudência (*phronesis*), é a representação da dimensão prática do conhecimento humano na perspectiva da filosofia grega, em contraste com a dimensão teórica, que traz os termos ciência (*episteme*), intelecto (*nous*) e sabedoria (*sofia*). Esses conceitos, ou "virtudes do intelecto", são apresentados por Aristóteles (2007, 1139b) na obra Ética a Nicômaco. Nas palavras do filósofo:

> "A obtenção da verdade é então a função de ambas as partes intelectuais da alma. Portanto, suas respectivas virtudes são aquelas disposições que melhor os qualificarão para alcançar a verdade [...] Suponhamos que existem cinco qualidades através das quais a mente alcança a verdade na afirmação ou negação,

> nomeadamente arte ou habilidade técnica, conhecimento científico, prudência, sabedoria e inteligência.[60]"

Techné significa a arte de "trazer alguma coisa à existência; e exercer uma arte significa estudar como trazer à existência uma coisa que pode existir ou não, e cuja causa eficiente reside no criador e não na coisa feita[61]." (Aristóteles, 2007, 1140a). Refere-se ao conhecimento prático ou à habilidade em realizar tarefas específicas, especialmente aquelas relacionadas à produção de artefatos ou à execução de tarefas artísticas e artesanais. Vargas (1994, p. 18) assim apresenta:

As 'techné' gregas eram, em princípio, constituídas por conjuntos de conhecimentos e habilidades profissionais transmissíveis de geração a geração. São desse tipo de saber a medicina e a arquitetura gregas. Também são 'techné' a mecânica, entendida essa como a técnica de fabricar e operar máquina de uso pacífico ou guerreiro, e os ofícios que hoje chamamos de 'belas artes'. Ao lado dessas havia também, uma 'techné' exata como, por exemplo, a utilização das matemáticas na agrimensura e no comércio.

O mesmo autor traz que "toda techné consiste no conhecimento empírico de um objeto ou ação que serve ao homem; portanto, tal saber só se realiza como aplicação prática e não como contemplação" (Vargas, 1994, p.18). Ele afirma que techné é uma forma elaborada da técnica, aperfeiçoada pela transmissão de geração a geração, chegando mesmo a ser apresentada e descrita em livros, como *Corpus Hippocraticum,* de Hipócrates ou De Architectura, de Vitrúvio Pollio.

Durante o século XVIII, o conhecimento técnico estava se expandindo rapidamente, impulsionado pelo avanço das ciências e pela necessidade de melhorar a eficiência e a precisão nas várias profissões e ofícios. Esta transição marca a passagem de uma *techné* artesanal, enraizada na prática e na experiência pessoal, para uma técnica moderna, caracterizada pela sistematização do conhecimento e pela aplicação de princípios científicos. A Revolução Industrial, com suas inovações tecnológicas e novos métodos de produção, exemplifica essa transformação, consolidando a técnica como um campo essencial para o progresso econômico e social. Esta evolução reflete uma mudança significativa na forma como o conhecimento técnico é percebido e utilizado, tornando-se uma parte integral do desenvolvimento das sociedades modernas e contribuindo para a melhoria contínua das práticas industriais e profissionais. Heidegger (2007) diz que *techné* "cabe para a técnica manual, mas não para a moderna técnica das máquinas de força. [...]. Diz-se que a técnica moderna é algo totalmente incomparável com todas as outras técnicas anteriores, porque ela repousa sobre a moderna ciência exata da natureza" (p.381).

Mumford (1934) examina a evolução da técnica não apenas à Revolução Industrial, mas desde a Idade Média até o início do século XX. Ele divide seu desenvolvimento em três fases principais. A primeira fase, nomeada eotécnica (até 1800, aproximadamente), o autor destaca a importância dos relógios (desde os relógios de sol) como uma invenção crucial. A relojoaria ganha complexidade com os primeiros relógios mecânicos na Europa, no século XIII, que utilizavam a técnica de pesos e engrenagens, seguida pelos relógios de pêndulo

---

[60] *The attainment of truth is then the function of both the intellectual parts of the soul. Therefore their respective virtues are those dispositions which will best qualify them to attain truth [...] Let it be assumed that there are five qualities through which the mind achieves truth in affirmation or denial, namely Art or technical skill, scientific knowledge, prudence, wisdom, and intelligence.*

[61] *bringing some thing into existence; and to pursue an art means to study how to bring into existence a thing which may either exist or not, and the efficient cause of which lies in the maker and not in the thing made.*

(aproximadamente em 1656) que eram muito mais precisos que os anteriores. Nessa fase também estão o vidro e o papel, que alteraram profundamente a vida doméstica e a disseminação do conhecimento.

A fase paleotécnica (1700 a 1900) é marcada pelo início da industrialização intensiva, com a introdução das máquinas a vapor e a produção em massa, que levaram a condições de trabalho degradantes e urbanização descontrolada. O pensador critica a transformação dos trabalhadores em simples componentes de uma vasta máquina produtiva. Ele aponta que, embora tenha trazido avanços significativos, essa fase também trouxe enormes custos sociais e ambientais.

Na última fase, a neotécnica (iniciando em 1900), ele observa a ascensão da eletricidade e a descentralização da produção, permitindo fábricas menores e mais eficientes. É caracterizada pela cooperação entre ciência e técnica com resultados significativos em diversas áreas da atividade humana. Tem início a fase da tecnologia como conhecemos, propriamente dita, definida por Bunge (1985, p. 231) como "o campo do conhecimento relacionado com a concepção de artefatos e planejamento de sua realização, operação, ajuste, manutenção e acompanhamento à luz do conhecimento científico", onde artefato descreve qualquer produto ou serviço que resultem de processos do desenvolvimento científico, técnico e tecnológico, é o resultado tangível desse conhecimento. Durante o Século das Luzes, muitos artefatos estavam surgindo, pavimentando o caminho para a Revolução Industrial, e a *Encyclopédie* documenta muitos deles, descrevendo os princípios científicos que os fundamentam.

A palavra tecnologia começou a ser usada no sentido moderno, relativamente, tarde na história. Embora as suas raízes etimológicas (*techné* e *logia*) sejam remotas e terem sido amplamente incorporadas ao vocabulário grego, o uso combinado é recente. O cientista alemão Johann Beckmann (1739-1811) popularizou o termo em 1777, na obra Anleitung zur Technologie[62], usado para descrever o estudo sistemático dos ofícios e das artes aplicadas, marcando uma etapa importante na evolução do conceito de tecnologia como um campo de estudo acadêmico e prático:

> "Ousei usar a tecnologia em vez do nome história da arte que já é comum há algum tempo, o que é pelo menos tão incorreto quanto chamar a história natural de ciência natural. A história da arte pode ser chamada de história da invenção, do progresso e de outros destinos de uma arte ou de um ofício; mas muito mais é a tecnologia que explica todo o trabalho, as suas consequências e as suas razões de forma completa, organizada e clara[63]." (Beckmann, 1777, p. 40).

No século XIX, a palavra e o sentido atual da tecnologia começa a se consolidar e a se difundir como conhecemos hoje, conforme previu Beckmann (1777):

> "Em vez de apenas ser instruída nas oficinas sobre como seguir as instruções e hábitos do mestre para produzir bens, a tecnologia dá, de forma sistemática, instruções completas sobre como atingir esse mesmo fim, com base em princípios

---

[62] O nome completo é *Anleitung zur Technologie, oder zur Kentniss der Handwerke, Fabriken und Manufacturen, vornemlich derer: die mit der Landwirthschaft, Polizey und Cameralwissenschaft in nächster Verbindung stehn. Nebst Beyträgen zur Kunstgeschicht. (Instruções sobre tecnologia, ou sobre conhecimento dos ofícios, fábricas e manufaturas, especialmente aquelas que estão intimamente ligadas à agricultura, polícia e ciência da câmera: Além de contribuições para a história da arte)*

[63] *Ich habe es gewagt, Technologie, stat der seit einiger Zeit üblichen Benennung Kunstgeschichte, zu brauchen, die wenigstens eben so unrichtig, als die Benennung Naturgeschichte für Naturkunde ist. Kunstgeschichte mag die Erzählung von der Erfindung, dem Fortgange und den übrigen Schicksalen einer Kunst oder eines Handwerks heissen; aber viel mehr ist die Technologie, welche alle Arbeiten, ihre Folgen und ihre Gründe vollständig, ordentlich und deutlich erklärt.*

> verdadeiros e experiências confiáveis para encontrar os meios e explicar e usar os fenômenos que ocorrem durante o processamento[64]." (p. 39).

E prossegue:

> "O artesanato foi dividido de várias maneiras, por ex. de acordo com os materiais: em pedreiros, metalúrgicos, etc. ou de acordo com o uso dos bens: em alimentos, roupas, joias, etc. ou de acordo com os vários estabelecimentos das guildas: em guildas, freye, etc.; mas todas essas divisões não servem de base para a tecnologia[65] "(Beckmann, 1777, p. 41).

Vale trazer a perspectiva de Schatzberg (2012), quando diz que foi em 1930 que tecnologia passou a ser um termo dominante, quando as práticas tecnológicas passaram a ser vistas como a antítese da arte e que "os conceitos de ciência e arte se tornaram tão estranhos que ocuparam mundos culturais diferentes[66]" (p. 555). Schatzberg ainda reforça que antes da primeira década do século XX, o termo tecnologia era raramente usado e geralmente definido como a ciência das artes, principalmente das artes úteis. Foi nesse contexto que tecnologia começou a ser entendida como sinônimo de ciência aplicada e daí veio a expressão ciência e tecnologia, representando a distinção entre ciência pura e ciência aplicada.

Hoje, tecnologia e conhecimento tecnológico referem-se à aplicação da ciência para resolver problemas específicos, geralmente pela criação e utilização de máquinas e ferramentas. Com uma visão ampliada, pode-se defini-lo como a expressão que reúne quatro tipologias de conhecimento relacionadas à utilidade prática. o primeiro é o conhecimento tácito, de especialistas de domínio, relativo ao conhecimento subjetivo, adquirido da experiência individual. O segundo é o conhecimento das regras práticas, resultado da definição de diretrizes, convenções e padrões, originados tanto da articulação do conhecimento tácito, como da simplificação do conhecimento científico. O terceiro é o conhecimento científico, resultante de investigação científica, direcionado ao desenvolvimento da engenharia, considerando a conformação da sociedade, os aspectos econômicos e as limitações do meio ambiente, tornando-se conhecimento de alta tecnologia ou intensivo em tecnologia, quanto mais agregado científico houver. E o quarto, o conhecimento das ciências aplicadas, aquelas cujo objetivo é a aplicação do conhecimento já existente para a solução de problemas práticos, e em decorrência, a aquisição de novos conhecimentos (Hansson, 2013).

A relação entre *techné*, técnica e tecnologia está profundamente enraizada na etimologia e na evolução conceitual desses termos, que se interconectam e influenciam mutuamente. Ambas as palavras se referem ao conhecimento prático e à habilidade em realizar tarefas específicas. *Techné* fornece a base conceitual e etimológica para a tecnologia. A técnica, componente fundamental da tecnologia, refere-se às habilidades e aos métodos específicos para realizar tarefas. A tecnologia envolve a aplicação das técnicas de maneira

---

[64] *Anstat daß in den Werkstellen nur gewiesen wird, wie man zur Verfertigung der Waaren, die Vorschriften und Gewohnheiten des Meisters befolgen soll, giebt die Technologie, in systematischer Ordnung, gründliche Anleitung, wie man zu eben diesem Endzwecke, aus wahren Grundsätzen und zuverlässigen Erfahrungen, die Mittel finden, und die bey der Verarbeitung vorkommenden Erscheinungen erklären und nutzen soll.*

[65] *Man hat die Handwerke auf mannigfaltige Art abgetheilet, z. B. nach den Materialien: in Steinarbeiter, Metallarbeiter, u. s. w. oder nach dem Gebrauche der Waaren: in die zur Nahrung, zur Kleidung, zum Schmuck u. s. w. oder nach der verschiedenen Einrichtung der Gilden: in zünftige, freye u. s. w; aber alle diese Eintheilungen dienen nicht zur Grundlage der Technologie.*

[66] *the concepts of science and art became so estranged that they occupied different cultural worlds*

sistemática e inovadora para resolver problemas e criar novos artefatos, sistemas e processos, buscando teorias, conceitos e quadros referenciais para sua compreensão.

A ENCYCLOPÉDIE E A TECNOLOGIA

A *Encyclopédie* é um marco histórico do empenho em capturar e descrever detalhadamente as artes mecânicas, termo que tem suas origens na antiguidade clássica, usado para descrever atividades práticas e habilidades que envolviam trabalho manual e uso de ferramentas. Do final da década de 1740 até a década de 1760, Denis Diderot (1713-1784) trabalhou incansavelmente para conceituar e representar o conhecimento coletado nas comunidades artesanais, na indústria privada e estatal e nos documentos existentes para criar uma compreensão sistemática das artes mecânicas (Pannabecker, 1994).

Nunes (1975) lembra que Platão (428 a.C. a 427 a.C.), no livro VII da República, fala sobre as artes racionais – próprias dos homens livres, e as artes vulgares ou servis – próprias dos trabalhadores manuais ou escravos. Ele usa o termos logikai tecnai (artes racionais), para as atividades que envolvem o uso da razão e do intelecto e bánausoi tecnai (artes manuais) para práticas manuais que, na visão antiga, não envolvem o uso do intelecto e eram consideradas menos nobres.

Aristóteles (384 a.C. a 322 a.C.) tem a sua concepção de artes liberais (*aneleutherios*) e iliberais (*aneleutherios*), apresentada no livro Política, capítulo VIII. O filósofo argumenta que a essência da noção de iliberal ou banáusico está em oposição às artes liberal, designando qualquer pessoa ou atividade que é "não livre", rótulo para pessoas que ganham a vida exercendo um ofício que envolva o uso das mãos. O termo banausos, geralmente, carrega sentido pejorativo, pois marca a pessoa como mercantil e servil (Nightingale, 2001). Ele também distingue a ciência teórica (que ele chama de filosofia primeira) dos estudos de orientação prática, dividindo as ciências aristotélicas em três ramos: (i) teóricas, (ii) práticas e (iii) produtivas. Para o filósofo, a ciência teórica procura o conhecimento por si só; a ciência prática diz respeito à conduta e à bondade na ação, tanto individual como social; e a ciência produtiva visa a criação de objetos bonitos ou úteis. A sociedade, por sua vez, divide-se em duas classes, os de condição livre e educada e os de condição vulgar, da qual fazem parte trabalhadores manuais e os não qualificados (Shields, 2008).

Com essas considerações, distinguiam-se, na Antiguidade, as artes liberais das artes servis (ou artes vulgares), sendo a primeira considerada nobre por envolver empreendimentos criativos e artísticos, própria dos intelectuais e das classes mais altas, e a segunda, atividades práticas que envolviam trabalho físico e manual. Uma voz discordante, no entanto, foi a do estoico Posidônio (135 a.C.–51 a.C.), que entendia que foram os sábios os inventores da arquitetura, das ferramentas, da utilização dos metais, da tecelagem, da agricultura, da arte do padeiro, da construção de navios e da pilotagem (Nunes, 1975). Quase toda a obra do filósofo se perdeu, mas Sêneca, na Carta 90[67] da *Epistulae Morales ad Lucilium*, diz: “recuso-me a admitir que a filosofia descobriu as artes de que a vida se utiliza no seu dia-a-dia, nem lhe atribuirei a glória de um artesão[68]“, em resposta à afirmação de Posidônio: “Quando os homens estavam espalhados pela terra, protegidos por cavernas ou pelo abrigo escavado de um penhasco ou pelo tronco de uma árvore oca, foi a filosofia que os ensinou a construir

[67] Sobre o papel desempenhado pela filosofia no progresso do homem (On the Part Played by Philosophy in the Progress of Man)

[68] *but that philosophy discovered the arts of which life makes use in its daily round[6] I refuse to admit, nor will I ascribe to it an artisan's glory.*

casas[69]" (Sêneca, 1920). Nos fragmentos de seus escritos, existem passagens que deixam clara a sua crença: "as ferramentas dos comerciantes são a invenção dos homens sábios" (KIDD, 1999, p. 362). Posidônio é lembrado como um dos grandes eruditos da antiguidade, cuja tentativa de unificar filosofia e ciência estabeleceu uma base para futuros desenvolvimentos em ambas as disciplinas. Sua abordagem interdisciplinar e seu espírito investigativo continuam a ser celebrados como exemplo de busca pelo conhecimento integrado.

Durante a Idade Média, a classificação foi refinada e dividida em artes liberais e artes mecânicas, a primeira continuando associada às disciplinas intelectuais, assim como as artes mecânicas referindo-se às habilidades práticas e ofícios manuais. Durante o Renascimento e a Revolução Industrial, as artes mecânicas ganharam mais respeito e reconhecimento à medida que a tecnologia e a engenharia se tornaram centrais para o progresso econômico e social. Hoje, muitas das disciplinas, que eram consideradas artes mecânicas, evoluíram para campos de engenharia e ciências aplicadas. (White Jr.,1940).

A *Encyclopédie* teve o papel de conferir dignidade e importância aos ofícios mecânicos, mostrando que o trabalho manual requer habilidade, conhecimento e engenhosidade. As descrição das técnicas e profissões constitui uma das suas importantes inovações, originada na luta contra um preconceito antigo e duradouro sobre os ofícios manuais. Ela documenta, meticulosamente, técnicas e tecnologias, buscando verdadeiramente explicitar esse conhecimento com descrições minuciosas, ilustrações detalhadas, recorrendo a operários e artesãos:

> "Entramos em contato com as pessoas mais qualificadas de Paris e do Reino; nos demos ao trabalho de ir às suas oficinas, de interrogá-los, de escrever sob seu ditado, de desenvolver seus pensamentos, de extrair deles os termos específicos de suas profissões, de elaborar tabelas, de definir, de conversar [...] para retificar, em entrevistas longas e frequentes com alguns, o que outros explicaram de maneira imperfeita, obscura e às vezes infiel[70]." (Diderot, 1750).

Segundo Pannabecker (1994), é uma das iniciativas mais ambiciosas do início da história moderna para descrever o conhecimento tecnológico, com análises sistemáticas das artes mecânicas nos séculos XVII e XVIII.

Ao visitar oficinas, fábricas e locais de produção para observar diretamente os processos e as máquinas em uso, levaram o planejamento de 2 volumes inicialmente previstos em 1749 das placas com as ilustrações, para 11 volumes de ilustrações: "Enviamos designers para as oficinas. Pegamos o esboço das máquinas e ferramentas. Nada foi omitido que pudesse mostrá-los claramente aos olhos[71]." (Diderot, 1750). Para isso, contaram com o talento notável de Louis Jacques Goussier (1722-1799), principal colaborador para as artes mecânicas e considerado o terceiro enciclopedista, depois de Diderot e d'Alembert. Foi o primeiro ilustrador a ser contratado para o projeto, em 1747, e fez mais de 900 pedras

---

[69] *When men were scattered over the earth, protected by caves or by the dug-out shelter of a cliff or by the trunk of a hollow tree, it was philosophy that taught them to build houses.*

[70] *On s'est adressé aux plus habiles de Paris & du Royaume; on s'est donné la peine d'aller dans leurs atteliers, de les interroger, d'écrire sous leur dictée, de développer leurs pensées, d'en tirer les termes propres à leurs professions, d'en dresser des tables, de les définir, de converser avec ceux de qui on avoit obtenu des mémoires, & (précaution presqu'indispensable) de rectifier dans de longs & fréquens entretiens avec les uns, ce que d'autres avoient imparfaitement, obscurément, & quelquefois infidellement expliqué.*

[71] *On a envoyé des Dessinateurs dans les Ateliers. On a pris l'esquisse des machines & des outils. On n'a rien omis de ce qui pouvoit les montrer distinctement aux yeux.*

litográficas, de um total de 2.885 pedras. (Enccre, 2018). Para Pannabecker (1994), uma leitura superficial das ilustrações sugerem uma cobertura impressionante das artes mecânicas.

Segundo Proust (1967), Diderot tinha três objetivos principais em relação à tecnologia: (i) levar esse conhecimento a um grande público; (ii) incentivar a pesquisa em todas as fases da produção; e (iii) publicar todos os segredos de fabricação (p. 205). Para isso, a *Encyclopédie* reuniu várias tecnologias do período, descrevendo com riqueza, máquinas, processos de manufatura, economia, comércio e inovações precursoras da revolução industrial, enfim o conhecimento acumulado de informações técnicas e tecnologias da época. No Discurso Preliminar, Diderot manifesta:

> "A seção de Artes Mecânicas não exigia menos detalhes nem menos cuidado. Talvez nunca tenha havido tantas dificuldades reunidas e tão pouca ajuda nos livros para superá-las. Escrevemos demasiado sobre as Ciências: não escrevemos suficientemente bem sobre a maior parte das Artes Liberais; quase nada foi escrito sobre Artes Mecânicas; porque qual é o pouco que encontramos nos Autores, em comparação com a extensão e fertilidade do assunto? [...] Tudo portanto nos determinou a recorrer aos trabalhadores[72]." (Diderot, 1750).

Das máquinas e ferramentas, a *Encyclopédie* trouxe as técnicas e tecnologias de tecelagem, metalurgia e agricultura. Das técnicas de manufatura, há descrições detalhadas de produção de tecidos, cerâmica, vidro e papel, que era o conhecimento prático acumulado antes das inovações que caracterizariam a Revolução Industrial, que por sua vez estavam principalmente na metalurgia e na máquina à vapor. A *Encyclopédie* também abordou aspectos econômicos e comerciais que formaram a base do crescimento industrial, incluindo comércio internacional, transporte e organização do trabalho. Também enfatizou a integração das artes mecânicas com as artes liberais e as ciências (Pannabecker, 1994).

Diderot, de fato, considerou crítica a sistematização e representação do conhecimento das artes mecânicas. Gendzier (1967), assim, resumiu o método adotado para análise e descrição de cada arte mecânica: (i) materiais utilizados, locais onde são encontrados, a forma como são preparados, qualidades, os diferentes tipos disponíveis e os tratamentos necessários antes e durante a sua utilização; (ii) os principais produtos que são feitos com eles e como é feito; (iii) descrições e diagramas de ferramentas e máquinas, com suas peças desmontadas e montadas; a seção de certos moldes e outros instrumentos, se for oportuno conhecer o *design* de interiores e seus contornos; (iv) explicação e representação do trabalho e das principais operações, em uma ou várias placas, ilustradas em cobre, passando do simples (uma visão geral, onde às vezes apenas as mãos do artesão podem ser vistas e às vezes todo o artesão em ação) ao complexo (detalhamento dos componentes); e (v) termos próprios a cada arte ou ofício.

Sennet (2008) relata que essas atividades práticas foram colocadas no mesmo nível de importância que as atividades intelectuais, enviando um recado claro do Iluminismo à sociedade, de valorização do trabalho e desprezo pela nobreza, que não trabalha e não contribuía para a sociedade. "Em uma ilustração reveladora, uma empregada aparece diligentemente trabalhando no penteado de uma senhora. A empregada irradia propósito e

---

[72] *La partie des Arts méchaniques ne demandoit ni moins de détails ni moins de soins. Jamais peut-être il ne s'est trouvé tant de difficultés rassemblées, & si peu de secours pour les vaincre. On a trop écrit sur les Sciences: on n'a pas assez bien écrit sur la plupart des Arts libéraux: on n'a presque rien écrit sur les Arts méchaniques ; car qu'est-ce que le peu qu'on en rencontre dans les Auteurs, en comparaison de l'étendue & de la fécondité du sujet ? [...] Tout nous déterminoit donc à recourir aux Ouvriers.*

energia enquanto sua senhora definha de tédio; a criada habilidosa e sua senhora entediada compõem uma parábola de vitalidade e decadência[73].” (p. 92)

Guilbaud (2012) diz que a obra magistral desempenhou um papel crucial na compilação e disseminação do conhecimento técnico e tecnológico em seus inúmeros artigos, detalhando técnicas específicas utilizadas em diversas áreas, desde a agricultura até a manufatura, deixando um legado importante para a compreensão do desenvolvimento da tecnologia. De fato, pelo firme compromisso iluminista com a razão e o conhecimento, esses artigos serviram como importantes recursos educacionais para profissionais e educadores: “Daí inferimos que esta obra poderia, pelo menos um dia, servir de biblioteca [...] que contribuirá para a certeza e o progresso do conhecimento humano[74];” (D'ALEMBERT, 1751)

Como ideal do Iluminismo, Diderot efetivamente defendeu a valorização do trabalho manual e da habilidade prática, defendeu a ideia de que todas as formas de trabalho eram dignas de respeito, independentemente do status social, acreditando que os artesãos e trabalhadores manuais deveriam ser valorizados tanto quanto os intelectuais e os membros da elite. Ele enfatizava a importância de uma abordagem integrada, que combinasse teoria e prática, acreditava que os indivíduos deveriam ser proficientes em habilidades manuais e conhecimento acadêmico. Como disse Proust (1967), "o primeiro homem de letras que considerou a tecnologia como parte da literatura[75]." (p. 266).

Sem dúvida, o filósofo tem apreço pelas artes mecânicas. Ele foi responsável pela maior parte da redação dessa sessão, eram as artes mecânicas que constituíam a parte mais extensa e original da *Encyclopédie* (Darnton, 1979). Diderot lembrou aos leitores que "Bacon considerava a história das artes mecânicas o ramo mais importante da verdadeira filosofia; ele teve, portanto, cuidado para não desprezar sua prática[76]." (D'ALEMBERT, 1751 a). Wolfe e Shank (2019) se referem a ele como um empirista, que defende as fontes experimentais de novos conhecimentos, por vezes apresentadas como filosofia experimental. Eles transcrevem o que Diderot disse em “*Pensées sur l'interprétation de la nature*”, de 1753:

> “A filosofia experimental não sabe o que o seu trabalho produzirá ou deixará de produzir; mas funciona sem pausa. Pelo contrário, a filosofia racional pondera as possibilidades, faz pronunciamentos e pára aí. Declara corajosamente que a luz não pode ser decomposta; a filosofia experimental escuta e permanece em silêncio durante séculos; então, de repente, nos mostra o prisma e declara que a luz está decomposta[77].” (Wolfe e Shank, 2019, s/p).

Beckmann (1777) possivelmente recebeu influência da *Encyclopédie* ao escrever em sua obra magna:

---

[73] *In one telling plate, a maid appears industriously at work on a lady’s coiffure. The maid radiates purpose and energy while her mistress languishes in ennui; the skilled servant and her bored mistress compose a parable of vitality and decadence.*

[74] *D'où nous inférerons que cet Ouvrage pourra, du moins un jour, tenir lieu de bibliotheque [...] qu'il contribuera à la certitude & au progrès des connoissances humaines;*

[75] *le premier homme de lettres qui ait considéré la technologie comme faisant partie de la littérature.*

[76] *Bacon regardoit l’histoire des Arts méchaniques comme la branche la plus importante de la vraie Philosophie ; il n’avoit donc garde d’en mépriser la pratique.*

[77] *Experimental philosophy does not know what its work will yield or fail to yield; but it works without pause. On the contrary, rational philosophy weighs the possibilities, makes pronouncements, and stops there. It boldly declares, light cannot be decomposed; experimental philosophy listens, and remains silent for centuries; then suddenly shows us the prism, and declares, light is decomposed.*

> "o estudioso encontrará nas oficinas, como num mundo novo, objetos que, por mais endurecido que esteja pelos preconceitos pelas ciências especulativas, despertarão espanto; objetos que exigem tanta inteligência, conhecimento, reflexão e percepção para sua avaliação e explicação quanto um problema aprendido sempre podem exigir[78]." (p. 41)

A *Encyclopédie*, ao incluir artigos detalhados sobre técnicas e ferramentas artesanais ao lado de discussões filosóficas e científicas, reflete uma visão integrada do conhecimento, onde a prática é vista como inseparável da teoria. Guilbaud (2012) afirma que D´Alembert vivia a questão das relações entre teoria e prática da época, ele traz a sua incapacidade de designar áreas que combinem teoria e prática podendo ser, portanto, um testemunho do fato de que essas áreas, em processo de estabelecimento, ainda não haviam encontrado seu lugar no momento da redação da Enciclopédia. O autor ainda se vale do trabalho de Vérin (1993), sobre a história da engenharia moderna, quando a autora diz que a "competências específicas do engenheiro face à emergência de um lugar novo e particular só ocorreu gradualmente no decorrer do século XVIII, com a transformação progressiva dos campos de saberes".

Vale trazer o próprio entusiasmo de D'Alembert (1751a), ao valorizar o conhecimento técnico e as habilidades artesanais da época, colocando-as no mesmo nível de importância das artes mecânicas e das artes liberais:

> "Em que sistema de Física ou de Metafísica notamos mais inteligência, sagacidade e consistência do que nas máquinas de fiar ouro, de fazer meias e nos ofícios de aparadores, operários do gás, carpinteiros ou operários da seda? Que demonstração da Matemática é mais complicada que o mecanismo de certos relógios, ou que as diferentes operações de que passamos pela casca do cânhamo ou pela casca da minhoca, antes de obter um fio que possamos usar no trabalho? Que projeção é mais bela, mais delicada e mais singular que a de um desenho nos cordões de uma amostra, e dos cordões da amostra nos fios de uma corrente? O que imaginamos de qualquer tipo que mostre mais sutileza do que a busca pelos veludos? Eu nunca o teria feito se me impusesse a tarefa de percorrer todas as maravilhas que surpreenderão aqueles que, nas fábricas, não as olharem com olhos preconceituosos ou estúpidos[79]." (D'Alembert, 1751a).

CONCLUSÃO

A *Encyclopédie* de Denis Diderot e Jean le Rond d'Alembert representa um marco significativo na história do conhecimento humano. Esta obra monumental não apenas compila o saber da época, mas também inaugura uma nova forma de ver e valorizar o conhecimento técnico e tecnológico. A inclusão das artes mecânicas, detalhadamente descritas e ilustradas, evidencia um esforço para democratizar o acesso ao conhecimento prático, anteriormente transmitido de forma tácita entre mestres e aprendizes.

---

[78] *Dann wird der Gelehrte in den Werkſtellen, als in einer neuen Welt, Gegenſtande finden, die ihm, er ſey auch noch ſo ſehr, durch Vorurtheile für speculativiſche Wisenschaften, abgehartet, Verwunderung erregen werden; Gegenstande, die eben so viel Witz, Kentniß, Nachdenken, Scharfſinn, zu ihrer Beurtheilung und Erklärung verlangen, als immer ein gelehrtes Problem verlangen kan.*

[79] *Dans quel système de Physique ou de Métaphysique remarque-t-on plus d'intelligence, de sagacité, de conséquence, que dans les machines à filer l'or, faire des bas, & dans les métiers de Passementiers, de Gaziers, de Drapiers ou d'ouvriers en soie ? Quelle démonstration de Mathématique est plus compliquée que le méchanisme de certaines horloges, ou que les différentes opérations parlesquelles on fait passer ou l'écorce du chanvre, ou la coque du ver, avant que d'en obtenir un fil qu'on puisse employer à l'ouvrage ? Quelle projection plus belle, plus délicate & plus singuliere que celle d'un dessein sur les cordes d'un sample, & des cordes du sample sur les fils d'une chaîne ? qu'a-t-on imaginé en quelque genre que ce soit, qui montre plus de subtilité que le chiner des velours ? Je n'aurois jamais fait si je m'imposois la tâche de parcourir toutes les merveilles qui frapperont dans les manufactures ceux qui n'y porteront pas des yeux prevenus, ou des yeux stupides.*

A valorização das artes mecânicas na *Encyclopédie* é um reflexo da filosofia iluminista, que buscava elevar todas as formas de trabalho humano, promovendo a ideia de que o conhecimento técnico é tão importante quanto o intelectual. Esta visão foi revolucionária, ajudando a preparar o terreno para a Revolução Industrial e influenciando profundamente a maneira como a sociedade moderna percebe a tecnologia e a engenharia.

Diderot e seus colaboradores reconheceram a importância do conhecimento tácito, aquele que é difícil de ser formalizado e transmitido apenas por meio da prática e da experiência. Ao documentar meticulosamente as técnicas e os ofícios, a *Encyclopédie* contribuiu para a transição desse conhecimento tácito para um conhecimento explícito e sistematizado, tornando-o acessível a um público mais amplo.

A abordagem de Diderot, que muitas vezes se envolvia pessoalmente com as práticas que descrevia, ilustra a importância da experiência direta na aquisição de conhecimento técnico. Esse método empírico, de "aprender fazendo", é fundamental para compreender as nuances e os detalhes das artes mecânicas e continua relevante nos debates contemporâneos sobre a educação técnica e tecnológica.

A *Encyclopédie* também teve um impacto significativo na maneira como o conhecimento é organizado e apresentado. A estrutura sistemática e a abrangência da obra influenciaram a criação de enciclopédias subsequentes e outros compêndios de conhecimento, estabelecendo um padrão para a documentação e a disseminação do saber.

A contribuição da *Encyclopédie* vai além da simples compilação de conhecimentos. Ela serviu como *máquina de guerra* do Iluminismo, desafiando as autoridades estabelecidas e promovendo a liberdade de pensamento e a inovação. A obra incentivou a pesquisa e a descoberta, mostrando que o progresso humano depende da exploração e da aplicação prática do conhecimento científico.

A inclusão das artes mecânicas na *Encyclopédie* também teve implicações filosóficas profundas. Ao colocar as habilidades práticas no mesmo nível das atividades intelectuais, Diderot e seus colaboradores promoveram uma visão holística do conhecimento, onde a prática e a teoria são interdependentes e mutuamente enriquecedoras.

A obra de Diderot e d'Alembert continua a ser objeto de estudo e admiração, destacando-se como exemplo de como o conhecimento pode ser organizado e democratizado. Seu legado é evidente na maneira como valorizamos o conhecimento técnico e na importância que damos à educação prática em nossas instituições de ensino.

Finalmente, a *Encyclopédie* não só documentou o estado do conhecimento técnico de sua época, mas também incentivou a inovação e a aplicação prática do saber. Seu impacto perdura, influenciando a maneira como percebemos e valorizamos o conhecimento técnico e tecnológico, reafirmando a importância da integração entre teoria e prática para o progresso da sociedade.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ PELÁEZ, Raquel. La historia natural em tiempos del emperador Carlos V: la importancia de la conquista del Nuevo Mundo. *Revista de Indias*, 2000, v. LX, n. 218, pp.13-31.

ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. *In:* Perseus Digital Library. Medford, MA: Department of Classical Studies, Tufts University, 2007.

BECKMANN, Johann: *Anleitung zur technologie, oder zur Kentniß der Handwerke, Fabriken und Manufacturen, vornehmlich derer, die mit der Landwirthſchaft, Polizey und Cameralwiſſenſchaft in nachſter Verbindung stehn*: Nebst Beytragen zur Kunſtgeschichte. Göttingen: Wittwe Vandenhoeck, 1777.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. *Histoire de la littérature française*. Paris: Delagrave, 1931.

BUNGE, Mario. *Epistemology and methodology III*: philosophy of science and technology. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1985.

CAREY, Sorcha. *Two strategies of encyclopaedism.* Oxford: Oxford University Press, 2003. (Pliny's Catalogue of Culture: Art and Empire in the Natural History).

COLLISON, Robert Lewis; COLERIDGE, Samuel Taylor. *Encyclopaedias*: their history throughout the ages. New York: Hafner, 1964.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. *ART, s. m. In: Encyclopédie* ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers. Volume 1. Paris: Breton et éditeurs, 1751a.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Discours préliminaire des éditeurs*. *In: Encyclopédie* ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers. Paris: Juin 1751b.

DARNTON, R. *The business of enlightenment:* a publishing history of the *Encyclopédie*, 1775-1800. Cambridge, MA: Belknap-Harvard University Press, 1979.

DE CERTEAU, Michel*. A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DIDEROT, Denis. *Pensées sur l'interprétation de la nature*. Paris: 1753. (Internet Archive, 2010).

DIDEROT, Denis. *Political writings.* Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.

DIDEROT, Denis. *Prospectus. In: Encyclopédie* ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers. Paris: 1750.

DIDEROT, Denis. *The paradox of acting*. London: Chatto & Windus, 1883.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2017.

ENCCRE. Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'*Encyclopédie* ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers de Diderot, D'Alembert et Jaucourt (1751-1772). *Qu'est-ce que l'Encyclopédie?*: la description encyclopédique. Paris: l'Académie des sciences et travaille, Comité D'Alembert, 2018.

ENCCRE: Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'*Encyclopédie* ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers de Diderot, D'Alembert et Jaucourt (1751-1772). Encyclopédie (Philosoph.). Paris: Académie des sciences et travaille sous l'égide du Comité D'Alembert de cette académie, 2011.

GENDZIER, Stephen J. (Ed.). *Denis Diderot's The Encyclopedia*: selections. Nova York: Harper e Row, 1967.

GUILBAUD, Alexandre. À propos des relations entre savoirs théoriques et pratiques dans l'*Encyclopédie*: le cas du problème de la résistance des fluides et de ses applications. *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie,* v. 47, 2012.

HANSSON, S. O. What is technological knowledge. *In:* SKOGH, I.-B.; VRIES, M. J. de (Eds.), *Technology teachers as researchers* (p. 305). Rotterdam: Sense Publishers, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Scientiæ Studia,* São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

KANT, Immanuel. *An answer to the question*:'what is enlightenment?'. London: Penguin, 2013.
KIDD, Ian Gray. *Posidonius:* the translation of the fragments. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

LECA-TSIOMIS, Marie. III. *La bataille de la publication*. Paris: Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'*Encyclopédie*, 2015.

LECA-TSIOMIS, Marie. Notes de la rédaction: texte paru dans célébrations nationales 2001, Ministère de la Culture, 2001. *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie*.

LOVELAND, Jeff. *A enciclopédia europeia*: de 1650 ao século XXI. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

MARTINS, Roberto de andrade. Descrições de aves: uma comparação entre Aristóteles e Plínio, o Velho. *Filosofia e História da Biologia*, v. 1, n. 1, p. 297-323, 2006.

MORRISSEY, Robert. *The ARTFL Encyclopédie.* Chicago: The ARTFL Project, Department of Romance Languages and Literatures, University of Chicago, 1982.

MUMFORD, Lewis. *Technics and civilization*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 2010.

NIGHTINGALE, Andrea Wilson. *Liberal education in Plato's republic and Aristotle's politics.* Leiden: Brill Academic Publishers, 2001. p. 133-173.

NUNES, Rui Afonso da Costa. As artes liberais na Idade Média. *Revista de História*, São Paulo, v. 51, n. 101, p. 3-23, 1975.

PANNABECKER, John R. Diderot, the mechanical arts, and the *Encyclopédie*: in search of the heritage of technology education. *Journal of Technology Education*, v. 6, n. 1, 1994. DOI

PASSERON, Irène. *D'Alembert (1717-1783), le savant philosophe*. Paris: Édition Numérique Collaborative et CRitique de l'*Encyclopédie*, 2015.

POLANYI, Michael. *Personal knowledge*: towards a post-critical philosophy. London: Routledge, 2005. (1. ed. 1958).

POLANYI, Michael. *The tacit dimension*. New York: Doubleday & Company, Inc., 1966.

PROUST, Jacques. *Diderot et l'Encyclopédie.* Paris: Armand Colin, 1967.

ROEST, Bert. Compilation as theme and praxis in franciscan universal chronicles. *In:* BINKLEY, Peter. *Pre-Modern Encyclopaedic Texts*: Proceedings of the Second Comers Congress, Groningen, 1997.

SANDOZ, Raphaël. *Interactive historical atlas of the disciplines*. Genève: Université de Genève; Fonds National Suisse (FNS), 2018.

SCHATZBERG, Eric. From art to applied science. *Isis,* v. 103, n. 3, p. 555-563, 2012.

SÊNECA. *Epistulae morales ad Lucilium*. London: William Heinemann, 1920. (In: A Loeb Classical Library edition. With an-English Translation by Richard M. Gummere: Moral letters to Lucilius (In Three Volumes).

SENNETT, Richard. *O artífice.* Rio de Janeiro: Record, 2008.

SHIELDS, Christopher. *Aristotle*. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (Ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2023 Edition).

SPINELLI, Miguel. O conceito grego da egkýklios paideía e sua difusão no período helenístico. *Hybris Revista de Filosofía,* v. 7, n. 1, p. 31-58, 2016.

STADLER, Thiago David. *Plínio, o Velho*: nos caminhos da história natural. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021.

VARGAS, Milton. *Para uma filosofia da tecnologia*. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.

VÉRIN, Hélène. *La gloire des ingénieurs*. Paris: Albin Michel, 1993.

WHITE JR., Lynn. Technology and Invention in the middle ages. *Speculum*, v. 15, n. 2, 1940.

WILSON, Arthur M. Diderot. *Sa vie, son oeuvre*. Paris: Robert Laffont, 2013.

WOLFE, Charles T.; SHANK, J.B. *Denis Diderot. In:* ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (Ed.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2019 Edition).

TESOUROS HISTÓRICOS DE ITAPEMIRIM: A VISITA DE D. PEDRO II AO ESPÍRITO SANTO E A IMPORTÂNCIA DO BIBLIOTECÁRIO NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO

Lucineide Maria Costa
Universidade Federal do Espirito Santo

João Vitor Ambrosio Pereira
Universidade Federal do Espirito Santo

Morgana Andrade Carneiro
Universidade Federal do Espirito Santo

Gleice Pereira
Universidade Federal do Espirito Santo

Resumo: A visita de Dom Pedro II ao Espírito Santo, particularmente à região de Itapemirim, é um evento de grande importância histórica e cultural para o patrimônio brasileiro. Este estudo tem como objetivo investigar a relevância dessa visita e a necessidade de preservar os recursos históricos associados a ela, destacando o papel fundamental dos profissionais da Ciência da Informação, como arquivistas, historiadores, bibliotecários e museólogos, na manutenção desses acervos. Baseando-se nas obras “A Viagem de Dom Pedro II” de Levy Rocha e “Itapemirim: Como Tudo Começou” de Luciano Retore Moreno, a pesquisa utiliza uma abordagem bibliográfica para analisar os eventos históricos e suas consequências para a memória local. Além disso, foram realizados estudos de campo, refazendo o percurso de Dom Pedro II desde o porto da Barra do Itapemirim até a Vila de Itapemirim, para compreender melhor o impacto desse evento. As questões centrais da pesquisa incluem: a influência da visita de Dom Pedro II na história e cultura de Itapemirim, o estado de conservação dos acervos históricos locais, e papel dos profissionais da Ciência da Informação na preservação e promoção desses acervos. Conclui-se que a visita do monarca teve um impacto duradouro na região, e que a preservação desses acervos históricos é crucial para manter a memória coletiva e garantir que essa riqueza cultural continue a ser acessível e compreendida pelas futuras gerações. Este estudo sublinha a importância de uma gestão cuidadosa e informada do patrimônio histórico para tecer o passado com o presente e projetar o futuro da comunidade.

Palavras-chave: História; Itapemirim; Cultura; Dom Pedro II; Biblioteconomia; Memórias.

INTRODUÇÃO

A visita de Dom Pedro II ao estado do Espírito Santo, especialmente ao município de Itapemirim e sua região circunvizinha, foi um marco de grande relevância para o patrimônio cultural Espírito-santense e brasileiro. A viagem do monarca, primeiramente documentada em seu diário pessoal (Dom Pedro II, 1959), divulgado de forma digital pela Biblioteca Imperial no ano de 2015, foi relatada com um olhar atualizado nas obras de Levy Rocha, “Viagem de Dom Pedro II” e, também, do historiador, Luciano Retore Moreno. A visita real não deixou apenas vestígios materiais, como influenciou significativamente a história e a cultura dessa localidade.

Nesse contexto, é essencial compreender a importância da preservação de acervos históricos e o papel crucial desempenhado pelos profissionais envolvidos nesse processo.

Vários registros da viagem de Dom Pedro II ao Espírito Santo foram documentados por alguns autores (Herstal, 1983, Marins, 1020, Moreno, 2016, Nascimento, 2018, Rocha, 1966, 2008). O acervo documental do próprio monarca é dividido em 43 cadernetas de viagem, custodiado pelo Museu Imperial, sendo escrito no registro nacional do Brasil, do programa Memórias do Mundo da UNESCO como patrimônio documental brasileiro em 2010, tendo sua divulgação cinco anos depois.

A preservação dos acervos históricos relacionados à visita de Dom Pedro II não se restringe apenas à conservação de documentos e artefatos físicos. Ela é essencial para manter viva a memória da comunidade e a identidade cultural da população de Itapemirim/ES, e região.

Quanto aos acervos existentes em Itapemirim/ES, é importante destacar que Itapemirim/ES, que possui uma rica história cultural e abriga diversos registros históricos como documentos, fotografias, é um patrimônio arquitetônico (Figuras 1-4)[80] inquestionável no que se refere a sua representatividade para o município e para o Espírito Santo (Moreno, 2016).

Nesse contexto, o papel do bibliotecário na preservação histórica, patrimonial e cultural é fundamental para garantir o acesso e a conservação de documentos que constituem a memória coletiva de uma sociedade. Como observado por Machado (2010), "[...] os bibliotecários desempenham um papel crucial na preservação de materiais que são críticos para a compreensão da história e da cultura de um povo". Essa responsabilidade abrange desde a catalogação e organização de acervos até a implementação de políticas de conservação preventiva e digitalização de materiais frágeis. Além disso, o bibliotecário não é apenas um guardião de livros, mas um guardião da história e da cultura, trabalhando incansavelmente para garantir que as gerações atuais e futuras tenham acesso aos registros que definem quem somos e de onde viemos.

Nessa perspectiva, o estudo objetivou pesquisar a visita de D. Pedro II ao Espírito Santo contribuição para a preservação e valorização do patrimônio cultural e histórico de Itapemirim.

Por meio de estudos bibliográficos e análises das obras de Levy Rocha e Luciano Retore Moreno, busca-se compreender os impactos dessa passagem real e o papel dos profissionais da Ciência da Informação na preservação desses acervos culturais e históricos.

A relevância desse estudo reside na valorização da memória histórica local e na promoção do acesso ao patrimônio cultural para fins educacionais e identidade histórica.

A escolha do tema "Tesouros Históricos de Itapemirim: A Visita de D. Pedro II ao Espírito Santo e a Importância do Bibliotecário na Preservação do Patrimônio Cultural e Histórico" se justifica pela visita de D. Pedro II ao Espírito Santo ser um evento significativo na história do estado e do Brasil Imperial, destacando o impacto dessas visitas na formação e desenvolvimento das localidades visitadas. Como afirma Thompson (2002, p. 81), “[...] o patrimônio cultural é um recurso valioso que não apenas nos conecta ao nosso passado, mas também ajuda a compreender o presente de uma sociedade e a moldar seu futuro”.

[80] As fotografias do conjunto arquitetônico do município, estão na página 11 e 12.

Nesse sentido, a preservação de materiais históricos como, documentos, registros artísticos, fotografias e objetos, são fundamentais para identificação, preservação e divulgação da memória e a identidade cultural de uma comunidade. Além disso, a preservação do patrimônio histórico e cultural pode contribuir significativamente para o desenvolvimento socioeconômico, cultural e turístico das comunidades locais. Como observado por Blouin e Rosenberg (2011, p.14), "[...] a preservação do patrimônio cultural pode promover o turismo cultural, estimular o crescimento econômico, fortalecer o orgulho comunitário e fomentar o diálogo intercultural".

PATRIMÔNIO CULTURAL E O PAPEL DOS BIBLIOTECÁRIOS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

O patrimônio cultural pode ser definido como o conjunto de manifestações de uma comunidade (incluindo suas práticas, costumes e valores, expressões artísticas e culturais, lugares e objetos) que é passado de uma geração a outra. Esse patrimônio é constituído dos mais diferentes elementos e se apresenta, convencionalmente, dividido em patrimônio imaterial e patrimônio material. Entende-se por patrimônio imaterial tudo o que está relacionado aos hábitos das pessoas, às técnicas e habilidades, aos valores e às crenças; e por patrimônio material os produtos da criação humana, como os artefatos, os objetos e as construções, por exemplo (Rodrigues, 2007).

Tendo em vista que, o patrimônio material, pode ser constituído de diferentes categorias de elementos, dentre os quais se encontra o patrimônio documental. De acordo com o Arquivo Nacional (2005, p. 73),

> [...] documento é uma unidade de registro de informações qualquer que seja o suporte ou formato. O mesmo pode ser classificado, de acordo com o gênero documental ao qual pertence, em documento arquivístico, documento audiovisual, documento bibliográfico, documento cartográfico, documento digital, dentre outros.

Para Teixeira (2014, p. 13), entende-se que a "[...] memória está ligada naturalmente ao passado, sendo essa a base do conhecimento humano. Os livros, documentos e as fotografias, são alguns dos registros físicos dessa memória."

A preocupação com a definição e o estabelecimento de políticas de preservação e conservação de acervos tem se ampliado nos últimos anos. Estas duas práticas: preservação e conservação, normalmente se confundem, contudo, é necessário aqui uma breve diferenciação entre os seus conceitos:

> [...] preservação é cuidar de todos os assuntos relacionados ao combate à deterioração dos documentos, compreende uma política global, desde aspectos administrativos e financeiros, até as investigações científicas e as mais simples medidas de higienização. Já a conservação define-se como um conjunto de medidas específicas e preventivas necessárias para a manutenção da existência física do documento. A preservação e a conservação são técnicas de grande importância para as bibliotecas, uma vez que seus acervos necessitam de cuidados para que estejam disponíveis para os usuários (Nascimento, 2018, p. 3).

O embasamento teórico desde estudo, foi subsidiado pelos acervos históricos relacionados a vinda de Dom Pedro II ao estado do Espirito Santo, em especial, ao município de Itapemirim, acervos estes que foram identificados como materiais e imateriais, por exemplo, a rua que teve como batismo o seu nome.

CAMINHOS METODOLOGICOS PERCORRIDOS

O estudo foi conduzido por meio de uma abordagem metodológica que combina pesquisa documental e bibliográfica, com foco especial no estudo das obras “Viagem de Dom Pedro II”, de Levy Rocha e, “Itapemirim: Como Tudo Começou”, de Luciano Retore Moreno. Foi realizado um estudo de campo, no município de Itapemirim/ES, que incluiu entrevista com o historiador Luciano Retore Moreno e visita Câmara Municipal de Itapemirim, onde estão expostas as obras originais que retratam o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Thereza Cristina, e pontos históricos da cidade por onde o imperador transitou.

Na obra de Moreno (2016) é abordada a instituição das Câmaras Municipais no Brasil Colônia e como ela funcionava na cidade. Nessa obra consta a história do município de Itapemirim, seus costumes, cultura e seu desenvolvimento. São abordados fatos da independência do Brasil vista a partir do município e seus desdobramentos políticos, como a visita da comitiva imperial, chefiada pelo monarca Dom Pedro II, em 7 de fevereiro de 1860.

Vale destacar a importância dos profissionais da Ciência da Informação e da História, para a preservação e conservação desse acervo.

INÍCIO DA VIAGEM DE D. JOÃO II

Alvoraçados com a visita do Imperador, a Câmara de Itapemirim iniciou os preparativos para recepcionar a comitiva real ao fim do ano anterior a ilustre visita. Foram criadas duas comissões para a organização do grande evento: a primeira, composta pelos vereadores Borges de Athayde, Gonçalves Viana e Salles Cordeiro, responsáveis pela colocação de guias ao longo do percurso do rio Itapemirim, desde o trecho da Barra até o porto da Vila do Itapemirim, que se localizava nos fundos da Câmara; e preparativos das hospedagens e de todas as solenidades possíveis para a demonstração de reconhecimento da estima da visita imperial. A segunda comissão, composta pelo Capitão de Fragata Francisco Luiz da Gama Rosa, Comendador João Nepobuceno Gomes Bittencourt, pai do presidente da Câmara, Deputado Antônio Pereira Pinto e pelo Padre João Felippe Pinheiro (Moreno, 2016, p. 66).

Apesar de ser acusado de tráfico de escravos, mesmo quando essa prática havia sido proibida, o Barão de Itapemirim era uma figura estimada por Dom Pedro II. Ele foi nomeado oito vezes pelo próprio Imperador para a vice-presidência da Província do Espírito Santo (Moreno, 2016, p. 66-67).

De acordo com Moreno (2016, p. 69-70):

> A chegada ao porto da Vila ocorreu por volta das 15 horas, e a recepção oficial deu-se no consistório da Matriz, pois as obras do prédio da Câmara Municipal ainda não estavam prontas. A cidade encontrava-se enfeitadas com flores e fitas coloridas nas casas, as ruas capinadas e os escravos devidamente vestidos. A chave da cidade foi entregue pelo presidente da câmara, que proferiu um discurso oficial de boas-vindas ao monarca, sendo respondido pelo mesmo com poupas palavras de agradecimento. Ao término da visita, o imperador doou ao município uma quantia de 600 contos de réis, para serem utilizadas em obras públicas e religiosas.

Mesmo tendo sido um evento de grande relevância política e social para o município de Itapemirim, nos dias que se sucederam a passagem do monarca a localidade, a população se tomou por reclamações e críticas pelos gastos dispensados à visita de Dom Pedro II (Moreno, 2016, p. 70).

Contudo, apesar da visita rápida, não se pode negar que a vinda de D. Pedro II ao município, demonstrou a percepção da importância de Itapemirim para a economia do Sul da Província do Espírito Santo e a sua contribuição, ainda que modesta, para os negócios do império brasileiro (Moreno, 2016, p. 71), como fica demonstrado no texto a seguir:

Discurso de recepção ao Imperador

"Senhor. A honra insigne que devo principalmente à benevolência dos meus concidadãos, tornando-se hoje ainda mais elevado quando vejo que pelos seus sufrágios é quem gozo da prerrogativa de como Presidente da Câmara Municipal de Itapemirim, em seu nome e como órgão dos seus munícipes, cumprimentar a Vossas Majestades Imperiais, felicitando pela feliz viagem, e exprimir o ingente júbilo e entusiasmo deste povo pela assaz desejada Presença de V.V. M.M. I. nesta Villa. Senhor. O profundo respeito e a sincera amizade e adesão, que à Augusta Pessoa de V. M. I. consagram fiéis súditos certamente não podiam deixar de difundir no Município de Itapemirim o mais extraordinário contentamento pelo grandioso benefício que V. M. I. lhe concede vindo oferecer-lhe original e precioso de seu sublime Retrato que adoram desde 2 de dezembro de 1825. Uma nova era vai em Itapemirim ser contada, pois V. M. I. testemunha ocular das necessidades deste Município sem dúvida com sua Paternal solitude proverá aqueles, que são indispensáveis ao desenvolvimento do gérmen de lisura pública do primeiro dos municípios da Província do Espírito Santo. Senhor. Cheio de um respeitoso prazer, cumpro o meu dever depositando nas sagradas mãos de V. M. I. a chave deste Município, e rogando a V. M. I. que digne-se a colher com benignitude dos sentimentos de lealdade dos Itapemirinenses, que jamais cessarão de dirigir fervorosos votos a Deus pela prosperidade e eternidade do reinado do mais virtuoso dos Monarcas".

Capitão Francisco Gomes Bittencourt, Presidente da Câmara.

Fonte: Moreno (2016, p.71).

RAZÕES POR TRÁS DAS VIAGENS DE D. PEDRO II EM ITAPEMIRIM/ES

Itapemirim é um município brasileiro do estado do Espírito Santo, com população estimada de 39.832 habitantes em 2022. Trata-se do terceiro município mais populoso do sul capixaba. Está dividido em cinco distritos, a saber, Itapemirim (sede), Itapecoá, Rio Muqui, Piabanha e Itaipava, distrito que concentra o maior contingente urbano do município com cerca de 12 mil habitantes (Itapemirim, 2024).

De acordo com a historiografia local, com base nos documentos disponibilizados pela Câmara Municipal de Itapemirim, antes da criação de Cachoeiro de Itapemirim, o município abrangia todo o sul do estado do Espírito Santo até a fronteira com Minas Gerais (Marins, 1920).

Conforme a obra de Moreno (2016), alguns fatores como a fertilidade do solo, a presença do rio Itapemirim que liga o interior e ao litoral e a perspectiva de ascensão econômica, proporcionada pelo crescimento dos engenhos de açúcar e aguardente, fizeram do município um oásis para os exploradores que buscavam oportunidades de trabalho ou aquisição de propriedades.

Ainda segundo Moreno (2016), a geografia também foi outro atrativo para a região, pois ela se localiza no entroncamento entre Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, sendo responsável pelo escoamento da produção do interior, assim como pelo abastecimento de produtos importados e outros gêneros.

No entanto, muito se pergunta qual era o motivo da vinda do monarca à Itapemirim. Havia especulações sobre o motivo da viagem, dentre os quais: o interesse do monarca em conhecer pessoalmente diferentes regiões do Brasil, sua preocupação com o desenvolvimento econômico e social, além de possíveis questões políticas e econômicas locais.

De acordo com Rocha (2008, p. 70), Itapemirim representava uma das maiores delegações na região, em sua obra, citou:

> Depois da que representava a Capital, a maior delegação era a da Vila de Itapemirim, aliás, com motivo de justiça, pois o município de Itapemirim superava mesmo a cidade de São Mateus na sua renda. Com núcleo populacional de 10 a 12 mil habitantes, dominava a política em primeiro plano na província, depois de Vitória. O município contava com dezessete fábricas de açúcar e cachaça, sendo seis movidas à vapor, e muitas fazendas de café; Só no Cachoeiro, quarenta fazendas e oitenta situações.

Ainda de acordo com Rocha (1980, p. 71), as confusões políticas e econômicas estavam cada vez mais acirradas, o que demandou atenção do monarca.

> Sua majestade se dignou a um ligeiro particular com o juiz João da Costa Lima e Castro, a fim de inteirar-se da situação daquela comarca. Sobre a conversa, Dom Pedro II escreveu em seu diário: ‘As intrigas em Itapemirim, segundo o juiz de Direito Costa Lima, estão cada vez mais acesas depois do impresso atacando o Itapemirim, que atribuiu ao Padre Pinheiro (lado de Cristo) que está despeitado por não ser escolhido vigário’.

Um dos marcos desse período foi a Câmara Municipal de Itapemirim, mencionada pelo monarca. Dom Pedro II, que anotou em seu caderninho de bolso:

> Parada sob comando de Monjardim, apresentando-se menos mal a G. N. do C. Superior, sendo o melhor batalhão o de Serra cujo comandante Pinto é muito preciso. O Presidente da Câmara (João do Cais, por ter feito um pequeno Cais – português) deu o viva final ao presidente. Pouco ou nenhum entusiasmo dos Capixabas [capixaba significa roça] e acanhamento acompanhado de curiosidade (Dom Pedro II, 1959, p. 70).

Em relação a esse prédio, outro fato se destaca. O coronel Joaquim Marcelino da Silva Lima Filho, doou no dia 11 de maio de 1867, duas telas produzidas pelo pintor palaciano Antônio Cavaleiro de Almeida, em 1852, representando as majestades imperiais Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina. Esse acervo pertencia ao acervo particular do Barão de Itapemirim. Essas obras foram recentemente restauradas e se constituem no mais importante patrimônio histórico municipal (Moreno, 2016, p. 35).

Joaquim Marcelino da Silva Lima, um dos principais fazendeiros de Itapemirim, foi intitulado Sargento em 1846, condecorado como Barão de Itapemirim no mesmo ano (Campos, Machado, 2022).

A análise das obras estudadas possibilitou observar que a colonização de Itapemirim teve origem a partir de uma intensa migração. Os primeiros exploradores fundaram a primeira povoação constituídas por mineradores fugidos das Minas de Castelo, fazendeiros que vieram em busca de novas terras. Esses chegaram à região e fundaram grandes fazendas que se destacavam em toda a Província do Espírito Santo.

De acordo com a obra de Moreno (2016, p. 39):

> A partir da segunda metade do século XIX, o território de Itapemirim começou a sofrer reduções. Em 12 de Dezembro de 1856, a Câmara Municipal aprovou s criação da freguesia de São Pedro do Caxoeiro, mais tarde desmembrada e elevada à condição de vila, com os trabalhos da Câmara Municipal iniciados em 25 de março de 1867. Ocorreu a partir de então um decréscimo na arrecadação de impostos, colocando a administração do município de Itapemirim em dificuldades, pois a principal atividade agrícola daquele momento, o café, se encontrava concentrado nas terras do interior e passaram para a jurisdição de Cachoeiro de Itapemirim (grafia usada a partir da segunda metade do século XIX
>
> .

No início do século XIX, a permanência do colonialismo português na América já era praticamente insustentável. Em Portugal, por exemplo, a Revolução Constitucionalista de 1820 levou a burguesia ao poder. A Corte, então, tratou de elaborar uma Constituição liberal limitando os poderes reais, causando a princípio, também boas impressões no Brasil (Moreno, 2016, p. 48).

Em Itapemirim, as primeiras notícias sobre a nova carta portuguesa criaram um clima de euforia, pois "[...] se percebia a possibilidade de as autoridades metropolitanas aliviarem as pressões coloniais sobre o Brasil" (Moreno, 2016, p. 49).

> Na sessão ordinária de 31 de julho de 1821, a Câmara Municipal de Itapemirim e vários cidadãos juraram obediência à Constituição portuguesa, entusiasmada pelo ideal liberal dela. Tão grande seria a decepção quando as verdadeiras intensões de Portugal em relação ao Brasil se tornaram mais claras.

O LEGADO DA VISITA DE D. PEDRO II

O estudo sobre a visita de Dom Pedro II ao Espírito Santo, com ênfase ao município de Itapemirim, revelou-se rica em detalhes históricos e culturais, proporcionando uma nova perspectiva sobre a importância da preservação da memória local.

Com base neste estudo, percebe-se que o patrimônio arquitetônico do município requer atenção em relação à sua preservação. A casa onde Dom Pedro II se hospedou, localizada na atual Rua das Palmeiras, é de propriedade privada. A rua onde está localizada e a casa são tombadas como patrimônio histórico, e quem adquirir o imóvel terá que manter a identidade do monumento, e isso é um desafio.

A residência retratada, é um importante símbolo tangível do passado glorioso da região e da importância de preservar tais patrimônios históricos. Para o pesquisador Moreno,

em conversa informal, “A visita de Dom Pedro II não foi apenas um marco político, mas também cultural. Sua presença aqui reforçou o elo da Vila do Itapemirim com o resto do império e marcou o início de uma série de transformações que ecoam até hoje”.

Esses fatos históricos são relatados em várias obras, como mencionado. Em entrevista ao Jornal Fato, o autor da obra “Itapemirim – Como Tudo Começou”, Moreno revelou que a ideia da produção da obra surgiu há mais de duas décadas, quando ele teve acesso aos documentos da Câmara de Vereadores do município de Itapemirim por meio do também professor Nunes (2020, p. 1) que relatou:

> ‘A partir daí eu que já desenvolvia um trabalho sobre o Espírito Santo, passei a entender a importância que Itapemirim teve, ao longo do século XIX. Fui compreendendo o processo de construção do município através das informações obtidas em atas das sessões, documentos enviados pelos governos provincial e imperial, além de algumas publicações destacando a região’ (Weller, 2016).

Para Moreno (2016), a preservação e a conservação dos acervos históricos, em especial aqueles relacionados à visita de Dom Pedro II no município de Itapemirim, representam um pilar fundamental para a manutenção da história e identidade dessa localidade. Tais acervos não apenas documentam os eventos e contextos históricos significativos, como a visita do monarca, mas também são testemunhos tangíveis do passado, que devem ser protegidos para as gerações presentes e futuras.

Nesse contexto, ressalta-se a importância da Biblioteca Municipal de Marataízes, localizada no antigo Palácio das Águias, um monumento histórico de grande relevância, que pertencia a Itapemirim, mas com a emancipação do município de Marataízes, se tornou propriedade do lado sul da divisão. O Palácio das Águia, localizado no Porto da Barra, foi utilizado no período colonial para o escoamento e exportação de mercadorias, hoje abriga uma coleção significativa de acervos históricos e literários. O Porto da Barra foi o local de chegada do Imperador na região.

CONCLUSÃO

No estudo de campo, em que os pesquisadores refizeram o percurso histórico feito pelo imperador desde o Porto da Barra do Itapemirim até a Vila de Itapemirim, permitiu uma imersão no contexto do século XIX ofertando uma visão mais aprofundada dos desafios e das dificuldades enfrentadas por Dom Pedro II durante a sua jornada.

A biblioteca pública do município, tem desempenhado um papel fundamental na preservação e divulgação da história local. Para o bibliotecário “[...] o trabalho do profissional da ciência da informação e bibliotecários, vão além da simples organização de livros; somos guardiões da memória coletiva. Preservar esses acervos históricos é essencial para manter viva a identidade de nossa comunidade e garantir que as futuras gerações possam aprender com o passado”.

É evidente que profissionais, como bibliotecários, historiadores e arquivistas, são essenciais para a preservação e divulgação do patrimônio histórico. Eles aplicam técnicas avançadas de catalogação e conservação, além de promoverem o acesso aos materiais históricos para pesquisadores e público em geral.

A visita ao Porto da Barra do Itapemirim foi particularmente reveladora. Este local, que outrora foi um ponto crucial para o comércio e a navegação, agora é um testemunho silencioso da passagem do tempo e das mudanças que moldaram a região. Conclui-se que, reconstituir o trajeto do imperador trouxe à tona não apenas a grandiosidade de sua viagem, mas também a complexidade das interações sociais e econômicas do período. O percurso, apesar de simplificado para a pesquisa, ainda ressoa com o eco das pegadas históricas deixadas por Dom Pedro II.

Os resultados da pesquisa destacam a importância de preservar a história local e os acervos associados. Apesar de muitos dos documentos terem se perdido no tempo, profissionais como o historiador Moreno e bibliotecário Saulo possuem sede por preservar as memórias da história de um povo. A visita de Dom Pedro II a Itapemirim não foi apenas um evento isolado, mas um ponto de inflexão que influenciou o desenvolvimento cultural e político da região, que merece ser preservado e contado para as futuras gerações. É importante manter a memória coletiva e propagar essa riqueza histórica de forma acessível e compreendida, ajudando a tecer o passado com o presente e a projetar o futuro da comunidade.

A prática de conservação e preservação desses acervos históricos é essencial para garantir a integridade e autenticidade das fontes documentais, objetos e artefatos que compõem a memória do município de Itapemirim. Soma-se a esse ganho o fortalecimento da identidade cultural. A conservação adequada desses itens permite a sua utilização em pesquisas acadêmicas, atividades educacionais, exposições culturais e projetos comunitários, ampliando as possibilidades de disseminação e acesso à história local.

Portanto, a preservação e conservação dos acervos históricos relacionados à visita de Dom Pedro II ao município de Itapemirim são fundamentais para a salvaguarda da memória e identidade dessa comunidade. A atuação dos profissionais e do poder público para a preservação e conservação é essencial para garantir a continuidade e valorização desse patrimônio histórico, possibilitando sua perpetuação e compartilhamento com as atuais e futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Lista Nominal da População da Vila de Itapemirim*, 1833. Fundo Governadoria. Livro 54. Vitória, 2005.

BLOUIN, F. X.; ROSENBERG, W. G. *Processing the past: contesting authority in history and the archives*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CAMPOS, A.P.; MACHADO, L.S. As elites de Itapemirim na Independência do Brasil. *Revista Ágora,* Vitória/ES, v. 33, n. 1, p. e-2022330106, 2022.

HERSTAL, S. *Dom Pedro*: estudo iconográfico. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade - Anuário Comercial de Portugal, 1972. 3 v.

ITAPEMIRIM. In: *Wikipédia*: a enciclopédia livre.

MARINS, A. Itapemirim**.** In: _____. *Minha Terra e Meu Município*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1920. p.199-231.

MORENO, L. R. *Itapemirim:* como tudo começou. [S.l.]: Editora Formar, 2016.

NASCIMENTO, B. C. *Viagens à capitania do Espírito Santo*: 200 anos das expedições científicas de Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire. Serra: Editora Milfontes, 2018.

PEDRO II, Imperador do Brasil. *Diário da viagem ao norte do Brasil*. Salvador: Progresso, 1959.

ROCHA, Levy. *Crônicas de Cachoeiro.* Rio de Janeiro: Ed. Livros S.A., 1966.

ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. 3ª Edição. Vitória, 2008.

RODRIGUES, M.S. P. Preservação e conservação de acervos bibliográficos. In: X ENCONTRO NACIONAL DE USUÁRIOS DA REDE PERGAMUM. *Anais...* Curitiba: Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI, 2007.

WELLER, A. Livro resgata história de Itapemirim. *Jornal Fato*, 30 set. 2016.

LAS ENCUADERNACIONES DE TOMÁS GARCÍA PERADES, REALIZADAS PARA ANTONIO RODRÍGUEZ-MOÑINO Y DEPOSITADAS EN LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1948-1954)

Malena Ramírez Mulas
Universidad Complutense de Madrid

Antonio Carpallo Bautista
Universidad Complutense de Madrid

Resumen: Este estudio es resultado de la investigación, identificación, descripción y catalogación de un conjunto de 521 encuadernaciones artísticas del siglo XX. La gran mayoría aparecen en una serie de veintiuna facturas realizadas por el encuadernador Tomás García Perades (n. 1914), entre 1948 y 1954, para el bibliófilo extremeño Antonio Rodríguez-Moñino. Otras, sin embargo, no aparecen documentadas, pero por sus características decorativas, se atribuyen a este encuadernador. Estos ejemplares se conservan en la Real Academia Española gracias a la donación de la colección por Mariana Brey, la mujer de Rodriguez-Moñino. Mediante este trabajo se pretende dar a conocer las encuadernaciones realizadas por un artista totalmente desconocido e inédito, Tomás García, que forma parte de la historia del legado de Rodríguez-Moñino y merece ser reconocido y estudiado. La metodología se puede dividir en siete grandes grupos: búsqueda de documentos en el archivo de la academia, localización de signaturas en el catálogo de la biblioteca, identificación de las obras de los depósitos, análisis documental de cada ejemplar (materiales empleados, técnicas de construcción, estructura decorativa -hierros empleados y técnicas de ornamentación- y estado de conservación), identificación de los antiguos poseedores, fotografiado de las diversas partes de la encuadernación (tapas, lomo, guardas, cortes, cabezadas…), tratamiento de la imagen, elaboración de un corpus de hierros que ayudarán en la identificación de las encuadernaciones y el desarrollo del marco teórico. Como conclusiones se pueden adelantar que las obras no presentan encuadernaciones de lujo, sino que son cubiertas corrientes realizadas con materiales económicos con apenas ornamentación. Esto se refleja no solo en el resultado si no en las facturas donde las cantidades que se pagaron por cada una son de bajo coste. El tipo de encuadernaciones de este obrador fueron de piel (pasta española y piel moteada) y encuadernaciones tipo holandesa sencilla y con puntas con planos de papel decorados o granulados. En cuanto a la estructura decorativa, todas presentan sus títulos dorados el lomo empleando el mismo tipo de hierros para todas las cubiertas. Todos estos hierros empleados, se han recogido en un catálogo de hierros donde se distinguen las paletas, los florones y la rueda empleada en dos encuadernaciones. Este catálogo junto con otras características decorativas como los papeles decorados empleados favorecen la identificación de sus encuadernaciones en la Real Academia Española.

Palabras clave: Tomás García Perades; Antonio Rodríguez-Moñino; Real Academia Española; Encuadernaciones; Análisis documental

INTRODUCCIÓN

La investigación que a continuación se expone, es un estudio riguroso de un grupo de 521 encuadernaciones del siglo XX, custodiadas en la Real Academia Española y realizadas por Tomás García Perades por encargo del bibliófilo Antonio Rodriguez Moñino.

El estudio forma parte, al igual que otros trabajos que han seguido la misma línea, del proyecto de investigación titulado “La encuadernación española en la Reales Academias: encuadernadores, talleres y tipologías ligatorias (s. XVIII-XX)” (HAR2017-83387). Este proyecto ha consistido en la identificación y análisis de los encuadernadores y sus trabajos que estuvieron en las Reales Academias madrileñas. Todas estas tuvieron vinculación con algunos encuadernadores de Cámara, que realizaron encuadernaciones de lujo para las mismas, sin embargo, la mayor parte de las encuadernaciones más sencillas fueron encargadas a encuadernadores de menor renombre, varios de ellos desconocidos, como es el caso de Tomás García Perades.

La gran mayoría de las encuadernaciones aparecen en una serie de veintiuna facturas, otras, sin embargo, no están registradas documentalmente, pero por sus características decorativas, se atribuyen a este encuadernador. Estos ejemplares se conservan en la Real Academia Española gracias a la donación de la colección por Mariana Brey, la mujer de Rodriguez-Moñino.

Como objetivos específicos se incluyen la realización de un inventario de las encuadernaciones de Tomás García; la identificación de las encuadernaciones presentes en las facturas pertenecientes al encuadernador Tomás García mediante la observación de los elementos decorativos y el inventario de sus herramientas; identificación y descripción de los tipos de encuadernaciones, su construcción y utensilios empleados; identificación de los antiguos poseedores estudiando las marcas de propiedad y procedencias; y dejar constancia del estado de conservación de los ejemplares.

EL ENCUADERNADOR TOMÁS GARCÍA PERADES

Tomás García Perades nació en Villena, Alicante, en el año 1914. Con 12 años llega a Madrid y años después contrae matrimonio con Francisca Sanchez Buitrago, nacida en Madrid en 1917. El matrimonio tuvo dos hijas, María Rosa García Sanchez, nacida en Barcelona el año 1938 y María Esperanza García Sanchez, nacida en Madrid en 1941. A partir del año 1950 se mudaron a la calle Lombia número 8 piso 6º derecha situado en el distrito de Buenavista.

Su firma (Figura 1) aparece en la mayor parte de las facturas.

Figura 1. Firma manuscrita de Tomás García

Trabajó para Antonio Rodríguez-Moñino entre 1948 y 1954. Durante ese periodo tuvo taller en tres direcciones diferentes:

- Calle de la Huerta del Bayo número 7, que aparece en la factura número 751, con fecha del 3 de abril de 1948 (Figura 2).

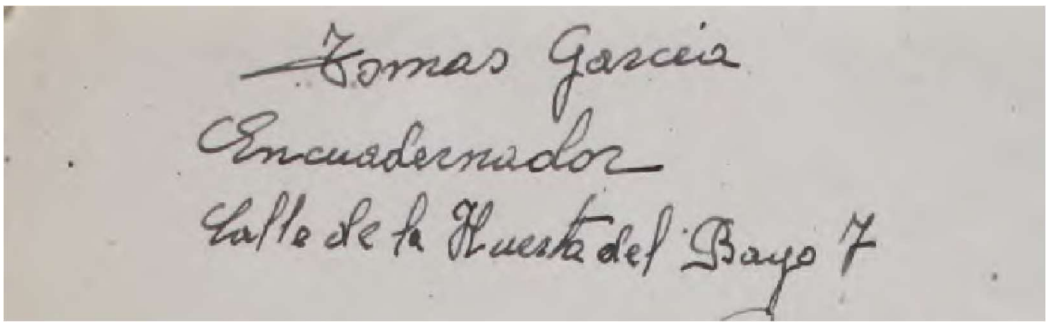


Figura 2.- Dirección que aparece en la factura 751.

- Calle Santiago el verde número 2, se incluye en las facturas 1050, 1051, 1444 y 1447 que se sitúan, desde año 1949 hasta el año 1951 (Figura 3).

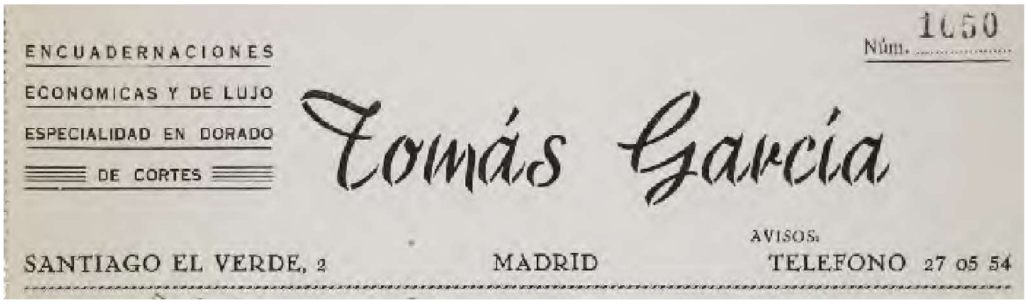


Figura 3.- Dirección que aparece en las facturas 1050, 1051, 1444 y 1447.

- Calle Mesón de Paredes número 37, piso 1º (Edificio del Convento), aparece en las facturas 1971, 1972 y 2211, desde el año 1953 hasta 1954 (Figura 4).

Figura 4.- Dirección que aparece en las facturas 1971, 1972 y 2211.

TIPOS DE ENCUADERNACIÓN Y CARACTERÍSTICAS GENERALES

Los tipos de encuadernación que utilizó Tomás García fueron dos, por un lado, la encuadernación a la holandesa y por otro la encuadernación recubierta de todo piel.

La encuadernación a la holandesa consiste en usar una cubierta para el lomo de piel, tela u otro material, en este caso Tomás García utilizó la piel, entre ellas la badana[81] y el

[81] La badana es la piel de carnero o de oveja curtida con sustancias vegetales. Es la que más se aplica en encuadernaciones de tipo corriente. Se trata de pieles finas, ligeras, suaves y económicas cuya resistencia es menor. Ha sido empleada no solo en encuadernaciones, si no para la confección de prendas de vestir, tapizado y refuerzo de muebles. Es una piel muy porosa, poco brillante y blanda.

chagrín[82]; además de recubrir el lomo, cubrirá un tercio de las tapas con la misma piel, y que se la conoce como *lomera*; los dos tercios restantes de las tapas se cubrirán con tela o papel. En algunos casos, se han cubierto las puntas del mismo material que el lomo o de tela, en este caso la encuadernación recibe el nombre de holandesa de puntas. Las puntas pueden colocarse a modo decorativo por encima del papel o situarlas debajo de este como una manera de reforzar la zona (Figura 5).

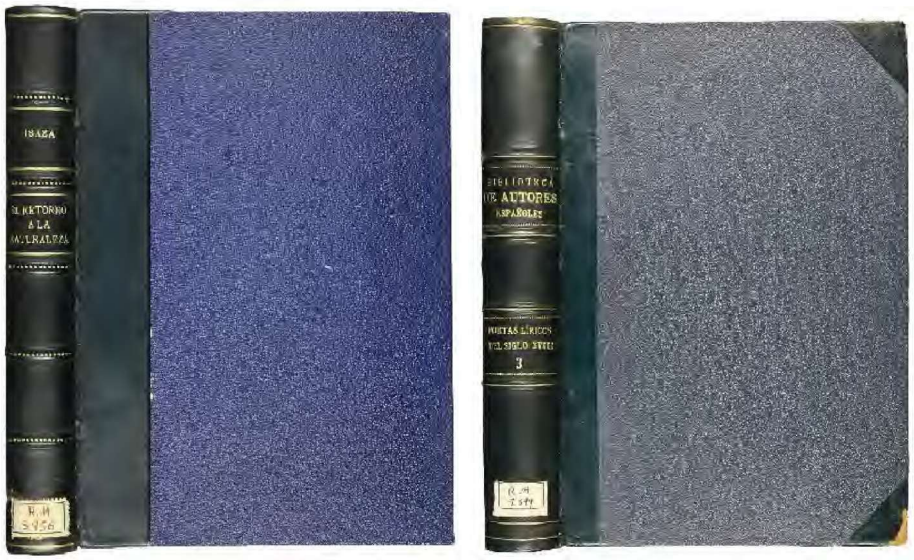


Figura 5.- Encuadernaciones a la holandesa y holandesa de puntas

La encuadernación en piel (Figura 6) es un tipo de encuadernación en la que las tapas y el lomo están cubiertos íntegramente por piel curtida. Esta piel puede ser lisa, teñida (por ejemplo, jaspeadas) o decorada con elementos dorados, gofrados o mosaicos de pieles. En este caso las encuadernaciones que se pueden encontrar jaspeadas llamándose *pasta española*[83] y *piel moteada*[84].

[82] El chagrín es una piel de cabra o de macho cabrío más adecuada para la encuadernación, clásica o moderna. Es más resistente que la badana con un grano más grande. Suelen ser finas y homogéneas, pero son poco elásticas.

[83] Las encuadernaciones de *Pasta española* solían realizarse con badana jaspeada teñida, por el procedimiento de tina o manualmente por el encuadernador utilizando sulfato de hierro, o por procedimientos más industrializados.

[84] En la piel moteada, la badana está jaspeada de colores vivos, casi siempre sobre fondo castaño. El moteado se realizaba mediante una brocha, salpicando la pintura sobre la piel.

Figura 6. Encuadernaciones en piel de tipo moteada y pasta española

En cuanto a los papeles decorados la gran mayoría son de tipo marmoleado. Los papeles marmoleados de las guardas siguen los modelos: “gotas estiradas”[85] (Figura 7), “Shell”[86] (Figura 8), “Veta italiana bicolor”[87] (Figura 9) y “Stormont”[88] (Figura 10). Otros, son impresos que imitan el marmoleado siguiendo el modelo “gotas estiradas” (Figura 13) y algunas son impresas con un floreado (Figura 14). Los papeles marmoleados en los planos son de los modelos “gotas estiradas”, “Shell”, “Falso mármol o salpicado” (Figura 12) y “plegado español[89]”(Figura 11). Aunque algunos tienen en sus tapas, papel granulado (Figura 15) unos con mayor grano que otros.

[85] Es un modelo de carácter mixto que combina el modelo de *Gotas* y el de *Peines*, aplicando varias gotas y estirándolas con un punzón o peine.

[86]: Este modelo, denominado *Shell, Modelo Concha* o *French Shell,* aparece en Francia a principios del siglo XIX. A cada gota de color se le añade aceite formando un halo blanquecino y un centro más oscuro e intenso

[87] Este modelo de papel fue inventado e introducido por Italia. La decoración se asemeja a una diminuta red o malla formada por vetas estiradas de dos a cuatro colores. En este caso se compone de dos colores, por eso su nombre de bicolor.

[88] Este modelo aparece en Francia en los primeros decenios del siglo XIX. Fue reproducido también en Inglaterra y Alemania y posteriormente en el resto de los países. En esta decoración es el dispersor el que divide las gotas de pintura formando celdillas.

[89] Es el modelo que aparece con más frecuencia en los libros encuadernados en España desde el tercer cuarto del siglo XVIII. Se convirtió en muy poco tiempo en un modelo corriente empleándose hasta bien entrado el siglo XIX.

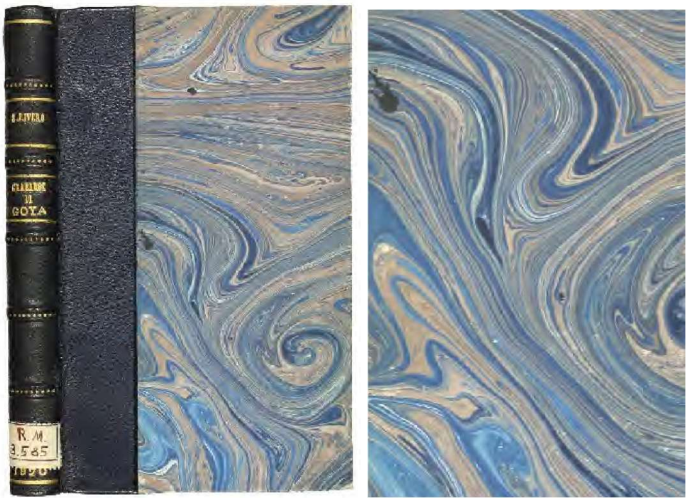


Figura 7. Guardas marmoleadas, modelo *Gotas estiradas,* presente en el libro con sig. RM 3585.

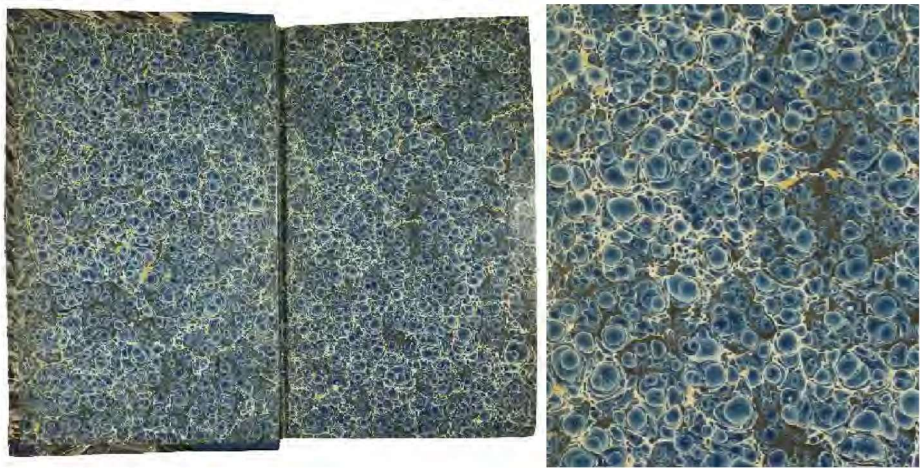


Figura 8. Guardas marmoleadas, modelo *Shell*, presente en el libro con sig. RM 5408.

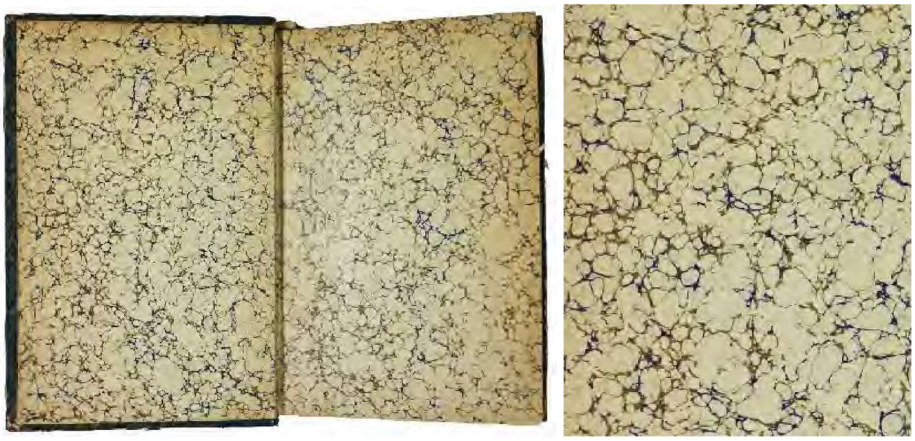


Figura 9. Guardas marmoleadas, modelo *Veta italiana bicolor*, presente en los libros con signaturas RM 155 y RM 156.

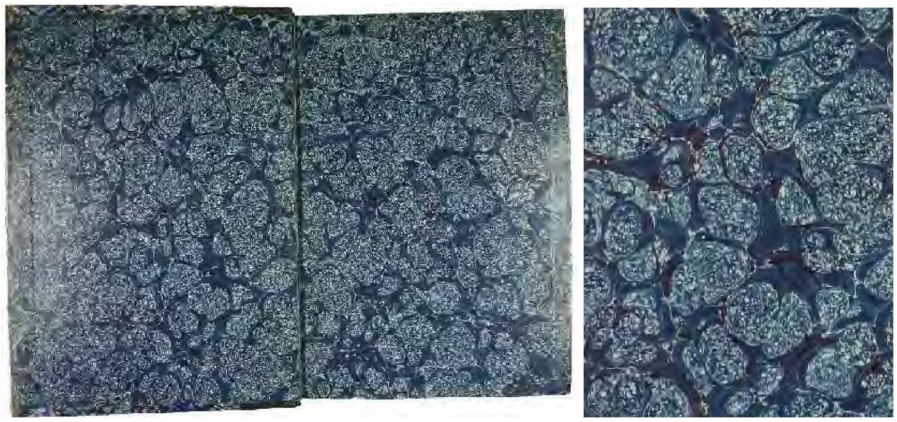


Figura 10. Guardas marmoleadas, modelo *Stormont*, presente en el libro con signatura RM 6284.

Figura 11. Guardas marmoleadas modelo *Plegado español*, presentes en los libros con signaturas RM 6284 y RM 5408.

El marmoleado impreso se realiza mediante el uso de maquinaria especifica sustituyendo la habilidad manual humana. Las ventajas son su gran rapidez, regularidad, simetría y precisión en el producto acabado. Estas maquinas se usaron desde el siglo XIX con el fin de abaratar la producción y extenderla y condujeron a la aparición de la moderna industria del papel de empapelar.

Figura12. Papel impreso marmoleado modelo *Falso mármol*, presentes en los libros con signaturas RM 5804, RM 155 y RM 156.

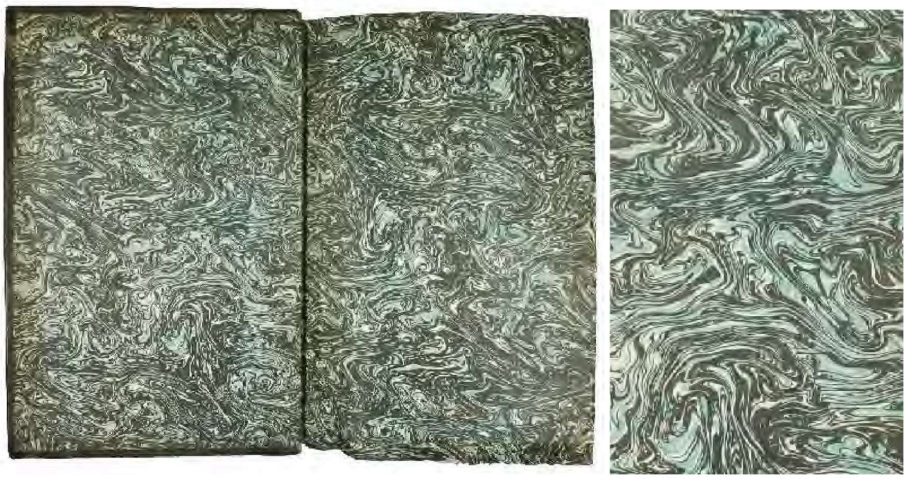


Figura 13. Guardas de papel impreso marmoleadas modelo *Gotas estiradas*, presente en el libro con signatura RM 1034.

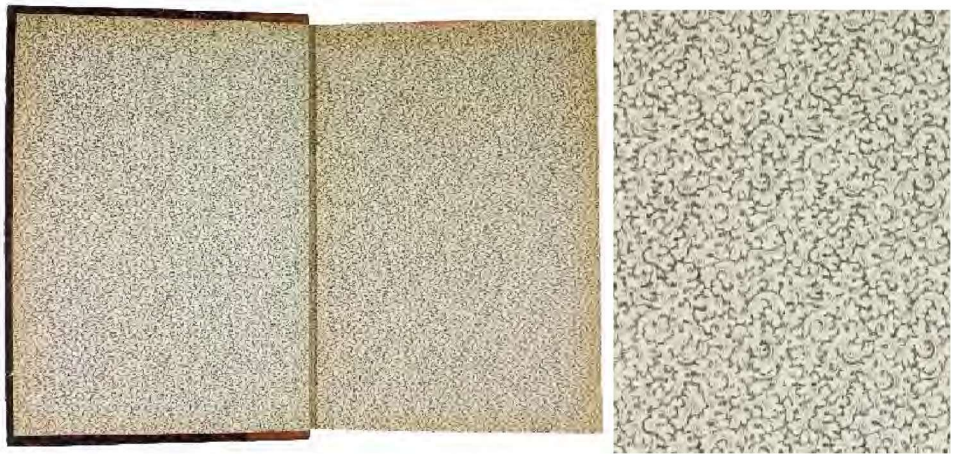


Figura 14. Guardas de papel impreso modelo *Floreado*, presente en el libro con signatura RM 5804.

Y los papeles granulados en las tapas, algunos tienen diferentes granos y textura y otros imitan la tela (Figura 15).

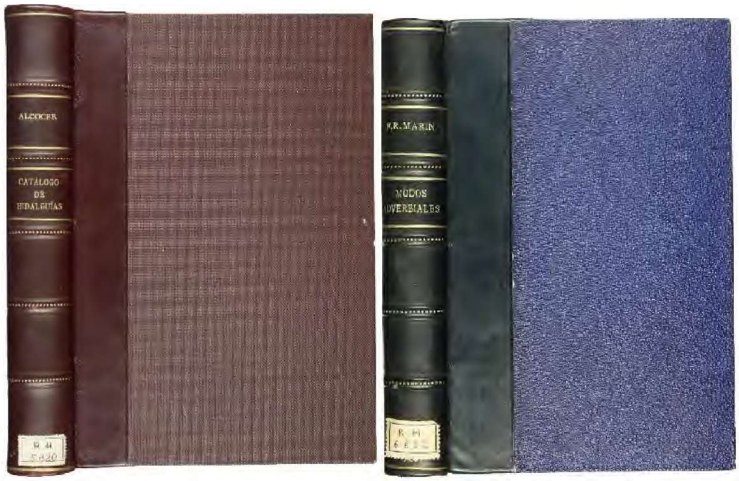


Figura 15. Papeles granulados situado en los planos, presentes en los libros con signatura RM 5820 y RM 6882.

CATÁLOGO DE HIERROS

La identificación de la autoría y taller de encuadernación es uno de los aspectos más importantes del estudio. Mediante la comparación de los hierros se pueden identificar los encuadernadores, los talleres y datar las encuadernaciones.

En el siguiente catálogo se exponen los utensilios (las paletas, los florones y las ruedas) que empleó el encuadernador en la decoración de las encuadernaciones artísticas del bibliófilo. Dentro de cada tipo de útiles se adjuntan las signaturas en las que están presentes esos hierros.

Paletas: Se pueden clasificar por tipos en función de su diseño, como las paletas con motivos geométricos como puntos o rombos, con un motivo dentado y con motivos vegetales o florales.

Florones: Los diseños que predominan son de cruz o con motivos vegetales y florales.

Rueda: Se ha utilizado una rueda del mismo tipo para dos encuadernaciones, que contiene un diseño vegetal con pequeñas hojas.

Paletas	
	Paleta de pequeños cuadrados
RM 684-726; RM 727; RM 729-742; RM 746; RM 784; RM 787; RM 788; RM 789; RM 1111-1113; RM 1348; RM 1561-1562; RM 3956; RM 4450-4453; RM 4735; RM 5102; RM 5108; RM 5113; RM 5116; RM 5192; RM 5457 BIS; RM 5497; RM 5583-5586; RM 5662-5663; RM 5820; RM 5830; RM 5992; RM 6021; RM 6037; RM 6086; RM 6087; RM 6527; RM 6632; RM 9174	
	Paleta de puntos
RM 620-653; RM 775-783; RM 787; RM 789; RM 818; RM 1048-1050; RM 1056-1058; RM 1060; RM 1063-1067; RM 1070; RM 1073; RM 1075-1076; RM 1079-1080; RM 1082-1083; RM 1085-1086; RM 1089; RM 1091; RM 1094-1095; RM 1103; RM 1105; RM 1107; RM 1112; RM 1115; RM 1117-1125; RM 1154-1157; RM 1158-1159; RM 1160-1174; RM 1177-1182; RM 1409-1410; RM 1494-1497; RM 1499; RM 1502; RM 1997-1998; RM 2185; RM 2363; RM 3585; RM 3586; RM 3588; RM 3596; RM 3605; RM 3610; RM 3613; RM 3615; RM 3620; RM 3622; RM 3623; RM 3792; RM 3811; RM 3812; RM 3813; RM 3814; RM 4117; RM 4140; RM 4144; RM 4147; RM 4149; RM 4235; RM 4237; RM 4239; RM 4240; RM 4241; RM 4245; RM 4254; RM 4257; RM 4334; RM 4335; RM 4339; RM 4347; RM 4355; RM 4365; RM 4366; RM 4404-4405; RM 4408-4409; RM 4415; RM 4416-20; RM 4421; RM 4422-4423; RM 4425; RM 4426-4427; RM 4428; RM 4429-4433; RM 4435-4444; RM 4446; RM 4447; RM 4448; RM 4449; RM 4450-4453; RM 4454; RM 4455; RM 4456; RM 4668; RM 5319-5320; RM 5834; RM 6550; RM 6844; RM 6845	
	Paleta de rombos
RM 1026; RM 1027; RM 1028-1029; RM 1692; RM 3810; RM 4137; RM 4265; RM 5804; RM 6043; RM 6760; RM 6762; RM 6770; RM 6846; RM 6860; RM 6904; RM 6905; RM 6964	

	Paleta dentada
RM 473; RM 3836; RM 3988; RM 4015; RM 4349; RM 5408; RM 6379-6381; RM 6382-6383; RM 6384-6389; RM 6390; RM 6397-6398; RM 7093; RM 7094; RM 7095; RM 7096; RM 7097; RM 7098; RM 7099; RM 7100; RM 7101; RM 7102	
	Paleta de motivos florales estilizados
RM 1030-1032	
	Paleta de motivos florales estilizados
RM 1033; RM 1034; RM 5822	
	Paleta de motivos vegetales estilizados
RM 679-680; RM 1730; RM 2030-2032; RM 4062	
	Paleta de motivos vegetales estilizados
RM 1388-1399; RM 6976; RM 6979; RM 6980; RM 6983; RM 6987; RM 6990; RM 6991; RM 6991 A-6992; RM 6993; RM 6994; RM 6979; RM 6980; RM 6990; RM6991; 6991 A-6992; RM 7001; RM 7002; RM 7003; RM 7005; RM 7013; RM 7016; RM 7022; RM 7023; RM 7026; RM 7028; RM 7030; RM 7039; RM 7042	
	Paleta de motivos vegetales estilizados
RM 362; RM 363; RM 364; RM 365; RM 366; RM 367; RM 368; RM 373-375; RM 376; RM 382; RM 383; RM 389; RM 390; RM 391; RM 394; RM 395; RM 396; RM 397; RM 398; RM 400; RM 401-402; RM 403; RM 404; RM 409; RM 410; RM 411-413; RM 414; RM 417; RM 418-419; RM 420; RM 421; RM 422; RM 423; RM 424; RM 425; RM 426; RM 427; RM 429-430; RM 432; RM 436	
	Paleta de motivos vegetales estilizados
RM 369; RM 370-371; RM 372; RM 377; RM 378; RM 379; RM 380; RM 381; RM 386; RM 387-388; RM 392; RM 393; RM 399; RM 405; RM 406-407; RM 415-416; RM 428; RM 433; RM 434; RM 435; RM 437; RM 456-458; RM 459-460; RM 747; RM 748-750; RM 751-752; RM 897-1 (4 vol.); RM 4581-4586; RM 4588-4597	
	Paleta dentada
RM 5593-5595	
Florores	
	Florón de motivos florales y vegetales estilizados

RM 362; RM 363; RM 364; RM 365; RM 366; RM 367; RM 368; RM 369; RM 370-371; RM 372; RM 373-375; RM 376; RM 377; RM 378; RM 379; RM 380; RM 381; RM 382; RM 383; RM 386; RM 387-388; RM 389; RM 390; RM 391; RM 392; RM 393; RM 394; RM 395; RM 396; RM 397; RM 398; RM 399; RM 400; RM 401-402; RM 403; RM 404; RM 405; RM 406-407; RM 409; RM 410; RM 411-413; RM 414; RM 415-416; RM 417; RM 418-419; RM 420; RM 421; RM 422; RM 423; RM 424; RM 425; RM 426; RM 427; RM 428; RM 429-430; RM 432; RM 433; RM 434; RM 435; RM 436; RM 437	
	Florón con una cruz
RM 3588	
	Florón con motivos vegetales y puntos
RM 1030-1032	
	Florón de motivos florales y vegetales estilizados
RM 7094; RM 7059; RM 7093; RM 7094; RM 7095; RM 7096; RM 7097; RM 7098; RM 7099; RM 7100; RM 7101; RM 7102	
	Florón de motivos florales
RM 9174	
	Florón con motivos vegetales estilizados
RM 1388-1399	
	Florón con una cruz
RM 3813	
	Florón de motivos florales y vegetales estilizados

RM 5593-5595	
Rueda	
RM 5408; RM 5804	Rueda de pequeñas hojas

CONCLUSIONES

Este estudio ha permitido dar a conocer a Tomás García Perades, un encuadernador totalmente desconocido pero que forma parte de la historia del legado de Rodriguez-Moñino, y que, si bien se trata de un artista inédito, merece ser reconocido y estudiado al igual que cualquier otro.

Tras la identificación de las encuadernaciones presentes en las veintiún facturas, se ha efectuado un análisis documental completo de cada una de las encuadernaciones para dar a conocer su valor histórico y artístico. Las obras no presentan encuadernaciones de lujo, si no que son cubiertas corrientes realizadas con materiales económicos con apenas ornamentación. Esto se refleja no solo en el resultado si no en las facturas donde las cantidades que se pagaron por cada una son de bajo coste. El tipo de encuadernaciones de este obrador fueron de piel (pasta española y piel moteada) y encuadernaciones tipo holandesa sencilla y con puntas con planos de papel decorados o granulados.

En cuanto a la estructura decorativa, todas presentan sus títulos dorados en el lomo, empleando el mismo tipo de hierros para todas las cubiertas. Todos estos hierros empleados, se han recogido en un catálogo de hierros donde se distinguen las paletas, los florones y la rueda empleada en dos encuadernaciones. Este catálogo junto con otras características decorativas como los papeles decorados empleados favorecen la identificación de sus encuadernaciones en la Real Academia Española.

Las direcciones extraídas de las facturas donde aparecen los ejemplares que encuadernó Tomás García para Moñino han sido clave para la búsqueda e investigación que se llevó a cabo en el Archivo de Villa donde se obtuvieron algunos datos biográficos del encuadernador, como la ubicación de sus talleres en diferentes localizaciones y la ubicación de su domicilio particular en Madrid.

Tomás García realizó varias encuadernaciones para Moñino durante varios años, desde el 1948 hasta el 1954 por las fechas que aparecen en las facturas. Se debe recalcar que en los años 1950 y 1952 no consta que trabajara para el bibliofilo, por lo que las obras no documentadas en factura pueden haberse realizado en estos años.

En definitiva, se ha llevado a cabo la investigación, identificación, descripción y catalogación de un conjunto de quinientas veintiuna encuadernaciones artísticas del siglo XX. Que aparecen en su mayoría en veintiuna facturas situadas en la Real Academia Española. Mediante esta investigación se ha dado a conocer a este artista inédito y a sus obras.

REFERENCIAS

BALDÓ SUAREZ, Dolores. *Arte y encuadernación: Una panorámica del siglo XX*. Madrid: Ollero y Ramos, 1999.

CARPALLO BAUTISTA, Antonio y VÉLEZ CELEMÍN, Antonio. *Los papeles decorados en las encuadernaciones del Archivo y Biblioteca de la Catedral de Toledo*. Toledo: Instituto Superior de Estudios Teológicos San Ildefonso, 2010.

CARPALLO BAUTISTA, Antonio. *Análisis documental de la encuadernación española*. [Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid, 2001]. E-Prints Complutense. Consultado el 10 de marzo de 2023.

CHECA CREMADES, José Luis. *El arco y la serpiente. El taller Galván y la encuadernación europea 1941-2008*. Madrid: Ollero y Ramos, 2009.

VÉLEZ CELEMÍN, Antonio. *El marmoleado: del papel de guardas a la obra de arte*. Madrid: Ollero y Ramos, 2012.

RESULTADO FINAL DEL ESTUDIO DE LAS COLECCIONES BIBLIOGRÁFICAS DEL DUQUE DE BAILÉN Y DEL MARQUÉS DE RISCAL. UNA BIBLIOTECA CONJUNTA

Pilar del Campo Puerta

Doctora en Ciencias de la Documentación, investigadora independiente y escritora

Resumen: El duque de Bailén y el marqués de Riscal habitaron en el mismo edificio, el conocido Palacio de Portugalete, donde compartieron estancias; entre ellas la biblioteca. Circunstancias de la vida, dichas colecciones personales se mezclaron primero, fueron guardadas juntas y alojadas casi en el olvido después y, finalmente, volvieron a ocupar el lugar de honor correspondiente gracias a la gestión de catalogación y conservación en la Biblioteca del Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA), que las puso en valor para la sociedad. Pero ha sido en los últimos años cuando gran parte del fondo antiguo de la citada Biblioteca INGESA está viendo la luz gracias a los trabajos de investigación y los catálogos ilustrados que se han publicado. En este caso, es el que hace referencia al estudio paralelo de las colecciones de los dos nobles citados, con el resultado final del libro: La biblioteca conjunta del duque de Bailén y del marqués de Riscal en la Biblioteca INGESA, editado por el Ministerio de Sanidad.

Palabras clave: Biblioteca; Duque de Bailén; Fondo antiguo; INGESA (Instituto Nacional de Gestión Sanitaria); Marqués de Riscal.

INTRODUCIÓN

El libro que hoy se presenta en este Seminario Hispano Brasileño de 2024, con el título *La biblioteca conjunta del duque de Bailén y del marqués de Riscal en la Biblioteca INGESA,* editado por el Ministerio de Sanidad, y que se pone a disposición de los interesados presentes en este Seminario, es continuación del trabajo presentado en el Seminario Hispano Brasileño de 2022, bajo el título *Bibliotecas del duque* de *Bailén y del marqués de Riscal. Proceso de investigación que completa el trabajo y el estudio de un valioso fondo antiguo,* que conviene conocer para comprender mejor esta segunda parte del proceso hasta llegar al resultado final.

Con este trabajo se completa, de momento -hay más obras antiguas con características especiales aguardando un próximo trabajo de investigación-, el estudio de las cuatro colecciones que hasta ahora formaban el grupo llamado “fondo antiguo” de la Biblioteca del Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA), todos ya publicados: *Lecturas Infantiles en la Biblioteca del INGESA. Colección de María Milagro Hurtado de Amézaga (perteneciente al Fondo Amézaga)* (2017), *Descubriendo el Legado Sancho* (perteneciente al Fondo Sancho) (2021) y, por último, el citado documento de *La biblioteca conjunta del duque de Bailén y del marqués de Riscal en la Biblioteca INGESA (2023)(pertenecientes al Fondo Bailén y al Fondo Amézaga), con documentos* de los siglos XVIII y XIX en su mayoría, y con una gran diversidad de materias.

Aunque en un principio se pensó trabajar estos dos últimos fondos, el de Bailén y el de Riscal, por separado, tras largas consultas al catálogo y a los documentos físicos, se decidió hacerlo de manera conjunta, pero con los documentos bien identificados y diferenciados, como se explica y puede verse en el citado trabajo. Además, como ya se explicó en el Seminario de 2022 y por no repetir, se resume la metodología de recogida de datos, que no ha variado y ha estado basada en: búsqueda de la información, revisión de catálogos,

cotejo de datos, actualización y revisión de las descripciones bibliográficas, digitalización y/o fotografiado de documentos, puesta en valor de ambas colecciones.

En el apartado final de este trabajo, Referencias bibliográficas relacionadas con el tema, se puede consultar toda la información sobre la biblioteca INGESA. La invitación a la lectura de estas referencias se debe a que quien firma este trabajo es la única investigadora que está sacando a la luz la importancia de la citada biblioteca y su magnífica colección de fondo antiguo. No obstante, se añaden algunos párrafos extraídos del libro que hoy se presenta para una mejor comprensión.

> "Haciendo un poco de historia se dirá que en la citada biblioteca especializada se puede encontrar un importante número de documentos relacionados con temas médicos en general, así como accidentes, enfermedades e incapacidades laborales, seguros sociales, de vejez e invalidez, seguros escolares y maternales, política social de previsión, gestión sanitaria y administrativa, actas de congresos, juntas y reuniones. Todo ello recogido en diversas monografías, publicaciones periódicas y documentos digitalizados disponibles de manera virtual".

> "El Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA) surge en 2002 aunque tiene sus inicios en el Instituto Nacional de Previsión (INP), organismo social creado en 1908 por D. Antonio Maura, entonces presidente del Gobierno, y promulgado por el rey Alfonso XIII, en febrero de ese mismo año".

> "En 1978 el INP pasa a denominarse Instituto Nacional de la Salud (INSALUD) a consecuencia de una reforma efectuada sobre la gestión institucional de la seguridad social, la salud y el empleo, llevada a cabo por el Ministerio de Sanidad y Seguridad Social del momento, así como por la Constitución Española sobre los derechos de todos los ciudadanos respecto a la protección de la salud."

Por último, cabe señalar que el INGESA está ubicado en la calle Alcalá de Madrid, en el llamado Palacio de Portugalete, propiedad de Eduardo de Carondelet y Donado (III duque de Bailén, I barón de Carondelet y I marqués de Portugalete) y donde, por circunstancias de la vida, convivió con Camilo Hurtado de Amézaga y Balmaseda (VI marqués de Riscal). Dicho palacio fue derribado y levantado de nuevo dando como resultado el edificio donde hoy se asienta la citada institución.

> "Unidos por fuertes lazos personales, también los nobles dejaron como legado su aprecio por los libros, como queda constancia en el fondo antiguo de la biblioteca del INGESA. Y aunque se trate como una biblioteca conjunta, las colecciones quedan bien diferenciadas por las anotaciones, las firmas, las dedicatorias y los ex libris".

Figura 1. Cubierta del libro

BÚSQUEDA DE INFORMACIÓN

Como todo ese fondo antiguo ya estaba catalogado desde hace tiempo -aunque fuera en el año 2000 cuando el catálogo en fichas de cartulina se pasara al catálogo *on line* de Absys, siguiendo las directrices de "Las Reglas de Catalogación", actualizando los datos- la búsqueda de información no ha sido difícil.

En total son más de mil documentos de dos bibliotecas bien diferenciadas, desde el origen, por parte de sus poseedores que dejaron su sello con anotaciones, con ex libris, dedicatorias y firmas, lo que ha facilitado el trabajo de identificación y diferenciación de ambos bibliófilos.

Siempre que ha sido posible, se ha trabajado con el catálogo *on line* y de forma externa a la institución, salvo en los momentos puntuales que era preciso hacer la consulta de Absys desde la propia biblioteca, y la consulta física de los documentos. Supervisado todo por la dirección de la biblioteca y con la ayuda del personal bibliotecario, lo que demuestra una vez más, el interés que todos han mostrado por esta investigación y puesta en valor de las colecciones tratadas.

REVISIÓN DEL CATÁLOGO

Ha sido una tarea sumamente necesaria e importante revisar a fondo el catálogo, para poder subsanar algunos pequeños errores en las descripciones bibliográficas, que no han sufrido ninguna variación porque en algunos casos eran simplemente erratas.

Este cotejo ha permitido, también encontrar documentos según diferentes búsquedas y tener los criterios suficientes para saber cuántos documentos serían los que formarían parte del citado libro, que en definitiva es un catálogo ilustrado de esa parte de la colección INGESA.

De la revisión inicial y una vez hechas las valoraciones oportunas, los documentos que iban a formar parte del citado catálogo serían los 239 atribuidos a la colección duque de Bailén

y los 827 al marqués de Riscal. Pero tras sopesar y valorar toda la información recogida hubo que tomar decisiones.

“De la biblioteca conjunta de los nobles bibliófilos se han recogido para este catálogo una muestra de 249 documentos, con los asientos bibliográficos correspondientes (extraídos tal y como aparecen en el catálogo general de la biblioteca) numerados y ordenados alfabéticamente. Va acompañado de fotografías”.

“La selección de documentos y fotografías se ha realizado teniendo en cuenta las anotaciones, dedicatorias y etiquetas que acreditan a los dos nobles bibliófilos”.

Figura 2. Catálogo de la Biblioteca del INGESA

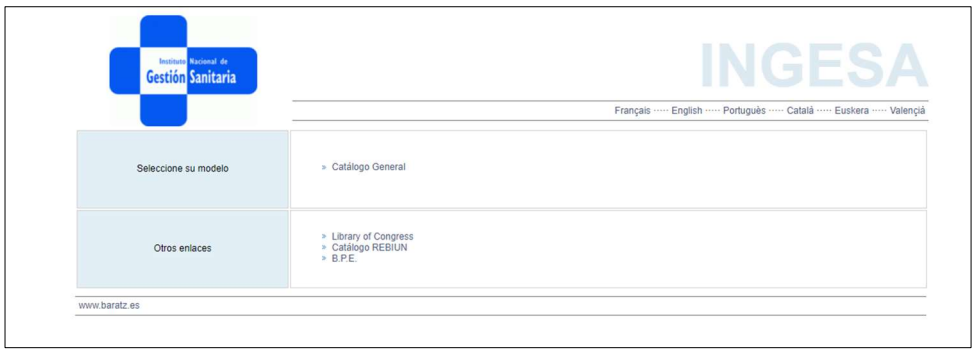


Figura 3. Catálogo de la Biblioteca del INGESA.

Figura 4. Información por la nueva página web, del fondo histórico de la biblioteca del Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA).

Figura 5. Nueva disposición del Repositorio Documental de la Biblioteca INGESA

DIGITALIZACIÓN/FOTOGRAFIADO DE DOCUMENTOS

Puesto que se trata de un trabajo de investigación independiente, la digitalización no ha sido posible, por eso, se ha optado, como en otros trabajos sobre el fondo antiguo INGESA, por fotografiar los documentos uno a uno, o en grupo cuando se tratara de colecciones, con el fin de poder mostrar la mayor parte del fondo. El trabajo se ha llevado a cabo dentro de las instalaciones de la propia biblioteca, y siempre contando con la colaboración inestimable del personal de ésta.

Para la selección fotográfica se han seguido varios criterios de inclusión de los documentos con: 1) Ex libris. 2) Anotaciones manuscritas y 3) Dedicatorias. Siendo los criterios de exclusión de documentos: 1) El deterioro. 2) Los volúmenes facticios. 3) El gran formato, difícil de manejar para la fotografía, sobre todo la cartografía. 4) Las colecciones, según su amplitud. Como se puede ver en la pequeña selección fotográfica de los

documentos con la descripción bibliográfica correspondiente, donde puede apreciarse que el orden seguido es el alfabético.

PUESTA EN VALOR DE AMBAS COLECCIONES

El valor documental de las colecciones del duque de Bailén y del marqués de Riscal, así como las otras colecciones del llamado "fondo antiguo", se acrecienta gracias al esfuerzo de tratamiento y conservación por parte del INGESA; también por los diferentes catálogos ilustrados y explicativos, para que llegue a toda la sociedad.

De igual modo, también es una invitación para que la biblioteca, con todo su fondo completo, denominado ahora "fondo histórico" (donde están englobadas las colecciones del "fondo antiguo"), consultable en: https://ingesa.sanidad.gob.es/Recursos-documentales/Fondo_Historico_Institucional.html pueda ser objeto de nuevas investigaciones y tesis doctorales, ya que se pueden encontrar documentos en diferentes idiomas y de múltiples materias.

"En cuanto al idioma, se recogen obras escritas en español, francés, inglés, italiano, portugués, ruso y latín".

"En cuanto a las materias, los grandes grupos son Arte en general (sobre diferentes estilos y monumentos), Lengua y Literatura (con obras en varios idiomas, diferentes géneros literarios, historia y crítica), Diccionarios y Enciclopedias, Religión, Medicina, Historia (de diferentes países y civilizaciones), España (con obras sobre: Costumbrismo, Diplomacia, Industria, Política, Economía, Sociedad…), Derecho, Religión, Matemáticas, Medicina, Ciencias, Deportes y Juegos de mesa (Ciclismo, Golf, Pelota vasca, Bridge, Póquer), Cultivos y Medios ambientales (Silvicultura, Arboricultura, Botánica, Enología, Viticultura, Jardinería), Avicultura, Apicultura y Ganadería, Economía doméstica, Gastronomía, Humor, Tauromaquia, Animales en general, Cartomancia, Emisoras de radio, Estadística, Exposiciones, Automovilismo, Fotografía, Heráldica…). Así como el periódico *El Día:* una colección de volúmenes de gran formato que guardan la mayor parte de los periódicos, debidamente encuadernados".

"También hay un importante número de libros para el estudio con materias como Lengua, Dibujo, Geografía, Música, Física, Química, Arte, Aritmética, Matemáticas, Cálculo, y Educación de los niños en general".

"Algunos de estos libros de enseñanza ya fueron mencionados en su momento en la tesis doctoral *Materiales didácticos de los siglos XVIII y XIX en bibliotecas madrileñas,* como *Fábulas ascéticas en verso castellano y en variedad de metros*, de Cayetano Fernández; y, *Tratado de Aritmética,* de Mr. Lacroix, traducido por Rebollo, incluidas en la biblioteca del duque de Bailén. Así como *Curso completo de matemáticas puras,* de José Odriozola; y, *Elementos de Ética*, de D. José María Rey y Heredia, en la biblioteca del marqués de Riscal".

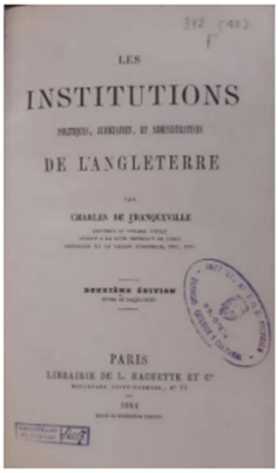
Otros libros para la enseñanza están bien identificados por sus poseedores, como es el caso de Pepito y de Milagro Hurtado de Amézaga, siendo el primero, José María Hurtado de Amézaga y Zavala, VIII marqués de Riscal, que casó con Berenguela Collado y fruto del matrimonio nació María Milagro Hurtado de Amézaga y Collado, de la que se hizo la

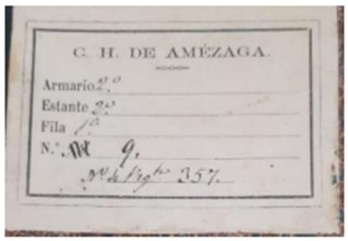
publicación sobre las *Lecturas infantiles en la Biblioteca del INGESA: Colección de María Milagro Hurtado de Amézaga.*

Comentario aparte merece que, gracias a ambos -que también habitaron el palacio de Portugalete como puede comprobarse por las diferentes pruebas existentes- es posible disfrutar de todos los libros conservados de sus antepasados, y que ahora conforman el fondo histórico -antes fondo antiguo- de la citada biblioteca INGESA, ya que fue José Hurtado de Amézaga, quien heredó el palacio y todo su contenido, según consta en escritura de 1931, y posteriormente, al término de la Guerra Civil, en 1940, fue su hija María Milagro, quien representándolo efectuó la compra-venta del inmueble con todos los enseres, incluida la gran biblioteca, al Estado.

Por tanto, no sólo se debe hablar del valor de las colecciones de los dos nobles bibliófilos, sino del valor documental de toda la colección, con más de 52.000 documentos, en el que han intervenido muchos factores y muchas personas, para que trabajos como el que se presenta y los libros de las estanterías de la biblioteca INGESA lleguen a toda la sociedad.

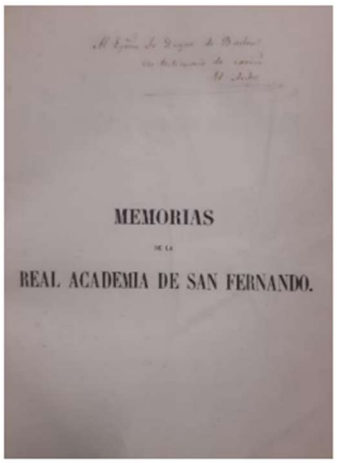
SELECCIÓN FOTOGRÁFICA DE LOS DOCUMENTOS





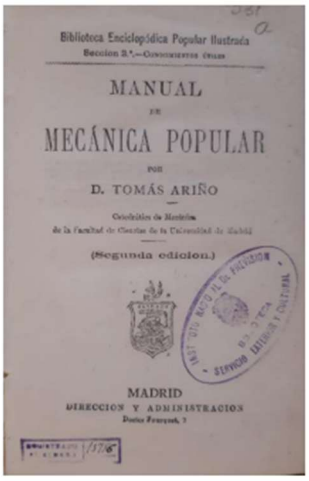
1
ABANCOURT, Charles-Xavier-Joseph de Franqueville d' (1758-1792)
Les institutions politiques, judiciaires et administratives de l'Angleterre / par Charles Franqueville. -- 2ª ed.. -- Paris : Librairie de L. Hachette et cie, 1864. -- XI, 633 p. ; 22 cm.
Procedencia : "C. H. de Amézaga. Armario 2º. Estante 2º. Fila 1ª. Nº 9. Nº de Registro 357"

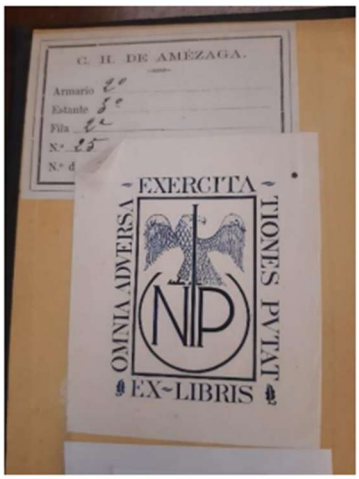
Figura 6. Reseña del Catálogo, pág.25



3
AMADOR DE LOS RÍOS, José (1818-1878)
El arte latino-bizantino en España y las coronas visigodas de Guarrazar : ensayo histórico-crítico / por José Amador de los Rios. -- Madrid : [s.n.], 1861 (Imp. Nacional). -- 174 p. : lám. ; 28 cm.
Dedicatoria manuscrita del autor al duque de Bailén.

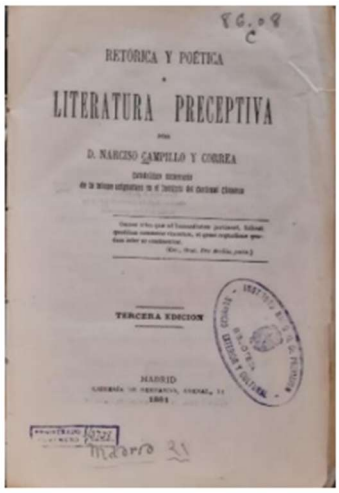
Figura 7. Reseña del Catálogo, pág.27

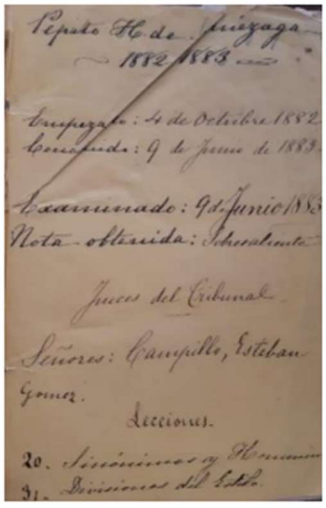




6
ARIÑO Y SANCHO, Tomás (1827-1882)
Manual de mecánica popular / por D. Tomás Ariño. -- 2ª ed. -- Madrid : Dirección y Administración, 1879 (Tip. de G. Estrada). -- 240 p. : [1] h. de lám. pleg. , il. ; 17 cm. -- (Biblioteca Enciclopédica Popular Ilustrada. ; Sección 3ª, Conocimientos útiles)
Procedencia : "C.H. de Amézaga. Armario 2º. Estante 3º. Fila 2ª"

Figura 8. Reseña del Catálogo, pág. 30





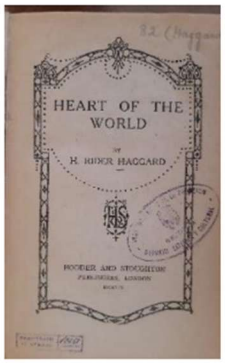
33
CAMPILLO Y CORREA, Narciso (1835-1900)
Retórica y poética o literatura preceptiva / por Narciso Campillo y Correa. -- 3ª ed.. -- Madrid : Libreria de Hernando, 1881 (Aurelio J. Alaria, impresor). -- 384 p. ; 20 cm.
Anotación manuscrita: "Pepito H. de Amézaga 1882-1883"

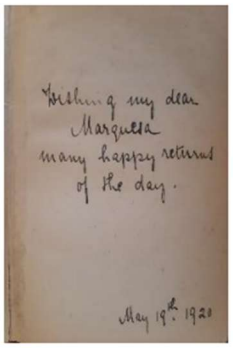
Figura 9. Reseña del Catálogo, pág. 57. Perteneciente Pepito Hurtado de Amézaga.

50
COELLO, Francisco (1822-1898)
Guipúzcoa [Material cartográfico] / por el Teniente Coronel, Capitán de Ingenieros D. Francisco Coello ; auxiliado por D. Pascual Madoz autor de las notas estadísticas e históricas ; grabado en Madrid bajo la dirección de D. Juan Noguera. -- Madrid : [s.n.], 1848. -- 1 mapa : grab., col. ; 83 x 110 cm en h. de 83 x 112 cm, pleg. en 20 x 14 cm + estuche.
Procedencia : "C.H. de Amézaga. Armario 2º. Estante 4º. Fila 2ª. Nº 2. Nº de Registro 2600"

51
COELLO, Francisco (1822-1898)
Islas Canarias [Material cartográfico] / formado el mapa en vista de diferentes documentos por el Teniente Coronel Capitán de Ingenieros D. Francisco Coello ; aumentado con notas estadísticas e históricas por el autor del Diccionario Geográfico D. Pascual Madoz ; grabado en Madrid bajo la dirección de D. Juan de Noguera. -- Madrid : [s.n.], 1849. -- 1 mapa en 2 h. : grab., col. ; 78 x 212 cm en h. de 83 x 112 cm, pleg. en 20 x 14 cm + estuche.
Procedencia : "C.H. de Amézaga. Armario 2º. Estante 4º. Fila 2ª. Nº 14. Nº de Registro 2618"

Figura 10. Reseña del Catálogo, pág. 74 y siguientes por tratarse de una colección.





126
HAGGARD, H. Rider (1856-1925)
Heart of the world / by H. Rider Haggard. -- London : Hodder and Stoughton, 1919. -- 323 p. ; 18 cm.
Dedicatoria manuscrita a la marquesa de Riscal.

Figura 11. Reseña del Catálogo, pág. 150. Se percibe como un regalo del autor.

REFERENCIAS

CAMPO PUERTA, Pilar del (2015). Libros de texto en el Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA). *Revista General de Información y Documentación,* v. 25-1, pp. 93-111.

--- (2017). *Lecturas infantiles en la Biblioteca del INGESA: Colección de María Milagro Hurtado de Amézaga (Fondo Amézaga)*. Instituto Nacional de Gestión Sanitaria.

--- (2021) *Descubriendo el Legado Sancho dentro del Fondo antiguo de la Biblioteca del Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA)*. Instituto Nacional de Gestión Sanitaria.

--- (2021) Biblioteca del Instituto Nacional de Gestión Sanitaria (INGESA): un paseo arquitectónico, decorativo y documental. *Amoxtli No 6,* pp. 1-11.

--- (2022) Bibliotecas del duque de Bailén y del marqués de Riscal. Proceso de investigación que completa el trabajo y el estudio de un valioso fondo antiguo. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI),* v. 15, n. 3, pp. 868-882.

--- (2023) *La biblioteca conjunta del duque de Bailén y del marqués de Riscal en la Biblioteca INGESA.* Instituto Nacional de Gestión Sanitaria.

PESQUISA DE PÚBLICOS DOS MUSEUS DA SECEC-DF: DELINEANDO OS PERFIS SOCIODEMOGRÁFICOS E DINÂMICAS INTERPESSOAIS DOS PÚBLICOS DE MUSEUS DE BRASÍLIA (BRASIL)

Rose Moreira de Miranda
Universidade de Brasília

Ana Lúcia de Abreu Gomes
Universidade de Brasília

Maria Paz Josetti Fuenzalida
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Resumo*:* O presente estudo reporta os resultados de uma investigação conduzida em 2023 nos museus públicos do Distrito Federal, abrangendo o Memorial dos Povos Indígenas e os quatro museus do Centro Cultural Três Poderes: Espaço Lucio Costa, Museu da Cidade, Panteão da Pátria e Espaço Oscar Niemeyer, todos sob a égide da Secretaria de Cultura e Economia Criativa. O objetivo primordial foi a obtenção inédita de dados sociodemográficos dos visitantes e a análise das interações entre estes, os guias/monitores e a equipe de recepção, com vistas a elucidar as dinâmicas que moldam a experiência museológica. Para tanto, foi concebido um protocolo de pesquisa específico, delineado por uma abordagem exploratória. Os dados coletados abarcaram uma série de dimensões, incluindo o quantitativo de público, características sociodemográficas, motivações para a visita, fontes de informação, hábitos de visitação, formatos de interação, acolhimento/recepção e mediação. A análise revelou padrões consonantes com pesquisas anteriores sobre hábitos culturais e características do público visitante de museus, destacando a predominância de pessoas autodeclaradas como brancas e com elevado grau de instrução. Ademais, observou-se uma maior presença de turistas nacionais em comparação com residentes, fenômeno atribuído à localização dos museus em áreas de interesse turístico. Conclui-se que são imprescindíveis ajustes estratégicos visando aprimorar a experiência de ambos os públicos. A identificação da ausência de mediação durante as visitas ressalta uma lacuna na experiência do visitante, a qual pode comprometer seu engajamento. Nesse sentido, a compreensão das preferências e dos canais de informação dos visitantes emerge como elemento fundamental para otimizar a divulgação dos museus, indicando a necessidade de explorar meios de comunicação mais eficazes.

Palavras-Chave: Estudo de público; Museus brasileiros; Dados sociodemográficos; Mediação em museus; Centro Cultural Três Poderes – Espaço Oscar Niemeyer; Memorial dos Povos Indígenas

INTRODUÇÃO

A compreensão do perfil sociodemográfico, das necessidades e expectativas dos visitantes é crucial para que as instituições museológicas desenvolvam políticas, programas, projetos e ações mais eficazes. Essa prática, conhecida como "estudos de público em museus", tem ganhado relevância no Brasil, impulsionada por trabalhos de pesquisadoras e pesquisadores associados ao extinto Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), como Adriana Mortara Almeida (2005, 2024), Denise Coelho Studart (2003, 2005) e Luciana Sepúlveda Köptcke (2012, 2005). Além disso, Andréa Fernandes Costa, Carla Gruzman, José Sérgio Damico, Mônica Santos Dahmouche, Sibele Cazelli, Sonia Mano e Vanessa Fernandes

Guimarães (2023a, 2023b) são alguns dos integrantes do Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T), que contribuem para a compreensão das características, comportamentos e preferências dos visitantes de museus brasileiros.

O Brasil possui 3.914 museus, segundo dados de junho de 2024 da plataforma MuseusBr, mantida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram, 2024). Desses, 84 museus (2,14%) estão localizados em Brasília, a capital do país. Essa quantidade, embora pareça modesta em comparação ao panorama nacional, reflete a história singular da cidade, inaugurada em 1960.

Curiosamente, o primeiro museu de Brasília foi oficialmente inaugurado junto com a própria capital. No entanto, o crescimento quantitativo significativo das instituições museais brasilienses é um fenômeno recente, tendo se intensificado a partir dos anos 2000 (Souza, 2023, p. 30).

Em relação aos estudos de público, Brasília apresenta um cenário de poucas pesquisas. Em um levantamento realizado na internet, identificamos os resultados de três[90] estudos: em 2015, Verônica Bemvenuto de Abreu e Silva e Ana Lúcia de Abreu Gomes investigaram o público do Panteão da Pátria; em 2018, Alessandra Cavalcante Oliveira avaliou a interação do público com a exposição temporária "Do risco ao riso: a construção de Brasília nas caricaturas da imprensa (1957-1960)", realizada no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República; em 2021, Israel Matheus Andrade Florêncio analisou os dados de público de três exposições curriculares do Curso de Museologia da Universidade de Brasília.

Além dessas, foram identificadas duas pesquisas sobre hábitos culturais: "Cultura nas Capitais", conduzida pela JLeiva Cultura & Esporte em 2017, que abrangeu dados sobre hábitos culturais da população jovem e adulta em 12 capitais brasileiras, incluindo Brasília; e em 2023, o Observatório de Políticas Públicas do DF (ObservaDF) publicou a pesquisa "Desigualdades culturais: música, leitura, museus e games", oferecendo uma visão abrangente das práticas culturais na capital.

A Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF foi elaborada e implantada em 2023, com o objetivo de investigar os dados sociodemográficos dos visitantes, bem como a análise das dinâmicas interpessoais que ocorrem entre estes, os guias/monitores e a equipe de recepção nos museus vinculados à Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Governo do Distrito Federal (SECEC-DF). Além disso, busca-se elucidar as interações estabelecidas entre esses grupos e os espaços museológicos, visando proporcionar uma compreensão integrada das relações que exercem influência sobre a experiência museal.

A investigação é fruto do Acordo de Cooperação Técnica assinado entre a Universidade de Brasília (UnB) e a SECEC-DF e firmado em 30 de janeiro de 2020, cujo extrato foi publicado no Diário Oficial em 03 de fevereiro do mesmo ano.

Importa ressaltar que tal acordo e o Plano de Trabalho a ele subordinado foi estruturado ao longo de dois anos de estreito contato entre o Curso de Museologia da UnB e a SECEC-DF, por meio da Subsecretaria de Patrimônio Cultural e sua coordenação de museus. Naquela ocasião, avaliou-se que, dentre as fragilidades apresentadas pelos museus do Governo do Distrito Federal (GDF), a que mais prejudicava a relação das instituições museais com a sociedade eram as atividades de mediação. Fruto da carência de recursos humanos e financeiros da SECEC-DF, optou-se por um Plano de Trabalho, a ser desenvolvido ao longo dos 60 meses de vigência do referido acordo, que buscasse entender melhor os

[90] O Museu Nacional da República realizou uma pesquisa de público entre dezembro de 2002 e janeiro de 2023 (Percebe, 2024). No entanto, os resultados não foram localizados.

processos de mediação empregados nos equipamentos museais destacados para o desenvolvimento do Plano de Trabalho, quais sejam: o Museu do Catetinho, o Museu Vivo da Memória Candanga, o Memorial dos Povos Indígenas (MPI) e os equipamentos museais que compõem o Conjunto Cultural da Praça dos Três Poderes (CC3P-EON). A ideia original seria a de fazer uma análise das atividades de mediação desenvolvidas nesses espaços para que pudéssemos elaborar novas propostas, aplicá-las e reavaliá-las à luz de todo o processo.

Infelizmente, o Acordo de Cooperação Técnica não pôde ser desenvolvido da forma planejada, considerando o estado de emergência sanitária provocado pela pandemia da COVID-19. Por outro lado, quando a UnB retomou suas atividades acadêmicas e os museus do GDF reabriram para o público em 2022, foi o momento de reestruturar o que havia sido planejado. Retomamos as reuniões com o setor de museus da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e, considerando que não tínhamos mais os 60 meses originais, optamos por desenvolver parte do que havia sido planejado por meio de uma pesquisa de públicos nos equipamentos museais supracitados, conforme estabelecido como produto do Acordo de Cooperação Técnica assinado pelas instituições. Nascia assim, a Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

Essa pesquisa visa fornecer uma base sólida para a formulação de políticas museológicas mais eficazes, adaptadas às necessidades reais dos visitantes, promovendo uma experiência museal enriquecedora e acessível.

CONTEXTUALIZAÇÃO E HISTÓRICO DOS MUSEUS ANALISADOS

Durante o ano de 2023[91], a investigação abrangeu dois equipamentos culturais da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal: o Centro Cultural Três Poderes e Espaço Oscar Niemeyer (CC3P-EON) e o Memorial dos Povos Indígenas (MPI). O primeiro equipamento é composto por quatro museus/espaços culturais agrupados devido à sua proximidade geográfica na Praça dos Três Poderes ou muito próximos a ela. São eles: o Museu Histórico de Brasília (1960), o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves (1986), o Espaço Lucio Costa (1992) e o Espaço Oscar Niemeyer (1988). Assim como o Memorial dos Povos Indígenas (1995), essas edificações foram projetadas pelo arquiteto modernista Oscar Niemeyer e são tombadas como patrimônio histórico nacional e distrital.

O Museu Histórico de Brasília foi inaugurado junto com a cidade no dia 21 de abril de 1960. Embora o projeto vencedor do concurso Plano Piloto da Nova Capital, elaborado por Lucio Costa, não previsse a construção de um museu, durante a construção da cidade foi solicitado a Oscar Niemeyer que projetasse um edifício para abrigar a história da construção de Brasília. Esta instituição apresenta, em seu espaço interno, dezenove trechos de documentos históricos gravados em paredes de mármore branco, com dizeres que, mesmo sem continuidade histórica, reforçam uma visão teleológica da interiorização da capital do país. Na parte externa, uma das fachadas exibe uma efígie de Juscelino Kubitschek ao lado de texto exaltando a empreitada promovida pelo então presidente (Soares, 2017).

O segundo espaço inaugurado na Praça dos Três Poderes, em 1986, foi o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. Após o súbito falecimento do presidente eleito Tancredo Neves, figura central no processo de redemocratização do país, Oscar Niemeyer, que já vinha planejando a instalação de um Museu de Tiradentes no mesmo local,

[91] Em 2024, foi realizada a coleta de dados em outros dois equipamentos da SECEC-DF: o Museu Vivo da Memória Candanga e o Catetinho, cujos dados estão em análise.

desenvolveu um novo projeto. Este projeto homenageia Tancredo Neves no andar térreo e, no primeiro andar, exibe um painel em sete estações de João Câmara, mantendo a temática da Inconfidência Mineira (Gonçalves, 2010). O monumento também conta com vitrais de Marianne Peretti, parceira artística de Niemeyer, e busca estabelecer um vínculo semântico entre a busca pela liberdade do movimento inconfidente do final do século XVIII e a abertura política após o regime ditatorial no final do século XX, homenageando figuras históricas de Minas Gerais.

Por sua vez, o Espaço Oscar Niemeyer foi projetado em 1988. Inicialmente, seria uma sala destinada a abrigar exposições sobre a arquitetura de Brasília. Posteriormente, cogitou-se que se tornasse o Museu do Índio, considerando que o governo federal destinara o edifício original para abrigar o Museu de Arte Contemporânea do Brasil. Contudo, logo após sua inauguração, também em 1988, o espaço recebeu a Comissão do Conjunto Cultural e a Fundação Oscar Niemeyer, que administrou o local até 2015, quando passou a ser gerido pelo Governo do Distrito Federal. Passou por reformas, sendo reinaugurado em 2019 e, em 2022, foi incorporado ao Centro Cultural Três Poderes (Breier, 2013).

O último equipamento cultural a ocupar a Praça dos Três Poderes foi o Espaço Lucio Costa, projetado por ocasião do aniversário de 90 anos do arquiteto que planejou a cidade de Brasília. Localizado no subsolo da Praça, o espaço conta com maquete medindo 13,24m x 12,88m, que apresenta a cidade edificada até o ano de 2010. Nas paredes estão expostas diversas fotos da construção e inauguração da capital, bem como o relatório submetido por Lucio Costa ao concurso de projetos para a construção da Nova Capital.

O Memorial dos Povos Indígenas, a princípio nomeado Museu do Índio, foi um projeto solicitado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) no ano de 1982. A edificação, construída em 1987, passou por disputa entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando o Governo Federal lhe deu nova destinação como Museu de Arte Contemporânea. Em 1995, retomou sua vocação inicial, voltando a ser administrado pelo Governo do Distrito Federal e recebeu como acervo a coleção Darcy/Berta/Galvão, composta por 382 peças etnográficas coletadas por Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro e Eduardo Galvão ao longo de 40 anos, além da coleção Xingu, com fotografias de Maureen Bisilliat documentando etnias que habitam o Parque Indígena do Xingu. Apesar desta longa trajetória, o museu só abriu suas portas ao público em 1999 (Fraga, 2006; Gonçalves, 2010).

Atualmente, esses dois museus figuram entre os 23 equipamentos administrados pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal e estão abertos à visitação pública e gratuita de terça-feira a domingo e feriados.

PESQUISA DE PÚBLICOS DOS MUSEUS DA SECEC-DF: ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se propõe a realizar uma análise comparativa das variáveis sociodemográficas e das dinâmicas interpessoais delineadas na Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF, com um enfoque específico nos visitantes espontâneos do CC3P-EON e do MPI. Este estudo engloba visitas tanto individuais quanto em grupo, envolvendo participantes adolescentes ou adultos, com idade igual ou superior a 12 anos, considerados adolescentes segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

Devido à carência de dados abrangentes sobre a variabilidade populacional das variáveis em estudo, uma amostragem sistemática não pôde ser estabelecida. A princípio, a meta era conduzir 200 entrevistas em cada museu, selecionando aleatoriamente participantes com 12 anos ou mais.

Como embasamento metodológico, adotou-se o Sistema de Coleta de Dados de Público de Museus do Observatório Ibero-Americano de Museus, vinculado ao Programa Ibermuseus (Programa Ibermuseus, 2015). Desenvolvido por Eloísa Pérez Santos, pesquisadora da Universidade Complutense de Madri, em 2015, este sistema foi selecionado por sua qualidade e pela praticidade das ferramentas de coleta e consolidação de dados (Programa Ibermuseus, 2015). Para atender aos objetivos específicos da pesquisa e obter dados detalhados sobre os visitantes dos museus do Distrito Federal, foram realizadas adaptações em três dos cinco instrumentos do Sistema de Coleta de Dados de Público de Museus do Observatório Ibero-Americano de Museus.

Embora as adaptações realizadas possam ter impactado na comparabilidade global dos dados com pesquisas conduzidas pelo Observatório Ibero-Americano de Museus (OIM), foi viável estabelecer comparações com resultados de pesquisas nacionais e locais sobre hábitos culturais e estudos de públicos em museus. Destacam-se a pesquisa nacional de público de museus promovida em agosto de 2020 pelo Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil), intitulada "Dados para Navegar em Meio às Incertezas: Parte II – Resultados da pesquisa com públicos de museus", e as já citadas pesquisas com hábitos culturais no DF promovidas pela empresa JLeiva Cultura & Esporte e o ObservaDF.

Para a coleta de dados, a pesquisa contou com a colaboração de 16 entrevistadores, todos estudantes do Curso de Museologia da Universidade de Brasília, devidamente capacitados para a tarefa. A aplicação do questionário foi rigorosamente supervisionada pelas professoras e pesquisadoras responsáveis pelo projeto, garantindo a consistência e qualidade na coleta de dados. Ocorreu em duas etapas: entre 20 e 30 de junho de 2023 no CC3P-EON e entre 3 e 31 de outubro de 2023 no MPI, totalizando 398 e 435 questionários aplicados em cada instituição respectivamente.

RESULTADOS E ANÁLISE

A pesquisa realizada nos museus Centro Cultural Três Poderes e Espaço Oscar Niemeyer (CC3P-EON) e Memorial dos Povos Indígenas (MPI) revela um perfil sociodemográfico dos visitantes com características em comum e algumas diferenças entre as instituições.

Em ambos os espaços, a maioria dos respondentes declarou-se como pessoa branca: 57,79% (230) no CC3P-EON e 51,49% (224) no MPI. Por sua vez, pessoas que se identificaram como negras (pretas e pardas) representam 38,7% (154) e 41,84 (182) dos respondentes respectivamente. É importante destacar a extremamente baixa representatividade de indígenas: apenas 3 no CC3P-EON e 8 no MPI. Esses dados sinalizam a necessidade de as instituições pensarem estratégias para a inclusão da diversidade racial brasileira em seu público.

Em relação à identidade de gênero, predominam as pessoas cisgênero em ambos os museus: 48,49% (193) se identificaram como mulheres cis e 50,25% (200) como homens cis no CC3P-EON. Já no MPI, a porcentagem de mulheres cis é maior, com 60,23% (262), enquanto 37,93% (165) se identificaram como homens cis.

A maioria dos visitantes dos museus pesquisados são adultos com idade entre 18 e 49 anos. Em termos de ocupação, predominam os assalariados: 49,25% (196) no CC3P-EON e 51,03% (222) no MPI. Em seguida, estão os trabalhadores autônomos, com 23,7% (93) no

CC3P-EON e 18,16% (79) no MPI. Por fim, profissionais liberais e empresários representam 18,16% (79) dos visitantes no CC3P-EON e 11,86% (51) no MPI.

Essas características sociais se refletem na renda individual dos visitantes. A maior parte das respostas se concentra na faixa de renda igual ou superior a 4 salários mínimos: 44,72% (194) no CC3P-EON e 37,7% (200) no MPI. Por outro lado, a porcentagem de visitantes com renda inferior a 2 salários mínimos é de 25,13% (100) no CC3P-EON e 30,8% (134) no MPI.

A maioria dos visitantes possui ensino superior completo, incluindo pós-graduação - especialização, mestrado ou doutorado: 68,09% (271) dos entrevistados no CC3P-EON e 67,59% (294) no MPI.

A pesquisa também procurou compreender a relação do visitante com as instituições museais visitadas. Identificou-se que a maioria dos participantes estava realizando a visita pela primeira vez: 83,67% (333) e 85,75% (373) respectivamente, como pode ser observado na Tabela 1 e são visitantes nacionais 94,47% (376) 94,25% (410), como pode ser visto na Tabela 5.

Tabela 1. Tipo de Visitante - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Primeira visita	333	83,67%	373	85,75%
Repetem a visita	65	16,33%	62	14,25%
Esporádicos*	45	11,31%	37	8,51%
Ocasionais**	6	1,51%	12	2,76%
Assíduos***[92]	18	4,52%	14	3,22%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

A avaliação quanto ao acolhimento obteve respostas amplamente positivas em ambos os espaços. O somatório das respostas ótimo e bom abrange 82,14% (327) e 88,74% (386) dos respondentes da pesquisa no CC3P-EON e MPI, respectivamente.

Tabela 2. Avaliação do Acolhimento/recepção - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Ótimo	149	37,44%	191	43,91%
Bom	178	44,72%	195	44,83%
Regular	20	5,03%	18	4,14%
Ruim	2	0,50%	3	0,69%

[92] Visitantes esporádicos(*) são aqueles que visitaram o museu alguma vez há mais de um ano, ocasionais (**) são aqueles que visitaram apenas uma vez nos últimos doze meses e assíduos(***) são os visitantes que vieram mais de uma vez nos últimos doze meses.

Péssimo	1	0,25%	1	0,23%
Não sabe	8	2,01%	3	0,69%
Não recebeu acolhimento/recepção	39	9,80%	20	4,60%
Não respondeu	1	0,25%	2	0,46%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

Embora a pesquisa tenha revelado uma avaliação extremamente positiva do acolhimento, um ponto que merece atenção é que parte considerável dos visitantes não recebeu monitoria ou serviço de guia do museu para mediar a visita: 75,38% (300) no CC3P-EON e 75,4% (328).

Tabela 3. Avaliação da Monitoria/guia para mediação - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Ótimo	35	8,79%	44	10,11%
Bom	41	10,30 %	36	8,28%
Regular	7	1,76%	8	1,84%
Ruim	0	0,00%	3	0,69%
Péssimo	3	0,75%	0	0,00%
Não sabe	8	2,01%	11	2,53%
Não recebeu monitoria/guia para mediação	300	75,38 %	328	75,40%
Não respondeu	4	1,01%	4	0,92%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

Essa situação é um fragmento da realidade enfrentada pela educação museal no Brasil. O relatório final da "Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros: um panorama a partir da política nacional de educação museal – PEM Brasil" (IBRAM, 2023) mostrou que, apesar de 90,4% dos museus participantes da PEM Brasil oferecerem algum tipo de atividade educativa, apenas 32,4% possuem um setor educativo formalizado. Ademais, entre os que dispõe de um setor estruturado, somente 51,4% contam com profissionais que se dedicam exclusivamente às atividades educativas.

Em consonância com a realidade nacional, o CC3P-EON e o MPI não possuem setores educativos próprios. Os espaços beneficiam-se do serviço de mediação das exposições temporárias e da presença de uma professora cedida pela Secretaria de Estado de Educação por meio da parceria com a SECEC-DF no projeto Territórios Culturais. Este projeto, voltado para a educação patrimonial, prioriza a recepção de estudantes da rede pública distrital.

A mediação de exposições temporárias, embora importante, não garante a perenidade das ações educativas e, na maioria das vezes, não contempla o público não escolar. Em alguns casos, grupos de visitantes (turistas ou escolares) chegam com guias/mediadores contratados como parte de um tour pelos pontos turísticos da cidade. Essa realidade, comum nos museus CC3P-EON e MPI por sua localização no Eixo Monumental - avenida onde estão localizados diversos pontos turísticos de extrema relevância na cidade –, é evidenciada pelas respostas à pesquisa: 28,64% (114) e 25,52% (111), do CC3P-EON e MPI respectivamente, relataram que foram ao museu para participar de visita guiada. As visitas de estudos, que usualmente englobam as visitas escolares, contabilizam 13,82% (55) e 17,7% (77) dos respondentes nos espaços.

Tabela 4. Razão para visitar o museu - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Vieram ao museu por acaso	109	27,39%	78	17,93%
Vieram ao museu para conhecer as coleções	63	15,83%	156	35,86%
Vieram ao museu para ver as exposições temporárias	14	3,52%	8	1,84%
Vieram ao museu para concluir uma visita anterior	2	0,50%	5	1,15%
Vieram ao museu para mostrá-lo a amigos, conhecidos ou familiares	49	12,31%	52	11,95%
Vieram ao museu por motivos profissionais ou de estudos	55	13,82%	77	17,70%
Vieram ao museu por participar de uma visita guiada	114	28,64%	111	25,52%
Vieram ao museu para ver o prédio	11	2,76%	18	4,14%
Vieram ao museu para realizar uma atividade concreta	1	0,25%	1	0,23%
Vieram ao museu por outros motivos	11	2,76%	12	2,76%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

Tanto no CC3P-EON, quanto no MPI, a maioria dos visitantes advém de outras unidades da federação que não o Distrito Federal: 74,37% (296) para o primeiro e 69,89% (304) no segundo.

Tabela 5. Local de residência visitantes - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Residem em outro país (estrangeiros não residentes)	19	4,77%	22	5,06%
Residem no país, mas nasceram fora (estrangeiros residentes)	10	2,51%	8	1,84%
Residem neste país (visitantes nacionais)	296	74,37%	304	69,89%

Residem nesta cidade	80	20,10%	106	24,37%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

Como mencionado anteriormente, ambos os museus estão localizados em uma região turística de Brasília, próximos a outros pontos de interesse. Essa característica influencia significativamente o perfil dos visitantes e a forma como eles se informam sobre os museus.

O CC3P-EON se destaca pela sua localização estratégica, próximo aos edifícios dos três poderes da nação: Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal, bem como outras edificações de relevância: Palácio do Itamaraty a menos de 1 quilômetro e Catedral de Brasília a cerca de 2 quilômetros. A região é bem servida de transporte público, o que acaba por oportunizar visitas casadas. Em certa medida tal fenômeno pode ser identificado nas respostas quanto à maneira que o visitante se informou sobre o museu. 46,48% (185) dos participantes da pesquisa relataram que não obtiveram informações sobre o museu antes de visitá-lo, apenas passaram e adentraram a edificação. Essa resposta tem valor menor entre os respondentes do MPI: apenas 14,02% (61) relataram ter o mesmo tipo de comportamento. Contudo, vale destacar que a inclusão da opção de resposta “Visitava o Memorial JK e aproveitei a oportunidade” oportunizou identificar o fenômeno da visita casada junto a este espaço cultural que está localizado em frente ao MPI. Dentro os respondentes 18,85% (82) relataram ter realizado a visita por este motivo.

Tabela 6. Como se informou sobre o museu e suas atividades - Distrito Federal - 2023

	CC3P-EON		**MPI**	
	Frequência Absoluta	%	Frequência Absoluta	%
Não deram informações, passavam e entravam	185	46,48%	61	14,02%
Não precisaram de informações porque já conheciam o museu	47	11,81%	92	21,15%
Se informaram por recomendação de outras pessoas	87	21,86%	26	5,98%
Se informaram em uma agência de turismo ou guia	45	11,31%	14	3,22%
Se informaram por jornais, revistas e outras publicações	6	1,51%	110	25,29%
Se informaram pela página da web do museu ou de outras páginas da internet	18	4,52%	17	3,91%
Se informaram através de redes sociais	12	3,02%	3	0,69%
Viram publicidade do museu	5	1,26%	0	0,00%
Visitaram o Memorial JK e aproveitaram a oportunidade	-	-	82	18,85%

Fonte: Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF.

As respostas à pesquisa também revelam um contraste intrigante: enquanto as redes sociais se consolidam como principal via de divulgação de serviços e atividades culturais na contemporaneidade, essa ferramenta quase não foi utilizada pelos visitantes: somente 5 respondentes do CC3P-EON e nenhum do MPI. Esse dado contrasta com os dados da PEM

Brasil. Entre museus participantes da pesquisa nacional, 92,2% informaram ter utilizado as redes sociais para informar o público sobre suas atividades educativas, seguido de e-mail (50,7%), imprensa (43,5%), impressos (36%), telefone (14,9%), podcasts/lives (10,6%), propaganda (10,4%), cartas (1,5%), outros (7,5%) (IBRAM, 2023).

Os dados indicam que é de suma importância que a Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal identifique estratégias mais efetivas de divulgação de seus equipamentos e das atividades por eles desenvolvidas para atrair mais visitantes e diversificar o perfil dos frequentadores, equilibrando indivíduos que realizam sua primeira visita com frequentadores ocasionais e assíduos, tornando esses museus públicos espaços cativos da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do ano de 2023, a Pesquisa de Públicos dos Museus da SECEC-DF abrangeu dois importantes equipamentos culturais da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal: o Centro Cultural Três Poderes - Espaço Oscar Niemeyer (CC3P-EON) e o Memorial dos Povos Indígenas (MPI). O CC3P-EON é composto por quatro museus/espaços culturais: o Museu Histórico de Brasília, o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, o Espaço Lucio Costa e o Espaço Oscar Niemeyer, todos localizados na Praça dos Três Poderes ou em suas proximidades. Estas edificações foram projetadas por Oscar Niemeyer e são tombadas como patrimônio histórico nacional.

Os dados coletados proporcionam análises substanciais por meio de uma aplicação numericamente robusta de questionários. Os resultados estabeleceram uma base estatística sólida para compreender a dinâmica e as características dos visitantes, delineando conclusões que podem orientar estratégias para aprimorar a gestão e a experiência nos espaços museais. Em ambos os museus, o perfil predominante dos visitantes é composto por brasileiros não residentes, autodeclarados brancos. O CC3P-EON, em particular, atrai um público com alto nível de escolaridade e renda. Em contraste, o MPI recebe um público mais heterogêneo em termos de escolaridade e renda.

No entanto, as duas instituições carecem de setores educativos formalizados, impedindo uma parcela significativa dos visitantes de se beneficiar da mediação cultural e dos serviços de guia, elementos essenciais para uma experiência de visitação mais enriquecedora e um aprendizado mais profundo. A criação de setores educativos formalizados, com profissionais qualificados e dedicados, é fundamental para ampliar a oferta de atividades educativas e melhorar a qualidade da mediação cultural. Essa iniciativa contribuiria para o desenvolvimento de programas e projetos que atendam às necessidades de diferentes públicos, incluindo crianças, jovens, pessoas com deficiência e idosos.

Além disso, a pesquisa destacou que as redes sociais, principal via de divulgação na atualidade, ainda não são utilizadas de forma eficaz pelos museus. Essa discrepância em relação à realidade nacional, onde 92,2% dos museus participantes da Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros (PEM Brasil) utilizam redes sociais para divulgar suas atividades educativas (IBRAM, 2023), evidencia a necessidade de repensar as estratégias de comunicação digital dos museus.

Investir em profissionais especializados para gerenciar as redes sociais dos museus, criar conteúdo atrativo e relevante, e promover campanhas é essencial para alcançar um público mais amplo e diversificado. O uso de ferramentas de análise de dados para monitorar o desempenho das ações nas redes sociais também é crucial para aprimorar as estratégias de comunicação.

Adicionalmente, a implementação de ferramentas digitais, como aplicativos, websites interativos e recursos audiovisuais, pode enriquecer a experiência de visitação, tornando-a mais envolvente e acessível a diferentes públicos. Essa medida contribuiria para a democratização do acesso à cultura e ao conhecimento.

Ao investir na superação dos desafios e na exploração das oportunidades, os museus CC3P-EON e MPI têm o potencial de se tornarem espaços culturais dinâmicos e inclusivos para a comunidade. Por meio de uma gestão estratégica, investimentos em infraestrutura, profissionalização e comunicação, esses museus podem fortalecer seu papel na promoção das diversas identidades locais e nacionais, contribuindo significativamente para o desenvolvimento social, cultural e educacional do Distrito Federal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos profissionais da SECEC-DF, em especial aos colaboradores do CC3P-EON e do MPI, pela parceria inestimável. Também reconhecemos a valiosa dedicação e empenho dos estudantes do Curso de Museologia da Universidade de Brasília que participaram da pesquisa de públicos como entrevistadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara; LUCINDO, Nilzilene Imaculada; SIMÕES e AVELAR, Edilene de Assis; SANTOS, Luidy Siqueira; NUNES, Rayssa Soares. *Museologia e Patrimônio* - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST, v.16, n.2, p. 239-255, 2023.

ALMEIDA, Adriana Mortara.O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 31-53, 2005.

BRASIL. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990.

BREIER, Ana Claudia Böer. *Os espaços de exposição de Oscar Niemeyer em Brasília.* 2013. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

COSTA, Andréa Fernandes; DAHMOUCHE, Mônica Santos; DAMICO, José Sergio; MANO, Sonia; CAZELLI, Sibele. Memórias dos visitantes do Museu Nacional: lembranças que não se apagam. *Anais do Museu Paulista*: História e Cultura Material, São Paulo, v. 31, p. 1–43, 2023a.

DAHMOUCHE, Mônica Santos; CAZELLI, Sibele; STUDART, Denise Coelho; GUIMARÃES, Vanessa Fernandes; GRUZMAN, Carla. Agora são Elas: a presença das mulheres no público de museus de ciência do Rio de Janeiro. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 29, p. 1-25, 2023b.

FLORÊNCIO, Israel Matheus Andrade. *O visitante que não se vê*: novos olhares sobre os processos de estudos de público. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

FRAGA, Carlos André Soares. *Museus, pavilhões e memoriais*: a arquitetura de Oscar Niemeyer para exposições. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GONÇALVES, Simone Neiva Loures. *Museu projetados por Oscar Niemeyer de 1951 a 2006*: o programa como coadjuvante. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, Maíra Oliveira. *Museus possíveis*: histórias do Museu de Arte de Brasília. 2022. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Pesquisa Nacional de Práticas Educativas dos Museus Brasileiros*. Brasília: [s.n.], 2023.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *MuseusBr* [online].

ICOM Brasil – COMITÊ BRASILEIRO DO CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. *Dados para navegar em meio às incertezas:* Parte II – Resultados da pesquisa com públicos de museus. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, ago. 2020.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. *Museologia e Interdisciplinaridade,* v. 1, n.1, p. 209-235, 2012.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Bárbaros, civilizados e escravos: o público dos museus no Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 184-205, 2005.

LEIVA, João. *Cultura nas capitais:* como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e arte. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.

ObservaDF – OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DO DF. *Desigualdades culturais:* música, leitura, museus e games. Observatório de Políticas Públicas do DF, jun. 2023.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO DISTRITO FEDERAL. *Pesquisa de perfil do turista nos Centros de Atendimento ao Turista 2021*. Distrito Federal: Secretaria de Trismo, 2021.

OLIVEIRA, Alessandra Cavalcante. *Reflexões sobre a comunicação museológica em museu a partir da exposição temporária do risco ao riso a construção de Brasília nas caricaturas da imprensa (1957-1960)*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PERCEBE. *Pesquisa no Museu Nacional da República – Pesquisa de público* [online].

PROGRAMA IBERMUSEUS. *Sistema de coleta de dados de público de museus do Observatório Ibero-americano de Museus*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (Espanha), 2015.

SILVA, Verônica Bemvenuto de Abreu e Silva; GOMES, Ana Lúcia de Abreu. Exposição de longa duração do Panteão da Pátria, Brasília: sua relação com o público (2015). *Informação@Profissões*, v. 6, n. 1, p. 110–134, 2017.

SOUZA, Denize Pereira de. *Museólogos Formados pela Universidade de Brasília*: pesquisa sobre a inserção profissional nos museus do Distrito Federal (2013-2023). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

STUDART, Denise Coelho. *Famílias, Exposições Interativas e Ambientes Motivadores em Museus*: o que dizem as pesquisas? Cadernos do Museu da Vida Avaliação e Estudos de Públicos no Museu da Vida, Rio de Janeiro, v. 1, p. 33-42, 2003.

STUDART, Denise Coelho. *Museus e Famílias:* Percepções e Comportamentos de Crianças e seus Familiares em Exposições para o Público Infantil. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, p. 55-78, 2005.

ESTUDO DE CASO SOBRE O TRATAMENTO DOCUMENTAL DAS FOTOGRAFIAS DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA DA UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Telma Campanha de Carvalho Madio
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

José Carlos Abbud Grácio
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Juan Bernardo Montoya-Mogollón
Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Resumo: Compreendendo as fotografias (analógicas ou digitais) como documentos de arquivo, produzidas com funções definidas e previstas em diretrizes e regimentos institucionais, discute-se o tratamento, digitalização, preservação digital e acesso das imagens produzidas pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp (São Paulo/BR), de 1986 até o presente. Os procedimentos são embasados nas normas arquivísticas, a fim de garantir sua preservação e acesso, assegurando sua produção e criação original, garantindo a autenticidade e fidedignidade dos documentos. A Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), subordinada diretamente à Reitoria da Universidade, produziu rotineiramente as fotografias, que foram acumuladas ao longo de sua existência, porém não receberam nenhum tratamento documental adequado ou classificação arquivística. O setor foi criado com o objetivo de produzir matérias para o jornal e cobrir eventos da Universidade, porém a demanda ampliou consideravelmente ao longo do tempo e hoje possui outras atribuições que também geram registros fotográficos. Até o final dos anos de 1990 as fotografias eram analógicas - negativos e cromos - e a partir de 2000 passam a ser digitais. Temos como objetivo geral o processamento das fotografias, abarcando desde sua classificação, acondicionamento físico e digitalização (quando necessários), descrição em metadados, inserção em um repositório arquivístico digital confiável para preservação, Archivematica e disponibilização em uma interface acessível, AtoM (Access to Memory). Assim, como objetivos específicos temos a higienização dos originais, acondicionamento em jaquetas de poliéster, apropriadas para conservação, digitalização, descrição, submissão ao repositório e disponibilização para consultas. Os metadados representam a identificação do contexto de produção da fotografia, do autor ou autores, do suporte original, do conteúdo temático (tema ou assunto), do conteúdo icônico (descrição da imagem visual), dos requisitos digitais e de todos os envolvidos no processamento. No desenvolvimento do projeto, além do levantamento de portarias internas, observação das rotinas e tarefas da área, leitura de referências das áreas de Arquivologia, fotografia, descrição e preservação digital, houve a promoção de parceria e colaboração dos Laboratórios de Conservação, do Departamento de Ciência da Informação, da Assessoria de Comunicação e Imprensa e da Coordenadoria Técnica de Informática da Universidade, além da participação significativa de alunos de graduação e pós-graduação em Ciência da Informação, demonstrando que o projeto é importante como segmento científico e de ensino, e permitirá a continuidade dessa organização na produção atual de imagens. As fotografias espelham as rotinas desempenhadas pelo setor e representam as atividades relevantes para a Universidade e significativas para a memória e a história institucional.

Palavras-Chave: Fotografia; Preservação Digital; Conservação; Documentos de Arquivo

INTRODUÇÃO

A fotografia há muito vem sendo utilizada por instituições como parte de suas atividades e funções, e aliada ao documento impresso, remete para os aspectos mais prementes da organização e representação da informação no contexto histórico que a produziu, possibilitando fazer uma nova abordagem acerca da criação deste documento. A fragilidade do suporte e o grande interesse visual que desperta, muitas vezes, acarreta grandes prejuízos no momento de identificação e organização do material.

Nesse sentido, o acervo fotográfico da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp[93], foi sendo produzido e acumulado ao longo de sua existência, porém não recebeu nenhum tratamento documental adequado e nem foi aplicada a classificação arquivística. Por isso, se fez necessário, preliminarmente à própria organização, pesquisas e estudos para recuperar a organicidade e as competências administrativas que geraram a documentação, ou seja, a identificação arquivística.

A ACI[94] é subordinada diretamente à Reitoria e tem como suas funções: coordenar políticas e ações de comunicação interna e externa na universidade e de relacionamento com a imprensa e propor estratégias de comunicação e imprensa integradas entre a ACI, desta reitoria, a Rádio e Televisão Unesp.

As funções da ACI foram estabelecidas originalmente pela Portaria Unesp nº 84 de 30 de Setembro de 1976, ainda com a denominação de Assessoria de Divulgação e Relações Públicas e tinha como competências:

> "I – organizar e manter os serviços de recepção e atendimento ao público; II – organizar e manter atualizada a relação nominal e de endereços de autoridades públicas, civis, militares e religiosas; III – manter contato com órgãos de divulgação e acompanhar e selecionar material divulgado pela imprensa, de interesse da Universidade; IV – preparar material de divulgação e sua distribuição aos órgãos de escrita, falada e televisionada; V – Incumbir-se da elaboração do Relatório Anual da Universidade;"

Diversas alterações foram realizadas no setor e atualmente suas atribuições são segundo Resolução Unesp-4, de 1º de fevereiro de 1993

> 1. Prestar assessoramento em assuntos relacionados com a imprensa e demais órgãos de comunicação; 2. Cuidar da imagem e da promoção da Universidade frente aos diversos segmentos da sociedade; 3. Divulgar os trabalhos que se realizam no âmbito da Universidade, por meio de diversos instrumentos de comunicação social, promovendo o conhecimento e o reconhecimento da instituição, interna e externamente; 4. Fornecer apoio logístico a eventos promovidos pela Universidade ou em que ela participe; 5. Promover, na área de sua competência, novas formas de inserção da Universidade na vida acadêmica e cultural do País.

[93] A Unesp é uma universidade descentralizada e multicampi, criada pela Lei Estadual Paulista nº952, de 30 de janeiro de 1976, e atualmente oferece 136 cursos de graduação com 183 opções de ingresso para mais de 39 mil alunos, 140 programas e 247 cursos de pós-graduação stricto sensu para outros 13.630 mil estudantes, 28 cursos de pós-graduação lato sensu, com cerca de 2.200 matriculados, e ensino médio e técnico para mais de 1.400 jovens. Dois mil, oitocentos e sete docentes e 47 pesquisadores atuam nos cursos de nível superior e 119 naqueles de nível técnico e médio, apoiados por 5 mil servidores técnico-administrativos. https://www2.unesp.br/portal#!/pdi

[94] https://www2.unesp.br/portal#!/aci_ses/

Percebe-se que em diversas funções a geração de fotografia se faz necessária para divulgação e promoção das atividades e indivíduos envolvidos nas rotinas de ensino, pesquisa e extensão, atribuições fim da Unesp.

Mas as primeiras fotografias produzidas pela ACI eram mais voltadas para o Jornal e coberturas da reitoria, que posteriormente, com o aumento de outros meios de comunicação institucional e diversidade em ações do setor, tiveram um considerável aumento em sua criação. A primeira edição do Jornal saiu em junho de 1985 e desde essa época as fotografias foram produzidas a fim de cobrir as reportagens. Até o início dos anos 2000 as fotografias eram analógicas - negativos e cromos e as ampliações - e a partir desse período, passaram a ser digitais.

Em um primeiro momento o acervo era trabalhado pelo setor visando organizar as fotografias de acordo com a pauta do jornal, mas não se atentaram para a grande demanda e produção diária requisitada e os documentos foram se acumulando com um mínimo ou às vezes nenhuma identificação. (Machado, 2017)

Ainda segundo o mesmo autor, os fotógrafos eram terceirizados e cumpriam essas pautas, sendo o material arquivado por data, nome do fotógrafo e respectiva pauta. Desde a migração para o digital, o sistema basicamente foi o mesmo, só que os arquivos eram organizados e armazenados digitalmente, mas dentro desse mesmo princípio.

As fotografias analógicas do Setor foram produzidas durante sua trajetória administrativa e foram acondicionadas em pastas e álbuns. Além das ampliações há uma grande quantidade de negativos, cromos e contatos. Em consequência dessa prática e da falta de profissionais responsáveis, a identificação e guarda das fotografias estavam em um estado lastimável, sem possibilidades de pesquisa e utilização das imagens. Tornou-se premente a inserção do documento segundo o plano de classificação publicado em 2016:

Função	02	Comunicação Institucional
Subfunção	02.01	Assessoria de Imprensa
Atividade	02.01.01	Compilação de notícias sobre a Universidade
Documento	02.01.01.01	Clipping
Atividade	02.01.02	Divulgação das ações da Universidade
Documentos	02.01.02.01	Artigo, nota e notícia
	02.01.02.02	Cadastro dos meios de comunicação. Mailing
	02.01.02.03	Credencial de jornalista
	02.01.02.04	Pauta para a imprensa
	02.01.02.05	Release e sinopse
	02.01.02.06	Site institucional
Atividade	02.01.03	Editoração e programação visual
Documento	02.01.03.01	Modelo de diagramação para matérias de site institucional
Atividade	02.01.04	Produção de registros de imagem e som
Documentos	02.01.04.01	Banco de Imagem
	02.01.04.02	Registro fotográfico
	02.01.04.03	Registro sonoro
	02.01.04.04	Vídeo institucional
Atividade	02.01.05	Publicação oficial e co-edição
Documentos	02.01.05.01	Jornal Unesp, Revista Unesp
	02.01.05.02	Projeto gráfico
	02.01.05.03	Prova do projeto gráfico
Subfunção	02.02	Cerimonial e relações públicas
Atividade	02.02.01	Elaboração de normas para recepções oficiais
Documento	02.02.01.01	Manual do Cerimonial Universitário Unesp
Atividade	02.02.02	Apoio Logístico

Figura 1 - Plano de Classificação Atividades-meio da Unesp. Fonte: https://www2.unesp.br/portal#!/gabinete_ses/cada/publicacoes/

Formou-se, então, uma parceria entre a ACI, profissionais da Tecnologia da Informação, pós-graduação em Ciência da Informação e o curso de Arquivologia da Unesp[95] para a organização, higienização, identificação, acondicionamento e acesso às imagens. A forma original por pautas do jornal, utilizada para a organização, já não era mais a adequada pela multiplicidade de funções que agora a Assessoria desempenha, optando-se por ordenação pelos campi existentes, sendo inclusive a forma de pesquisa no setor.

> El orden que deberán tener finalmente las fotografías tendrá que ser por formatos, que es el más recomendable para garantizar su conservación, pero antes de iniciar cualquier actuación para la organización de un conjunto de fotografías se debe establecer el orden originario. Es decir, se tienen que determinar las agrupaciones mediante las cuales se halla dispuesta la documentación, operación que puede ser muy dificultosa en algunos casos y que siempre requiere un gran conocimiento del productor y una detenida observación del material documental. El orden originario pone en evidencia las relaciones recíprocas entre los documentos, derivadas de los fines y de los procedimientos que han presidido su nacimiento. (BOADAS, 2001, p.120)

Procedeu-se assim a separação física dos materiais para iniciar o acondicionamento necessário, de acordo com os formatos existentes. As ampliações fotográficas foram higienizadas e guardadas em folhas de polipropileno de alta clareza, para oito impressões

[95] O curso de graduação em Arquivologia da Unesp-Marília, único do estado de São Paulo, é oferecido na modalidade de bacharelado desde 2003. https://www.marilia.unesp.br/#!/graduacao/cursos/arquivologia/informacoes-gerais/

(frente e verso), separadas com papel neutro. Os negativos e cromos 35 mm, diapositivos em grande formato, foram acondicionados em folhas de polipropileno (negativos, folhas para oito tiras e para os cromos suportes individuais).

Suportes	Medidas mais comuns	Quantidade [96]
Ampliação fotográfica	10 X 7 cm 15 X 10 cm 18 X 12 cm	7784
Negativo	35 mm	2103
Diapositivo	120 mm	1404
Cromo	35 mm	2976
Slide	5 X 5 cm	391
Contato (ou Prova)		79
TOTAL		**14.737**

Tabela 1.
Acondicionamento dos formatos analógicos. Fonte:Elaborado pelos autores

Destaca-se que no acondicionamento foi possível identificar cromos, slides e ampliações fotográficas repetidas, muitas fora de foco ou ainda sem correspondência com o tema identificado, que determinaram o descarte desses documentos, de acordo com orientações pré-estabelecidas conjuntamente com a ACI, órgão produtor dos originais. Os negativos foram todos preservados.

Posteriormente ao acondicionamento iniciou-se a digitalização, com a utilização de um scanner profissional para ampliações e negativos, pois, assim as cópias digitais estavam disponíveis para a descrição e inserção no Repositório com preservação digital. A Unesp optou pelo uso do Archivematica como repositório e para acesso o AtoM (Access to Memory) ambos softwares livres e compatíveis com documentos de arquivo.

AS FOTOGRAFIAS DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA (ACI) E PROPOSTAS DE ORGANIZAÇÃO

Após analisar a estrutura organizacional da ACI e sua importância como produtor das fotografias da Unesp, esta seção visa descrever as ações realizadas na organização do acervo documental. Para isso, será discutido a conformação dos grupos de trabalho e as diretrizes e práticas aplicadas durante o desenvolvimento do projeto. Vale ressaltar também, que o projeto ainda se encontra em andamento, motivo pelo qual, as atividades arquivísticas continuam atualmente em desenvolvimento.

Assim, o acervo fotográfico abordado no projeto da ACI da Unesp está constituído por fotografias nato-digitais e analógicas. Em relação às fotografias nato-digitais, foram tratadas 6.547 unidades produzidas desde 2022. Elas se encontram organizadas e disponibilizadas ao público em geral no AtoM da Unesp[97]. Essas fotografias correspondem aos campi

[96] A quantidade é aproximada pois, estamos finalizando o processamento e quantificação dos suportes
[97] https://arquivodigital.unesp.br/

universitários distribuídos na maior parte do estado de São Paulo, como se observa na tabela 2.

Tabela 2. Quantidade de fotografias nato-digitais nos campus da Unesp

Campus da Unesp	Número de fotografias
Araçatuba	456
Araraquara	410
Assis	268
Bauru	337
Botucatu	669
Dracena	175
Franca	114
Guaratinguetá	151
Ilha Solteira	462
Itapeva	128
Jaboticabal	116
Marília	201
Ourinhos	200
Presidente Prudente	261
Registro	271
Rio Claro	611
Rosana	247
São Jośe da Boa Vista	205
São José do Rio Preto	214
São José dos Campos	103
São Paulo	631
São Vicente	96
Sorocaba	122
Tupã	99
Total	**6547**

Fonte: Elaborado pelos autores

De outro lado, até o momento foram identificadas 39.544 fotografias analógicas, como se observa na tabela 3, onde se destaca dentro desse acervo fotográfico, ampliações, diapositivos, contatos/provas, negativos, cromos e slides. Esse acervo identificado, corresponde a mais ou menos um 95% do acervo total das fotografias. O número de fotografias, além de serem identificados, passaram por um processo de seleção, higienização e descarte como foi descrito na introdução, e atualmente está sendo realizada a digitalização e descrição.

Tabela 3. Quantidade de fotografias analógicas nos campus da Unesp

Campus da Unesp	Número de fotografias	Fotografias selecionadas

Adunesp (Cedem)	306	100
Araçatuba	944	541
Araraquara	3.016	2404
Assis	1.200	723
Bauru	1.965	1089
Campus Avançado de Humaitá	303	151
Botucatu	669	Sem informação
Dracena	60	30
Editora Unesp	325	131
Franca	729	412
Fundunesp	235	66
Guaratinguetá	1.352	823
Ilha Solteira	1.211	680
Instituto de Artes (São Paulo)	1.589	576
Instituto de Física Teórica	264	87
Itapeva	178	53
Jaboticabal	3.365	1311
Marília	1.382	538
Ourinhos	67	19
Presidente Prudente	1.364	529
Registro	169	41
Reitoria	11.975	4603
Rio Claro	3422	1179
Rosana	91	24
São José do Rio Preto	1.502	520
São José dos Campos	699	277
São vicente	542	186
Sintunesp	10	4
Sorocaba	313	131
Tupã	105	40
Vunesp	202	64
Total	**39.544**	**17332**

Fonte: Elaborado pelos autores

Na estruturação do projeto, foram estabelecidos dois grupos de trabalho. O primeiro, atuou de modo estratégico, na criação de alinhamentos e diretrizes a serem aplicados no projeto. Esse grupo foi conformado em janeiro de 2023 por profissionais de diversas áreas do conhecimento, tais como: Arquivologia, Ciências da Computação, Artes Integradas e História. Do mesmo modo, esse grupo trabalhou em várias frentes, entre as que se destaca, o desenho e implementação dos softwares Archivematica e AtoM (*Access to Memory)*, ferramentas de preservação e acesso, às quais vão ser melhor discutidas na última subseção, assim como a adopção dos metadados a ser preenchidos no acervo fotográfico.

Em paralelo com as diretrizes discutidas pelos profissionais supracitados, foram integrados na prática no laboratório de Gestão Documental, o segundo grupo que trabalha no tratamento das fotografias. Este grupo está constituído por um grupo de 5 estagiários dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia da Unesp, orientados por duas coordenadoras e um supervisor *in situ*. Deste modo, antes de adotar essas diretrizes, foi necessário a discussão por parte das coordenadoras e dos estagiários a implementação dos alinhamentos e a divisão dos trabalhos no laboratório. Do mesmo modo, foi discutido a maneira como ia ser realizado o processo de descrição do acervo fotográfico.

DESCRIÇÃO FOTOGRÁFICA

Uma das fases de maior discussão nos grupos do projeto foi o processo da descrição fotográfica. Esta etapa foi complexa devido às escassas referências teóricas que abordam a questão da fotografia como documento de arquivo. Portanto, tiveram que ser realizadas várias reunioẽs e pesquisas para discutir a maneira como devia ser descrito o acervo fotográfico como grupos documentais e não de maneira isolada, além dos metadados escolhidos tanto na descrição do conteúdo da imagem, como dos seus atributos técnicos e tecnológicos. Do mesmo modo, como já apontado, respeitou-se o refletido no Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos da Unesp: atividades-Meio, ferramenta que define o tipo documental das fotografias com o nome de "Registro Fotográfico" (Troitiño, 2016, p. 16).

Em razão disso, após ser adotado o uso dos softwares Archivematica e AtoM como gestores documentais das fotografias, foi seguido o padrão de metadados *Dublin Core* (DCMI, 2024), uma ferramenta *Open Source,* que estabelece uma abordagem de maior amplitude para os propósitos do projeto. Do mesmo modo, esse padrão funciona de maneira interoperável entre Archivematica e AtoM. mediante o preenchimento de uma planilha de excel pelos estagiários e posteriormente exportada a um arquivo csv e subido ao Archivematica.

Assim sendo, foram propostos os metadados *Dublin Core* mais relevantes nos objetivos de descrição das fotografias, os quais se elencam no quadro 1:

Quadro 1. Metadados escolhidos do padrão *Dublin Core* na descrição fotográfica

Identificador	Descrição	Exemplos
dc.title	Título	Visita de embaixador japonês
dc.description	Descrição - resumo do evento	Visita do embaixador japonês na Faculdade de Medicina de Botucatu
dc.creator	Responsável pelo conteúdo	ACI
dc.publisher	Nome de quem realizou a edição e nome da entidade	Fotógrafo
dc.date	Data de produção	2019-02-14
dc.provenance	Proveniência	Unesp
dc.subject	Palavras chaves	**Exemplo 1**: ACI **Exemplo 2**: Botucatu **Exemplo 3**: Reitor **Exemplo 4**: cor/pb **Exemplo 5**: Alunos
dc.language	Linguagem	pt_BR
dc.coverage	Cobertura	Botucatu, Brasil
dc.relation	Associações a documentos diferentes que podem estar relacionados pelo fato de registrarem a mesma atividade ou se referirem à mesma pessoa ou situação, tais como outra parte da gravação e ata da reunião	**Exemplo 1:** Jornal da Unesp **Exemplo 2:** Site
dc.rights	Direitos	Este documento é de propriedade da Unesp. Ao utilizá-lo colocar os devidos créditos

		©Unesp, segundo Lei de Direito Autoral
dc.rights.accessRights	Direitos de acesso	Acesso aberto
dc.type	Gênero documental	Iconográfico
dc.format.name	formato do arquivo resultante	Imagem digital em formato PNG, cor

Fonte: Elaborado pelos autores

Do mesmo modo, foi necessário incluir metadados adicionais, os quais atingiram especificidades do acervo fotográfico, que não foi possível estabelecer com o padrão *Dublin Core*. Neste sentido, os metadados específicos foram descritos como “unesp” seguidos dos metadados necessários no acervo, como se observa no quadro 2.

Quadro 2. Metadados criados a partir das necessidades do projeto

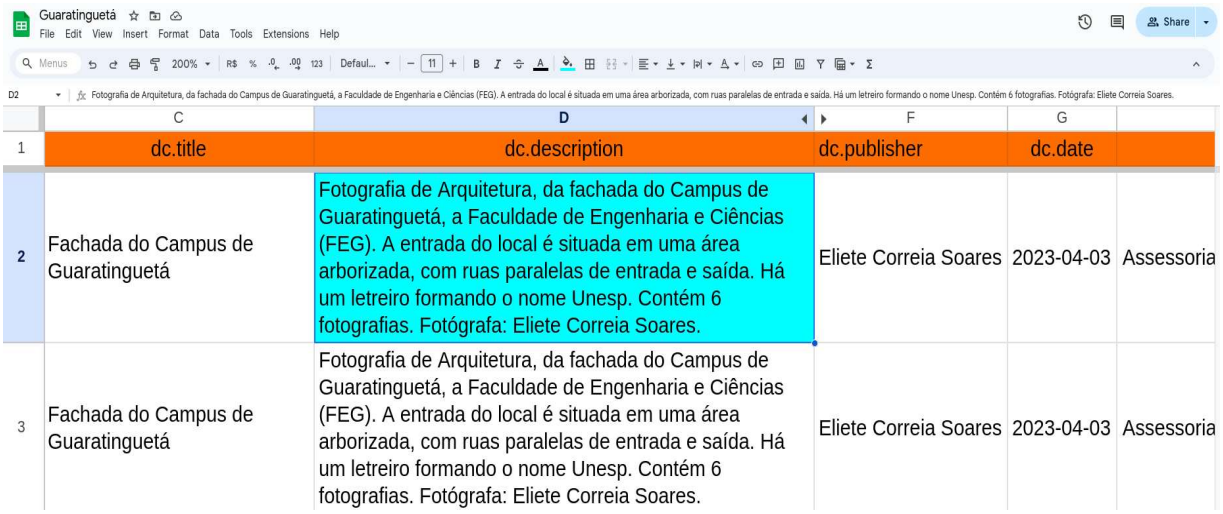
Identificador	Descrição	Exemplos
unesp_prazo_de_guarda	Prazo de guarda dos documentos no arquivo	Permanente
unesp_código_de_classificação	Código atribuído no Plano de Classificação e na Tabela de Temporalidade da Unesp;	02.01.04.02
unesp_equipamiento_de_captura	Equipamento utilizado na captura fotográfica	Nikon 610 lente Nikon 28-300
unesp.responsavel_pela_descrição	Responsável pelo preenchimento da planilha	Andreza Ayumi Kawata
unesp.software_de_edicão	Edição realizada na fotografia	Photoshop

Fonte: Elaborado pelos autores

Dentro do processo de descrição das fotografias, o metadado *dc.description* do *Dublin Core*, foi o de maior dificuldade ao momento de ser preenchido, já que devia representar a completude da descrição da imagem e de seus elementos fotográficos e arquivísticos. Portanto, teve que ser criado uma manual entre o grupo de estagiários, que abordou: a) a completude da descrição da imagem, b) os termos de descrição em ordem sequencial e organizada e, c) a criação de gêneros fotográficos, tais como: fotografia arquitetônica, fotografia científica, fotografia social, fotografia de paisagem, entre outros.

Esses gêneros fotográficos foram discutidos após analisar várias possibilidades na literatura, compreendendo o significado de cada gênero e observando sua adaptabilidade no acervo das fotografias da ACI. Assim, foi escolhido o Dicionário Técnico da Fotografia Clássica (Vasquez, 2024), como auxílio na realização da descrição fotográfica do projeto. Deste modo, na figura 2 se observa um exemplo de descrição que abordou os tres elementos descritos no parágrafo anterior, do campus da Unesp da cidade de Guaratinguetá[98].

[98] Exemplo da descrição junto a sus respectivos metadados, do campus da Unesp de Guaratinguetá no AtoM: https://atom.unesp.br/index.php/fachada-do-campus-de-guaratingueta



	C	D	F	G	
1	dc.title	dc.description	dc.publisher	dc.date	
2	Fachada do Campus de Guaratinguetá	Fotografia de Arquitetura, da fachada do Campus de Guaratinguetá, a Faculdade de Engenharia e Ciências (FEG). A entrada do local é situada em uma área arborizada, com ruas paralelas de entrada e saída. Há um letreiro formando o nome Unesp. Contém 6 fotografias. Fotógrafa: Eliete Correia Soares.	Eliete Correia Soares	2023-04-03	Assessoria
3	Fachada do Campus de Guaratinguetá	Fotografia de Arquitetura, da fachada do Campus de Guaratinguetá, a Faculdade de Engenharia e Ciências (FEG). A entrada do local é situada em uma área arborizada, com ruas paralelas de entrada e saída. Há um letreiro formando o nome Unesp. Contém 6 fotografias. Fotógrafa: Eliete Correia Soares.	Eliete Correia Soares	2023-04-03	Assessoria

Figura 2. Exemplo de descrição em planilha, do campo da Unesp de Guaratinguetá. Fonte: Arquivo Digital da Unesp

Assim, pode ser observado no campo do *dc.description* da figura 2, a ordem das frases que compõem a descrição: o gênero fotográfico, a descrição do conteúdo da imagem, o número de fotografias que pertencem ao mesmo grupo e que foram preenchidos com a mesma informação desse grupo documental e o nome da fotógrafa. O anterior foi feito nas fotografias nato-digitais, em todos os campus e unidades da Unesp e já está começando a ser implementado nas fotografias analógicas.

SOLUÇÕES: ARCHIVEMATICA E ATOM

As soluções de software adotadas para os ambientes de preservação digital e de acesso, foram respectivamente o Archivematica e o AtoM (Access to Memory), seguindo a Política de preservação digital para documentos de arquivo da Unesp, que no item 17. Infraestrutura Tecnológica, define que a Unesp deverá possuir dois ambientes tecnológicos:

> 1. Ambiente de preservação: infraestrutura para preservação dos documentos de arquivo em formato digital e seus metadados;
> 2. Ambiente de acesso: infraestrutura com os documentos de arquivo em formato digital para distribuição, a fim de atender às pesquisas realizadas pelas pessoas na busca e recuperação das informações disponíveis nos objetos digitais.
> Esses dois ambientes podem estar em infraestruturas tecnológicas distintas ou contidos na mesma infraestrutura. (UNVERSIDADE, 2017, p. 11).

O Archivematica é um sistema de preservação digital gratuito, de código aberto e baseado em padrões, projetado para manter acesso de longo prazo de objetos digitais. Permite aos usuários processarem esses objetos digitais, desde a ingestão até o armazenamento e acesso, seguindo o modelo de referência *Open Archival Information System* (OAIS), além de outros padrões e melhores práticas de preservação digital (ARCHIVEMATICA, 2024).

O Modelo de Referência OAIS (Open Archival Information System) é um esquema conceitual que define e modela o que é preciso para preservar por longo prazo a informação

digital e torná-la disponível a uma comunidade-alvo pelo tempo necessário. Foi desenvolvido CCSDS (The Consultative Committee for Space Data Systems).

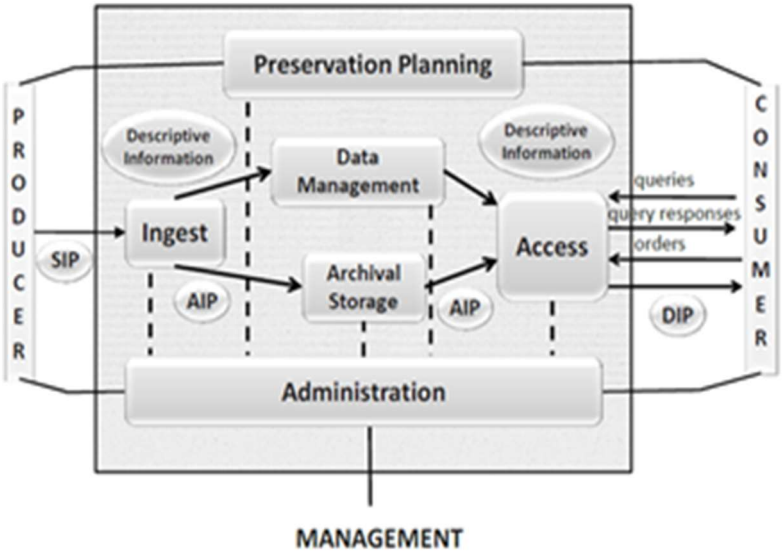


Figura 3 OAIS. Fonte: Modelo de Referência OAIS (ISO, p. 45)

É o modelo amplamente aceito e adotado internacionalmente para a preservação digital, pois fornece orientações sobre a estrutura organizacional, os processos e os fluxos necessários para a as instituições implementarem práticas necessárias e consistentes para a preservação a longo prazo, aumentando a confiança de que a informação digital preservada será mantida autêntica e íntegra.

A escolha do Archivematica foi definida em função de algumas características, como sua utilização por uma vasta comunidade nacional e internacional, ser um software de código aberto, seguir o modelo de referência OAIS, a Unesp já possuía profissionais que conheciam o software, seguir padrões de metadados e ter uma facilidade de integração com o AtoM.

Durante o processo de ingestão, o Archivematica gera uma cópia do objeto digital e o empacota no Pacote de Informação de Disseminação (DIP). Através de uma configuração no Archivematica e no AtoM, o pacote DIP é exportado para o AtoM.

O AtoM é “um aplicativo de código aberto baseado na Web para descrição e acesso de arquivos baseados em padrões em um ambiente multilíngue e com vários repositórios”. (ATOM, 2024). Foi definido a partir de sua vasta comunidade, inclusive no Brasil, por ser de código aberto e por ser interoperável com o Archivematica.

Alguns metadados Dublin Core definidos no Pacote de Informação para Submissão (SIP) do Archivematica são transferidos automaticamente para o AtoM no padrão ISAD(G)[99], mantendo assim um padrão de descrição consistente nos dois ambientes, bem como minimizando a possibilidade de erros que possam deixar as descrições diferentes no ambiente de preservação digital e no ambiente de acesso. O quadro 3 mostra como os metadados Dublin Core são mapeados no padrão ISAD(G) no AtoM:

Quadro 3. Metadados Dublin Core são mapeados no padrão ISAD(G) no AtoM

[99] Norma geral internacional de descrição arquivística

Dublin Core	ISAD(G)
title	title
identifier	identifier
creator	name of creator
date	date of creation
type	subject access point
provenance	immediate source of acquisition or transfer
description	scope and content
extent	extent and medium
format	extent and medium
source	location of originals
language	language of material
rights	conditions governing access
coverage	place access point
subject	subject access point

Fonte: Elaborado pelos autores

Após a análise das funcionalidades do AtoM, por parte da equipe que desenvolveu o projeto, e com o objetivo de tornar o acesso do usuário ao AtoM mais eficiente e agradável, de atender as necessidades específicas da universidade e dos prováveis usuários do sistema, optou-se por realizar uma customização do software com o propósito de melhorar a organização das informações, a pesquisa e consequentemente sua eficiência operacional. Optou-se por customizar a página inicial, para que não sejam necessários ajustes na customização quando for necessário migrar o AtoM para novas versões.

Verificou-se com a customização uma melhora:

- no atendimento às necessidades específicas da Unesp, disponibilizando de maneira mais rápida pontos de acesso para as fotografias específicas de cada unidade;

- na busca e recuperação das fotografias e nas informações dos Reitores e Vice-reitores da universidade;

- no visual do ambiente de acesso, que ficou adequado à política de identidade visual da Unesp.

Nesse sentido, as soluções para o ambiente de preservação digital utilizando o Archivematica e para o ambiente de acesso o AtoM, se mostraram eficientes e satisfatórias para garantir a preservação digital das fotografias e o acesso a esses documentos de arquivo pelos usuários, colaborando para a implementação de um Repositório Arquivístico Digital Confiável.

CONSIDERAÇÕES

A organização arquivística e a descrição das fotografias da ACI justificam-se pela relevância dos documentos universitários, manutenção de seu caráter comprobatório e sua relevância para contribuir com a formação da memória institucional e a História educacional paulista. Destaca-se ainda o papel que a fotografia assume como fonte variada e rica para a pesquisa.

Resultou em um trabalho conjunto de professoras, pesquisadores e alunos do curso de Arquivologia, da pós-graduação em Ciência da Informação, relativo aos temas Gestão Documental, Arquivos Correntes, Classificação, Fotografia, Arquivos Permanentes, Análise Documentária e Preservação, além de funcionários da ACI e profissionais da área de Tecnologia da Informação, que buscaram, nesse conjunto documental, aplicar as teorias mais recentes da área de uma forma que permitiu que as fotografias ficassem disponíveis e acessíveis para o setor e demais usuários, sem perderem o vínculo orgânico com os demais documentos universitários. O projeto é importante como segmento científico e de ensino, e permitirá a continuidade dessa organização na produção atual de imagens da Unesp.

A implantação de um repositório digital de preservação institucional como o Archivematica, viabilizou a manutenção desses documentos, tanto analógicos como nato-digitais, por um longo período de tempo e permitiu o acesso pelo AtoM de uma forma compatível e segura.

Portanto, pautamos-nos por essa tentativa de explicitar, buscar e validar a gênese documental das fotografias de arquivo, produzidas e acumuladas pela instituição, em detrimento a uma descrição exaustiva dos elementos visuais. Acreditamos que dessa forma, o documento fotográfico arquivístico preserva todas as suas informações documentais, visíveis ou implícitas à sua própria elaboração. Ressalta-se a importância do descarte criterioso de fotografias, juntamente com os produtores do documento, elencando procedimentos e normas, para que não tenha uma guarda permanente de imagens comprometidas tecnicamente e que não evidenciam adequadamente as funções para as quais foram geradas.

Devemos observar a manutenção da organicidade desses documentos, não perdendo o processo original de ordenação em função de descrição documental da imagem e muito menos ainda pela especificidade dos suportes materiais. Há que ser observado as condições ideais para sua preservação, mas sua função original não pode ser perdida ou desprezada.

Identificar, organizar, acondicionar adequadamente os originais e preservar em repositório permanente, disponibilizando as cópias digitais das fotografias produzidas pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da UNESP permitirá que as funções originais sejam recuperadas, inserindo-as em uma produção orgânica tanto setorial como institucional. As fotografias espelham as rotinas desempenhadas pelo setor e representam as atividades relevantes para a UNESP e significativas para a memória e a história institucional.

AGRADECIMENTOS

O projeto não seria implementado se não fosse pelo empenho dessas pessoas:

ACI - Marcelo Takeshi Yamashita, José Paes de Almeida Nogueira Pinto e Martha Martins de Morais;

Estagiários: Emily M. A. Silva, Douglas G. de Napoli, Gabriel B. Luvizotto, Stephany S. Lopes, Vinicius G. Franco, Andreza A. Kawata, Thiago R. Martins**,** Sofia C. Pegoraro, Alicia Cavalcanti, Ana Cláudia C. Marcilio, Rayane K. de Souza.

REFERÊNCIAS

ARCHIVEMATICA. Disponível em: <https://www.archivematica.org/pt-br/docs/archivematica-1.16/getting-started/overview/intro/#intro>.

ATOM. Access to Memory. Disponível em: <https://www.accesstomemory.org/pt-br/docs/2.8/user-manual/overview/intro/>

BOADAS, J; CASELLAS, L.-E.; SUQUET, M.À.. *Manual para la gestión de fondos y colecciones fotográficas*. Girona, Centre de Recerca i Difusió de la Imatge(CRDI), 2001.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística: segunda edição, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999, versão final aprovada pelo CIA. – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000.

ISO (International Organization for Standardization). *ISO 14721:2012*: Open archival information system (OAIS) - Reference model. Geneva: ISO, 2012.

MACHADO, B. H. *Dos devaneios visuais à gênese documental*: o estudo da produção dos documentos fotográficos da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

THE DUBLIN CORE™ METADATA INITIATIVE. Dublin Core. 2024. Disponível em: https://www.dublincore.org/about/

TROITIÑO, S. *Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos da Unesp*: Atividades-Meio. Comissão de Avaliação de Documentos e Acesso da Unesp. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Portaria Unesp, nº 84*, de 30 de setembro de 1976.Considerando que a estrutura administrativa fixada pela Lei 952, de 31 de janeiro de 1976, diz respeito apenas às atividades internas da Reitoria.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Resolução Unesp nº 04*, de 1 de fevereiro de 1993. Fixa a estrutura administrativa da Reitoria, em decorrência da alteração estatutária. Disponível

em: <https://ape.unesp.br/pdi/execucao/lista_metas_programa.php> Acesso 22 de junho de 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Política de preservação digital para documentos de arquivo da Unesp*. 2017.

VASQUEZ, P. *Dicionário Técnico de Fotografia*. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1985.

CENTENÁRIO DE BERTA RIBEIRO: SEU LEGADO DIFUNDIDO POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UnB

Thiara de Almeida Costa
Universidade de Brasília

Cynthia Roncaglio
Universidade de Brasília

Shirley Carvalhêdo Franco
Universidade de Brasília

Resumo: Berta Gleizer Ribeiro foi antropóloga, etnóloga e museóloga, nascida na Romênia e naturalizada brasileira. O centenário de seu nascimento será celebrado em 2 de outubro de 2024. Berta foi casada durante vinte e nove anos com Darcy Ribeiro – antropólogo, primeiro reitor da Universidade de Brasília, Vice-Governador do Rio de Janeiro e Senador da República, entre outras formações e cargos ocupados. Berta desempenhou um papel crucial em diferentes ambientes institucionais do país, contribuindo para a difusão do conhecimento e saberes das comunidades indígenas bem como para a proteção da Amazônia. O acervo arquivístico de Berta está localizado no Memorial Darcy Ribeiro, no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), sob a guarda da Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR), Para ampliar o acesso e a divulgação desse valioso patrimônio cultural, o Arquivo Central (ACE) da Universidade coordenou, em parceria com professoras da Faculdade de Ciência da Informação da UnB, o projeto de extensão "Revisitando o passado para dar luz ao futuro: acervos de Darcy e Berta Ribeiro", realizado entre 2022 e 2023. O projeto teve como objetivo tratar, digitalizar e difundir os documentos. Durante esta iniciativa, mais de 15 mil fotografias e 17 mil e 120 páginas de documentos foram digitalizadas e disponibilizadas no software AtoM-UnB. O acervo de Berta, assim como o de Darcy, foi reconhecido como de interesse público pelo Conselho Nacional de Arquivos do Brasil em 2008, abrangendo uma ampla gama de materiais que refletem não apenas suas pesquisas acadêmicas, mas também aspectos de sua vida pessoal e profissional. Além das atividades de higienização, digitalização, descrição, preservação e divulgação, o projeto também incluiu eventos como exposições e rodas de conversa, destacando o papel de Berta na disseminação da cultura indígena e promovendo discussões sobre o papel das mulheres nos arquivos e na ciência. O objetivo deste artigo, portanto, é divulgar as atividades de um projeto de extensão que não apenas tem auxiliado na preservação do legado de Berta Ribeiro, mas contribui para divulgar a memória de uma renomada cientista do século XX e promover pesquisas sobre essas comunidades indígenas do Brasil. O método adotado é de natureza qualitativa e descritiva, baseado em fontes bibliográficas e documentais. Os resultados obtidos demonstram a importância de investir na digitalização do acervo de Berta, o que possibilita a ampliação do acesso ao acervo em âmbito nacional e internacional. Além disso, as atividades realizadas extrapolam seu próprio acervo, permitindo à comunidade acadêmica e demais interessados obter mais informações sobre quem foi Berta Ribeiro e quais são as comunidades indígenas do Brasil.

Palavras-Chave: Extensão universitária; Atividades do projeto de extensão; Arquivos de cientistas; Digitalização; Berta Ribeiro; Arquivo Central da UnB.

INTRODUÇÃO

Berta Gleizer Ribeiro foi uma renomada cientista do século XX, nascida na Romênia e naturalizada brasileira. O centenário de seu nascimento será celebrado em 2 de outubro de

2024. Berta foi casada durante vinte e nove anos com Darcy Ribeiro – antropólogo, primeiro reitor da Universidade de Brasília, Vice-Governador do Rio de Janeiro e Senador da República, entre outras formações e cargos ocupados. Ela desempenhou um papel crucial em diferentes ambientes institucionais do país, contribuindo para a difusão do conhecimento e saberes das comunidades indígenas bem como para a proteção da Amazônia.

O acervo arquivístico de Berta está localizado no Memorial Darcy Ribeiro, no *Campus* Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), sob a guarda da Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR). Para ampliar o acesso e a divulgação desse valioso patrimônio cultural, o Arquivo Central (ACE) da UnB coordenou, em parceria com professoras da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, o projeto de extensão "Revisitando o passado para dar luz ao futuro: acervos de Darcy e Berta Ribeiro", realizado entre 2022 e 2023. Na continuidade, entre 2023 e 2024, vem sendo realizada a segunda parte desse projeto.

O objetivo deste artigo é divulgar esses projetos de extensão – parte 1 e 2 – com destaque para a biografia e o acervo de Berta Ribeiro, com o intuito de ampliar e incentivar discussões e projetos sobre a presença e a visibilidade das mulheres nos arquivos e na ciência, e contribuir para a divulgação da memória e preservação do seu legado.

Adotamos o método qualitativo e descritivo, baseado em fontes bibliográficas e documentais. Os resultados obtidos demonstram a importância de investir na digitalização do acervo de Berta Ribeiro, o que possibilita a ampliação do acesso ao acervo em âmbito nacional e internacional. Além disso, as atividades realizadas extrapolam o próprio acervo, permitindo à comunidade acadêmica e demais interessados obter mais informações sobre quem foi Berta Ribeiro e as comunidades indígenas do Brasil.

BREVE BIOGRAFIA DE BERTA RIBEIRO

Quem foi Bertha Gleizer?

Bertha Gleizer nasceu em Beltz, uma pequena cidade da Bessarábia, na Romênia, no dia 2 de outubro de 1924, Filha de Rosa Sadonovic Gleizer e Motel Gleizer, ambos de origem judia. Bertha tinha uma irmã, sete anos mais velha, Jenny Gleizer. Seu pai, um líder sindical, veio para o Brasil sozinho, em 1929, em busca de melhores condições de vida, deixando a mãe e as duas filhas com a promessa de buscá-las quando fosse possível. Logo depois, porém, sua mãe tirou a própria vida. Em janeiro de 1932, o pai trouxe as filhas ao Brasil. Bertha tinha então 7 anos de idade. Entre 19 de agosto e 29 de outubro de 1935, sua irmã, Jenny, foi presa pela polícia repressiva do Governo Getúlio Vargas, sendo posteriormente deportada no período da Ditadura Vargas para a Romênia, que apoiava o Governo de Hitler. No entanto, no meio da viagem ela conseguiu ser libertada em um porto francês e lá ficou. O pai, com a derrota da Intentona Comunista de 1935 no Brasil, também passou a ser perseguido pela polícia e decide ir ao encontro da filha. Desempregado, e vivendo em péssimas condições, adoeceu e morreu logo em seguida, em Paris, sem ter encontrado a filha mais velha. Bertha ficou sozinha no Rio de Janeiro. Aos 11 anos foi morar em São Paulo, acolhida pela família Fridman, ligada ao Partido Comunista Brasileiro. Cinco anos depois, em 1940, Bertha matriculou-se no curso técnico de Contabilidade da Escola de Comércio Álvares Penteado, onde aprendeu a datilografar.[100]

[100] CALLADO, Ana A. *Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia.*

Bertha Gleizer se torna Berta Ribeiro

Bertha conheceu o jovem estudante de Sociologia, Darcy Ribeiro, em 1946, em um comício do Partido Comunista em São Paulo e logo começaram a namorar. O Partido Comunista, porém, não via com bons olhos o relacionamento entre os dois e eles se encontravam às escondidas. Contudo, casaram-se dois anos depois, em 28 de maio de 1948, quando ela tinha 24 anos e ele 25 anos. Provavelmente após seu casamento, quando adotou o sobrenome do marido, Berta decidiu “retirar o "h" da grafia do seu nome.[101]

A partir daí, Berta passou a acompanhar Darcy em suas pesquisas de campo sobre as populações indígenas do Brasil, sendo sua auxiliar em diversas tarefas – organizava as anotações, datilografava os diários de campo e traduzia textos. Tal experiência foi fundamental para Berta se envolver com as culturas indígenas e a Antropologia. A parceria entre os dois, com ela no lugar de esposa e secretária, rendeu profícuos resultados para a vida acadêmica e profissional de Darcy, e um vasto legado para a antropologia brasileira. As diversas expedições a tribos indígenas possibilitaram a ambos reunir vasta documentação e colecionar artefatos indígenas.[102]

Durante os quase trinta anos em que estiveram casados, Berta foi um suporte essencial na vida acadêmica e profissional de Darcy. Ela “datilografou todos os manuscritos de Darcy de 1948 a 1974, além de fazer fichas, pesquisar bibliografias e traduzir para o português os livros em inglês, francês e espanhol para ele.”[103] Quando Darcy Ribeiro foi convidado pelo presidente Juscelino Kubitschek a criar a Universidade de Brasília, Berta não apenas o ajudou com a organização de documentos e reuniões, como juntamente com ele e com o antropólogo Eduardo Galvão, planejou e implantou o Departamento de Antropologia da UnB.[104]

Em meados da década de 1970, depois de terem passado alguns anos no exílio, o casal se separou e retornou ao Brasil. Darcy, então um antropólogo e escritor reconhecido no Brasil e no exterior, investe na carreira política, enquanto Berta faz um mergulho profundo na pesquisa e na vida acadêmica, o que terá um impacto duradouro para a valorização e preservação da Amazónia e das culturas indígenas brasileiras.[105]

Entre 1977 e 1987, Berta Ribeiro publicou diversos livros e artigos sobre os costumes e artesanato das comunidades indígenas, além de coordenar volumes importantes sobre etnologia brasileira. Sua influência se estendeu além das fronteiras acadêmicas, envolvendo-se ativamente na museologia e na curadoria de exposições no Brasil e no exterior.

Em reconhecimento ao seu trabalho, Berta recebeu a medalha de Comendadora da Ordem do Mérito Científico em 1995, pouco antes de seu falecimento em novembro de 1997.

---

[101] Idem, p. 22.

[102] CALLADO, Ana A. *Berta Ribeiro: aos índios, com amor: uma biografia.*

[103] Idem, p. 54.

[104] Idem.

[105] Idem.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

A Fundação Darcy Ribeiro (Fundar) foi estabelecida pelo próprio Darcy Ribeiro em 1996 como uma instituição dedicada à pesquisa, à extensão e ao desenvolvimento de projetos educacionais, culturais, sociais e científicos. Embora tenha sua sede no Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro expressou o desejo de que a Fundação encontrasse seu espaço definitivo na Universidade de Brasília (UnB), concebida por ele como um centro cultural ímpar numa cidade planejada para ser a capital da República e, sobretudo, criada para pensar o Brasil como problema (RIBEIRO, 2012).

A partir do convênio firmado em 1996 entre a Fundar e a UnB, a reitoria cedeu o espaço onde começou a ser projetado o Memorial Darcy Ribeiro. O prédio assinado pelo arquiteto modernista João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, foi concebido conforme as orientações de Darcy, que imaginava uma estrutura que combinasse uma “oca” com um “disco voador” situada na Praça Maior da UnB. Erguido sobre um espelho d´água, o prédio abriga um auditório, apelidado de Beijódromo por Darcy, salas de aula, galeria para exposição, salas de consulta, reserva técnica, cafeteria e restaurante. A inauguração foi em 6 de dezembro de 2010, tornando-se o centro de custódia do acervo arquivístico e da coleção de livros de Darcy e Berta Ribeiro.[106], e desde novembro de 2020, o Memorial Darcy Ribeiro atua como uma das Casas Universitárias de Cultura da UnB.

O acervo de Berta Ribeiro foi declarado de interesse público e social pelo Conselho Nacional de Arquivos do Brasil (Conarq). Conforme o Parecer do Conarq n.º/2008, o acervo possui 17 metros lineares de documentos textuais; mais de 7 mil documentos iconográficos, representativos da população e cultura Desâna, Tukano, Tariana e Hohodene, desenhos indígenas, fotografias de coleções de museus e exposições e fotografias da vida pessoal de Berta Ribeiro; 400 fitas cassetes; 100 horas de imagens em movimento (quatro vídeos documentários em curta-metragem e um desenho animado sobre a lenda Desâna, com versões em português e na língua Desâna, e um *making of* de Entrevista com Berta Ribeiro).

O acervo documental de Berta e Darcy é de grande interesse e valia tanto para o meio acadêmico quanto para a sociedade brasileira. A celebração do centenário de nascimento de Darcy Ribeiro em 26 de outubro de 2022 resultou em um aumento significativo nas consultas ao seu acervo, e espera-se que o mesmo ocorra com Berta Ribeiro, cujo centenário será celebrado em 2 de outubro de 2024.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Antes de abordar o projeto de extensão desenvolvido em parceria entre a Fundar e o ACE é importante destacar a importância da extensão universitária[107]. Segundo Souza (1996), em sua tese de doutorado, a expressão "extensão" foi mencionada pela primeira vez no Brasil

---

[106] Mais detalhes sobre a Fundar e o Memorial Darcy Ribeiro disponível em : https://fundar.org.br/memorial/.

[107] O termo "extensão" surgiu na Inglaterra durante a segunda metade do século XIX com discussões nas universidades de Oxford e Cambridge sobre como atender às necessidades das crescentes populações urbanas. Em 1867, realizou-se primeira tentativa prática de "extensão universitária" e rapidamente se tornou um movimento estabelecido, abrangendo inicialmente temas literários e sociais e, posteriormente, assuntos agrícolas. O sucesso desse trabalho na Grã-Bretanha influenciou atividades semelhantes nos Estados Unidos na década de 1890. No início do século XX, as faculdades de concessão de terras expandiram significativamente suas atividades de extensão para atender às necessidades das famílias rurais, formalizando esse trabalho. (Food and Agriculture Organization, tradução nossa, 2024).

no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras[108], em 1931, sendo reconhecida como parte vital da interação social da universidade, por meio da oferta de cursos e palestras.

Considerado um texto clássico, crítico e referência para diversos estudos sobre extensão universitária, "Extensão universitária: comunicação ou domesticação?", produzido por Rocha (1983), identifica três momentos na história da extensão universitária.

O primeiro momento, denominado *Período de Experiências Pioneiras* (1912-1930) foi marcado pela criação da Universidade Popular em São Paulo e pela fundação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, que se inspirou nos Land Grant Colleges dos Estados Unidos.

O segundo momento é o *Período de Experiências Isoladas e Disseminação de Ideias* (1930-1968), caracterizado pelas tentativas de institucionalização da extensão universitária por meio de iniciativas individuais de docentes e do movimento estudantil. Este período defendia a reforma universitária e incluía a extensão como um elemento central, destacando-se a criação de programas como o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) e o Projeto Rondon, ambos voltados para a integração da universidade com as comunidades carentes.

O terceiro momento, denominado *Período de Maior Institucionalização* (1968-1976), foi influenciado pela promulgação da Lei n.º 5.540/1968 que promoveu a disseminação das ideias extensionistas e a criação de estruturas administrativas destinadas ao planejamento e à coordenação das atividades de extensão. Para Rocha (1983) neste terceiro período houve um avanço significativo no discurso oficial sobre extensão universitária, tendo em vista a incorporação dos conceitos de comunicação e ampliação do alcance e a estrutura das atividades extensionistas nas universidades brasileiras.

Já para Sousa (1996), apesar de a Lei n.º 5.540/1968 ter tornado a extensão obrigatória para todas as Instituições de Ensino Superior (IES), não houve avanços na definição de sua prática ou no incentivo à sua implementação. A autora ressalta que vinte anos após aquela lei, a Constituição de 1988 não trouxe novidades, apesar de reiterar a necessidade de integração entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades brasileiras. Mais adiante, Sousa afirma que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 mencionou a extensão de forma breve, apresentando-a como um meio de disseminar os resultados e benefícios gerados pela universidade para a população e como um critério para o credenciamento das universidades.

Atualmente, e como indica Kochhann (2021)[109], "discutir a formação docente pela extensão universitária é ainda mais denso, tenso e intenso, principalmente considerando que a extensão universitária foi regulamentada recentemente no processo formativo, em dezembro de 2018 pela Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior n.º07, que obriga todas as instituições de ensino superior a curricularizar

[108] BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Publicação original.

[109] KOCHHANN, A. (2021). Como a própria autora indica o artigo faz parte de uma pesquisa de doutoramento em educação pela Universidade de Brasília, que teve como objeto de investigação a formação docente, delimitada em analisar como a formação docente ocorre, pelas atividades de projetos de extensão, realizadas durante o ano de 2018, vinculados ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás.

no mínimo 10% da carga horária total dos cursos para realização de atividades de extensão universitária.

De acordo com o Guia de Inserção Curricular da Extensão (2021) da UnB, a concepção de extensão é pautada na “democracia e na dialogicidade” e “[...] encontra eco desde o seu plano original quando Darcy Ribeiro atribuía a essa nova universidade, planejada fora dos modelos institucionais tradicionais, a tarefa de diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica em sintonia com as necessidades do processo produtivo e das demandas decorrentes da problematização da realidade brasileira. 'Pensar o Brasil como problema', foi o desafio lançado a ela pelo seu perspicaz fundador" (Guia de Inserção Curricular da Extensão, 2021, p. 4). Conforme assinalado na página eletrônica do Decanato de Extensão (DEX)[110], foi a partir de dezembro de 2022 que todos os cursos de graduação da UnB deveriam ajustar seus Projetos Pedagógicos para garantir que 10% dos créditos fossem cumpridos por meio de atividades de extensão e que essas atividades deveriam ser integradas ao currículo do curso, permitindo que os estudantes se qualifiquem academicamente tanto pela formação quanto pela atuação em processos extensionistas.[111]

PROJETO DE EXTENSÃO REVISITANDO O PASSADO PARA DAR LUZ AO FUTURO: ACERVOS DE DARCY E BERTA RIBEIRO – PARTES 1 E 2

O Projeto de Extensão Revisitando o passado para dar luz ao futuro: acervos de Darcy e Berta Ribeiro - partes 1 foi executado nos anos de 2022 e 2023 pela Coordenação de Arquivo Permanente (COAP) do Arquivo Central (ACE)[112] da UnB, com o apoio das professoras da Faculdade de Ciência da Informação (FCI), Cynthia Roncaglio e Shirley Carvalhêdo Franco, por meio dos Editais Casas Universitárias de Cultura (CUC) 02/2022 e 02/2023[113], promovidos pela Diretoria de Difusão Cultural (DDC), uma das unidades administrativas do Decanato de Extensão (DEX) da UnB, alinhado à área Preservação, Patrimônio e Memória[114].

---

[110] UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Sobre a Extensão Universitária na UnB. Disponível em: https://www.dex.unb.br/facaextensao.

[111] Considerando que a extensão é uma das funções mais importantes das universidades, caberia à UnB apresentar uma linha do tempo, destacando os principais fatos que envolveram a implantação da extensão na Universidade. São indicados apenas links para seus documentos normativos (normas, publicações, decretos etc.) e para as Normas de Extensão das Unidades Acadêmicas, do Instituto de Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde e Faculdade de Ceilândia, conforme deliberação da 581ª Reunião Ordinária da Câmara de Extensão, realizada em 20/05/2017.

[112] O Arquivo Central (ACE) da Universidade de Brasília (UnB) é um órgão de natureza complementar de apoio à administração, à memória institucional e ao desenvolvimento científico e tecnológico da Universidade. De acordo com o artigo 4º de seu Regimento Interno, compete ao ACE atuar como laboratório nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, atendendo às unidades acadêmicas; e apoiar e desenvolver projetos de pesquisas e extensão.

[113] O Edital CUC tem como missão desenvolver a produção, difusão, preservação e memória da arte e da cultura por meio de ações educacionais nas Casas Universitárias de Cultura (CUC) e incentivar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e as comunidades geral, local, nacional e internacional, em especial por meio do intercâmbio cultural entre os países latino-americanos. Atualmente, existem três Casas Universitárias de Cultura na UnB: Casa da Cultura da América Latina, da Casa Niemeyer e do Memorial Darcy Ribeiro.

[114] Área 11- Preservação, Patrimônio e Memória: contemplava projetos relacionados à pesquisa, conservação e levantamentos dos acervos das Casas Universitárias de Cultura, abrangendo ações de resgate da memória institucional, gestão e integração dos acervos e documentação museológica, desenvolvimento e inserção de informações do acervo na base de dados e repositório institucional. Além de conservação preventiva de acervos, incluindo acondicionamento, higienização, monitoramento ambiental das áreas de exposição e reservas técnicas, e gestão de riscos e projetos em museologia e áreas correlatas. Vide: https://ddc.unb.br/acesse-o-edital-cuc-2023/edital-casas-universitarias-de-cultura-cuc-2023.

O projeto teve como objetivo digitalizar e disponibilizar o acervo de Berta e Darcy Ribeiro na plataforma *on-line* AtoM-UnB[115], visando ampliar o conhecimento sobre esse rico acervo e as possibilidades de pesquisa. As ações executadas incluíram higienização, ordenação, descrição, digitalização, armazenamento, arquivamento dos documentos e acesso. De acordo com o inventário[116], o acervo é composto por "agendas, correspondência, fotografias e documentos pessoais que refletem tanto a vida privada, quanto, principalmente, as atividades profissionais de Berta e Darcy Ribeiro. Entre os documentos estão relatórios, projetos, textos, fotografias, desenhos, documentos sonoros, audiovisuais e correspondência.

Na primeira etapa foi necessário diagnosticar o acervo, realizando atividades como: higienização de documentos; conferência de toda a documentação dos acervos; reordenação dos documentos de acordo com o inventário; identificação dos armários; digitalização de mais de 12 mil fotografias; transcrição da descrição com base no inventário do acervo; e submissão de mais de 6.800 fotografias do acervo de Darcy Ribeiro e de 6.460 fotografias do acervo de Berta na plataforma AtoM-UnB.

Na segunda etapa, o objetivo principal foi dar acesso às subséries documentais Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) da Série: Indigenismo do Fundo Darcy Ribeiro; e às subséries: Doutorado e Subsídios de Estudos da Série documental: Formação Acadêmica do Fundo Berta Ribeiro, conforme sistema de arranjo organizado e publicado em Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro (2011). A subsérie SPI reúne documentos referentes aos assuntos burocráticos do órgão, às pesquisas antropológicas e ao intercâmbio entre Darcy Ribeiro e diversos pesquisadores. Inclui também os diários de campo produzidos por Darcy durante suas expedições a tribos indígenas, além de documentos relativos à criação do Museu do Índio, do qual ele foi diretor, e ao Curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural organizado pela mesma instituição.

A subsérie FUNAI reúne documentos relativos aos processos de demarcação de terras indígenas e ao projeto de instalação de um Museu do Índio em Brasília. O subsérie Doutorado, da Série: Formação Acadêmica de Berta Ribeiro, reúne documentos referentes ao projeto de doutorado de Berta Ribeiro realizado pela Universidade de São Paulo - USP, intitulado "A Civilização da palha: a arte do trançado dos índios do Brasil". A subsérie Subsídios de Estudos reúne cadernos, fichamentos, textos, levantamentos bibliográficos e resumos de aulas manuscritos e/ou datilografados. Essas séries e subséries documentais foram escolhidas em decorrência dos seguintes critérios: a) a importância das temáticas indígenas para a sociedade brasileira, no passado e na atualidade (presentes nas subséries documentais de ambos os acervos); b) o interesse científico (o saber científico e o modo de se produzir ciência pelo olhar do cientista presente, sobretudo na subsérie documental do acervo de Berta Ribeiro); c) a preservação do acervo (estado de conservação dos documentos); d) a difusão ampla possibilitada pela internet (devido à importância das temáticas para a atualidade e à necessidade de evitar o manuseio dos originais).

---

[115] AtoM é acrônimo de Acess to Memory. Plataforma digital de descrição arquivística, baseada nas normas do Conselho Internacional de Arquivos. Disponível em: https://www.atom.unb.br/.

[116] FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro. Rio de Janeiro, 2011.

A seguir, apresentamos um breve extrato de como as atividades foram executadas:

a) Seleção e treinamento de bolsistas

O processo seletivo para bolsistas foi realizado por meio de chamada pública, análise curricular e entrevista presencial. Foram selecionados dois bolsistas e alguns voluntários. O projeto incluiu treinamento prático e teórico em tratamento e organização de documentos, com apoio da Biblioteca Central da UnB, de arquivistas do ACE e da professora Cynthia Roncaglio.

b) Higienização dos documentos

Todos os documentos do acervo passaram por higienização básica para desacelerar sua degradação, removendo sujidade e elementos prejudiciais como clipes e grampos metálicos. Na segunda etapa do projeto foi realizada novamente a higienização das subséries selecionada, o que equivale a aproximadamente 12 metros lineares de documentos.

c) Digitalização

Após a higienização, os documentos foram digitalizados utilizando scanners com resolução de 300 dpis em formato JPG, conforme normas do Conselho Nacional de Arquivos. A digitalização enfrentou desafios devido à idade dos equipamentos. Somente ao final do projeto, um scanner planetário foi adquirido para resolver problemas relacionados ao formato A3 e a rapidez da atividade. Na primeira etapa, foram digitalizadas 13.331 fotografias; na segunda etapa, 12.653 páginas de documentos da subsérie SPI e 1.513 da subsérie FUNAI do acervo de Darcy Ribeiro, além de 509 páginas de documentos da subsérie Doutorado e 2.444 da subsérie Subsídios de Estudos do acervo de Berta Ribeiro.

d) Transcrição e inserção dos documentos no AtoM-UnB

Os documentos foram transcritos e descritos com base nos inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro, adaptados para o sistema AtoM-UnB. Foram transcritos 19 dossiês da subsérie SPI e 6 da subsérie FUNAI do acervo de Darcy, e 5 dossiês da subsérie Doutorado e 10 da subsérie Subsídios de Estudos do acervo de Berta, totalizando 17.119 páginas de documentos. A Fundar mantém a custódia física dos documentos, enquanto a UnB é responsável pela disponibilização no AtoM-UnB.

IMPACTOS DO PROJETO DE EXTENSÃO

O primeiro impacto quanto à digitalização do acervo de Darcy e Berta certamente é a preservação dos documentos originais que se encontram bastante fragilizados, na medida em que reduz o manuseio e o contato direto com os documentos. Quanto ao acesso, não foi possível verificar, por meio do AtoM-UnB, a quantidade exata de acessos aos objetos digitais relativos aos acervos de Darcy e Berta Ribeiro. No entanto, é imensurável o impacto que oacesso a esses documentos poderão proporcionar para o desenvolvimento de pesquisas em várias áreas do conhecimento. Outros impactos positivos se deram por meio das seguintes atividades:

- **Exposição Vivências de Darcy Ribeiro.** No ano de 2022, em comemoração ao centenário de Darcy Ribeiro, ocorreu a partir da Semana Universitária a exposição: Vivências de Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília no Memorial Darcy Ribeiro. A exposição teve como objetivo representar uma linha cronológica da vivência de Darcy

na UnB, resgatando as relações entre a UnB e seu fundador. Compreendeu as seguintes fases: criação da Universidade; inauguração da UnB; Darcy Ribeiro como primeiro reitor; Saída e retorno de Darcy da Universidade; participações dele nas atividades da UnB; recebimento do título Honoris Causa e concepção do Memorial Darcy Ribeiro. A ação contou com o apoio da Diretoria de Acessibilidade (DACES/DAC) que disponibilizou recursos de acessibilidade em libras e audiodescrição para alcançar o público com deficiência e outras necessidades educacionais específicas. Também houve o apoio da UnBTV e da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão (DDC/DEX). A exposição teve um público presencial de mais de 1.200 pessoas e está disponível em: https://arquivocentral.unb.br/exposicoes/unb-60-anos/132-exposicao-vivencias-de-darcy-ribeiro-na-universidade-de-brasilia

- **Exposição O Protagonismo de Berta Ribeiro na disseminação da cultura dos indígenas no Brasil.** Na Semana Universitária de 2023, que ocorreu de 25 a 29 de setembro, cujo tema foi o protagonismo feminino na transformação da sociedade e do mundo, foi organizada uma exposição sobre o protagonismo de Berta Ribeiro na disseminação da cultura dos indígenas no Brasil. Esta atividade contou como apoio da Diretoria de Difusão Cultural da Universidade de Brasília (DDC/DEX), que fomentou parceria com o Projeto CUC LAFA 10 anos, em que a professora Ruth Sousa, coordenadora do projeto, juntamente com alguns alunos do curso de Artes Visuais produziram obras de arte em papel aquarela a partir de fotos do acervo de Berta Ribeiro, utilizando a técnica marrom Van Dyke do século XIX. A exposição foi realizada no *hall* do Memorial Darcy Ribeiro e ficou disponível de 25 de setembro até o dia 30 de outubro de 2023. Teve a visita de aproximadamente 1.500 pessoas, dentre alunos da UnB, de escolas públicas do Ensino público e particular, professores e comunidade em geral.[117] Teve como objetivo demonstrar o protagonismo de Berta Ribeiro como mulher, acadêmica, militante das causas indígenas, e difusora da cultura material indígena. Foram expostos elementos sobre a vida pessoal de Berta, expedições às aldeias, formação acadêmica, pintura corporal, arte plumária, arte da palha, do cotidiano indígena dentre outros.
- **Roda de Conversa: mulheres, arquivos e ciência.** Ainda durante a semana universitária, aconteceu, no dia 26 de setembro de 2023, uma roda de conversa intitulada *Mulheres, arquivos e ciência*, na qual foram abordadas as pesquisas de Berta Ribeiro sobre a cultura indígena e como as mulheres têm produzido ciências em contextos comunitários tradicionais. A mediação da conversa foi feita pelas professoras doutoras Cynthia Roncaglio e Shirley Carvalhêdo Franco, da Faculdade Ciência da Informação (FCI) e contou com a participação da Representante e Conselheira da Fundação Darcy Ribeiro, a historiadora Maria Elizabeth Brêa Monteiro, e da Professora Cristiane Portela do Departamento de História da UnB. Este evento teve a participação de aproximadamente 30 pessoas presencialmente e foi transmitido ao vivo.[118]Além dessas ações, por mediação da professora Ruth Sousa, ocorreram

[117] A exposição segue disponível virtualmente no *site* do Arquivo Central com audiodescrição das imagens e acesso a mais documentos disponíveis no acervo: https://arquivocentral.unb.br/exposicoes/protagonismo-berta-ribeiro. A atividade de audiodescrição foi realizada pela Diretoria de Acessibilidade (DACES/DAC) da UnB.

[118] Disponível em: https://arquivocentral.unb.br/noticias/150-roda-de-conversa.

visitas guiadas de alunos da rede de ensino público: 1) Escola Classe da região do Café sem Troco (65 alunos, dentre eles, alguns indígena); 2) Escola Classe do Guará (quase 400 alunos) juntamente com a professora doutora Patrícia do Departamento de Administração que coordena o projeto Meninas na Ciência; 3) visitas de mais de 50 alunos do Instituto de Artes, das disciplinas de Desenho I e II, ministradas pela Professora Teresa (Teca). Também houve a visita de aproximadamente 35 alunos da disciplina Patrimônio e Memória, ministrada pela professora Shirley Carvalhêdo Franco do curso de Arquivologia da FCI.

POSSIBILIDADES DE PESQUISA E DIFUSÃO DO ACERVO BERTA RIBEIRO

O acervo de Berta e Darcy Ribeiro passou por um processo de organização que durou cerca de dez anos. Disto resultou uma descrição arquivística pormenorizada e primorosa elaborada por um corpo técnico especializado, sob a organização de Ellen Cristine Monteiro Vogas, sendo finalmente publicada pela Fundação Darcy Ribeiro, em mídia impressa e digital, em 2011.[119] Baseado parcialmente na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade), o instrumento de pesquisa intitulado Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro possibilita um primeiro e amplo contato com a variedade de temas e atividades desenvolvidas por Darcy e Berta Ribeiro ao longo do entrelaçamento de suas vidas pessoal, profissional e acadêmica.

Desde então, e à medida que se amplificam os meios tecnológicos de difusão da descrição arquivística, o rico acervo de Berta Ribeiro continua sendo tratado, descrito, cotejado, revisado, digitalizado e difundido pelas plataformas digitais. Iniciativas como a do Projeto de Extensão apresentado aqui são fundamentais para preservar os originais em papel, avulsos ou encadernados, os registros de reuniões e entrevistas realizadas durante pesquisas de campo gravados em fitas cassetes, entre tantos outros documentos analógicos que sofrem a ação do tempo e condições de conservação nem sempre ideais.

Espera-se que, entre outros fatores, essa ampla disseminação do acervo contribua para o aumento do número de teses, dissertações, artigos e livros sobre Berta Ribeiro e sua atuação como cientista, profissional e mulher comprometida com os desafios de gênero de seu tempo. Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, especialmente História, Antropologia, Letras, Artes e Meio Ambiente, utilizam fotografias, textos, desenhos, correspondência e audiovisuais de seu arquivo pessoal, sob custódia do Memorial Darcy Ribeiro, como fonte para investigações científicas.

Para ilustrar, citamos alguns exemplos: a tese de doutorado em História, Política e Bens Culturais, defendida em 2023 por Bianca Luiza Freire de Castro França, intitulada “Uma civilização vegetal: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX”; a dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional, intitulada "Contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro, Berta Ribeiro e Vânia Bambirra para pensar o Brasil e o desenvolvimento regional" (2020), de Caroline Laiza Negherbon; e o livro "Correspondência reunida: Herbert Baldus, Berta e Darcy Ribeiro," organizado por Haydée Ribeiro Coelho e Maria Elizabeth Brêa Monteiro, publicado em 2022.

O tema da memória é transversal a todo o trabalho de Berta Ribeiro. Seja na produção de exposições como "Amazônia urgente", na realização de documentários sobre as "Artes

---

[119] VOGAS, Ellen Cristine Monteiro (Org.). Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro. Rio de Janeiro; Fundação Darcy Ribeiro, 2011. Disponível em: https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/07/acervo.pdf.

têxteis indígenas", na atuação como chefe do setor de museologia do Museu do Índio no Rio de Janeiro, ou na luta pela criação do Museu do Índio de Brasília, posteriormente chamado de Memorial dos Povos Indígenas, Berta sempre demonstrou um profundo compromisso com a preservação da memória. Esse compromisso também se reflete na elaboração e publicação do "Dicionário do Artesanato Indígena".

Seu cuidado em selecionar, manter e doar grande parte do material que reuniu ao longo de sua trajetória pessoal e profissional será um legado valioso. Esse legado não beneficia apenas aqueles que se interessam pela Antropologia, pela cultura material indígena e pelos temas adjacentes que ela explorou profundamente, mas também aqueles que se interessam pela história da ciência e dos cientistas, pela genealogia dos arquivos, bibliotecas e museus, e pelas mudanças tecnológicas e seus objetos técnicos.

Nesse sentido há um manancial de documentos e informações esperando ser explorados por pesquisadores da área de Informação, Comunicação e Museologia. Apenas ao nos deter brevemente nas descrições arquivísticas feitas até agora e nos documentos digitalizados disponíveis, podemos, modestamente e em ziguezague, especular sobre alguns aspectos a serem investigados:

Existem indícios na atual organização do acervo que revelem os motivos ou sentidos por trás da maneira como Berta acumulou, selecionou e organizou seus documentos pessoais e profissionais?

Em tempos de discussões sobre Ciência Aberta e influências político-ideológicas no fazer científico, que contribuições sociais, culturais, políticas e científicas pode oferecer o acervo de uma cientista brasileira do século XX, de origem judia, que, em distintos períodos da sua trajetória pessoal e profissional, vivenciou dois períodos ditatoriais no Brasil - A Ditatura de Getúlio Vargas (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985)?

O que se pode entender, e comparar, com o atual modo de fazer ciência, trespassado por facilidades tecnológicas e excesso de informações (e de mentiras), considerando os documentos da Série Atividades de Pesquisa, que acumula documentos resultantes das atividades de Berta como pesquisadora do Museu Nacional e do CNPq, das expedições científicas às aldeias indígenas e das suas referências bibliográficas?

Ainda, cruzando os documentos da Série Atividades de Pesquisa com documentos de outras séries, como a Série Atividades Acadêmicas e a Sub-Série Contatos Acadêmicos, o que se pode aprofundar sobre como se constrói uma rede de pesquisas e pesquisadores? Quais temas e quais desafios se impunham para a sua realização? Que mídias, que instituições e que atores se faziam importantes para o êxito de projetos, eventos e publicações nas décadas de 1980 e 1990? Quais são fundamentais hoje?

Quanto às relações de gênero, o entrecruzamento dos acervos de Darcy e Berta Ribeiro também oferece possibilidades instigantes de pesquisa, na medida em que na vida, e nos arquivos, percebe-se o encontro de duas personalidades fortes, duas histórias de vida peculiares que juntas, ou separadas, construíram fortes laços de afetividade entre si, e um legado científico sobre os povos originários do Brasil. Nasceram no mesmo mês, morreram no mesmo ano. Como pensariam eles, no Brasil de hoje, ainda bastante marcado pela desigualdade de gênero, a sua relação? É possível por meio dos arquivos, estabelecer diálogos (im)possíveis com Darcy e Berta Ribeiro?

Enfim, uma miríade de perguntas e de problemas científicos pode ser feita. Os arquivos podem oferecer algumas respostas. No entanto, eles precisam estar organizados e

acessíveis ao público interessado. Espera-se que iniciativas como a do Projeto Revisitando o passado para dar luz ao futuro: acervos de Darcy e Berta Ribeiro, incentivem cada vez mais a organização, descrição e difusão de acervos que revelem o protagonismo das mulheres nas mais diversas áreas do conhecimento.

CONCLUSÃO

A importância intelectual de Berta Ribeiro para o conhecimento sobre os indígenas brasileiros vai além de suas pesquisas e publicações. Como cientista, educadora e defensora dos direitos indígenas, ela promoveu uma visão mais inclusiva das culturas indígenas e da mulher cientista na sociedade brasileira. Seu trabalho incansável em universidades, museus e instituições de pesquisa, suas diversas viagens a campo e suas contribuições acadêmicas auxiliaram na documentação, preservação e disseminação dos conhecimentos fundamentais sobre as culturas indígenas brasileiras, que até então não haviam sido explorados adequadamente. Além disso, suas iniciativas em prol da educação fortaleceram o papel das universidades como espaços de aprendizado e conscientização pública.

Berta Ribeiro foi igualmente uma figura inspiradora para as mulheres na ciência, em uma época em que poucas mulheres tinham acesso a posições de destaque no campo acadêmico. Ela superou diversas barreiras de gênero com sua dedicação à pesquisa e sua presença ativa em congressos e projetos científicos, demonstrando que as mulheres têm o mesmo potencial que seus pares masculinos e podem contribuir de forma igual ou até superior na ciência e em questões culturais. Berta pavimentou o caminho para futuras gerações de mulheres cientistas. Seu legado duradouro na antropologia brasileira continua a ser uma fonte de inspiração para pesquisadoras, defensoras dos direitos indígenas e promotoras do acesso à educação inclusiva.

Na museologia, Berta tinha uma visão vanguardista. Ela acreditava que os museus deveriam servir não apenas para educar o público geral sobre as culturas indígenas, mas também como espaços onde os próprios povos indígenas pudessem relembrar e preservar suas memórias e tradições. Esse pensamento inovador reforçou a importância dos museus como lugares vivos de memória e cultura, tanto para os estudiosos quanto para as próprias comunidades indígenas.

Como foi visto ao longo deste artigo, o Projeto de Extensão "Revisitando o Passado para Dar Luz ao Futuro: Acervos de Darcy e Berta Ribeiro" demonstrou um compromisso exemplar com a preservação e divulgação dos acervos de Darcy e Berta Ribeiro. Esse compromisso se manifestou por meio da realização de numerosas atividades voltadas para um público amplo e diversificado, estimulando especialmente as novas gerações a conhecerem uma cientista brasileira do século XX dedicada às questões indígenas e à preservação da Amazônia.

Nesse contexto, a extensão universitária desempenha um papel fundamental ao conectar o conhecimento acadêmico com as necessidades da sociedade. Este artigo, produto de um projeto de extensão proposto na UnB, ressoa com os ideais de Darcy e Berta Ribeiro ao permitir o envolvimento de membros da comunidade acadêmica, especialmente mulheres e da população de Brasília. O projeto não apenas preservou e digitalizou documentos valiosos, mas também promoveu um diálogo contínuo entre a academia e a sociedade, reforçando a importância da memória e da cultura na construção de uma realidade onde o intercâmbio entre a ciência e a população seja uma prática constante.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024 e dá outras providências.

CALLADO, Ana Arruda. *Berta Ribeiro*: aos índios, com amor: uma biografia. Rio de Janeiro: Batel, 2016.

COELHO, Haydée Ribeiro; MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. (Org.). *Correspondência reunida (1948-1963):* Herbert Baldus, Berta Ribeiro e Darcy Ribeiro. Belo Horizonte: Gaia Cultural - cultura e meio ambiente, 2022.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Parecer nº 09/2008.

GOLDENBERG, Mirian. Berta G. Ribeiro: muito mais do que a mulher de Darcy Ribeiro. *Folha de São Paulo*, 2022.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. *The history, development, and future of agricultural extension*.

FRANÇA, Bianca Luiza Freire de Castro. *Uma civilização vegetal*: a contribuição de Berta G. Ribeiro para a antropologia brasileira no século XX. Tese (doutorado) – Escola de Ciência Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2023.

FUNDAÇÃO DARCY RIBERIO*. Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro*. Rio de Janeiro, 2011.

KOCHHANN, A. (2021). Extensão universitária e formação docente: tecendo diálogo sobre concepções, sentidos e construções. *Conjecturas*, 21(6), 973–992.

NEGHERBON, Caroline Laiza. *Contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro, Berta Ribeiro e Vânia Bambirra para pensar o Brasil e o desenvolvimento regional*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau, 2020.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade de Brasília*: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei n.º3.998, de 15 de dezembro de 1961. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1.ª reimpressão, ed. Especial, 2012.

ROCHA, Roberto Mauro Gurgel. Extensão Universitária: comunicação ou domesticação? *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 6/7, n. 2/1, p. 53-60, 1983/1984.

SOUZA, Ana Luiza Lima. *A história da extensão universitária a partir de seus interlocutores*. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995. Orientador: José Luiz Domingues.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Guia de Inserção Curricular da Extensão*. 2021.

VOGAS, Ellen Cristine Monteiro (Org.). *Inventários dos arquivos pessoais de Darcy e Berta Ribeiro.* Rio de Janeiro; Fundação Darcy Ribeiro, 2011.

ETNOGRAFIA DOCUMENTAL NA PESQUISA ARQUIVÍSTICA: DISCUSSÃO E APLICAÇÃO NOS ARQUIVOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES NO ESTADO DE SÃO PAULO

Wilson Roberto Veronez Júnior
Universidade Estadual Paulista

Sônia Maria Troitiño-Rodriguez
Universidade Estadual Paulista

Daniel Martinez-Ávila
Universidad de León

Resumo*:* Em pesquisas que relacionam a análise, diagnóstico e a investigação científica sobre os arquivos, diversos métodos e técnicas de coleta de dados são adotadas para a obtenção de resultados apropriados que estejam concernentes com os objetivos propostos. Entende-se que o método etnográfico merece destaque, embora a abrangência do seu uso, em geral, ocorra com maior frequência em pesquisas do campo antropológico e outros relacionados à cultura e política, isto é, em pesquisas que envolvem a análise, coleta e o estudo do comportamento de um determinado grupo social. Objetivamente, este trabalho visa apresentar o método de etnografia documental e discutir a inserção deste método no contexto das análises e pesquisas arquivísticas, utilizando como objeto os acervos documentais do Partido dos Trabalhadores (PT). Especificamente, o objetivo é analisar as formas e a existência ou não de instrumentos de gestão, pesquisa, organização, representação e preservação de arquivos do PT no estado de São Paulo. Em termos metodológicos, este trabalho, na primeira etapa, foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica com base na abordagem qualitativa. Nessa mesma etapa, foram localizados, recuperados e analisados trabalhos científicos em bases de dados, periódicos especializados, revistas, eventos, congressos científicos, manuais técnicos e dicionários especializados relacionados a Antropologia, Etnografia, Etnografia Documental, Metodologia, Metodologias Aplicadas a Arquivos, Arquivologia, Arquivos Permanentes, Partidos Políticos e de Arquivos de Partidos Políticos, além de consulta aos guias e catálogos das instituições documentais propostas para a recuperação desses materiais. No que diz respeito a Etnografia Documental, embora esta não tenha uma definição técnica específica, nem mesmo foi localizado um consenso no processo de busca nas fontes de informações proposta para este trabalho, pode-se compreender que a etnografia documental é um método novo e incipiente no campo da Arquivologia. Diante do exposto, a partir do presente estudo, verificou-se que existe a possibilidade de intersecção entre os métodos etnográficos aos arquivísticos. Ao analisarmos a produção documental do PT no estado de São Paulo, observa-se que a cultura informacional é bastante particular, já que existe uma lógica de produção documental inerente aos partidos políticos. Com o desenvolvimento desta pesquisa, espera-se que amesma possa provocar e suscitar debates para os demais partidos políticos, independentemente de seus espectros ideológicos, seja de extrema-direita a extrema-esquerda, pois neste caso, entende-se que a complexidade transcende o aspecto ideológico e se estende a questões político-culturais.

Palavras-Chave: Etnografia; Etnografia Documental; Etnografia em Arquivos; Arquivos do Partido dos Trabalhadores; Políticas Arquivísticas.

INTRODUÇÃO

Em pesquisas que relacionam a análise, diagnóstico e a investigação científica sobre os arquivos, diversos métodos e técnicas de coleta de dados podem vir a ser adotados para a obtenção de resultados apropriados que estejam concernentes com os objetivos propostos. Entre eles se destacam os métodos bibliográfico, documental, qualitativo, quantitativo, estatístico, histórico, experimental, entre outros. Além destes que foram mencionados, entende-se que o método etnográfico merece também destaque, embora a abrangência do seu uso, em geral, ocorra com maior frequência em pesquisas do campo antropológico e outros relacionados à cultura e política, isto é, em pesquisas que envolvem a análise, coleta e o estudo do comportamento e as formas de cultura de um determinado grupo social.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar e discutir o uso da etnografia documental no contexto das análises e pesquisas arquivísticas, utilizando como objeto os acervos documentais de partidos políticos e o caso específico do Partido dos Trabalhadores (PT). Especificamente, o objetivo é analisar as formas de produção e organização documental, assim como seus instrumentos de efetivação.

Para justificar esta proposta, recorda-se que esta pesquisa está relacionada a uma tese de doutorado em andamento que procura discutir a mesma temática no campo científico da Arquivologia. Embora não seja um método adotado com frequência em pesquisas arquivísticas, a etnografia documental não se trata de um método desconhecido da comunidade científica, uma vez que existem produções científicas que tratam dessa intersecção (Azarias, 2004, Cunha, 2004, 2005, Costa, 2010, Carvalho, 2018, Triana, 2022, Sales; Eilbaum, 2022). Como para Freire (2022, p. 103), quem afirma que os documentos que ficaram esquecidos e que foram abandonados no fundo de armários, estantes e gavetas figuram novamente como um importante material de pesquisa para a antropologia.

A relação entre a etnografia e os arquivos não se trata de nenhuma novidade, visto que na concepção do antropólogo Evans-Pritchard (1951), que sem conhecer os métodos arquivísticos, já mencionava a necessidade de se fazer etnografia documental em pesquisas de caráter antropológico. Dessa maneira, fica evidenciado que a utilização de documentos em análises etnográficas não é vista apenas como um suporte de registro de campo, mas também de potencialização, ressignificação e representação de um determinado contexto social e suas formas de manifestações, tendo como objetivo apresentar suas práxis culturais no estabelecimento de estratégias e métodos de organização, representação e preservação de seus acervos documentais.

Em termos metodológicos, este trabalho, na primeira etapa, foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica com base na abordagem qualitativa. Nessa mesma etapa, foram

localizados, recuperados e analisados trabalhos científicos em bases de dados, periódicos especializados, revistas, eventos, congressos científicos, manuais técnicos e dicionários especializados relacionados a Antropologia, Etnografia, Etnografia Documental, Metodologia, Metodologias Aplicadas a Arquivos, Arquivologia, Arquivos Permanentes, Partidos Políticos e de Arquivos de Partidos Políticos, em formato de artigos, monografias, dissertações, teses e livros, além de consulta aos guias e catálogos das instituições documentais propostas, como arquivos, bibliotecas, centros de documentação e memória e diretórios partidários do PT, para a recuperação desses materiais. Para a recuperação dos materiais bibliográficos, foram utilizadas as seguintes palavras-chave nos idiomas português, espanhol e inglês, respectivamente: a) Arquivos de Partidos Políticos, Metodologias Arquivísticas, Métodos Arquivísticos, Etnografia, Etnografia Documental e Etnografia Arquivística; b) *Archivos de los Partidos Políticos, Metodologías Archivísticas, Métodos Archivísticos, Etnografia, Etnografia Documental y Etnografia Archivística*; c) *Political Party Archives, Archival Methodologies, Archival Methods, Ethnography, Documentary Ethnography, and Archival Ethnography*. Os referidos termos foram consultados na Bases de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), *Web of Science*, *Library Information Science Abstracts* (LISA), Scopus, Portal Capes de Teses e Dissertações e no *Google Scholar*.

Além dos registros documentais supracitados, foram identificados documentos de caráter permanentes que foram mimeografados e digitalizados de acordo com normas, técnicas e diretrizes arquivísticas por instituições públicas, históricas, culturais, sociais, jurídicas e políticas, como o caso do Jornal dos Trabalhadores e do Jornal Tribuna Metalúrgica, sendo este último ligado ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD Paulista (Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul e Diadema), no Tribunal Regional Eleitoral do Estado de São Paulo (TRE-SP) e no Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Para uma recuperação abrangente dos materiais nas fontes de informação propostas para esta investigação, não foi delimitado nenhuma categoria em específico, tampouco um período temporal de buscas nas bases, sendo os materiais recuperados por meio do título, sumário, resumo ou no corpo do texto. Esses materiais foram selecionados a partir da relevância e da discussão encontrada no texto. Independente de serem recuperados pelo título do artigo, sendo a forma mais fácil, por exemplo, alguns trabalhos foram recuperados nas considerações parciais ou finais, ou seja, como uma forma de apontamento ou um indicativo para pesquisas futuras sobre a relação entre Etnografia, Arquivologia e consequentemente sua relação com as metodologias e práticas arquivísticas.

Na segunda etapa, por meio de pesquisa documental, foram mapeados, analisados e diagnosticados 13 instituições documentais que conservam, preservam e custodiam os

acervos documentais do PT no Estado de São Paulo, como diretórios partidários, fundações privadas e centros de documentação e memória ligados a universidades públicas, como o Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), ambos vinculados à Universidade Estadual Paulista (UNESP) e o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), ligado a Universidade de São Paulo (USP). Vale recordar que esses três centros de documentação e memória não possuem nenhuma vinculação direta com o PT, mas vem realizando a custódia da documentação referente ao partido ao longo de vários anos, principalmente de fundos pessoais e que estão ligados a personagens que contribuíram na fundação e legalização do partido.

A seguir, para uma melhor compreensão do tema e aplicação do método, serão apresentadas algumas concepções e definições sobre Etnografia e Etnografia Documental a partir da revisão da literatura.

CONCEPÇÃO DE ETNOGRAFIA E ETNOGRAFIA DOCUMENTAL

No que diz respeito a etnografia documental, também chamadas de etnografia de documentos (Triana, 2022), etnografia da documentação (Costa, 2010) ou arquivos etnográficos (Cunha, 2004, 2005), é preciso destacarmos os aspectos essenciais acerca da concepção de etnografia no sentido geral. Porém, para não esgotarmos o tema, serão apresentados apenas alguns tópicos elementares. Apenas para lembrar que importantes autores e autoras como Evans Pritchard (1961), Lévi-Strauss (1990), Bronisław Malinowski (1929), Margaret Mead (1975), Conrad Kottak (1977), Clifford Geertz (1990), Franz Boas (2004), entre outros, contribuíram para a adoção e avanço dos estudos etnográficos em diversas áreas do conhecimento, não restringindo sua aplicação ao campo da Antropologia, em sua dimensão social, cultural e política.

Severino (2013, p. 104), explica que, em linhas gerais, a etnografia visa compreender os processos do cotidiano. Trata-se de um mergulho no microssocial, isto é, olhado com uma “lente de aumento" para se analisar as formas de vida existentes nos territórios a serem investigados. Sua principal característica é a aplicação de métodos e técnicas compatíveis com a abordagem qualitativa.

Sendo assim, utiliza-se do método etnográfico, ou seja, descritivo por excelência para a coleta de dados em pesquisas de caráter social. No caso deste trabalho, além do mapeamento, análise e diagnóstico de acervos documentais, emprega-se o uso da etnografia, como uma forma de compreensão e entendimento da produção, organização, representação, preservação e políticas de acesso aos arquivos de partidos políticos. Esse é um recurso que tem por finalidade conhecer *in loco* as práxis culturais desenvolvidas pelos sujeitos que formam os partidos e como suas atividades são registradas documentalmente, analisando os

principais tipos documentais e os seus modos de produção, organização, representação, preservação e acesso.

Nessa discussão, Geertz (2008), defende que em antropologia, ou de qualquer forma, o que os pesquisadores fazem é a prática etnográfica. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de apropriação da informação e do conhecimento. Assim, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar sujeitos, transcrever textos, apropriar-se de discursos, levantar genealogias, elaborar entrevistas, mapear campos, manter um diário de campo, e assim sucessivamente.

Desse modo, para o antropólogo estadunidense,

> O que o etnógrafo enfrenta, de fato, a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados, é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 2008, p. 7).

Em vista disso, aplicar etnografia não se trata de uma tarefa fácil, mesmo para quem já está habituado com a aplicação do método em suas pesquisas. O ato de etnografar não se resume apenas em mapear, observar, redigir, coletar, monitorar, entrevistar, melhor dizendo, é preciso estar preparado e atento para lidar com situações complexas.

Segundo Nunes, Carneiro e Silva (2019, p. 15), a etnografia é caracterizada como um método de pesquisa qualitativa, sendo, comumente, adotada em diferentes disciplinas pertencentes às Ciências Sociais e Humanas. Em linhas gerais, o método é aplicado pelo pesquisador para tentar captar, dentre inúmeras situações e ambientes, discursos, práticas, performances e ações dos indivíduos participantes de uma determinada cultura e território. Nesse sentido, seu objetivo principal é compreender aspectos que podem vir a demarcar desde a identidade cultural dos indivíduos, até o modo como estes se relacionam entre si e com o mundo à sua volta, sempre numa perspectiva particular e nunca totalizante da realidade.

No desenvolvimento desta pesquisa, entende-se que a etnografia contribuirá na compreensão da lógica de produção dos acervos documentais e da adoção de determinados critérios baseados em princípios da Arquivologia, já que a maioria dos acervos de partidos políticos adota critérios empíricos para sua organização, representação e preservação

documental. A falta do emprego dos princípios e métodos embasados na ciência arquivística contribui para o caos e desorganização de acervos, interferindo diretamente na falta de contextualização, identificação dos fundos, organização, preservação e, consequentemente, no acesso aos itens documentais.

No que diz respeito a etnografia documental, embora não tenha sido viável recuperarmos uma definição técnica específica, nem mesmo localizarmos um consenso no processo de busca nas fontes de informações proposta para este trabalho, mesmo que tenhamos localizados algumas produções que relacionam a etnografia aos arquivos, pode-se compreender que a etnografia documental é um método novo e incipiente no campo da Arquivologia, cabendo discussões mais aprofundadas do ponto de vista teórico e metodológico.

Ao mencionarmos a etnografia documental, vale destacar que a mesma não é um sinônimo de pesquisa documental, mesmo que na teoria os dois métodos se relacionam, na prática, ambos são tratados de formas diferentes. Neste caso, compreende-se que a etnografia documental extrapola outros horizontes de discussão, já que não aborda apenas o registro e a materialização da informação em um suporte informacional, mas explora outros meios de vida, a iniciar pelo processo de mapeamento de uma comunidade local e de compreensão de um contexto de produção documental específico. Para Lopes e Ipiranga (2021), os arquivos aliados ao método etnográfico, além de favorecerem a interpretação de diversos significados e de preservação e resgate da memória coletiva e individual, possibilitam a condição de estarmos naquele contexto de produção documental, ou seja, por meio de um processo de imersão, entendermos *in loco* como aquela documentação foi criada e quais foram os fatores preponderantes para a sua preservação ao longo do tempo.

Na reflexão de Cunha (2004), as informações que os arquivos preservam mantêm afinidade com a produção de saberes coloniais e com a prática de seus agentes diretos e indiretos. Além de fonte de informação e emblema de poder e conhecimento, os arquivos coloniais inventaram e aperfeiçoaram formas específicas de produzi-los, classificá-los e organizá-los. Logo, compreender como foram produzidos, classificados e organizados esses documentos contribui no exercício de contextualização, assim como de entendimento do *status quo* no qual aquele documento foi produzido e qual sua real finalidade.

O recente e vigoroso interesse antropológico pelos documentos burocráticos, segundo Ferreira (2022), iluminou de modo incontornável o fato de que etnografias em arquivos, sobre arquivos e que tomam papéis e tipos variados de acervos documentais e fontes escritas como artefatos etnográficos não são trabalhos destoantes na área, embora frequentemente sejam assim apresentados por pesquisadores que discordam e optam por métodos tradicionais que não enxergam a potencialidade dos documentos em etnografias.

Nessa discussão, a etnografia documental, conforme citam Souza e Britto (2022), desenvolvida no campo antropológico, suscita o olhar para a materialidade do artefato junto à sua produção, especificamente, a partir da pesquisa de campo no cotidiano do ambiente burocrático, político, cultural, social e institucional.

Segundo Freire (2022, p. 104), na medida em que o retorno aos arquivos, por um lado, e a valorização de diferentes tipos e gêneros documentais, por outro, um conjunto heterogêneo de reflexões sobre os desafios e as contribuições teórico-metodológicas da pesquisa etnográfica envolvendo os documentos nas últimas décadas.

Com base na reflexão do autor, a relação entre etnografia e pesquisa por meio de documentos, estabelece um vínculo teórico-metodológico e apresenta concepções interessantes para o investigador dar valor aos registros documentais analisados por meio da observação ou participação em seu processo de coleta e análise de dados. Entretanto, a etnografia documental não deve ser encarada como um apêndice ou apoio para o pesquisador, mas sim como um elemento integrante do processo de coleta e de contributo e desenvolvimento da pesquisa científica.

A seguir, apresenta-se a adoção da etnografia documental no processo de mapeamento, análise e diagnóstico dos acervos documentais do PT no Estado de São Paulo.

ETNOGRAFIA DOCUMENTAL EM ARQUIVOS DE PARTIDOS POLÍTICOS: MAPEAMENTO, ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DE ACERVOS DOCUMENTAIS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES NO ESTADO DE SÃO PAULO

Nesta investigação, a relação entre etnografia e arquivos se faz presente, dado que o processo de mapeamento não condiz apenas em representar em forma de gráficos, tabelas e quadros os documentos do PT existentes em diretórios e instituições de preservação de documentos no Estado de São Paulo, mas também evidencia a massa documental acumulada ao longo de anos e que não foram tratadas do ponto de vista análitico e interpretativo. Dessa maneira, o documento é o registro da ação, é testemunho, é vestígio, é instrumento, mas sempre da ação humana.

Mesmo que a proposta seja em um primeiro momento de mapear, analisar e diagnosticar, o que precisa ficar evidenciado é que o foco está na informação registrada nos documentos, independente de seu tipo, gênero e suporte. Assim, pode-se entender que o

documento transcende o ato do registro, pois ele é o testemunho das relações e o contexto de produção e ligando ao seu órgão produtor.

Nesta pesquisa, ainda que o método etnográfico não apresente a realidade dos acervos do PT em sua totalidade, porém, é possível tecer algumas análises profícuas sobre a real situação e as condições estruturais desses arquivos, e a partir disso, prover subsídios para a discussão e elaboração de diretrizes e políticas com o fim de solucionar o caos e a dispersão documental presente em arquivos de partidos políticos no Brasil.

No quadro 1, apresenta-s a adoção da etnografia documental para o desenvolvimento deste trabalho:

AÇÃO	DESENVOLVIMENTO
História	Análise histórica da formação e legalização do PT, missão, objetivos, ideologia, militância, estrutura organizacional, abrangência nacional e internacional, formas de produção e organização documental, constituição de acervos documentais
Mapeamento	Mapeamento de diretórios, acervos documentais e instituições documentais e universitárias visando identificar e analisar os principais tipos documentais, gênero e suportes informacionais existentes
Análise	Análise dos tipos e tipologias documentais localizados nos acervos documentais do PT e de instrumentos de gestão, pesquisa e de organização do conhecimento (plano de classificação, tabela de temporalidade, quadro de arranjo, guia, repertórios, índices e catálogos)
Diálogo e coleta	Diálogo com os sujeitos políticos do PT para a compreensão da produção documental e acumulação natural ao longo de mais de 45 anos de história.

Quadro 1: Adoção da etnografia documental. Fonte: elaborado pelos autores

No quadro 1, observa-se o processo de análise e adoção do método etnográfico na pesquisa arquivística, tendo como caso os acervos do PT no estado de São Paulo. Na coluna da esquerda, verificam-se as principais categorias analíticas e que suscitaram o desenvolvimento do método. Na coluna da direita, nota-se o desdobramento da pesquisa com base nas principais informações relacionadas ao partido, produção documental e seus acervos documentais.

Para a elaboração da tese em andamento e que suscitou o desenvolvimento e discussão deste trabalho, até o presente momento, foram mapeados, analisados e diagnosticados um total de 13 instituições documentais, sendo 10 diretórios do partido e 3 centros de documentação e memória. Por meio de amostragem, foram mapeados de forma presencial os Acervos dos Diretórios do PT de São Paulo (Diretório Nacional), sendo este ligado a Fundação Perseu Abramo (FPA), Marília, São José dos Campos, Tupã, Taubaté, Jacareí, Lins, Penápolis, Garça, Bauru, o Instituto de Estudos Brasileiros (Universidade de São Paulo - USP - Escola de Comunicação e Artes - ECA) e o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), em Assis. No caso do Diretório de São José do Rio Preto, os documentos foram encaminhados via email, contudo, com a adoção do método da etnografia documental, este diretório não entrou no rol de acervos analisados e diagnosticados presencialmente.

No primeiro momento, foram estabelecidos contatos prévios, por meio de mensagens instantâneas (*whatsapp, telegram*), redes sociais (*facebook, instagram*), email, reuniões e eventos virtuais e presenciais com as instituições propostas para o desenvolvimento da pesquisa. A seleção das instituições documentais se deu por conta de uma articulação política em torno do fato, já que um dos proponentes deste trabalho ocupa um cargo de gestão no partido, ou seja de Secretário de Organização Político, um dos cargos mais burocráticos do PT.

A lógica para a comunicação aos dirigentes e consequentemente o acesso aos acervos foi feito da seguinte maneira: a partir do estabelecimento de um contato e a aprovação da análise por parte de um representante do acervo, e a cada acervo diagnosticado, com o interesse do diretório em ceder o espaço, e com base na compreensão e entendimento sobre a preservação da história e da memória do Partido, eram obtidos os contatos de pelo menos mais 2 a 3 três novos diretórios, não que especificamente esses diretórios pudessem “abrir suas portas” para a realização do diagnóstico, mas ficava evidente a reflexão sobre a necessidade de disponibilização de seus acervos para consulta, mesmo que fosse para pesquisa científica ou para usuários internos (gestores, parlamentares, filiados, secretários). Assim sendo, pelo menos mais 1 ou 2 acervos eram diagnosticados, mesmo que a massa documental não fosse abundante do ponto de vista quantitativo, pois existiam acervos que possuíam um total de 10 peças documentais, em contrapartida, outros acervos que possuíam centenas e até milhares de documentos. Contudo, os acervos que possuem um número maior de documentos não puderam ser analisados de forma minuciosa, em virtude de que pelo menos só um desse acervo tomaria todo o tempo e espaço deste trabalho. Assim, a importância de se apresentar ao Partido e da manifestação de interesse por parte dos

pesquisadores nos acervos documentais possibilitaram contatos para análises e diagnósticos posteriores e que serão explorados na tese e em pesquisas futuras.

No processo de análise documental, o foco era evidenciar a forma, tipo e o conteúdo a fim de contextualizar e analisar as principais marcas arquivísticas presentes na constituição do documento. Todavia, como foco deste trabalho, a análise não se deu apenas na documentação propriamente dita, mas também em verificar, a partir da estrutura organizacional e de fluxogramas, a existência ou ausência de processos e de instrumentos de organização do conhecimento, isto é, se a produção documental e acumulação natural do PT é baseada em diretrizes, preceitos e nos princípios arquivísticos, bem como se os diretórios utilizam instrumentos de gestão e de pesquisa, como o plano de classificação/quadro de arranjo/tabela de temporalidade e os guias, como catálogos, repertórios, índices, respectivamente.

Neste processo e até mesmo por não adotarmos nenhum método analítico específico e complementar, a análise documental não foi realizada de forma minuciosa e exaustiva, já que em virtude da escassez de tempo e do propósito inicial deste trabalho, também não foram empregados os métodos da diplomática, análise de conteúdo, análise textual discursiva, aplicação de métodos de análise, entre outros, mas a coleta por meio de amostragens, cujo objetivo inicial foi se debruçar acerca dos principais tipos e gêneros documentais produzidos pelo Partido ao longo dos anos e a compreender os principais fatores que culminaram na dispersão e fragmentação desses documentos pelo estado de São Paulo ao longo dos anos.

Em síntese, destaca-se que a partir da adoção e aplicação da etnografia documental, foi possível coletar de forma parcial as principais formas de vida e a compreensão da lógica de produção documental do PT no estado de São Paulo. Dessa maneira, constatou-se de forma parcial que o partido, por meio de sua estrutura administrativa-jurídica, quando localizada nas regiões centrais do estado, apresenta uma estrutura satisfatória no processo de produção, organização, preservação e no estabelecimento de instrumentos e políticas documentais e no acesso, como por exemplo, na FPA, instituição privada vinculada ao partido e que está localizada na cidade de São Paulo. Essa estrutura também se adequa às instituições que não possuem nenhuma relação direta com as ações do PT, como o IEB/USP e o CEDEM/UNESP.

Por outro lado, quando se analisa esta estrutura nas regiões localizadas no interior do estado, a constatação não é a mesma, principalmente nos diretórios municipais do partido. Nesse sentido, a única instituição que realmente apresentou uma estrutura satisfatória foi o CEDAP, já que este está vinculado à UNESP, ou seja, dispõe de políticas documentais para seus diversos acervos.

Os acervos documentais do PT localizados no interior do estado apresentam, em sua estrutura física uma deficiência muito grande em vários aspectos, não apenas no sentido estético, mas de planejamento e de falta de cuidados de conservação e preservação por parte dos responsáveis pelo gerenciamento da documentação. Ao mesmo tempo em que foi possível identificar instrumentos de gestão, pesquisa e de organização em instituições localizadas na capital do estado, em contrapartida, no interior, principalmente nos diretórios e nas residências dos militantes, não foi localizado nenhum desses instrumentos, tampouco algum tipo de política documental.

A partir desta constatação inicial, verifica-se que o processo de recomposição, organização e elaboração de políticas documentais para acervos de partidos políticos do PT será uma tarefa árdua, uma vez que só a etapa de reorganização dos fundos documentais demandará anos e até décadas para sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Diante do exposto, a partir do presente estudo e com base na etnografia documental, verificou-se que existe a possibilidade de intersecção entre o método etnográfico aos processos arquivísticos. Porém, neste momento, entende-se que esta pesquisa propiciou uma possibilidade para análises e pesquisas futuras da mesma natureza, não apenas se limitando a partidos políticos, mas se estendendo a movimentos sociais, movimentos de emancipação, movimentos de trabalhadores, dentre outros.

Ao analisarmos a produção documental do PT no Estado de São Paulo, observa-se que a cultura informacional é bastante peculiar, já que existe uma lógica de produção documental inerente não só para este partido, mas pode-se considerar que para todos os partidos políticos no Brasil.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, espera-se que a mesma possa provocar e suscitar debates para os demais partidos políticos, independentemente de seus espectros ideológicos. Entende-se que a complexidade transcende o aspecto ideológico e se estende a questões político-culturais.

Na continuidade deste trabalho, o objetivo será analisar e compreender a atuação dos principais sujeitos políticos do PT que produzem a ação e os documentos, ou seja, militantes, gestores, parlamentares e secretários.

REFERÊNCIAS

AZARIAS, A. Os tempos da etnografia, da pesquisa em arquivos e os processos judiciais. *Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil***.** Seminário promovido pelo CPDOC e LAH/IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 25 e 26 de novembro de 2004.

BOAS, F. Antropologia cultural. Zahar, 2004.
CARVALHO, M. D. Fazendo etnografia no arquivo: desafios e possibilidades. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, v. 1, n. 48, p. 75-86, 2018.

COSTA, M. C. C. Etnografia de arquivos-entre o passado e o presente. *MATRIZes*, v. 3, n. 2, p. 171-186, 2010.

CUNHA, O. M. G da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, v. 10, p. 287-322, 2004.

CUNHA, O. M. G da. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, p. 7-32, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Anthropology and history*. Manchester University Press, 1961.

FREIRE, L. M. Indícios e registros da “realidade da crise”: A pesquisa etnográfica com documentos e suas possibilidades. *Etnografías Contemporáneas*, v. 8, n. 15, 2022.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, v. 4, 2008.

KOTTAK, C. P. The process of state formation in Madagascar. *American Ethnologist*, v. 4, n. 1, p. 136-155, 1977.

LÉVI-STRAUSS, C. Pensamento Selvagem. Papirus Editora, 1990.

LOPES, L. L. S; IPIRANGA, A. S. R. Etnografando arquivos históricos: Caminhos possíveis para pesquisas em estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, v. 28, p. 35-53, 2021.

MALINOWSKI, B. Practical anthropology. *África*, v. 2, n. 1, p. 22-38, 1929.

MEAD, M. Visual anthropology in a discipline of words. *Principles of visual anthropology*, v. 3, p. 3-12, 1975.

NUNES, J. V; CARNEIRO, B. L. F; SILVA, A. W. C. Etnografia como possibilidade metodológica para a ciência da informação. *Biblios Journal of Librarianship and Information Science*, n. 77, p. 15-26, 2019.

SEVERINO, A. J. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental, pesquisa de campo. In: Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013.

SALES, L; EILBAUM, L. Documentos feitos, garantias desfeitas? A trajetória de registros a partir de uma etnografia documental. *Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional (POLIGES)*, v. 3, n. 2, p. 13-38, 2022.SOUZA, J. C; BRITTO, C. C. Ciência da Informação e etnografia de documentos: notas sobre os fazeres documentais da Comissão Nacional de Folclore na Carta do Folclore Brasileiro (1951). *Informação & Informação*, v. 27, n. 2, p. 397-422, 2022.

TRIANA, B. Desafios metodológicos para uma etnografia de arquivos: escavando arquivos pós-coloniais em Moçambique. *Revista Antropolítica*, v. 54, n. 2, p. 385-410, 2022.

UNIVERSIDAD
COMPLUTENSE
MADRID

UNIVERSITAS MALACITANA
UNIVERSIDAD DE MÁLAGA

UNIVERSIDAD
DE MURCIA

ibict
Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia

Universidade de Brasília

UFBA
Universidade
Federal da Bahia

USP
Universidade de São Paulo

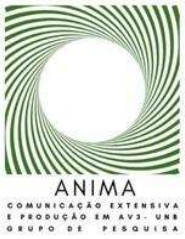
Unit
UNIVERSIDADE TIRADENTES

GOBIERNO
DE ESPAÑA
MINISTERIO
DE CULTURA

BIBLIOTECA
NACIONAL
DE ESPAÑA
BNE

FACULTAD DE CIENCIAS
DE LA DOCUMENTACIÓN
UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

INFO
BI
SOC
Información
biblioteca y
sociedad
Grupo de
Investigación
(UCM)


ANIMA

Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação - PPGCINF
UnB
Faculdade de Ciência da Informação